

O GRANDE LIVRO DOS VAMPIROS



editado originalmente por
STEPHEN JONES



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER
UNIDO NA BUSCA DO
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS
LUTANDO POR DINHEIRO E
PODER, ENTÃO NOSSA
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**



O GRANDE LIVRO DOS
VAMPIROS

Collection and introductions copyright © Stephen Jones 2001, 2017

Originalmente publicado como *The Mammoth Book of Vampire Stories by Women* pela Robinson Publishing

O GRANDE LIVRO DOS VAMPIROS

© Pipoca & Nanquim, para a edição brasileira, 2021.

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a autorização prévia dos editores.

Tradução

DANDARA PALANKOF

Preparação de texto

RODRIGO GUERRINO e ALEXANDRE CALLARI

Revisão

AUDACI JUNIOR e ANA CAROLINA SALINAS

Capa e projeto gráfico

GIOVANNA CIANELLI e DANIEL LOPES

Arte da capa

WAGNER WILLIAM

Edição

RODRIGO GUERRINO

Direção editorial

ALEXANDRE CALLARI, BRUNO ZAGO e DANIEL LOPES

**Dados Internacionais de Catalogação na Fonte (CIP) /
André de Queiroz – CRB 4/2242**

G751

**O grande livro dos vampiros / Anne Rice et al.; tradução
por Dandara Palankof.**

– São Paulo : Pipoca & Nanquim, 2021.

**Coletânea de contos das autoras Anne Rice, Ingrid Pitt,
Poppy Z. Brite, Mary A. Turzillo, Tanya Huff, Nancy
Kilpatrick, Tina Rath, Freda Warrington, Nancy A. Collins,
Storm Constantine, Elizabeth Hand, Louise Cooper, Janet**

Berliner, Yvonne Navarro, Mary E. Wilkins-Freeman, Lisa Tuttle, Chelsea Quinn Yarbro, Kathryn Ptacek, Wendy Webb, E. Nesbit, Roberta Lannes, Tanith Lee, Gemma Files, Mary Elizabeth Braddon, Melanie Tem, Elizabeth Massie, Ellen Kushner, Christa Faust, Edith Wharton, Pat Cadigan, Caitlín R. Kiernan, Angela Slatter, Gwyneth Jones, Connie Willis e Jane Yolen.

ISBN: 978-65-89912-61-3

1. Literatura de horror – contos fantásticos. 2. Antologia. I. Palankof, Dandara.

CDD: 82-344

CDU: 813

**PIPOCA &
NANQUIM**

pipocaenanquim.com.br

youtube.com/pipocaenanquim

instagram.com/pipocaenanquim

pipocaenanquim@gmail.com

O GRANDE LIVRO DOS VAMPIROS

EDITADO ORIGINALMENTE POR
STEPHEN JONES

PREFÁCIO POR
INGRID PITT

TRADUZIDO POR
DANDARA PALANKOF

**PIPOCA &
NANQUIM**

*Dedicado à memória de todas
as maravilhosas mulheres que
contribuíram com esta antologia
e que não estão mais entre nós.*

sumário

[ANTERROSTO](#)

[PÁGINA DE DIREITOS AUTORAIS](#)

[FOLHA DE ROSTO](#)

[DEDICATÓRIA](#)

[SUMÁRIO](#)

[PREFÁCIO: MINHA VIDA EM MEIO AOS MORTOS-
VIVOS](#)

Ingrid Pitt

[O MESTRE DO PORTAL DE RAMPLING](#)

Anne Rice

[A DESTRUIDORA DE LARES](#)

Poppy Z. Brite

[QUANDO GRETCHEN ERA HUMANA](#)

Mary A. Turzillo

[O VINGATIVO ESPÍRITO DO LAGO NEPEAKEA](#)

Tanya Huff

[LA DIENTE](#)

Nancy Kilpatrick

[A SENHORITA MASSINGBERD E O VAMPIRO](#)

Tina Rath

[O CORVO CATIVO](#)

Freda Warrington

[O REI VAMPIRO DAS MINAS GÓTICAS](#)

Nancy A. Collins

[BEM O TIPO DELE](#)

Storm Constantine

[PRÍNCIPE DAS FLORES](#)

Elizabeth Hand

[SERVIÇOS PRESTADOS](#)

Louise Cooper

[A CONSEQUÊNCIA](#)

Janet Berliner

[UMA ENTRE MILHÕES](#)

Yvonne Navarro

[LUELLA MILLER](#)

Mary E. Wilkins-Freeman

[SANGRE](#)

Lisa Tuttle

[UMA QUESTÃO DE PATROCÍNIO](#)

Chelsea Quinn Yarbro

[HISAKO-SAN](#)

Ingrid Pitt

[COR DE ABÓBORA E SANGUE](#)

Kathryn Ptacek

[CIDADES ADORMECIDAS](#)

Wendy Webb

[A CASA ASSOMBRADA](#)

E. Nesbit

[MANJAR TURCO](#)

Roberta Lannes

[A VÊNUS SURGINDO DAS ÁGUAS](#)

Tanith Lee

[ANO ZERO](#)

Gemma Files

[A BONDOSA LADY DUCAYNE](#)

Mary Elizabeth Braddon

[ALMOÇO NO CHARON'S](#)

Melanie Tem

[PARA SEMPRE, AMÉM](#)

Elizabeth Massie

[RISADA DA NOITE](#)

Ellen Kushner

[VERSÃO PIRATA](#)

Christa Faust

[ENFEITIÇADO](#)

Edith Wharton

[A GUARDIÃ DO MEU IRMÃO](#)

Pat Cadigan

[ASSIM VAI-SE O MUNDO](#)

Caitlín R. Kiernan

[A ESCADARIA NOTURNA](#)

Angela Slatter

[UMA LUZ QUE VEM DO NORTE](#)

Gwyneth Jones

[JACK](#)

Connie Willis

[VAMPYR](#)

Jane Yolen

[AGRADECIMENTOS](#)

[SOBRE O EDITOR DA OBRA ORIGINAL](#)

PREFÁCIO: MINHA VIDA EM MEIO AOS MORTOS- VIVOS

Ingrid Pitt

A NEVE CAÍA horizontalmente pela Rua Wardour, em Londres, quando saí do táxi e comecei a andar cautelosamente pela profunda camada de neve semiderretida na calçada. Eu havia gastado um tempo considerável decidindo se faria a viagem e, mesmo agora, abrigada sob a soleira da porta da Hammer House, eu ainda não estava certa de que aquela havia sido a escolha correta.

Afinal, eu havia acabado de participar de um épico grandioso do cinema com a MGM e me parecia ser um passo para trás considerar um filme de baixo orçamento do gênero de horror. Eu tinha certeza de que nem Richard Burton nem Clint Eastwood, com quem eu havia atuado em *Desafio das Águias*, teriam considerado isso por um momento que fosse. Me sacudi pra tirar a neve de mim e abri a porta. Quem eu estava tentando enganar? Certo, *Desafio das Águias* havia sido ótimo, mas desde o encerramento das filmagens... nada. Era hora de seguir em frente. Aproveitar a grande publicidade que eu vinha tendo e transformá-la em algo positivo.

Corri pelo curto lance de escadas até a porta interna e a atravessei.

Na noite anterior, eu estive na festa pós-estreia de *Alfredo, o Grande* e havia me sentado ao lado de Sir James Carreras, chefe da Hammer Productions. Ele me disse que estava procurando por uma atriz para interpretar a protagonista de um novo filme de vampiros que ele estava produzindo, e me perguntou se eu teria interesse. Decidi deixar a pose de lado e me mostrei interessada.

E era por isso que eu havia desbravado a nevasca e agora estava em frente ao seu escritório, vestida para matar e ainda me perguntando se estava fazendo a coisa certa.

Jimmy foi ótimo. Ele me fez sentir como se estivesse fazendo um favor a ele se aceitasse o papel. Dei um belo sorriso e disse que falaria com meu agente, mas ambos sabíamos que eu estava total e verdadeiramente fisgada.

O filme se chamava *Carmilla, a Vampira de Karnstein*, e o roteiro era assinado por Tudor Gates, baseado na secular história *Carmilla*, escrita por J. Sheridan Le Fanu.

Foi uma das produções mais felizes em que já trabalhei. A Hammer Films era bastante conhecida pelo senso de camaradagem que fomentava e *Carmilla* não foi exceção.

Contudo, as coisas às vezes fugiam um pouco do controle.

Os dois produtores, Harry Fine e Michael Style, sempre se certificavam de estar por perto quando uma cena “interessante” estava prestes a ser filmada. Madeleine Smith e eu fizemos juntas uma cena erótica que poderia ser desconfortável se não fosse conduzida no estado de espírito correto. Nenhuma das duas havia feito cenas de nudez, então pedimos a Jimmy que inventasse alguma desculpa para chamar Harry e Michael para Londres.

Eu estava andando por um corredor nos Estúdios Elstree, usando apenas um roupão para a cena, quando vi os produtores se aproximando. Eles pareciam tão infelizes que não pude resistir ao anseio de animá-los. Enquanto nos aproximávamos, eu abri o roupão! E quando continuaram andando, estavam com os passos bem mais leves.

Uma das melhores cenas que já vi num filme de vampiros acontece perto do final de *Carmilla*. Com sua verdadeira natureza revelada e perseguida por um vingativo caçador de vampiros, o General von Spielsdorf (Peter Cushing), Carmilla corre de volta para sua tumba. À luz da lua, as lápides se destacam feito monólitos no miasma. Vestindo

uma camisola branca transparente, ela flutua pelo cemitério, tão insubstancial quanto a névoa que a rodeia.

A atmosfera, por vezes, era bem assustadora. Mas, com seis mulheres jovens no *set*, às vezes ficava um pouco frenética. Era fácil termos crises de riso e atrasarmos as filmagens. Roy Ward Baker, o diretor, era maravilhoso. Ele esperava pacientemente todos se controlarem e então continuava, como se ninguém tivesse acabado de rolar pelo chão, se acabando de rir.

Uma cena em particular demandou muito trabalho para ficar pronta. Eu deveria morder Kate O'Mara. Kate geralmente é controlada, mas quando ela se solta... ela se solta. Embora minhas presas tivessem sido especialmente feitas por um dentista, elas não se encaixavam tão bem como deveriam. Eu tinha essa grande luta com Kate e meus incisivos decidiram desertar da minha boca para as profundezas mais sedutoras do decote de Kate. Obviamente, todos os homens do *set* galantemente se prontificaram a recuperá-los! Kate começou a rir, mas eu estava muito preocupada com meus dentes rebeldes para me deixar afetar.

Tentamos fazer a cena novamente. Meus dentes se jogaram no decote de Kate como um coelho descendo pela toca. Kate saiu da personagem. Todo mundo tentou manter a calma. Kate deu seu jeito de baixar o facho. E você acredita que aqueles malditos dentes se mandaram pro seu novo lar mais uma vez? Desta vez, Kate surtou com todo o resto do *set*.

Só consegui ficar com raiva. Notei que um dos maquinistas estava mascando chiclete. Chamei ele, peguei a goma de mascar e coleí as presas novamente em minha boca usando o chiclete como ventosa. Sucesso. Mas, naquele momento, Kate e o resto da equipe estavam gargalhando ainda mais freneticamente. Aquilo encerrou os trabalhos do dia e, naquela altura, até eu estava rolando histericamente pelo chão.

No dia seguinte, eu me certifiquei de que meus dentes estavam bem presos. E todo mundo se certificou de não fazer contato visual com mais ninguém. Pois isso era o que havia nos levado ao desastre.

No geral, contudo, essa foi uma introdução maravilhosa ao mundo dos vampiros e da matança gótica.

Quando estávamos terminando *Carmilla*, ouvi dizer que a Hammer estava produzindo outro filme, chamado *Condessa Drácula*. Seria uma produção grande e luxuosa e a protagonista parecia ser bem a minha cara: uma assassina em série do século XVI chamada Condessa Erzsébet Bathory.

Eu também tinha ouvido dizer que Diana Rigg estava escalada para o papel. Isso eu não ia admitir, então, encurralei Jimmy Carreras e fiz ele prometer me dar uma chance.

Também havia outros dois filmes de vampiros em pré-produção na Hammer: *Luxúria de Vampiros* e *As Filhas de Drácula*. Eu li os primeiros tratamentos dos roteiros. A personagem de Carmilla fazia outras aparições, mas os papéis eram mais coadjuvantes do que protagonistas e isso me deixou ainda mais determinada a conseguir o papel de Erzsébet Bathory.

Não sei o que houve, mas um dia Jimmy me chamou ao escritório e disse que eu iria interpretar Bathory.

Infelizmente, *Condessa Drácula* não foi o mar de sorrisos que *Carmilla* havia sido. Para começar, a gerência havia chegado à conclusão de que a Hammer estava numa batalha por sua sobrevivência que seria difícil vencer. Para contrabalancear esse fato, eles haviam comprado cenários e muitos dos figurinos do filme de época *Ana dos Mil Dias*. Isso deu à produção um brilho insólito.

O diretor, Peter Sasdy, não estava nada feliz com o tema. Era apelativo e ele não estava fazendo um filme de vampiros. Ele queria uma temática com mais ressonância. Isso causou grandes discussões no set com o produtor, Alexander Paal.

Contudo, ainda havia os ocasionais momentos de alívio e leveza. Quando Sandor Elès, meu coprotagonista, estava armando para aprontar suas safadezas comigo no palheiro, olhei para a cara dele e gritei

“Corta!”. Isso não caiu nada bem para o agastado Sasdy e ele gritou pra mim que era ele quem mandava dizer “corta”. Eu nem liguei, porque estava tendo uma crise de riso. Apontei para o rosto de Sandor. Metade do seu bigode falso estava faltando.

Uma minuciosa busca foi feita, mas, ao que parece, é tão difícil achar meio bigode num palheiro quanto uma agulha. Me dirigi até meu camarim e me liberei da pesada saia que estava vestindo. Então, pelo espelho, notei algo obsceno rastejando pra fora da minha perseguida. Dei um grito agudo, bati naquilo com meu espartilho e pulei pra cima da tarimba.

Minha camareira veio correndo. Expliquei que havia sido atacada por algo satânico e apontei histericamente para onde tinha visto a coisa bizarra desaparecer. Ela se abaixou e segurou o objeto peludo contra a luz. Era a metade desaparecida do bigode de Sandor!

Desde então, *Carmilla*, *a Vampira de Karnstein* e *Condessa Drácula* se tornaram clássicos do gênero e fico feliz de ter desbravado aquela fria manhã de dezembro para me encontrar com Jimmy Carreras.

Eu fiz mais um papel como vampira. Foi em *A Casa que Pingava Sangue*, filme da produtora Amicus, com Jon Pertwee. De início, seria uma produção manifestamente de horror, mas Jon simplesmente encheu os ouvidos do diretor Peter Duffell até ele remodelar o roteiro (do escritor de horror Robert Bloch) e transformá-lo numa comédia. Eu acredito que o filme tenha se beneficiado com isso.

Embora o episódio em que eu apareço, “*The Cloak*”, seja uma comédia, ele foi interpretado em um cenário que era surpreendentemente real. O caixão no porão em que minha personagem, Carla, deveria passar as horas do dia com luz do sol era um artigo legítimo. Estávamos filmando uma cena quando fizeram a pausa para o almoço. Eu estava deitada no caixão, esperando pelo momento em que me ergueria, com as presas expostas, e deixaria um detestável inspetor de polícia se borrando de medo. A equipe achou que seria uma brincadeira esplêndida me deixar lá.

Pouco depois, comecei a me dar conta do fato de que eu estava no caixão há muito tempo e não havia nenhum som de movimento chegando até mim. Tentei empurrar a tampa. Nada. Tentei bater nas laterais. Ainda nenhuma resposta.

São incríveis os pensamentos que passam pela sua cabeça numa hora dessas. O cenário que eu estava contemplando era o de que uma catástrofe havia se abatido sobre a equipe e eles estavam todos caídos no *set*, em variadas e dramáticas posições moribundas. Por um momento, entrei em pânico e arranhei a tampa. Então, a razão se interpôs e adivinhei o que tinha acontecido. Uma típica pegadinha de *set* de filmagem.

Mas aquilo eu não ia aturar. Me conformei em esperar. Em alguns momentos, o medo da morte teimava em aparecer, mas mesmo assim eu não ia ceder. Quando, enfim, ouvi algum movimento para além do confinamento das paredes do meu caixão, fingi estar dormindo. Quando a tampa foi levantada, abri os olhos, dei um bocejo exagerado e inocentemente perguntei o que estava acontecendo! Acho que mandei bem.

Em uma recente visita à terra natal daquele velho patife, o Drácula, tive uma experiência perturbadora. Achei que os moradores da Transilvânia estariam extasiados por seu maior artigo de exportação ter sido reconhecido como um dos ícones mais famosos do cinema.

Eu não só estava errada como alguns dos cidadãos da sombria Sighișoara (local de nascimento de Vlad, o Empalador, também conhecido como Drácula, filho de Dracul) eram categoricamente hostis à ideia de que seu heroico Vlad tivesse qualquer coisa a ver com a encarnação ficcional do Drácula. Porque eles se opõem tanto à ideia ao ponto de a versão de Bram Stoker do vampiro ser algo do qual se envergonhar, é difícil de compreender. De muitas formas, esse astro do cinema, encapuzado e elegantemente vestido, tem muito a oferecer a um país ainda preso ao seu passado comunista e a um estilo de vida não muito diferente daquele descrito por Stoker.

O vampiro, é claro, não foi uma criatura conjurada no século XIX. Antes de ser embelezado e introduzido à sala de estar da Grã-Bretanha, ele se estendeu pela história em um sem-número de horripilantes disfarces, mas sempre com sua principal marca registrada... beber o sangue ou a essência de sua vítima. Os vampiros de Anne Rice remontam aos tempos dos faraós e talvez até além. São seres sofisticados, que acharam para si uma fonte de alimento constante e vivem sua existência atormentada de maneira compatível.

Até recentemente, eu achava que os vampiros haviam sido imaginados para se adequar às predileções de homens dos anos 1800, com suas cartolas, ensandecidos pelo poder, que abusavam de suas esposas e molestavam crianças. Fiquei surpresa ao descobrir que praticamente todo país e cultura possui uma variação da temática do vampiro.

Com o vampiro se tornando uma propriedade literária, seu criador foi reconhecido como sendo o malvado Lorde Byron. Ele só escreveu um fragmento de uma história, mas seu médico-e-trafficante, John Polidori, após uma amarga querela com seu ingovernável par, demitiu-se e levou consigo o documento. O próprio Polidori abraçou o tema gótico e reescreveu substancialmente a trama de seu antigo empregador, transformando-a naquela que viria a se tornar a primeira história clássica do gênero: *O Vampiro*, lançada em 1819, pela editora londrina Sherwood, Neely & Jones, que originalmente — e incorretamente — atribuiu a obra a Byron. Mas o envolvimento de Byron na gênese da história de Polidori garantiu que o vampiro saísse direto da tumba para a sociedade.

Agora, estou encantada por me ver apresentando esta nova coletânea de histórias de vampiro de alto gabarito, escritas por talentosas mulheres de diversas culturas e perfis. Porém, a moda muda, e o vampiro urbano criado por Byron e consolidado por Stoker teve que seguir em frente.

Há vampiros da Nova Era em abundância, aguardando nas sombras, fora de nossas vistas, prontos para serpentearem por aí, procurando

novas vítimas.

Você, como eu, está pronto para o novo anoitecer...?

INGRID PITT
LONDRES, INGLATERRA

O MESTRE DO PORTAL DE RAMPLING

Anne Rice

Por muitos anos, Anne O'Brien Rice foi o equivalente feminino a Stephen King no gênero do horror. Fenômeno editorial por mérito próprio, tendo vendido em torno de 100 milhões de exemplares, ela deu início a sua aclamada série *Crônicas Vampirescas* em 1976, com o romance *Entrevista com o Vampiro*. Responsável por um amplo ressurgimento da popularidade dos vampiros, o livro apresentou aos leitores o sugador de sangue poderoso e sensual, Lestat de Lioncourt.

Descrita como “a indiscutível rainha da literatura vampiresca”, Rice deu seguimento a sua carreira com uma sequência de continuações e livros derivados que foram campeões de venda, incluindo *O Vampiro Lestat*, *A Rainha dos Condenados*, *A História do Ladrão de Corpos*, *Memnoch*, *Pandora*, *O Vampiro Armand*, *Vittorio, o Vampiro*, *Merrick*, *Sangue e Ouro*, *A Fazenda Blackwood*, *Cântico de Sangue* e *Príncipe Lestat*.

Seus romances de outros gêneros incluem a trilogia *As Vidas dos Bruxos Mayfair* (*A Hora das Bruxas*, *Lasher* e *Taltos*), as *Crônicas da Dádiva do Lobo* (*A Dádiva do Lobo* e *Os Lobos da Invernica*), *A Múmia ou Ramsés*, *o Maldito*, *O Servo dos Ossos* e *Violino*. Mais recentemente, sua série *As Canções do Serafim* inclui, até o momento, *Tempo dos Anjos* e *De Amor e Maldade*. Ela também publicou vários romances eróticos sob os pseudônimos Anne Rampling e A.N. Roquelaure.

Assim como aconteceu com King, uma mini-indústria de livros de não ficção cresceu ao redor de sua obra. Entre os autores mais prolíficos está Katherine Ramsland, cuja biografia da autora, *Prism of the Night*, foi publicada em 1991. Desde então, ela também publicou *The Vampire Companion*, *Witches' Companion*, *The Anne Rice Trivia Book* e *The Anne Rice Reader*. A vida de Rice antes de ela se tornar escritora foi delineada em *Bookmark: The Vampire's Life*, documentário para a TV produzido em 1993, pelo canal BBC; no ano seguinte, ela recebeu o prêmio de Grande Mestre da Convenção Mundial de Horror.

O filme *Entrevista com o Vampiro*, baseado nas *Crônicas Vampirescas*, foi produzido em 1994, com direção de Neil Jordan, e contou com um elenco de grandes astros, que incluía Brad Pitt, Antonio Banderas, Christian Slater e Tom Cruise, interpretando Lestat. A ele, seguiu-se *A Rainha dos Condenados* (2002), estrelando Stuart Townsend como o anti-herói morto-vivo. O personagem também apareceu em um musical teatral da Broadway, com músicas de Elton John e Bernie Taupin, além de várias séries em quadrinhos.

“Sabe, eu não era uma pessoa obcecada por vampiros”, revela Rice, “nem tinha imagens deles pela casa. Não tinha visto nenhum filme de vampiros recente, então não cultivava nenhuma obsessão de fato por eles. Foi só o caso de que, quando comecei a escrever me utilizando daquela imagem, as coisas se encaixaram pra mim. De repente, eu era capaz de falar da realidade usando a fantasia.”

A história a seguir é o único conto de vampiros da autora, originalmente publicado na revista *Redbook*, em 1984, e adaptado como uma história em quadrinhos em edição única, pela Innovation Comics, em 1991.

PRIMAVERA, 1888.

O Portal de Rampling. Era tão real para nós nas antigas fotografias, erguendo-se de sua própria mata escura como um castelo de contos de fadas. Uma vastidão de gabletes e chaminés entre aquelas duas torres imensas, paredes de pedra cinzenta envoltas por hera, janelas com pinázios que refletiam as nuvens a flutuar.

Mas por que Papai nunca havia nos levado ali? E por que, em seu leito de morte, ele disse a meu irmão que o Portal de Rampling deveria ser posto abaixo, pedra por pedra?

— Eu deveria tê-lo feito, Richard — disse ele. — Mas eu nasci naquela casa, assim como meu pai, e seu pai antes dele. Agora, você precisa fazer isso, Richard. Ela não tem influência alguma sobre você. Ponha ela abaixo.

Seria de se admirar que, agora, nem dois meses após o falecimento de Papai, Richard e eu estivéssemos no trem do meio-dia rumo ao sul, à misteriosa mansão que há quatrocentos anos existia na colina sobre o vilarejo de Rampling? Com certeza, Papai teria entendido. Como poderíamos destruir aquele velho lugar quando nunca o havíamos visto?

Mas, enquanto o trem se movia lentamente pelos arredores de Londres, não posso dizer que estávamos muito seguros daquilo, não importa o quanto estivéssemos empolgados e curiosos.

Richard recentemente havia concluído quatro anos em Oxford. Duas estonteantes temporadas¹ em Londres provaram que eu tinha certa popularidade modesta. Eu ainda preferia rabiscar poemas e histórias em meu quarto a varar a noite dançando, mas mantinha esse segredo muito bem guardado. E, embora tivéssemos perdido nossa mãe quando éramos pequenos, Papai havia nos dado tudo que há de melhor. Agora, os anos de despreocupação haviam terminado. Tínhamos que ser sensatos e independentes.

Na noite anterior, nos debruçamos sobre todas as velhas fotos do Portal de Rampling, lembrando em sussurros hesitantes a noite em que Papai as havia tirado das paredes.

Eu não devia ter mais do que seis anos, e Richard, oito, quando tudo aconteceu. Ainda assim, nos lembrávamos bem do estranho incidente em Victoria Station que havia precipitado a incomum fúria de Papai. Tínhamos ido até lá para nos despedirmos de um amigo de escola de Richard, e Papai, um tanto inesperadamente, teve um vislumbre de um jovem numa janela iluminada de um dos trens que chegava. Até hoje, conseguia me lembrar claramente do rosto daquele jovem: notavelmente belo, com a cabeça tomada por lustrosos cabelos castanhos, seus grandes olhos negros fitando Papai com a mais triste das expressões, enquanto ele recuava.

— O horror inominável! — sussurrou papai. Richard e eu ficamos por demais admirados para dizer uma só palavra.

Mais tarde, naquela noite, Papai e Mamãe discutiram e nós nos esgueiramos para fora de nossos quartos até as escadas para escutarmos.

— Que ousadia a dele vir até Londres! — Papai repetia uma vez após a outra. — Já não basta a ele ser o mestre indiscutível do Portal de Rampling?

Como ficamos intrigados com aquilo, pequeninos que éramos! Quem era aquele estranho e como ele poderia ser mestre de uma casa que pertencia a nosso pai, uma casa que há anos havia sido deixada sob os cuidados de uma zeladora idosa e cega?

Mas, agora, olhando para as fotos novamente, era pavoroso demais pensar na exortação de Papai. E arrebatador demais pensar na casa em si. Pus meus manuscritos na mala, pois, talvez... quem sabe... naquele cenário melancólico e primoroso, eu encontrasse exatamente a inspiração que precisava para o conto que vinha escrevendo em minha cabeça?

Contudo, havia algo quase ilícito nessa empolgação que eu sentia. Em minhas recordações, via o pálido jovem outra vez, com seu

sobretudo preto e sua gravata vermelha de lã.

Feito porcelana de ossos, assim era a sua tez. É estranho eu me lembrar tão vividamente. Agora, me dou conta de que, naqueles poucos e notáveis momentos, ele havia criado para mim um ideal de beleza masculina que nunca havia questionado desde então. Mas Papai tinha ficado com tanta raiva. Senti uma inequívoca pontada de culpa.

Já era fim de tarde quando a velha carruagem subiu conosco pela suave encosta, após nos buscar na pequena estação de trem, e tivemos nossa primeira visão verdadeira da casa. Para além de uma fileira de nuvens levemente douradas, o céu havia empalidecido em um matiz de rosa profundo, e os últimos raios de sol atingiram as porções mais altas das vidraças nas janelas com caixilhos e as preencheram de ouro puro.

— Ah, mas é majestosa demais — sussurrei. — Parece muito com uma grande catedral. E pensar que ela pertence a nós!

Richard me deu o mais suave dos beijos no rosto.

Eu queria, de todo coração, pular da carruagem e me aproximar a pé, fazendo com que aquelas torres fossem lentamente se assomando cada vez mais sobre mim, mas nosso velho cavalo estava ganhando velocidade.

Quando chegamos à imensa porta principal, Richard e eu fomos impelidos ao salão principal pela pequenina figura da zeladora cega, a Sra. Blessington, com nossos passos ecoando alto pelos ladrilhos de mármore, nossos olhos deslumbrados pelos feixes empoeirados de luz que caíam sobre a longa mesa de carvalho e suas cadeiras acentuadamente entalhadas, pelas lúgubres tapeçarias que se agitavam, sempre tão levemente, contra as paredes imponentes.

— Richard, este lugar é encantado! — gritei, incapaz de me conter.

A Sra. Blessington riu alegremente, sua mão ressecada se fechando com firmeza sobre a minha.

Encontramos nossos aposentos bem arejados, com lençóis de linho branco feito neve nas camas e chamas ardendo acolhedoramente na lareira. As pequenas janelas com vidros em forma de diamante se

abriam para uma gloriosa vista do lago, dos carvalhos que o rodeavam e das poucas luzes esparsas que demarcavam o vilarejo mais além.

Naquela noite, rimos feito crianças enquanto ceávamos na grande mesa de carvalho, nossas velas provendo apenas uma tênue luminosidade. Depois disso, travamos uma feroz batalha de bilhar no salão de jogos e tomamos conhaque um pouco além da conta, temo eu. Foi logo antes de me deitar que perguntei à Sra. Blessington se alguém havia estado naquela casa desde que meu pai partira, anos atrás.

— Não, minha querida — disse ela rapidamente, afofando os travesseiros de pena. — Quando seu pai foi embora para Oxford, ele nunca mais voltou.

— Nunca houve um jovem intruso depois disso...? — insisti, embora, na verdade, estivesse pouco receptiva a qualquer coisa que perturbasse a felicidade que sentia. Como eu adorava a austeridade espartana daqueles aposentos, as paredes nuas de qualquer papel ou ornamento, o lustre no alto da cama com a cabeceira de nogueira.

— Um jovem intruso? — Com uma infalível certeza de seus arredores, ela ergueu o atiçador e revolveu as brasas. — Não, querida. O que a faria pensar isso?

— A casa não tem nenhuma história de fantasmas, Sra. Blessington? — perguntei subitamente, me sobressaltando. *Horror inominável*. Mas o que eu estava pensando... que aquele jovem não havia sido real?

— Oh, não, querida — disse ela, sorrindo. — Fantasma algum se atreveria a perturbar o Portal de Rampling.

Nada, de fato, perturbou a serenidade dos dias que se seguiram... longas caminhadas pelos frondosos jardins, passeios de ida e volta no pequeno esquife para o outro lado do lago, chá sob o vidro aquecido da estufa vazia. O cair da noite, nos encontrava lendo e escrevendo junto à lareira da biblioteca.

Todas as nossas investigações no vilarejo encontravam a mesma resposta: os aldeões adoravam o casarão. Não havia uma única lenda ou

história inquietante. Como haveríamos de contar a eles sobre a ordem de Papai? Como haveríamos de lembrar a nós mesmos?

Richard estava a encontrar uma profusão de materiais clássicos nas prateleiras da biblioteca e eu tinha a escrivantina do canto inteiramente para mim.

Eu nunca havia conhecido tamanha quietude. Parecia que a atmosfera do Portal de Rampling permeava as descrições mais simples que eu escrevia e se entremeava ricamente às tramas e personagens que tinha criado. Na segunda-feira após a nossa chegada, terminei meu primeiro conto de verdade, e, após copiá-lo em uma versão revisada, me encaminhei a pé para o vilarejo, para ousadamente enviá-lo aos editores da revista *Blackwood*.

A tarde estava amena e me permiti demorar durante a volta. O que tanto havia perturbado nosso pai nesse canto adorável da Inglaterra? O que tanto havia obscurecido suas últimas horas para que ele lançasse uma maldição sobre este lugar? Meu coração havia se aberto para essa etérea quietude, para uma incontestável magnificência que fez com que eu me esquecesse completamente de mim mesma. Havia momentos aqui em que eu me sentia como um intelecto desincorporado, flutuando por um silêncio insondável, para cima e para baixo pelas trilhas dos jardins e pelos corredores de pedra, que haviam testemunhado coisas demais para tomar conhecimento de uma pequena e frágil jovem que, em momentos aleatórios, de fato conversava em voz alta com as armaduras ao redor dela, com as estátuas rachadas no jardim, com os querubins da fonte que há muitos e muitos anos não têm água para derramar de suas conchas.

Mas haveria, em toda essa amabilidade, alguma força maligna que ainda estava a se esquivar de nós, alguma história ainda oculta? *Horror inominável...* mesmo sob a abundância da brilhante luz do sol, essas palavras ainda me causavam um arrepio.

Enquanto subia vagorosamente a encosta, vi Richard caminhando indolentemente ao longo da irregular margem do lago. Vez por outra, ele

erguia o olhar para as distantes ameias, com expressão sonhadora, quase em contentamento extasiado.

O Portal de Rampling o havia conquistado. E eu entendia perfeitamente, porque também havia conquistado a mim.

Com um novo senso de determinação, fui até ele e pousei minha mão gentilmente em seu braço.

Por um momento, ele olhou para mim como se nem me conhecesse e, então disse, de modo suave:

— Como eu poderia algum dia fazê-lo, Julie? E, de um jeito ou de outro, isso ficaria em minha consciência para sempre.

— É hora de buscar aconselhamento, Richard — disse eu. — Escreva para nossos advogados em Londres. Escreva para o clérigo de Papai, o Dr. Matthews. Explique tudo. Não podemos fazer isso sozinhos.

Eram três da manhã quando abri meus olhos. Mas já estava acordada há um bom tempo. E não senti medo, deitada ali, sozinha, mas algo mais... uma espécie de agitação vaga e inexorável, um certo senso de vazio e de necessidade, enfim me fez levantar da cama. O que era realmente esta casa? Um lugar ou meramente um estado de espírito? O que ela vinha fazendo com minha alma?

Senti-me sobrepujada, contudo, excluída por algum segredo grandioso e deslumbrante. Movida por uma inquietude insuportável, peguei meu roupão de lã, meus chinelos e desci para o salão.

A luz da lua caía plena pelas escadas de carvalho e no vestíbulo logo abaixo. Talvez escrevendo eu desse conta da confusão que agora me afligia, talvez pudesse pôr no papel o inexplicável anseio que sentia. Decerto valia o esforço e tomei o caminho silenciosamente pela escada abaixo.

O grandioso salão se abriu diante de mim, com a luz da lua tocando, aqui e ali, um par de espadas cruzadas ou um escudo em um suporte. Mas, muito além, na alcova da saída da biblioteca, vi o brilho irregular da lareira. Então, Richard estava lá. Uma sensação de bem-estar me

impregnou e me aquietou. Ao mesmo tempo, a distância entre nós parecia infundável e fiquei desesperada para cruzá-la, correndo ao longo da extensão da mesa de jantar e, finalmente, para o interior da alcova diante das portas da biblioteca.

As chamas brilhavam sob a cornija de pedra da lareira e, sentada na poltrona de couro diante dela, havia uma figura, inclinada sobre um maço de páginas soltas que segurava em suas mãos esguias. Ele as lia avidamente e a luz do fogo se espalhava por sua face com um tom ameno e dourado.

Mas não era Richard. Era o mesmo jovem que eu havia visto no trem, na Victoria Station, quinze anos atrás. E nem um único aspecto daquele rosto jovem e firme havia mudado. Ali estava exatamente o mesmo cabelo, espesso, lustroso e descuidadamente penteado, caindo pelo colarinho de seu casaco preto; e aqueles olhos escuros que subitamente se ergueram e me fitaram com uma expressão da maior das curiosidades. Eu quase gritei.

Encaramos um ao outro naquele cômodo cheio de sombras; eu, paralisada naquela soleira; ele, visível e inegavelmente abalado por eu tê-lo surpreendido. Meu coração parou.

E, numa fração de segundo, ele se levantou e se moveu em minha direção, diminuindo a distância entre nós, estendendo aquelas mãos pálidas e esguias.

— Julie! — sussurrou ele, numa voz tão baixa que parecia que eram meus próprios pensamentos a me chamar. Mas não era nenhum sonho. Ele estava me abraçando e o grito se soltou de mim, ensurdecador, incontrolável e ecoando para além daquelas quatro paredes.

Eu estava só. Agarrando-me ao batente da porta, cambaleei para frente e, então, num momento de perfeita clareza, vi o jovem estranho novamente; vi-o sob a porta aberta que dava para o jardim, olhando por sob os ombros; em seguida, ele já não estava lá.

Não conseguia parar de gritar. Não consegui parar nem quando escutei a voz de Richard chamando por mim, quando ouvi seus pés

golpeando aqueles degraus largos e ocos, e atravessando o salão principal. Não consegui parar nem quando ele me sacudiu, implorou a mim e me sentou em uma poltrona.

Finalmente, consegui descrever o que tinha visto.

— Mas você sabe quem ele era! — disse eu, quase histérica. — Era ele... o jovem do trem!

— Espere um momento — disse Richard. — Ele estava de costas para o fogo, Julie. E você não pôde ver seu rosto claramente...

— Richard, era ele! Você não entende? Ele me tocou. Me chamou de Julie — sussurrei. — Bom Deus, Richard, olhe para a lareira. Eu não a acendi... foi ele. Ele estava aqui!

Praticamente empurrando Richard da minha frente, fui até o amontoado de papéis que jaziam espalhados pelo carpete, diante da lareira.

— Meu conto... — sussurrei, apanhando as páginas. — Ele estava lendo meu conto, Richard. E... meu Deus... ele leu suas cartas, as cartas para o Sr. Partridge e para o Dr. Matthews, falando sobre a demolição da casa!

— Decerto não acredita que seja o mesmo homem, Julie. Após todos esses anos...?

— Mas ele não mudou, Richard, nem no menor dos detalhes. Eu lhe digo que não tenho dúvidas. Era, com certeza, o mesmo homem!

O dia seguinte foi o mais penoso desde a nossa chegada. Juntos, demos início a uma busca pelo casarão. A escuridão veio nos encontrar quando nosso trabalho ainda estava pela metade, frustrados em todo canto por portas trancadas que não podíamos abrir e velhas escadarias que não eram seguras.

E, na hora do jantar, também havia ficado bastante claro que Richard não acreditava que eu tivesse visto qualquer pessoa no escritório. Quanto à lareira... bem, ele havia esquecido de apagá-la adequadamente antes de ir para a cama; e as páginas... bem, um de nós as havia posto ali e se esquecido delas, é claro...

Mas eu sabia o que tinha visto.

E o que me deixava mais obcecada do que tudo era a fisionomia gentil daquele homem misterioso que vi de relance, os olhos inocentes que haviam se fixado em mim por um momento antes de eu gritar.

— Seria sensato de sua parte fazer algo importante antes de se recolher — disse eu, irritada. — Deixe um bilhete afirmando, em linhas gerais, que não pretende pôr a casa abaixo.

— Julie, você criou um dilema impossível — declarou Richard, o rubor surgindo em sua face. — Insiste que reafirmemos a essa aparição que a casa não será destruída, quando de fato atesta a existência da mesma criatura que levou nosso pai a dizer o que disse.

— Ah, queria nunca ter vindo para cá! — irrompi, subitamente.

— Então, devíamos ir embora e decidir essa questão em casa.

— Não... É exatamente isso. Eu nunca poderia partir sem saber. Agora, nunca poderei continuar a viver sem saber!

A raiva deve ser um excelente antídoto para o medo, pois certamente algo contribuiu para mitigar meu temor natural. Naquela noite, não me despi, em vez disso, me sentei no quarto escuro, encarando o pequeno quadrado da janela, os caixilhos em forma de diamante, até escutar a casa silenciar em quietude. Quando o relógio de parede no salão principal badalou às onze horas, o Portal de Rampling estava, como de costume, profundamente adormecido.

Senti uma sombria exultação ao me imaginar saindo do quarto e descendo as escadas. Mas eu sabia que devia esperar mais uma hora. Devia deixar que a noite atingisse seu apogeu. Meu coração batia rápido demais e relembrei, sonhadoramente, o rosto que havia visto, a voz que havia dito meu nome.

Por que ela parecia, em retrospecto, tão íntima, como se tivéssemos nos conhecido antes, falado um com o outro milhares de vezes? Era porque ele tinha lido meu conto, aquelas palavras que tinham saído de minha própria alma?

— Quem é você? — creio ter sussurrado. — Onde está neste momento? — Eu proferi a palavra: — Venha.

A porta se abriu sem som algum e lá estava ele. Estava vestido exatamente como na noite anterior e seus olhos negros se cravaram em mim com aquela mesma curiosidade óbvia, a boca só minimamente entreaberta, como a de um garoto.

Eu me inclinei para a frente e ele ergueu o dedo, como que para me convencer, e acenou levemente com a cabeça.

— Ah, é você! — sussurrei.

— Sim — ele disse com uma voz suave e comedida.

— E você não é um espírito! — Olhei para suas botas sujas de lama e para uma levíssima nódoa de poeira naquela face branca e perfeita.

— Um espírito? — perguntou ele, pesarosamente. — Queria eu ser um espírito.

Atordoada, observei-o vir em minha direção; o quarto escureceu e eu senti suas mãos frias e sedosas em meu rosto. Eu havia me levantado. Estava de pé diante dele e ergui meus olhos para os seus.

Ouvi as batidas de meu próprio coração. Ouvi-as assim como tinha ouvido na noite anterior, exatamente quando havia gritado. Meu Deus, estava falando com ele! Ele estava em meu quarto e conversávamos! E então, de repente, estava em seus braços.

— Real, absolutamente real! — sussurrei e, tomada por uma sensação vulgar e eletrizante, tive que me recompor.

Ele me perscrutava como se tentasse compreender algo terrivelmente importante. Seus lábios tinham uma aparência avermelhada; uma aparência suave, a despeito de toda aquela beleza, como se ele nunca tivesse sido beijado. Uma leve tontura se abateu sobre mim, uma tênue confusão que me fez duvidar se ele estava mesmo lá.

— Ah, mas estou — disse ele, como se eu tivesse enunciado minha dúvida. Senti seu hálito contra minha face e ele era quase doce. — Estou aqui e estive observando-a desde o instante de sua chegada.

— Sim...

Meus olhos estavam se fechando. Num ténue clarão, como o de um fósforo sendo riscado, vi meu pai, ouvi sua voz. *Não, Julie...* Mas aquilo, com certeza, era um sonho.

— Apenas um breve beijo — disse a voz daquele que estava mesmo ali. Senti seus lábios contra o meu pescoço. — Eu nunca faria mal a você. Nenhum mal aos filhos do clã, nunca. Só um breve beijo, Julie, e a compreensão que ele concede de que não pode destruir o Portal de Rampling, Julie... que não poderá nunca, nunca me afugentar daqui.

O âmago de meu ser, aquele local secreto em que todos os desejos e todos os preceitos são alimentados, abriu-se para ele sem luta ou som algum. Eu teria caído, se ele não tivesse me segurado. Meus braços se fecharam ao redor dele, minhas mãos deslizaram para dentro da macia e sedosa massa de seus cabelos.

Eu flutuava e havia, como sempre houve no Portal de Rampling, uma paz infindável. Era o Portal de Rampling que eu sentia me envolver; era aquele segredo imemorial e impenetrável que, enfim, havia se revelado... *Um poder de enorme alcance dentro de mim... De poder ver como um deus vê e compreender a profundidade das coisas tão agilmente quanto os olhos exteriores podem dimensionar e permear a forma...* Sim, essas mesmas palavras de Keats, que eu havia citado nas páginas de meu conto e que ele havia lido.

Mas, num violento instante, ele me libertou.

— Inocente demais — sussurrou.

Eu cambaleava pelo chão do quarto e agarrei-me à moldura da janela. Descansei minha testa contra a parede de pedra.

Havia uma dor formigante em minha garganta, onde os lábios dele haviam me tocado, que era quase prazerosa, um delicioso latejar que não parava. Eu sabia o que ele era!

Eu me virei e vi todo o quarto claramente... a cama, a lareira, a poltrona. E ele permaneceu quieto, exatamente como o havia deixado, e havia a mais estarrecedora angústia em seu rosto.

— Algo ameaçador, indescritivelmente ameaçador — sussurrei, recuando.

— Algo ancestral, algo que desafia a compreensão — ele alegou. — Algo que pode e perdurará. — Mas ele estava abalado e não me olhava nos olhos.

Toquei a dor pulsante com a ponta de meus dedos e, ao olhar para eles, vi o sangue.

— Vampiro! — ofeguei. — E, ainda assim, sofre tanto; ainda assim, é como se pudesse amar!

— Amar? Tenho amado você desde que chegou. Amei-a ao ler seus pensamentos secretos, sem ainda nem ter visto seu rosto.

Ele me puxou para si, sempre gentilmente e, passando seus braços ao meu redor, me guiou até a porta.

Tentei, por um momento desesperado, resistir. E, como faria qualquer cavalheiro, ele recuou respeitosamente e tomou minha mão.

No andar de cima, passamos por um longo corredor e por uma pequena soleira de madeira, até uma escada em espiral que eu não havia visto. Logo me dei conta de que estávamos subindo pela torre norte, uma seção em ruínas da estrutura, que estava isolada há anos.

Pelas pequenas janelas, uma após a outra, eu via a paisagem se desenrolar gentilmente, o pequeno aglomerado de luzes tênues que marcavam o vilarejo de Rampling e o pálido veio branco que era a estrada de Londres.

Subíamos e subíamos, até alcançarmos os aposentos no topo, e este ele abriu com uma chave de ferro. Segurou a porta para que eu entrasse e me vi em um espaçoso cômodo, cujas janelas altas e estreitas não tinham vidro. Uma torrente de luz da lua revelou a mais curiosa miscelânea de móveis e objetos... uma escrivaninha, uma grande estante de livros, poltronas de couro macio e um sem-número de mapas e imagens emolduradas pendurados nas paredes. As velas por toda parte haviam pingado sua cera em cada superfície e, no centro de todo esse

caos, estavam meus poemas, meus antigos rascunhos... escritos preliminares que eu havia trazido comigo e nunca havia tirado da mala.

Vi uma cartola de seda negra, uma bengala e um buquê de flores definhadas, ressequidas feito palha, daguerreótipos e ferrótipos em suas pequenas maletas de veludo, jornais de Londres e livros abertos. Não havia lugar para dormir neste quarto.

E quando pensei nisso, onde ele devia se deitar quando queria descansar, um tremor me percorreu e senti, de modo um tanto palpável, seus lábios tocarem meu pescoço mais uma vez e me veio o repentino impulso de gritar.

Mas ele estava me segurando em seus braços; estava beijando minhas bochechas e lábios, sempre tão suavemente.

— Meu pai sabia o que você era? — sussurrei.

— Sim — ele respondeu — e o pai dele também. E todos eles, numa cadeia inquebrável ao longo dos anos. Por solidão ou raiva, não sei qual, sempre contei a eles. Sempre fiz com que tomassem conhecimento, com que aceitassem.

Recuei e ele não tentou me deter. Acendeu as velas sobre nós, uma a uma.

Eu estava atordoada pela visão dele sob a luz, o fulgor em seus grandes olhos negros, e o lustro de seus cabelos. Nem mesmo na estação de trem eu o havia visto tão claramente como o via agora, em meio ao resplendor das velas. Ele partiu meu coração.

Ainda assim, ele olhava para mim como se eu fosse um banquete para seus olhos, disse meu nome outra vez e senti o sangue subir às minhas bochechas. Mas pareceu haver uma grande e súbita pausa na passagem do tempo. O que eu estava pensando! *Sim, nunca falar, nunca perturbar... algo ancestral, algo maior que o bem e o mal...* mas não! Eu me senti tonta outra vez. Ouvi a voz de Papai:

— Ponha ela abaixo, Richard, pedra por pedra.

Ele me levou até a janela. E, conforme as luzes de Rampling iam sendo subtraídas da escuridão lá embaixo, uma grande floresta se

estendia em todas as direções, bem mais antiga e mais densa que a floresta do Portal de Rampling. De repente, tive medo, como se estivesse resvalando para um turbilhão de visões do qual, por vontade própria, nunca poderia retornar.

Lá estava aquela sensação de nós dois conversando, falando e falando em vozes baixas e agitadas, e eu dizia que não haveria de ceder.

— Seja testemunha... isso é tudo que peço a você, Julie.

E havia em mim alguma certeza indistinta de que, unicamente por essas visões, eu fatalmente seria transformada.

Mas o próprio quarto começava a perder substância, como se um vento silencioso de força tremenda o estivesse desfazendo. A visão já tinha começado...

Estávamos cavalgando por uma floresta, ele e eu. E as árvores eram tão altas e tão abundantes que a luz do sol mal podia atravessá-las até o solo fragrante e coberto de folhas.

Porém, não podíamos nos demorar naquele lugar mágico. Íamos às terras recém-lavradas que rodeavam um vilarejo que eu sabia, de alguma forma, se chamar Knorwood, com seus telhados com gabletes e suas ruazinhas tortuosas. Vimos o monastério de Knorwood e a igrejinha com seu sino badalando o chamado à missa do entardecer sob o céu fechado. A vida em Knorwood vicejava grandiosa e frenética, com mil vozes se erguendo, unidas em oração.

Bem ao longe, na encosta anterior à floresta, se encontrava a torre circular de um verdadeiro castelo ancestral; e, para esse castelo em ruínas... agora, não mais do que a casca do que fora... com a escuridão se abatendo de vez, cavalgamos. Vagamos por seus cômodos vazios, duas crianças impetuosas, um tanto esquecidos dos cavalos e da estrada; e ao senhor do castelo, uma criatura esquelética de pele branca diante da crepitante lareira do salão destelhado, nos dirigimos. Ele se virou e nos fitou com seus olhos brilhantes e estreitos. Algo morto era ele, eu compreendi, mas carregava dentro de si uma magia inestimável. E meu companheiro, meu jovem inocente, se lançou aos braços daquele lorde.

E vi o beijo. Vi o jovem empalidecer, lutar e se virar, e o lorde se recolher com o mais sábio e o mais triste dos sorrisos.

Eu entendi. Eu sabia. Mas o castelo estava se dissolvendo, tanto quanto qualquer coisa nesse sonho poderia seguramente se dissolver, e então, estávamos num lugar úmido e estreito.

A fedentina era insuportável; era o mais terrível fedor, o fedor da morte. E ouvindo meus passos nas pedras de cantaria, busquei uma parede na qual me apoiar. O pequenino mercado estava vazio; portas e janelas se abriam ao vento errante. De cima a baixo pela rua tortuosa, vi as marcas pelas casas. E soube o que essas marcas significavam. A peste negra havia chegado ao vilarejo de Knorwood. A peste negra havia dado cabo de tudo. Em um momento de sufocante horror, me dei conta de que ninguém, nem uma única pessoa, havia sobrevivido.

Mas isso não era de todo verdade. Havia um jovem andando, aos trancos e barrancos, pela ruela estreita. Ele cambaleava, quase caindo, enquanto empurrava uma porta após a outra, até enfim chegar a um lugar quente e fétido, onde uma criança berrava no chão. Sua mãe e seu pai jaziam mortos na cama. E o gracioso gato da casa, ileso, brincava com a criança aos prantos, seus olhos inchados no rosto pequenino e afundado.

— Pare! — Eu me ouvi ofegar. Eu segurava minha cabeça com as duas mãos. — Pare... pare, por favor! — Eu gritava e meus gritos decerto perfurariam a visão; e essa pequena morada rudimentar desabaria ao meu redor e eu despertaria os habitantes do Portal de Rampling, mas não o fiz. O jovem se virou e me encarou e, naquele quarto estreito e fétido, eu não podia ver seu rosto.

Mas sabia que era ele, meu companheiro, e podia sentir o cheiro de sua febre, de sua doença e o fedor do infante moribundo; e ver o corpo lustroso do gato enquanto, com a pata, ele apalpava a mão estirada da criança.

— Pare, você perdeu o controle! — gritei, seguramente com toda a minha força, mas o infante gritou ainda mais alto. — Faça parar.

— Não posso — sussurrou ele. — Vai continuar para sempre! Nunca vai parar! — E, com um enorme guincho, chutei o gato, fazendo-o voar do quarto imundo e derrubando o balde de leite em seu caminho.

Morte em todas as casas de Knorwood. Morte no claustro, morte nos campos abertos. Parecia o Juízo Final... Eu soluçava, implorando por libertação... Parecia o verdadeiro fim da própria Criação.

Mas, quando a noite caiu sobre o vilarejo morto, ele ainda estava vivo, tropeçando pelas escarpas, atravessando a floresta em direção àquela torre, onde aquele lorde se encontrava sob o arco quebrado da janela, esperando pela chegada dele.

— Não vá! — implorei. Corri ao lado dele, chorando, mas ele não ouvia. O senhor se virou e sorriu com infinita tristeza, enquanto o jovem, de joelhos, implorava por salvação, quando havia sido a danação que esse lorde havia oferecido, quando era apenas a danação que esse lorde daria a ele.

— Sim, condenado, então, mas vivo, respirando! — o jovem gritou e o lorde abriu seus braços.

O beijo outra vez, o beijo letal, o sangue sugado de seu corpo moribundo; e então, o lorde erguendo a pesada cabeça do jovem, para que ele pudesse beber de volta o sangue do corpo do próprio lorde. Eu gritei:

— Não... não beba!

Ele se virou e seu rosto agora era um semblante tão perfeito da morte que eu não podia acreditar que havia restado nele qualquer vivacidade; porém, ele perguntou:

— O que você faria? Voltaria a Knorwood, abriria aquelas portas uma após a outra, tocaria o sino da igreja vazia... e se o fizesse, quem haveria de ouvir?

Ele não esperou por minha resposta. E eu não tinha nenhuma para dar. Ele cravou sua inocente boca na veia que pulsava com todo o aspecto de vida sob a carne fria e translúcida daquele lorde. E o sangue afluíu para o corpo jovem, subjugando, em um grandioso jorro, a febre e

a doença que o haviam exaurido, expulsando-as junto de sua vida mortal.

Ele agora se encontrava só no salão do lorde. A imortalidade era dele, e também a sede de sangue que precisaria para sustentá-la; e essa sede eu podia sentir com toda a minha alma.

E toda e cada coisa havia sido transfigurada em sua visão... a sua essência mais refinada. Uma voz sem palavras falou, vinda do estrelado véu do Paraíso; ela cantava no vento que soprava pelas toras partidas; suspirava nas chamas vorazes nas pedras cheias de fuligem da lareira. Era o eterno ritmo do universo que brincava sob cada superfície enquanto a última coisa viva daquele vilarejo... aquela criança pequenina... silenciava na bocarra do tempo.

Um vento suave peneirou e espalhou a terra dos sulcos recém-abertos nos campos vazios. A chuva caiu do céu negro e infinito.

Anos e anos se passaram. E tudo que havia sido Knorwood se dissolveu na terra. A floresta enviou suas silenciosas sentinelas e poderosos troncos se ergueram onde antes havia cabanas e casas, onde havia as paredes de um monastério. E parecia o horror além de todos os horrores que ninguém mais fosse saber coisa alguma sobre aqueles que viveram e morreram naquele pequeno e insignificante vilarejo, que em lugar algum dos grandes arquivos nos quais toda a história é registrada fosse existir qualquer menção a Knorwood.

Porém, restava alguém que sabia; alguém que havia testemunhado, que tinha visto a família Rampling chegar nos anos que se seguiram, viu-os erguerem sua casa sobre a própria encosta onde antes havia estado o antigo castelo; alguém que viu um novo vilarejo lentamente se condensar sobre a sepultura sem lápide do antigo.

E por todas as paredes do Portal de Rampling estavam as pedras do velho castelo, as pedras do monastério esquecido, as pedras daquela igreja.

Estávamos de volta à torre uma vez mais.

— É meu templo — sussurrou ele. — Meu santuário. É a única coisa que perdura como eu perduro. E você o ama como eu o amo, Julie. Você escreveu isso... ama sua grandiosidade. E sua melancolia.

— Sim, sim... como sempre foi... — Eu chorava, embora não movesse meus lábios.

Da janela, ele havia se virado para mim e pude sentir sua ânsia infindável com todo o meu coração.

— O que mais quer de mim?! — implorei. — O que mais posso dar?

Uma torrente de imagens me respondeu. Estava começando de novo. Uma vez mais eu me abandonava, embora fosse reavivada por um grande afluxo de luzes e sons, me refazendo inteira como quando cavalgamos juntos pela floresta; mas, neste momento, foi ao mundo de agora que passamos.

Voávamos pela escuridão rural ao longo da linha férrea em direção a Londres, onde a noite da cidade estoura como uma enorme bolha em um banho de risos, movimento e luz ofuscante. Ele caminhava comigo sob a luz das lâmpadas a gás, seu rosto quase cintilando com a mesma inocência sombria, o mesmo calor irresistível. Parecia que segurávamos firmemente um ao outro bem em meio à multidão. E a multidão era uma coisa viva, uma coisa serpentiforme, e de todo canto ela exalava um aroma saboroso e sombrio, um aroma de sangue fresco. Damas em brancos casacos de pele e cavalheiros em capas de ópera atravessavam as portas bem iluminadas do teatro; o clangor do salão de música nos inundou e então desvaneceu. Restara apenas uma tênue voz em soprano, entoando uma canção aguda e lamuriosa. Eu estava em seus braços e seus lábios cobriam os meus; então, veio aquela sensação embotada e eletrizante outra vez, aquele enorme e incontrolável abrir dentro de mim. Sede e a promessa de saciedade medida tão somente pela intensidade dessa sede. Escapulimos juntos, subindo uma escada de fundos e chegando a quartos com pés-direitos altos e cobertos por papéis de parede vermelho escarlata, onde as mais adoráveis mulheres se

recostavam em camas de ferro e o aroma agora era tão forte que eu não podia suportar, e ele disse:

— Beba. Elas são suas vítimas! Elas lhe darão a eternidade... você deve beber. E senti o calor me preenchendo, me revigorando, borrando minha visão até nos libertarmos outra vez, leves e invisíveis, assim parecia, enquanto nos movíamos sobre os telhados e descíamos uma vez mais às ruas encharcadas pela chuva. Mas as gotas não nos tocavam; a neve que caía não nos transmitia frio; tínhamos, dentro de nós, um calor enorme e indissolúvel. E juntos, na carruagem, falávamos um com o outro numa baixa e exuberante enxurrada de palavras; éramos amantes; éramos constantes; éramos imortais. Éramos duradouros como o Portal de Rampling.

Ah, não deixe que pare! Senti seus braços ao meu redor e soube que estávamos juntos no quarto da torre; e que as visões haviam operado sua alquimia fatal.

— Você entende o que estou lhe oferecendo? Aos seus ancestrais, eu me revelei, sim; eu os subjuguiei. Mas eu faria de você minha noiva, Julie. Compartilharia meu poder com você. Venha comigo. Não vou tomá-la contra sua vontade, mas conseguiria me dar as costas?

Uma vez mais, ouvi meu próprio grito. Minhas mãos pousadas sobre sua branca pele fria e seus lábios gentis, porém famintos, seus olhos complacentes e eternamente jovens. O semblante furioso de Papai resplandeceu diante de mim como se eu também tivesse o poder da conjuração. *Horror inominável*. Cobri meu rosto.

Ele se pôs contra o cenário visto da janela, contra a distante corrente de pálidas nuvens. A luz das velas cintilava em seu olhar. Imenso, triste e sábio, ele parecia... e, ah sim, inocente, como já disse uma vez após a outra.

— És a mais bela das flores, Julie. A eles, dei minha proteção, sempre. A você, dou meu amor. Venha a mim, meu grande bem-querer, e o Portal de Rampling será verdadeiramente seu e, finalmente, verdadeiramente meu.

Foram noites de discussão, mas, enfim, Richard se deixou convencer. Ele colocaria o Portal de Rampling em meu nome e eu me recusaria terminantemente a permitir que o lugar fosse demolido. Não haveria nada que ele então poderia fazer para obedecer à ordem de Papai. Eu havia dado a ele o impedimento legal necessário e é claro que lhe disse que deixaria a casa para seus herdeiros homens. Ela sempre haveria de estar nas mãos da família Rampling.

Uma solução astuta, a mim parecia, uma vez que Papai não havia pedido a mim que destruísse o lugar. Eu agora não tinha escrúpulo algum quanto a questão.

E o que restou a ele foi me levar à pequena estação de trem, me mandar de volta a Londres e não se preocupar que eu voltasse para casa, em Mayfair, por conta própria.

— Fique aqui por quanto tempo quiser e não se preocupe — disse eu. Sentia mais ternura por ele do que jamais poderia expressar. — Você sabia, no momento em que pôs os pés naquele lugar, o quanto Papai estava errado.

A grande locomotiva negra passou resfolegando por nós, o vagão de passageiros desacelerando para sua parada.

— Agora, tenho que ir, querido... me dê um beijo — falei.

— Mas o que deu em você, Julie... o que a convenceu tão rápido...?

— Nós passamos por tudo aquilo, Richard — eu disse. — O que importa é que o Portal de Rampling está a salvo e ambos estamos felizes, meu querido.

Acenei até não poder mais vê-lo. As lâmpadas cintilantes da cidade se perderam na profunda luz lavanda do entardecer e, por um momento duvidoso, a enorme silhueta escura do Portal de Rampling me pareceu o fantasma de si mesmo, naquela encosta ali perto.

Eu me recostei e fechei os olhos. Então, abri-os lentamente, saboreando o momento pelo qual tanto tinha esperado.

Ele sorria, sentado no extremo posterior do assento de couro oposto, como esteve todo o tempo, e agora, levantando-se com um movimento

lépido, quase delicado, sentou-se ao meu lado e me envolveu em seus braços.

— São cinco horas até Londres — sussurrou ele.

— Posso esperar — falei, sentindo a sede como uma febre enquanto o abraçava forte, sentindo seus lábios contra minhas pálpebras e meu cabelo. — Quero caçar pelas ruas de Londres esta noite — confessei um pouco timidamente, mas vi apenas aprovação em seus olhos.

— Bela Julie, minha Julie... — sussurrou ele.

— Você vai amar a casa em Mayfair — eu disse.

— Sim... — respondeu ele.

— E, quando Richard, enfim, se cansar do Portal de Rampling, voltaremos para casa.

[1](#). Período anual em que a alta sociedade londrina promovia festas, jantares e eventos de caridade, que também serviam para que casamentos fossem arranjados. - N. da T.

A DESTRUIDORA DE LARES

Poppy Z. Brite

Durante quase vinte anos, antes de anunciar sua “aposentadoria”, Billy Martin escreveu uma série de aclamados e bem-sucedidos romances e contos de horror sob o pseudônimo de “Poppy Z. Brite”.

Como Brite, ele publicou os romances *Lost Souls*, *Drawing Blood*, *Exquisite Corpse* e *The Crow: The Lazarus Heart*, junto das coletâneas de contos *Swamp Foetus* (vulgo *Wormwood*), *Are You Loathesome Tonight?* (vulgo *Self-Made Man*), *Wrong Things* (com Caitlín R. Kiernan), *The Devil You Know* e *Antediluvian Tales*. Ele também editou as antologias de vampiros *Love in Vein* e *Twice Bitten (Love in Vein II)*.

Em 1999, publicou *Courtney Love: The Real Story*, uma biografia semioficial da cantora, e logo na sequência escreveu uma série de romances ambientados no universo dos restaurantes de Nova Orleans.

Seu conto *The Sixth Sentinel* foi adaptado para a série de TV *The Hunger*, do canal Showtime, em 1999 (sob o título *The Dream Sentinel*).

“No horror, o vampiro é o tropo mais fácil de ser transformado em um clichê”, afirmou, “e, ainda assim, cedo ou tarde, muitos grandes autores se arriscam em uma história de vampiros, talvez porque o cenário familiar realce os floreios do indivíduo... escrever sobre uma criatura que se nutre da força

vital humana exige a habilidade de perscrutar suas próprias trevas”.

MEU TIO EDNA matava porcos. Todos os dias, ele voltava do abatedouro e chegava em casa cheirando a merda e sangue de porco e, se eu não deixasse sua banheira transbordando de perfume e trecos de bolha, ele me açoitava o rabo até eu sentir seu pau duro cutucando minha perna.

Como disse, ele matava porcos. À noite, porém, ninguém nunca diria isso vendo ele em seu robe de cetim. Ele zanzava pela velha fazenda feito algum tipo de fada madrinha, farfalhando, dando goladas numa garrafa de Jack Daniel's e xingando a vaca que tinha roubado seu homem.

— Destruidora de lares! — guinchava ele, batendo o punho contra a mesa, chacoalhando a pilha de braceletes de strass que usava em seu braço magricela. — Como ele pôde querer a ela quando tinha a mim? Como ele pôde fazer isso, garoto?

E era mesmo algo que fazia a pessoa pensar, porque, mesmo com seu batom borrado e os pelos do peito saindo pelo robe, havia certo *glamour* cansado em Tio Edna. A questão era que a vaca nem queria o homem dele. Tio Jude, que estava com Tio Edna desde que ele era o simplório Ed Slopes, de uma hora pra outra virou hétero e foi salivando atrás de uma pinguça com cabelo pintado de hena que chamava a si mesma de Verna. O que Verna considerava ser a diversão da noite, Tio Jude decidiu que era a grande paixão de sua vida. E foi a última vez que o vimos. Nunca conseguimos entender.

Tio Edna tinha trinta e seis anos quando Tio Jude foi embora. Depois disso, os anos e o uísque tinham feito miséria com ele, mas o homem sabia mesmo como se maquiar e eu achava que Tio Jude se apaixonaria de novo por ele se ao menos eles se vissem outra vez.

Porém, eu não podia fazer nada quanto a isso e, na época, estava mais interessado em capturar sapos e cobras do que nos problemas sentimentais dos adultos. Mas, alguns anos depois, fiquei sabendo que Verna estava de volta à cidade.

Eu sabia que não podia deixar Tio Edna descobrir. Ele ia querer pegar sua escopeta e ir atrás dela, ia acabar sendo currado até a morte na cadeia, daí quem tomaria conta de mim? Então, falei com um moleque da escola. Ele me fez chupar o pau dele atrás da cantina, mas voltei pra casa com quatro comprimidos de Alprazolam. Eu os triturei e coloquei na garrafa de uísque do Tio Edna naquela mesma noite. Pouco depois, ele roncava feito uma serra elétrica, babando em seu vestido de festa. Saí à procura de Verna. Não queria necessariamente vê-la, mas achei que talvez pudesse descobrir a última vez em que ela tinha visto Tio Jude.

Parei minha bicicleta do outro lado da rua do único bar da cidade, o Discretu's. Lá dentro, homens de pé ou dançando em pares. Alguns estavam montados, mas a maioria usava jeans e camisa de flanela; essa era uma cidade de proletários.

Então, eu a vi. Ela tinha enfiado seu rabo polpudo numa cabine e estava sendo acariciada por um dos homens ali. O outro homem sentou-se, fuzilando-a com os olhos, quase aos prantos. Eu os reconheci como Bob e Jim Frenchette, um casal que estava junto há mais tempo do que eu podia lembrar. A mão de unhas vermelhas de Verna estava na coxa de Bob, acariciando seu jeans surrado.

Caminhei até a mesa.

Jim e Bob estavam absortos demais pra me dar qualquer atenção. Verna não pareceu me reconhecer. Eu era só um menininho na última vez em que ela tinha me visto e mal havia me notado na época, tão empenhada que estava em chupar o pescoço de Tio Jude. Olhei no fundo dos olhos dela. Seus cílios eram uma maçaroca de rímel preto, suas pálpebras empapadas de sombra turquesa. Sua boca era uma ferida de batom. Seus lábios se contraíram num sorriso de desdém e então se abriram.

— O que você quer, garotinho?

Não conseguia pensar em nada pra dizer. Não sabia o que tinha a intenção de dizer. Eu me afastei da mesa, trôpego. Minhas mãos tremiam e minhas bochechas queimavam. Estava do lado de fora,

desacorrentando minha bicicleta do poste de luz, quando Verna saiu do bar.

Ela cruzou a rua deserta, me congelando no lugar com aqueles olhos pálidos de lobo. Eu queria pular na bicicleta e sair pedalando, ou só correr, mas não conseguia. Queria desviar o olhar daqueles lábios vermelhos e traiçoeiros que reluziam feito gordura de porco. Mas não conseguia.

— Seu tio... — sussurrou ela. — Jules, não era?

Balancei a cabeça, mas Verna continuou sorrindo e se inclinando pra mais perto, até que seus lábios estavam bem juntos do meu ouvido.

— Ele trepava muito mal — disse ela.

Suas unhas vermelhas e afiadas se afundaram em meu ombro. Ela me empurrou de costas contra o poste e caiu de joelhos na minha frente. Senti a bile quente subir a minha garganta, mas não conseguia me mexer, mesmo quando sua outra mão baixou minhas calças.

Eu tentei impedir que meu pau ficasse duro, tentei mesmo. Mas era como se a boca dela sugasse o sangue até ele, direto pra superfície da pele. Achei que ela ia arrancá-lo inteiro. Sua língua serpenteava das minhas bolas até o buraquinho do mijo. Então, senti uma dor aguda na base do pau, diferente de tudo que já havia sentido quando outros meninos o tinham chupado. Então, estava soltando meu gozo em sua boca, por mais que não quisesse, e ela o engolia como se estivesse passando fome.

Verna limpou a boca e riu. Então, se levantou, deu as costas e voltou pro bar como se eu nem estivesse ali. A porta se fechou atrás dela e eu caí de joelhos, vomitando até minha garganta ficar em carne viva. Mas, mesmo com o gosto rançoso da comida semidigerida enchendo minha boca e meu nariz, senti meu pau ficando duro outra vez.

Tive que bater uma punheta pra poder montar na bicicleta. Enquanto ia pra calçada, imaginei aqueles lábios grossos e brilhantes se fechando ao meu redor outra vez e comecei a chorar. Não conseguia tirar aqueles pensamentos sujos da minha cabeça, coisas que nunca havia pensado

antes: o cheiro de úmidas enseadas marítimas e de mercados de peixe, o espremer macio de um corpo envolto numa camada de gordura, com grandes glóbulos molengas dessa gordura enfiados no peito e no rabo feito tumores. E esses pensamentos eram como um tumor em mim.

Pedalando o mais rápido que meus pés podiam, voltei pra casa e pro Tio Edna. Mas tinha a sensação de que nunca mais poderia realmente voltar pra casa.

QUANDO GRETCHEN ERA HUMANA

Mary A. Turzillo

Mary A. Turzillo recebeu o Prêmio Nebula, em 2000, de Melhor Noveleta de Ficção Científica por sua história *Mars is No Place for Children*. Ex-professora da Universidade Estadual de Kent, seus livros de crítica incluem guias de leitura para as obras de Anne McCaffrey e Philip José Farmer, sob o nome de “Mary T. Brizzi”.

Ela publicou contos nas revistas *Interzone*, *Analog*, *The Magazine of Fantasy & Science Fiction* e *Science Fiction Age*; seu trabalho foi incluído em antologias como *Nebula Awards Showcase 2001*, editada por Robert Silverberg, e *Tales of Wonder and Imagination*, editada por Ellen Datlow. Sua coletânea *Bonsai Babies* foi publicada pela editora Omnium Gatherum, em 2016, e ela também publicou quatro coletâneas de poemas (duas em colaboração com Marge Simon) e um romance, *Mars Girls*, pela editora Apex, em 2017.

“Nem todos têm uma vítima ou um vampiro dentro de si”, explica Turzillo, “mas mesmo aqueles cujo lado vampiresco é fraco entendem que o monstro interior é solitário e anseia por amor, ainda que também o temam. A paixão que o vampiro busca e que a vítima deseja dar é um dom aterrador e abençoado. Seria uma metáfora para o amor entre o tirano e o voluntariamente oprimido, ou entre a criança e um pai – ou uma mãe – que padece pela aflição de seu filho?”

“É mais. É o âmago profundo do ardor. Sentimos medo e, ainda assim, desejamos.”

— VOCÊ É SÓ HUMANA — disse Nick Scuroforno, folheando uma surrada primeira edição de *A Imagem da Besta*. A conversa havia descambado de uma preguiçosa tentativa de venda, Gretchen tentando empurrar a Nick Scuroforno uma antiga edição da *Pangborn*. Agora, estavam sentados de pernas cruzadas sobre o marcado chão de madeira da Tomos da Srta. Trilby, observando as partículas de poeira dançando sob o sol das quatro horas em agosto. Gretchen chafurdava na exposição de si mesma e em uma voluptuosa autocomiseração.

— Às vezes, nem humana me sinto. — Gretchen apoiou as costas nas macias lombadas cheirando a poeira de uma edição de 1910 de *O Livro do Conhecimento*², encadernada em couro.

— Eu me identifico.

— E se a gente pudesse escolher, quem ia querer ser humano? — perguntou Gretchen, percorrendo os veios do piso de madeira com seus dedos rachados.

— Você tem escolha? — perguntou Scuroforno.

— Sabe, depois que Ashley recebeu o diagnóstico, meu ex ficou com a guarda dela. Melhor assim. — Ela revirou sua bata atrás de um lenço. — Meu plano não cobria internação, depois que nos separamos. E o dele sim, mas só lá em Seattle. — Espontaneamente, uma lembrança surgiu: o pequenino corpo quente de Ashley, encolhido como um cãozinho, aconchegada em seu colo, abrindo *Onde Vivem os Monstros*, batendo na página com seu minúsculo indicador rosa. “Lê, Mamãe!”

Scuroforno assentiu com a cabeça.

— Mas leucemia já não tem cura?

— Às vezes. Ela tá em remissão, no momento. Mas por quanto tempo? — Gretchen continuava a dar olhadelas furtivas para Scuroforno. Surpreendentemente, achava-o atraente. Ela chegara a acreditar que a depressão tinha matado seu apetite sexual. Ele era um homem grande, robusto, mas não de fato gordo, com evasivos olhos cor de âmbar e cabelos revoltos. Não era feio, mas também não era bonito, com sua calça de moletom cinza, camiseta marrom e chinelos de praia.

Tinha a mania de girar a pulseira de seu relógio, revelando uma tira de pele pálida na qual os pelos finos de seu pulso haviam ficado ralos.

— E, ainda assim, o câncer em si é imortal — ponderou ele. — Por que não pode tornar o hospedeiro imortal também?

— O câncer é imortal? — Mas claro que seria. Era o predador supremo. Por que não haveria de ter as melhores cartas do jogo?

— As células são. Tem um laboratório que está cultivando algumas células de câncer de pâncreas desde que o homem que teve a doença morreu. E, mesmo assim, células cancerígenas nem mesmo são tão inteligentes quanto um vírus. Um vírus sabe que não deve matar seu hospedeiro.

— Mas eles matam!

Ele sorriu.

— É verdade, muitos vírus matam. Bactérias também. Mas há bactérias que, milênios atrás, decidiram infectar cada célula de nossos corpos. Viraram... deixa eu me lembrar do termo... organelas? Feito a mitocôndria.

— O que é uma mitocôndria?

Ele deu de ombros maliciosamente, se refestelando em seu conhecimento superior.

— É um órgão que converte energia nas células animais. Tem um DNA diferente de seu hospedeiro. Você poderia até pensar que seria possível desenvolver uma mitocôndria que fizesse seu hospedeiro viver pra sempre.

Ela o encarou.

— Não. Eu certamente não pensaria isso.

— Por que não?

— Seria horrível. Um zumbi. Um vampiro.

Ele ficou em silêncio, um sorriso brincando ao redor de seus olhos.

Ela estremeceu.

— Você tira essas ideias da Tomos da Srta. Trilby?

— A sabedoria das eras — ele disse, gesticulando para as prateleiras mais altas, então parou. — E da internet, claro. Lá vem Madame Trilby em pessoa. Ela gosta que fique de bobeira pelo chão com os clientes?

Gretchen enrubesceu.

— Ah, ela não liga pra nada. Meu avô era amigo do pai dela e eu trabalho aqui desde que era pequena, entrando e saindo. — Ela tomou a mão que Scuroforno lhe oferecia e se pôs de pé.

A Srta. Trilby, delicada e lépida, emanando uma fragrância de pó de arroz e papel mofado, puxou um caixote de leite cheio de panfletos. Ela fez uma careta para Gretchen. Estranho, pensou ela. Ontem ela disse que eu deveria achar um homem novo, mas agora está me fuzilando com os olhos. Por sentar no chão? Eu sento no chão pra mexer com a papelada o tempo todo. Não tem espaço pra cadeiras. Deve ser por ficar de papo com um cliente.

A Srta. Trilby despejou a correspondência no balcão e chispou para o escritório.

— Quanta alegria, hein? — disse Scuroforno.

— Sério, ela é muito boa comigo. Me empresta dinheiro pra ir a Seattle ver minha filha. Ela só tá nervosa hoje.

— Ah. A propósito, antes de eu ir: você tá resfriada ou andou chorando?

Gretchen ficou vermelha.

— Tenho sinusite crônica. — De repente, ela viu a si mesma de modo objetivo: cabelos longos e finos, postura ruim, magricela. Como podia estar flertando com um homem desses?

Ele tocou o pulso dela.

— Se cuida. — E saiu pela porta para a rua a passos largos.

— Dele, você não precisa — disse a Srta. Trilby, voltando alvoroçada e ligando o antiquíssimo computador Kaypro da loja.

— E eu disse que precisava?

— Sua cara diz que você acha que sim. Ele comprou alguma coisa?

— Desculpe. Nunca consigo adivinhar aquilo pelo que ele vai se interessar.

— Vou morrer no asilo de indigentes. Ofereça a ele livros de medicina antigos. Ou romances de detetive. Ele fica pelas prateleiras lendo os romances históricos e rindo. Finge que é especialista, encontra todos os erros.

— O que a senhora tem contra ele, além de ele ler e não comprar nada?

— Ah, ele compra. Mas Gretchen, meu cordeirinho, de um homem desse tipo, você não precisa. Solitário. Maluco.

— Mas ele escuta. É tão compreensivo.

— Feito um açougueiro com o novilho. Que conversa fiada era aquela dele, de câncer imortal?

— Nada, não. Estávamos falando da Ashley.

— Perdão, cordeirinho. A vida não tem sido gentil com você. Mas seja um pouco sensata. Esse homem tem delírios de que é um vampiro.

Gretchen alisou o guarda-pó de *Euryanthe e Oberon em Covent Garden*.

— Talvez ele seja.

A Srta. Trilby escancarou a boca, fingindo horror.

— Talvez! Mas ele não parece muito com o Frank Langella, parece?

Não, não parecia, pensou Gretchen enquanto organizava pedidos de reimpressões do *O Livro da Tradição Florida*, de Kadensho, e *Fervor de Buenos Aires*, de Villard de Honnecourt.

Mas havia algo de cativante em Nick Scuroforno, algo além da empatia por uma simplória divorciada com uma filha portadora de uma doença terminal. Seu temperamento contido e sombrio; talvez fosse isso. A Srta. Trilby não entendia de tudo.

Por que não fazer uma tentativa com ele?

Mesmo pra ela própria, seus esforços pareciam patéticos. Ela chamou até sua casa Keesha, a mãe solteira que morava na outra ponta de seu corredor, para ajudá-la a fazer luzes no cabelo. Ela comprou um cardigã barato com detalhes em lã angorá e desencavou um velho sutiã de bojo.

— Cordeirinho — disse a Srta. Trilby de modo seco certa tarde, quando Gretchen chegou embonecada com seus desesperados adereços —, o moço também não anda exatamente nos trinques.

Mas Scuroforno pareceu lisonjeado, se não impressionado, pelos esforços de Gretchen e a levou para um café, depois um jantar fora de hora. Mas, em grande parte, ele chegava à livraria uma hora antes de ela fechar e a deixava fingir que vendia a ele algum elefante branco, como *Trespassers: Como Habitantes da Terra, Ar e Água Conseguem Atravessar Domínios que Não São os Seus*, do reverendo Wood. Ela brincava com a correntinha de prata em seu pescoço e eles escorregavam para o chão, onde ela despejava nele suas atribulações. Raramente apareciam outros clientes tão tarde.

— Você confia a ele detalhes privados da sua vida — disse a Srta. Trilby —, mas o que sabe sobre a dele?

Ele falava. Sim, falava. Sobre filosofia, história, detalhes sobre a doença da filha de Gretchen. Um dia, ela perguntou:

— O que você faz?

— Roubo almas. Sou fotógrafo.

Ah.

— Essas coisas de artista não dão muito dinheiro... — comentou a Srta. Trilby quando soube disso. — Dizem por aí que ele tem uma fonte de renda secreta.

— Quer dizer, ilegal?

— Como você é romântica, Gretchen. Pergunte a ele.

Jogos de azar e investimentos, Scuroforno contou a ela.

Um dia, quando saía para a loja, Gretchen abriu sua caixa de correspondência e encontrou uma carta — nem mesmo recebeu um telefonema — dizendo que a remissão de Ashley havia cessado. Sua menininha estava no hospital outra vez.

A aflição era surreal, física. Ela tinha medo de voltar ao seu apartamento. Havia comprado um exemplar de *Casa Mal-assombrada*, de Jan Pieńkowski, cheio de *pop-ups* diabolicamente engraçados, para dar a Ashley em seu aniversário. Agora, mal aguentava olhar para o livro, aguardando feito uma isca envenenada no balcão.

Ela foi direto para a livraria e começou a organizar o novo estoque em ordem alfabética. Nada fazia sentido, ela não conseguia se lembrar se “O” vinha antes de “N”. A Srta. Trilby teve que arrastá-la, obrigá-la a parar.

— O que houve? É a Ashley?

Gretchen mostrou a carta a ela.

A Srta. Trilby a leu com seus espessos óculos *lorhons*³. Então...

— Olhe pra você. Seu rosto está corado. Os olhos brilhando. A tragédia lhe cai bem. Ou é a proximidade da morte que nos impele a procriar, como romances num campo de concentração?

Gretchen estremeceu.

— Talvez meu corpo esteja me engabelando pra se reproduzir de novo.

— Pra substituir Ashley. Não é engraçado, cordeirinho. Mas possivelmente verdade. Vou perguntar de novo, por que esse homem? A insanidade não a assusta?

No dia seguinte, Gretchen o acompanhou até o carro dele. Pareceu natural entrar, sem ser convidada, ir até a casa dele e segui-lo pelos dois lances de escadas com degraus de piso rachado.

Ele a deixou se empoleirar em um banco na escuridão de sua cozinha, enquanto ele imprimia peculiares fotografias arquitetônicas antigas. O cômodo cheirava a produtos químicos e vinagre. Um velho

Commodore 64 mantinha a porta da despensa aberta. Ela havia visto um computador mais novo na sala de estar, rodando uma proteção de tela de bebês de Giger⁴ segurando granadas e espectros dançando sua dança da agonia.

— Eu nunca como aqui — disse ele. — Não serve de cozinha.

Ele esvaziou bandejas, derramou soluções pela pia, enxaguou. O coração de Gretchen batia forte sob o desmazelado casaco angorá. O corpo dele, gracioso como o de um leão, exalava um aroma másculo, ligeiramente predatório.

Enquanto ele estava de costas, ela desabotoou o cardigã. Os botões deslizaram facilmente pelo tecido penugento barato, conspirando com a luxúria.

Ela o tirou quando ele se virou. E sentiu a corrente de ar da cozinha fria e a surpresa dele ante a visão de seu torso minguado.

Ele se virou e secou as mãos no pano de prato.

— Não se apaixone por mim.

— Nada arrogante, você, hein? — Não, ela não iria se apaixonar. Não. Não era nada disso.

— Não é arrogância. É um aviso. Sou territorial. Predadores precisam ser. Por algum tempo, sim, eu a manteria por perto. Mas, cedo ou tarde, você interferiria com minhas caçadas. Eu a mataria ou afastaria para impedir que a matasse.

— Não vou me apaixonar por você. — Franca. Convicente.

— Muito bem. — Ele jogou o pano na pia e se aproximou dela. Cobriu a boca dela com a sua.

Ela respondeu desajeitadamente, exagerando após tanto tempo de abstinência, arranhando as costas dele.

O beijo terminou. Ele acariciou os cabelos dela.

— Não se preocupe. Não vou sugar seu sangue. Consigo controlar o impulso.

Ela fingiu pela metade que fazia o jogo dele. Mas metade dela acreditava.

— Não importa. Quero ser como você. — Uma piada?

Ele sentou na cadeira da cozinha, puxou-a de encontro a si e pôs sua face contra os seios dela.

— Não funciona assim. Você precisa ter os genes certos para ser suscetível.

— É realmente uma infecção? — Ainda meio que fingindo acreditar, quase fazendo pilhéria.

— Um vírus que te dá câncer. Tudo que sei é que, dos milhares que já fiz presa, só uns poucos tiveram a febre e sobreviveram para se tornar... como eu.

— Um vampiro?

— Um termo tão bom quanto qualquer outro. Um dos que infectei e sobreviveu foi meu filho. Ele teve a febre e se transformou. Por isso, acredito que seja genético. — Ele a puxou ainda para mais perto, como se buscasse seu calor.

— O que acontece se a presa não tiver os genes?

— Nada. Não acontece nada. Nunca tomo o suficiente para matar. Não mato um ser humano há mais de cem anos. Você está segura.

Ela se pôs de joelhos e abraçou a cintura dele. Ele levantou a cabeça dela em sua direção, acariciando seus braços e ombros nus.

— Seda — finalmente ele disse, puxando-a para cima, tocando seu seio. Ela havia amamentado Ashley, mas isso não havia impedido que ela desenvolvesse leucemia. Fogo e gelo efervesceram por seus seios, como se o seu leite estivesse descendo.

— Você se sente só?

— Meu Deus, sim. Foi a única razão pela qual me senti tentado a deixá-la fazer isso. Você sabe, eu tenho os instintos de um predador, é um dos efeitos. Mas eu nasci humano.

— Como infectou seu filho?

— Por acidente. Fui infectado logo depois de me casar. Pietra, minha esposa, morreu há muito tempo.

— Pietra. Nome estranho.

— Não era tão estranho na Florença do século XIII. Me transformei pouco depois de me casar. Fiquei muito doente. Sabia que precisava de sangue, mas não tinha conhecimento algum do porquê ou de como controlar minha sede. Tomei o sangue de um padre que foi me dar a extrema-unção. Minha sede era voraz demais. Eu o matei. Não foi assassinato, Gretchen. Não era mais culpado do que um bebê sugando um seio. A primeira sede é avassaladora. Bebi demais e, quando vi que ele estava morto, vesti minhas roupas e fugi.

— Abandonando sua esposa...

— Nunca mais a vi. Mas, anos depois, encontrei aquele jovem numa mesa de jogo. Fingi querer fazer amizade com ele. Subjuguei-o numa viela escura. Bebi para satisfazer minha sede. Tempos depois, o encontrei, transformado. Como rival pelo sangue da vizinhança. Eu o havia infectado, ele teve a febre e evoluiu para... o que sou. Mais tarde, juntei as peças; eu havia deixado Pietra grávida, aquele era nosso filho, veja só. Ele tinha os genes certos. Se não tivesse, aquela perda de sangue moderada nem mesmo se faria notar. — A mão dele acariciou o ombro nu de Gretchen.

— Onde ele está, agora?

— Sempre me pergunto. Eu o afugentei assim que ele terminou sua transformação. Vampiros não se suportam. Interferem na caçada um do outro.

— Por que me escolheu pra contar isso? — Ela tentou controlar sua voz, mas a ouviu engrossar.

— Digo às pessoas o que sou o tempo todo. Ninguém nunca acredita. — Ele se levantou, pondo-a de pé também, e beijou-a novamente, pressionando seus quadris contra o corpo dela. Ela correu suas mãos pelos ombros dele e soltou sua camisa. — Você também não acredita em mim.

E então, ela sorriu.

— Eu quero acreditar em você. Já lhe disse, não quero ser humana.

Ele ergueu as sobrancelhas e sorriu para ela, de cima.

— Duvido que você tenha os genes certos para ser qualquer outra coisa.

O quarto dele era asseado e parcamente mobiliado. Ela reconheceu livros da Tomos da Srta. Trilby, *Dragão Vermelho* e *Confissões de um Devorador de Ópio Inglês*, numa prateleira baixa, próxima a cama. Inesperadamente, ele a ergueu, tirando seus pés do chão, e a pôs sobre o edredom. Eles se beijaram novamente, um beijo longo e complicado. Ele a tomou devagar. Não fechou a porta e, da cama, ela podia ver a tela do computador dele na sala. Os espectros de Giger em sua proteção de tela dançavam lentamente à paixão deles. Então, ela fechou os olhos e os espectros dançaram por trás de suas pálpebras.

Quando terminaram, ela sabia que tinha mentido; se não era amor o que sentia, então era algo igualmente forte e perigoso.

Com o dedo, ela percorreu uma veia no dorso da mão dele.

— Você nasceu na Itália?

Ele beijou a mão com a qual ela traçava suas veias.

— Centenas de anos atrás, sim. Antes de minha carne se tornar dormente.

— Então, por que não tem sotaque?

Ele rolou, deitando-se de costas, com as mãos atrás da cabeça e sorriu, galhofeiro.

— Sou americano há mais tempo que você. Me esforcei para me livrar do sotaque. Não vai me perguntar sobre o sol, o alho e as balas de prata?

— É tudo superstição?

— Ao que parece. — Ele sorriu, ironicamente. — Mas você vai deixando de sentir, gradualmente.

— Está dizendo que é incapaz de amar.

Ele bateu a mesa de cabeceira em busca de uma caneta. Enfiou a ponta em seu braço.

— Está vendo? — O sangue brotou lentamente.

— Pare! Meu Deus, precisa se machucar?

— Só estou demonstrando. A carne foi consumida pelo... pelo câncer, se é que se trata de um. Começa nas partes mais frias do corpo. Nada mais de nervos. Eu não *sinto*. Não tem nada a ver com emoções.

— E por você ser territorialista...

— Sim. Mas as emoções não morrem, exatamente. Há esse conflito horrível. E fisicamente, a metástase continua, bem lentamente. Ouvi falar de um vampiro bem velho cujo cérebro se transformou. Ele era pior que um tubarão, uma máquina de matar...

Ela se cobriu com os lençóis. O quarto parecia frio, agora que eles não estavam mais entrelaçados.

— Você pareceu humano o suficiente quando...

— Você não sentiu quando eu a beijei?

— Senti...

Ele guiou o dedo indicador dela por dentro de sua boca, debaixo de sua língua. Ali, um pequeno órgão ósseo, com espinhos minúsculos, retraídos sob a raiz da língua.

Ela puxou a mão de volta, subitamente assustada. Ele a apanhou e beijou-a outra vez, quase zombeteiramente.

Ela estremeceu, a ternura se confundindo com o terror, e afundou o rosto no travesseiro. Mas não era isso que ela secretamente imaginava, que esperava?

— Da próxima vez — ela disse, virando o rosto para ele, como uma margarida sob o sol —, tire sangue, tire.

Os espectros no protetor de tela dançavam.

A ideia de pegar um ônibus para Seattle a enchia de pavor e ela a pôs de lado, como se, de algum modo, ficando em Warren, pudesse impedir

o curso da realidade. Mas uma segunda carta, esta assinada por Miriam, sua ex-cunhada, a forçou a encarar os fatos. A quimioterapia, escreveu Miriam, não estava funcionando dessa vez. Ashley estava “esmorecendo”.

“Esmorecendo”!

A mesma correspondência trouxe um cartão postal de Scuroforno. *Fora da cidade a negócios, cuidando de investimentos. Fique bem, humana*, escreveu ele.

Ela disse à Srta. Trilby que precisava de uma folga para visitar Ashley.

— Cordeirinho, você está com uma cara péssima. Não vá de ônibus. Eu empresto dinheiro pra que vá de avião e você me paga quando se casar com algum advogado rico.

— Não, Srta. Trilby, só estou resfriada, só isso. — Sua pele coçava, sua garganta e sua boca estavam doloridas, a cabeça latejava.

Naquela tarde, elas tiraram a poeira dos livros. Quando Gretchen desceu da escada de armar, estava tão exausta que se aconchegou no sofá do escritório com um exemplar de *Como Você Desejar*. As palavras dançavam na frente de seus olhos, mas podiam impedi-la de pensar, pensar em Ashley, pensar em câncer, em células imortais matando seu hospedeiro mortal. Pensar em *imortalidade*. Podia ter funcionado. Um câncer diferente. Então, ela parou de pensar.

E acordou no Hospital de Todas as Almas, com dor e confusa.

— Beba. Está desidratada — disse a enfermeira. O quarto cheirava a alvejante e flores mortas.

Quem a trouxera?

— Não sei. Sua patroa? Uma senhora idosa. O médico já vem falar com você. Tente tomar pelo menos um copo por hora.

Nos momentos de lucidez, Gretchen se regozijava. Era a transformação, com certeza, era a transformação. Se ela sobrevivesse, seria libertada de todo o peso degradante que ser humana fazia ela carregar.

Os exames não apontaram nada. Claro, o vírus não se reproduziria em cultura *in vitro*, pensou Gretchen. Se fosse um vírus.

Ela despertava à noite, pensando em sangue humano. Choramingou quando levaram embora sua companheira do outro leito, uma viúva anoréxica, quase seca, mas uma sedutora fonte de umas poucas e deliciosas gotas... se ao menos ela conseguisse alcançá-la enquanto as enfermeiras estivessem longe.

A Srta. Trilby a visitou e só uma vontade férrea impediu que Gretchen saltasse sobre ela.

— Fique longe de mim! Eu vou matar você! — ela gritou. Os médicos, incapazes de identificar a doença, devem ter ficado preocupados com seu surto; não colocaram mais ninguém com ela no quarto. Mas não lhe deram alta, embora ela não tivesse plano de saúde.

A Srta. Trilby não voltou mais.

Nunca pensaram em câncer. Câncer não causa febre, sede e olhos tão, tão brilhantes, além da insensibilidade nos dedos.

Por fim, ela atinou que já tinha esperado demais. Nos poucos momentos de cada dia em que o delírio a abandonava, ela estava fraca demais para subjugar alguém.

Scuroforno chegou quando ela já estava prestes a partir. Estava acordada, flutuando, saboreando o doce hálito da morte, o cheiro dos desinfetantes.

— Estou em quarentena — ela sussurrou. Isso não era verdade, mas ninguém tinha ido vê-la desde sua investida contra a Srta. Trilby.

Ele ignorou aquilo e desembulhou uma grande seringa.

— O que você precisa é de sangue. Mas eles não pensariam nisso.

— Onde conseguiu isso? — Sangue era tão lindo. Ela queria apertar os pulsos de Scuroforno contra a delicada estrutura que coçava sob sua língua, abandonar-se ao calor de suas veias.

— Você está fraca demais para beber. O ideal seria que consumisse vários litros de sangue humano. Mas o meu vai servir.

Doente de fome, Gretchen observou-o fazer o torniquete em seu próprio braço, deslizar a agulha na veia no interior de seu cotovelo e drenar o sangue.

Ela esticou as mãos para a seringa. Scuroforno a segurou longe dela. Gretchen arremeteu com a força da morte. Ele pôs a seringa na mesa atrás dele, agarrou os pulsos dela e segurou-os junto um do outro.

— Você é mais forte do que eu esperava. — Ele apertou até que a dor distante a subjugasse. Ela fingiu relaxar, ainda fixada no gole de sangue, tão próximo. Ela se lançou contra a garganta de Scuroforno, mas ele a conteve facilmente.

— Pare! Não há sangue suficiente na seringa para ajudá-la se você o beber! Se eu o injetar, vai sentir algum alívio. Mas meu sangue é proibido.

Sim, Gretchen o teria matado, teria matado qualquer um por sangue. Ela se recostou, tremendo de desejo. A agulha penetrou sua veia e ela nem sentiu a picada. Estremeceu de prazer quando o sangue correu para dentro. Ela sentia seu gosto. Sangue velho, azedado por uma fome toda sua, mas o eco da saciedade irradiava de seu braço.

— Aqui tem algumas roupas. Deve estar forte o bastante para andar até o carro. De lá, eu carrego você.

Ela buscou desajeitadamente os punhos dele.

— Não. Mais um pouco de sangue de vampiro mataria você. Ou — ele riu sinistramente —, poderia ficar forte o suficiente para me matar. De pé. — Ele a ergueu como se ela fosse uma criança.

Em seu apartamento, ele a carregou para o quarto e a deitou na cama. Ela farejava sangue. Junto dela estava uma garota inconsciente, talvez de uns vinte anos, muito loira, vestida com uma calça de suede branca, botas e sutiã rendado preto. Ineptamente, Gretchen buscou a jugular da garota. Ela usava um forte perfume de jasmim, uma fragrância falsificada barata, insistente e *sexy*.

— Espere. Não rasgue a pele e desperdice tudo. Seja cuidadosa. — Ele se inclinou e pressionou a boca contra o pescoço da garota.

Gretchen deu o bote.

Exultante, ela afundou seu novo órgão sugador de sangue no pescoço da garota, mas descobriu que estava no lugar errado. Sibilando de raiva, ela se soltou e tentou uma terceira vez. Um conforto salgado e espesso se infiltrou em seu corpo feito uísque quente.

Um instante depois, Gretchen sentiu Scuroforno deslizar seu dedo para dentro da boca dela, interrompendo a sucção. Ela se afastou, tonta de frustração. Scuroforno segurou seus braços, machucando-a. A dor estava em outro universo. Ela tentou se soltar.

— Você vai matá-la — alertou ele.

— Quem é ela? — Gretchen se forçou ao autocontrole e olhou desejosamente para a garota, que parecia em coma.

— Ninguém. Uma garota. Eu a capturo vez por outra. Nunca tiro sangue o bastante para fazer mal a ela. Na verdade, não gosto de machucar as pessoas.

— Ela está drogada?

— Não, não. Eu... nós somos imunes a bactérias e afins, mas drogas nos fazem mal. Eu a hipnotizei.

— Você a hipnotizou... ela passa esse tempo todo dormindo?

— Ela acha que está podre de bêbada. Aqui, me ajude a vestir o suéter dela de volta.

— Ela acha que você fez amor com ela?

Scuroforno sorriu.

— Você fez amor com ela?

Ele se ocupou de ajustar as roupas da garota.

Gretchen se recostou na cabeceira.

— Preciso de mais, meu Deus, preciso de mais.

— Eu sei. Mas vai ter que achar por conta própria, de agora em diante.

— Como faço pra eles se submeterem?

Scuroforno bocejou.

— Isso é problema seu. Resgatá-la já foi trabalho duro. Daqui para a frente, vai ter que encontrar seu caminho. Você agora é mais esperta e mais forte que os humanos. Já notou que sua sinusite está curada?

— Nick, me ajude.

Ele não olhou para ela.

— Seria melhor se deixasse a cidade agora.

— Mas você me salvou.

— Agora você é minha adversária. Vá embora, antes que a sede de sangue a domine, antes de irmos atrás da mesma presa.

Ela conteve a fome bem no fundo de si mesma, lembrando-se das emoções humanas.

— Não faz diferença o fato de eu amá-lo? — E, de repente, ela o amava.

— Amanhã, também saberá o que é o ódio.

Saindo do apartamento, ela notou que ele usava uma nova proteção de tela: glóbulos vermelhos flutuando em um fundo preto, inchando e estourando.

No ônibus com destino a Seattle, ela chorou. Sim, ela o havia amado e também havia aprendido o que era o ódio. Brincava com uma agulha de costura, espetando seus dedos. Dormentes. Mas seus sentimentos não estavam dormentes, ainda não. Isso viria a acontecer? Nick estava emocionalmente morto?

A dormência física iria se espalhar? Se seu corpo era imortal, por que ela precisaria de nervos e dor para alertá-la do perigo?

Talvez ela viesse a se arrepender da barganha que fez.

Sim, a dormência se espalhou. Seus dedos e suas mãos eram imunes a dor, mas ela ainda sentia sede. O câncer havia se espalhado até sua língua e seus nervos, desejoso de ser alimentado.

Seu colega de assento era um missionário mórmon, separado de seu companheiro pela lotação do ônibus. Em Chicago, ele pediu a ela para

trocarem de lugar, para que pudesse sentar ao lado do parceiro. Mas ela se recusou. Isso não se encaixava nos planos dela.

Ela acariciou o rosto dele, segurou sua nuca num aperto perverso, sempre sorrindo, feito um gato. Mal sentindo sua própria pele, mas sentindo vividamente o alimento sob a dele. Ele tentou repeli-la, rindo desconfortavelmente, acreditando ser algum jogo erótico. Uma mulher atirada e libidinosa. Então, ele se viu lutando, inutilmente. Tentou torcer o dedão dela, uma autodefesa infantil. Ela não sentiu dor alguma. Então, ele se pôs a choramingar, depois foi arrefecendo, até cair num transe. Com a boca aberta, ela beijou sua garganta. Bebeu dele. Bebeu de novo e de novo. Se ele tivesse lutado, ela poderia ter quebrado o pescoço dele. Estava completamente transformada.

Em Seattle, a enfermeira do setor de pediatria foi um desafio para ela. Farejando o ácido fênico e a doce e adoecida urina que nunca poderia ser de fato limpa, Gretchen vislumbrou seu reflexo numa tela de computador desligada atrás da enfermeira. Ela parecia predatória agora. Feito um manequim de cera, mas também como um puma. Poderosa. Diferente de qualquer outra mãe. Duas outras enfermeiras brotaram, como se pressentissem problemas.

Ela mostrou à enfermeira sua carteira de motorista. Quase acreditaram nela nessa hora. Deixaram-na atravessar o corredor até o quarto 409. Mas, ainda assim, os olhos das enfermeiras a seguiram. Ela havia mudado.

Gretchen abriu a porta. A enfermeira do setor surgiu atrás dela.

Aquela menina careca, raquítica e definhada, presa a um emaranhado de tubos, não podia ser sua Ashley.

Ashley também havia sido transformada. Por um tipo menos benigno de câncer.

A enfermeira fungou.

— Sinto muito. Ela decaiu bastante nas últimas semanas. — A enfermeira claramente não estava de acordo com mães que não

detinham a guarda. Talvez nem acreditasse ainda que essa mulher tranquila e forte fosse a mãe.

Quando Gretchen era humana, poderia ter se sentido humilhada, tentado explicar que Ashley foi tirada dela por artimanhas legais. Agora, simplesmente considerava a enfermeira um conveniente reservatório de bebida do qual, sob as condições adequadas, ela poderia sorver. Gretchen sorriu, um sorriso felino, e a enfermeira não pôde sustentar seu olhar.

— Ashley — disse Gretchen quando ficaram sozinhas. Ela havia levado o livro de Jan Pieńkowski, embrulhado em papel aveludado vermelho estampado com gatinhos pretos. Ashley gostava de gatos. Ela adoraria os *pop-ups* de casas assombradas. Elas o leriam juntas. Gretchen pôs o presente na cadeira, porque antes precisava cuidar de coisas mais importantes. — Ashley, é a mamãe. Acorde, querida.

Mas a pequena menina só abriu os olhos, enormes e arroxeados no rosto comprimido, e soluçou debilmente.

Gretchen baixou a grade ao lado da cama e passou um braço por baixo de Ashley. A criança estava assustadoramente leve.

Gretchen sentiu o calor febril da criança, sentiu o cheiro dos antissépticos no quarto e o doce aroma de menina da pele de sua filha. Mas isso tudo estava longe. Gretchen estava sendo incorporada por algo imortal.

Somos muito territoriais. Não tinha sido isso que Nick havia dito? *Não é uma dormência emocional; é física.* E a lembrança dele golpeando seu braço com a caneta, a agulha em sua veia, seus próprios dedos dormentes; como tudo, até o calor de sua filha e o cheiro da criança e do quarto, tudo estava se afastando, se distanciando. Imortal. Dormente. Forte para além da força humana. Sozinha.

Ela encostou sua nova e predatória boca na garganta da filha. Ashley a agradecerá por isso?

Agora, ela tinha que decidir.

-
2. Popular enciclopédia voltada para jovens. - N. da T.
 3. Óculos com uma haste lateral para ser segurada em frente aos olhos pelo usuário. - N. da T.
 4. H.R. Giger, artista plástico suíço com obra voltada ao surrealismo e ao fantástico. - N. da T.

O VINGATIVO ESPÍRITO DO LAGO NEPEAKEA

Tanya Huff

A canadense Tanya Huff é autora de romances de ficção científica e fantasia, tais como *Wizard Crystal*, *Quarters*, *Keepers Chronicles*, *Valor Confederation* e a série *Enchantment Emporium*, além de alguns romances avulsos e quatro coletâneas de contos.

Porém, seus livros mais populares são os da série *Blood*, protagonizados pela ex-detetive de polícia Victoria “Vicki” Nelson, por seu ocasional amante, o detetive Mike Celluci, e pelo secular vampiro e escritor de romances Henry Fitzroy, que juntos solucionam mistérios. A série teve início em 1991, com *Blood Price*, ao qual se seguiram *Blood Trail*, *Blood Lines*, *Blood Pact*, *Blood Debt* e a coletânea de contos *Blood Bank*. Uma posterior trilogia derivada, chamada *Smoke* (*Smoke and Shadows*, *Smoke and Mirrors* e *Smoke and Ashes*) é protagonizada por Tony Foster, amigo de Henry, que trabalha em uma série de TV sobre um vampiro detetive.

Os livros da série *Blood* se tornaram a base para o programa televisivo *Blood Ties*, exibido pelo canal Lifetime, em 2007, estrelando Christina Cox como Vicki, Dylan Neal como Mike e Kyle Schmid como Henry. Foram exibidos vinte e dois episódios.

“Não faço ideia do porquê vampiros têm sido tão incrivelmente populares nessas últimas décadas”, afirmou a autora. “Talvez seja nosso fascínio pela adolescência perpétua. Como dizia a chamada no pôster do filme *Os Garotos Perdidos*: ‘Dormir o dia inteiro. Festejar a noite toda. Nunca envelhecer. Nunca morrer. É divertido ser um vampiro’.”

“Talvez nessas culturas, que se afastaram de qualquer conexão com um ciclo natural da vida, esse seja outro modo de negar o inevitável. Uma imortalidade fácil, por assim dizer. Talvez seja por haver algo inerentemente trágico a respeito do vampiro, seja herói ou vilão – a fragilidade subjacente à força. Ou talvez só haja muita gente boa escrevendo histórias de vampiro hoje em dia, e os leitores vão aonde a qualidade está.”

Huff revela que teve a ideia para *O Vingativo Espírito do Lago Nepeakea* durante uma visita a um condomínio de casas de temporada na Flórida. “Nesses tempos do politicamente correto, é cada vez mais difícil encontrar um vilão satisfatório, mas, depois de passar duas horas com um vendedor altamente insistente e bajulador, percebi que tinha encontrado um vilão que praticamente todo mundo ficaria bem feliz em ver recebendo o que merecia.”

“A narrativa do conto foi crescendo conforme eu ia pesquisando as estranhas e maravilhosas possibilidades dos lagos de grande profundidade. Se algum de vocês quiser saber o que realmente está acontecendo aqui, vá atrás de um exemplar do fascinante livro de Michael Bradley, *More Than a Myth: The Search for the Monster of Muskrat Lake*. Ele certamente me fez mudar de ideia quanto a nadar depois de escurecer...”

— ACAMPAR?

— Por que o espanto? — Arrastando o velho cooler turquesa atrás dela, Vicki Nelson, ex-policia em Toronto e atualmente a mais bem-sucedida investigadora paranormal da cidade, saiu do vão sob o assoalho da casa de Mike Celluci.

— Por quê? Talvez porque você nunca tenha ido acampar em toda a sua vida. Talvez porque sua ideia de dureza seja um hotel sem serviço de quarto. Talvez... — Ele se afastou apenas o suficiente para deixar Vicki passar e, então, a seguiu até o salão de jogos — ...porque você seja uma...

— Uma? — Colocando o cooler entre dois sacos de dormir e um par de pés de pato antiquíssimos, ela voltou seu rosto para ele. — Uma o quê, Mike? — Olhos cinzentos se tornaram prateados.

— Para com isso.

Com um sorriso, ela voltou sua atenção novamente para o cooler.

— Além disso, não vou estar de férias, eu vou a trabalho. Você é quem vai aproveitar as maravilhas de estar ao ar livre.

— Vicki, meu conceito das maravilhas de se estar ao ar livre é ir ao Skydome ver um jogo do Jays.

— Ninguém está obrigando você a ir. — Pondo a tampa de lado, ela torceu o nariz para o cheiro que as profundezas do cooler exalavam. — Quando foi a última vez que usou essa coisa?

— Piquenique da polícia, 1992. Por quê?

Ela o virou de ponta-cabeça. O corpo dessecado de um rato rolou para fora, quicou duas vezes e parou com seus olhinhos sem vista encarando Celluci.

— Acho que você precisa comprar um cooler novo.

— Acho que preciso de uma explicação melhor do que “tenho uma ótima opção pra você passar seu fim de semana prolongado” — ele suspirou, chutando o minúsculo cadáver pra baixo do sofá do salão de jogos.

— Então, esse empreiteiro de Toronto, Stuart Gordon, comprou um velho chalé às margens do Lago Nepeakea e quer construir um condomínio de casas rústicas de temporada, pra que executivos juniores possam relaxar na floresta. Infelizmente, um dos agrimensores sumiu e, ao que parece, a opinião local é que ele emputeceu o espírito protetor do lago...

— O quê?

Vicki pegou a pista contrária para ultrapassar um caminhão de carga e habilmente devolveu a van à sua própria pista antes de responder.

— O espírito protetor. Você sabe, o tipo de coisa que se ergue do lago pra derrotar o mal. — Uma rápida olhadela em direção ao banco do passageiro a fez franzir as sobrancelhas. — Mike, você tá bem? Vai deixar marcas de dedo permanentes no painel.

Ele balançou a cabeça. O caminhão carregado de toras descendo do norte de Ontário não os havia acertado por centímetros. Um metro, no máximo. Certo, talvez mais, mas não muito. Quando eles deixaram a cidade, logo após o pôr do sol, pareceu lógico que Vicki, com uma melhor visão noturna, dirigisse. Ele agora se arrependia dessa lógica, mas, percebendo que não tinha a menor das esperanças de tomar a direção do veículo, tentou se forçar a relaxar.

— O limite de velocidade não é só uma boa ideia — ele grunhiu, entredentes. — É a lei.

Ela abriu um sorriso, os dentes muito brancos na escuridão.

— Você não costumava ficar tão nervoso.

— Eu não costumava ter motivo. — O aperto de seus dedos não afrouxava, portanto, ele os deixou onde estavam. — Então, esse agrimensor desaparecido, o que ele...

— Ela.

— ...ela fez pra deixar o espírito protetor puto?

— Nada de mais. Só estava trabalhando pro Stuart Gordon.

— O mesmo Stuart Gordon pra quem você está trabalhando.

— O próprio.

Certo. Celluci olhou para as árvores lá fora e tentou não pensar em quão rápido elas estavam passando. *Vicki Nelson contra o espírito protetor do Lago Nepeakea. Essa é digna do pay-per-view...*

— Este é o lugar.

— Não. Pra que este fosse “o lugar”, deveria haver algo aqui. Tem que haver um “lugar” antes que ele possa ser “o lugar”.

— Odeio admitir — resmungou Vicki, se inclinando para a frente e espreitando por sobre o arco do volante —, mas você tem razão.

Eles atravessaram o vilarejo de Dulvie, viraram à direita no celeiro abandonado e seguiram as placas apagadas que indicavam O CHALÉ. A estrada, se é que se podia chamar de estrada a pista sulcada dos últimos quilômetros, havia terminado, assim como indicavam as instruções que ela havia recebido, num pequeno estacionamento de cascalho — ou, mais especificamente, numa área retangular bem compactada que agora poderia ser chamada de estacionamento porque ela havia parado a van ali.

— Ele disse que daria pra ver o chalé daqui.

Celluci bufou.

— Talvez dê pra você.

— Não. Não dá. Tudo que vejo são as árvores. — Ela pelo menos presumia que fossem árvores, o alto contraste entre a área que seus faróis cobriam e a total escuridão mais adiante faziam com que fosse difícil ter certeza. Silenciosamente xingando a si mesma com todos os sinônimos de idiota, ela desligou os faróis. As sombras se dividiram em meia dúzia de grandes abetos e na silhueta de um telhado acentuadamente anguloso para deixar a neve escorrer.

Uma vez que parecia que eles haviam chegado, Vicki desligou o motor. Após um segundo de silêncio, a noite explodiu em uma cacofonia de ruídos discordantes. Com as mãos sobre seus ouvidos sensíveis, ela afundou de volta no banco.

— Que diabos é isso?

— Sapos com tesão.

— Como você sabe? — ela inquiriu.

Ele deu um sorriso de superioridade.

— PBS⁵.

— Ah. — Eles ficaram ali sentados por um momento, ouvindo os sapos. — As criaturas da noite — suspirou Vicki — fazem uma música e tanto. — Bufando sarcasticamente, ela saiu da van. — De alguma forma, eu esperava que o meio do nada fosse bem mais tranquilo.

Stuart Gordon tinha enviado a Vicki a chave da porta dos fundos do chalé e, assim que ela acionou o disjuntor principal, eles se viram em uma moderna cozinha de aço inoxidável que parecia saída diretamente de algum pequeno restaurante da moda em Toronto. O súbito zumbido da geladeira sendo ligada abafou os sapos momentaneamente e tanto Vicki quanto Celluci relaxaram.

— E agora? — ele perguntou.

— Agora, nós tiramos sua comida do cooler, achamos um quarto pra você e aproveitamos o melhor que pudermos o tempo que temos antes do sol nascer.

— E quando o Sr. Gordon vai chegar?

— Amanhã à noite. Não se preocupe, estarei de pé.

— E eu fico fazendo o que amanhã, durante o dia?

— Vou deixar minhas anotações aqui fora. Tenho certeza de que pensará em algo.

— Achei que eu estava de férias.

— Então, faça o que costuma fazer quando está de férias.

— Bato perna no seu lugar. — Ele cruzou os braços. — E nas minhas últimas férias... que também foram ideia sua... quase perdi um rim.

Fechando a porta da geladeira, Vicki cruzou o cômodo entre um batimento cardíaco e outro. Inclinando-se para ele, seus corpos se

tocando entre o tornozelo e o peito, ela sorriu para os olhos dele e afastou de sua testa um longo cacho de seus cabelos.

— Não se preocupe. Eu te protejo do espírito do lago. Não tenho intenção alguma de dividir você com outro ser lendário.

— Lendário? — Ele não pôde conter um sorriso. — Tá se achando muito, hein?

— Tem certeza de que vai estar segura na van?

— Deixe de bobagem. Sabe que vou ficar bem. — Puxando seu jeans por sobre os quadris, ela olhou pela janela e balançou a cabeça. — Tem um grande bocado de nada lá fora.

Da cama, Celluci podia ver uma porção de estrelas e o topo de um dos abetos.

— É bem verdade.

— E não gosto nada disso.

— Então, por que estamos aqui?

— Stuart Gordon não parava de falar. Nem me lembro de ter dito sim, mas quando dei por mim, tinha concordado em pegar o caso.

— Ele pressionou *você*? — Enfatizando o pronome no final, Celluci deixava bem claro que não acreditava que tal coisa fosse possível.

— Não, não foi pressão. Foi o máximo poder de fogo do convencimento.

— Ele parece ser um príncipe.

— Ah, é? Bom, Maquiavel também. — Já vestida, ela se inclinou por cima da cama e beijou-o de leve. — Quer ouvir algo romântico? Quando o dia fizer eu me recolher, sua vida vai ser a única que serei capaz de sentir.

— Romântico? — A respiração dele se acelerou enquanto ela lambia as minúsculas perfurações em seu pulso. — Eu me sinto uma marmit... Ai! Tá bom. É romântico.

Embora ela tenha tentado dar leveza à sua voz quando contou a Celluci, Vicki realmente não gostava de estar ao ar livre. Talvez porque a selva de vidro e concreto ela compreendesse e porque precisasse do anonimato das três milhões de vidas compactadas firmemente ao redor da dela. De pé, ao lado da van, ela deslocou seu olhar dos primeiros indícios da aurora para as últimas sombras remanescentes da noite e não pôde evitar se sentir excluída, de que existia algo para além do que ela podia enxergar e do qual não fazia parte. Vicki duvidou que os executivos juniores de Stuart Gordon se sentissem parte disso e se perguntou por que alguém iria querer construir um condomínio em meio a tamanha singularidade.

Os sapos já tinham desistido de tentar transar e o silêncio parecia estar esperando por algo.

Esperando...

Vicki passou os olhos pelo Lago Nepeakea. Assentado como um espelho de prata no fundo de uma escarpa rochosa. Nem uma única ondulação perturbava a superfície. A pouco mais de um quilômetro e meio dali, um reflexo perfeito trazia a margem oposta ainda mais para perto.

Esperando...

Bacurau!

Vicki estremeceu com o som súbito e perfurante e entrou na van. Depois de trancar tanto as portas externas quanto as internas, ela se despiu rapidamente — se fosse encontrada durante o dia, estar nua seria o menor de seus problemas —, deitou-se entre as laterais altas e acolchoadas de sua cama estreita e esperou o amanhecer. O chamado do pássaro, repetido com a frequência de uma tortura chinesa, abriu caminho pela vedação especial e o revestimento interno.

— Cara, que coisa irritante — ela resmungou, cruzando os dedos sobre o estômago. — Será que Celluci conseguiu dormir...?

Assim que ouviu a porta da van se fechando, Celluci caiu num sono sem sonhos que durou até pouco depois do meio-dia. Quando acordou,

olhou para o teto e se perguntou onde estava. A madeira rústica parecia ter sido revestida de creosoto num passado muito distante.

— Não tem isolamento, odiaria estar aqui no inverno...

Então, ele se lembrou onde era o *aqui* e despertou totalmente.

Vicki o havia arrastado para um chalé no meio da mata, ao norte da Baía Georgiana, para caçar o espírito nativo, aparentemente homicida, que protege o lago.

Poucos minutos depois, com seu saco de dormir impecavelmente enrolado na ponta da velha cama de ferro, ele estava na cozinha passando café. Aquele tipo de tomada de consciência ao despertar precisava de cafeína.

No balcão próximo à cafeteira, bem onde seria certo de que ele a encontraria antes de qualquer coisa, Celluci achou uma pasta com uma etiqueta escrito LAGO NEPEAKEA na inconfundível caligrafia de Vicki. As primeiras poucas páginas de cartolina acetinada claramente haviam sido enviadas por Stuart Gordon junto da chave. Uma concepção artística do condomínio mostrava uma grande construção em formato de “L”, onde agora havia o chalé e três dúzias de “cabanas” espalhadas pela mata, as portas da frente ligadas por amplas trilhas de cascalho. Aparentemente, os hóspedes se deslocariam aos seus chalés particulares em carrinhos de golfe.

— Que eles também podem usar em um... — Celluci virou a página e balançou a cabeça, descrente. — ...campo de golfe de nove buracos. — Claramente, uma grande parte do projeto do Sr. Gordon envolvia escavadeiras. E, logo depois das escavadeiras, viria o *cappuccino*. Ele estremeceu.

As páginas seguintes estavam unidas por um clipe e se revelaram como sendo fotocópias de matérias de jornal sobre o desaparecimento da agrimensora. Ela estava com seu parceiro, tarde da noite, tentando terminar o trabalho em um pedaço pantanoso da orla destinado a ser aterrado e pavimentado para quadras de tênis, quando, de acordo com o parceiro, ela deu um passo para trás na lama, avisou que algo havia se

movido sob seu pé, perdeu o equilíbrio, caiu, gritou e desapareceu. A polícia de Ontário, auxiliada por voluntários locais, empreendeu uma extensa busca, mas ela não foi encontrada. Uma vez que a área geralmente era evitada por causa dos sumidouros, desses que um consternado Stuart Gordon jurou não fazer ideia de que existiam... *Consternado provavelmente por ter que deslocar suas quadras de tênis*, matutou Celluci... o veredito oficial afirmava que ela provavelmente havia pisado em um deles e tinha sido sugada pela lama.

A manchete na página seguinte declarava, EMPREITEIRO ENFURECE ESPÍRITO e, numa fonte ligeiramente menor, AGRIMENSORA PAGA O PREÇO. A foto mostrava uma mulher idosa, com longas tranças cinzentas e um perfil aquilino encarando enigmaticamente a água. À primeira vista, parecia ser uma anciã dos Povos Originários. Porém, ao ler de fato o texto, Celluci descobriu que Mary Joseph havia se mudado de Toronto para Dulvie em 1995 e se tornado, nos anos seguintes, a autoproclamada guardiã do mito local. De acordo com a Srta. Joseph, embora tivessem ocorrido vários avistamentos ao longo dos anos, houve apenas outras duas ocasiões em que o espírito do lago tinha se sentido ameaçado o suficiente para matar. “Ele reivindica o lago”, assim afirmavam que ela tinha dito, “daqueles que vêm perturbar sua paz”.

— De duas semanas atrás — notou Celluci, conferindo a data. — Trágico, mas dificilmente uma razão pra Stuart Gordon se dar ao trabalho de convencer Vicki a deixar a cidade.

A última fotocópia incluía um *close* da porta de um carro que parecia ter sido atingida por ácido. ESPÍRITO ATACA VEÍCULO DE EMPREITEIRO. Durante a noite de 13 de maio, o protetor do Lago Nepeakea rastejou pelo estacionamento do chalé e secretou algo corrosivo e com nítido cheiro de peixe no Isuzu Trooper novinho de Stuart Gordon. *Uma trilha de samambaias mortas, com pouco mais de trinta centímetros de largura e cheirando fortemente a peixe podre, levava de volta ao lago.* Mary Joseph pareceu convencida de que era uma manifestação do espírito, a polícia estava à procura de qualquer pessoa que tivesse

informações sobre o vandalismo, e Stuart Gordon anunciou que estava trazendo um investigador especial de Toronto para resolver a questão de uma vez por todas.

Era inteiramente provável que a agrimensora tivesse pisado num buraco de lama e que vândalos locais estivessem usando as lendas do espírito contra um empreiteiro impopular. Inteiramente provável. Mas a vida com Vicki havia forçado Mike Celluci a lidar com meia dúzia de coisas improváveis toda manhã antes do café, então, de caneca na mão, ele saiu para investigar a cena do crime.

Por causa da parede de abetos — embora, dado seu tamanho, “barricada” fosse um termo mais descritivo —, o estacionamento não podia ser visto do chalé. Considerando a aparência impenetrável dos ramos entrecruzados, Celluci estava propenso a apostar que nem mesmo a luz poderia atravessá-la. O espírito poderia ter feito o que quisesse, até mesmo trocar o óleo, em perfeito segredo.

Espantando um ou dois insetos de seu rosto, Celluci encontrou a trilha pela qual haviam chegado na noite anterior e a seguiu. Na hora em que alcançou a van, um ou dois insetos tinham se transformado em vinte e nove ou trinta, e ele sentiu a primeira picada em sua nuca. Quando deu um tapa no local, seus dedos voltaram pontilhados de sangue.

— Vicki não vai ficar nada feliz com isso — disse ele rindo, limpando a mão na calça jeans. Na segunda e na terceira picadas, ele parou de rir. Na quarta e na quinta, realmente já não dava a mínima para o que Vicki pensava. Quando parou de contar, já estava correndo para o lago, esperando que a brisa que ele via agitando a superfície fosse o bastante para soprar aqueles escrotinhos pra longe.

O tênue, mas inconfundível cheiro de peixe podre, se ergueu das samambaias mortas, esmagadas sob os pisões de seus pés, e ele percebeu que estava seguindo a trilha feita pela aparição. Tinha cerca de sessenta centímetros de largura e descia por uma escarpa desconfortavelmente íngreme do estacionamento até o lago. Mas não exatamente por toda a

extensão até o lago. A trilha terminava a cerca de um metro acima da água em uma borda de granito.

Xingando, principalmente Vicki, Celluci se jogou para trás, de algum modo conseguindo salvar seu café e ele próprio de um inesperado mergulho. A nuvem de insetos que o seguia repetiu seu movimento, sem esforço. Uma rápida olhadela através dos mosquitos mostrou que a borda afunilava para a direita. Ele desceu saltitando por ela até a beirada da água e se viu em uma pequena praia artificial, olhando para uma doca flutuante que se estendia por talvez cinco metros lago adentro. A proximidade com a água parecia *ter* desencorajado o enxame, então ele se dirigiu para a doca, torcendo para que a brisa fosse mais forte no final dos cinco metros.

E era. Catando uns poucos corpos de seu café, Celluci deu um longo e agradecido gole e se virou para olhar de volta para o chalé. Estudando o caminho que havia tomado, ficou admirado de não ter quebrado um tornozelo e teve que prestar um certo reconhecimento a quem, ou o que, o havia criado. Uma escada acinzentada feita de toras partidas oferecia um caminho mais convencional até a água e a pequena porção de terra arenosa, mantida no lugar por uma parede de pedra. O projeto de Stuart Gordon incluía uma praia muito maior e a substituição da velha doca de madeira por três píeres de concreto.

— Um pro papai urso, outro pra mamãe urso e outro pro bebê urso — Celluci ponderou, arrastando os pés pela plataforma que balançava suavemente, até dar de cara com a água. Não muito longe dali a margem oposta era uma muralha uniforme de árvores. Ele não sabia se *havia* ursos nessa parte da província, mas com certeza não faltariam dependências sanitárias para eles, qualquer que fosse a quantidade em que estivessem. Deixando a brisa soprar seu cabelo para trás do rosto, ele deu outro gole no café que esfriava rapidamente e escutou o silêncio. Era enervante.

O súbito ronco de um motor de barco chegou como um alívio bem-vindo. Vendo-o quicar rio acima, ele considerou a distância pela qual o

som se propagava ali e fez um apontamento mental para fechar a janela caso Vicki viesse a passar uma parte significativa de alguma noite com ele.

No momento em que a distância permitiu, o condutor do barco acenou por cima do para-brisa rachado e, numa curva inclinada e fechada, que espalhou uma enorme cauda d'água para trás de sua popa, se encaminhou exatamente para o ponto em que Celluci estava. Os dedos de Celluci se apertaram ao redor da alça da caneca, mas ele se manteve imóvel. Ainda fazendo a curva, o condutor desligou os motores e flutuou pelos últimos poucos metros até a doca. Enquanto garrafas de alvejante lentamente se amassavam com o gentil impacto, ele pulou para fora e preparou um nó lais de guia.

— Frank Patton — disse ele, levantando-se de perto do cunho e estendendo uma mão calejada. — Você deve ser o cara que o empreiteiro trouxe da cidade pra capturar o espírito do lago.

— Sargento-detetive Mike Celluci. — Com a mesma idade que a sua, ou um pouco mais novo, Frank Patton tinha o aperto de mão de um homem trabalhador que era só um pouco vigoroso demais. Celluci devolveu a pressão. — E só estou passando um feriado prolongado aqui no bosque.

Patton franziu suas sobrancelhas escuras.

— Mas achei...

— Achou que eu era algum paranormal esquisitão que poderia impressionar esmagando seus dedos. — O outro homem olhou para as mãos unidas dos dois e teve a elegância de enrubescer. Quando ele relaxou o aperto, Celluci fez o mesmo. Ele havia jogado esse jogo por vezes demais para perder. — Sugiro, caso tenha a chance de conhecer a verdadeira investigadora, que não chegue com tanto ímpeto. É capaz de ela fazê-lo engolir suas pressuposições.

— Ela...

— Está dormindo, no momento. Chegamos tarde e é provável que ela vá... investigar esta noite.

— Tá. Certo. — Flexionando os dedos, Patton encarou os bicos de suas botas. — É só que, você sabe, ouvimos dizer que, bem... — Inspirando profundamente, ele olhou para cima e sorriu. — Ah, diabos, isso é que é começar com o pé esquerdo. Posso lhe oferecer uma cerveja, detetive?

Celluci olhou para a caixa de isopor na traseira do barco e, por um momento, sentiu-se tentado. Conforme o suor rolava dolorosamente pelas picadas de mosquito em sua nuca, ele se lembrou de como uma cerveja gelada podia ser saborosa.

— Não, obrigado — suspirou ele com um olhar enojado para sua caneca. — Eu, hã, ainda tenho café.

Para surpresa dele, Patton assentiu e perguntou:

— Há quanto está abstinido? Meu cunhado fica exatamente com esse mesmo olhar quando algum besta oferece uma bebida a ele numa tarde quente de quase verão — explicou, enquanto Celluci o encarava, perplexo. — Ele vai às reuniões do AA, em Bigwood, duas vezes por semana.

Lembrando-se de todas as garrafas que havia entornado durante aqueles longos meses em que Vicki esteve fora, Celluci deu de ombros.

— Há uns dois anos, agora... um pouco mais, um pouco menos.

— Tenho um refri...

Celluci derramou no lago os restos de café frio e infestado de insetos. Dane-se o Ministério de Recursos Naturais.

— Eu adoraria — ele disse.

— Então, basicamente, todos na cidade, todos que possuem uma propriedade ao redor do lago e todos num raio de cem quilômetros, têm razões pra querer ver Stuart Gordon longe daqui...

— Basicamente — concordou Celluci, jogando de lado um osso de frango roído e pegando outro pedaço do balde. Ele tinha esperado que Vicki se levantasse para comer, mantendo a ilusão de que esse era um ritual que eles continuavam a compartilhar. — De acordo com Frank

Patton, o Stuart não se tornou benquisto entre seus novos vizinhos. Antes, este lugar pertencia a uma tal Anne Kellough, que... O que foi?

Vicki franziu o cenho e se inclinou em direção a ele.

— Você tá coberto de picadas.

— Nem me fale. — A lembrança o fez erguer a mão para coçar a nuca. — Sabe o que significa Nepeakea? É uma antiga palavra indígena que pode ser traduzida como “tô de saco cheio pra caralho de ser comido vivo por borrachudos; vamos dar o fora daqui”.

— Esses velhos índios sabiam mesmo como fazer uma palavra render.

Celluci bufou.

— Nem me fale.

— Anne Kellough?

— Como assim, nem um “pobrezinho”?

Esticando a perna por debaixo da mesa, ela correu seu pé pela costura interna do jeans dele.

— Pobrezinho.

— Isso teria sido bem mais eficaz se você não estivesse usando botas de trilha. — A risada dela era uma das coisas que não havia mudado quando ela mudou. Seu sorriso era muito luminoso, muito nítido e fazia novas promessas demais, mas sua risada havia permanecido totalmente humana.

Ele esperou até que ela terminasse, mastigando, engolindo, parabenizando a si mesmo por aquela risada, e então disse:

— Anne Kellough gerenciava neste lugar uma espécie de acampamento terapêutico. No verão passado, após ignorá-la por treze anos, o pessoal do Ministério da Saúde apareceu na sua cozinha. As reformas custavam mais do que ela pensava, o banco executou a hipoteca e Stuart Gordon o comprou vinte minutos depois.

— Isso explica porque ela o quer longe... E quanto a todo o resto?

— Estilo de vida.

— Acham que ele é gay?

— Não o dele, o deles. As pessoas que moram por aqui, na vila e às margens do lago... embora não se oponham a tirar tudo que puderem de um turista ocasional... gostam da quietude, gostam da solidão e, Deus os ajude, gostam até do bosque. Os garotos que gerenciam o acampamento de caça e pesca na margem oeste do lago...

— Garotos?

— Estou falando o que me falaram. *Os garotos* — ele repetiu, com ênfase —, dizem que o empreendimento do Gordon vai matar os peixes e afugentar a caça. Um deles, Pete Wegler, quase quebrou a cara dele lá no posto de gasolina e depois o Gordon teve a referida cara esculachada pelo dono do posto, quando chamou o lugar de “exótico”.

— Ele disse isso naquele tom que acrescenta “e abrir um Starbucks nele seria uma grande melhoria”? — Quando Celluci ergueu uma sobancelha, ela não mostrou preocupação. — Eu já conversei com ele, não é a maior das extrapolações.

— Sim, exatamente nesse tom. O Frank também me disse que o pessoal que tem filhos está preocupado com o aumento do trânsito no centro da vila.

— Com medo de começarem a perder seus filhos e mascotes debaixo de utilitários caros?

— Isso, e também se preocupam com um aumento de impostos pra manutenção da estrada, por causa de todo o tráfego extra. — Afastando-se da mesa, ele se pôs a fechar potes de plástico e a levá-los pra geladeira. — Aparentemente, o Stuart Gordon, sempre muito diplomático, disse a uma das mulheres da vila que este não era um bom lugar pra se criar filhos.

— O que aconteceu?

— O Frank disse que eles foram separados antes que a coisa fosse além dos xingamentos.

Perguntando-se o quão “além dos xingamentos” foi tal situação, Vicki observou Mike limpar os restos de sua refeição.

— Tem certeza que ele emputeceu mais gente além dessas poucas pessoas? Mesmo que isso já fosse um condomínio e ele não tivesse que refazer o zoneamento, o conselho local deve ter autorizado o alvará de construção dele.

— Pois é, e o consenso da região é que poderiam dar o conselho local pro espírito comer, junto do Sr. Gordon. Dizem por aí que eles foram subornados.

Inclinando sua cadeira contra a parede, ela sorriu para ele.

— Posso presumir, dado seu dia ocupado, que você se decidiu pela versão buraco de lama/vândalos da questão?

— Parece ser o mais provável. — Ele se virou e coçou a nuca novamente. Quando as pontas de seus dedos retornaram úmidas, ele pôde ouvir a rápida inspiração de Vicki. Ao olhar para cima, ela estava cruzando a cozinha. Dedos frios envolveram uma de suas bochechas.

— Você não se barbeou.

Demorou um momento até ele encontrar sua voz.

— Estou de férias.

O hálito dela se espalhou por ele, e depois sua língua.

As linhas entre provável e improvável se borraram.

Então, o som de um motor que se aproximava o jogou para longe do abraço dela.

Vicki lambeu os lábios e suspirou.

— Seis cilindros, utilitário esportivo, tração nas quatro rodas, *todos* os acessórios, preto com detalhes dourados.

Celluci colocou sua camisa de volta pra dentro da calça.

— Stuart Gordon lhe contou qual o carro dele.

— A menos que você ache que eu poderia dizer isso tudo só pelo som do motor.

— Improvável.

— Um sargento-detetive? Estou impressionado. — Com as mãos pálidas nos bolsos de seu *blazer* de *tweed*, Stuart Gordon se inclinou de maneira conspiratória na direção de Celluci, dentes demais se mostrando num riso largo demais. — Não creio que possa dar um jeito em umas multas de estacionamento pra mim.

— Não.

Seus lábios finos se contraíram, numa reação exagerada ao brusco monossílabo.

— Então, com o que você *trabalha*, sargento-detetive?

— Crimes violentos.

Pensando que aquilo havia soado um pouco demais como uma insinuação, Vicki interveio.

— O detetive Celluci concordou em me auxiliar neste fim de semana. Contando nós dois, poderemos manter uma vigília de 24 horas.

— Vinte e quatro horas? — O empreiteiro franziu as sobrancelhas. — Não vou pagar a mais por isso.

— Não pedi que pagasse.

— Ótimo. — Subindo ao piso elevado da lareira como se fosse um palco, ele sorriu com toda a sinceridade de um apresentador em um programa de vendas pela TV. — Então, fico grato por tê-lo a bordo, detetive Mike... Posso chamá-lo de Mike? — Ele continuou sem esperar uma resposta. — Me chame de Stuart. Juntos, vamos tornar este lugar seguro pras massas exauridas capazes de pagar um valor premium por uma semana premium no bosque. — Um segundo depois, seu sorriso se alargou. — Vocês dois não têm uma investigação a fazer?

— “Me chame de Stuart?” — Balançando a cabeça, Celluci seguiu a escura silhueta de Vicki pela escuridão até o estacionamento. — O que ele faz aqui?

— É uma isca.

— Isca? O cara é um cuzão de marca maior, claro, mas não vamos usá-lo pra atrair um espírito enfurecido do lago.

Ela se virou e deu alguns passos para trás de modo a poder estudar o rosto dele. Às vezes, ele esquecia como ela enxergava bem no escuro e não se lembrava de mascarar suas expressões.

— Mike, você não acredita que Me-chame-de-Stuart realmente emputeceu algum tipo de espírito vingativo que protege o Lago Nepeakea, acredita?

— Foi você quem disse “isca”...

— Porque não vamos pegar a pessoa, ou pessoas, que jogaram ácido no carro dele, a menos que os peguemos no flagra. Ele sabe disso.

— Ah. Certo.

Sentindo o volume da van atrás de si, ela parou.

— Você não respondeu minha pergunta.

Ele suspirou e dobrou os braços, desejando que pudesse vê-la tão bem quanto ela podia vê-lo.

— Vicki, nos últimos quatro anos, eu fui atacado por demônios, múmias, zumbis, lobisomens...

— Aquilo não foi um ataque, foi um mal-entendido.

— Ele partiu direto pra minha garganta, conto isso como um ataque. Eu ofereci meu sangue ao filho bastardo de Henrique VIII e passei dois anos vendo você se esconder da luz do dia. Não tem muita coisa em que eu não acredite mais.

— Mas...

— Eu acredito em você — interrompeu ele — e daí pra qualquer outra coisa é um pulo. Você vai falar com Mary Joseph esta noite?

O tom dele sugeria que a discussão havia acabado.

— Não, eu ia checar motivos e possibilidades daquela lista de nomes que você me deu. — Ela lançou um olhar em direção ao lago e então de volta para ele, sem ter certeza do que estava procurando em nenhuma dessas instâncias. — Vai ficar bem aqui fora, sozinho?

— Por que diabos não ficaria?

— Por nada. — Ela o beijou, entrou na van e se inclinou pela janela aberta para acrescentar: — Tente se lembrar, Sigmund, que, às vezes, um charuto é só um charuto.

Celluci observou Vicki partir com o carro e então ligou sua lanterna, apontando o fecho para a lateral do veículo de Stuart. Embora talvez tivesse sido mais útil ele ver os danos, tinha que admitir que a funilaria fizera um bom trabalho. E, para dar algum mérito ao homem, embora relutantemente, construir uma propriedade na floresta dava a ele uma justificativa melhor do que a de muita gente do tipo dele pra dirigir um 4x4.

Subindo em um afloramento de rocha do qual podia ver tanto o estacionamento quanto o lago, mas sem ser visto, Celluci sentou-se e apagou a luz. De acordo com Frank Patton, os borrachudos só se alimentam durante o dia, e a água ainda estava gelada demais para os mosquitos. Ele não estava inteiramente convencido, mas, uma vez que nada o havia picado até então, a informação parecia correta.

— Será que o Stuart sabe que seu pequeno paraíso está repleto de sanguessugas? — Seu polegar direito coçava a perfuração em seu punho esquerdo e ele se virou em direção ao chalé.

Seus olhos se arregalaram.

Por trás dos abetos, o chalé resplandecia. Luzes internas. Luzes externas. Cada uma das luzes do lugar. A dura iluminação branca e amarelada apagava as estrelas acima dele e lançava tudo logo abaixo em um contraste tão acentuado, que mesmo a exuberante vegetação primaveril parecia fabricada. As sombras sob as árvores distantes agora eram superfícies sólidas e impenetráveis de escuridão.

— Bem, pelo menos a companhia elétrica de Ontário tá feliz com a presença dele. — Balançando a cabeça, descrente, Celluci voltou à sua vigília.

A uma distância grande demais para ser atingido pela luz, o lago lançava reflexos trêmulos das estrelas e ondulou gentilmente contra a

margem.

Quando enfim chegou à estrada pavimentada, Vicki parou de trincar os dentes e seguiu a margem sul do lago em direção ao vilarejo. Sem nada entre o lado do passageiro da van e a água, exceto uma grade de proteção caiada e algumas pedras tombadas, era bem fácil olhar pela janela e fingir que estava dirigindo no próprio lago. Quando o acostamento se abriu em um pequeno estacionamento e uma rampa de acesso para barcos, ela encostou e desligou a van.

A água se movia em seu estreito canal feito escuridão líquida, opaca e misteriosa. A porção da noite que pertencia a Vicki acabava na borda das águas.

— Não era pra ser desse jeito — resmungou ela, saindo da van e caminhando até a rampa dos barcos. De perto, ela podia ver através de uns dez ou doze centímetros de líquido, até o fundo rochoso e as conchas quebradas de ostras frescas; mas, para além disso, era até difícil não acreditar que ela poderia atravessar caminhando até o outro lado.

O onipresente coro primaveril de sapos de repente caiu em silêncio, chamando a atenção de Vicki para uma enseada pantanosa à sua direita. O silêncio era tão absoluto que ela até pensou que podia ouvir meia centena de minúsculos corações anfíbios batendo. Um. Dois...

— Olá.

Ela virou-se e deu um passo para dentro do lago antes que seu cérebro pudesse alcançar sua reação. A sensação da água gelada enchendo suas botas de trilha a fez voltar a si e suprimir a caçadora em seus olhos, antes de o homem na canoa ter tempo de perceber o perigo que corria.

Com o remo na água, mantendo a canoa no lugar, ele acenou com a cabeça na direção dos pés de Vicki.

— Não vai querer fazer isso.

— Fazer o quê?

— Perambular à noite. É melhor poder ver pra onde tá indo, o velho Nepeakea tem uns declives repentinos. — Num tranco, apontou com a

cabeça de volta à escuridão prateada. — Nem os garotos do Ministério conseguiram saber a profundidade ali no meio. Tem tanta lama solta no fundo, que ficava atrapalhando a leitura do sonar.

— Então, tá fazendo o que aqui?

— Bem, não tô perambulando, isso é certeza.

— Nem respondendo minha pergunta. — resmungou Vicki, voltando para a margem. Com os pés molhados a deixando um tanto infeliz, ela meio que esperou outro comentário metido a espertinho.

— Costumo remar à noite. Gosto da quietude. — Ele deu um sorriso para ela, claramente acreditando que estava longe demais, e que a luz era mínima para que ela visse a avaliação que o acompanhava. — Você deve ser aquela investigadora de Toronto. Vi sua van quando passei pelo chalé hoje.

— Você deve ser Frank Patton. Trocou de barco.

— Não dá pra ter quietude num Evinrude⁶ de cinquenta cavalos, não é? Está indo visitar Mary Joseph?

— Não. Estava indo visitar Anne Kellough.

— Segunda casa à direita depois da placa de “pare”. Bangalozinho amarelo com um abrigo pra carros. — Ele deslizou para trás tão silenciosamente que nem Vicki saberia que ele estava se movendo se não o estivesse observando. Ele manejava a grande canoa de alumínio com uma experiente facilidade. — Eu ofereceria uma carona, mas tenho certeza de que está com pressa.

Vicki sorriu.

— Obrigada, de qualquer forma. — Seus olhos se pratearam. — Talvez numa outra hora.

Ela ainda estava sorrindo quando entrou na van. No lago, Frank Patton chapinhava na água, tentando recuperar o remo que havia caído de seus dedos sem vigor.

— Sinceramente, eu odeio aquele calhorda de merda, mas não há lei contra isso. — Anne Kellough apertou mais seu suéter contra si e apoiou

as costas no gradil da varanda. — Foi ele quem botou a Vigilância Sanitária contra mim, sabia?

— Não sabia.

— Ah, foi. Ele apareceu aqui uns três meses antes de acontecer, procurando por terras, e queria a minha. Eu não ia vender pra ele, então, ele bolou um jeito de tomá-la. — A raiva acelerou sua respiração e inflou suas narinas. — Ele até me disse, depois que tudo tinha acabado, com aquele grande sorriso escroto dele, “Que azar, Srta. Kellough, uma pena os bancos não serem mais compreensivos”. Cuzão condescendente. — Com os olhos apertados, ela lançou um olhar para Vicki. — E sabe o que mais me irrita? Eu costumava alugar o chalé pra gente que precisava de um pouco de silêncio em suas vidas; pra quem sabe prestarem atenção nos próprios pensamentos, entende? Se Stuart Gordon conseguir o que quer, não vai mais haver silêncio, e o lugar vai transbordar de grifes e tratamentos dentários caros.

— Se Stuart Gordon conseguir o que quer? — repetiu Vicki, erguendo as sobrancelhas.

— Bem, a construção ainda não começou, não é?

— Ele tem toda a documentação necessária; o que vai impedi-lo?

A outra mulher cutucou um floco de tinta, toda a sua atenção dedicada a tirá-lo do gradil. Só quando Vicki sentiu que precisaria perguntar de novo, Anne ergueu o olhar em direção às águas escuras do lago.

— Essa é a questão, não é? — disse ela suavemente, pondo para trás o cabelo que caía em seu rosto.

Para Vicki, o lago não parecia nada diferente do que sempre fora. Prestes a sugerir que essa pergunta pedia uma resposta, ela subitamente franziu o cenho.

— O que houve com sua mão? Isso parece uma queimadura de ácido.

— E é. — Anne virou o braço para que a queimadura ficasse mais claramente visível a ambas. — Graças ao puto do Stuart Gordon, não

tive dinheiro pra mandar meu carro pra oficina e tive eu mesma que trocar a bateria. Achei que estava sendo cuidadosa... — Ela demonstrou indiferença.

— Bateria nova, é? Receio não poder ajudá-la, moça. — Ken, proprietário da Oficina e Funilaria do Ken, apoiou um joelho contra a lateral da van e se escorou, pondo seu peso nele enquanto enchia o tanque. — Mas, se não estiver com pressa, posso ir até Bigwood amanhã e conseguir uma pra você. — Antes que Vicki pudesse falar, ele continuou. — Não, espera... amanhã é domingo, a loja vai tá fechada. Segunda também, porque é Dia de Vitória⁷. — Ele deu de ombros e sorriu. — Eu vou abrir, mas isso não vai te arrumar uma bateria.

— Não precisa ser nova. Só quero ter certeza de que, quando eu desligar a van no caminho de volta pra casa, vou conseguir ligá-la de novo. — Recostando-se na porta fechada do lado do motorista, ela fez um gesto em direção à estação de trabalho onde um pequeno amontoado de velhas baterias tinha sido mais ou menos empilhado contra a parede. — E uma daquelas ali?

Ken se virou, fez um esforço para enxergar e balançou a cabeça.

— Caramba, a moça tem a vista boa. Tá escuro feito poço de piche ali dentro.

— Obrigada.

— Mas nenhuma daquelas baterias vai servir também, porque eu drenei todas elas uns dias atrás. São perigosas demais, né? Se a molecada ficar cutucando, sabe? — Ele olhou para a bomba de gasolina e esguichou cuidadosamente até o total atingir a quantia redonda de trinta e dois dólares. — Você é aquela investigadora trabalhando lá no chalé, não é? — perguntou ele enquanto enfiava as notas que ela havia lhe estendido em um bolso sujo de graxa e contou três moedas de um dólar canadense para o troco. — Tentando acalmar o espírito?

— Tentando pegar quem quer que tenha vandalizado o carro do Stuart Gordon.

— Então, ele, hã, consertou aquilo?

— Novinho em folha. — Vicki abriu a porta da van e se deteve com um pé no apoio. — Pelo que entendi, ele não fez o conserto aqui?

— Aqui? — A expressão levemente preocupada no rosto largo de Ken desapareceu para ser substituída por lábios repuxados para baixo e por olhos apertados. — Meu posto não é bom o bastante praquele espertalhão. Ele planeja abrir o próprio posto se construir aquela porcaria de condomínio de bacana.

— Se?

Muito parecido com o que Anne Kellough fez, ele lançou um olhar em direção ao lago.

— Se.

Prestes a pular dentro da van, dois jarros de vidro de vinte litros colocados do lado de fora do escritório saltaram à sua vista. Eles estavam destampados e davam a impressão de estarem sendo arejados.

— Não vejo jarros assim há anos — disse ela, apontando. — Será que não quer me vendê-los?

Ken se virou para a direção em que ela apontava.

— Não posso. São de uma prima minha. Peguei emprestado um dia desses, né? Era pros filhos dela virem buscar, mas sabe como é essa molecada.

De acordo com Me-chame-de-Stuart, o vilarejo não era um bom lugar para se criar filhos.

Jarros de vidro seriam bem úteis para se transportar ácido misturado com pedaços de peixe.

E onde eles teriam arrumado o peixe, ela se perguntou, manobrando cuidadosamente para fora do posto. Talvez com um dos garotos que gerenciam o acampamento de caça e pesca.

Pete Wegler parou na porta de seu *trailer*, com uma expressão ligeiramente confusa. “Eu te conheço?”

Vicki sorriu.

— Ainda não. Não vai me convidar pra entrar?

Dez para a meia-noite. As luzes ainda estavam acesas no chalé. Celluci parou, se espreguiçou e ponderou por quanto tempo Vicki ainda demoraria. *Com certeza já estão todos dormindo em Dulvie.*

Talvez ela tenha parado pra fazer uma boquinha.

O segundo pensamento se seguiu muito rápido ao primeiro pra que ele pudesse impedi-lo, então, em vez disso, ele só o ignorou. Dando as costas para o chalé, ele se sentou e se pôs a observar o lago. À noite, a água parecia quase sigilosa, decretou ele enquanto seus olhos se readaptavam à escuridão.

Em seu ramo, sigiloso significava culpado.

— E se o Stuart Gordon deixou um espírito protetor puto o suficiente pra sair matando, o que vem depois? — perguntou-se em voz alta, dando uma olhadela em seu relógio.

Meia-noite.

O que não significava absolutamente nada para aquele catálogo eternamente expansivo de coisas que espreitam na calada da noite. A experiência o ensinara que o assim chamado sobrenatural poderia muito bem atacar tanto às duas da tarde quanto à meia-noite, mas ele não podia deixar de reagir à consciência de que estava tão distante da dúbia segurança da luz do dia quanto poderia estar.

Até a noite parecia afetada.

Esperando...

Uma brisa soprou vinda do lago e os pelos de seus dois braços se arrepiaram.

Esperando que algo acontecesse.

Aproximadamente a cinco metros da margem, um peixe surgiu na superfície da água feito Alice pegando o caminho errado através do espelho. Ele saltou para cima, e de novo, até subitamente ser capturado pela extremidade de um reluzente tubo cinzento, da largura de seu bíceps. Dentes, ou garras, ou algo lá no fundo da abertura do tubo, se

afundaram no peixe e juntos finalizaram o arco do salto. Um dorso, do mesmo cinza reluzente, deslizou para cima e então para baixo da água, seguido pelo que só poderia ser a batida propulsora de uma cauda achatada. Dos dentes à cauda, a coisa toda devia ter quase três metros de comprimento.

— Jesus. — Ele inspirou profundamente e então completou. — Me chicoteia.

— Eu tô falando, Vicki, eu vi o espírito do lago se manifestar.

— Você viu algo comendo um peixe. — Vicki olhou para a água, mas viu apenas o reflexo de mil estrelas. — Provavelmente viu um peixe maior comer outro peixe. Um lúcio longo e afilado saltando atrás de uma bela e gorda perca.

Prestes a negar que tivesse visto qualquer coisa assim, Celluci de repente franziu o cenho.

— Como sabe tanta coisa sobre peixes?

— Tive uma conversinha com Pete Wegler esta noite. Ele forneceu o peixe pro banho de ácido, providenciado por Ken, o cara da oficina, em jarros de vidro fornecidos pela prima de Ken, Kathy Boomhower... a mãe que foi muito além dos xingamentos com nosso garoto Stuart. Anne Kellough cometeu o ato... ela está convencida de que foi o Gordon quem chamou a Vigilância Sanitária pra botar as mãos na propriedade... tendo sido levada ao local silenciosamente pela canoa de Frank Patton. — Ela sorriu. — Eu me sinto como Hercule Poirot no Expresso Oriente.

— Ah, é? Bom, eu tô me sentindo bem mais Stephen King do que Agatha Christie.

Com uma expressão séria, Vicki pousou a mão no bloqueio criado pelos braços cruzados dele e estudou seu rosto.

— Você tá mesmo assustado com isso, não tá?

— Eu não sei exatamente o que vi, mas não foi um peixe sendo comido por outro peixe.

Os músculos sob a mão dela estavam rígidos e ele olhava para além dela, lá para fora, para o lago.

— Mike, o que foi?

— Eu já disse, Vicki. Não sei exatamente o que vi. — A despeito de tudo, ele ainda gostava que seu mundo fosse bem definido. Relutantemente levando seu olhar para a pálida forma oval do rosto arrebitado dela, ele suspirou.

— Quanto disso você quer que eu conte ao Sr. Gordon amanhã, se é que devo contar algo?

— Que tal nada? Eu mesma conto a ele depois que o sol se pôr.

— Certo. Já está tarde, vou me deitar. Presumo que vai ficar de tocaia no estacionamento pelo resto da noite.

— Pra quê? Garanto que o vingativo espírito não vai voltar. — A voz dela sugeria que, em um confronto direto, pessoal, um espírito vingativo não teria nem chance. Celluci se lembrou da coisa que se ergueu do lago e não teve tanta certeza.

— Isso não importa, você prometeu proteção 24 horas.

— Sim, mas... — A expressão dele dizia que, se ela não fosse ficar, ele ficaria. — Tá bom, eu vigio o carro. Tá feliz?

— Por você estar fazendo o que disse que ia fazer? Extasiado. — Celluci descruzou os braços, puxou-a perto o bastante para beijar as linhas do cenho entre as sobrancelhas dela e se encaminhou para o chalé. *O cacete que ela teve uma conversinha com Pete Wegler.* Ele sabia que Vicki precisava se alimentar de outras pessoas, mas não precisava gostar disso.

Nunca devia ter mencionado Pete Wegler. Ela se acomodou na pedra ainda aquecida pelo calor do corpo de Celluci e tentou, sem sucesso, penetrar na escuridão do lago. Quando algo farfalhou pelo matagal que rodeava o estacionamento, ela sibilou sem virar a cabeça. O farfalhar se afastou numa velocidade consideravelmente maior do que aquela na qual havia chegado. Os segredos do lago continuavam a lhe escapar.

— Isso não é misterioso, é irritante.

Enquanto Celluci percorria o chalé, apagando as luzes, podia ouvir o ronco de Stuart atravessando a porta de um dos dois quartos do térreo. Nas poucas horas em que ele esteve lá fora, o outro homem havia conseguido deixar uma trilha de detritos de uma ponta a outra do lugar. Para completar, ele havia acabado com o rolo de papel higiênico e não o havia substituído; colocou o bule quase vazio de café de volta na cafeteira ainda ligada, o que fez com que a borra ficasse grudada no vidro; e comeu um pedaço do frango de Celluci, jogando o osso roído de volta no balde. Celluci não se importava com ele ter comido um pedaço do frango, mas a última coisa que queria era o cuspe de Stuart Gordon sobre o resto da carne.

Ao jogar o osso no lixo, notou um pedaço de papel amassado e o pescou de volta. Aparentemente, o condomínio estava destinado a crescer além de seus limites atuais. Destinado a crescer por toda a área ao redor do lago, devorando Dulvie conforme crescia.

— O que jogará o cuspe de Stuart Gordon sobre o resto da área toda.

Entediada com a observação do lago e os sustos que dava na vida selvagem local, Vicki pressionou o nariz contra a janela do utilitário esportivo e estalou a língua ante a visão de seu painel cheio de mostradores eletrônicos, disposta a apostar que Me-chame-de-Stuart não fazia a menor ideia do que significava a maioria deles.

— Provavelmente deve ter uma luz de emergência se o aromatizador precisar... Olá.

Enfiada embaixo do banco do carona estava a ponta inconfundível de um *notebook*.

— E quer apostar quanto que esta coisa vai fazer um belo escarcéu, se eu tentar arrombar a porta...? — Virando-se para o chalé agora escuro, ela escutou o som de dois batimentos cardíacos. Um som lento e ritmado, que dizia a ela que os dois homens dormiam profundamente.

Stuart dormia de costas com uma mão atirada sobre sua cabeça e um leve sorriso em seu rosto magro. Vicki observou a pulsação na garganta dele por um momento. Ela havia se certificado de que, caso necessário, poderia se alimentar de formas de vida inferiores — pombos, ratos, empreiteiros —, mas estava bem satisfeita por ter posto um freio na Fome ainda no vilarejo. Afanando as chaves do carro, ela saiu do quarto tão silenciosamente quanto entrou.

Celluci despertou ao som de uma voz aceitável cantando a plenos pulmões uma canção dos Beatles e desceu as escadas no momento em que Stuart saía do banheiro, penteando com os dedos o cabelo úmido.

— Bom dia, Mike. Posso presumir que nenhum espírito vingativo do Lago Nepeakea tenha detonado meu carro durante a noite?

— Pode, sim.

— Que bom, que bom. Ah, a propósito... — Seu sorriso poderia vender até mesmo arrogância aos americanos. — Eu usei toda a água quente.

— Acho que é verdade o que dizem sobre muitos dos nossos rapazes de farda azul.

— E o que seria? — Celluci rosnou, fortificado por duas canecas de café tornadas um pouco mais amargas pela jarra queimada.

— Você sabe bem, Mike. — Rindo largamente, o empreiteiro gesticulou, fingindo levar uma garrafa aos lábios. — Digo, pra alguém aguentar esse café infame, só pode ter problemas com bebida. — Rindo da sua própria piada, ele se encaminhou para a porta.

Pra começo de conversa, eles não são seus rapazes de farda azul; segundo, caia duro e morra, caralho. Experimente lidar com o mundo com o qual a gente lida, só um pouquinho, seu cuzão, e ele vai te devorar e te cuspir de volta. Mas embora seus punhos tenham se fechado ao redor da caneca com força ao ponto de fazê-la ranger, tudo que ele disse foi:

— Aonde você vai?

— Eu não te contei? Hoje, tenho que encontrar um advogado em Bigwood. Sim, eu sei o que você vai dizer, Mike, hoje é domingo. Mas já que essa é a última vez que venho aqui pelas próximas semanas, o sabujo jurídico da região queria me ver quando eu estivesse disponível. Só umas últimas pontas soltas sobre aquele negócio desagradável com a agrimensora. — Ele parou com as mãos na porta, sua voz e seus gestos despídos de todas as afetações. — Eu disse a eles pra não deixarem de finalizar aquela parte da costa antes de encerrarem o dia... sei que não sou, mas me sinto responsável pela morte daquela pobre mulher e só queria que houvesse algo que eu pudesse fazer pra compensar. Mas a morte de alguém não é algo que se possa compensar, não é, Mike?

Celluci grunhiu algo evasivo. Naquele exato momento, a última coisa que ele queria era pensar em Stuart Gordon como um ser humano decente.

— Talvez eu não consiga voltar antes de escurecer, mas ei, essa é a hora em que o espírito pode aparecer, então não vão precisar de mim até lá. Certo, Mike? — Virando-se em direção à tela em que os borrachudos haviam se acomodado, esperando que seu café da manhã emergisse, ele balançou a cabeça. — A primeira coisa que vou fazer quando isso tudo acabar é escoar cada curso d'água onde essas sanguessugazinhas se reproduzem.

O nível da água nos pântanos havia diminuído nas duas semanas desde a morte da agrimensora. Empapado de repelente em *spray* que achou debaixo da pia, Celluci seguiu a trilha feita pelas equipes de busca, pisando cuidadosamente nos montículos mais altos, não importando quão sólido o chão parecesse. Quando chegou aos restos de fita da polícia, ele se agachou e examinou a terra sob a água. Não esperava achar coisa alguma, mas, após a confissão de Stuart, sentiu que precisava ir até ali.

Até cinco centímetros de profundidade, a água era surpreendentemente clara.

— Não há motivo pra ela ficar barrenta agora, não há nada a revolvendo...

Algo metálico reluziu na lama.

Agarrando a grama do charco em seu montículo com uma das mãos, ele esticou a outra e conseguiu colocar seu polegar e seu indicador ao redor do saliente pedaço de...

— Fita métrica de aço inoxidável?

Provavelmente era um resquício do equipamento da agrimensora morta. Uma ponta da peça de quinze centímetros havia sido claramente quebrada, mas a outra ponta, a que estava na lama, tinha a aparência de algo que havia sido dissolvido.

Quando Anne Kellough jogou o ácido no carro de Stuart, eles estavam imitando o espírito do Lago Nepeakea.

Celluci inspirou profundamente e cuspiu uma boca cheia de borrachudos suicidas de volta ao pântano.

— Acho que está na hora de falar com Mary Joseph.

— Consegue sentir?

Desfrutando da primeira xícara de café decente que tomava em dias, Celluci caminhou para a beira da varanda e fitou o lago. Diferente da maior parte de Dulvie, separada da água pela estrada, a casa de Mary Joseph ficava bem na margem.

— Estou sentindo *alguma coisa* — ele admitiu.

— O que está sentindo é o espírito do lago, enfurecido por esse homem da cidade. Mais biscoito?

— Não, obrigado. — Ele havia comido um e tinha sido, sem dúvida, o pior biscoito que já provaria. — Me fale sobre o espírito do lago, Srta. Joseph. A senhorita o viu?

— Ah, sim. Bem, não exatamente ele, mas vi o rastro de sua passagem. — Ela gesticulou em direção à água, mas, naquele momento, o lago estava perfeitamente calmo. — A maioria das águas tem um espírito protetor, sabe. Poços e nascentes, lagos e rios; é por isso que

jogamos moedas em fontes, pra trocá-las por boa sorte com os espíritos. Kelpies, selpies, sereias, Jenny Greenteeth, PegPowler, a Fideal⁸... todos espíritos d'água.

— E isso que está aí fora é um deles? — De algum modo, ele não conseguia associar sereias àquela tromba cheia de dentes serpenteando pra fora da água.

— Ah, não, nosso espírito d'água é um do novo mundo. Os crees os chamam de *mantouche*... Você certamente reconhece a similaridade com o termo manitu, que significa Grande Espírito. Só os lagos mais profundos com a melhor pesca tinham um desses. Eles protegiam os lagos, a área ao redor deles e, em troca...

— Eram reverenciados?

— Bem, na verdade, não. Eram estritamente deixados em paz.

— A senhorita disse ao jornal que o espírito havia se manifestado duas vezes?

— Segundo temos conhecimento — ela corrigiu —, a primeira manifestação registrada ocorreu em 1762 e foi incluída nas anotações sobre espiritualidade nativa que um dos exploradores jesuítas enviou de volta à França.

Tendo sido educado em uma escola católica, Celluci não tinha muita certeza de que o envolvimento dos jesuítas acrescentava credibilidade.

— O que aconteceu?

— Era primavera. Uma dupla de caçadores de pele esteve no lago durante todo o inverno, dizimando os animais ao redor dele. Animais sob a proteção do lago. De acordo com o caçador que sobreviveu, seu parceiro estava saindo da parte funda do pântano, logo após o pôr do sol, quando a canoa dele simplesmente virou e ele sumiu. Quando o outro homem a recuperou, descobriu que alguns pedaços haviam sido queimados sem fogo e ela tinha a marca de todos os mortos que eles haviam roubado do lago.

— A marca dos mortos?

— O registro dizia que ela fedia, detetive. A miúdos. — Prestes a comer outro biscoito, ela parou. — Você sabe o que são miúdos?

— Sim, senhora. O sobrevivente viu alguma coisa?

— Bom, ele disse que viu o que acreditou ser uma cobra gigante, só que com duas asas atarracadas na extremidade superior. E você sabe o que isso é?

...um tubo cinzento e reluzente, da largura de seu bíceps.

— Não.

— Um *wyvern*. Um dos dragões ancestrais.

— Tem um dragão no lago?

— Não, é claro que não. O espírito do lago pode assumir várias formas. Quando ele está com raiva, aqueles que encaram essa raiva veem uma fera grande e apavorante. Para o caçador, que, sem dúvida, tinha raízes no norte da Europa, ele apareceu como um *wyvern*. Os nativos provavelmente teriam visto uma serpente gigante. Há muitos dos assim chamados montículos de serpentes⁹ ao redor de lagos profundos.

— Mas não poderia simplesmente *ser* uma serpente gigante?

— Detetive Celluci, não acha que se houvesse uma serpente gigante vivendo nesse lago, a essa altura alguém já teria dado uma boa olhada nela? Além disso, após a segunda morte, foram feitas buscas minuciosas pelo lago, com equipamentos modernos... e também uma ou duas vezes depois disso... e nunca encontraram nada. Aquele caçador foi morto pelo espírito do lago e Thomas Stebbing também.

— Thomas Stebbing?

— A morte registrada em 1937. Tenho alguns recortes de jornal...

Na primavera de 1937, quatro jovens, alunos da Universidade de Toronto, foram ao Lago Nepeakea para umas férias em meio à vida selvagem. Enquanto passeava de canoa com um amigo, no fim da tarde, Thomas Stebbing viu na margem aquilo que acreditou ser uma tora queimada e eles remaram até lá para investigar. Enquanto seu amigo observava, horrorizado, a tora “atacou” Stebbing, matando-o e

deixando-o todo esturricado, para depois “serpentear de volta ao lago” em uma trilha de vegetação morta. A investigação não deu em absolutamente nada e o testemunho ocular sobre um “tipo de verme enorme” foi sumariamente descartado. O veredito final e oficial foi de que a vítima havia de fato remexido uma tora parcialmente queimada e, quando ela rolou sobre ele, acabou queimada pelas brasas e morreu. A tora então rolou para o lago, chamuscando o caminho por onde passou, e afundou. O fedor foi descartado como sendo o cheiro da carne queimada, e a insistência do amigo de que as queimaduras haviam sido causadas por ácido foi completamente ignorada — a despeito do fato de ele ser estudante de química e, sendo assim, deveria saber do que estava falando.

— O espírito do *lago* subiu para a *terra*, Srta. Joseph?

Ela assentiu, aparentemente despreocupada com a contradição.

— Houve muitas queimadas sendo feitas ao redor do lago naquele ano. Entre as guerras, esta área foi popular por um tempo e as queimadas eram o modo mais fácil de abrir espaço pras casas de veraneio. O espírito do lago não podia permitir isso, daí sua aparência de tora queimada.

— E o que Thomas Stebbing havia feito pra perturbar a paz dele?

— Nada específico. Acho que o pobrezinho só estava no lugar errado, na hora errada. É um espírito vingativo, você entende.

Só alguns anos depois ele viria a entender que Mary Joseph era completamente pirada. Mas isso foi antes de ele se dispor a se lançar na escuridão que espreitava por trás de um par de olhos prateados. Ele suspirou e se levantou, a tarde estava quase no fim. O pôr do sol não demoraria muito.

— Obrigado por sua ajuda, Srta. Joseph. Eu... o que foi?

Ela o encarava, meneando a cabeça.

— Você o viu, não foi? Você tem aquele olhar.

— Eu vi alguma coisa — admitiu ele, relutantemente, e se virou em direção à água. — Já vi muitas coi...

Um par de *jet skis* roncou ao redor de sua fala e a afogou. Conforme passavam pela casa, cobrindo-a de barulho, um de seus pilotos adolescentes deu um aceno jovial.

Nunca tem um espírito do lago vingativo por perto quando realmente se precisa, ele pensou.

— Ele sabia dos sumidouros no pântano e mandou aqueles agrimensores pra lá mesmo assim. — Na ponta da doca, Vicki jogou um pedregulho e o observou desaparecer na escuridão líquida.

— Tem certeza?

— A informação estava toda lá, no *notebook* dele, e o arquivo tinha data de março. Agora, embora a evidência que eu por acaso acabei de encontrar no computador dele não seja admissível em juízo, posso ir ao Departamento de Terras e Florestas e conseguir as datas em que ele solicitou os levantamentos geológicos.

Celluci balançou a cabeça.

— Não vai conseguir que ele seja indiciado por nada. Claro, ele deveria ter dito a eles, mas ambos eram profissionais, deveriam ter sido mais cuidadosos. — Ele pensou nas lágrimas de crocodilo que Stuart havia derramado naquela manhã por essa morte e suas mãos se fecharam em punhos ao seu lado. Ser um cuzão irresponsável era uma coisa, ser um cuzão irresponsável e manipulador era um nível completamente diferente.

— É uma falha ética — grunhiu ele —, mas não legal.

— Talvez então eu mesma devesse cuidar dele — O segundo pedregulho atingiu a água com uma força consideravelmente maior.

— Ele é seu cliente, Vicki. Supostamente, deveria estar trabalhando pra ele, não contra ele.

Ela bufou.

— Então, eu espero até o cheque dele compensar.

— Ele planeja adquirir o resto das terras ao redor do lago. — Celluci tirou do bolso o papel que havia recuperado do lixo e o entregou a ela.

— O resto das terras ao redor do lago não está à venda.

— E nem estava este chalé, até ele decidir que o queria.

Amassando o papel com uma das mãos, os olhos de Vicki se tornaram prateados.

— Tem que haver algo que a gente possa... Caralho! — Jogando o papel de lado, ela agarrou o braço de Celluci quando a extremidade da doca empinou em pleno ar e saltou para a parte logo atrás, arrastando-o com ela.

— Que porra foi essa? — indagou ela, enquanto os dois se viravam para ver o lugar onde estavam há pouco balançar violentamente para a frente e para trás. O papel que ela jogou na água não estava à vista em lugar algum.

— Onda causada por algum barco passando?

— Não passa um barco por aqui há horas.

— Às vezes, esses lagos longos e estreitos formam ondas estacionárias. Chamam elas de *seichas*.

— *Seichas*? — Quando ele assentiu, ela revirou os olhos. — Tenho que começar a assistir mais PBS. Enquanto isso...

O som de um carro se aproximando chamou a atenção deles para o chalé em tempo de verem Stuart lenta e cuidadosamente manobrar no estacionamento, mal deslocando o cascalho.

— Você vai contar a ele quem vandalizou o carro? — perguntou Celluci quando começaram a subir a colina.

— Quem? Provavelmente não. Não posso provar, afinal de contas, mas vou dizer a ele que não foi nenhum espírito vingativo e que definitivamente não vai acontecer de novo. — Pelo menos, não se dependesse da vontade de Pete Wegler. O espírito do lago poderia ser hipotético, mas ela não era.

— Um grupo de moradores da vila, Vicki? Tem certeza?

— Positivo.

— Eles acharam mesmo que eu acreditaria que um espírito furioso tinha se manifestado por toda a lateral do meu veículo?

— Aparentemente. — Na verdade, eles nem ligavam se ele acreditaria ou não. Só estavam com tanta raiva que precisavam fazer algo e, já que o espírito era conveniente... ela não entregou nada disso a Me-chame-de-Stuart.

— Quero os nomes deles, Vicki. — Seu tom fazia disso um ultimato.

Vicki nunca respondera bem a ultimatoss. Celluci viu as máscaras dela começarem a cair e se perguntou até onde sua aversão ao empreiteiro permitiria que Vicki fosse. Ele poderia detê-la com uma só palavra, apenas se perguntava se iria dizê-la. Ou quando.

Para sua surpresa, ela recuperou o controle.

— Então, verifique as listas do censo. Você não se fez exatamente benquisto entre seus vizinhos.

Por um momento, pareceu que Stuart havia percebido quão perto havia estado de ver a definição de sua própria mortalidade, mas então ele sorriu e disse:

— Tem razão, Vicki, não me fiz benquisto entre meus vizinhos. E quer saber? Vou fazer algo a respeito disso. Amanhã é o Dia de Vitória, e vou convidá-los pra um grande piquenique no jantar, com ótima comida e fogos de artifício sobre o lago. Vamos nos beijar e fazer as pazes.

— É domingo à noite e amanhã é feriado. Onde vai encontrar comida e fogos de artifício?

— Não será problema, Mike. Vou mandar um *e-mail* pro pessoal do meu bufê de sempre, em Toronto. Tenho certeza de que conseguem chegar aqui até amanhã à tarde. Vou gastar uma fortuna, mas né, vale a pena pra criar uma boa relação com os moradores. Vocês dois ficam, é claro.

Os lábios de Vicki se retraíram para trás de seus dentes, mas Celluci respondeu pelos dois.

— É claro.

— Ele tá aprontando alguma — explicou ele, depois —, e eu quero saber o que é.

— Ele vai confrontar os moradores com o que sabe, ver quem reage e fazer da vida deles um inferno. Vai achar um jeito de fazer deles a primeira parte da sua expansão.

— Provavelmente você tem razão.

— Eu sempre tenho razão. — Com a cabeça apoiada no ombro de Celluci, seu dedo brincava com os pelos do peito dele. — Ele é um escrotinho imoral, antiético e inescrupuloso.

— Esqueceu de dizer maçante, irritante e simplesmente detestável, de modo geral.

— Eu poderia convencê-lo de que ele é uma mistura de Madre Teresa com Lady Di. Podia arrancar a mente dele, usá-la pra fins não naturais e depois enfiá-la de volta na cabeça, na porcaria da forma que eu bem entendesse, mas não posso.

Quando começa a trilhar o lado sombrio, ele vai dominar seu destino pra sempre? Mas ele não disse isso em voz alta, porque não queria saber até onde ela havia trilhado esse lado sombrio. Era grato por ela ter traçado algum tipo de limite pessoal, por ela ter escolhido continuar sendo alguém que não poderia usar o terror apenas pelo terror em si.

— Então, o que vamos fazer com ele?

— Não consigo pensar em porcaria nenhuma. Você?

De repente, ele sorriu.

— Pode convencê-lo de que *você* é o espírito do lago e que é melhor ele levar o rabo dele de volta pra Toronto, a menos que queira que você o dissolva?

Em um único e fluido movimento, ela saiu da cama.

— Sabia que tinha um motivo pra eu ter te arrastado pra cá neste fim de semana. — Ela girou sobre um de seus calcanhares nus, depois girou

novamente e, de repente, estava de volta à cama. — Mas acho que vou esperar até amanhã à noite. Ele ainda não me pagou.

— Bom dia, Mike. Cadê a Vicki?

— Dormindo.

— Bom, já que está de pé, por que não ajuda a carregar as coisas do churrasco até a praia? Posso estar disposto a uma reconciliação, mas não sei se eles estão, e uma vez que eles já estragaram meu carro, por enquanto eu deveria mantê-los longe de qualquer coisa valiosa. Particularmente, com uma combinação de propano e chamas altas.

— Vicki não vem almoçar conosco, Mike?

— Ela disse que tá sem fome. Foi dar uma caminhada no bosque.

— Deve ser assim que ela mantém sua silhueta feminina. Tenho que dar o braço a torcer, Mike, não são muitos os homens da sua idade que conseguem segurar uma mulher daquelas. Digo, ela tem muito dessa coisa de independência, não tem? — Ele aceitou um sanduíche de atum com um efusivo agradecimento, deu uma mordida e fez uma careta. — Não é maionese light?

— Não.

— Tudo bem, Mike. Tenho certeza de que a intenção foi boa. Então, agora que estamos só nós dois, já considerou investir numa casa de temporada...?

Mike Celluci nunca ficou tão feliz em ver alguém quanto ficou quando viu chegar uma van cheia de funcionários do bufê, rígidos e de olhar apático, às quatro da tarde. Como Vicki havia descoberto durante o primeiro telefonema, Stuart Gordon não era um homem que aceitava “não” como resposta. Ele poderia ter aceitado “Vá se foder e morra!”, seguido de uma fuga rápida, mas uma vez que Vicki esperava acordar às margens do Lago Nepeakea, Celluci conteve sua língua. Além disso, seria um pouco difícil para ela espantar o empreiteiro se eles estivessem a meio caminho de Toronto.

Pôr do sol.

Quando acordou, Vicki podia sentir talvez uma dúzia de vidas ao seu redor e ficou ali deitada por um momento, se refestelando nelas. Nas últimas duas noites, ela teve que lutar contra a ânsia de pular no banco do motorista e acelerar rumo à civilização.

“Fast-food.”

Ela se esgueirou, se vestiu e saiu para o estacionamento.

Celluci estava à beira da praia conversando com Frank Patton. Ela se encaminhou até eles, a multidão se abrindo para deixá-la passar sem realmente se dar mesmo conta de que ela estava ali. Os dois homens a receberam com um aceno de cabeça e Patton fez um gesto na direção do churrasco.

— Hambúrguer?

— Não, obrigada, estou sem fome. — Ela olhou à sua volta. — Parece que ninguém trouxe os filhos.

— Ninguém quer expor seus filhos a Stuart Gordon.

— Eles têm medo de que eles peguem alguma coisa — completou Celluci.

— O Mike aqui diz que você solucionou seu caso e só está esperando o Sr. Simpatia ali pagar você pra poderem ir embora.

Pensando no que Mike estava aprontando, Vicki assentiu.

— Ele também disse que você não mencionou nenhum nome. Obrigado — ele suspirou —, não esperávamos realmente que a coisa do espírito do lago fosse funcionar, mas...

Vicki ergueu as duas mãos.

— Ei, nunca se sabe. Ele pode acabar vetando tudo.

— Ah, claro. A única coisa que aquele palhaço veta é todo mundo ao redor dele. Se me der licença, é melhor eu resgatar Anne antes que ela arranque a língua dele e o estrangule com ela.

— Estou surpresa por ela ter vindo — admitiu Vicki.

— Ela acha que ele tá armando alguma e quer saber o que é.

— Não queremos todos? — murmurou Celluci, enquanto Patton se afastava.

Com o cheiro da carne assada combinado ao de sangue fresco deixando-a levemente zozna, Vicki impeliu Mike a andar na direção da doca flutuante.

— Perdi alguma coisa?

— Não, acho que chegou exatamente na hora.

Quando Frank Patton se aproximou, Stuart abandonou a conversa que estava tendo com Anne Kellough — ou mais precisamente, Vicki reparou, a *palestra* que estava dando — e foi andando até a extremidade da doca, onde várias pedras grandes haviam sido colocadas.

— Ele tem licença pra essas porcarias — resmungou Celluci. — O filho da puta sabe como proteger o próprio rabo.

— Mas não seu próprio ID. — Os dedos de Vicki, frios, se curvaram ao redor do antebraço de Mike. — Ele vai ter o dele, não se preocupe.

O primeiro rojão subiu, explodindo em vermelho sobre o lago, as cores emudecendo contra o cinza da noite no céu e na água. O empreiteiro se virou para a margem e ergueu as duas mãos acima da cabeça.

— Agora que tenho sua atenção, há algumas coisas que gostaria de compartilhar com todos vocês antes das festividades continuarem. Primeiro de tudo, eu decidi não prestar nenhuma queixa relativa aos danos ao meu veículo, embora esteja a par de que...

A doca começou a balançar. Atrás dele, um dos rojões caiu na água.

— Sr. Gordon. — A voz era de Mary Joseph. — Venha para a margem, agora.

Apontando um dedo em direção a ela, ele balançou a cabeça.

— Ah, não, sua velha, eu sou Stuart Gordon...

Nada de *Me-chame-de-Stuart* esta noite, notou Celluci.

— ...e vocês não me dizem o que fazer, eu digo...

Com os braços girando, ele deu um, dois passos para trás, e caiu na água.

De braços e pernas esticados, ele aparentava estar sentado em algo logo abaixo da superfície.

— Já estou farto disso tudo — começou ele...

...e desapareceu.

Vicki chegou à ponta da doca em tempo de ver seu rosto pálido e oval ser engolfado pelas águas escuras. Para seu assombro, ele parecia ter tirado o celular do bolso e tudo em que ela conseguia pensar era no bordão daquele filme antigo, *pra quem você vai ligar?*

Um batimento cardíaco, dois. Ela pensou em ir atrás dele. As pontas dos dedos na mão de seu braço esticado já estavam úmidas quando Celluci agarrou o ombro dela e a puxou de volta. Ela não ia mesmo fazer aquilo, mas foi legal ele acreditar que ela o faria.

De volta à margem, duas dúzias de olhos igualmente arregalados estavam cravados na superfície negra e lisa da água; surpresos demais pelo que havia acontecido ao seu inimigo mútuo, Vicki percebeu, para notarem a rapidez com que ela tinha chegado à ponta da doca.

Mary Joseph foi quem primeiro quebrou o silêncio.

— Assim age o vingativo espírito do Lago Nepeakea... — ela declarou. Então, conforme as várias cabeças iam assentindo, ela completou, secamente. — Não dá pra dizer que eu não o avisei.

Mike olhou para Vicki, que deu de ombros.

— Por mim, tá ótimo — disse ela.

[5.](#) Public Broadcasting Service, canal educativo norte-americano. - N. da T.

[6.](#) Evinrude é uma tradicional fabricante de motores de barcos fundada em 1907, nos Estados Unidos. - N. do E.

[7.](#) Feriado nacional no Canadá, em que se celebra o aniversário da Rainha Vitória do Reino Unido. - N. da T.

[8.](#) Criaturas aquáticas de lendas folclóricas de vários países de cultura anglo-saxônica. - N. da T.

9. A América do Norte possui vários montículos – amontoados de terra ou pedra em formatos diversos, construídos pelos povos nativos com fins religiosos. Entre os mais comuns estão os montículos-efígie, em formatos de animais. Um dos mais famosos é o Montículo da Grande Serpente, no estado norte-americano de Ohio. - N. da T.

LA DIENTE

Nancy Kilpatrick

Nancy Kilpatrick foi descrita pela revista *Fangoria* como “a resposta do Canadá a Anne Rice”. Mais conhecida por sua ficção com temática vampiresca, ela é a premiada autora de dezenove romances, mais de 200 contos, seis coletâneas e um livro de não ficção. Ela também foi editora de quinze antologias, incluindo *Danse Macabre: Close Encounters with the Reaper*, *Expiration Date* e *nEvermore! Tales of Murder, Mystery and the Macabre*. Seu mais recente romance chama-se *Revenge of the Vampire King*, o primeiro de seis na série *Thrones of Blood*. Sob o pseudônimo Amarantha Knight, ela escreveu os romances eróticos *Dracula* e *Carmilla* na série *The Darker Passions*.

“Conheci um equatoriano que me mostrou quatro de seus dentes de leite”, relembra a autora, “que sua mãe havia transformado em bijuterias... um costume em sua terra natal. Os vampiros são muito populares entre os hispânicos e eles têm sua própria variação, *el Chupa-cabra*.”

“A combinação dessas histórias inspirou *La Diente*.”

SUBITAMENTE, O VAMPIRO apareceu na soleira da porta! Alto, cadavérico, seus olhos brilhando com as chamas do Inferno. Seus dedos se dobraram sobre o batente da porta, feito uma aranha.

Remedios estremeceu. O coração dela bateu desenfreadamente, como se quisesse explodir dentro do peito.

Ele avançou milimetricamente, seus movimentos como os de um rato. Estava focado em sua vítima, sua presa.

Ela agarrou o braço de madeira da cadeira e embolou o próprio corpo, se encolhendo.

— *Diosito! Mio Diosito!* Me proteja, Santa Marianita de Jesus! — gritou ela, mas o vampiro continuava a avançar.

— Submeta-se a mim! — ele exigiu, sua voz baixa e sedutora, num tom que não admitia contrariedade. — Eu sou mais forte. Eu terei o que desejo!

— Não! — Ela sacudiu a cabeça. Sua mão suada escorregou do braço da cadeira que agarrava com tanta força.

O rosto dele se aproximou, profanamente próximo, e então seus lábios vermelho-sangue se torceram para cima num sorriso sinistro. Um sorriso que se abriu para revelar dois longos e afiados dentes. Dentes que reluziam com a saliva. Dentes que queriam seu pescoço. Exigiam a veia, roliça pelo sangue que lhe dava vida, pulsando de terror. Dentes que morderiam, rasgariam e tomariam aquilo que era necessário para sua sobrevivência.

Uma campainha, alta e áspera, fez Remedios ter um solavanco.

Ela saltou da cadeira e correu até a cozinha para desligar o cronômetro do forno. Rapidamente, abriu a porta dele e levantou a tampa da panela de barro — a carne tinha uma aparência e um cheiro deliciosos, exatamente do jeito que os Richview gostavam: malpassada. Havia levado quase três meses para aprender a prepará-la de acordo com a preferência de seus patrões. Ela queria agradá-los, mas algo no vermelho quando ela a cortava, todo aquele sangue, fazia-a se sentir nauseada e ela se via frequentemente errando o ponto. Remedios nunca

havia comido carne malpassada. Em casa, no Equador, todos faziam carne bem-passada, por segurança. Ela a preferia ao ponto, para que não se lembrasse mais do pobre e indefeso animal que havia sido.

Com uma mão ágil, girou o botão do forno para MORNO e acendeu a boca do fogão sob a panela que cozinharía a abobrinha no vapor. A salada e a sobremesa já haviam sido preparadas, a mesa estava posta, estava tudo certo. Ela voltou para a sala de estar para ver o final do filme, só para encontrar na TV um comercial de produtos de higiene feminina, como eles gostavam de chamar na América do Norte. Levou a maior parte de seus seis meses em San Diego para que essa nova língua lhe fizesse sentido, mas ela enfim começava a sentir que tinha dominado ao menos o básico. Agora, já conseguia fazer compras e tomar o ônibus sem incidentes, na maioria das vezes, e os Richview pareciam mais confortáveis na presença dela. Pelo menos, tão confortáveis quanto poderiam ficar.

Assim que o comercial terminou e o filme foi retomado, Remedios ouviu um carro estacionar na entrada da garagem. Bom, aquele era o fim. Ela desligou a televisão e voltou para a cozinha. Nunca saberia como o filme acabava, mas é claro que o vampiro seria morto com uma estaca. Ele sempre era, ou pelo menos na maioria das vezes. Ela preferia os filmes em que o vampiro era destruído. Aqueles em que ele escapava davam-lhe pesadelos.

Era algo peculiar que assistisse a esses filmes tão ardorosamente. Mesmo em São Francisco de Quito, onde havia nascido, filmes de vampiro eram seus favoritos, embora a deixassem aterrorizada. Ela odiava o vampiro, sempre se aproveitando dos mais fracos que ele para sua própria satisfação, embora não conseguisse parar de assistir. Sua mãe — que os santos intercedessem junto ao Altíssimo em favor de sua alma eterna! — preferia novelas, e havia muitas no Equador.

— Pra que quer ver esses filmes horríveis? Pra que ficar se assustando? Desliga isso! — havia dito sua mãe muitas vezes, quando

ainda era viva. — Minhas novelas são muito melhores, são como a vida real.

— Sim — Remedios respondia —, são sempre a mesma coisa. Uma família pobre como a nossa, com vários problemas como nós, sempre preocupada. Com dinheiro, com saúde, discutindo porque um não se dá bem com o outro... como todos os dias! E eles sempre chegam à mesma conclusão... você tem que aceitar seu quinhão nessa vida.

— Não é ruim ser assim — dizia sua mãe —, a vida é cheia de problemas. Quem tem uma família está melhor do que quem não tem. E é melhor quando se aceita a vida que Deus determina a você. Remedios, você sempre foi esquisita. Eu percebi isso no momento em que você nasceu, à meia-noite. Por isso, lhe batizei como o remédio de Deus.

E agora Remedios pensava que sim, sua mãe havia sido sábia. A vida é muito mais simples quando a pessoa aceita seu papel. E seu próprio destino não havia sido assim tão ruim. Saída da pobreza de Quito para a opulência da Califórnia, para trabalhar como doméstica — nem todos tinham a oportunidade de fazer isso. Os Richview eram pessoas decentes e lhe davam quatro dias de folga por mês, não faziam grandes exigências na maior parte do tempo e ela vinha conseguindo mandar dinheiro para ajudar suas irmãs e irmãos. Ela sabia que não tinha direito de reclamar. Muitas das domésticas — a maioria moças mexicanas, que ela havia conhecido nos mercados — falavam de suas condições terríveis, sendo forçadas a trabalhar horas a fio por baixos salários e, às vezes, sem nem mesmo serem pagas. Era difícil fazer qualquer coisa a respeito dessas condições porque estavam todas nos Estados Unidos com visto de trabalho, mas no minuto em que ficassem desempregadas, seriam deportadas.

Remedios dizia constantemente a si mesma que tinha sorte. Suas condições eram boas e bem melhores do que em sua terra natal. Lá, todos viviam na pobreza, exceto oficiais do governo e proprietários de terras. Do presidente até a *polícia municipal*, a extorsão era a regra. Até mesmo do dinheiro que ela mandava pra casa, quase a metade ia para o

corrupto governo local, e outro quarto ia para o cunhado de sua mãe, que havia conseguido o trabalho para Remedios com os Richview.

O Sr. Richview havia dito a ela que, se guardasse o dinheiro em um banco americano, onde ele renderia a juros compostos, em vez de mandá-lo para casa e ter a maior parte dele devorado antes mesmo de chegar à sua família, ela poderia ser quase uma milionária em vinte anos. Mas não podia fazer isso — suas irmãs e irmãos tinham que comer e ela agora era a chefe da família.

A porta da frente se abriu e a Sra. Richview entrou apressada. Remedios escutou as crianças, Jessica e Robert — a Sra. Richview as levava para a escola e as buscava. Jess correu para a cozinha, feita toda de esvoaçantes cabelos amarelos e olhos azuis como o céu. Ela imediatamente abraçou Remedios.

— Adivinha o que a gente fez na escola hoje? A gente fez leitelho! A professora botou leite num pilão e todo mundo ficou batendo essa coisa bem grande no leite e aí todo mundo tomou um pouco!

Remedios riu e ajeitou o cabelo de Jessica. Tão comprido para uma menina de seis anos — só um ano mais nova que sua irmã caçula, Dolores. Dolores não ia à escola, uma vez que sua família não tinha condições de pagar. Remedios não a via há seis meses e tinha saudades do bebê da família. Ela tinha saudades de toda a sua família: Juan, os gêmeos José-Luis e María, e até de sua irmã Esperanza, com quem não se dava muito bem. E de sua avó, é claro, que tomava conta de todos eles.

— Vá se lavar — disse a Sra. Richview a Robert —, e não quero ter que mandar duas vezes. Seu pai vai estar em casa a qualquer minuto e você sabe que ele gosta de comer assim que chega, às quartas-feiras, pra poder ir à reunião de proprietários do bairro.

— Não tô com fome — reclamou o menino, como fazia na maioria das noites.

— Bom, então não coma muito. Pode fazer um lanche mais tarde.

— Mas eu quero ir na loja de jogos com o Brad.

— Numa noite de semana? Acho que não.

— Mas, mãe, o irmão dele vai levar a gente de carro e você disse na semana passada...

— Ah, olha aí, o carro do seu pai. Ande logo pra podermos comer.

— Mas eu quero ir com o Brad. Você disse...

— Meu Deus, Robert, pare de me lembrar das coisas que eu disse! Olha, coma alguma coisa pra podermos fazer o nosso jantar da semana em família, depois você pode ir...

E assim era com os Richview, sempre ocupados, sempre indo a algum lugar, vivendo suas vidas tão velozes e tão separadamente. Tão diferente do Equador. Sua família havia passado a maior parte de seu tempo junta. E ninguém saía depois de escurecer — as ruas simplesmente não eram seguras. Eles diziam no jornal que a Califórnia era perigosa. Remedios nunca havia estado em Los Angeles antes de os Richview a levarem para lá. Nunca havia ido à zona leste da cidade, ou ao *Barrio*. Porém, não podia acreditar que lá havia gangues como as de Quito — meninos novos, alguns com não mais que cinco anos, vagando pelas ruas e pelos becos, carregando facas, prontos para cortar a garganta de qualquer um que encontrassem para conseguir comida, ou dinheiro para comprar comida... não, a Califórnia não era nada parecida com seu lar.

Assim que Remedios pôs o pão e a manteiga na mesa, o Sr. Richview entrou pela porta. Jess correu para ele, que a ergueu alto em seus braços. Remedios observou, se perguntando qual seria a sensação. Seu pai havia morrido quando ela ainda era pequena, logo após o nascimento de Dolores — talvez ele a tenha erguido daquele modo, mas ela não conseguia se lembrar de ele já ter sido forte e saudável. Sua avó havia lhe dito que a morte de seu pai havia causado a morte de sua mãe, porque não foi muito depois disso que ela ficou muito, muito doente. Remedios ainda podia se lembrar do sangue se esvaindo dela e como, no fim, ela estava pálida em razão da dor. Eles não tinham dinheiro para pagar um médico. Não havia nada a fazer além de ver sua mãe morrer

lentamente ao longo dos dois anos seguintes. Ela estava fraca; era a vontade de Deus, disse sua avó.

O Sr. Richview se encaminhou até seu pequeno escritório nos fundos da casa, ao lado do jardim. Remedios sabia que não era uma boa hora, mas vinha tentando falar com ele em particular há uma semana e nunca parecia haver o momento certo.

Ela parou na soleira, vendo-o tirar documentos de sua maleta.

— Sr. Richview, posso falar com o senhor um instante?

Ele não olhou, e ela se perguntou se tinha falado baixo demais para que ele a ouvisse.

Mas, após mais alguns segundos, ele pareceu notá-la ali, de pé.

— Sim? O que foi? — disse ele com sua “voz de escritório”, aquela com a qual ela o tinha ouvido falar ao telefone quando estava discutindo o mercado de ações.

— Sr. Richview, eu... eu gostaria de um aumento. Dez dólares por mês.

Ele a encarou por um momento, impassível, então voltou a separar seus documentos, dizendo:

— Você só está conosco há seis meses. Vamos falar sobre isso novamente daqui a seis meses.

Não havia nada a fazer a não ser voltar para a cozinha e servir a travessa com a carne.

Os Richview se sentaram ao redor da mesa, todos falando ao mesmo tempo.

— Essa ficou muito boa, Remy — disse a Sra. Richview sobre a carne, e Remedios enrubesceu. Havia sido a Sra. Richview quem começara a chamá-la de Remy, porque as crianças não conseguiam pronunciar o nome dela facilmente. Agora, todos a chamavam assim. Remedios não se importava. Ela só ficava grata de trabalhar para uma família tão boa.

Robert bicou seu prato feito um pássaro. Então, quando uma buzina soou lá fora, o Sr. Richview esbravejou:

— Diga a ele pra não usar a buzina, incomoda os vizinhos!

E a Sra. Richview disse:

— Quando foi que as pessoas pararam de vir à porta?

Robert pulou da cadeira, pegou a jaqueta no cabide na porta e saiu.

O Sr. Richview foi o próximo a sair. Ele comeu rapidamente, então foi para o andar de cima trocar de roupa para a reunião com os outros proprietários que viviam na área. A Sra. Richview também subiu com Jess, para ajudá-la com seu dever de casa e para “...ir pra sauna. Estou com o celular. Por favor, diga a quem ligar pro telefone fixo que eu retorno a ligação” disse ela a Remedios. O Sr. Richview correu para a porta. E Remedios foi deixada a sós para limpar os pratos com a comida pela metade.

Como sempre, se sentiu culpada enquanto jogava os restos no triturador de lixo. Somente com o que havia sobrado naqueles pratos seria possível alimentar toda a sua família por um dia inteiro. Antes, ela costumava comer as sobras dos pratos deles, mas a Sra. Richview a havia flagrado fazendo isso e insistiu que não era “higiênico”, que Remedios deveria jogar tudo fora.

Remedios cortou um pedaço de carne do lado mais externo do assado, evitando ao máximo a parte vermelha, e fez seu próprio prato, com um pequeno pedaço de abobrinha e uma pequena tigela de salada. Durante toda a vida, ela havia feito as maiores refeições durante o dia e comido algo leve antes de se deitar; não conseguia se acostumar a ter tanta comida no estômago à noite. Antes de se sentar para comer, embalou o resto da carne em filme plástico, guardou a salada e a abobrinha em potes herméticos e pôs tudo na geladeira, já abarrotada de comida. As crianças haviam comido suas sobremesas e o Sr. Richview comeu um pouco. O pudim da Sra. Richview permaneceu intocado, como sempre — ela nunca comia sobremesa. Remedios pôs o pudim junto de seu prato. Finalmente, sentouse para comer. Ela sentia falta da

comida com a qual havia crescido. Arroz, feijão vermelho e preto, bastante apimentado, às vezes com um pouco de carne, se a família pudesse comprar um *cui*. E o pão ázimo! Ali, não havia nada como ele. Ela tinha preparado uma refeição tipicamente equatoriana assim que chegou. O Sr. e a Sra. Richview comeram um pouco, mas as crianças nem experimentaram. A Sra. Richview comentou que talvez fosse melhor dizer a Remedios exatamente qual comida fazer toda semana, e como fazê-la.

Justo quando ela estava prestes a dar uma mordida na carne, a Sra. Richview a chamou do corredor:

— Remy!

E ela prontamente se pôs de pé.

— Sim, Sra. Richview?

— Eu tinha esquecido. Este pacote chegou pra você, pelos correios.

Remedios encontrou a Sra. Richview na soleira da porta e recebeu dela um pequeno embrulho marrom. Mesmo antes de ver o endereço, ela sabia que ele tinha vindo de casa. Um oleoso papel escuro, envolvido por uma corda de cânhamo. O pacote havia passado por dois sistemas postais e estava avariado.

— Obrigada — ela disse, e esperou até a Sra. Richview ter subido metade das escadas antes de voltar à mesa da cozinha.

Ela abriu o pacote. Primeiro, encontrou um recorte do jornal *El Comercio*, com uma matéria sobre *les Chupa-cabra*. Agora, havia acontecido avistamentos no Equador! Ela leu o artigo sobre a criatura vampiresca, o “sugador de ovelhas” que atacava também cavalos, vacas e até mesmo cães e gatos, mordendo-os e tomando seu sangue. A matéria dizia que havia testemunhas oculares do Chupa-cabra, que o descreveram como tendo entre 1,20 m e 1,50 m, com corpo de morcego, grandes asas, escamas ao longo de seu pescoço, rosto de gato e presas! Remedios estremeceu só de ler. Depois, achou uma carta, assinada por sua avó. Ou por seu tio Antonio, o único em sua família, além dela

mesma, que sabia ler e escrever. Sua avó havia ditado a ele o que escrever, claro.

Remedios, minha querida, você foi abençoada pela Sagrada Virginsita e Deus cuidou para que você nascesse forte e, portanto, deve ajudar sua família. É com você que nós contamos.

A carta prosseguia com notícias de sua família. A avó sofria de dores nos braços e nas pernas e se sentia muito cansada. Os dois gêmeos estiveram doentes, tossindo muito, mas já estavam bem de novo. Dolores, que havia nascido com pé torto, estava com dificuldades para andar. O vizinho havia examinado o pé dela e disse que ele estava se virando ainda mais para dentro — seria possível mandar dinheiro para um médico...? Esperanza estava grávida. Isso não surpreendeu Remedios — sua irmã sempre foi linda e sempre gostou de flertar com os garotos. Mas isso significava mais uma boca para alimentar! As notícias sobre Juan eram as mais perturbadoras. Ele havia começado a sair à noite; sua avó suspeitava que ele estava usando cocaína e que andava com uma turma de rapazes que matava.

Remedios baixou a folha, abalada. Lágrimas brotaram em seus olhos. O que ela podia fazer? Ela não estava lá. Se voltasse para casa para tentar fazer Juan se comportar, eles não teriam comida. Ele já tinha treze anos. Mesmo antes de ela deixar sua casa, ele já era impossível de controlar. Esperanza nunca havia lhe escutado e isso não mudaria. Será que ela conseguiria dinheiro para um médico? Já mandava tudo que ganhava para casa, tirando dez dólares por mês para coisas menores que poderia precisar — os Richview davam comida, roupas e dinheiro para o transporte; ela não precisava de muita coisa.

Talvez pudesse mandar para casa a metade disso todo mês e, então, em três ou quatro meses, eles teriam dinheiro para um médico e Dolores poderia fazer sua consulta... mas metade desses dez dólares iriam para o governo e para tio Antonio... Sua casa. Se ela estivesse lá, sua avó não teria que cuidar de todo mundo. Mas, então, quem iria prover? Não havia trabalho em Quito. Ou na maior parte do Equador. Todos os seus

pensamentos pareciam terminar em impossibilidades e ela não podia fazer nada além de chorar lágrimas silenciosas.

Por fim, o toque do telefone a forçou a se recompor. Ela enxugou as lágrimas nas mangas da roupa e anotou um recado para o Sr. Richview, então voltou para a cozinha. Seu prato de comida não parecia nada apetitoso; ela jogou a refeição intacta no triturador de lixo. Com todas as notícias perturbadoras, havia se esquecido do pacote em si. Talvez ela o devesse ter aberto antes de ler a carta, antes de ficar aborrecida.

Nele, ela encontrou uma pequena caixa de papelão e, dentro dela, uma bolsinha de couro preto, bastante surrada, amarrada com um cordão de couro preto; uma bolsinha que nunca tinha visto. Ela a abriu e encontrou um rosário. Em sua ponta, o crucifixo dourado. E a *Virginsita*. E... *Diosito! Mio Diosito!* O que era aquilo? Não eram contas que formavam aquele rosário, e sim *los dientes!* Pequenos dentes. Ela o ergueu para examiná-los sob a luz e, ao mesmo tempo, pegou a carta novamente.

No rodapé, sua avó havia complementado: *Isso pertenceu à minha mãe. O rosário é feito com um dente de leite de cada um de seus filhos, netos e bisnetos, incluindo você. Eu o dei à sua mãe e ela gostaria que você o recebesse, quando chegasse a hora. Você deve dá-lo à sua filha mais velha. Talvez agora veja o quanto é especial, Remedios. Sua família precisa de você.*

Remedios olhou de perto para o rosário. Todos aqueles dentes de leite! É verdade, sua mãe havia tido irmãs e irmãos, e sua avó também. Tantos dentes, todos revestidos para impedir que escurecessem demais. Havia dentes de trás e da frente, de todas as áreas da boca. Alguns haviam vindo de seus irmãos e irmãs, um dente de sua mãe estava ali, de sua avó, mas ela não sabia qual pertencia a quem. Ela percebeu o padrão familiar do rosário: um, três, um, do crucifixo ao entremeio. Depois: um, dez, um, dez, um, dez, um, dez, um, dez. Sessenta, ao todo. E todos similares. Todos, menos um. Um que ela agora havia notado, e como podia não ter reparado em outra ocasião?

Um dente diferente de todos os outros na corrente. Mais longo que os outros. Um daqueles que chamam de “canino”. Pontudo, afiado, nada parecido com um dente humano, mais como a presa de um animal. Como o dente de um vampiro.

Remedios ofegou e o rosário escorregou por entre suas mãos e caiu no chão de azulejos.

Garota idiota!, ela ralhou consigo mesma, abaixando-se no mesmo instante para recuperar o precioso presente de sua mãe. *Queiram todos os santos que nenhum dos dentes tenha quebrado.*

Ela examinou todos eles, um a um. Sim, nenhum havia quebrado ou lascado. Ah, que sorte! Então, fitou horrorizada o longo incisivo. Cautelosamente, ela tocou sua extremidade com a ponta do dedo. Afiado! Feito uma faca.

Enervada pelo presente e pela carta, Remedios devolveu o rosário à bolsinha. Pôs os pratos na lava-louças rapidamente, arrumou a cozinha e levou o embrulho para seu quarto. Ela se viu tão perturbada pelo rosário e pela carta, que pôs o pacote todo na última gaveta de sua cômoda, debaixo das camisetas. De repente, sentiu-se exausta. Sem se despir, apenas tirando os sapatos, deitou-se na cama e fechou os olhos com as luzes ainda acesas.

Remedios acordou sobressaltada de um sonho profundo e perturbador do qual ela não conseguia se lembrar. Seu quarto na casa dos Richview parecia estranho, pouco familiar, com sombras se movendo pelos cantos, se escondendo... O quê? *El Chupa-cabra!*

Com um pulo, ela sentou-se na cama e encarou fixamente as sombras, examinando-as da segurança de sua cama, escutando — a casa parecia anormalmente silenciosa, como se ela fosse a única alma viva a respirar sob aquele teto. Do lado de fora de sua janela parcialmente aberta, não havia sons no ar da noite escura, nem mesmo grilos. Como se atraídos por uma força invisível, seus olhos se focaram na cômoda e no que ela sabia que repousava na última gaveta, escondido, mas não de

fato. A consciência disso fez seu coração disparar e ela teve a sensação de seus pulmões estarem sendo comprimidos, como se não houvesse espaço para o ar ou não houvesse ar o bastante para preenchê-los. Sentiu cólicas no estômago.

Ela levantou da cama e seguiu pelo corredor, escutando. Não vinha som algum do andar de cima. Descalça, seguiu pé ante pé para a cozinha, aquele lugar familiar no qual passava tanto tempo. Pôs a chaleira elétrica na tomada e aquele ato simples e cotidiano a acalmou.

O terror subjacente que sentira começou a se dissipar e ela foi deixada com uma queimação no estômago que identificou como sendo fome. Abriu a geladeira, tirou o prato com o assado, e procurou no suporte por uma faca de trinchar. Quase sem saber o que estava fazendo, Remedios fez um corte profundo na carne, na parte mais sangrenta, puxando as partes mais vermelhas com as mãos e as enfiando na boca, lambendo o sangue de seus dedos.

Ela olhou para suas mãos, manchadas de escarlate pelo suco da carne, pelo sangue, e de repente lembrou-se disso: nos dias entre as estações, quando o tempo começa a ficar ainda mais fresco durante a noite, quando ela era criança, muito nova — será que Esperanza já tinha nascido? — ela havia provado sangue!

Sua mãe, seu pai — ele parecia sempre cansado —, sua avó antes de seu cabelo embranquecer totalmente... ela estava com eles, sua mãe com as mãos nos ombros dela, na praça da vila. A praça, com a igreja em uma ponta, estava lotada de amigos e vizinhos, outros parentes.

— É dia de banquete — sua avó havia dito naquela manhã —, *el Día de los Muertos*, o dia em que as pessoas oram a todos os santos por seus mortos.

Como se pode orar a todos os santos, Remedios se perguntava, *se há tantos deles?* Sua avó disse que o dia seria repleto de orações. A missa havia sido longa, com o nome de todos os mortos lidos em voz alta pelo padre; muitos nomes reunindo famílias mais pobres e missas individuais

para as famílias que podiam pagar mais. A procissão da igreja cuja fatigante missa eles tinham acabado de assistir estava em andamento, se movendo ao redor da praça, as rezas em cântico, conduzidas pelo padre, com as pessoas ecoando e respondendo às suas palavras. O aroma pungente do *incienso* queimado enchia o ar e os coroinhas balançavam sinetas e seguiam lentamente atrás dos padres, enquanto outras pessoas espalhavam pétalas de flores de um roxo escuro diante da procissão.

Remedios chupava um *guagua de pan* saído da cesta de pães do *Día de los Muertos*, assados por sua avó naquela semana — os pequeninos homens e mulheres de pão representando os mortos. O seu tinha olhos vermelhos de açúcar e cabelos e lábios verde-claros, com um colorido vestido. — “Esperanza” — assim a havia chamado a avó — a falecida irmã da mãe de Remedios, Esperanza, aquela em cuja homenagem *sua* própria irmã seria batizada.

— O nome dela significa “esperança” — disse sua avó.

Ela pôs a pequena Esperanza no bolso para, mais tarde, colocá-la no altar em sua casa, um altar em que havia uma grande pintura da Santa Marianita de Jesus e muitas, muitas velas. Também haveria algumas das flores que levaram do cemitério para casa.

Remedios estava com fome e se perguntava quando voltariam para casa e comeriam o *locro*, aquela deliciosa e espessa sopa, beberiam a *colada morada*, com seu aspecto de gelatina e vívida cor púrpura, que sua mãe só fazia para as festividades do Dia dos Mortos.

O vívido cortejo durou um longo tempo, com grandes coroas de flores carregadas de lá para cá pela praça, com pequeninas *stampas* dos santos e santinhos para os mortos afixados às flores vermelhas e amarelas. O padre segurava uma grande faixa com uma imagem da *Virginsita* e dois outros padres carregavam uma enorme Santa Marianita de Jesus, que dera sua vida para salvar a cidade dos terremotos, ambas as imagens decoradas com purpurina, conchas e muitas flores.

Remedios sentiu-se sonolenta e sentou-se no chão duro, recostando-se nas pernas de sua mãe. E então, quando abriu os olhos, a luz tinha se

desvanecido do céu e a noite havia caído sobre eles como uma figura sombria varrendo o firmamento para sufocar toda a vida... ela percebeu que eles agora estavam no cemitério.

Ali, no lar dos mortos. Uns sobre os outros em gavetas de cimento, em pilhas de quatro a cinco deles. “Muitos mortos, mas pouco espaço”, disse sua mãe. Ela permaneceu sentada no chão diante dos túmulos de seus ancestrais, enquanto os adultos colocavam belos lírios brancos fúnebres e coroas de flores nos túmulos e por trás das placas de mármore em que constavam os nomes dos falecidos. O ar ficou espesso com o aroma das flores e avivado pelo murmúrio dos cânticos. Remedios sentiu-se sonolenta.

— Tragam eles! — conclamou o padre.

De repente, a noite tornou-se negra, tendo apenas a luz das estrelas sobre suas cabeças. Cães! Eram tantos! De onde vieram todos eles? Dificilmente algum dos vizinhos tinha condições de manter um cachorro. Esses animais perambulavam pelas ruas, selvagens, em matilhas, competindo com as pessoas por comida. Como eles haviam sido atraídos até ali? Eram os restos de comida. Remedios nunca havia visto tantos cães no mesmo lugar, nem tanta comida sendo dada a eles. Muito tempo se passou, com discussões acaloradas, enquanto os homens observavam os cães e discutiam de um modo amigável — qual animal era o mais forte, qual era o mais fraco? O maior deles seria mais determinado que o segundo maior? E aquele branco, pequenino, parecia agressivo — talvez ele crescesse para se tornar o macho alfa que acasalava! Finalmente, finalmente, um deles foi selecionado. Uma cadela não muito pequena, de pelo marrom, a quem entretanto parecia faltar energia. A mais fraca, disse sua avó.

— *Someter* — disse seu tio, ordenando submissão à cadela.

Remedios ficou enraizada no lugar, quando tio Antonio cortou a garganta da cadela, de uma ponta à outra. O animal se empinou, rangeu os dentes, uivou — um som inquietante. Ela caiu por terra, primeiro com os joelhos dianteiros, então de lado. Antes que ela parasse de se

contorcer, as mulheres se adiantaram ao seu cadáver e recolheram o sangue derramado em bacias — entre elas, a mãe de Remedios. Cada família recolheu o máximo que pôde do precioso líquido vital, lutando para impedir que ele escoasse para a terra.

Então, outro cão foi capturado e levado rosnando para a frente de todos; Remedios tensa, as lágrimas ainda fazendo seus olhos arderem. Ele era forte, aquele cão, cheio de vida, não tão grande quanto o maior deles, mas seu espírito parecia enorme e todos podiam sentir isso.

— O mais apto à sobrevivência — disse tio Antonio, e Remedios assistiu a seu tio alimentar aquele cão com o sangue de sua irmã sacrificada. Então, ela viu seu próprio tio provar daquele sangue.

— Aqui, Remedios, beba isso — disse sua mãe. — Vai deixá-la forte. Você é a mais forte, tem que sobreviver.

Obedientemente, ela pôs os lábios no frio metal da bacia e bebeu o fumegante e espesso sangue como se fosse leite.

— Os fracos alimentam os fortes — disse sua avó enquanto ela bebia. — Às vezes, os fortes abandonam a matilha e se tornam selvagens, porque depois que provam sangue, é a única coisa da qual conseguem se alimentar. Sempre foi assim e assim será de novo. O mais forte deve ser encorajado a sobreviver ou todos morrem.

Remedios encarou suas mãos cobertas de sangue. Por que elas não mais a enojavam como antes? Ela sugou o doce néctar e podia quase senti-lo preenchendo seu corpo com energia, assim como ela agora se lembrava do sangue da cadela fraca atijando cada centímetro de seu ser.

Ela pôs o assado de lado e voltou para seu quarto, para a cômoda. Cuidadosamente, removeu o rosário da bolsinha de couro e o segurou contra a luz da luminária na mesa de cabeceira.

Tantos dentes! Alguns pareciam tão frágeis que poderiam se esfarelar se ela os tocasse demais. Outros pareciam maiores, mais fortes, mais capazes de cortar, mastigar, ingerir e transformar a comida que iria nutrir e alimentar. E então, aquele diferente de todos os outros. Aquele desenvolvido pela natureza para a sobrevivência. Um dente feroz. Ele

podia defender e proteger, ou destruir. Remedios ergueu o rosário sobre a cabeça e o colocou ao redor do pescoço, deixando que caísse por baixo da camiseta. Sentiu os dentes frios repousando contra a pele. A ponta daquele dente único fazendo uma leve pressão por entre seus seios.

Remedios nem precisou fazer a si mesma a pergunta que vinha evitando, pois em seu coração já sabia a resposta. O dente de vampiro havia vindo de sua própria boca. Um dente diferente de todos os outros. O dente do mais forte. Daquele que poderia viver e sobreviver em um lugar que não a sua terra natal. Daquele que poderia cuidar de toda uma família e assegurar seu sustento. Daquele que tinha forças para se alimentar dos mais fracos para sobreviver, pois a sobrevivência era crucial. Sua mãe havia dito isso; e foi por isso que deram a ela o sangue do cão mais fraco. Porque sua mãe a havia batizado como remédio de Deus — sua mãe era sábia. Ela sabia que Remedios havia nascido para remediar os erros que haviam sido seu legado.

Agora, vinham a Remedios imagens do vampiro e de *el Chupacabra*, e ela não se sentia mais ameaçada.

Conforme o céu se tornava mais claro, o conhecimento que Remedios havia desenterrado com o rosário não se desvanecia, apenas se solidificava dentro dela, fundindo as preocupações e as inseguranças, deixando para trás uma certeza a partir da qual agir.

A casa permanecia envolta em quietude, inerte como os mortos. Remedios passou pelos quartos em que Jess e Robert dormiam ininterruptamente. Ela continuou pelo corredor do segundo andar, vendo sua sombra se arrastar pelas paredes. Por fim, chegou ao quarto principal e abriu a porta silenciosamente.

Dentro, o ar cheirava a suor misturado com a fragrância dos perfumes da Sra. Richview. Remedios encarou o casal por um momento, tomando sua decisão. Seus padrões dormiam profundamente, a Sra. Richview com tampões nos ouvidos e uma máscara sobre os olhos. O Sr. Richview se espalhava junto à beirada, de costas, roncando sonoramente. Remedios se encaminhou para a lateral da cama.

Agachou-se diante dele e esticou a mão para tocar com cuidado o azul bojudo em seu pescoço. A respiração dele falhou por um momento. Ele abriu os olhos e a encarou, amedrontado. Remedios pôs o dedo sobre os lábios e sussurrou baixinho:

— *Someter*. — As pálpebras dele se fecharam como se ele ansiasse por voltar aos seus sonhos. Ele virou a cabeça, a veia como uma oferenda.

Remedios a perfurou facilmente, rapidamente, naturalmente, feito qualquer animal forte que havia descoberto em algum momento de sua vida o amor pelo gosto de sangue.

Remedios sentou-se à mesa da cozinha, sentindo-se renovada. Ela assinou seu nome no final da carta para tio Antonio, dizendo que ele deveria usar uma parte do dinheiro que tomou da família, como sua “taxa”, para providenciar o tratamento médico à pequena Dolores — cujo nome, ela o lembrara, significava “dor”. A dor de sua recusa em acatar, ela assegurava, não seria apenas de Dolores, mas também iria se tornar a dor dele. Ela deixaria de mandar o dinheiro até que ele fizesse aquilo. E se ele se recusasse? Sim, sua família sofreria. Dolores sofreria mais. Mas seria ele quem mais haveria de sofrer — ela cuidaria disso pessoalmente.

Ela dobrou a carta e colocou-a num envelope, selando o destino de todos eles.

Só então o Sr. Richview entrou na cozinha.

— Bom dia, Remedios. Como está hoje? — Ele parecia cansado. Aturdido.

— Estou muito bem, Sr. Richview. Posso falar com o senhor?

— Sim, é claro. Sobre o quê?

— Peço três coisas ao senhor. Primeiro, gostaria de visitar minha família por duas semanas. Vou precisar de uma passagem de avião.

Ele esfregou o pescoço por um momento, uma expressão ausente em seu rosto.

— Podemos ver isso.

— Segundo, preciso de um aumento. Gostaria de receber cem dólares a mais por mês.

Em vez de amarrar a cara ou se mostrar ainda mais incomodado do que na noite anterior, agora o Sr. Richview assentira, uma expressão sonhadora preenchendo seu rosto. Ele falava com ela de maneira respeitosa, como se ela fosse sua igual; com Remedios, uma pessoa forte, que sabia o que queria, o que era justo.

— Muito bem, acho que podemos lhe dar cem dólares extras por mês.

— E, por último — disse ela —, gostaria que depositasse esse dinheiro a mais em uma conta bancária igual àquela de que o senhor me falou, que me fará uma milionária em vinte anos.

Ela ficou apenas levemente espantada ao vê-lo acenar com a cabeça em aprovação.

— Bom, não posso prometer que será uma milionária, mas, se não mexer nele, posso prometer que terá uma bela quantia. É uma sábia decisão, Remedios. Vou passar no banco hoje para pegar os formulários que precisa assinar pra poder abrir uma conta... meu contador vai fazer os depósitos automaticamente e você pode ir até lá a qualquer momento pra se inteirar da sua conta bancária. Assim que o capital aumentar, podemos investi-lo em um fundo de alto rendimento. Vai precisar de coragem, correr alguns riscos. Quem não arrisca, não petisca. O mundo é duro, é cão comendo cão. Só os mais fortes sobrevivem.

— Os mais fortes e os mais espertos — disse ela, pensando em como faz muito mais sentido se alimentar dos mais fortes em vez dos mais fracos.

A SENHORITA MASSINGBERD E O VAMPIRO

Tina Rath

A escritora e atriz Tina Rath obteve seu doutorado na Universidade de Londres com uma tese sobre “O Vampiro na Ficção Popular” e seu mestrado com uma dissertação sobre “O Vampiro no Teatro”.

Ela deu palestras sobre vampiros para vários grupos e em várias universidades e tem sido amplamente entrevistada sobre o assunto no rádio e na televisão.

Rath vendeu seu primeiro conto de fantasia sombria para a revista *Catholic Fireside*, em 1974 e, desde então, seus contos de ficção têm aparecido em periódicos, tais como *The Velvet Vampyre*, *All Hallows*, *Ghosts and Scholars*, *Supernatural Tales*, *Amazing*, *The Magazine of Fantasy & Science Fiction* e *Weird Tales*, além das antologias *The 19th Fontana Book of Great Ghost Stories*, *The 17th Fontana Book of Great Horror Stories*, *Midnight Never Comes* e *The Year's Best Horror Stories XV*.

Ela atualmente é poeta residente da Dracula Society.

“Quando estava finalizando minha tese sobre ‘O Vampiro na Ficção Popular’”, explica a Dra. Rath, “cheguei à conclusão de que a capa do vampiro é um traje extraordinariamente versátil: pode ser usado por homens ou mulheres; pode esconder ou disfarçar, mas, paradoxalmente, também pode ser usado pra chamar a atenção; pode sugerir o monge encapuzado ou o

sofisticado frequentador de ópera; ela mesma pode ser ocultada, enrolada e carregada discretamente, mas, assim que é colocada, transforma aquele que a usa.”

“Da mesma forma, o vampiro, tanto homem quanto mulher, horripilante e atraente, oferece o disfarce supremo: roupas elegantes, a fantasia... uma *persona* que podemos adotar tanto pra nos esconder quanto pra nos exibir; uma máscara unissex e de tamanho único, que cabe em qualquer um. A capa é um Teste de Rorschach, no qual podemos ver nossas obsessões; não só nossos medos, mas também nossos desejos... de potência sexual, de liberdade das restrições de gênero, de moralidade e de todo o mundo material.”

“E, é claro, ele não é real, então, depois de desfrutarmos de nossa fantasia, podemos descartar a capa e sermos humanos de novo. Não é nada surpreendente que o vampiro possua um apelo imortal.”

Sobre o conto a seguir, a autora explica: “Escrevi esta história em particular porque moro perto de um lindo adro, coberto de hera, que de fato é cortado por uma trilha. O lugar pedia por um vampiro, então dei a ele.”

A PRIMEIRA VEZ que a Srta. Massingberd ouviu falar do vampiro foi por meio de suas alunas do quinto ano. Elas eram de fato as meninas mais bobas da escola, portanto, deu-lhes pouca atenção. Mas fez, é claro, seu pequeno discurso sobre ir da escola direto para casa e caminhar de um modo vivaz e feminino.

— Assim, ninguém vai incomodá-las. Seja humano ou vampiro — concluiu ela, e confiscou todos os dentes de alho e cruces feitas de réguas quebradas e durex que tinham ido parar na maioria das carteiras da sala de aula.

Agora, o caminho mais rápido que a própria Srta. Massingberd fazia até a escola, e então de volta, atravessava o adro da igreja de São Alfege. Durante as manhãs, não havia problema, mas, às vezes, à noite, quando a seguravam até tarde por causa de reuniões com pais, ou com um comitê, ou ensaios para a peça da escola, ela o contornava, pegando o caminho mais longo. Porém, ela era uma mulher resoluta e desdenhava de medos supersticiosos. Você não se tornou, ela disse a si mesma, Coordenadora de Língua Inglesa da maior escola secundária da área de Londres se permitindo ser assustada facilmente.

Assim, naquela luminosa noite de outono, quando ela mesma encontrou o vampiro, estava trilhando o atalho. E não estava andando com vivacidade, mas flanando como a mais boba de suas alunas do quinto ano, aspirando o aroma de folhas queimadas de uma fogueira oculta e desfrutando daquela estranha nostalgia de um passado que nunca havia de fato vivido, que sempre sentia no outono, quando viu a sombria figura encapotada, de pé, em meio às lápides.

Primeiro, ela naturalmente supôs que era o vigário, e estava passando por ele com um educado “Boa noite”, quando ele se virou para olhar para ela. Era, um tanto indubitavelmente, um vampiro. As pontas de seus caninos eram bem visíveis sobre seu lábio inferior. E ele era alto, sombrio, e belo de cortar o coração. A Srta. Massingberd olhou para ele e se apaixonou perdidamente.

Ela se viu tão surpreendida pela sensação (nunca antes em sua vida havia sequer cogitado tal coisa) que ficou ali paralisada, fitando os olhos sombrios e assombrados do vampiro. E o vampiro olhou de volta para a Srta. Massingberd. É difícil saber o que teria acontecido se o verdadeiro vigário não tivesse passado por eles de bicicleta, dando um animado aceno.

Os olhos do vampiro brilharam em vermelho rubi sob a luz do farol da bicicleta e ele desapareceu pelo crepúsculo. A Srta. Massingberd foi deixada ali, trêmula e em choque, sentindo-se como se tivesse despertado subitamente de um sono profundo.

Mas ela não sabia dizer se havia sido acordada de um sonho ou de um pesadelo.

O vigário, vendo-a ali ao anoitecer, parecendo tão perdida, deu a volta em sua bicicleta com um chiado no cascalho e a convidou para entrar e tomar uma xícara de chá. Ele era novo na paróquia, e solteiro, então sempre ficava satisfeito quando tinha visitas, além de saber bem quem a Srta. Massingberd era, uma vez que vigários e diretoras de escolas geralmente participam dos mesmos comitês.

A Srta. Massingberd estava enervada demais por seu encontro com o vampiro para recusar e o seguiu até seu horrível vicariato do fim do período vitoriano, que parecia ter sido projetado por um polígamo com uma família estendida anormalmente grande.

— Eu o chamo de quartel — gritou o vigário animadamente pelos espaços ecoantes do salão de entrada.

Ele era pavimentado com azulejos retratando o sacrifício da filha de Jefté, notou a Srta. Massingberd, desviando o olhar de forma apressada.

— Pode jogar seu casaco no cabideiro.

Ele a levou até um salão tão grande que os cantos do teto, de pé-direito alto, se perdiam na escuridão para além da luminosidade que ia se dissipando de uma única lâmpada de sessenta *watts*. O vigário acendeu o aquecedor a gás e recomendou que a Srta. Massingberd se sentasse junto a ele.

— Está sempre congelando aqui — disse ele — e é pior lá em cima. Se não se importa de ficar por aqui um instante, vou preparar um pouco de chá.

A Srta. Massingberd se sentou, fitando os cantos escuros do cômodo, se perguntando como havia acabado ali, indo tomar chá com o vigário, em vez de ir para casa corrigir trabalhos. O responsável era o vampiro, é claro, mas ela não podia culpá-lo. Seus pensamentos vagaram para a lua cheia, para torres em ruínas e olhos flamejantes, tornando-se cada vez mais inadequados para uma professora conforme o tempo passava.

Quando o vigário voltou com a bandeja, ficou surpreso em ver o quanto ela parecia corada e bela sob a luz tênue.

— Só tenho chá preto, receio eu — disse ele, desejando subitamente que tivesse algo mais exótico para oferecer a ela —, mas tenho um bolo muito bom.

A Srta. Massingberd desviou seu olhar da escuridão e sorriu para o vigário. Ela pensou que estava dando a ele seu luminoso, eficiente e amigável sorriso de comitê. Não tinha como saber que agora era o arrebatado e misterioso sorriso de uma mulher que havia se apaixonado por um vampiro, e o vigário foi pego de surpresa. Ele nunca havia percebido, em todas aquelas reuniões do comitê, o quanto os olhos da Srta. Massingberd eram azuis, e como seu cabelo era brilhoso.

Ele também sorriu e combateu um impulso ridículo e nada eclesiástico de tocar bem levemente em um daqueles pequenos cachos na nuca dela, que haviam saltado de seu coque francês firmemente penteado. Em vez disso, concentrou-se em servir a ela uma fatia de bolo.

Ele começou a falar com bom senso a respeito do comitê deles e perguntou à Srta. Massingberd o que ela pensava sobre o bazar de Natal, mas a Srta. Massingberd simplesmente esmigalhou o bolo em seu prato e sorriu feito a Mona Lisa.

Não demorou muito até que o animado afluxo de trivialidades que tinha para dizer começasse a secar e ele falou, quase acusatoriamente:

— Não está comendo seu bolo.

A Srta. Massingberd murmurou que não estava com muita fome. Então, o vigário, sempre um anfitrião polido, levantou-se para livrá-la do prato. A Srta. Massingberd, recordando-se de seu papel social apropriado, também se levantou e sorriu novamente, e o vigário, perdido e se afogando nos olhos azuis dela, beijou-a.

E a Srta. Massingberd, tendo pegado o jeito da coisa, se apaixonou mais uma vez.

Ela e o vigário se casaram, é claro. Eles transformaram o pavoroso e ecoante quartel do vicariato em um abrigo para famílias sem-teto. E com aquilo, e o Clube de Jovens, e as Bandeirantes e todos os outros deveres paroquiais, eles nunca pareciam ter algum momento nem mesmo para pensar.

Só às vezes, nos longos crepúsculos verdes da primavera, ou nos curtos poentes vermelhos do outono, a Srta. Massingberd se punha a caminhar sozinha pelo adro da igreja por algum tempo. Ela voltava com uma aparência bastante revigorada, embora um pouco pálida, e jogava um lenço de seda ao redor do pescoço antes de ir para o Clube de Jovens, ou para a reunião das Bandeirantes ou para o Conselho Paroquial. E seu marido dava um tênue suspiro e dizia a ela que se lembrasse de tomar seu tônico ferruginoso.

O CORVO CATIVO

Freda Warrington

Freda Warrington escreveu seus primeiros contos aos cinco anos de idade. Inspirada por autores de fantasia tais como C.S. Lewis, J.R.R. Tolkien, Tanith Lee, Michael Moorcock, Joy Chant, Ursula K. Le Guin, Anne McCaffrey e J. Sheridan Le Fanu, seu primeiro romance, *A Blackbird in Silver*, foi publicado em 1986.

Desde então, ela já publicou mais de outros vinte, incluindo *A Blackbird in Darkness*, *A Blackbird in Amber*, *A Blackbird in Twilight*, *A Taste of Blood Wine*, *A Dance in Blood Velvet*, *The Dark Blood of Poppies*, *The Dark Arts of Blood*, *Dark Cathedral*, *Pagan Moon*, *Dracula the Undead* (vencedor do prêmio Dracula Society de Melhor Romance Gótico), *The Court of the Midnight King*, *Elfland* (agraciado com o prêmio Romantic Times de 2009, na categoria Melhor Romance de Fantasia), *Midsummer Night e Grail of the Summer Stars*. Seu livro mais recente é a coletânea de contos *Nights of Blood Wine*.

“Eu amo o paradoxo dos vampiros”, revela Warrington. “Eles personificam coisas das quais temos pavor, como a morte ou (o horror!) mortos voltando do túmulo; porém, também são dotados de atributos que podemos cobiçar, como a juventude eterna, o poder sobre os outros, a sensualidade livre de culpa. As possibilidades oferecidas por personagens vampiros são infinitas. Longe de mim os heróis ocios perseguindo monstros ocios! Em *A Taste of Blood* e em suas sequências, meus personagens Karl, Charlotte, Violette e seus amigos me levaram por muitos labirintos sombrios e fascinantes, explorando temas como amor,

dor, inveja, psicologia, filosofia, religião, sexo... não havia limites.”

“*O Corvo Cativo* surgiu quando uma editora francesa, Lea Silhol, me pediu para escrever uma história para sua antologia de vampiros, *De Sang et d’Encre*. Ela deu a entender fortemente que gostaria de ver uma aparição de seus personagens favoritos de meus livros, Karl e Charlotte. Eu tinha uma ideia toda trabalhada... Até de fato pôr a caneta no papel, quando em vez disso me veio algo inteiramente não planejado! Não sei de onde Antoine veio, mas acho que ele daria um sorriso ao ver uma citação da escritora Susan Ertz em minha agenda, que me soou bastante pertinente logo após eu ter escrito sua história: ‘Milhões anseiam pela imortalidade, sem nem saber o que fazer consigo mesmos numa tarde chuvosa de domingo...’”

CAMINHO numa corda bamba sobre um abismo. O cabo prateado é tudo que me afasta de trezentos metros de escuridão, porém, não sinto medo.

Galgo os topos dos prédios de Londres feito um gato, me estiro sobre os tetos dos trens do metrô enquanto eles rugem pelos túneis cobertos de fuligem. Escalo as ferragens da Torre Eiffel e danço sobre as vigas em seu pináculo, desafiando a gravidade a me tomar. E tudo isso é tão banal.

Banal porque consigo.

Eu me movo com a leveza e o equilíbrio de um pássaro. Nunca caio, a menos que me lance voluntariamente ao solo. E então posso quebrar meus ossos, mas meus ossos saram rápido. Não é difícil. Não vai me matar. Todas essas proezas extravagantes me entediam porque não trazem desafio, não têm emoção.

O que deve um vampiro fazer?

Eu o vejo num clube noturno. Ele poderia ser meu gêmeo... um jovem sisudo, de rosto belo e afilado, o cabelo negro caindo nos olhos, e esses olhos, adoráveis poças miseráveis de sombras. Como ele parece solitário, sentado ali, alheio à multidão de corpos, às mulheres brilhando de contas e pérolas. Está curvado sobre um copo de uísque e leva à boca uma mão comprida e esquelética, sugando avidamente uma guimba de cigarro. Tragando seu último afluxo quente de venenos.

— Posso me juntar a você? — eu digo.

— Se insiste. — A voz dele é entediada, a fala arrastada da classe abastada inglesa. Adoro isso.

— Não há nenhuma mesa disponível. — Aceno para enfatizar o óbvio: o clube está lotado, uma cena sépia numa neblina de fumaça. — Meu nome é Antoine Matisse.

— Rupert Wyndham-Hayes. — Aperta minha mão sem entusiasmo. O cigarro dele terminou, então lhe ofereço outro, um afilado, francês, de uma cigarreira de prata.

Ele aceita. Eu o acendo para ele... um gesto de intimidade... e ele se senta novamente, soprando a fumaça num prazer enfadado.

— É de Paris, presumo? Primeira vez?

— Já estive aqui em outra ocasião — respondo. — Londres sempre me atrai de volta.

Ele faz um ruído zombeteiro.

— Eu preferia estar em Paris. Engraçado como sempre queremos o que não podemos ter.

— O que o impede de ir a Paris, Rupert?

Olho dentro de seus olhos. Ele não parece notar que não estou fumando. Vê algo especial em mim, uma alma afim, alguém que vai entendê-lo.

Ele chama o garçom e pede bebidas, embora despeje a minha na dele quando não está olhando. Dentro em pouco, sua história começa a aflorar. A propriedade no campo pertencente à família, um pai orgulhoso, rico e desagradável. Uma mãe há muito morta. Rupert, filho único, com uma pesada carga de expectativas sobre seus ombros. Mas ele desapontou seu pai em tudo.

— Todas as coisas que ele queria que eu fosse... não consigo. Devia ser um acadêmico, um oficial, um ministro de gabinete. Digno dele. Casado com alguma cria de Earls Court. Era assim que ele me via. Mas eu o decepcionei. Tentei e falhei; deuses, como tentei! Por fim, tive algum estalo e me recusei a continuar a dançar conforme sua música. Porque o que realmente sou é um artista. A única coisa que sei fazer, a única coisa que sempre quis fazer, é pintar!

Ele traga seu cigarro profundamente. Seus olhos queimam de ressentimento.

— Seu pai não se sente orgulhoso por você ter esse talento?

— Orgulhoso? — cospe ele. — Ele me despreza por isso! Diz que vou acabar na sarjeta.

— Por que não vai embora? — digo suavemente e presto mais atenção ao movimento de sua tenra garganta do que às suas palavras. — Vá pra Montmartre, seja um artista. Prove que o velho está errado.

— Não é tão fácil. Há uma moça, Meg...

— Leve-a com você.

— É exatamente isso. Não posso. Ela é filha do jardineiro. Meu pai a emprega como arrumadeira. Não percebe? Não contente em ser um fracasso em tudo o mais, vou e me apaixono por uma simples criada. E agora o velho me diz que se não desistir dela e entrar no jogo, ele me deserda! E Meg se recusa a me ver. Diz que tem medo do meu pai. Maldito seja!

Não sou vampiro há muito tempo. Ainda me recordo de como tais dilemas parecem insolúveis aos humanos.

— Que terrível.

— Porco velho e vingativo! Vou perdê-la e ficarei sem um tostão! Ele não pode fazer isso comigo!

— O que vai fazer a respeito, Rupert?

Ele abaixa o olhar para seu uísque. Como parece sedutor em sua miséria.

— Queria que o canalha do velho morresse amanhã. Isso resolveria todos os meus problemas. Queria matá-lo!

— E mataria?

Ele suspira.

— Se ao menos tivesse peito! Mas não tenho.

Então, sorrio. Pouso minha mão na sua e ele está entorpecido demais pelo uísque para sentir a frieza das pontas de meus dedos. Eu havia pensado em algo mais interessante para fazer do que simplesmente levá-lo para fora e sugá-lo.

— Eu faço por você.

— O quê? — Seus olhos ficam imensos.

Devo me explicar. Sou pobre. Me parece um tanto vulgar vasculhar os bolsos de minhas vítimas, feito um ladrão barato. Eu o faço mesmo assim, mas me rende poucas recompensas. A riqueza que almejo, de modo a ter o estilo de vida que um vampiro merece, é difícil de encontrar.

— Me dê uma parte de sua herança e eu o mato por você. Ninguém nunca vai ligá-lo ao crime. Causas naturais, é o que dirão.

Ele respira rapidamente. Suas mãos tremem. Ele sabe o que eu sou? Sim e não. Olhe em nossos olhos e um véu será erguido em sua mente; você adentrará um sonho onde tudo é possível.

— Meu Deus — ele diz, repetidamente. — Meu Deus. — E, enfim, com uma luz selvagem em seus olhos... — Sim. Rápido, Antoine, antes que ele tenha chance de mudar seu testamento. Faça!

Estou de pé no jardim, olhando para a casa.

É uma edificação impressionante, mas feia. Pedras marrom-acinzentadas, manchadas e esburacadas pelas intempéries, acoradas em um terreno grande e lúgubre. Uma passagem de cascalho leva a um pórtico decadente. Nenhum canteiro de flores para suavizar as paredes, apenas arbustos espinhosos. É um tanto satisfatória, mas nenhum amor, nenhuma imaginação e nenhum dinheiro haviam sido gastos ali por muitos e gélidos anos.

Sob a luz do outono, atravesso o gramado até os fundos da casa. Os jardins também são austeros e formais, com sebes aparadas e postadas feito soldados nas extensões planas de grama. Mas há castanheiros, olmos e faias para conceder alguma grandeza à paisagem. Há folhas marrons espalhadas pelo solo. O jardineiro as arrumou em pilhas e sinto aquele aroma de outono inglês, de fogueiras e grama molhada.

Em algum lugar por detrás das janelas da casa, está o pai, o rato em sua toca, Daniel Wyndham-Hayes.

A escuridão se assoma. Gralhas se reúnem nos topos das árvores. Prossigo sem pressa, saboreando a experiência, quando uma figura num

longo sobretudo preto sai da escuridão azul e vem em minha direção.

— Antoine, o que está fazendo?

É outro vampiro. Seu nome é Karl. Talvez você o conheça, mas, caso não, digo-lhe que Karl é bem mais velho que eu e acha que sabe de tudo. Imagine o rosto de um anjo, um que ao cair sentiu tanto êxtase quanto culpa... e ainda sente, toda vez que ataca. Olhos de âmbar que lhe devoram. Cabelos da cor de vinho de Borgonha, que me fascinam pelo modo como parecem negros à sombra e então se tornam fogo escarlate sob a luz. Ele é como um fantasma letal, sempre me alertando para não cometer os mesmos erros que ele.

— Estou a pensar que esta casa e este jardim são a manifestação da alma de seu dono — respondo maliciosamente. — Será que vão se transformar quando ele morrer?

— Não faça isso — diz Karl, balançando a cabeça. — Se passar a distinguir os humanos e fizer deles algo especial, vai levar a si mesmo à loucura.

— Que importa a você, se eu enlouquecer?

Ele põe a mão em meu ombro e, embora eu sempre o tenha desejado, estou irritado demais com ele para corresponder.

— Porque você é jovem e só vai descobrir por si só quando for tarde demais. Não se envolva com os humanos. Mantenha-se apartado deles.

— Por quê?

— Porque, do contrário, eles vão partir seu coração — diz Karl.

Eles acham que sabem de tudo, os mais antigos, mas cada um deles lhe dirá algo diferente. Não se pode dar ouvidos a eles. Não os encoraje ou nunca vão se calar.

Nos prostramos no gramado feito um par de corvos. Então, começo a me afastar dele, me virando tão levemente quanto um dançarino, olhando de volta para ele enquanto me encaminho para a casa.

— Vá pro Inferno, Karl. Eu faço o que quiser.

Estou dentro da casa. Os corredores são ventosos e precisam de uma demão de tinta. Ainda assim, velhos mestres estão pendurados nas paredes e passo o dedo pelas molduras douradas com empolgação. Ricos. Parece irônico que Daniel colecionasse essas velhas e encardidas pinturas a óleo pelo seu valor e ainda assim considere que a potencial obra de seu filho não tem nenhum.

Seguindo as instruções de Rupert, encontro a branca porta almofadada do quarto e entro.

O pai não é como esperava.

Eu me ponho ao lado da cama, olhando para ele. Com uma mão, empurro a cortina do dossel. Estou estático feito uma cobra; se ele acordar, vai pensar que alguém lhe pregou uma peça pavorosa e pôs um manequim de olhos brilhantes e pele encerada ali para assustá-lo. Mas ele continua a dormir, sozinho em seu grande e austero quarto. Brasas moribundas na lareira dão à parede um brilho demoníaco. Como o resto da casa, ela é limpa, mas surrada. Daniel está enrustindo sua riqueza. Talvez ache que, se deserdar Rupert, poderá levá-la com ele.

Por que presumi que ele seria velho? Rupert só tem vinte e três anos e o homem mal tem cinquenta, se muito. E ele é lindo. Tem um rosto vigoroso, como o de um ator, espessos cabelos castanho-avermelhados e cinzentos, ondulando por uma testa alta. Seus braços são musculosos, as mãos bem-feitas sobre a colcha. Mesmo no sono, sua expressão é firme e inteligente. Fico ali, admirando a extensão aquilina de seu nariz e as longas curvas de suas pálpebras, cada uma com um pequeno leque de rugas nos cantos.

Não será fácil matá-lo. Esperava um bode velho e frágil de touca. Não essa criatura magnífica, tão cheia de força e sangue, um leão. Eu me inclino por sobre a cama. Estou salivando. Toco seu pescoço com a língua e provo o sal de sua pele, os restos cremosos do sabão de barbear, um perfume tão masculino... estou tremendo de desejo quando o forço para baixo com minhas mãos e mordo.

Ele acorda e ruge.

Tento silenciá-lo com minha mão em sua boca e ele me morde de volta! Seus dentes estão alojados ali, na parte carnuda de minha mão, mas suporto a dor, não ligo para ela, tudo é levado pelo êxtase de me alimentar. Ficamos ali, mordendo um ao outro. Seu corpo se arqueia sob o meu. O som de algo roçando à porta.

Ambos congelamos, feito amantes pegos no flagra. Eu paro de engolir. Lentamente, retiro minhas presas das perfurações. Daniel apenas arfa debilmente, embora a dor deva ser excruciante. Olhamos um para o outro. A porta se abre; uma aparição flutua para dentro.

Ela está usando uma grossa camisola branca e carrega uma vela que se reflete em seus olhos.

— Daniel? — sussurra ela. — É meia-noite...

Consigo dizer pelo modo como age que ela não veio em resposta aos gritos dele. Duvido até que os tenha ouvido. Não, ela veio como um ladrão, e é óbvio que sua presença ali tem hora marcada. Estou parcialmente escondido pela cortina do dossel, então dou uma boa olhada nela antes que me veja.

É adorável. Cabelos castanho-escuros ondulando soltos sobre sua camisola branca. Ah, quantas cores neles, os adoráveis fios cor de bronze e vermelhos. Ela tem o mais doce dos rostos. Olhos e sobrancelhas escuros, a boca um broto vermelho e surpreso.

Ela está vindo em direção à cama. Daniel chia:

— Meg, não! — E então ela nos vê, e o sangue no pescoço dele e em minha boca.

A vela cai no carpete, suas mãos voam até seu rosto. Ela recua em direção à porta, gritando.

— Ah, Deus, não! Socorro! Assassino!

Tenho que detê-la. Eu me lanço em sua direção, segurando-a contra a porta antes que possa dar dois passos. Estou num frenesi agora, preciso tê-la, não consigo parar. Saboreio o sangue dele ainda em minha boca quando dou a mordida e então ele é varrido pelo gosto de Meg fluindo sobre minha língua. Maduro, vermelho, salgado e...

Sua cabeça cai para trás. Ela se agarra a mim. É tão intenso que reduzo o ritmo e puxo-a delicadamente para mim até ela pressionar seu corpo ao longo de toda a extensão do meu e eu sentir seu coração batendo, seu fôlego escapando em breves e entrecortados clamores de assombro.

Por alguma razão, não consigo matá-la. Minhas presas escorregam para fora das perfurações e a abraço forte enquanto suspira. Não tenho a energia nem a determinação de ir até o fim. Não, gosto dela viva. Adoro o calor pesado de seu corpo desabando sobre o meu e seu cabelo, tão suave, contra minha boca vermelha e molhada.

Ficamos assim por alguns minutos. Então sinto Daniel tocando meu ombro. Ele saiu cambaleando da cama.

— Quem é você? — sussurra ele.

Suas mãos enormes vagueiam por meu braço, minha escápula, minha coluna. Elas deslizam, se revezando entre mim e a mulher, pousando cálidas em minhas costelas. Ele repousa apoiado em minhas costas. Nós três, impresados juntos.

Ora, mas que aconchegante.

Estou no jardim outra vez quando ela me encontra. Estou andando para frente e para trás no gramado sob as frias janelas da mansão, com a lua me encarando lá de cima; e de repente, lá está Charlotte. Ela sai das sombras de uma sebe para andar ao meu lado.

— É difícil partir, não é? — diz ela, deslizando sua mão fria pela minha. — Como ela é, a sua família?

— Interessante — eu digo. — Rupert, o filho, está apaixonado pela deliciosa criada, Meg. Como vou dizer a ele que Meg escape regularmente para servir ao pai dele? Não admira que Daniel tenha proibido Rupert de vê-la.

Charlotte profere uma risada delicada e sensual.

— Ah, Antoine, Karl não lhe falou do erro que é perguntar seus nomes, se envolver em suas vidas? Sabe que não deveria, mas não

consegue evitar. Essa também é sempre minha ruína.

Ah, agora Charlotte. Ela é amante de Karl e sua presença é tudo que se precisa para revelar a tolice do conselho dele. Não se envolva com humanos, ele me diz? Hipócrita. Pois ele tomou Charlotte quando ela era humana, não consegui se conter, não conseguia deixá-la em paz. E quem poderia culpá-lo? Há nela um quê de rainha do gelo e um quê de flor de formosura. Ela é a perfeita boneca de ouro e porcelana com um coração de escuridão. Como uma princesa que fugiu com os ciganos, toda ela seda fulva e rendas cor de bronze. Mas pergunte qual deles é o mais perigoso, mais verdadeiramente vampiro... é Charlotte.

Ela é a sedutora. Ela é quem é letal. Você nunca verá a chegada de Karl; ele vai tomá-lo velozmente e sumir antes que saiba o que aconteceu, sem promessas, sem desculpas. Mas Charlotte vai venerá-lo a distância, lhe dar flores, fugir de você e voltar para você, até que esteja tão louco de amor a ponto de não saber mais o que faz. Ah, então ela vai se voltar contra você e abatê-lo, essa nossa víbora, e encharcar seu corpo maltratado com as lágrimas dela.

Não que eu tenha sido sua vítima, você entende. Mas pude observá-la, na mais completa admiração.

— Por que tem que ser uma ruína? — pergunto, incomodado.

— Humanos são tão atraentes, não são? É impossível apenas prová-los. Você não consegue ser como Karl... só atacar e nunca olhar pra trás. Você é como eu, Antoine. Quer brincar com eles, quer conhecê-los, quer amá-los. É um prazer que vale a dor? Nunca sei bem. É preciso fazer uma vez após a outra pra saber se vai ser diferente desta vez.

— É só um jogo pra mim. Não ligo pra eles. Estou fazendo pelo dinheiro, só isso.

— É mesmo? — diz ela. — Então, por que não conseguiu matá-los? Por que ainda está aqui?

Charlotte se põe nas pontas dos pés e pressiona sua boca rosada contra a minha; e então se vai, num sussurro de seda e lilás.

Por trás dessa sebe, encontro uma horta, onde o pai de Meg carinhosamente cultivava vegetais para alimentar os moradores da casa. Ah, agora eu vejo. Ele é um homem que despreza flores e beleza, ama os prosaicos feijões e batatas... assim como seu empregador. O ar está espesso pelo apodrecer das couves-de-bruxelas, pelo cheiro de solo molhado revolvido e de adubo.

Por uma fenda, vejo o brilho frio da estufa e... onde a horta encontra a área dos serviçais da casa... o brilho tentador do vidro na porta da cozinha.

Quando Rupert descobre que não matei seu pai, irrompe em fúria vulcânica.

Nos encontramos sob uma fileira de olmos. As gralhas grasnam e se altercam nos ramos nus acima de nós.

— Seu mentiroso! — grita Rupert. — Seu traidor!

Ele voa para cima de mim, os braços feito moinhos de vento, mas eu o seguro a distância. Ele é inútil numa luta, assim como em tudo o mais. Talvez também seja um artista inútil, meramente afeiçoado à ideia de remoer, sofrer e ser incompreendido.

— Por que não acabou com o demônio? Você apenas o feriu!

— Fui interrompido.

— Que diabos quer dizer com... interrompido?

Então, conto a ele. Rupert se enfurece. Ele anda, soca as árvores, choraminga. Finalmente, vira-se para mim como um homem nas garras de uma doença mortal, seu rosto pálido e frágil como a pele de um cogumelo.

— Isso é um desastre! — ele chora. — Se Meg e meu pai são amantes, então não tenho nada mais pelo que viver. Eles terão um filho e eu não terei herança alguma, nem casa nem esposa... nada!

Ele se arremessa a mim, agarrando a gola de meu casaco. Estou realmente gostando disso.

— Me mate — implora ele, as lágrimas correndo por seus belos e angustiados olhos. — Mate a mim, em vez deles.

Ah, com prazer.

Só que eu não consigo.

Abraço Rupert e temos a mesma altura, então ele olha em meus olhos por um instante antes de minha cabeça descer em sua garganta. Ele está tenso, sôfrego pelo limbo. Mas, então, o inevitável acontece. Ele relaxa em meus braços e aperta minha cabeça. Suspira. Se esquece do que tinha raiva. Estamos agarrados, seu sangue correndo docemente para minha boca aberta, sua virilha pressionada fortemente contra a minha. E acontece. Eu me apaixono por ele.

E estou saciado, então paro de beber. Só quero segurá-lo contra mim. Mas não tomei nem de longe o bastante para matá-lo, e ele sabe.

— Seu canalha — diz ele, fraco. — Seu mentiroso.

Ele desmaia. Eu o solto. Deixo-o ali, jogado sobre as raízes de uma árvore, e corro.

Não vou longe. Há um antigo caramanchão rosa na metade do terreno, com uma fonte seca e algumas estátuas musgosas e de olhar triste. Aqui eu hesito, em dúvida, minha mente cheia de Rupert, Meg e Daniel. Como eu os desejo. Estou angustiado.

Karl me sobressalta. Não estou olhando para onde vou e não o vejo ali, à sombra de uma treliça de rosas. Quase piso nele. Ele é como uma estátua que ganhou vida, com fogo no lugar dos olhos e, se eu fosse humano, creio que o medo teria me matado. Ele ainda está me seguindo, me observando, me alertando... por puro capricho, juro.

— Vai simplesmente deixá-lo? — Ele agarra meus braços, me forçando a encarar seu olhar. — Você tem uma escolha, Antoine. Volte e acabe com todos eles... ou parta agora e não volte nunca mais. Tome uma decisão ou isso vai destruí-lo!

— Que Inferno, por que não me deixa em paz?! — eu rosno, me desvencilhando dele.

— Vou deixar — diz ele, friamente —, mas já vi muitos dos nossos sabotarem sua própria existência por conta de sua obsessão com os mortais. Já conheci até quem chegou a se matar.

— Se matar? — A ideia é chocante para mim. Abominável. De que adianta se tornar imortal para então jogar isso fora?

— Assim que estiver certo de que compreende... então o deixarei com sua insensatez.

Eu rio.

— Karl, você realmente não vê? O quão entediante quer que nossa existência seja? Ah, sim, eu tentei todas as coisas que vampiros recém-criados acham que vai ser empolgante. E é empolgante, por um tempo. Escalei montanhas onde o frio e a ausência de ar matariam humanos. Nadei nas profundezas do oceano. Eu me joguei feito um pássaro da Torre Eiffel e saí andando com um punho quebrado.

— E não achou esplendor em nada disso?

— A questão é que quando tais proezas nos são tão fáceis de realizar, não há motivo para realizá-las. Não há desafio. — Minha voz é rouca e me odeio por ser sincero e ardoroso na frente de Karl, mas aí está. — Tudo que resta, o único desafio, a única chance de paixão... — Aponto para o outro lado do jardim, para o casco de pedra marrom-acinzentada — ...se encontra naquela casa.

— Eu discordo — diz Karl, mas seus olhos o traem.

— Se discorda, meu amigo, por que está me importunando? Não há razão sob esta lua para que esteja me assombrando, exceto que isso lhe causa algum *frisson* de excitação.

Karl não acha resposta para isso. Eu me afasto numa dança, um tanto satisfeito por, ao menos uma vez, tê-lo calado.

Estou de volta à casa. A mariposa rumo à chama. É claro.

Estou do lado de fora da janela do salão e eles estão lá dentro, sentados juntos da luz de uma lareira e das lâmpadas a gás. Uma cena de cor marrom, com pequenos toques de verde, vermelho e dourado. Para

minha surpresa, Rupert e seu pai estão sentados em poltronas em lados opostos da lareira. Não estão conversando, mas, meu Deus! Pelo menos estão no mesmo cômodo! Estão bebericando conhaque em taças próprias para tal e a bebida brilha feito rubi sob a incandescência das chamas.

Meg está empoleirada num sofá, costurando. Ela veste uma camisa simples e um cardigã... não o uniforme de criada que eu esperava... e seu cabelo está enrolado em sua cabeça, lindamente desgrenhado. Estão ouvindo música no rádio... uma caixa tão grande, produzindo sons tão pequeninos, tão ínfimos, tão vivazes! Mas essa não é uma cena de felicidade doméstica.

Há uma tensão pavorosa entre eles. Posso senti-la mesmo através do vidro.

Estão esperando por mim, pensando em mim. Posso sentir o calor de seus sonhos e desejos. Por mim, eles esqueceriam suas querelas, esqueceriam até suas relações uns com os outros, só para sentir meus lábios novamente e minhas presas penetrando neles... para se perderem em êxtase. Anseio por ir até eles. Quero sentir seus braços ao meu redor e seus corpos maleáveis sob o meu, suas genitálias se enrijecendo e se abrindo feito flores exóticas, seu sangue saltando para dentro de mim, Deus, sim, seu sangue...

A mulher se espeta com a agulha. Vejo a gota de sangue aflorar em seu dedo. Então, seus lábios se fecham sobre o ferimento e meus desejos latejam como uma dor.

Minha mão está na janela...

Meg olha para cima com seu dedo ainda pressionado contra o broto úmido de sua boca e me vê. Agarro o caixilho da janela de correr e o empurro para cima. O calor do cômodo corre ao meu encontro e ouço ela ofegar:

— Ele está aqui!

Os homens se põem de pé. Seus rostos estão arrebatados, os olhos febris, lábios entreabertos. Todos os três vêm em minha direção e anseio por acariciar seus cabelos, sentir o calor de seus corpos através das

roupas e provar o gosto de sua pele. O inquietante Rupert, o leonino Daniel e a sensual Meg. Três figuras douradas numa caverna de fogo.

— Aí está você — eles sussurram. — Entre, Antoine, entre em nós.

Eu estendo os braços a eles, assim como eles estendem os braços a mim. As pontas de nossos dedos se tocam...

Alguém fecha a janela entre nós. Uma mão agarra meu braço.

— Eles vão sugá-lo — diz Charlotte em meu ouvido. — Serão seus escravos, e você, o deles.

Agora, se fosse Karl quem tivesse fechado a janela, eu teria ficado furioso. Mas nunca poderia ter raiva de Charlotte; não por muito tempo, pelo menos. Num lampejo, me faço desapaixonado e irônico.

— Isso parece um tanto atraente.

Seus rostos estão pressionados contra o vidro frio, encarando o crepúsculo. Charlotte me puxa de lado para que não possam nos ver. Eu cedo e caminhamos lentamente pelos fundos da casa, com a areia grossa, o solo e os detritos do outono se acumulando em nossos sapatos. Um cheiro de cemitério. Estou procurando por outra entrada. Eu me sinto uma assombração, arranhando as janelas, chacoalhando as maçanetas das portas.

Esse caminho nos leva de volta à horta. Na penumbra de lá, há gralhas nos sulcos, bicando as deliciosas iguarias que o pai de Meg trouxe à superfície ao cavar. Ele saberá o que sua filha faz com Daniel, com Rupert e comigo? Ele se unirá a nós? Um homem velho, cheirando a suor e terra, criando vida verde do chão... eu gostaria de provar sua essência.

— Se entrar, não vão deixá-lo ir embora — diz Charlotte. — Não terá como partir.

Eu a puxo para mim e beijo seu pescoço.

— Não iria querer partir. Eu os amo. E você mesma parece arrebatada pela ideia.

Ela ri.

— Não estava certa, Antoine? Sim... isso é empolgação. Isso é êxtase. Devo lhe contar por que Karl é tão frio? Não porque ele seja diferente de nós. Não, é porque ele é igual, não consegue ignorar os humanos. Só que ele odeia as consequências. Ah, eu sempre mergulho de cabeça, não consigo me conter, sempre acho que vai ser diferente dessa vez. Mas Karl... ele é o realista.

E Karl está lá, como se surgido do nada em meio às sombras. Ele estava esperando por nós. Agora, passeia do meu outro lado, sua mão tão afetuosa sobre meu braço. Estão me afastando da casa, pelo caminho de grama em direção à sebe nos limites do jardim e para as árvores nuas mais além, em direção à redenção. Cada passo é uma agonia.

— O problema é que há um preço a pagar — me diz Karl. — Pode dizer “sim” a eles e se entregar à queda... mas não pode tê-los e ainda mantê-los. Eles estão morrendo, Antoine. Quanto mais os ama, mais os mata.

— Não pense que isso não há de machucá-lo, quando eles morrerem — diz Charlotte. — Não suponha que as garras dessa dor não rasgarão seu coração em pedaços!

— Mas, se eu... — Minha voz está fraca.

Charlotte sabe o que estou pensando.

— Sim, você poderia transformá-los em vampiros — diz ela, vividamente. — Com um grande dispêndio de energia, determinação e força, você poderia fazer isso. Mas não será a mesma coisa. Você então terá três predadores de olhos frios, competindo com você, se ressentindo de você, talvez odiando você. Mas seus amantes cálidos, úmidos e cheios de sangue terão ido embora.

— Então, deixe-os — diz Karl. — Deixe-os agora!

Alcançamos o vão na sebe. Fico ali, desesperado. Ergo meus braços, angustiado, e o ruído de meu sobretudo faz uma dúzia de gralhas alçarem voo, alarmadas. Mas uma permanece. Ela saltita em círculos pela grama, arrastando uma asa ferida. Não consegue escapar da terra.

Eu me desvencilho de Karl e Charlotte. Corro de volta para a casa e paro do lado de fora, com a respiração pesada.

Meus amantes estão lá dentro, esperando por mim. Posso ouvir o sangue trovejando em seus corações, suas línguas vermelhas umedecendo seus lábios em antecipação. Só preciso me virar e eles ficarão assim para sempre... sofrendo por mim, esperando, sua luxúria se transformando em uma febril agonia... mas vivos.

O luto, penso eu, será interessante.

Pressiono meus dedos contra o vidro frio da porta da cozinha e, então, entro.

O REI VAMPIRO DAS MINAS GÓTICAS

Dos diários de Sonja Blue

Nancy A. Collins

Nancy A. Collins reside atualmente em Atlanta, no estado norte-americano da Geórgia. Ela é autora de vários romances e inúmeros contos, além de ter sido roteirista da série em quadrinhos *Monstro do Pântano*, da DC Comics, por um período de dois anos. Vencedora dos prêmios Bram Stoker (da HWA), Icarus (da British Fantasy Society) e Deathrealm, entre seus livros estão *Sunglasses After Dark*, *Lynch: A Gothik Western*, a coleção neogótica sulista *Knuckles & Tales* e a série de fantasia urbana *Golgotham*.

Seus trabalhos mais recentes incluem uma fase de treze edições como a primeira roteirista dos quadrinhos da personagem Vampirella, a minissérie *Red Sonja: Vultures* e a série limitada *Darkness: Furious Road*, bem como o lançamento da edição em capa dura da adaptação para os quadrinhos de *Sunglasses After Dark*.

“*O Rei Vampiro das Minas Góticas* originalmente teve início como a primeira aparição nos quadrinhos de Sonja Blue”, explica Collins. “Intitulada *The Real Thing*, o roteiro foi encomendado por Joe R. Lansdale para *Weird Business*, um robusto ‘livro’ de quadrinhos em capa dura que ele estava editando para a editora Mojo Press, lá em 1995.”

“Embora eu não tenha ficado demasiadamente entusiasmada com a arte que acabou sendo usada, sempre gostei da história e,

após alguns anos, decidi fazer uma versão em prosa dela... tornando-a o primeiro conto de Sonja Blue. A transição dos quadrinhos para a prosa não foi particularmente difícil de realizar, uma vez que o roteiro original para os quadrinhos era extremamente detalhado.”

O CORVO VERMELHO é um autêntico pardieiro. A única coisa indicando que ali se trata de um bar é uma antiga propaganda do uísque Old Crow na janela da frente e um oscilante letreiro neon, escrito “LOUNGE”. As privadas estão sempre entupidas e o lugar fede perpetuamente a mijo.

Durante a semana, é só mais uma espelunca da vizinhança, servindo caminhoneiros e pés de cana. Nenhum Bukowski entre eles. Mas, uma vez que a bebida é barata e os balconistas nunca pedem documentos, o Corvo Vermelho passa por uma total transformação quando chega a noite de sexta-feira. A clientela do bar muda radicalmente; torna-se mais jovem e mais estranha, pelo menos na aparência física. Os suspeitos de costume que ocupam as mesas e os bancos no balcão são substituídos por homens e mulheres jovens, adornados em couro preto e tantos *piercings* faciais que lembram caixas de ferramentas ambulantes. E ainda nenhum Bukowski entre eles.

Esta noite de sexta não é diferente de nenhuma outra. Um bando de moleques góticos já está aglomerado pela calçada quando chego, agarrados em seus copos de plástico cheios de cerveja Rolling Rock, quente feito mijo, enquanto conversam entre si. Com todos os cortes ruins de cabelo estilo The Cure, rímel pesado, pó de arroz branco-cadáver e batom preto, eles estão longe de me dar uma razão pra olhá-los duas vezes.

Normalmente, nem ligo pra buracos desse tipo, mas andei ouvindo esse rumor persistente de que há um culto sangrento operando com base no Corvo Vermelho. Transformo em assunto pessoal conferir presencialmente esse tipo de rumor. Na maioria das vezes, não acaba sendo nada, mas ocasionalmente há algo bem mais sinistro no coração das lendas urbanas.

O interior do Corvo Vermelho está apinhado de jovens, todos parecendo bem mais estranhos e ameaçadores que eu mesma. Com minha jaqueta de motoqueiro preta, meu jeans caindo aos pedaços e

minha camiseta dos New York Dolls igualmente surrada, acabo meio que estando no lado conservador das normas de vestuário.

Aceno pro *barman*, que não parece achar estranho eu estar usando óculos de sol depois de escurecer, e peço uma cerveja. Não me incomoda o fato de o copo que ele me traz apresentar marcas de dedos visíveis e uma mancha de batom na borda. Afinal, não é como se eu fosse beber algo nele.

Agora que tenho os adereços necessários, me acomodo e espero. Descobrir os fatos sórdidos de lugares assim não é tão difícil, na verdade. Tudo que tenho que fazer é ser paciente e manter os ouvidos atentos. Ao longo dos anos, desenvolvi um método de escuta de dezenas de conversas ao mesmo tempo... peneirando as que são irrelevantes sem nem mesmo estar consciente disso, na maior parte do tempo, até encontrar aquela que estou procurando. Suspeito que não seja diferente de como um tubarão pode captar o frenético chapinhar de um peixe ferido a quilômetros de distância.

“...disse a ele que podia dar adeus a esse rabo aqui...”

“...gostei muito do último disco deles...”

“...a vaca agia como se eu tivesse feito alguma coisa...”

“...até o próximo pagamento? Prometo que te pago imediatamente...”

“...os mortos-vivos. Ele é a parada genuína...”

Aí está. Essa aqui.

Viro minha cabeça na direção da voz cuja localização determinei, tentando não olhar pra eles diretamente. Estão em três... um homem e duas mulheres... aparentemente numa conversa solene com outra jovem. As duas mulheres são o arquétipo das minas góticas. Parecem estar entre o fim da adolescência e o início dos vinte anos, vestidas numa mistura de couro e *lingerie* pretos, usando maquiagem nos olhos que dá e sobra. Uma é alta e esbelta, a maquiagem pesada pouco escondendo a florescência da acne em suas bochechas. A julgar pelas raízes do seu

cabelo preto feito ébano, sua cor natural provavelmente é um loiro escuro.

Sua companheira é consideravelmente menor e um pouco rechonchuda demais pro bustiê de cetim preto no qual ela se atochou. Seu rosto está pintado de branco tal qual um palhaço, com uma tatuagem ornamental no canto do olho, que me disseram ser mais em referência a uma popular personagem de histórias em quadrinhos do que um tributo aos deuses egípcios. Ela usa botas de jóquei masculinas adornadas com uma peça de renda preta, que fazem com que pareça mais alta do que realmente é.

O membro masculino do grupo é alto e magrelo, vestindo calças de couro preto, seguras por um cinto com fivela de prata monstruosamente ornamentado e jaqueta de couro. Ele não está usando camisa, seu esterno nu e sem pelos é ligeiramente afundado. Tem mais ou menos a mesma idade das meninas, talvez mais jovem, constantemente assentindo com a cabeça em concordância com qualquer coisa que elas digam, afastando nervosamente do rosto seus cabelos escorridos de cor bordô. Não demora muito pra eu discernir que a mais alta se chama Sable, a mais baixa de chapéu, Tanith, e o garoto, Serge. A garota com quem estão conversando tem cabelo bem curtinho, ruivo como Raggedy Ann¹⁰, e uma argola no nariz. Ela se chama Shawna.

Por hábito, faço minha visão se focar no espectro do Farsante e o analiso em busca de algum sinal de contaminação inumana. Todos os quatro estão limpos. Estranhamente, isso desperta meu interesse. Chego um pouco mais perto do lugar sobre o qual estão debruçados, pra poder filtrá-los do Marilyn Manson aos brados na jukebox ali perto.

Shawna balança a cabeça e sorri nervosamente, incerta de estar ou não sendo feita de boba.

— Qual é... um vampiro *de verdade*?

— Nós falamos de você pra ele, Shawna, não falamos, Serge? — Tanith olha para o desajeitado jovem pairando junto ao seu cotovelo.

Serge assente avidamente com a cabeça, o que faz com que seja necessário ele afastar o cabelo do rosto mais uma vez.

— O nome dele é Rhymer. Lorde Rhymer. Ele tem trezentos anos — completa Sable, sem ar —, e disse que quer conhecer você!

Apesar de suas tentativas de encarnar um chic-funesto pós-moderno, Shawna parece uma colegial lisonjeada.

— *Sério?*

Posso perceber que ela foi fígada feito uma truta de três quilos e que não será preciso muito mais trabalho por parte do trio pra puxar o peixe pro seu barco. O quarteto de jovens rebeldes vestindo couro preto sai rapidamente do Corvo Vermelho, debandando tão célere quanto permite seu figurino da Doc Martens¹¹. Dou alguns segundos e parto atrás deles.

Enquanto os sigo a distância, não consigo afastar a incômoda sensação de que há algo errado. Embora pareça ter achado o que estava procurando, tem algo que não se encaixa nessa história, mas que eu caia em desgraça (sei... estou sendo redundante) se conseguir dizer o que é.

De acordo com minha experiência, vampiros evitam os góticos tanto quanto a luz do dia. Embora o fascínio adolescente deles pela morte e pela decadência possa, em princípio, aparentemente fazer deles uma escolha natural pra serem servos, seu extravagante gosto pra moda chama muita atenção. Vampiros preferem que seus servos sejam muito mais indefiníveis e discretos. Mas talvez esse Lorde Rhymer, seja lá quem ele for, seja de um feitio mais moderno do que aqueles que encontrei no passado.

Não sei o que pensar desse trio que parece estar agindo como bode expiatório dele. A julgar pelo seu evidente entusiasmo, talvez “convertidos” seja uma descrição bem mais exata do que servos. Eles não parecem ter o brilho do predador em seus olhos, nem há nada que lembre a prudência de um assassino em seu andar ou em seus maneirismos. Conforme vão descendo pelas ruas escuras, sua conversa é mais como a de crianças levadas saindo pra alguma travessura... como encher o jardim do diretor com papel higiênico ou ensaboar as janelas

do professor de educação física. Com certeza, não estão cientes da sombra extra que se agregou a eles no momento em que deixaram o Corvo Vermelho com sua recém-apanhada presa.

Após uma caminhada de dez minutos, eles chegam ao seu destino: uma igreja abandonada. É claro. Passa longe de ser uma Abadia de Carfax, mas acho que serve. A igreja é uma estrutura de madeira de dois andares, ostentando um pináculo à moda antiga, que aponta um simbólico dedo em direção ao Céu.

A sensação de mal-estar surge em mim outra vez. Vampiros não gostam de covis tão óbvios. Diabos, não estamos na Idade Média! Eles não precisam mais zanzar por mosteiros em ruínas nem mausoléus de família... não que algum possa ser encontrado nos EUA, de todo modo. Não, sanguessugas contemporâneas preferem habitar sótãos de depósitos ou complexos industriais abandonados, até apartamentos. Localizei um garoto-defunto escondido em um hospital no centro da cidade, que havia sido fechado durante o governo Reagan e deixado às traças. Suspeito que, em um ou dois anos, vou ter que começar a investigar as várias bases militares agendadas pra fechamento, procurando sinais de infestação.

Observando o pequeno grupo adentrar a igreja, só há uma coisa de que tenho certeza: se quero saber o que está acontecendo aqui, é melhor entrar. Dou a volta no prédio, me mantendo nas sombras mais escuras, meus sentidos alertas a sinais das sentinelas de costume que guardam os covis de vampiros, como ogros e Renfields... psíquicos deformados... pra protegê-los de ataques psiônicos de sanguessugas rivais.

Faço uma sondagem mental enquanto escalo a lateral da igreja, tentando captar o rosnado incompreensível dos pensamentos dos ogros ou o revelador espaço morto das mentes protegidas que acompanham os Renfields, mas tudo que meu sonar capta é o calor empolgado do quarteto que vim seguindo do Corvo Vermelho e um sinal levemente mais complexo, mais pro interior da igreja. Cada vez mais curiosa.

O pináculo não abriga um sino, apenas um sistema de autofalantes enferrujados, da época da Guerra da Coreia, pendurados por seus fios puídos. Nessas circunstâncias, mal há espaço pra uma pessoa ficar de pé, muito menos badalar algo, mas ao menos o alçapão não está trancado. Ele abre com um sonoro rangido das dobradiças sem uso, mas nada se agita nas sombras ao pé da escada lá embaixo. Em segundos, me vejo com o melhor lugar da casa, agachada nas vigas que cobrem a nave.

O interior da igreja parece apropriadamente atmosférico. Os bancos que restam estão desarrumados, os hinários caídos de suas prateleiras e espalhados pelo chão. Santos, apóstolos e profetas observam lá de cima, nas janelas, gesticulando com seus cajados de pastor erguidos ou as mãos arqueadas em sinais de bênção. Ergo meu próprio olhar espelhado para a janela com pinázios localizada acima e atrás do púlpito. Ela retrata uma ovelha, branca feito neve, ajoelhada num gramado, enquadrada por um céu sem nuvens, no qual um disco brilhante está suspenso. A grande cruz de bronze logo abaixo da janela de ovelha foi invertida, em harmonia com o tema de profanação.

A única luz é fornecida por um par de pesados candelabros, estilo catedral, cada um cintilando com mais de cem velas pretas e vermelhas pingando, colocados um de cada lado do púlpito. Os moleques góticos do Corvo Vermelho se juntam na balaustrada da capela-mor, seus rostos voltados em direção ao púlpito situado acima do altar coberto de veludo preto.

— Cadê ele? — sussurra Shawna, sua voz surpreendentemente alta na igreja vazia.

— Não se preocupe — Tanith garante a ela. — Ele vai chegar.

Como se fosse uma deixa, surge um cheiro de ozônio e um borrifo de fumaça arroxeadada se levanta por detrás do púlpito. Shawna sem querer dá um gritinho de surpresa e um passo involuntário pra trás, só pra perceber que seu caminho foi bloqueado pelos outros.

Uma voz masculina grave e um tanto refinada ressoa adiante.

— Boa noite, minhas crianças. Dou-lhes as boas-vindas à minha morada, que adentrem-na de bom grado e por sua livre e espontânea vontade.

A fumaça se dissipa, revelando um homem alto, vestindo calça de cetim justa, uma larga camisa de seda com babados na gola, botas inglesas de jóquei pretas e uma longa capa de ópera preta com um forro de seda vermelha. Seu cabelo é longo e escuro, preso num rabo de cavalo frouxo por uma fita de cetim vermelho. Sua pele é branca feito leite num pires, seus olhos de reflexos vermelhos sob a tênue luz de velas. Lorde Rhymer enfim optou por fazer sua aparição.

Serge sorri nervosamente ao seu senhor demoníaco e dá um passo adiante, gesticulando em direção a Shawna, enquanto Tanith e Sable observam, ansiosas.

— N-nós fizemos como pediu, mestre. Trouxemos a garota.

Lorde Rhymer sorri levemente, seus olhos se apertando diante da visão dela.

— Ah, *sssim*. A garota nova.

Shawna olha boquiaberta pro lorde vampiro como se ele fosse Jim Morrison, Robert Smith e Danzig misturados num só. Ela começa a ofegar, mais de surpresa do que de medo, quando Rhymer se dirige diretamente a ela.

— Seu nome é Shawna, não é?

— S-Sim... — Sua voz é tão ínfima que faz ela parecer uma menininha. Mas não há nada de infantil na luxúria dançando em seus olhos.

Lorde Rhymer oferece uma mão pálida à jovem trêmula. Suas unhas são longas, pontudas e laqueadas de preto. Ele sorri de forma reconfortante, sua voz calma e firme, projetada pra arrebatá-los de natureza fraca.

— Venha a mim, Shawna. Venha a mim, para que eu possa beijá-la.

Um toque de apreensão cruza o rosto da garota. Ela hesita, olhando pros outros, que se fecham ainda mais ao redor dela do que antes.

— Eu... eu não sei.

Rhymer aperta seus olhos vermelho-sangue, intensificando seu olhar. Sua voz endurece, revelando uma fria contundência.

— *Venha* a mim, Shawna.

Toda a tensão nela parece se esvaír e os olhos de Shawna se tornam ainda mais vazios do que antes, se é que é possível. Ela avança, subindo lentamente as escadas até o púlpito. Rhymer estende os braços pra recebê-la.

— Isso mesmo, minha querida. Venha a mim, como sonhou tantas vezes... — Rhymer avança pra encontrá-la, a capa esticada sobre seus braços como as asas de um morcego gigante. Seu sorriso se alarga e sua boca se abre, expondo presas brancas feito pérola, pingando saliva. Sua voz se torna rouca de luxúria.

— Venha a mim, minha noiva...

Shawna faz uma careta de dor e prazer quando as presas de Rhymer penetram sua garganta. Mesmo do meu poleiro nas sombras, acima de tudo aquilo, posso farejar o aroma pungente de sangue e sinto uma sombria excitação na base da minha mente, que rapidamente afastou. Não preciso desse tipo de problema... não agora. Porém, encontro dificuldades em desviar o olhar da cena abaixo de mim.

Rhymer segura Shawna firmemente contra ele. Ela geme como se estivesse à beira de um orgasmo. O sangue correndo por sua garganta e pingando na pálida proeminência do seu decote é como melão derramado, grudento e escuro.

Rhymer recua, sorrindo presunçosamente enquanto limpa o sangue do queixo.

— Está feito. Você agora está ligada a mim pelo sangue e pela força da minha vontade imortal.

As pálpebras de Shawna tremulam e ela parece ter alguma dificuldade em focar seu olhar. Ela toca o pescoço ensanguentado e encara seu dedo manchado de vermelho por um longo momento.

— Uau... — Ela recua, uma expressão atordoada e pós-orgástica em seu rosto. Cambaleia levemente enquanto caminha pra se juntar aos outros uma vez mais, sua mão ainda apertada contra a garganta machucada, que continuava sangrando. Tanith e Sable avidamente se adiantam pra ajudar a nova irmã, suas mãos rapidamente desaparecendo sob sua blusa enquanto a aprumam, arrulhando encorajamento em vozes reconfortantes.

— Bem-vinda à família, Shawna — sussurra Sable, beijando primeiro seu rosto e então lambendo o lóbulo da sua orelha.

— Você é uma de nós, agora e pra sempre — ronrona Tanith, dando um beijo esquadrinhador em Shawna enquanto liberta os seios dela da sua blusa. Sable se aproxima ainda mais, lambendo o sangue que mancha o pescoço de Shawna. Serge se põe em um dos lados, roendo uma unha nervosamente e ocasionalmente afastando o topete do rosto. A cada poucos segundos, seus olhos passam das garotas pra Lorde Rhymer, postado no púlpito, sorrindo e assentindo em aprovação. Depois de mais alguns momentos de apalpas e suspiros, as três mulheres começam a despir umas às outras com determinação, seus gemidos logo misturados a risinhos nervosos. Couro e rendas pretos vão caindo, revelando meias arrastão pretas, cintas-ligas e calcinhas com aberturas nos fundilhos. Diante da visão da moita pubiana de Shawna... de um marrom pardacento, em oposição aos seus cachos vermelho-fluorescentes... os olhos de Serge se arregalam e suas narinas se alargam. Ele olha pra Rhymer, que assente e gesticula languidamente com uma das mãos de garras compridas, dando permissão ao garoto pra se juntar à orgia.

Serge se atrapalha com a fivela prateada do seu cinto ornamentado, que atinge o chão com um sonoro *clunk!* Ergo uma sobrancelha, surpresa. Embora Serge seja magro ao ponto do definhamento, devo admitir que o garoto tem um porte de garanhão. Sable sussurra algo na orelha de Serge que o faz rir, logo antes de ele plantar seus lábios contra a boca dela, manchada de sangue. Tanith, os olhos fechados com força e

os lábios repuxados numa careta lasciva, agarra-lhe por trás pra esfregá-lo até a ereção completa.

Serge se desvencilha do seu abraço com Sable e se vira pra erguer Shawna nos braços, carregando-a até o altar coberto de veludo preto, com as outras garotas rapidamente se unindo a ele. Há muitas mordidas e arranhões com as unhas na carne exposta. Logo, eles são uma massa de carne nua se contorcendo, rindo, gemendo e grunhindo, o estalido de carne contra carne preenchendo a silenciosa igreja. E supervisionando tudo do seu local de poder está Lorde Rhymer, seus olhos carmesins cintilando sob a luz das velas enquanto ele observa seus seguidores pinoteando abaixo dele. Em seu favor, Serge se prova incansável, cruzando energicamente com as três garotas em várias combinações, por horas a fio.

Somente quando os vitrais das janelas da igreja começam a se iluminar com a vinda da aurora, tudo finalmente acaba. No momento em que Rhymer nota a luz entrando por uma das janelas, o sorriso desaparece do seu rosto.

— *Chega!* — troveja ele, fazendo os outros pararem em plenas lambidas. — O sol logo estará sobre mim! É hora de partirem, minhas crianças!

Os góticos se separam abruptamente uns dos outros sem relutância e começa a luta de entrarem novamente em suas roupas. Assim que se vestem, não perdem tempo em sair, fazendo o máximo esforço pra não se olharem nos olhos. Dou tudo de mim pra suprimir um resmungo de alívio quando o último dos cultistas sangrentos sai cambaleando da igreja. Achei que esses perdedores não iam embora *nunca!*

Verifico meu relógio contra as sombras deslizando pelo chão abaixo de mim. Agora seria um bom momento pra fazer uma visita social ao suposto “mestre” deles. Espero que ele esteja no clima de uma conversinha antes de fazer naninha.

Lorde Rhymer boceja enquanto desce as escadas pro porão. O candelabro que está segurando e a capa ondulante me fazem lembrar do

Drácula de Lugosi. Mas, até aí, Bela Lugosi está morto.

O porão tem a mesma extensão do prédio acima dele, com um chão de concreto poroso. Pilhas de velhos hinários, cadeiras dobráveis e túnicas de coral apodrecidas foram afastadas pros cantos. Um caixão de jacarandá com um forro de veludo castanho-avermelhado repousa sobre um par de cavaletes no meio do cômodo. Perto dele, uma mala à moda antiga pra viagens de navio, colocada de pé.

Observo o lorde vampiro pôr o candelabro no chão e, ainda bocejando, desprender sua capa e cuidadosamente estendê-la sobre a mala. Se ele sente minha presença aqui, nas sombras, não dá evidência alguma disso em suas atitudes. Com um sorriso torto, raspo deliberadamente o salto da minha bota contra o chão de concreto. Meu sorriso se torna uma careta quando ele se vira, os olhos esbugalhados de medo.

— Quê...? Quem está aí?

Ele pisca, genuinamente surpreso em me ver de pé, ao lado do caixão aberto, equilibrado sobre o cavalete. Eu já tinha sentido o cheiro revelador daquilo assim que entrei no porão, mas uma rápida olhadela pro caixão confirmou o que eu já sabia: preenchido de terra. Enfio a mão nele e ergo um punhado de areia, permitindo que ela escorra por entre meus dedos entreabertos. Olho pra cima e encontro o olhar escarlate de Rhymer.

— Tá, colega, que diabos você tá tentando aprontar aqui?

Rhymer alinha seus ombros e se endireita em sua postura ereta, sibilando e expondo as presas, torcendo seus dedos em garras. Seus olhos vermelhos reluzem sob a luz tênue, feito os de um animal encurralado.

Não fico impressionada.

— Corta essa banca de Christopher Lee, seu cuzão! Não sou nenhuma mina gótica delirando de chapada! Não caio nem um pouquinho nessa! — Chuto os cavaletes sob o caixão, fazendo ele desabar no chão, derramando suas camadas de terra. Rhymer ofega, seus

olhos pulando do caixão arruinado pra mim e de volta e de novo. — Só humanos acham que vampiros precisam dormir em uma camada de seu solo natal!

Rhymer tenta recuperar o ímpeto apontando um dedo trêmulo pra mim, fazendo seu melhor pra parecer ameaçador.

— Você conspurcou o local de repouso de Rhymer, Senhor dos Mortos-Vivos! E por isso, vai pagar com sua vida, mulher!

— Ah, é? — digo, zombeteira. — Colega, eu conheci o Drácula... e pode acreditar, você não é ele!

Parto pra cima dele tão rápido que é como piscar. Num momento, já cruzei metade da sala, no outro, estou em cima dele, seu sangue pingando dos nós dos meus dedos. Rhymer está caído no chão do porão, atordoado e limpando o jorro de sua boca e seu nariz. Uma dentadura, com presas e tudo, está do lado dele. Roço a peça superior com a ponta da minha bota, balançando a cabeça, enojada.

— Era o que eu pensava: presas falsas! E os olhos são lentes de contato, certo? Aposto que as unhas também são autocolantes, acessórios teatrais...

Rhymer tenta correr de mim feito um caranguejo, mas ele é lento demais. Eu o agarro pelos babados da gola da sua camisa, pondo ele de pé com um único movimento rápido que o faz ganir com o susto.

— Que porra você tá inventando aqui? Tá dando algum tipo de golpe naqueles moleques góticos?

Rhymer abre a boca e, embora seus lábios estejam se movendo, não há som algum saindo. Primeiro, acho que está tão assustado que não é capaz de falar... então, percebo que ele tem uma gagueira séria quando não é um vampiro.

— Não s-sou nenhum g-golpista, se é o que t-tá pensando. N-não faço isso por d-dinheiro!

— Se não é pelo dinheiro, então por quê? — Não que eu já não soubesse sua motivação desde o momento em que pus os olhos nele pela

primeira vez. Mas quero ouvir da boca dele antes de tomar minha decisão.

— Fui um excluído durante toda a minha vida. Ni-ninguém nunca p-prestou atenção em m-mim. N-nem meus p-próprios p-pais. N-ninguém nunca me levou a sério. Eu era uma pi-piada e todo mundo s-sabia. O único l-lugar onde eu podia escapar de ser e-eu mesmo era no ci-cinema. Eu admirava muito os v-vampiros dos f-filmes. Eles eram d-diferentes, também. Mas n-ninguém f-fazia graça deles ou os ignorava. Eles eram p-poderosos e as p-pessoas tinham medo deles. P-podiam o-obrigar as m-mulheres a fazerem o que eles q-queriam.

— Q-quando meus p-pais morreram, há a-alguns anos, m-me deixaram muito d-dinheiro. T-tanto que nunca mais preciso trabalhar. Uma hora depois do funeral deles, f-fui a um dentista, removi m-minha arcada superior e f-fiz a dentadura.

— Eu sempre q-quis ser um v-vampiro... e agora eu tinha a c-chance de viver m-meus s-sonhos. Então, c-comprei esta velha igreja e c-comecei a frequentar o Corvo Vermelho, procurando o tipo certo de g-garota.

— T-Tanith foi a primeira. Depois, veio a S-Sable. O resto f-foi fácil. Eles q-queriam t-tanto que e-eu fosse r-real que nem tive que f-fingir m-muito. M-mas aí as coisas começaram a sair do m-meu controle. Elas q-queriam que e-eu... você sabe... b-botasse a minha coisa nelas. M-mas m-minha coisa n-não fica dura. N-não com outras p-pessoas. Eu disse a elas que e-era porque eu e-estava morto. Aí, a-achamos o S-Serge. E-eu gosto de a-assistir.

Rhymer fixa em mim um dos olhos, que está ficando roxo rapidamente. Seu medo está começando a dar lugar à curiosidade.

— M-mas q-que diferença isso faz pra v-você? V-você é da f-família de a-alguém? Uma das ex-namoradas do S-Serge?

Não consigo conter uma risada enquanto o solto, cuidando pra me colocar entre ele e a saída. Rhymer cambaleia pra trás rapidamente, um

tanto deselegante, e põe uma distância entre nós. Ele se encolhe ao som da minha risada como se ela tivesse sido um golpe físico.

— Eu sabia que tinha algo de podre acontecendo quando vi a fivela daquele garanhão gótico. Nenhum garoto-defunto de respeito, em sã consciência, deixaria aquele bocado de prata a menos de um quilômetro da sua pessoa! E todo aquele abracadabra com a fumaça e a baboseira de Sabá Negro! Tudo uma imitação rançosa e amadora do que seria um vampiro e o vampirismo, uma costura de filmes da Hammer e livros do Anton Levy! Você é um merdinha perturbado e patético, Rhymer... ou seja lá qual diabos é o seu nome! Você se rodeia de ícones da escuridão e brinca com a danação; mas não reconhece o artigo genuíno nem quando ele aparece na sua frente e quebra seu nariz!

Rhymer fica ali parado por um longo momento, então seus olhos, de repente, se arregalam e ele arfa alto, como um homem que entrou em uma sala e viu alguém que acreditava estar morto há muito tempo. Claramente aturdido, ele se põe de quatro diante de mim, seus lábios sujos de sangue tremulando incontrolavelmente.

— *Você é de verdade!*

— Levanta — rosno eu, mostrando um vislumbre da presa.

Em vez de inspirar medo em Rhymer, isso só faz com que ele chore ainda mais alto do que antes. Ele agora está na verdade rastejando, apalpando minhas botas, enquanto se debulha em lágrimas.

— Finalmente! Eu s-sabia que se e-esperasse tempo suficiente, um de v-vocês f-finalmente viria!

— Eu mandei *levantar*, seu embuste! — Chuto ele pra longe, mas não adianta nada. Rhymer se arrasta de volta, de barriga no chão, tão rápido como um lagarto numa rocha quente. Eu tinha medo de que algo assim acontecesse.

— Faço qualquer coisa que q-quiser... dou tudo que p-precisar! — Ele agarra as bainhas do meu jeans, puxando insistentemente. — M-me morda! Beba meu s-sangue! *Por favoooooor!* M-me torne igual a você!

Quando olho pra baixo, pra esse humano miserável que teve uma vida tão raquítica que sua única paixão motivadora é se tornar um morto ambulante, sinto minha memória voltar ao longo dos anos, pra noite em que uma jovem tola, que acabou sendo leviana por causa da empolgação que acompanha a busca dos prazeres proibidos, sendo estúpida por ter se enamorado pelo perigo, se permitiu ser atraída pra longe da segurança do rebanho. Me lembro de como ela se viu sozinha com um monstro de olhos sangrentos que se escondia por trás do belo rosto do estranho de fala mansa. Me lembro de como seu corpo nu e sujo de sangue foi jogado de um carro em movimento e largado na sarjeta, deixado pra morrer. Me lembro de como ela estava longe de estar morta. Me lembro de como ela era eu.

Posso sentir meu corpo tremendo como se tivesse uma febre alta. Meu nojo se tornou raiva e nunca fui muito boa em controlar minha raiva. E parte de mim... uma parte sombria e perigosa... não tem desejo algum de aprender a fazê-lo.

Me esforço bastante pra tentar manter a calma, mas não é fácil. No passado, quando era dominada pela raiva, tentei garantir que só a descontaria naqueles que considerasse dignos de tal fúria assassina. Como vampiros. Os de verdade, digo. Como eu. Mas, às vezes... muito às vezes, me descontrolo. Como agora.

— Você quer ser como *eu*?

Chuto o merdinha com tanta força que costelas se partem enquanto ele atravessa voando o chão do porão e colide contra a parede. Ele chora, mas não soa exatamente como dor.

— Seu idiota de merda! Nem *eu* quero ser como *eu*!

Jogo longe os óculos espelhados e os olhos de Rhymer se arregalam quando ele vê os meus. Eles não se parecem nada com suas lentes de contato coloridas de vermelho. Não há branco, não há íris... apenas mares de sangue sólido, ostentando fendas verticais que se abrem e fecham, como os de uma cobra, dependendo da intensidade da luz. O porão da igreja é bem escuro, então minhas pupilas estão bem

dilatadas... como as de um tubarão subindo das profundezas sem sol pra barbarizar um banhista azarado.

Rhymer ergue uma mão pra bloquear sua visão de mim enquanto avanço sobre ele, seu trêmulo fascínio agora substituído por medo primitivo cem por cento genuíno. Pela primeira vez, ele parece se dar conta de que está na presença de um monstro.

— Por favor, senhora, não me machuque! Me perdoe!

Eu não sei o que mais ele poderia ter dito pra tentar evitar aquele destino, porque sua cabeça sai em minhas mãos logo depois disso.

Por um breve instante, as mãos de Rhymer ainda tremulam em sua fútil tentativa de implorar meus favores, então há um esguicho escarlate do toco do pescoço, nada diferente de uma fonte jorrando, por seu coração ainda pulsante mandar um afluxo de sangue pra onde o cérebro normalmente estaria. Eu rapidamente me desvio do borrifo macabro sem soltar meu troféu.

Dando as costas ao cadáver ainda convulsionante de Rhymer, piso nas ruínas do caixão antigo e do seu conteúdo. Sem dúvida, a terra foi importada dos Bálcãs... talvez da Moldávia ou até da Transilvânia. Balanço a cabeça admirada por essas histórias da carochinha ainda circularem e serem validadas por tanta gente.

Enquanto subo as escadas, com a cabeça de Rhymer enfiada debaixo do braço, paro uma última vez pra examinar novamente o que restou do aspirante a rei vampiro das minas góticas. Cara, que zona. Ainda bem que não sou eu que tenho que limpar.

Esse não foi o primeiro pseudovampiro que encontrei, mas tenho que admitir que ele tinha a melhor apresentação. As minas góticas queriam o artigo genuíno e ele deu a elas o que achava que queriam, chegando até mesmo a adaptar a igreja com alçapões teatrais e truques pirotécnicos de mágico. E elas caíram nessa idiotice porque isso as fazia se sentirem especiais, as fazia se sentirem reais e, o mais importante, as fazia se sentirem *vivas*. Pobres babacas idiotas. Pra elas, é tudo couro preto, mordidas apaixonadas e bijuterias cromadas bregas; todas sendo

eternamente lindas e jovens e ninguém nunca mais podendo machucá-las.

O cacete que é assim.

Quanto a Rhymer, ele queria o artigo genuíno tanto quanto as góticas. Talvez ainda mais. Ele passou a vida inteira aspirando à monstruosidade; esperando que, com o tempo, sua imitação sincera dos condenados o transformasse naquilo que ansiava ser através de magia imitativa, ou que suas ações por fim chamassem a atenção das criaturas da noite que ele tão ardentemente venerava. Como de fato chamou. Eu era o artigo genuíno, sim; grande como a vida e duas vezes mais feia.

Mas eu dificilmente era a sanguessuga sedutora com quem Rhymer sonhou por todos esses anos. Não tinha como ele saber que seu truquezinho atrairia não só uma vampira... mas também uma caça-vampiros.

Vejam, meu drama singular e malquisto me negou muitas coisas; a habilidade de envelhecer, de amar, de sentir a vida correndo dentro de mim. E, em retaliação a essa transformação indesejada, passei décadas negando o monstro dentro de mim; tentando... embora futilmente... dar minhas costas ao horror que é o Outro que habita no lado sombrio da minha alma. Porém, há um prazer, e somente um, que me permito satisfazer, que é matar vampiros...

E aqueles que poderiam se tornar vampiros.

A aurora já está bastante adiantada na hora em que readentro a nave. As paredes pintadas de cal estão manchadas de luz tingida de azul, verde e vermelho pelos vitrais. Dou alguns passos pra trás e então chuto a cabeça de Rhymer bem na janela do Cordeiro de Deus.

Os pássaros estão chilreando alegremente pelas árvores, saudando o dia com suas canções matinais, quando empurro as amplas portas duplas da igreja. Um cão de rua de pelo fosco e ripas no lugar das costelas já está cheirando a cachola arruinada de Rhymer no local em que ela caiu na grama alta. O vira-lata ergue o focinho e rosna automaticamente, mas, conforme eu me aproximo, ele abaixa as orelhas, põe o rabo entre

as pernas e cai fora rapidamente. Cães são espertos. Eles sabem o que é e o que não é do mundo natural... mesmo quando humanos não sabem.

No que me diz respeito, a noite passada foi um fiasco. Quando saio pra caçar, prefiro abater presas de verdade, não falsos predadores. Porém, queria poder ficar por aqui pra ver a cara dos admiradores de Rhymer quando descobrirem o que aconteceu com seu “mestre”. Seria bom pra dar uma ou duas risadas.

Ninguém pode dizer que não tenho senso de humor pra essas coisas.

[10.](#) Boneca de pano de cabelos de lã vermelha. Um personagem infantil criado pelo escritor norte-americano Johnny Gruelle. - N. da T.

[11.](#) Marca de vestuário inglês bastante popular entre os integrantes da contracultura, especialmente entre os anos 1960-1980. - N. do E.

BEM O TIPO DELE

Storm Constantine

Storm Constantine é a criadora de *Wraeththu Mythos*, cuja primeira trilogia foi publicada na década de 1980. Ela escreveu mais de trinta livros, incluindo romances longos (como *Hermetech* e *Burying the Shadow*), novelas, coletâneas de contos e títulos de não ficção, como *Sekhem Heka*.

Atualmente, trabalha em um novo romance e vários contos. Storm é fundadora do selo de publicação independente Immanion Press. Mora nas Midlands do Reino Unido com seu marido e quatro gatos.

“Quando estava pesquisando para meu romance *Stalking Tender Prey*”, relembra ela, “que tratava principalmente das lendas dos anjos caídos, me parecia claro que os mitos de vampiros podem ter se originado das mesmas raízes.”

“A versão bíblica dos anjos caídos deriva de mitos anteriores à civilização Suméria, da antiga Mesopotâmia, que talvez tenha vindo de tempos ainda mais remotos. As antigas histórias parecem sugerir tentadoramente que a imagem dos seres alados nasceu de lembranças de uma raça verdadeira, de carne e osso, que eram os xamãs-abutres. A ideia de eles terem asas poderia derivar do fato de que usavam, em seus rituais, as asas de abutres-fouveiros sobre seus ombros (fósseis dessas asas foram encontrados em cavernas do Oriente Médio, junto a ossos e outras evidências ritualísticas). Beber o sangue tanto de animais quanto de humanos é algo que os anjos caídos foram acusados de fazer e isso bem pode ter sido parte dos mesmos ritos xamânicos.”

“Realmente não cabia incluir esses aspectos do mito em *Stalking Tender Prey*, então fico feliz de ter recebido a oportunidade de explorar isso na história para esta antologia.”

O PROBLEMA ERA o fato de ela ser bem o tipo dele. Sentada nos fundos do salão social do *pub* abafado, com os olhos fixos nele, ela dominou sua atenção, aparentemente sem esforço. Ele conseguia ver que ela era alta, porque sua cabeça era a mais alta na fileira. Suas mãos estavam entrelaçadas em seu colo e ela vestia preto.

Ela estava ali para assistir à palestra do famoso escritor e investigador histórico Noah Johnson. Ele se viu atuando só para ela durante toda a noite. Já sabia o texto, “Vampiros no Mito e na História”, de cor e salteado, tendo-o apresentado incontáveis vezes. Ele o atualizava constantemente, mas, em essência, era o mesmo de sempre: pitoresco, mas cuidadoso. Noah era seletivo quanto àquilo que entregava aos clientes. Sabia como agradar uma plateia heterogênea.

Os encontros regulares, Enigmas da História, estavam indo bem. Ele os conduzia uma vez a cada quinze noites, no andar de cima de um *pub* local, o Tiro e Queda, e agora tinha um público regular de cerca de cinquenta pessoas. Às vezes, ele tinha que recusar alguém. Mais do que isso e a fileira da frente começava a passar mal. Ele havia começado aquilo para complementar sua renda com os livros, nos períodos em que os ganhos estivessem fracos — uma desvantagem na vida de qualquer escritor. Mas estava indo tão bem que ele havia planejado mais eventos; ao ar livre, agora que o verão estava chegando. Sarah teria adorado tudo aquilo. Mas ele não devia pensar nela agora. Ela não era mais parte da vida dele.

Gary, amigo e assistente de Noah, diminuiu as luzes em preparação para a apresentação de *slides*. Parte do público estava se abanando com os folhetos que Abby, namorada de Gary, havia colocado em cada assento antes do encontro. As janelas estavam abertas, mas isso pouco adiantava para melhorar a qualidade do ar na sala.

Um por um, os *slides* deslizaram pela tela: ilustrações copiadas de textos antigos, fotos que o próprio Noah havia tirado durante investigações nos cantos distantes de obscuros países do Leste Europeu. Algumas delas haviam sido reproduzidas no livro campeão de vendas de

Noah, *A Busca por Nosferatu*. O tema não o cativava mais: aquilo havia sido concluído e encerrado, mas o público estava sempre faminto por mais. Noah tinha avançado para outros temas e estava atualmente pesquisando para seu próximo livro, que tratava da mítica paisagem das remotas ilhas escocesas e como suas estranhas estruturas ancestrais poderiam ter sido esculpidas.

Quando as luzes foram acesas novamente, os olhos de Noah foram atraídos imediatamente para a garota na fileira do fundo. Ele meio que esperava que ela tivesse ido embora. Seria típico da sorte dele, mas não, lá estava ela, sentada ereta e recatada, olhando para ele por debaixo dos cílios, um leve sorriso nos lábios. Ele começou a responder perguntas do público, mas estava ansioso para que fossem breves esta noite. Se as pessoas queriam compartilhar suas opiniões, o que a maioria delas queria, especialmente o público de sempre, teriam que continuar no bar lá embaixo. Ele interrompeu uma mulher no meio de sua fala.

— Ei, está quente demais aqui. Que tal irmos lá pra baixo?

A maioria deles acabaria indo para casa, mas aqueles que se viam como o círculo interno do grupo permaneceriam até a hora de fechar. Eram só nove da noite.

As pessoas começaram a se levantar de seus assentos, aparentemente tão ávidas quanto ele por escapar do calor do salão social. A mulher que havia sido interrompida parecia desalentada e um tanto confusa.

Gary e Abby começaram a arrumar o lugar, juntando os folhetos caídos e guardando o equipamento dos *slides*.

— Bom público — disse Gary.

— Você podia alugar um lugar maior — sugeriu Abby. — E ainda iria lotar.

Noah olhou para o grupo se misturando na saída. Viu que a garota de preto havia continuado em sua cadeira. Ele sorriu para ela, que se levantou. Noah foi em sua direção.

— Com licença, Sr. Johnson, se incomodaria de eu lhe perguntar uma coisa?

— Claro que não — disse ele. — Vamos descer até o bar. Geralmente, ficamos pra tomar alguma coisa.

— Obrigada.

Ele pôs o braço com propriedade por trás dela de modo a guiá-la para a porta.

— Obrigada, Noah! — disse Abby por trás dele. — A gente vai só terminar por aqui, tá certo?

Ele sorriu em resposta a ela, que balançou a cabeça numa desaprovação zombeteira. Abby estava acostumada com ele, e Noah sabia até onde conseguia se safar. Lá embaixo, seus clientes insistiram em lhe pagar bebidas, mas ele mesmo comprou uma para a garota.

— Não tinha visto você aqui antes — disse ele, inclinando-se no bar. Ela fez uma careta. Seus traços eram delicados, fluidos.

— Não, eu acabei de me mudar pra cá. Foi ótimo descobrir esse grupo, especialmente por ser conduzido por você. Tenho todos os seus livros.

Ele riu.

— Obrigado. — Em sua cabeça, conseguia ouvir os gritos de aviso de Abby: *“Noah! Ela é uma fã, tá certo? Pelo amor de Deus, tenha cuidado.”*

A garota afastou dos olhos mechas de seu cabelo negro. Seus lábios bem-feitos estavam pintados perfeitamente de roxo escuro. Seu vestido era de veludo e renda preta, o comprimento ia até o chão. Ela era literalmente da mesma altura que ele.

— Eu sou a Lara, a propósito. Lara Hoskins.

Noah entregou a ela uma vodca com tônica. Quando ela pegou a bebida, ele notou que as barras rendadas de suas mangas iam até os dedos. As unhas estavam pintadas de preto.

— Então, o que você queria me perguntar? — Ele estava ciente dos olhos de seu “círculo interno” sobre ele, o ressentimento pela recém-

chegada monopolizá-lo. Normalmente, essa era a hora em que Noah era cortejado por eles.

— Bem, devo admitir que foi o tema da palestra de hoje que mais me atraiu — disse Lara. Ela riu nervosamente. — Não que eu não viesse de qualquer forma, é claro...

— E?

— Por que não fala sobre as origens do mito do vampiro?

— Eu falo. Você ouviu.

Ela ficou em silêncio por um momento.

— Acho que ambos sabemos que há mais do que aquilo.

— Essencialmente, é europeu, embora haja paralelos nas mitologias mesopotâmica e judaica.

— Mas de onde *esses* mitos vêm?

— Há temas recorrentes em toda mitologia. As pessoas têm os mesmos medos no mundo todo, os mesmos desejos. Não há razão pra pensar que o mito do vampiro teria como raiz uma única fonte.

— Mas você deu a entender outra coisa em *Nosferatu*.

— Aonde você quer chegar? — perguntou Noah, sorrindo. — Não me diga que é uma vampira em busca de suas raízes!

Uma vampira certamente não ficaria corada da mesma forma que ela então ficou.

— Tenho um interesse sério pelo tema — disse ela. — Esperava que também me levasse a sério.

— Veja — disse ele. — Se quer saber a verdade, acho que as pessoas podem se tornar obcecadas por certos mitos, especialmente os de vampiros. É perigoso.

— Como? — Ela parecia faminta.

— Qualquer obsessão é perigosa. Não gosto de encorajá-las. — Ele pensava em Sarah. Seu rosto estava diante dos olhos dele, triste e desesperançado.

— O que houve? — perguntou Lara em voz baixa. Foi como se ela já soubesse.

Ele poderia contar a ela facilmente. Ela poderia ser sua confidente.

— Conheci alguém — começou ele. Então, uma mão se espalmou em suas costas.

— E aí! — Era Abby. — Não vai me dizer que não pediu bebidas pra gente! — Ela sorriu para Lara. — Ele trata a gente feito lacaios!

— Desculpe — disse Noah. Ele se virou para chamar a atenção do *barman*.

Pelo resto da noite, Abby se recusou a sair do lado de Noah. Ele sabia o porquê. Abby o conhecia muito bem. Ela era uma boa companhia e não deu nenhum indicativo a Lara de que suspeitava dela, mas Noah estava bem ciente dos sentimentos de sua amiga.

Após os últimos pedidos, quando o grupo estava se separando, Noah disse a Lara:

— Temos um evento no próximo domingo. Vamos fazer um passeio em locais ancestrais das redondezas, igrejas, fontes e por aí vai. Deve ser um comboio e tanto. Gostaria de ir?

— Bem... — Lara pôs seu copo vazio no balcão. — Talvez fique difícil. Não tenho transporte.

— Eu poderia buscá-la — disse Noah.

— Ótimo! — Lara abriu sua bolsa e remexeu o conteúdo. — Vou te dar meu endereço. Que horas?

— Ah, por volta do meio-dia.

— Vai custar dez libras — disse Abby, de forma meio sombria.

— Um bom valor — disse Lara, tirando a tampa de uma caneta-tinteiro.

Lá fora, no estacionamento, Abby interpelou Noah.

— O que está aprontando? — perguntou ela. — Achei que tinha decidido deixar as clientes em paz.

— O que quer dizer? — contestou Noah, brincando com suas chaves.

— Que você gostou dela. Tá na cara. Mas você já passou por essa história muitas vezes. Já sabe como ela acaba.

— Ela só vem pro evento — disse Noah. — Qual o problema nisso? Várias outras pessoas vão e todas elas também são clientes.

Abby cruzou os braços de modo firme sobre o peito.

— Eu não sou idiota!

— Dá um tempo pra ele, pode ser? — irritou-se Gary.

Abby não se deixaria ser dissuadida.

— Ela é uma fã, Gary, e já estabeleceu o alvo. Tem alguma coisa meio esquisita nela. Eu sinto isso.

— Ele é adulto — disse Gary com uma voz cansada. — Pelo amor de Cristo, parece até que é a droga da mãe dele.

— Eu sou a coisa mais perto disso que ele tem — disse Abby, sentando no banco da frente no carro de Noah.

Nos dias seguintes, Noah não conseguia parar de pensar em Lara Hoskins. Abby estava errada em ter tantas suspeitas. Claro, ele *tinha* conhecido Sarah em uma palestra, bem antes de começar os encontros regulares, e talvez fosse por isso que Abby estava tão atemorizada por ele. Noah tinha se relacionado com várias garotas desde então, algumas saídas do grupo Enigmas da História, e ele era o primeiro a admitir que não havia dado particularmente certo com nenhuma delas, mas tinha certeza de que aquilo era diferente. Lara era perspicaz e tinha uma mente inquisitiva. Não havia nenhum sinal de perigo. Suas mãos estiveram firmes no copo a noite inteira. Ela foi aberta e sociável.

Na manhã de domingo, ele fervilhava de ansiedade e gastou mais tempo que o de costume se arrumando. Lara provavelmente era cerca de dez anos mais nova que ele, aparentando estar em seus vinte e tantos, mas aquilo não importava. Ele parecia novo para sua idade. Durante toda a sua vida, choviam mulheres ao redor dele.

Quando ele parou em frente à casa de Lara, ela saiu pela porta da frente antes mesmo que ele pudesse desligar o motor. Ela estava usando calça jeans e camiseta preta, com um casaco de lã preta, de capuz, amarrado na cintura — supostamente para o caso de o tempo esfriar, mais tarde. Seu longo cabelo preto estava preso em um austero rabo de cavalo, mas chicoteou provocativamente ao redor de sua cabeça e por seus ombros enquanto ela corria pelo curto passeio até a rua. Ela era esguia feito um garoto e parecia atlética. O coração de Noah virou do avesso. Ela era linda.

— Oi! — ela disse sem fôlego quando literalmente se jogou dentro do carro. Ela exalava um intenso aroma oriental, embora floral.

— Oi — ecoou Noah. — Adoro mulheres pontuais.

Lara riu. Era um som cristalino, livre, desprovido de artifícios. Claro, ela estava pronta há horas.

Quando eles chegaram ao ponto de encontro, Noah ficou satisfeito em ver que havia um bom público ali — cerca de sete carros cheios. Abby transitava entre eles, recolhendo o dinheiro e distribuindo mapas.

A cada local que visitavam, Noah fazia o grupo sentar e meditar para ver se eles conseguiam captar qualquer informação do passado, como qual poderia ter sido a utilidade daquele lugar em tempos ancestrais. Ele nunca fazia isso nos encontros em locais fechados. Esse era seu grupo seletivo, com o qual estava preparado para tentar outras “coisas estranhas”, como alguns as chamavam. Durante a meditação, Lara viu uma grande quantidade de imagens pertinentes e detalhadas.

— Acho que você é vidente — Noah disse a ela em particular.

— Ah, *isso* eu sei — disse ela.

— Não tinha como você ser mais perfeita — respondeu Noah.

Lara sorriu.

— Quando podemos continuar nossa conversa?

— Mais tarde. Que tal um jantar?

— Parece ótimo.

À noite, Noah teve que despistar Abby e Gary, o que não foi fácil. Ele não queria que Abby soubesse que ele estava levando Lara para sair, pois tinha certeza de que ela insistiria para que ela e Gary fossem junto. Felizmente, naquele dia, eles tinham ido em seu próprio carro, então, no último local Noah arrebatou Lara rapidamente, sem se despedir de praticamente ninguém. Ele sabia que pagaria por isso depois e já previa a sóbria mensagem de Abby que estaria esperando por ele em sua secretária eletrônica, quando chegasse em casa. Mas, por ora, não dava a mínima. Tanto ele quanto Lara davam risinhos enquanto seu carro derrapava numa nuvem de poeira e cascalho.

— Por que tenho a sensação de que estamos cabulando aula? — perguntou Lara.

— Às vezes, quero um pouco de privacidade, só isso — respondeu Noah. — O problema com esses eventos é que as pessoas querem prolongar por horas a fio. Às vezes, tudo bem, mas hoje... — Ele olhou para ela e sorriu.

Ele a levou a um restaurante tailandês que nunca tinha visitado, seguro da ideia de que ninguém do grupo o encontraria ali. A comida era um tanto sem graça, mas não importava, porque Lara estava sentada na frente dele e seu sorriso parecia envolvê-lo numa névoa turva e dourada. Estavam ambos eufóricos pela sensação de serem conspiradores secretos e pelo potencial do que poderia acontecer mais tarde.

Lara parecia contente em escutar Noah falar sobre seu novo livro e foi só quando o café chegou que ela abordou o assunto que havia trazido à baila após o encontro da terça passada.

— Por que reagi tão mal à minha pergunta?

— Não acho que reagi mal. Algumas coisas eu só procuro evitar.

— Então, qual é a história por trás disso? — Ela tomou um gole do café, sorrindo de um modo que o desarmou. — Ou é segredo?

Noah se recostou em sua cadeira.

— Não é segredo nenhum. Se você se tornar parte do círculo interno... e tenho certeza de que se tornará... qualquer um vai lhe contar

a respeito. Basicamente, enquanto estava escrevendo *Nosferatu*, eu me envolvi com mais coisas do que os métodos óbvios de pesquisa. O problema veio daí.

Lara inclinou a cabeça para um lado.

— O que quer dizer?

— Você viu o que fizemos hoje. As pessoas são propensas a essa coisa psíquica. Em certo nível, é inofensivo e a maioria delas nunca vai além disso. Mas, em outro, não é. Ficar sentado do lado de fora de uma igreja velha e tentar visualizar imagens do passado não machuca ninguém, porque está morto e enterrado. Não é nada mais do que uma fotografia psíquica. Mas outras coisas, bom, elas estão mais vivas, continuam por aqui, por assim dizer.

Lara riu e acendeu um cigarro.

— Está tentando me dizer que contatou um vampiro fisicamente?

Noah hesitou por um momento. Parte dele não queria ir além, mas os olhos arregalados de Lara estavam fixos sobre ele com um olhar vivo e inteligente. Ele se sentia seguro com ela.

— Eu trabalhei com uma moça chamada Sarah. As pessoas não percebem, mas muita informação dos meus livros vem do que eu chamo de fontes “inspiradas”, de videntes. A maioria descubro que não pode ser usada num livro sério, porque não pode ser checada e confirmada como fato, mas me dá uma sensação de entendimento do tema. Sarah era minha assistente e também minha companheira. Ela era uma vidente poderosa.

— *Era...* — disse Lara, seu queixo descansando sobre as mãos. A fumaça se enrolou ao redor dela em lentas gavinhas. — Soa agourento.

— Digamos apenas que eu estava interessado na origem do mito do vampiro, como você. Tinha investigado todas as lendas de demônios bebedores de sangue, desde a Europa medieval remontando ao tempo dos sumérios. Em algum ponto do caminho, a percepção do assunto mudou. — Ele gesticulou com ambas as mãos. — É difícil descrever, mas a ideia do vampiro como um morto-vivo infeliz... talvez uma vítima

de suas circunstâncias... mudou pra ideia de que os vampiros originais eram bastante vivos e de que seu vampirismo era uma escolha, uma faceta necessária do seu sistema de crenças.

Lara assentiu, entusiasticamente.

— Também penso assim.

— Tudo parecia muito acadêmico pra nós. Nós os chamávamos de povo-abutre, uma tribo xamânica que se dedicava ao sacrifício e ao consumo de sangue. Sarah captou algumas coisas interessantes que nos apontava na direção de certos sítios ancestrais na Turquia. As imagens que ela viu podiam ser verificadas. Esses locais existiram e havia evidências arqueológicas de que uma cultura xamânica tinha existido ali e que venerava os abutres. Eles acreditavam que beber sangue lhes concedia habilidades super-humanas. Fosse verdade ou não, achamos que outras tribos provavelmente os teriam considerado seres sobrenaturais, ou até demônios, por causa do seu costume de tomar o sangue. Acreditamos que houve uma diáspora e que as facções dessa tribo podem ter migrado paulatinamente pro interior da Europa, mais à frente, dando origem à lenda do vampiro.

— Toda noite, eu fazia Sarah entrar numa espécie de transe, guiando-a mais e mais em direção ao passado, buscando a verdadeira história. Parecia que estávamos destinados a descobrir tudo isso, a estabelecer o elo. O povo-abutre se tornou mais real pra nós: poderosos xamãs, que se utilizavam dos ritos de sangue pra alterar seu mundo. Com o tempo, Sarah começou a ficar apreensiva com a situação. Ela disse que pressentia pequenas coisas sombrias que se afundavam nas dobras dos mantos de asas de abutre dessas criaturas, que elas tinham começado a tocá-la. Ela queria parar, mas eu a persuadi do contrário. Achei que estávamos chegando perto de algo que provaria minha teoria incontestavelmente. Tínhamos que continuar. Mas, então, certa noite, Sarah trouxe algo de volta com ela.

Houve um silêncio, enquanto Lara dava uma longa e meditativa tragada em seu cigarro. Daí ela disse:

— E a Sarah não conseguiu lidar com isso?

Noah pressionou os dedos de uma mão brevemente contra seus olhos. Mesmo agora, podia ouvir os gritos dela.

— Era avassalador demais, *desconhecido* demais. Sempre fizemos essas sessões à luz de uma vela, então não conseguimos ver muita coisa, mas foi como se a noite tivesse se alastrado pela sala. Estávamos rodeados por uma presença, não exatamente maligna, mas além do bem e do mal. Era amoral e não éramos *nada* pra ela. Até eu conseguia sentir isso, e não sou um grande vidente. Em instantes, me dei conta de como estivemos brincando com algo inconcebivelmente grande e além de nós, algo imensuravelmente poderoso. Puxamos a saia dela insistentemente e agora ela tinha nos notado.

— O que aconteceu?

— Bom, assim que a Sarah começou a gritar, me pus de pé e acendi as luzes. Se algo realmente esteve ali, desaparecera. — Ele deu o último gole na Lager morna que sobrara em seu copo e balançou a cabeça. — Sarah estava se contorcendo no chão. Eu não sabia o que fazer. Os barulhos eram medonhos. No fim, eu a esbofetei. É isso que se deve fazer, não é? E ela meio que voltou a si. Mas, mesmo que a coisa tivesse ido embora, deixou uma mácula em seu rastro.

— Isso a matou? — perguntou Lara sem meias palavras.

Noah detectou uma tênue nota de desdém na voz dela.

— Não, não. Claro que não. Sarah era uma vidente experiente, mas ficou perturbada pelo que sentiu e viu. Ela saiu transformada e não havia nada que eu pudesse fazer a respeito. Nada. Ela se tornou paranoica, ciumenta e medrosa. Isso nos destruiu.

— Não foi culpa sua — disse Lara, buscando uma das mãos de Noah.

Ele riu cinicamente.

— Todos disseram isso, mas é mentira. Eu estava tão ávido em descobrir a verdade que não pensei nos riscos. Só continuei forçando a barra cada vez mais. Depois que nos separamos, a Sarah perdeu o

emprego. Ela se perdeu, pra valer. A última notícia que tive foi de que ela tinha se internado em um hospital. Ela afastou todas as suas antigas amizades.

— Não foi culpa sua — insistiu Lara. — A Sarah simplesmente não era forte o bastante.

— Era, sim — disse Noah. — *Aquilo* era mais forte que nós dois.

— Não acredito nisso.

— Você não estava lá. Mesmo sendo escritor, não tenho palavras pra descrever a você o quanto aquela noite foi terrível, o quanto era real a entidade que veio até nós. Aquilo não era o Christopher Lee numa capa de seda, Lara. Não era uma bela e segura meditaçãozinha como todas aquelas que fizemos hoje. Era a mais crua e primitiva das energias; podia extinguir você, assim! — Ele estalou os dedos diante do rosto dela, mas Lara não se esquivou.

— Eu quero — disse ela.

Ele riu, abalado.

— Como é?

— É o que eu quero. Quero saber a verdade. Não tenho medo.

Noah ergueu as mãos e balançou a cabeça, enfaticamente.

— Não. Não sabe o que está me pedindo. Os vampiros com os quais está tão enamorada são só acessórios de estilo, um mito romântico. Não quer a verdade sobre isso, acredite em mim.

— Como ousa? — estourou Lara. — Você me faz parecer uma menininha idiota que só curte parecer esquisita. Não estou enamorada por nada. — Ela golpeou o peito com um punho fechado. — Eu vivi com essas coisas minha vida toda, senti seus puxões nos cantos da minha mente, tentando se fazer conhecidas a mim. Meus sentidos sempre captaram a pujança do cheiro de carniça delas. Quando li *Nosferatu*, achei que tinha encontrado alguém que entenderia, que não acharia que sou louca. — Ela pôs as mãos contra a cabeça, alisou seu cabelo preso e liso, soltando algumas mechas dele. — Se é mesmo tão contrário a isso, por que pôs no livro todas aquelas pistas sutis?

Noah achava que ela agora parecia demente, com seu cabelo começando a cair por todo o rosto, um rubor febril preenchendo sua face e aqueles olhos arregalados e selvagens. Mas ela era estonteantemente linda e, naqueles instantes, ele poderia acreditar que era tão forte quanto afirmava ser.

— Acho bom me contar o que quer dizer com sempre ter vivido com isso — disse ele.

Lara abaixou a cabeça, assentindo, e então chamou o garçom para pedir mais bebidas.

— Não — disse Noah. — Estou dirigindo. Vamos pedir a conta. Podemos conversar na minha casa.

No carro, durante o trajeto para casa, eles permaneceram em silêncio. Lara sentava-se com as mãos juntas no colo, encarando a vista pelo para-brisa. Noah se perguntava o que estava fazendo. Ele previa o que estava por vir. Vinha tão inexorável quanto um maremoto e ele já podia ver a onda se assomando no horizonte. Ele podia detê-la agora, levá-la para casa.

Passaram pela saída que levaria até a rua dela. Suas mãos se apertaram sobre o volante. Em dez minutos, ele estava estacionando o carro do lado de fora de sua casa.

Lá dentro, Lara perambulou pela sala de estar, tocando levemente os artefatos ancestrais que se aglomeravam em cada superfície disponível. Sarah havia coletado a maioria deles, mas não quis levá-los com ela quando partiu. Não havia levado nada, nem exercido seu direito à metade da casa. Ela só queria ir embora, rejeitar qualquer vestígio de sua vida com Noah, desesperada para viver no aqui e agora, na segura banalidade. Mas isso lhe havia sido negado. Ninguém mais deveria ir ao lugar onde Sarah esteve. Ninguém.

Noah fez um café na vasta e silenciosa cozinha, onde modernos eletrodomésticos brilhavam nos balcões imaculados. Sarah quem havia projetado o cômodo, ela mesma havia pagado por ele. Os talheres e a

louça de barro que Noah tinha usado no almoço ainda estavam na pia, mas geralmente ele mantinha a casa em ordem, em respeito a ela, como se ela ainda estivesse por lá, de um modo etéreo, e pudesse desaproveitar a desordem e a bagunça. No caminho de volta à sala de estar, ele pegou uma garrafa de conhaque, duas enormes taças de seu armário de bebidas e as colocou na bandeja perto da cafeteira francesa e das canecas.

Lara estava enroscada na grande poltrona de couro junto à lareira a gás e tinha acendido suas toras falsas. Também tinha encontrado o pequenino cinzeiro que Noah mantinha relutantemente para as visitas.

— Você tem muita sorte — disse ela quando Noah entrou na sala. — Essa casa é ótima. Toneladas de livros e coisas. Quantos quartos ela tem?

— Cinco — respondeu Noah.

— Eu estou no emprego errado! — disse Lara, rindo. Ela agora parecia só uma garota qualquer, sapeca e envolvente.

Noah colocou a bandeja na mesa de centro e se pôs a servir as bebidas.

— Compramos este lugar por uma ninharia — disse ele, meio que se desculpando. — Era um buraco. A Sarah reformou. — Ele olhou ao redor da sala. — Ele agora tem certo valor, claro, mas só seria preciso um par de anos ruins e eu teria que vendê-lo. Ser escritor não é o jogo milionário que as pessoas fazem parecer, sabe?

— Estou surpresa em ouvi-lo dizer isso — afirmou Lara.

— A maioria fica. Acham que todos nós vivemos como Jackie Collins.

— Não, disse isso porque você sabe como mudar o destino, como fazer as coisas acontecerem. Por que não usa isso pra si mesmo, pra não acabar tendo um desses “anos ruins”?

— Não é por aí — disse Noah, empurrando pela mesa uma taça de conhaque e um café para ela. — Sou um escritor, um pesquisador, caramba, não um mágico!

Lara sorriu, enrolando nos dedos uma mecha de cabelo que caía sobre seu rosto.

— Ah, qual é?! E quanto às “coisas esquisitas”?

— Se eu soubesse como fazer dinheiro brotar meditando, estaria rico. Mas não sei. Só uso as “coisas esquisitas” pra mergulhar no passado.

— Mas o povo-abutre sabia como alterar seu mundo. Você disse isso.

— Por mais estranho que pareça, não tenho nenhum desejo irresistível de beber sangue e matar pessoas. — Ele estava apreciando o diálogo, certo de que havia uma tensão sexual subjacente.

Lara pegou a taça de conhaque.

— Você os contactou — disse ela. — Quantas pessoas já fizeram isso? Se não estivesse se borrando de medo, poderia usar essa energia pra si próprio. — Lentamente, sensualmente, ela esvaziou sua taça.

Noah sentou sobre seus calcanhares, as mãos firmadas contra suas coxas.

— Acho que você é uma jovem bem perigosa — disse ele.

— Você não teria que matar ninguém — ela falou, entregando sua taça para mais conhaque. — Tenho certeza de que o menor dos sacrifícios de sangue já daria conta.

Noah serviu uma dose generosa do líquido dourado.

— Lara, eu não vou voltar lá. Já me queimei e tenho a sensatez de tomar cuidado com aquilo que machuca. Não se põe a mão no fogo duas vezes.

— Quando as pessoas não têm medo, conseguem caminhar sobre carvão em brasa — disse Lara. — Eu tenho medo de lunáticos com facas e pervertidos escondidos nos becos. Tenho medo de gente, porque gente é uma merda. Mas entidades etéreas não me assustam. Elas não têm mãos de carne e osso. Não podem disparar uma arma. O único

modo pelo qual podem lhe ferir é pelo medo, por sua própria mente. Você tem que saber disso.

Noah hesitou. Ele podia sentir a convicção pulsando do corpo de Lara.

— Você é uma bruxa — disse ele, e tomou um longo gole de seu conhaque. O líquido queimou sua garganta, uma sensação boa.

Os olhos dela estavam fechados agora.

— Me leve até lá, Noah. Não tenho medo de ir sozinha e não vou apavorá-lo tendo um ataque histérico de pânico. Só me leve até lá.

— Por quê? — perguntou ele.

— Porque eles querem isso — disse ela. — Ouço as vozes deles sussurrando em meus sonhos desde que era criança. Vejo suas sombras nas cortinas do meu quarto toda noite. Senti seu hálito de carniça em meu rosto, no escuro. Eu sou um deles, Noah. Talvez não nesta vida, mas eu *conheço* eles. Quero ir pra casa.

O silêncio na sala era absoluto e a atmosfera havia se tornado estática e vigilante, como xamãs-abutres. Era como se ela já tivesse conjurado alguma coisa a se concretizar por meio da paixão de suas palavras. Não havia como ele não acreditar em Lara. Ela parecia notavelmente sã, mas determinada. Ele não conseguia falar.

— Não sou nenhuma vaca perturbada querendo beber sangue — disse Lara num tom coloquial. — Não tenho um quarto preto nem coleciono filmes de terror. Não quero ser uma vampira no sentido tradicional da coisa. Só preciso saber o que é isso que vem tentando se comunicar comigo, só isso. — Ela sorriu. — Meu Deus, devo parecer louca. O que mais tenho que dizer pra convencê-lo de que não sou?

Ele a encarou, lutando consigo mesmo, pensando em Sarah.

— Sou uma vidente boa pra cacete — disse ela maliciosamente, inclinando a cabeça para o lado. — Uma dessas sempre lhe pode ser útil, não pode?

— Então, pra que precisa de mim? Se é tão boa assim, faça sozinha.

— Você tem o mapa — afirmou ela. — Você é o guia. É simples assim. — Ela adotou um tom sério de zombaria. — Eu cuido de você, Noah, não se preocupe. Vai estar *perfeitamente* a salvo.

A sala de meditação dele era no segundo andar, nos fundos da casa, com vista para os campos e uma pequena mata. Como ele sempre fazia com Sarah, deixou as cortinas abertas e acendeu uma única vela. Seu coração estava acelerado, mas não pelo medo. Ele não sabia exatamente o que estava sentindo. Enquanto se preparava para acender um pouco de incenso natural, para ajudar a conjurar a atmosfera correta, Lara perguntou:

— Você tem um alfinete?

— O quê?

— Pra espetar nossos dedos. Devíamos botar nosso sangue nesses incensos.

— Lara...

— *Noah...!* — Ela estava rindo dele.

Achar um alfinete levou alguns minutos, nos quais Lara tomou mais uma taça de conhaque. O próprio Noah já começava a sentir os efeitos do álcool. Talvez ele estivesse entorpecendo seu senso de apreensão. Deixou Lara espetar seu dedão e espremer uma reluzente gota de sangue do furo, que misturou ao incenso. Então, ela pôs o dedão dele em sua boca quente e o sugou.

— Tá com medo? — perguntou.

— Apavorado.

Ela espetou o próprio dedo, mas não o ofereceu para que ele provasse o sangue dela. Foi uma leve decepção.

Lara deitou-se no tapete diante da lareira apagada, enquanto Noah sentou-se com as pernas cruzadas ao lado dela, conduzindo-a gentilmente a um leve transe. Ele foi fazendo-a retroceder no tempo, a fez assistir aos séculos se desfazerem gradualmente, até dizer a ela para que visualizasse a si mesma na entrada de uma caverna em meio a altos

penhascos esculpidos pelo vento. Além de seus limites, tudo era escuridão.

— Essa é a Caverna de Shanidar — murmurou ele. — Lar do povo-abutre. Entre nela.

Ele pausou, ouvindo sua tênue respiração.

— Me diga o que vê — ele pediu.

— Escuridão — respondeu ela. Seu cenho havia se franzido. — Mas sinto cheiro de...

Ele achou que ela diria *sangue*.

— Flores — disse ela, fracamente. — Por todo canto, flores. Eles as colocaram sobre os ossos. Eu os vejo. Tantos ossos. Tem asas...

— Tem alguém aí com você?

— Sim. — Sua voz era como a de uma criança, juvenil e trêmula.

— Você quer ir embora? — perguntou Noah. — Pode sair a qualquer momento.

— Não. Ele me conhece. Quer me dar alguma coisa.

— O quê?

— O osso divinatório...

— Qual o aspecto dele?

De repente, Lara arfou, seus olhos se abriram e ela se sentou, ereta.

Noah foi ao seu encontro para acalmá-la.

— Tudo bem — ele disse.

Ela virou a cabeça lentamente e, quando falou, sua voz era grave e áspera.

— Dela não me afaste, filho de Lameke. A risada dela enchia as montanhas e curvava a cabeça das feras selvagens. A vergonha tomou ela de mim. Vergonha!

Noah sentia o odor de carniça, o fedor de seu hálito.

Súbito, Lara suspirou e graciosamente caiu de costas no chão.

— Lara — resfolegou Noah, inclinando-se sobre ela. — Lara. Você tá bem?

Ela riu e contorceu o corpo no tapete.

— Ah, *estou*. — Sem abrir os olhos, ela estendeu a mão para ele e o puxou para baixo. Quando ele a beijou, sentiu o gosto do conhaque, suas chamuscas.

— Obrigada — murmurou ela por entre os beijos. — Obrigada.

Sob sua mão, a pele dela era quente, exalando o restante do calor de seu perfume. Ele fez amor com ela ali mesmo, se perguntando se ela estava ou não totalmente neste mundo. Não importava. Ela era um sonho encarnado, uma mulher que podia andar sozinha na escuridão e voltar rindo e cheirando a flores.

Depois, ela estava deitada nua ao lado dele, fumando um cigarro.

— Que diabos havia ali pra se ter medo? — disse ela. — Eu trouxe algo de volta comigo? Não. E pode acreditar, eu bem que queria.

Noah estava deitado de lado, acariciando a barriga firme dela.

— Como a coisa... ele... se parecia?

Ela sorriu.

— Basicamente, do jeito que se poderia imaginar. Primeiro, ele estava agachado, envolto nesse manto imenso de penas negras. Parecia ter sido feito das asas inteiras de um único abutre. Eu só conseguia ver as fendas de seus olhos, perscrutando do topo. Ele mesmo parecia um abutre... um vampiro! Apesar de estar agachado, dava pra dizer que era um gigante; magnífico, sábio e selvagem.

— São imagens bem poderosas — disse Noah.

— Daí, ele ficou de pé e abriu seu manto de asas. Por debaixo dele, estava vestido de peles de animais. Seu corpo estava coberto por algum tipo de tinta, mas não era sangue. Havia padrões nele, como pinturas rupestres primitivas. Ele tinha ossos nos cabelos e em um colar que usava. Acho que eram ossos de pássaro. Vai ficar satisfeito em saber que os dentes dele eram pontudos. Todos eles.

— Limados?

— Provavelmente. — Ela deu uma tragada profunda em seu cigarro.

— Ah, não sei. Talvez eu tenha visto o que queria ver, ou fui influenciada pelo que você disse mais cedo.

— E quanto àquilo que ele disse por seu intermédio?

— Não sei. Era como se ele já me conhecesse, obviamente. Ele parecia conhecer você também, de certa forma. Lameke era o pai de Noah¹² no mito bíblico, não era?

Noah assentiu, desconfortável com a ideia de que a entidade pudesse estar ciente de sua existência.

— Se a coisa toda não foi subjetiva — disse Lara —, talvez eu tenha vivido na época dele. Talvez fôssemos amantes. Eu com certeza estava bem excitada quando voltei.

— Ele não parece muito atraente!

Lara apagou o cigarro e buscou a virilha de Noah.

— Ah, mas ele era! Lindo, na verdade. Os olhos dele eram incríveis, de um azul profundo e penetrante. Cristo, queria que ele me possuísse. Totalmente. Era aquela coisa arquetípica. — Ela deu uma risada rouca.
— Eu teria ficado bem feliz dele cravar os dentes em mim.

Noah se inclinou sobre ela e mordiscou a pele de sua garganta.

— Vem, vamos pra cama. Está ficando frio aqui.

Eles fizeram amor muitas outras vezes. Noah estava eufórico, mal ousando acreditar que uma mulher como aquela havia entrado em sua vida. Ela era cheia de humor e calor, sóbria no que dizia respeito à sua habilidade, porém divertidamente irreverente. Era desinibida, aberta, misteriosa e transcendente. Uma bruxa. Uma sacerdotisa.

— Onde você esteve por toda a minha vida? — disse Noah.

— Aposto que diz isso pra todas as garotas — respondeu ela, e eles riram feito crianças por vários minutos de seus clichês idiotas.

Por volta das quatro da manhã, Lara disse que estava cansada e se virou para o seu lado da cama. Noah a estudou por algum tempo,

sorvendo cada detalhe de seus contornos suaves, os cabelos negros derramados sobre o travesseiro. Ele passou a mão pelo ar sobre o corpo dela, que se contorceu e deu um gemido de prazer, como se sentisse que ele acariciava sua aura.

— Linda — sussurrou ele. — Amor. — Ele se deitou para dormir, fechando os olhos com a imagem residual da carne branca dela queimando em sua mente.

O despertar veio com um choque no crepúsculo cinzento que antecede a aurora.

Ele imediatamente tomou ciência do frio e viu que o outro lado da cama estava vazio. Uma pontada apavorada de perda o atravessou, então, ele viu as roupas dela ainda postas sobre a cadeira de vime claro que ficava próxima à janela e disse a si mesmo que ela devia ter ido ao banheiro ou beber alguma coisa.

Ele se deitou de costas e puxou o edredom sobre seu torso arrepiado. Um silvo no canto do quarto o sobressaltou.

— Lara?

Ele se sentou. A maior parte do quarto ainda estava sob as sombras, mas pensou conseguir distinguir uma forma escura agachada no canto, perto de seu cabide de roupas.

— Lara...

Ele estendeu a mão para o abajur ao lado da cama, mas o interruptor não respondeu. A lâmpada devia ter queimado.

Novamente, um silvo, baixo e sibilante.

Algo se moveu nas sombras, avançando de lado. Ele primeiro viu claramente os olhos: um azul profundo e penetrante. Ela estava nua e havia coberto a si mesma com o que parecia ser tinta escura, o que bem poderia ser possível, pois ainda havia algumas latas na garagem. Seu cabelo estava bagunçado e com um aspecto de palha, coberto por alguma substância grudenta. Sua língua se projetava anormalmente da boca, como a de Kali, deusa da destruição. Não era possível que seus

dentes estivessem pontiagudos. Não havia ferramentas na casa que ela pudesse ter usado para fazer isso. Ela sibilou e deu um pisão no chão.

— Lara.

Ele saiu da cama devagar. Isso era muito diferente daquela vez com Sarah. Lara não estava gritando. Não estava desvairada nem choramingando.

Os olhos dela o seguiram enquanto ele margeava o quarto.

Ele ergueu as mãos, num gesto universal de paz.

— Lara, acorde. Você está sonhando. Não é real. Lara.

Ela arremeteu ameaçadoramente contra ele, rosnou e deu pisões com os dois pés. Ele pulou para trás. Era irreal. Ele não conseguia sentir nada, porque era irreal demais.

A noite havia adentrado o quarto. Não a escuridão, mas a essência da noite, a ausência de luz. O frio da Terra antes de raiar a primeira aurora.

— Lara...

Ela então avançou sobre ele, atravessando o quarto velozmente feito um caranguejo. Agarrou-o pelos ombros e ele sentiu as pontadas pungentes de suas unhas. Fedia a carne podre e havia uma crosta ao redor dos seus lábios. Ela sangrava pela boca. Seus dentes haviam sido limados em pontas irregulares.

Quanta dor ela devia estar sentindo. Quanta dor...

Ele resistiu. Aquela não era Lara. Era a escuridão da qual ele tinha se escondido por tanto tempo. Talvez sempre tivesse estado ali, à espreita nas sombras de sua casa, em suas lembranças.

Ela era forte demais, como uma tigresa. Empurrou-o de volta para a cama e montou em cima dele. Os seios dela pareciam mais pesados do que haviam sido mais cedo, repletos de marcas de suas próprias unhas. Emitiu um guincho e arremeteu contra o pescoço dele.

Ele deveria ter medo, não deveria? Essa *coisa*, essa abominação monstruosa dragada da sopa primordial, estava se banquetecendo dele, rasgando sua carne, amassando sua pele com suas garras, sugando a vida

dele. Ela fedia a Inferno. Ainda assim, aquilo o excitava. Ele a queria e ela o deixou fazê-lo, seu corpo pinoteando em um frenesi.

Então, ele o viu, o túnel história adentro. Os rios de sangue que carregavam as memórias da humanidade. Está dentro de todos nós, ele pensou. Nós o domamos e o vestimos com um traje de seda. Nós o tornamos morto. Nós o contivemos em livros, filmes e sonhos lascivos. Nós o contivemos em pesadelos. Mas, no fundo, ele está dentro de nós o tempo todo. E está vivo, pulsando, quente e molhado, cheirando a musgo e carne estragada.

Lara não era mais forte que Sarah. O oposto é que era verdade. Porque Sarah havia rejeitado aquilo. Era aquilo que ela havia visto, sentido e sobre o qual nunca falara. A busca por Nosferatu não havia começado na cova, mas no cérebro reptiliano, o resquício primordial da fera que há em cada mente humana. Era demoníaco. Era divino.

No fim da manhã, com a luz do sol entrando pela cozinha, eles foram polidamente formais um com o outro. Ela disse que havia lascado feio um dente ao cair, no escuro. Eles não conversaram sobre como ela havia decorado seu corpo. A bagunça na cozinha já tinha sido arrumada na hora em que ele desceu as escadas e ela estava renovada após um banho, cheirando ao seu sabão líquido de oriza. Ela fez piada de sua aversão a dentistas enquanto bebia cuidadosamente o café quente. Ele fez torradas e então se desculpou e ofereceu algo mais macio: ovos mexidos, talvez? Não estava com fome, ela disse.

Ele esfregou o pescoço.

— Ah, bom...

Ela tinha que estar no serviço às duas. Trabalhava meio período em uma loja local. Talvez conseguisse uma consulta dentária de emergência antes de entrar. Ele tinha trabalho a fazer também. Ou então o livro seria enviado com atraso para a editora. Belo dia, porém.

Sim, belo dia.

Na porta, ela deu-lhe um breve beijo no rosto.

— Temos que fazer isso de novo — ela disse.

— Temos mesmo? — Muitas palavras permaneceram sem serem ditas entre eles.

Ela sorriu. Parecia bem cansada e havia anéis arroxeados sob seus olhos.

— Acho que eu consegui o que queria. Você não?

— Lara...

— Pode me ligar. Ou não — disse ela. — Você não me é mais necessário, Noah, mas meio que gosto de você.

Ele a observou descer pelo caminho até a rua. Tinha recusado uma carona. Ele encostou a testa no batente da porta. Uma vez que abre seus olhos, nunca pode fechá-los novamente. Sarah sabia disso.

Ele não devia encontrar Lara novamente. Devia tentar esquecer tudo que havia ocorrido. Eles estavam bêbados. Ela quebrou um dente, só isso. Foi menos do que ele imaginara. Como se, para lembrá-lo do contrário, sentia dolorosas pontadas no pescoço. Ele se sentia zozzo, enjoado, subitamente capaz de imaginar o futuro, sua longa e agonizante extensão, a descida para reinos sobre os quais não ousava pensar.

Ele não deveria vê-la novamente. Mas ela era bem o tipo dele, não era? Bem o tipo dele.

[12](#). Noah é Noé em inglês. - N. do E.

PRÍNCIPE DAS FLORES

Elizabeth Hand

Elizabeth Hand é autora de vários romances e coletâneas de contos em uma variada gama de gêneros, além de crítica e resenhista de longa data de uma série de publicações.

Entre seus aclamados romances estão *Winterlong*, *Aestival Tide*, *Icarus Descending*, *Waking the Moon*, *Glimmering*, *Black Light*, *Mortal Love*, *Illyria*, *Radiant Days*, *Generation Loss*, *Available Dark* e sua recente sequência, *Hard Light*, além dos derivados cinematográficos *The Bride of Frankenstein: Pandora's Bride*, *Os 12 Macacos*, *Catwoman* e uma série de livros sobre Boba Fett, personagem de *Star Wars*, para pré-adolescentes. A editora PS recentemente publicou sua novela *Wylding Hall*, e alguns dos contos da autora estão reunidos em *Last Summer at Mars Hill*, *Bibliomancy*, *Saffron and Brimstone: Strange Stories* e *Errantry*. Com Paul Witcover, Hand criou também a série *cult* em quadrinhos *Anima*, para a DC Comics, no início dos anos 1990. Ela é ganhadora de diversos prêmios, como World Fantasy, Nebula, Shirley Jackson e o International Horror Guild, bem como Mythopoeic e James Tiptree Jr. Award.

“Esse foi meu primeiro conto publicado”, revela a autora, “adquirido pela editora Tappan King para a *The Twilight Zone Magazine*, em 1987; foi lançado no início de 1988. Em uma conversa ao telefone, Tappan me disse que eu seria uma boa escritora para os anos 1990, porque meu trabalho tinha ‘alma e também dentes bem afiados’.”

“Naquela época, eu vivia em Washington, DC, e trabalhava no Instituto Smithsonian. O fantoche demoníaco do título foi

algo que comprei em minha hora de almoço numa certa tarde, quando andei do shopping até uma lojinha obscura chamada The Artifactory. Eu me apaixonei pelo fantoche e paguei cinquenta dólares por ele, uma bela fatia do meu escasso salário; mas, quando o levei comigo pro meu cubículo no Museu Nacional do Ar e do Espaço, anunciei que ele me traria sorte. E trouxe: pouco depois disso, escrevi o conto e, mesmo tendo levado cerca de um ano, enfim, o vendi.”

A PRIMEIRA TAREFA DE HELEN no projeto do inventário era para o Departamento de Anelídeos. Por duas semanas, ela caminhou pelos corredores estreitos, entre imensas fileiras de gabinetes envidraçados, abrindo infinitas gavetas de invertebrados ressequidos e congelados, e etiquetando cada um com um número de registro. Vez por outra, ela via de relance outras figuras, insípidas como ela, em suas batas padronizadas do governo, sombras cinzentas à espreita pelos lúgubres corredores. Eles acenavam para ela, mas raramente falavam, exceto para pedir informações: todos se perdiam no museu.

Helen amava as horas perdidas em perambulações pelas labirínticas salas de armazenamento, laboratórios de pesquisa, câmaras friorentas entulhadas de efígies de índios ianomâmis e onças-pintadas empalhadas. Logo, ela conseguia identificar cada departamento pelo seu cheiro: poeira acre do couro emplumado da Ornitologia; o fedor enjoativo de feno-grego e xarope das armadilhas para baratas da Mamalogia; peixe e formaldeído na Ictiologia. Seu favorito era a Paleontologia, um anexo onde o ar tinha um cheiro úmido e limpo, como se sob o piso de mármore corressem águas ocultas, cavernas nunca descobertas, ossos de mamute que se combinassem àqueles armazenados ali em cima. Quando suas duas semanas com os Anelídeos terminaram, ela foi enviada para a Paleontologia, onde se refestelava com os esqueletos, espalhados por cima dos armários como bonecos esquecidos, caveiras sem corpos encarando por trás de cestas de lixo e prateleiras de livros. Ela achou um ísquio de fabrossauro embrulhado em papel marrom e identificado com giz de cera; ao lado dele, um enorme engradado talhado à mão, datado de 1886, e identificado como um MEGALOSSAURO DE WYOMING. Nunca havia sido aberto. Em algumas manhãs, ela se sentava com um montículo de fósseis em sua frente, encaixando as peças com o auxílio de um monógrafo vitoriano. Passavam-se horas em total silêncio, semanas em que ela via apenas três ou quatro pessoas, curadores desengonçados entrando e saindo de seus cubículos de pesquisa. Às sextas-feiras, quando ela entregava seus relatórios do inventário, eles sorriam. Ocasionalmente até lembravam o nome dela. Mas, na maior

parte do tempo, ela era deixada só, ordenando caixotes com ossos e xisto, separando frágeis esqueletos de peixes extintos como se fossem pilhas de jornais.

Uma vez, quase sem pensar, pôs um peixe fossilizado no bolso de sua bata. O fóssil tinha o comprimento de sua mão, tão perfeitamente formado quanto uma folha fresca de faia. Durante todo o dia, ela o tocou com os dedos, traçando a marca dos ossos e escamas. Mais tarde, no banheiro, ela o enrolou em papel-toalha e o escondeu em sua bolsa para levá-lo para casa. Depois disso, começou a pegar coisas.

Em uma loja de *hobbies*, no centro, ela comprou pequenos suportes de metal e acrílico para exibi-las em seu apartamento. Ninguém mais as via, nunca. Ela simplesmente gostava de olhar para elas sozinha.

Sua transferência seguinte foi para a Mineralogia, onde ela contava meteoritos disformes e gemas brutas. As gemas a entediavam, embora ela tenha pegado um pedaço de madeira petrificada e um punhado de ametistas não polidas e as tenha colocado em seu banheiro. Um mês depois, ela foi alocada permanentemente na Antropologia.

O Departamento de Antropologia ficava no canto mais remoto do museu; sua proximidade com a sala das caldeiras deixava sua temperatura mais amena que a ala de Ciências Naturais, o ar fragrante de madeiras de especiarias e unguentos exóticos usados para polir pontas de flechas e hastes de machados. O teto se elevava tão acima de sua cabeça que as lâmpadas raquíticas balançavam levemente com as correntes de ar que Helen ansiava em sentir. O sutil movimento constante das lâmpadas lançava ondas de luz tremeluzente pelo chão. Braços erguidos de estátuas balinesas pareciam ondular, e pontos de luz piscavam por trás de órbitas oculares vazias das máscaras emplumadas.

Por toda parte, avultavam prateleiras empilhadas de marfim polido e berrantes braceletes e gargantilhas de contas. Helen se agachava pelos cantos, enchendo seus braços de pulseiras até seus punhos doerem com o peso. Ela desencavava apavorantes figuras empoeiradas de templos demoníacos e as limpava, polindo as faces côncavas e os olhos azuis-

escuros antes de atribuir um número a cada figura. Um canto cheio de hastes de tendas tipi¹³ escondia uma mesa abandonada que ela reivindicou para si, decorando-a com fotos de múmias e uma caneca de café de cerâmica. Na gaveta de cima, guardou suas fitas cassete e, sob sua bolsa, várias pontas de flecha de obsidiana. Embora aquela nunca tenha sido oficialmente designada como sua mesa, ela ficou irritada quando, certa manhã, encontrou um jovem reclinado em sua cadeira, remexendo suas fitas.

— Olá — ele cumprimentou efusivamente. Helen se crispou e acenou friamente com a cabeça. — Essas fitas são suas? Vou pegar esta emprestada algum dia, ainda não comprei o disco. Leo Bryant...

— Helen — respondeu ela, abruptamente. — Acho que tem uma mesa vazia ali perto dos tambores de fenda.

— Obrigado, acabei de começar. Você é curadora?

Helen balançou a cabeça, reorganizando as fitas em sua mesa.

— Não. Projeto de inventário. — Incisivamente, ela pôs a mochila dele no chão.

— Eu também. Talvez a gente possa trabalhar junto, alguma hora.

Ela olhou de relance para a expressão sincera no rosto dele e sorriu.

— Eu gosto de trabalhar sozinha, obrigada.

Ele pareceu sentido e ela completou:

— Nada pessoal... só prefiro desse jeito. Tenho certeza de que vamos nos esbarrar. Prazer em conhecê-lo, Leo. — Ela agarrou uma pilha de relatórios de inventário e saiu caminhando pelo corredor.

Certa manhã, eles se encontraram para o café. Após algumas semanas, se encontravam quase toda manhã, às vezes, até para um almoço fora, no shopping. Durante o dia, Leo saía casualmente de seu cubículo na Etnologia para repassar as fofocas do departamento. Às vezes, eles saíam para beber após o trabalho, mas nunca com frequência o suficiente para serem, eles mesmos, assunto de tais fofocas. Helen estava feliz com esse arranjo e os curadores estavam encantados por

terem uma funcionária assim — reservada, sem ambições e pontual. Todos, exceto Leo, a deixavam em paz.

Num fim de tarde, Helen virou a esquina errada e se viu em um pequeno beco sem saída, entre pilhas de caixotes que barravam a luz e o ar. Ela bocejou, respirando o tênue bolor das cascas de canela, enquanto traçava seu caminho em um amassado mapa do inventário. Esse beco estreito não estava marcado; os corredores adjacentes continham artefatos malaios, utensílios de *batik* e grandes caixas de teca com gongos. Engradados caídos e caixotes mal montados, abarrotados de palha, estavam espalhados pelo chão. Farpas de ripas se enganchavam em suas mangas conforme ela avançava lentamente pelo corredor. Um almíscar doce pairava sobre essas caixas, a lânguida essência de florações desconhecidas.

No fim do beco, uma fileira inteira de caixotes havia tombado, como se enfim o peso do tempo os tivesse lançado ao chão. Helen se agachou e escolheu uma caixa aleatoriamente, um pacote largo e achatado, feito um portfólio. Ao desprender a tampa, ela encontrou uma pilha de recortes de couro, já se enrolando de tão velhos, como tecido ressecado. Ela cuidadosamente tirou um da pilha, fazendo uma careta quando suas pontas se desintegraram ao seu toque. Uma marionete de teatro de sombras, tão fantasticamente elaborada que ela não sabia dizer se era homem ou mulher; mal parecia humano. A luz bruxuleou pela grotesca treliça conforme Helen a sacudia para frente e para trás, sua sombra pálida dançando pela parede. Então, o fantoche se desmontou e se desfez em arabescos quebradiços que formaram estranhos hieróglifos no chão de mármore. Praguejando de leve, Helen recolocou a tampa e enfiou a caixa de volta nas sombras. Seus dedos roçaram outro caixote de um suave mogno polido. Seu peso era confortável ao puxá-lo para o seu colo. Cada canto da tampa estreita estava fixo por um prego largo de cabeça quadrada. Helen os retirou e os enfileirou com a ponta para cima.

Quando abriu a caixa, flores secas, sementes e lascas de madeira se derramaram sobre seu colo. Ela inspirou, fechando os olhos, e imaginou

águas azuis e luz de fogueira, sementes de aroma doce explodindo nas brasas. Ela espirrou e abriu os olhos em uma nuvem de poeira que flutuava do caixote feito fumaça. Com cuidado, foi atravessando as perfumadas lascas curvadas com os dedos, amassando as pétalas gentilmente até alcançar algo frágil e sólido. Puxou o objeto para fora em um turbilhão de flores mortas.

Era um fantoche: não um brinquedo, mas uma figura belamente vestida, braços delgados tinindo com argolas de vidro e ossos, pesadas vestes de *batik* com bordados e contas. Longos pinos talhados formavam seu torso, seus braços e as hastes que o giravam para frente e para trás, a fim de que suas vestes ondulassem, tremulando, como as asas de uma colorida borboleta. Segurado pelos braços esticados de Helen, ele a encarava de cima, desdenhosamente, seu rosto cintilando com tinta dourada. Sinuosas vinhas se enrolavam em cada braço articulado. Flores brilhavam no interior das ricas tramas de suas vestes, orquídeas floresciam nas dobras do tecido índigo.

O mais adorável de tudo era seu rosto, a curva das faces e do queixo, tão cuidadosamente arqueado que poderia ter sido moldado com ouro em vez de obtido da madeira. Helen roçou-o com um dedo; a reluzente pintura branca cintilou como se ainda estivesse fresca. Ela tocou o laço carmim que formava sua boca, traçou os pelos azeviches de suas sobancelhas, feito um regimento de formigas. O toque suave da madeira era quente quando passou as pontas dos dedos por ela. Uma cortesã poderia ter aperfeiçoado seu sorriso de esfinge; mas, na maré de pétalas, Helen descobriu um pedacinho de papel coberto por símbolos aracnídeos. Sob a desordenada inscrição, outra mão traçara desajeitadamente letras de forma que soletravam o nome PRÍNCIPE DAS FLORES.

Algum dia, talvez, uma concubina imperial tenha se distraído com sua pose sobrenatural, assim passando os silêncios molhados de uma longa estação chuvosa. Pelo resto da tarde, ele foi o brinquedo de Helen.

Ela o colocou em posição e fez suas vestes dançarem na sala mal iluminada, os braços frágeis e pequeninos pulsos se contraindo em uma valsa de fantoche.

Por trás dela, uma voz chamou:

— Helen?

— Leo — murmurou ela —, olha o que eu achei.

Ele se curvou ao lado dela para observar a figura.

— Lindo. É nisso que está trabalhando agora? Artefatos balineses?

Ela deu de ombros.

— É isso o que ele é? Eu não sabia. — Ela passou os olhos pela fileira escura de armários e suspirou. — Provavelmente não devia estar aqui. Tá tão quente... — Ela se espreguiçou e bocejou enquanto Leo tomava o fantoche de suas mãos.

— Posso ver? — Ele o torceu até sua cabeça girar e os braços rígidos tremularem. — Demais. Como um daqueles dançarinos em *O Rei e Eu*. — Ele brincou com o fantoche distraidamente, hipnotizado pelas vestes rodopiantes. Quando parou, o fantoche se retesou com um solavanco abrupto, seus olhos vazios encarando Helen.

— Tome cuidado — ela avisou, amassando sua bata entre os polegares. — Deve ter uns cem anos de idade. — Ela estendeu as mãos e Leo o devolveu, perplexo.

— É demais, seja lá o que for. — Ele se levantou e se espreguiçou. — Vou pegar um refrigerante. Quer vir?

— É melhor voltar ao trabalho que tava fazendo. Tenho que terminar a seção birmanesa ainda esta semana. — Casualmente, ela pôs o fantoche em sua caixa, sacudiu as flores secas do colo e se levantou.

— Tem certeza de que não quer um refrigerante nem nada? — rebateu Leo queixosamente, estalando seu crachá contra o próprio peito. — Você disse que tava com calor.

— Não, obrigada — Helen deu um sorriso mirrado. — Fica pra próxima. Amanhã.

Zangado, Leo resmungou e saiu de nariz em pé. Quando sua silhueta se desfez, ela se virou e rapidamente puxou a caixa para um canto. Ali, esvaziou sua bolsa e ajeitou o fantoche no fundo dela, enrolando seus braços e seu rosto com lenços de papel. Escova de cabelos, carteira, batom: tudo jogado de volta na bolsa, escondendo o fantoche sob essa desordem. Ela encheu o caixote novamente com seu triste arranjo de flores, martelando a tampa de volta com o sapato. Então, engatinhou pelo canto até localizar um espaço entre as pilhas de caixotes. Com um retumbante estalo, a caixa vazia acertou a parede e Helen sorriu zombeteira, enquanto chutava mais caixas para preencher a lacuna. Anos depois, outro técnico de inventariado viria a descobrir aquilo e se perguntaria, como ela havia feito incontáveis vezes, o que houvera um dia no caixote vazio.

Quando ela se espremeu no elevador naquela tarde, a alça de couro de sua bolsa se prendia à sua palma feito corda molhada. Ela deslocava a bolsa casualmente quando mais pessoas entravam a cada andar, o coração disparado ao se despedir da curadora de Estudos Indo-asiáticos passando pelo saguão. Portões de prisão imaginários se assomavam e desmoronavam atrás de Helen enquanto ela atravessava a passos largos as portas colunadas para a rua ensolarada.

Por todo o caminho até em casa, sorriu triunfante, apertando a bolsa contra o peito. Enquanto ela a remexia na porta da frente em busca de suas chaves, uma rajada fresca de perfume se ergueu das profundezas de sua bolsa. Dentro de casa, outro aroma sobrepujou o tênue perfume — o espesso fedor de creosoto, frutas apodrecidas e roupas sujas. Bolorento, quente e escuro como o mais lúgubre dos porões do museu, suas únicas duas janelas davam para a rua. O trânsito se arrastava diante delas, escapamentos lançando fumaça azulada por suas telas. Um espelho encardido refletia cadeiras surradas, uma mesinha de canto com uma luminária torta: mobília surrupiada de moradias estudantis ou obtida no lixão da esquina. Nenhum quadro adornava as paredes cobertas de pústulas, manchadas com restos esmagados de baratas e traças.

Mas aqui brilhavam coisas belas, cintilando em peitoris e balcões de fórmica rachados: a flácida fronde de uma samambaia fossilizada, gravada em obsidiana reluzente como piche molhado; um cefalópode retorcido como um pequeno redemoinho, empalado sobre uma plataforma de metal. No meio de uma mesinha de centro lascada, estava a impressão da asa de uma libélula de trinta centímetros embutida em calcário; suas escamas filigranadas, um prisma estilhaçado.

Pelos cantos, amontoavam-se crânios de lêmures e placas de madeira petrificada. As delicadas conchas em cone de moluscos venenosos. Montes de iridescentes besouros verdes e dourados, como a cunhagem de um distante país. Fragmentos de linóleo espalhados com dentes de tubarão e pontas de flechas; um pequeno crânio ancorando um punhado de plumas esmeraldas que ondulavam na brisa como um coral mole. Helen supervisionou tudo criticamente, notando com certa surpresa um luminoso geodo rosa; ela havia se esquecido daquele. Então, ela se pôs a trabalhar.

Em poucos minutos, removeu tudo que havia em sua bolsa e rolou o geodo para debaixo de uma cadeira. Desembrulhou o fantoche na mesa, retirando lenço por lenço de seus frágeis braços e, por fim, desenrolando o longo filamento de papel branco de sua cabeça, até estar com os tornozelos afundados em uma maré de lenços. A haste de suporte do fantoche deslizou impecavelmente para o interior de uma garrafa de cerveja vazia e ela o arrumou de modo que o vidro ficasse escondido por suas vestes e o rosto imperioso se inclinasse para cima, encarando o teto salpicado de insetos.

Helen apertou os olhos, avaliando; rearranjou as penas do fantoche, escorando-as para cima com carapaças de escaravelhos: ainda parecia imperfeito. Ao lado da orgulhosa figura, os fósseis eram restos enlameados, o cefalópode um pedaço de destroços marítimos. Uma brisa deslocou as vestes do fantoche, derrubando os escaravelhos no chão e, antes que ela percebesse, Helen os havia esmagado, as pequeninas conchas esmeralda estilhaçadas em poeira cinzenta sob seu calcanhar.

Ela suspirou, exasperada: todas as suas coisas lindas de repente pareciam muito vulgares.

Ela moveu o fantoche do peitoril para outra mesa e, por fim, para seu quarto. Nenhum canto do apartamento poderia abrigá-lo sem parecer ainda mais sinistro do que outrora. Helen afastou as teias de aranha sobre a soleira antes de colocar o fantoche em sua mesa de cabeceira e desabar com um suspiro em seu colchão.

À meia-luz do quarto sem janelas, a figura não era tão resplandecente. Desapontada, Helen endireitou suas vestes uma vez mais. Enquanto puxava o tecido para colocá-lo no lugar, duas pétalas violeta, cada uma do tamanho da unha de seu mindinho, deslizaram por entre seus dedos. Ela rolou as pequeninas flores por entre as palmas das mãos, surpresa com o quanto seu toque era úmido e fresco e como exalavam um aroma semelhante a ozônio ou água do mar. Pensativa, esfregou as violetas até que restasse apenas uma pelota arenosa entre seus dedos.

Flores, pensou ela, e lembrou-se do nome no papel que havia encontrado. A figura esnobe queria flores.

Pegando sua chave e um enferrujado par de tesouras, ela correu para fora. Retornou trinta minutos depois, carregada de flores: ramos arrancados de murta, espumando rosa e branco; línguas tombadas de madressilvas; rosas brancas abertas em demasia, cortadas do jardim do vizinho; flores de chicória desvanecendo como um punhado de estrelas azuis. Ela as despejou ao pé da cama e então vasculhou a cozinha até encontrar uma empoeirada jarra de vinho e alguns jarros vazios. Uma vez lavados e cheios d'água, fez uma série de buquês desordenados e os colocou ao redor do fantoche, para que sua cabeça pálida assentisse em meio a nuvem de frágil vegetação malva e branca.

Helen despencou de volta na cama, sorrindo em aprovação. Garrafas aprisionavam as ondulantes poças de luz e lançavam tremeluzentes reflexos pelas paredes. As murta projetavam uma pálida nuvem malva no teto, borrando as sombras selvagens das madressilvas.

A cabeça de Helen também ficou borrada. Ela bocejou, sonolenta com o aroma espesso das rosas, a enjoativa madressilva, todo o langor de cochiladas numa tarde de verão. Ela rapidamente caiu no sono, embalada pela brisa no jardim roubado e o soporífero zumbido de uma mamangaba perdida.

Logo, seu sono foi interrompido. Uma lufada de movimento contra seu ombro — mosquito? aranha? centopeia? — então, uma pequena dor lancinante, o toque de pernas ou asas invisíveis, e acabou. Helen fez uma careta, coçou, ergueu-se cambaleante e foi até o banheiro. Seu reflexo turvo mostrava uma mordida inchada no ombro. Ela formigava, e uma gota de sangue brotou ao toque. Ela pôs uma camisola, procurou por aranhas na cama, então voltou a dormir.

Muito mais tarde, despertou com um som: uma, duas vezes, como o retumbante *plunc* de uma pedra jogada em um poço. Então, uma nota lenta e melancólica: outro poço, uma pedra maior atingindo sua superfície escura. Helen gemeu, se virando de lado. Ecos mais tênues se uniram a esses primeiros sons, tons clangorosos doces como chuva na boca. Seus ouvidos zumbiram com esse pulso constante, até que de repente ela fechou as mãos e se retesou, concentrando-se no barulho.

Da parede ao teto ao chão, o vibrante eco quicava; ficou mais alto, diminuiu, zumbia em um sussurro. Ele não parou. Helen se sentou, apoiando-se na parede, os últimos cacos de sono já caídos dela. Sua mão escorregou e, muito lentamente, ela a levou até o rosto. Estava molhado. Entre seus dedos, reluziu uma teia d'água, dando voltas que desciam por seu pulso como um barbante prateado até se perder no vale de veias azuis de seu cotovelo. Helen sacudiu a cabeça, descrente, e ergueu o olhar para o teto. De um lado a outro do quarto se estendia um filamento d'água, como uma fratura superficial. Enquanto ela observava, o filamento estalou e uma única gota quente respingou em sua têmpora. Helen praguejou e deslizou para a ponta do colchão, então, parou.

Primeiro, achou que os vasos haviam caído no chão, espalhando as flores por todo lado. Mas as garrafas continuavam na mesa de cabeceira,

suas flores lançando silhuetas irregulares na escuridão. Mais flores estavam espalhadas em torno das garrafas: violetas, rosas carmim, uma extravagância de gavinhas com pequeninas pétalas estriadas. As flores se derramavam até o chão, aninhadas em meio a trouxas de roupa suja.

Helen puxou uma orquídea do linóleo, piscando admirada. Como uma chama rosa ondulante ela brilhava, seus pistilos penugentos manchando as pontas de seus dedos de amarelo-claro. Distraidamente, Helen esfregou o pólen em sua coxa, raspando a perna com uma radícula.

A perturbação dessa pequena dor a despertou. Ela soltou a orquídea. Pela primeira vez, aquilo não parecia um sonho. O quarto estava quente, úmido, como se houvesse toalhas molhadas pressionadas contra seu rosto. Enquanto ela encarava sua coxa, a nítida digital, amarela como açafão, derreteu e se dissolveu com o suor surgido em sua pele. Ela deu um passo adiante, uma orquídea estourando sob seu calcanhar feito uma uva madura. Um cheiro enjoativo subiu da flor partida. Cada fôlego que ela inspirava era pesado, como se estivesse debaixo de chuva, e ela engasgou. As bordas de suas narinas estavam molhadas. Ela espirrou, inalando água morna. A água correu por sua face e, lentamente, ela levou suas mãos ao rosto para enxugar a água dos olhos. Não conseguia afastá-la para além de seu colo. Olhou para baixo, enunciando silenciosamente sua perplexidade enquanto sacudia a cabeça.

Outra mão agarrou seu pulso, uma mão delicada e flácida como uma rizoma de íris cortada, tão pequena que ela mal sentiu o toque dela abrir seu pulso. Dentro de sua cabeça, o sangue tamborilou em contratempo ao gamelão, gongos ecoando o latejar e a batida de seu coração. A pequena mão desapareceu. Helen cambaleou para trás até a cama, tateando freneticamente em busca do interruptor. Na escuridão, algo se arrastou pelos ondulantes lençóis.

Quando ela gritou, sua boca foi entulhada de rosas, orquídeas, e a ponta da fronha de seu travesseiro. Mãos pequeninas fecharam suas narinas e forçaram mais flores por entre seus lábios até que ela ficasse

quieta, engasgando-se em pétalas aromáticas. Das amarrotadas roupas de cama, ergueu-se uma sombra, do tamanho de uma criança, com sorriso largo. Lívidos rebentos de verde e amarelo rodeavam seus braços espigados e os lençóis sussurravam como chuva enquanto ele rastejava em direção a ela. Como um grande louva-a-deus, ele se arrastava com seus longos braços, o tecido grosso de suas vestes se enganchando entre os joelhos dela, os dentes brancos cintilando. Ela afundou os dedos nos lençóis, tentando lançá-lo contra a parede, mas não conseguiu se mexer. Flores se derramaram de sua boca quando ela tentou gritar, delicados dedos de orquídeas deslizando por sua garganta abaixo enquanto ela se debatia nas roupas de cama.

E o ressoar dos gongos não cessou: nem quando as pequeninas mãos apalparam seus seios; nem quando a pequenina boca sibilou em seu ouvido. Dentes de agulha perfuraram seu ombro enquanto uma longa língua se desenrolava e se enrolava ali, espirrando sangue na grinalda sobre seu pescoço. Só quando a sombra esguia se retirou e os sonhos tão, tão terríveis começaram, os gamelões silenciaram.

Eram nove e meia, bem depois da hora habitual em que Helen encontrava Leo na lanchonete. Ele esperou, tomando um bule de café inteiro antes de desistir e perambular até o andar de baixo, melindrado por ela não ter aparecido para o café da manhã.

No mesmo corredor estreito por trás dos artefatos maleses, ele a encontrou, agachada sobre um par de caixotes de madeira afunilados. Por um longo momento, ele a observou e quase deu as costas sem dizer nada. O cabelo dela estava sujo, torcido num coque desleixado, e a curva de seus ombros denotava exaustão. Mas, antes que ele pudesse partir, ela se virou para encará-lo, agarrando as caixas contra o peito.

— Noite difícil? — resmungou Leo. O lenço ao redor de seu pescoço não escondia as marcas ali. Sua boca estava inchada, os olhos lânguidos e sombreados pela falta de sono. Leo sabia que ela devia sair com pessoas, com homens, namorados. Mas Helen nunca havia mencionado

ninguém, nunca tinha falado de fins de semana fora ou de viagens de férias. Subitamente, ele se sentiu traído e se virou para ir embora.

— Leo — murmurou Helen, alisando o caixote distraidamente. — Não posso conversar agora. Cheguei muito atrasada. Tô meio ocupada.

— Imagino. — Ele riu, hesitante, mas parou antes de dobrar a esquina para vê-la arrancar a tampa da caixa, inclinando a cabeça de modo que ele não conseguia ver o que ela havia encontrado ali dentro.

Uma semana se passou. Leo se recusava a ligar para ela. Ele planejava suas incursões à lanchonete para evitar encontrá-la ali. Saía mais tarde do trabalho para não vê-la no elevador. Todos os dias, ele esperava encontrá-la na mesa dele, achar um recado rabiscado em seu bloco de anotações. Mas ela nunca aparecia.

Mais uma semana se passou. Leo trombou com a curadora de Estudos Indo-asiáticos no elevador.

— Você viu a Helen esta semana? — perguntou ela, e Leo de fato corou à menção do nome dela.

— Não — murmurou. — Já faz um tempo que não, na verdade.

— Deve estar doente. — A curadora deu de ombros e entrou no elevador.

Leo cruzou todo o caminho até o portão e vagou pelos corredores por uma hora, indo parar no departamento de Antropologia. Nada de Helen, nenhuma mensagem dela em sua mesa.

Ele flanou de volta pelo saguão, parando no corredor onde a tinha visto pela última vez. Uma fileira de caixas havia desabado e ele deu pontapés nos caixotes, ajoelhou-se indolentemente e leu os nomes nas embalagens, como se nelas houvesse alguma pista para a súbita transformação de Helen. Rótulos em sânscrito, vietnamita, mandarim, inglês, desfazendo-se ao lado de rótulos de despacho de bagagem, exóticos selos de envio postal e descrições de conteúdo rabiscadas, WAJANG GOLEH, ele leu. Abaixo, estava rabiscado FANTOCHES. Ele se acocorou, encarando a pilha de caixotes, e começou a ler cada rótulo sem muito entusiasmo. Talvez ela o encontrasse ali. Talvez estivesse

doente, tivesse ido a uma consulta médica. Poderia ter se atrasado de novo.

Uma caixa longa chacoalhou quando ele a deslocou. KRIS, dizia o rótulo, e, ao espiar dentro dela, ele encontrou uma espada ornamentada. Uma caixa mais pesada ostentava a legenda SANGHYANG: FANTOCHE ESPIRITUAL. E outra parecia estar vazia, adornada com um harmonioso escrito: SEKAR MAS, e a grosseira tradução, PRÍNCIPE DAS FLORES.

Ele chocou a última caixa contra a parede e ouviu o abafado crepitar da madeira se partindo. Ela não iria naquele dia. Já não ia há duas semanas.

Naquela noite, ele telefonou para ela.

— Alô?

A voz de Helen; pelo menos não havia sido um homem quem atendera.

— Helen. Como você está? É o Leo.

— Leo. — Ela tossiu e ele ouviu alguém no fundo. — É você?

— Isso — disse ele secamente, então esperou por uma desculpa, pela risada constrangida dela, outra tossida que seria seguida de uma lista inventada sobre febre, rinite alérgica, resfriado, gripe. Mas ela não disse nada. Ele escutou atentamente e percebeu que não havia sido uma voz o que escutara ao fundo, mas um som constante, como um ventilador ou água correndo.

— Helen? Você está bem?

Uma longa pausa.

— Claro. Claro que estou bem. — A voz dela esmoreceu e ele ouviu um silvo agudo.

— Você comprou um pássaro, Helen?

— O quê?

Ele trocou o telefone de ouvido, apertando-o contra a orelha para poder ouvir melhor.

— Um pássaro. Tô ouvindo uma voz engraçada, parece que tem um pássaro aí, ou coisa assim.

— Não — Helen respondeu lentamente. — Não comprei um pássaro. Não tem nada errado com meu telefone. — Ele podia ouvi-la andando por seu apartamento, os ruídos de fundo se elevando e diminuindo, mas nunca silenciando. — Leo, não posso conversar agora. A gente se vê amanhã, tá?

— Amanhã? — bradou ele — Não vejo você faz duas semanas!

Ela tossiu e disse:

— Bom, sinto muito. Andei ocupada. Te vejo amanhã. Tchau.

Ele começou a contestar, mas a ligação já estava muda.

Ela não apareceu no dia seguinte. Às três da tarde, ele foi ao Departamento de Antropologia e perguntou à secretária se Helen havia aparecido naquela manhã.

— Não — respondeu ela, balançando a cabeça. — E o pessoal já considerou abandono de função. Ela não veio a semana inteira. — A secretária hesitou antes de sussurrar. — Leo, ela não parecia muito bem ultimamente, será que, talvez... — Sua voz feneceu e demonstrou desinteresse. — Vai saber... — E se virou para atender o telefone.

Ele saiu do trabalho mais cedo, subindo pela rampa da garagem com sua bicicleta, guiando-a a pé, e virou para a direita, em direção ao bairro de Helen. Estava furioso, mas uma pontada de medo havia aberto caminho por sua raiva. Ele quase procurou o supervisor dela; quase ligou para Helen primeiro. Em vez disso, pedalou rapidamente pela Avenida Pensilvânia, margeando os primeiros corredores formados pelo trânsito da hora do *rush*. A Union Station se assomava alguns quarteirões à frente. Ele se lembrou de um artigo no *Post*¹⁴ do dia anterior: vândalos haviam destruído o roseiral em frente à estação. Desviou pelo corredor de ônibus que contornava o edifício e passou os olhos pelo jardim profanado, balançando a cabeça e olhando para trás, consternado. Todas as rosas, levadas. Alguém havia cortado cada flor de seu caule. Em alguns pontos, os paralelepípedos estavam emporcalhados

com montículos de flores, amarronzadas pela decomposição. Aqui e ali, flores mortas ainda pendiam de caules retalhados. Praguejando, enojado, Leo deu uma última volta, quase derrapando contra um ônibus enquanto olhava por cima do ombro para o jardim saqueado. Então, ele se dirigiu ao prédio de Helen, alguns quarteirões ao norte.

As janelas dela estavam escuras. Mesmo da rua, as cortinas pareciam imundas, como se a sujeira e a fumaça dos escapamentos as tivessem fundido ao vidro. Leo se postou no meio-fio e encarou os olhos vazios de cada janela dos apartamentos, escancarados na austera fachada de concreto.

Quem iria querer morar aqui?, pensou ele, envergonhado. Deveria ter vindo antes. A vergonha se cristalizou em apreensão sob uma tênue e gélida camada de medo. Apressadamente, ele acorrentou sua bicicleta a um parquímetro e aproximou-se da janela de Helen, ficando na ponta dos pés para espiar o interior. Nada. As cortinas descoloridas escondiam os cômodos de sua visão, feito nuvens de fumaça cor de marfim. Ele bateu uma vez, hesitante; então, encorajado pelo silêncio, bateu com os nós dos dedos várias vezes, apertando os olhos para tentar enxergar qualquer movimento lá dentro.

Ainda nada. Leo praguejou alto e enfiou as mãos nos bolsos, se perguntando insatisfatoriamente o que fazer. *Chamar a polícia? Um parente próximo?* Ele afastou a ideia: como se ela mesma não pudesse ter feito isso. Helen sempre deixou claro que gostava de ser solitária. Mas o vidro quebrado sob os tênis dele, os jornais soprados pelo vento contra os primeiros degraus, todo o bairro malcuidado negava isso. *Por que aqui?*, pensou ele, irritado; e então subiu os degraus, dois de cada vez, chutando garrafas e embalagens de hambúrguer para fora de seu caminho.

Esperou na porta por cinco minutos antes de um adolescente sair correndo de lá. Leo conseguiu impedir por pouco que a porta batesse atrás dele. Lá dentro, uma luz fluorescente pendia torta do teto, zumbindo feito uma vespa. A porta de Helen era a primeira à direita.

Panfletos de lojas de conveniência corriam pelo chão e, na parede mais distante, estava o quadro de caixas de correspondência. Uma delas estava entreaberta, transbordando de contas e revistas não recolhidas. Mais envelopes se empilhavam nos degraus. Todos contendo o nome de Helen.

Suas batidas permaneceram sem resposta. Mas ele achou ter ouvido alguém se mover lá dentro.

— Helen? — chamou ele, gentilmente. — É o Leo. Você tá bem?

Ele bateu com mais força, chamou-a pelo nome, finalmente socou a porta com os dois punhos. Ainda nada. Deveria ir embora; deveria chamar a polícia. Melhor ainda, esquecer que tinha ido até ali. Mas ele agora estava lá; a polícia o interrogaria independentemente de qualquer coisa; a curadora de Estudos Indo-asiáticos o olharia com desconfiança. Leo mordeu os lábios e testou a maçaneta. Trancada; mas a madeira cedeu levemente quando ele se inclinou contra ela. Chacoalhou a maçaneta e se preparou para chutar a porta.

Não foi preciso. A maçaneta se torceu em sua mão e a porta se moveu para o interior, tão abruptamente que ele caiu lá dentro. A porta se fechou atrás dele com um estrondo. Leo passou os olhos pela sala, procurando por ela; mas tudo que viu foi a luz cinzenta, as sombras translúcidas lançadas pelas cortinas arenosas. Então, inspirou, engasgando, e cobriu a boca com a manga da camisa até arfar sob o algodão. Ele recuou em direção à porta, escorregando em algo úmido, como pilhas de roupas molhadas. Olhou para seus pés e grunhiu, enojado.

Rosas. Estavam por todo lado; pilhas de flores apodrecidas, ramos quebrados, folhas arrancadas de arbustos, uma pequena figueira inteira jogada no canto. Leo se esqueceu de Helen, se virou para agarrar a maçaneta e tropeçou numa azaleia extirpada. Ele caiu, agarrando a parede para se equilibrar. Suas mãos se espalmaram contra o gesso e deslizaram por sua superfície como se ela ainda estivesse molhada. Então, ao olhar para cima, viu que ela *estava* molhada. A água corria do

teto, fluindo pelas paredes, encharcando os punhos de sua camisa. Leo gemeu. Seus joelhos se dobraram quando ele afundou, com os braços se agitando, na massa de flores em decomposição. O fedor o sufocava; seus olhos se umedeceram com a ânsia de vômito, enquanto tentava se pôr de pé outra vez.

A seguir, ouviu alguma coisa, como uma campainha, ou um telefone; então, outro som tênue, como um animal coçando a cabeça. Com cuidado, ele se virou para olhar para cima, tentando não se entregar movendo-se rápido demais. Algo deslizou pelo teto e o estômago de Leo se revirou. *O que poderia estar lá em cima?* Um segundo borrão arremeteu para se unir ao primeiro; olhos dourados se voltaram para baixo, encarando-o sem piscar.

Lagartixas, ele pensou freneticamente. *Ela tinha lagartixas de estimação. Ela tem lagartixas de estimação. Jesus.*

Ela não podia estar ali. Estava quente demais, o fedor era horrível: água pútrida, flores em decomposição, água por todo lado. Suas calças estavam ensopadas no local da queda, seus joelhos doíam por ter ajoelhado numa gamela posta contra a parede, se enchendo d'água. O piso havia cedido e mais flores sobressaíam das rachaduras no linóleo, frondes marrons de lírios e madressilvas. De outro cômodo vinha o som d'água pingando, como se uma torneira estivesse aberta.

Ele tinha que sair dali. Deixaria a porta aberta — para a polícia, para o síndico. Alguém chamaria ajuda. Mas não alcançava a porta. Não conseguia ficar de pé. Seus pés deslizavam pelo piso escorregadio enquanto suas mãos arrancavam inutilmente chumaços de pétalas. Escureceu. Faixas douradas ondularam pelo chão com a luz do sol filtrada pelas cortinas cinzentas. Leo se arrastou por folhas apodrecidas, as roupas ensopadas, empurrando para o lado tapetes de folhagem e ramos quebrados. Sua perna doía no local da queda e as mãos pinicavam, espetadas por espinhos ocultos.

Algo roçou em seus dedos e o forçou a olhar para baixo, tremendo. Um cefalópode despedaçado deixou uma fina linha vermelha por sua

mão, os fragmentos afiados dourados pela luz moribunda. Olhando ao redor, notou outras coisas, miríades de pequenos objetos capturados pelo atoleiro de flores podres, feito uma vazante aterradora no piso de linóleo. Ágatas e máscaras emplumadas; penas de ave do paraíso incrustadas na lama; crânios rachados, ossos e tecidos dourados. Ele reconheceu o fantoche entalhado com o qual Helen estava brincando naquela tarde no corredor indonésio, seu toucado reluzindo sob o crepúsculo. Ao redor de seu pescoço estava amarrado um trançado de flores, botões âmbar e cerúleos brilhando como se fossem fosforescentes em meio às ruínas.

Ecoou pelo cômodo um tinido abafado. Leo caiu de joelhos, aliviado. Alguém com certeza havia batido à porta? Mas o som veio de algum lugar atrás dele e ecoou em outra nota, mais grave. Quando essa segunda campainha feneceu, ele ouviu o tamborilar das lagartixas como se elas tivessem corrido pelo teto. Uma nota mais alta se fez soar, as vidraças das janelas reverberando com o som, como se açoitadas pelo vento. No canto, as folhas da figueira se viraram, como se para receber a chuva, e as roseiras se agitaram.

Leo então ouviu outra coisa; um som baixo, como um gato se espreguiçando ao acordar. Agora, suas duas pernas doíam e ele tinha que avançar sobre as mãos e os cotovelos, lutando para alcançar a porta da frente. O retinir ficou mais alto, mais retumbante. Uma nota mais aguda ecoava monotonamente, como o eco da chuva num poço. Leo olhou por cima do ombro para a soleira da porta vazia que levava para a cozinha, a boca negra do corredor até o quarto de Helen. Algo se movera ali.

Alguma coisa se mexeu junto de seu cotovelo e ele investiu contra aquilo debilmente, fazendo o fantoche cruzar o piso. Leo o encarou confusamente, então, se encolheu enquanto observava o teto, se perguntando se uma das lagartixas havia se esgueirado para o seu lado.

Não havia lagartixa. Quando Leo olhou para trás, o fantoche estava se movendo pelo chão em direção a ele, deslocando-se para frente com seus longos braços esguios.

Os gongos agora trovejavam. Uma forma arqueada cruzou o quarto, algo grande o bastante para bloquear a soleira vazia atrás de si. Antes de ser cegado por pétalas, Leo viu que era uma figura encolhida, uma mulher cujos braços alongados agarravam ramos quebrados para se impulsionar, as pernas se arrastando inutilmente pelo emaranhado de folhas. Ao redor dela, oscilava uma horda de figuras brilhantes, não maiores que bonecas. Elas haviam rodeado seu pescoço e mãos com grinaldas e flores espalhadas pelo chão ao redor deles. Como um rebanho de borboletas farfalhantes, elas irromperam em direção a ele, suas pequenas mãos esticadas, suas longas línguas se desenrolando como pistilos carmim, e os gongos soaram como sinos dourados quando elas se juntaram ao redor dele para se alimentar.

[13.](#) Tendas cônicas típicas das tribos indígenas da América do Norte. - N. da T.

[14.](#) O jornal *Washington Post*. - N. da T.

SERVIÇOS PRESTADOS

Louise Cooper

A escritora britânica Louise Cooper (1952-2009) começou a escrever histórias assim que teve idade suficiente para segurar um lápis. Seu primeiro romance, *The Book of Paradox*, foi publicado quando tinha 21 anos. Ela trabalhou no mercado editorial antes de se tornar escritora em tempo integral, em 1977. Seus mais de 80 livros, tanto para adultos quanto para crianças, incluem a trilogia *The Time Master* (*The Initiate*, *The Outcast* e *The Master*), a série *Indigo* (*Nemesis*, *Inferno*, *Infanta*, *Nocturne*, *Troika*, *Avatar*, *Revenant* e *The Aisling*), a trilogia *Daughter of Storms* (*Daughter of Storms*, *The Dark Caller* e *Keepers of the Light*) e a trilogia *Mirror, Mirror* (*Breaking Through*, *Running Free* e *Testing Limits*), além dos romances *Storm Ghost*, *The Summer Witch*, *Hunter's Moon*, *The Bad Seed* e *Doctor Who: Rip Tide*.

“Não tenho a mais remota noção de como essa história veio parar na minha cabeça”, admitiu a autora. “Simplesmente me veio. Num momento, estava matutando, buscando uma trama que daria um toque levemente diferente à temática dos vampiros; no outro, a ideia completa estava na minha cabeça, me esperando de braços abertos. Isso é bem incomum pra mim.”

“O tema de *Serviços Prestados* surgiu de uma questão que acho infinitamente fascinante: como um ser humano comum e pé no chão reage quando é confrontado com o aparentemente impossível, especialmente quando essa ‘impossibilidade’ combina algo (possivelmente) apavorante, (provavelmente)

repugnante e (potencialmente) perigoso com o fascínio do cenário de ‘sonho tornado realidade’.”

“Quanto aos vampiros... ainda não encontrei nenhum do tipo clássico fora de uma tela de cinema, e, sinceramente, espero que continue assim. Mas há indivíduos cujo efeito naqueles ao seu redor têm algo em comum com o vampiro das lendas: eles parecem se vincular aos outros e se nutrir de suas energias. Vejo Carmine como um desses indivíduos, em complemento às suas características mais ‘tradicionais’. Mesmo os vampiros, se existirem, com certeza devem ter seus medos, esperanças e sonhos, como as pessoas normais... Seja lá qual for sua definição disso...”

A REFINADA VOZ FEMININA no outro lado da linha telefônica disse:

— Vi seu anúncio na *Alternativas*. Existe uma possibilidade de eu poder ajudar.

O nauseante tranco de esperança tinha se tornado familiar até demais nos últimos meses e Penny tentou ignorá-lo e manter sua mente neutra.

— Entendo. O que... hã... estaria sugerindo, exatamente?

Houve uma breve pausa. Então:

— Suponho pelo seu tom que recebeu outras ligações, não? Mas nada digno de nota resultou delas?

— Pode-se dizer que não. — A esperança azedou quando ela as recordou: dois herboristas alternativos, uma curandeira com cristais e uma mulher tentando vender-lhe um “talismã mágico da sorte”, acompanhado de um quadro com *Seus Ritmos Amorosos Pessoais*. Ah, e o esquisitão que tinha martelado seus ouvidos sobre Jesus e os pagamentos pelos pecados, até ela xingá-lo e bater o telefone na sua cara. Quando ela pôs o anúncio, a revista alertou-a para que não incluísse seu telefone residencial. Tempos de desespero, porém, exigem medidas desesperadas.

— Olha — disse Penny —, se está vendendo algum tipo de cura milagrosa, então...

— Ah, não. Não é nada do tipo, eu lhe garanto; o que posso lhe oferecer é totalmente prático e totalmente efetivo. A única questão é que o paciente deve estar preparado para aceitar certos efeitos colaterais.

A esperança começou a rastejar de volta. Palavras como “paciente” e “efeitos colaterais” eram reconfortantes; possuíam uma aura ortodoxa.

— Posso lhe fazer uma pergunta? — disse a mulher.

Penny despertou da digressão a qual seus pensamentos a haviam levado abruptamente.

— Sim... sim, por favor, faça.

— Você obviamente não podia entrar em detalhes no anúncio. É seu marido quem está doente?

— Sim.

— E os médicos dizem que... bem, que não há nada mais que possam fazer?

— Sim. — O clínico geral; exames; o especialista; mais exames; aquele hospital *repugnante*... Penny respirou fundo para conter o tremor em sua voz. — É incurável e é progressivo. Ao longo dos últimos dois anos, tentamos de tudo, mas nada... e agora... agora ele pode ter um par de meses, mas os médicos dizem que... — Algo preso em sua garganta; ela afastou o rosto do telefone e tentou limpá-la.

— Que não há esperança. — A mulher gentilmente terminou a frase para ela. — Eu compreendo. Sinto muito.

— Obrigada — disse Penny, com firmeza.

— Pois então. Acho que *posso* ajudá-lo, se você quiser. Mas preferia conversar a respeito disso cara a cara.

O cinismo de Penny começou a voltar, numa reação aos últimos instantes, e ela inquiriu:

— Por quê? Esse é o tipo de coisa que fazem os pregadores: instigam você a convidá-los e aí começam a aplicar suas técnicas de conversão. Semana passada mesmo atendi a porta e tinha um maldito...

— Por favor. Eu prometo, *não* sou nenhuma pregadora de qualquer tipo ou forma. Longe disso. Mas o que eu... preciso explicar... realmente exige que nos encontremos pessoalmente.

Penny olhou para a extensão do corredor. A tênue luz do dia de fevereiro fazia tudo parecer lúgubre e depressivo; as escadas estavam envoltas em sombras profundas e David estava lá em cima, deitado no quarto deles, drogado até a tampa de analgésicos, mal a reconhecendo, mal reconhecendo qualquer coisa.

— Muito bem — disse ela, expelindo o fôlego. — Quando e onde?

— Creio que seria melhor se eu fosse até sua casa. Esta noite seria conveniente?

— Sim. — *Encare a coisa rapidamente. Se for outra decepção, melhor superar logo.* Com a sensação de que a situação não era completamente real, Penny deu seu endereço e concordou com o horário das 19h.

— Eu não sei seu nome — completou ela.

— Ah, sim, claro. É Smith. Carmine Smith.

Penny não acreditou naquilo e também não acreditava que a mulher pudesse ser de qualquer ajuda. Mas de que importava? Não havia mais nada a perder.

Carmine Smith devia estar no início de seus quarenta anos, vestia roupas escuras classicamente contidas e um caro sobretudo de seda preto. Seu cabelo também era escuro, num corte jovial e arrapazado que lhe caía perfeitamente bem. Seus olhos eram sutilmente maquiados, mas ela não usava batom.

— Obrigada — disse ela pegando o café (preto, sem açúcar) que Penny lhe ofereceu. Ela olhou ao redor da sala, avaliando-a com uma expressão inescrutável. Então, perguntou... — Seu marido está em casa?

Penny assentiu.

— Disseram que não havia sentido deixá-lo no hospital. Eles precisam dos leitos e não há nada...

— É claro. Posso vê-lo?

Penny partiu para a defensiva.

— Ele deve estar dormindo. David dorme bastante e, mesmo quando está acordado, fica aéreo. Ele não poderia lhe dizer muita coisa.

— De todo modo, será que posso apenas vê-lo? — Os olhos de Carmine eram muito intensos. Penny hesitou e então deu de ombros.

Elas subiram as escadas. Carmine caminhava silenciosamente, o que Penny achou levemente perturbador. Tinha a impressão de que, se

virasse a cabeça, não veria absolutamente ninguém atrás dela e que todo o encontro havia sido um delírio.

David, como ela previra, estava dormindo. Carmine foi até a cama e pôs-se a olhar para ele sob a suave luz da luminária na mesinha de cabeceira, enquanto Penny, que não gostava mais de olhar para seu marido com tanta frequência, pairava junto à janela.

Após um bom tempo, Carmine disse, baixinho:

— Ele é muito bonito.

— Sim. — *Ou era, antes de não conseguir mais comer direito e começar a definhar.*

— Quantos anos ele tem?

— 46. — Penny se movia, inquieta. — Olha, eu não quero acordá-lo. Você já o viu; se vamos conversar, preferia fazê-lo lá embaixo.

— É claro. — Carmine saiu primeiro, com uma confiança que não havia exibido outrora, como se, no espaço de poucos segundos, ela tivesse observado, considerado e tomado uma decisão. De volta à sala de estar, ela sentou-se naquela que sempre havia sido a poltrona favorita de David, bebericou seu café e então abaixou a xícara e olhou diretamente para Penny.

— Posso trazê-lo de volta para você — disse ela.

Uma sensação de formigamento e eletricidade percorreu todo o corpo de Penny e ela a encarou, incrédula.

— Como?

Carmine estudou as próprias mãos, descansadas em seu colo.

— Essa é a parte difícil, Sra. Blythe. A parte que vai achar complicada de aceitar.

— Você mencionou efeitos colaterais...

— Sim, sim; mas não estou falando deles, não ainda. — Ela inspirou profundamente. — Talvez seja melhor se eu for direto ao ponto, em vez de ficar dando voltas. Posso restaurar seu marido para você, íntegro e

saudável, mais forte do que ele jamais foi. Porque posso torná-lo imortal.

Houve um breve e dilacerante silêncio. Então, Penny se levantou.

— Saia da minha casa — disse ela. — Agora.

— Sra. Blythe...

— *Agora* — repetiu Penny ferozmente. — Gente como você... vocês são *doentes*. Suponho que ache engraçado, não é mesmo, fazer suas brincadeiras... dar umas risadas à custa dos outros? Isso te dá algum barato? — Ela foi para a porta a passos largos e a escancarou. — Saia daqui!

Carmine agora também estava de pé, mas não saiu.

— Sra. Blythe, eu falo sério! — Ela parecia quase irritada e Penny se virou, batendo um punho cerrado contra a guarnição da porta.

— Ah, ela fala *sério!* Então não é uma piada doentia; ela realmente acredita nisso! Deus me dê *forças!* — Ela se virou novamente. — Que tipo de imbecil você acha que eu sou? E que tipo de imbecil é você? *Imortalidade*, ela diz! Você é de alguma seita, não é? Bom, vou te dizer agora mesmo, Srta. Smith, ou seja lá qual for o seu nome de verdade... Fizeram lavagem cerebral em *você* e *eu* não vou escutar essa porcaria nem por mais um segundo!

— *Sra. Blythe* — disse Carmine, e algo em sua voz fez Penny parar. — Sra. Blythe, eu *não* pertencço a seita alguma e nem a qualquer outra organização. Mas sou imortal e estou oferecendo ao seu marido a chance de também o ser, porque é a única alternativa que ele tem diante da morte. Veja bem, eu sou uma vampira.

Penny pressionou a testa contra a estrutura da porta e começou a rir. O riso se tornou histérico e depois um pranto entremeado de soluços e engasgos; então, ela jogou em Carmine quaisquer peças do mobiliário que estivessem ao seu alcance, gritando impropérios. Carmine desviou-se dos objetos e aguardou calmamente que o pior da tempestade passasse. Quando isso ocorreu, e Penny estava curvada sobre as próprias

ancas apoiada na parede, cobrindo o rosto com ambas as mãos, Carmine perguntou:

— Você tem um espelho?

Penny levantou a cabeça e a encarou, mas não falou nada. Olhando para além dela, pela porta aberta, Carmine viu um espelho oval pendurado no corredor. Ela o pegou e se agachou ao lado de Penny.

— Olhe para o espelho — disse ela.

Esgotada demais para discutir, Penny olhou. Ela viu seu próprio reflexo, desalinhado e de olhos vermelhos, concluiu que parecia um porco adoentado e sentiu-se envergonhada da cabeça aos pés. Então, sua mente atinou enquanto ela viu o reflexo de Carmine ao lado do dela. No espelho, Carmine não tinha rosto. Não era nada mais que um vago borrão cinzento, como se um tufo isolado de neblina tivesse flutuado e se assentado ao lado de Penny. A neblina sugeria tenuemente uma forma humana, e poderia haver uma leve sugestão de feições em algum ponto dela, mas aquilo era tudo.

— A superstição de que somos invisíveis aos espelhos não é *exatamente* precisa — disse Carmine moderadamente —, mas passa perto. — Ela se levantou, protegendo o espelho quando os dedos dormentes de Penny relaxaram sua pressão sobre ele, e recuou um ou dois passos para demonstrar que não apresentava nenhuma ameaça. — O que mais posso fazer para convencê-la?

Bem lentamente, a cabeça de Penny se ergueu. Ela parecia chocada, confusa, e havia uma contração tola e cadavérica em seu rosto.

— Alho — disse ela. — Vampiros não suportam alho. E viram pó se forem tocados pela luz do sol.

Penny lançou um breve olhar em direção à janela, mas as cortinas estavam fechadas. Estava escuro lá fora. Ela tinha se esquecido disso.

— Não é verdade — Carmine disse a ela. — Eu, particularmente, adoro alho. E a luz do sol... bom, nós a consideramos debilitante, e nossa pele tem a tendência de se queimar mais facilmente que a da maioria das pessoas, mas não causa nenhum dano duradouro.

Penny continuou.

— Caixões, então. Eles dormem em *caixões*.

— De novo, não é verdade. Eu tentei uma vez, quando era criança, mas uma noite foi o bastante pra eu criar juízo. Camas são muito mais confortáveis. — Carmine sorriu ironicamente. — É um telefone sem fio, não é? As histórias são exageradas e distorcidas quando são passadas de uma pessoa pra outra, até acabarmos com uma mistura de fato e ficção. Foi assim que o folclore a nosso respeito cresceu ao longo dos séculos.

— Séculos... — Penny repetiu parvamente e então proferiu um breve ganido peculiar à guisa de risada. — Quantos anos você tem?

— Muitos mais do que qualquer mulher gostaria de admitir. No meu caso, a condição é hereditária. É outro mito, a propósito, que vampiros podem apenas ser criados, não nascidos... ambos são possíveis. O que nos traz de volta a David...

— *Não* — disse Penny.

— Sra. Blythe...

— *Não*. Enfim, não acredito em nada disso.

— Quer dizer, não quer acreditar. Olhe pra mim. Por favor. Só pra que eu possa lhe mostrar uma coisa.

Os dentes dela, é claro. Os caninos *eram* anormalmente longos; não presas de Drácula explícitas, mas certamente bastante pronunciados. Também pareciam afiados. Penny dava risinhos, estupidamente, e Carmine disse:

— Se ainda não acredita, então só há uma maneira de provar minha *boa-fé*.

As risadas pararam e Penny olhou para ela, desconfiada.

— Que seria?

— Começar o tratamento. — Carmine ergueu seu olhar indicando o andar de cima, em direção ao quarto. — E, antes que grite comigo de novo, considere isso: não há mal algum que eu possa fazer a ele, pois o mal do qual ele padece já é terminal. Então, o que você tem a perder?

O lado racional de Penny — o que restava dele — disse: *Isso é totalmente insano. Estou falando com uma mulher que diz ser uma vampira e afirma que pode devolver a vida a David transformando ele em vampiro também. E parte de mim quer que essa impossibilidade ridícula seja verdade, porque qualquer coisa é melhor do que perdê-lo, e, assim, cá estou, prestes a dizer, sim, vá em frente, então; vamos ver se pode mesmo fazer isso!*

Ela ouviu a si mesma dizer em voz alta:

— Vá em frente, então. Vamos ver se pode mesmo fazer isso. — Penny deu as costas a Carmine e encarou a parede. — Como você disse, o que eu tenho a perder? O cenário mais provável é que você seja totalmente pirada, fique pulando e gritando bobagens e nada aconteça. Por que não? Eu não teria feito esse anúncio, implorando por uma cura, se não estivesse pronta pra tentar qualquer coisa. — Então, ela parou e franziu o cenho. — O que é que você vai fazer de fato?

— Mordê-lo — disse Carmine francamente. — Essa parte do mito é precisa. A primeira sessão não fará muita coisa... ele vai precisar de muitas... mas digamos que isso vai pôr a bola em jogo. Você pode até perceber alguma melhora imediata na saúde dele.

— Claro — Penny acenou com a mão. *Surreal. Talvez eu tenha pirado e nada disso esteja acontecendo. Que se dane.* — Então, vá em frente. Sim. Vá.

Carmine não deixou que Penny subisse com ela. As duas tiveram uma discussão a respeito, mas, no fim, Penny cedeu. Em vez disso, ela ficou zanzando pelo corredor, tentando escutar, não ouviu coisa alguma, até que passos sobre o banheiro se fizeram audíveis. Houve um chapinhar de água e, então, Carmine desceu de volta pelas escadas.

— É isso? — perguntou Penny. Ela meio que esperava ver algumas mudanças na mulher. Mas, com exceção de que suas faces pareciam um pouco menos pálidas, não havia nada discernível.

— Por enquanto — Carmine disse a ela. — Vou embora agora. Observe o estado dele nas próximas 48 horas.

Ela pegou o sobretudo do cabideiro e começou a vesti-lo.

— Espere — disse Penny.

— Sim?

— Por que está fazendo isso? Digo... se o que diz for verdade e você for uma... uma... — Ela não conseguia pronunciar a palavra —, ...tem que haver alguma vantagem pra você.

— E há — disse Carmine. — Dinheiro.

Foi a última resposta que Penny esperava e ela piscou, desconcertada.

— Quê?

Carmine encolheu os ombros.

— Todos têm que ganhar a vida. Se o seu marido melhorar e você decidir continuar com o tratamento, então espero que me pague uma taxa.

— Que tipo de taxa?

— Geralmente cobro dez mil. Isso presumindo que o tratamento seja concluído; se decidir parar em qualquer estágio, calculamos uma porcentagem.

— Dez... *mil*...?

— Não desejo ser rude — disse Carmine —, mas que preço você daria ao futuro do seu marido?

Parando para pensar a respeito, foi, é claro, um acordo comercial perfeitamente razoável. O carro havia custado o dobro daquilo e o valor de mercado da casa estava em uma esfera completamente diferente. Como Carmine destacou, qual era o preço do futuro de David? Todavia, em sua ingenuidade, Penny havia presumido que Carmine devia estar sendo motivada por algum tipo de altruísmo indefinido, e descobrir que ela era tão atroz quanto qualquer vendedor de concessionária ou agente imobiliário causou um choque.

— Não é... — Penny riu, engasgou e se recompôs. — Não é exatamente como as taxas do serviço público de saúde, certo?

— Não — concordou Carmine. Os cantos externos de sua boca se contraíram levemente. — Estritamente privado, receio eu.

Teriam que revender o carro. Ainda devia valer pelo menos oito mil. Mais dois não seria impossível de conseguir.

— Muito bem — disse Penny. — *Se funcionar.* — Ela pressionou os nós dos dedos contra o cenho. — Não acredito que estou *fazendo* isso.

Carmine havia feito um cartão de visitas com bordas prateadas.

— O telefone do meu escritório está nele — disse ela. — Me ligue depois de amanhã e vamos continuar a partir daí.

Penny olhou para o cartão.

— Carmine Smith, Consultora... é isso que você se considera, então?

— É uma palavra útil. Cobre uma profusão de pecados. — O indício de um sorriso cresceu e tornou-se tenuamente perverso. — Boa noite, Penny. Posso chamá-la de Penny, agora? Nos falamos em breve.

Ela mesma se dirigiu à porta.

David Blythe não acordou naquela noite e dormiu o tempo todo tão tranquilamente quanto uma criança, sem o auxílio de medicamentos. Com filmes em mente, Penny examinou o pescoço dele à procura de marcas de perfurações. Não encontrou nada e foi para a cama no quarto adjacente, onde teve longos períodos de inquieto despertar e acessos de pesadelos entre eles.

David acordou pouco depois das sete e disse a ela que estava sentindo pouca dor. O menor dos indícios de cor mitigava o cinzento da doença em seu rosto. Ele dormiu novamente durante a manhã. Na hora do almoço, tomou meia tigela de sopa e não a vomitou de volta. Então, dormiu de novo, comeu um pouco mais e teve uma segunda noite de paz.

Na manhã seguinte, Penny esqueceu o acordo de 48 horas e, às 10h, estava discando o número no cartão de Carmine Smith.

— Ele está melhor — disse ela em uma voz miúda e assustada. — Eu não entendo e quase não ousa acreditar, mas ele está muito *melhor!*

— Sim — disse Carmine, com uma certa satisfação. — Dez mil, então?

— Dez mil — repetiu Penny. — Ah, Deus, *sim*.

Ela voltou à casa mais quatro vezes. Em cada ocasião, a rotina era a mesma: primeiro um café, então subia as escadas, deixando Penny em um vai e vem ansioso, daí o banheiro e depois adeus. Uma vez, aceitou uma taça de vinho da Borgonha após sua visita ao quarto, mas foi só. Até então, ela não havia pedido o pagamento e, quando Penny hesitantemente trouxe o assunto à baila, ela balançou a cabeça e disse que preferia receber o valor integralmente. Ou Carmine confiava nela, Penny concluiu, ou seus clientes ficavam assustados demais para tentar voltar atrás no acordo.

Por insistência de Carmine, David nada sabia sobre o que estava acontecendo. Embora sua saúde estivesse melhorando rapidamente, ele ainda dormia bastante, então, as visitas eram marcadas concomitantemente a isso. Penny aliviava sua consciência dizendo a si mesma que, se tivesse sido consultado, David ficaria feliz em escolher qualquer coisa em alternativa à morte.

Então, certa noite, quando elas tomavam o café de sempre, Carmine disse que aquela visita seria a última.

A mão e a xícara de Penny pararam a meio caminho da boca.

— Por quê? O que houve?

— Não houve nada. — Carmine abaixou sua própria xícara. — Simplesmente o estágio inicial da cura está concluído. É hora do segundo e último estágio.

Ela estava encarando Penny firmemente e, com a sensação de estar se encrespando por dentro, Penny percebeu que não havia se preparado para aquilo. Carmine tinha explicado — ou tentado explicar — a natureza e as consequências do que em dado momento aconteceria com David. Como ele viveria. Como se alimentaria. O vigor aumentado; o fato de que ele não envelheceria, mas permaneceria como era por... bom,

em teoria, para sempre. Penny havia fingido escutar, mas de fato as palavras de Carmine tinham entrado por um ouvido e saído pelo outro sem se fixarem em sua mente. Ela não queria saber os detalhes; tudo que importava para ela é que David estava lenta, mas seguramente, recobrando a vida.

Agora, porém, a realidade da situação a atingiu como uma descarga elétrica que fez com que se sentisse enjoada. Naquela noite, se Carmine agisse ao seu modo, David se tornaria o que ela era. Um vampiro. Penny agora acreditava em vampiros. Carmine afirmava ser tal criatura e, à luz do milagre que havia sido feito, como Penny poderia duvidar de algo que Carmine dizia?

Vampiro. — Eu... — Então, achando o pronome um tanto sem sentido, ela se calou. Carmine não tomou mais o café; ela simplesmente esperou e, enfim, Penny encontrou um simulacro de pergunta.

— O que... você vai fazer?

— O que fiz nas outras vezes. — A voz de Carmine era tranquila, reconfortante; irracionalmente, aquele tom a reassegurou. — Mas em maior grau. Prefiro não revelar os detalhes a você; eles podem incomodá-la e há algumas coisas que nós... consideramos desconfortáveis de expor àqueles que não são da nossa espécie.

David. Vampiro. — Você vai machucá-lo?

— Nem um pouco. Eu garanto.

Meu marido. Então, Penny encarou a pergunta que ela realmente queria fazer; a única que importava.

— Ele vai... morrer...?

Ela achou que Carmine poderia se desviar dessa, possivelmente por delicadeza ou gentileza, ou por razões mais obscuras. Ela não o fez. Respondeu de forma tão casual como se estivesse se referindo a um motor de carro.

— Tecnicamente, sim. Ele vai apagar... ou seja, não vai respirar... por cerca de doze horas; então, vai despertar e... — Ela espalmou as mãos. — É isso.

Isso. Meu marido. Um vampiro...

— Ah, um aviso — acrescentou Carmine. — Doze horas é um tempo muito longo pra esperar. Provavelmente, pra você, mais vão parecer doze dias. Pode facilmente entrar em pânico e achar que algo deu errado, mas *não* pode ficar tentada a agir pelo medo. Se chamar um médico, uma ambulância, qualquer coisa assim, as consequências serão desastrosas e *não* estou exagerando. — Descansando no braço da poltrona, uma de suas mãos se fechou, como se uma lembrança desagradável tivesse surgido. — Imagine, Penny. Um homem morto que súbita e inexplicavelmente volta à vida. Acredite, você *não* quer condenar David, nem você mesma, a encarar os resultados disso!

Penny concordou. Ela se sentia pior a cada instante e, de repente, se viu prestes a mudar de ideia, mandando Carmine sair da sala de sua casa como havia feito no primeiro encontro.

— Receio — disse Carmine, suavemente —, que seja um pouco tarde pra isso.

Penny a encarou.

— Como é que você...

— Sabe o que está pensando? Não se preocupe, não sou telepata. Simplesmente está na sua cara... o pé atrás, as dúvidas de último minuto. É sempre assim. Mas não pode mais desistir. David já foi muito longe e, se parar agora, ele vai morrer mais cedo e mais desagradavelmente do que se isso nunca tivesse começado. — Ela se levantou. — Então, com sua permissão...

O rosto de Penny estava congelado feito o de uma escultura. Ela assentiu com a cabeça uma vez, quase imperceptivelmente, e Carmine deixou a sala em silêncio.

Ela demorou mais do que o de costume e, quando voltou, Penny não estava em suas idas e vindas, e sim ainda imóvel na poltrona.

— Doze horas — disse Carmine. Suas faces estavam coradas e havia um brilho excitado e ligeiramente febril em seus olhos. — Pelo bem dele e pelo seu, por favor, lembre-se do que eu disse e não entre em pânico.

Penny não olhou para ela, mas revirou sua bolsa no chão, junto aos seus pés.

— É melhor... — Ela engoliu em seco. O carro havia sido vendido, o dinheiro estava no banco. Ela queria se livrar dele. — Você aceita um cheque...?

— Claro. — Enquanto Penny o preenchia, com a mão trêmula, Carmine vestiu o sobretudo.

— Obrigada — disse ela. O cheque desapareceu em uma pequena carteira de couro preto. — Ah, e se precisar de mim novamente, é só ligar. Está incluso, sem cobranças extras.

— Precisar de você? — Penny inquiriu rapidamente. — Pra quê?

— Bem... você pode já ter pensado em como fazer isso e, nesse caso, sem problema — disse Carmine. — Mas caso não... — Seus ombros se ergueram de um modo eloquente, mas levemente reticente. — Você pode querer alguma ajuda quando tiver que dar a notícia do que fizemos com David.

Penny sentou-se ao lado da cama de David, o olhar vidrado fixado no rosto dele, seu corpo e sua mente entorpecidos. Ele não estava respirando e ela havia tomado quase meia garrafa de vodca, e, se os cálculos de Carmine estivessem corretos, ainda faltavam mais nove horas para suportar antes de o peito de David se mover e seus olhos se abrirem e olharem para ela, e ela teria que lhe contar a verdade. Penny não sabia como o faria e queria ter a insolência descarada de orar pedindo orientação. Mas não tinha, e portanto, esperar as horas passarem com a ajuda da garrafa de vodca pareceu a única opção viável.

À meia-noite, ela havia adormecido, despencando para a frente com o rosto na cama em uma postura que daria uma dor nas costas infernal pela manhã. Às 7h45, um som de movimento a perturbou e ela ergueu a cabeça, desorientada. Primeiro, seus olhos não conseguiam focar adequadamente, mas após um ou dois segundos, ela reconheceu o rosto de David.

Ele estava acordado. Estava sentado. E estava *faminto*.

— Champanhe. — Carmine havia levado uma sacola com uma logomarca refinadamente discreta e presenteou Penny com ela. — Para marcar a ocasião e celebrar um resultado feliz.

O champanhe era caro e já estava resfriado na temperatura perfeita, ambas as coisas fazendo com que Penny se sentisse levemente desconfortável. Ela agradeceu exageradamente, mas, antes que pudesse fazer qualquer movimento para abrir a garrafa, David a tirou dela.

— Pode deixar, querida. Sabe como você é; vai ter uma luta com ela, daí a garrafa vai abrir num estouro e vamos perder metade do conteúdo antes mesmo de começarmos.

A observação doeu, mas Penny não quis demonstrar. Ela respondeu com um sorriso duro, buscou as taças e observou a rolha sair com nada mais que um leve silvo, o champanhe borbulhou nas taças. Carmine recebeu a primeira (um tanto natural; ela era a visita) e Penny, a segunda.

— Pois bem. — David ergueu a terceira taça. — A todos nós. — Mas ele estava olhando para Carmine quando disse isso.

Carmine sorriu afetuosamente. Eles beberam e, então, um silêncio constrangedor se abateu. Penny disse:

— Vou ver como vai indo a comida...

Muito bem, ela disse a si mesma na cozinha. *Isso tudo ainda é muito novo pra ele e ela tem sido bastante prestativa; na verdade, duvido muito que tivéssemos conseguido sem ela. Então, pare de se ressentir dela e pare de ser paranoica.* Fim do sermão. Se ela o repetisse vezes suficientes, a mensagem seria captada em algum momento. Não havia razão para suspeitas.

Penny começou a preparar a comida, tentando se concentrar nos filetes de linguado que havia feito para si, e não focar demais no que David e Carmine comeriam. Apenas o desejo de não alienar David a havia impedido de escalonar os horários das refeições para que eles não

se sentassem mais juntos à mesa do jantar. Ela sinceramente não conseguia observá-lo; sempre havia sido melindrosa com relação à carne vermelha e, no passado, as refeições deles consistiam majoritariamente de peixe, frango ou pratos vegetarianos. Tudo isso agora tinha mudado e, se a dieta de David não era tão grotesca quanto a das lendas, ainda era ruim o suficiente. E o *jeito* como ele comia; a voracidade, o deleite... carne, especialmente filé ou vitela, totalmente crua ou tão mal passada que o sangue ainda corria e coagulava no prato; peixe, apenas na forma de sushi. Ele gostava de cozido de lebre, caso o açougueiro das redondezas conseguisse uma inteira, com sangue (e quando o açougueiro conseguiu, Penny bateu o pé e disse a David que ele mesmo teria que cozinhá-la). Nenhum tipo de vegetal; nenhuma fruta, cereal ou grãos. Ah, e o café da manhã diário de ovos crus e chouriço, claro. Álcool não era um problema, apesar de uma evidente preferência pelos vinhos tintos mais encorpados e de ele não ficar embriagado, independentemente do quanto bebesse.

Naquela noite, tendo que servir dois da espécie de David, Penny havia se forçado a providenciar filé (cozimento excluído), com um cremoso e abundante molho de pimenta que ela pôde derramar antes de servir, para mascarar a aparência e o cheiro. Vegetais também seriam servidos, mas apenas ela mesma os tocaria; idem para o *tiramisu* que havia preparado para a sobremesa.

Ela não estava ansiosa por aquela noite. Durante o difícil estágio inicial (deu um sorriso sem humor para seu pequeno exemplo de lítotes), Carmine havia sido uma rocha para ela, uma mediadora e uma aliada no processo de fazer David atravessar o choque inicial, permitindo que ele alcançasse a aceitação daquilo que havia se tornado. Porém, aquele pesadelo agora tinha acabado, e a ideia de receber Carmine para jantar por razões puramente sociais — assim deslocando a relação entre os três do profissional para o pessoal — consternava Penny. Ela não queria ter Carmine como amiga. A mulher a enervava (compreensivelmente), e já que ela não era mais necessária, Penny teria preferido significativamente nunca mais pôr os olhos nela.

David, contudo, havia argumentado que um convite era o mínimo que podiam fazer para agradecer a Carmine. Menos do que isso seria extremamente rude, ele tinha dito, isso sem contar que, sem a intervenção dela, Penny agora seria viúva. Ele achava a atitude da esposa difícil de compreender, e um pouco além de decepcionante. Esperava mais dela. Sentindo-se como uma colegial mesquinha, Penny corou e se rendeu, passando o resto do dia dividida entre sentimentos de vergonha e culpa e ardentes esperanças de que Carmine recusasse o convite. Mas Carmine não recusou, então, ela teria que fazer sala e David ficaria satisfeito; e, quando tivesse terminado, ela poderia, com sorte, dar a Carmine um último *adieu*.

A refeição se desenrolou de modo decoroso e civilizado, estragada apenas, segundo Penny (se fosse possível de fato ignorar o conteúdo da refeição), pela quantidade de vinho que David e Carmine tomaram. Não era como se ela *realmente* se importasse, Penny disse a si mesma. Não é como se algum deles fosse ficar bêbado e antipático. Mas a contribuição de Carmine foi apenas uma única garrafa de champanhe; eles haviam pago por todo o resto e, considerando que dez mil libras de seu dinheiro estavam agora repousando na conta bancária dela...

Ela afastou esse pensamento. A questão do dinheiro a apoquentava por vezes demais para que ficasse confortável, e ela lembrava a si mesma de que, como Carmine havia dito aquela vez, qual era o preço do futuro de seu marido? David já era um v... já era aquilo que ele era há quatro meses e, mesmo agora, em seus momentos mais maldosos, Penny tinha que reconhecer que a condição tinha suas vantagens. O sexo, por exemplo. Durante toda sua vida matrimonial, ele nunca havia tido um grande impulso sexual; isso, às vezes, havia sido um pomo da discórdia e, quando sua doença se estabeleceu, qualquer questão sobre direitos conjugais fora jogada diretamente pela janela. Penny nunca havia reclamado, naturalmente, mas tinha sofrido muito com a frustração. Agora, nem tanto. Agora, David era *incansável*. Inventivo, também, e tão ávido que suas demandas começaram a se tornar exaustivas e até um pouco entediantes. *Sorvete é uma delícia, mas quando é demais, enjoa...*

Penny também afastou esse pensamento e tentou driblar sua onda de autopiedade. Que importava o dinheiro ou as pequenas irritações? David estava vivo (*bem... não estava; mas não vá por esse caminho*), forte e com garantia de permanecer assim para...

As palavras a atingiram súbita e pesadamente. *Para sempre*. David não iria envelhecer. Com o passar dos anos, ele permaneceria exatamente como era naquela noite, enquanto ela...

— Penny? — A voz de Carmine partiu a corrente de horror que irrompia nela. — Algum problema?

Ah, não; claro que não há nada de errado. Apenas que sou tão cretina que só agora comecei a considerar as implicações da imortalidade! — Não — disse Penny em uma voz tão peculiarmente estrangulada que entregou completamente a mentira de sua afirmação. — Não, eu... acho que tem algo preso na minha garganta.

Ela pode ter imaginado, mas Penny achou que Carmine e David trocaram um olhar bem particular.

— Espero que não seja uma espinha de peixe — disse Carmine, solícita. — Elas podem ser perigosas. Posso...

— Não! — Ela engoliu. — Obrigada. Já passou. — Ela tomou um grande e grosseiro gole de sua taça de vinho e, dessa vez, viu claramente David erguer uma sobrancelha.

— Mais, querida? — Não havia traço de desaprovação em sua voz; mas ele era bom em esconder as coisas. Sempre foi, agora que ela tinha parado para pensar.

— Sim. Obrigada. — Com despeito, ela esvaziou a taça recém-enchida de uma vez, desafiando-o a fazer qualquer comentário. Ele não fez.

— Foi um jantar adorável, Penny — disse Carmine, possivelmente para suavizar a súbita e aguda mudança no clima.

— Com certeza — concordou David, antes que Penny pudesse pensar em uma resposta. — Precisamos fazer outras vezes, não é?

Penny abriu a boca para alfinetar com um “Precisamos?”, mas teve a sagacidade de fechá-la antes que a palavra saísse. David ofereceu café a Carmine e, quando Penny não demonstrou nenhum sinal de que iria se voluntariar para fazê-lo, ele mesmo se dirigiu à cozinha para tal. Penny observou-o se afastando (alto, esguio; a velha tendência de engordar havia de fato desaparecido e ele parecia extremamente belo naqueles dias) e, enquanto ele sumia, uma pergunta surgiu em sua mente. Era uma derivação da questão da imortalidade (ela estava um tanto mais calma quanto a isso, embora, sem dúvida, a questão fosse voltar a perturbá-la mais tarde) e de repente quis, com uma vontade extrema, saber a resposta. Ela se virou para Carmine.

— Posso lhe perguntar uma coisa?

— É claro. — Carmine inclinou a cabeça de um modo que fez Penny questionar-se se ela estava sendo condescendente. *Terceiro pensamento a afastar.*

— É sobre filhos.

— Ah. — A expressão de Carmine se tornou temerosa. — Estive pensando se o assunto surgiria algum dia.

Penny se eriçou, embora não visivelmente.

— Creio que seja uma preocupação bem natural. Seja lá o que David possa...

— Vocês não tinham filhos. Foi por escolha ou...?

— Por escolha, claro. — Seus nervos estavam cada vez mais à flor da pele e ela desejou não ter iniciado aquela conversa. Tarde demais para se arrepender, contudo, e ela se recompôs com determinação. — É uma pergunta perfeitamente direta. Podemos?

Carmine respondeu:

— Não.

A ousadia e a agressividade de Penny desabaram.

— Por que não?

Os olhos de Carmine abrigavam um mundo de empatia, mesmo que Penny não estivesse disposta a reconhecê-la.

— É um duro fato de sua... nossa... condição — ela disse. — Um vampiro pode procriar... Naturalmente, ou nossa espécie teria se extinguido logo nos primeiros dias; talvez nem mesmo tivesse evoluído, quando se pensa nisso com alguma lógica. O ovo ou a galinha, sabe como é... — Ela viu o rosto de Penny se contrair bastante e rapidamente abandonou a metáfora. — Eu nasci como sou e poderia fazer um filho com qualquer homem, mortal ou não. David, porém, não nasceu como é agora e, quando a condição não é hereditária, as regras são diferentes. Ele só poderia gerar um filho em uma mulher vampira de nascença. Mas com você, não é possível.

A mente de Penny disparou para o espaço e seus pulmões pareceram se entupir de algo turvo, de raiva e amargura.

— Então — ela disse —, *você* poderia ter um filho com o meu marido, mas eu não.

O que significava aquela pausa? Qualquer coisa? Coisa nenhuma? Enfim, Carmine respondeu.

— Sim. Teoricamente.

Teoricamente. Penny perguntou:

— Você já teve filhos?

Carmine desfez o contato visual, desviando o olhar. Foi a primeira vez que Penny a viu fazer aquilo.

— Sim.

A amargura de Penny crescia e, com ela, um desejo desesperado de atacar, de *machucar*, porque *ela* estava machucada e queria que Carmine sofresse com ela.

— Onde eles estão agora? — ela inquiriu.

A segunda pausa foi mais longa que a primeira. Então:

— Um — disse Carmine, aparentemente sem emoção —, está em Nova York. Ou estava, da última vez que soube dele. É um viciado em

heroína e quer morrer disso, mas não pode, por causa... do que ele é. A outra... — sua voz se prendeu por um instante —, ...morreu, embora fosse quem não queria morrer. Irônico, não? Mas já faz muito tempo e foi muito longe daqui, e, na época, as pessoas acreditavam em nós, então, quando ela cometeu um sério erro tático, eles... — ela tossiu. — Bem, você sabe o que diz a lenda. O método de nos matar é um dos fatos que não foi distorcido.

Penny a encarava, a fascinação se assomando, a despeito de sua vontade.

— Uma estaca no coração? — ela instigou delicadamente.

Carmine assentiu. Seu rosto se crispou, assumindo a aparência de uma máscara de argila fixa.

— Na verdade... não precisa ser uma estaca — ela disse. — Qualquer coisa serve, contanto que... perfure o bastante. No caso dela...

— Sua filha?

Carmine engoliu em seco.

— Minha filha, sim. No caso dela, foi... uma faca de cozinha. Uma simples faca de cozinha.

David voltou naquele momento.

— O café está passando — disse ele animadamente, então viu a tensão de Carmine e a expressão no rosto de Penny. — O que foi? — Seu tom se tornou agudo. — O que houve?

Penny pronunciou um “*depois eu conto*” em silêncio, mas ele não viu; sua atenção estava em Carmine. Ela, porém, endireitou os ombros e sorriu para ele.

— Nada com que se preocupar — disse, com leveza. — Conversa de mulher, só isso. David, depois do café, preciso mesmo ir. Foi uma noite adorável, mas amanhã acordo cedo; tenho um compromisso.

Penny quis dizer, provocativamente: “Mais dez mil no banco?” Mas conteve a língua. Aquele não era o momento para angariar pontos; em mais alguns minutos, Carmine estaria fora dali. Ela se disciplinou a levar

uma conversa informal, polida e superficial enquanto desfrutavam do café e todos tomaram uma dose de conhaque; então, David apanhou o sobretudo de Carmine e a acompanhou até o carro dela. Penny assistiu da janela, escondida, mas estava muito escuro para ver qual era o automóvel. Algum modelo caro, sem dúvida. Ela podia pagar, não podia? E por que uma simples despedida estava demorando tanto? O que eles estavam *fazendo*?

Quando David voltou (seis minutos: Penny tinha contado), ela estava lavando a louça, com um nível contundente de barulho e chapinhar. Antes de ficar doente, ele havia prometido comprar uma lava-louças. Agora, estava fora de questão, é claro. Eles não tinham como pagar. Quando ela bateu outro prato contra o escorredor, ele chegou por trás dela e deslizou as mãos por sua cintura.

— Deixa isso aí. Eu lavo de manhã. — Seus lábios tocaram a nuca dela. — Vem pra cama.

Ai, meu Deus, de novo não. — Tô cansada — ela disse. — Vamos passar essa noite, pode ser?

Ele riu.

— Sem chance. Quero você. Vem, querida; não aceito não como resposta.

Você nunca aceita, não é? Penny fez uma careta que ele não podia ver e suspirou. Não adiantava discutir. Ela perderia mais tempo e energia do que dando a ele o que queria, mais uma vez. Tirou as luvas de borracha, colocou-as no escorredor e subiu as escadas com ele.

David sempre dormia feito uma pedra após o sexo e, quando Penny teve certeza de que não o perturbaria, levantou-se e foi ao banheiro. Acendendo a diminuta luz do espelho, encarou seu reflexo acima do lavatório. Numa primeira impressão, ela estava muito bem para seus 43 anos, mas não estava com humor para ser otimista e estudou a si mesma mais atenta e criticamente. Indícios de pés de galinha nas bordas dos olhos. Linhas de expressão se formando nos cantos da boca. O queixo

perdendo a rigidez; mal era perceptível ainda, mas *ela* conseguia ver. Ela não era loira natural, então não sabia dizer se já tinha algum sinal de cabelos brancos. Homens grisalhos são distintos; já as mulheres, são envelhecidas. Carmine não estava grisalha, estava?

Carmine poderia ter um filho dele. Eu, não.

Não era como se ela quisesse filhos. Nunca quis, na verdade; não era do tipo maternal. Mas o princípio da coisa era diferente, e a ideia de que Carmine e David eram capazes de fazer o que ela e David não eram, a deixava com muita, muita raiva. Também chegou à conclusão, partindo da perspectiva desse momento de insatisfação, de que se *podiam*, talvez o *fizessem*. De que, naquela noite, ela possivelmente havia testemunhado os movimentos iniciais de um caso. Ou mesmo que não tivesse, o potencial estava ali.

Potencialidade — ou inevitabilidade? Penny se inclinou para mais perto do espelho, dissecando sua imagem. Mesmo que linhas de expressão e cabelos grisalhos ainda não fossem dignos de preocupação, isso logo mudaria. *Pense daqui a três anos; cinco; dez*. Em dez anos, ela teria 53. Em quinze, os 60 estariam visíveis em seu horizonte, mas David ainda continuaria exatamente como era naquela noite; jovial, enérgico, belo. O que ele iria querer com uma esposa de 60 anos? Ela seria brochante, uma vergonha, e aquele seria o fim, casamento acabado, adeus.

David não era idiota; ele devia ter considerado o futuro a longo prazo. Talvez até o tenha discutido com Carmine, em alguma conversa particular da qual Penny nada sabia? O estômago de Penny se embrulhou diante da ideia de David conversando com Carmine; da possibilidade de ele encontrando-se com Carmine quando ela não estava presente para bancar a dama de companhia. *Ou a vela. Lembre-se de como ele ficou olhando pra ela esta noite. Eles já estão tendo um caso? Será que estão?*

De repente, ela se sentiu conspurcada e com essa sensação veio a ânsia avassaladora de voltar para o quarto, sacudir David até forçá-lo a

acordar e confrontá-lo com suas suspeitas. Ou de pegar o telefone, discar o número de Carmine e exigir a verdade dela. Sim: essa era a melhor opção. Porque se houvesse um caso, David mentiria, e ela estava vulnerável demais ao charme dele para não acreditar. Se Carmine mentisse, ela não seria enganada. Sim. A melhor opção. De manhã, quando David saísse para trabalhar, ela faria isso.

Penny não fez a ligação planejada. Pois, pela manhã, havia tido uma nova ideia; tão radical que, de início, ficou chocada e se escondeu mentalmente dela, encontrando centenas de razões para considerá-la totalmente fora de cogitação. Durante a primeira metade do dia, porém, as razões de alguma forma pareceram se partir por vontade própria, até que, na metade da tarde, haviam sumido, deixando em seu lugar o mesmo tipo de empolgação apreensiva e palpitante que crianças sentem na véspera de Natal, quando nada pode persuadi-las ao sono.

Faltando uma hora para David voltar para casa, ela reuniu coragem para ligar para Carmine.

Carmine disse:

— Não. Sinto muito, Penny, mas simplesmente não vou fazer isso.

Com seu mundo desabando ao seu redor, Penny gritou no telefone:

— Por que *não*, maldita? Você estava bem ansiosa pra fazer isso por David; qual a porcaria da diferença assim, de repente? — Ela tomou um grande e doloroso fôlego. — Eu sei que são só negócios pra você, mas arranjo o dinheiro, eu vou...

— Penny, me escute! Você já conversou com David a respeito disso?

— Não, não conversei!

— Então, acho que deveria. E também acho que sei o que ele vai dizer.

Penny perdeu as estribeiras.

— David não é a droga do meu dono... eu tomo minhas próprias decisões! E como diabos você sabe o que ele diria? Você é telepata? Ou

está tão íntima do meu marido esses dias que o conhece melhor do que eu?

— Não estou dizendo isso. Só estou dizendo que...

— *O que* você está dizendo? Me diga a verdade, pelo menos uma vez!

— Estou tentando. As circunstâncias não são as *mesmas*, Penny. David tinha uma doença terminal e o que fiz por ele foi a única alternativa à morte. Seu caso não é igual. Você é saudável e tem uma vida longa e normal pela frente. Não é... não seria *certo* transformá-la em...

— Mas eu *quero!* — Então, com um grande esforço, Penny retomou o controle. *Mantenha a calma. Converse com ela.* — Olha, eu já pensei bastante, não tenho dúvidas e posso arranjar o dinheiro. Você não quer mais dez mil?

Carmine deu uma risadinha estranha.

— Dinheiro não é a questão. Poderia me oferecer meio milhão e eu recusaria. O simples fato é que eu não faria isso por nenhuma viva alma, a menos que haja de fato uma razão muito, muito boa.

— E a minha razão não é boa o bastante.

— Não. Sinceramente, não é.

— Entendo. Então, você fica feliz em conceder seu dom a David, mas não pode considerar dá-lo a mim.

— Não é assim, Penny.

— Não, tenho certeza que não é. — Então, algo lhe ocorreu, e Penny se perguntou como podia não ter pensado naquilo antes. — Bom, então não vou incomodá-la de novo. Em vez disso, vou pedir pro meu marido fazer. Afinal, ele é *meu marido*. Algo que você parece oportunamente esquecer, quando lhe convém.

Houve uma pausa dura.

— O que quer dizer com isso?

— Descubra, Carmine. Você é inteligente o bastante. — Penny agora estava completamente calma. *Sim, David pode fazer isso. Que tola eu sou; eu nem precisava ter feito essa ligação.* Com frieza, ela acrescentou. — Não vou mais tomar seu tempo. Ah, uma última coisa. Você não é bem-vinda nesta casa de agora em diante.

Ela não desligou imediatamente; queria ouvir e saborear a reação de Carmine. Houve um silêncio curto. Então, ela disse:

— Mensagem recebida. Mas, antes que se vá, é justo que eu lhe diga que David não pode ajudá-la. Mesmo que ele concordasse em fazê-lo... o que, sinceramente, eu duvido... ele não possui essa habilidade. Só aqueles que nascem no clube, como você poderia dizer, podem iniciar novos membros. Adeus, Penny. Acho que sinto muitíssimo por você.

Foi Carmine quem desligou.

Penny não contou a David sobre a ligação e não pediu a ele para fazer o que ela queria. Em vez disso, guardou em segredo a lembrança da conversa, repassando cada detalhe até que ela supurou feito uma ferida que não cicatrizava. *David não pode.* Seria verdade ou Carmine mentiu por razões próprias? *Duvido que ele concorde.* Como ela sabia com o que David concordaria ou não? Eles discutiram aquilo? Quantas vezes? Com quanta intimidade? *Sua razão não é boa o suficiente.* Carmine Smith, vulgo Deus. Bom, a razão era óbvia, não era? Esposas atrapalham casos, e a última coisa que Carmine e David poderiam querer seria que Penny entrasse para o clube, como Carmine apontou. Penny seria uma pedra no sapato deles. Penny seria um maldito estorvo. Então, ela devia ser impedida de entrar, não devia? Contanto que Penny permanecesse nas fileiras dos meros mortais, Carmine e David só teriam que esperar mais alguns anos — nada, para eles — até que Penny começasse a envelhecer seriamente, então enfraquecesse, definhasse e, enfim, desaparecesse completamente do cenário. Problema resolvido: até lá, eles podiam simplesmente manter seu romance pelas costas dela.

Os pensamentos sombrios cobriram Penny a noite inteira, como uma mortalha. David devia estar ciente daquilo, mas não fez comentário

algum, o que, para ela, só reforçava a culpa do marido. Ela recusou fazer sexo naquela noite (atipicamente, ele não tentou persuadi-la), dormiu mal e, quando era a hora de ele se levantar, permaneceu deitada e quieta, fingindo que não havia acordado com o alarme. David se deixou enganar: vestiu-se em silêncio e desceu as escadas para fazer o próprio café, como ela havia começado a insistir que ele fizesse.

Daí, o telefone tocou. Era anormalmente cedo para qualquer um ligar e Penny ergueu a cabeça do travesseiro. David atendeu na extensão da cozinha, que ficava logo abaixo do quarto deles, então sua parte da conversa podia ser ouvida claramente.

— David Blythe... Ah... Oi. Que surpresa... Não, não; tudo bem... O quê? Quando...? Bom, eu não... Ah. Bom, sim, talvez devêssemos... certo; 12h45 fica bom pra você...? Certo, encontro você lá. — *Click*. Fim da ligação.

Quando ele voltou lá para cima, depois de comer, Penny bocejou, se espreguiçou e fez uma voz sonolenta.

— Quem era, no telefone?

David estava de costas para ela, colocando sua gravata. Não usava o espelho; não fazia sentido.

— Já te contei daquele cliente novo, não contei?

— Não.

— Ah. Bom, era a secretária dele; só mudando o horário de uma reunião; um estorvo do cacete; tinha um monte de outras coisas agendadas pra hoje. — Ele virou e olhou para ela. — Você tá bem?

— Ótima. — *Vá, pode ir. Tenho algo para descobrir e não quero você por perto enquanto faço isso.*

Ele saiu alguns minutos depois. Penny ouviu os sons do problemático carro enfim dando a partida (uma lata-velha: *todos nós sabemos o que aconteceu com o carro decente, não sabemos?*) e, assim que ele saiu, ela pegou o telefone e pressionou a tecla de “chamar de volta”, para ver quem *realmente* tinha ligado.

O número apresentado era local, mas não familiar. Poderia ser a suposta secretária do cliente. Porém... Penny digitou o código que impediria que sua própria chamada fosse rastreada, então discou o número. O tom de chamada teve início.

Click. — Carmine Smith.

Penny desligou. Carmine. Não em seu escritório, mas, obviamente, em sua casa. Bom, agora ela tinha todas as respostas. Cliente novo. Ah, *claro.*

— Seu canalha. Seu *canalha*, duas caras, mentiroso, adúltero e de sangue-frio!

E esse, embora ela tenha se dado conta só algum tempo depois, foi o momento que iniciou tudo.

Ela observou. Ah, ela observou e escutou, e em toda oportunidade possível, vasculhou as roupas de David, a carteira de David, qualquer coisa que David fosse ingênuo o suficiente para deixar à toa esperando por ela. Durante seis dias, não achou nada. Então, na sétima noite, enquanto ele estava no banho, a evidência incriminadora, enfim, apareceu.

Penny não sabia se se sentia triunfante ou nauseada quando leu o bilhete rabiscado na contracapa da agenda de David. Dizia simplesmente: *Carmine, O Grito – Sexta, 12h30.* Não a sexta passada, porque ela havia conferido a agenda mais recentemente que isso. Aquele dia era uma quinta. No dia seguinte, então. O Grito era um novo café minimalista; Penny havia sugerido a David que eles fossem lá, mas ele tinha descartado a ideia, desdenhando do lugar como uma armadilha onerosa para vítimas da moda. Agora, ela sabia o porquê. Não é exatamente sensato levar sua esposa ao mesmo lugar em que se encontra com sua amante...

Os ruídos no banheiro anunciaram a saída de David e Penny apressadamente devolveu a agenda ao bolso interno do paletó dele. Amanhã, ao meio-dia e meia. Ótimo. Seria a última prova.

A chuva deu a ela a vantagem do anonimato. Era mais fácil fazer hora próximo a porta do café, escondida embaixo de um simples guarda-chuva preto, fingindo que olhava as vitrines. A mais pura sorte armou o encontro como se ele tivesse sido escrito; David chegou a pé e, quando ele chegava à porta, um táxi se aproximou e Carmine saiu dele. Com o coração batendo dolorosamente, Penny observou de esguelha enquanto eles se aproximavam um do outro e viu Carmine se esticar para beijar seu marido. Não foi um beijo fraternal e Penny não esperou nem mais um instante para se virar e, despercebida e silenciosamente, ir embora.

Ela, então, não viu a reação de David ao beijo; não o viu pousar as mãos nos braços de Carmine e afastá-la gentilmente. Carmine hesitou, escrutinando o rosto dele, e o que ela viu mudou sua expressão. Um leve sorriso, um dar de ombros meio em tom de desculpa. Então, eles entraram juntos no café.

— Sinto muito. — Carmine mexia seu café, mas não demonstrava nenhuma disposição em bebê-lo. — Sim, eu confesso que tinha esperança de que talvez algo se... desenvolvesse entre nós. Estaria mentindo se não admitisse que o acho muito atraente e, como ambos somos... Bom, parecia lógico, de alguma forma.

David pensou que a moralidade daquilo era dúbia, mas não fez esse comentário.

— Desculpas aceitas — disse ele. — E talvez em circunstâncias diferentes...

— Obrigada por ser tão diplomático quanto a isso. Eu avancei o sinal. Simplesmente não percebi o quanto seus sentimentos por Penny são fortes.

— Eu a amo — ele disse. — E não quero perdê-la. Quando você ligou da primeira vez e me contou o que ela a havia pedido pra fazer, fiquei chocado. Eu não tinha pensado sobre isso; não tinha refletido sobre as implicações daquilo que havia me tornado e o que significaria pra nós no futuro. Mas, agora...

— Você quer que eu faça — ela baixou o olhar para a mesa.

— Sim. Pra que eu e Penny possamos ficar juntos. — Seus dedos se moviam, inquietos. — Sei que é algo muito grande de se pedir, Carmine; especialmente quando você... Bom, por eu ter desapontado você. — Ele balançou a cabeça rapidamente. — Cristo, isso soa tão arrogante. Não quis...

— Esqueça. Não vivi tanto tempo sem desenvolver uma casca bem grossa. Sim, é algo bem grande pra se pedir. Mas está pedindo por amor e eu teria dificuldades em lidar com minha consciência se usasse o amor como desculpa pra recusar.

Os olhos de David se iluminaram.

— Então...

— Eu faço. Não por dinheiro; não vou aceitar pagamento dessa vez. — Ela ergueu a cabeça, pareceu se forçar a encontrar o olhar dele. — Chame isso de uma prova do meu amor por você.

Houve um breve silêncio, então David exalou um longo suspiro e relaxou em sua cadeira.

— Obrigado. Nem sei dizer o quanto isso significa pra mim.

— Então não tente. — Uma das mãos dela, sob a mesa, se apertou até as unhas se enfiarem dolorosamente em sua carne. — Posso começar esta noite — ela acrescentou após alguns instantes. — Quanto antes, melhor, não? Aí, saio do seu pé de vez.

— Nem sei o que dizer, Carmine.

— Está tornando esses “não sei” um costume. — Ela fabricou uma risada para mostrar que aquilo havia sido uma piada. — Chego na sua casa às oito, então?

— Oito horas. Sim. *Obrigado.*

Carmine se levantou para ir embora, seu café ainda intocado.

— Talvez seja melhor não contar a Penny antes de eu chegar. Ela... não anda muito afeiçoada a mim, no momento.

— Isso vai mudar.

— Ah, minha consolação e recompensa pelos serviços prestados. — Sua boca se contorceu numa triste pilhéria. — Nos vemos à noite. Ah, e uma taça ou duas de um bordô ou um Borgonha decente seria bem-vindo, depois. Adeus, David.

Ele não tinha intenção de dizer uma palavra a Penny sobre aquilo, mas, quando entrou em casa e viu seu rosto crispado e sua postura tensa, quis melhorar o humor dela. Ele a beijou (ela retribuiu formalmente) e disse:

— Tenho uma surpresa pra você.

— Ah, é? — Penny olhou para ele em dúvida, desejando ter raiva pelo que estava fazendo com ela.

— ã-hã. Você vai descobrir o que é às oito horas. Quando Carmine chegar.

— Carmine? — Ela o encarou, seus olhos brilhando em descrença e ultraje, mas David já estava subindo as escadas e não viu a mudança.

— Isso mesmo. Não se preocupe com a comida: ela não vai jantar conosco. Mas comprei um pouco de vinho; se abrir agora, ele pode respirar por uma ou duas horas. Vou só tomar um banho rápido e me trocar.

Sua voz foi sumindo escada acima e Penny ficou imóvel na porta da sala de estar. Ela não havia absorvido suas palavras exatas; não as havia escutado. Durante toda a tarde, ela estivera se preparando para o grande confronto, quando jogaria nele tudo que tinha visto naquele dia como uma manopla e o desafiaria a negá-lo. Agora, todos os seus planos haviam sido lançados ao caos; ele havia se antecipado a ela e roubado sua vantagem. Carmine estava indo até *lá*. Ele a havia *convidado*, como se não houvesse nada entre eles, nada a esconder, nada acontecendo. Que “surpresa” haviam armado entre eles para apaziguá-la, para despistá-la? Eles deviam achar que ela era uma idiota, uma *imbecil*, para se deixar levar pelos jogos deles!

Lá em cima, no quarto, David cantarolava enquanto se despia. Ele tinha uma bela voz de barítono, mas agora ela caía muito mal aos ouvidos de Penny. *Idiota. Tapada. Subestimada, usada, zombada...* uma fúria enorme e incontrolável cresceu dentro dela feito um maremoto e, embora uma pequena parte de seu cérebro a tivesse avisado que aquilo era um tipo de loucura, a outra parte a recebeu bem, pois era melhor, muito melhor, do que a dor da constante traição, e não fez nenhum esforço para contê-la.

Contê-la. Penny, enfim, se moveu. Atravessou o corredor até a cozinha. Lá em cima, barulho de passos; David agora estava no banheiro. O som tênue do chuveiro ligado. *Ele parou de cantar. Nunca mais quero ouvi-lo cantar.*

Ela abriu aleatoriamente uma das gavetas da cozinha, olhou para dentro, fechou-a. Sua mente não estava funcionando corretamente; aquilo era a raiva, bloqueando a lógica, bloqueando o raciocínio eficiente e deixando-a apenas com um nível robótico de reflexos semiconscientes para impeli-la. Segunda gaveta. Não, nada ali. Terceira.

Ah...

Na verdade... não precisa ser uma estaca. Qualquer coisa serve, contanto que... perfure o bastante. Palavras da própria Carmine. Sua filha havia morrido daquele modo, pega num — como Carmine havia destacado? “Um erro tático”, era isso.

Descoberta, desmascarada em sua verdadeira natureza e sumariamente executada sem juiz, júri ou defensor à vida. Deve ter acontecido há muito tempo, é claro. Um século, dois: Carmine era recatada com relação a sua idade, então não havia posto uma data no ocorrido. O costume era diferente na época. Este era o mundo moderno, uma era racional. As pessoas não faziam mais essas coisas. Faziam?

Contanto que perfure o bastante.

Penny pegou na gaveta a faca de cozinha com a lâmina de vinte centímetros, tirou-a de sua bainha de plástico e pôs-se a pesá-la e equilibrá-la gentilmente na palma da mão.

Carmine se atrasou quinze minutos, mas não importava. Penny ouviu um carro se aproximar e desacelerar, então, se acomodou mais em sua posição, com as pernas cruzadas no chão do corredor. Carmine levaria um ou dois minutos para estacionar. O espaço sempre era raro à noite, quando mais e mais pessoas chegavam em casa e se apertavam em suas vagas diminutas. *Sim; lá vai ela. Ré, ré. Parece que ela não sabe o tamanho do próprio carro. Acho que não vou lá fora ajudá-la. Acho que não seria uma boa ideia.*

A mancha no carpete estava aumentando. Suas mãos e braços ainda pingavam, provavelmente de quando ela tinha enfiado seu punho fechado no peito dele, para ter certeza absoluta. Engraçado; ela era tão melindrosa em relação à carne vermelha, mas naquela noite, não tinha ficado nauseada. Ainda não estava, apesar de a coisa toda ter sido muito mais espetaculosa do que antecipara. Penny deu uma risadinha. Os cineastas não sabiam da missa a metade. As marcas poderiam sair das escadas e do carpete do corredor, mas não havia chance de erradicar a bagunça lá em cima. Banheiro, quarto — seu primeiro ataque não havia sido limpo (*Ha! Piada!*), então David tinha conseguido chegar até o banheiro antes da dor e choque o derrubarem e ela ter a chance de terminar tudo adequadamente. *O coração é mesmo uma bomba eficiente, não é? Não tinha me dado conta que duraria tanto tempo.*

Lá fora, o barulho de ré, finalmente, cessou. Agora passos, o clique de saltos elegantes se aproximando do portão da frente. Penny deu mais uma risada e, dessa vez, teve certa dificuldade em parar. *Que mulher tola. Se controla. Não tem do que rir.*

Ao pensar nisso, cobriu a boca com uma mão manchada e bufou feito um cavalo. Seu rosto estava besuntado quando, enfim, se controlou e tirou a mão da boca, mas, de qualquer modo, ela não estava ciente disso e não teria dado a mínima. *Vamos lá, passos. Estou ouvindo você. Atravessando o caminho. Olá, Carmine. Entre. Estava lhe esperando e estou totalmente pronta.*

Uma silhueta se assomou vagamente pelo painel de vidro fosco na porta e a campainha tocou, só uma vez, recatadamente.

Vaca. Duas caras. Adúltera. Traidora. Tornou meu marido imortal, é? Bom, pois ele não é mais. Talvez eu deixe você vê-lo. Mas acho que é melhor não. É mais seguro. Afinal, não quero perder o elemento surpresa.

Penny se levantou e começou a sorrir. Quando ela passou, o espelho do corredor refletiu uma visão demoníaca de vermelho sanguinolento e branco mortal, com olhos que queimaram, riram e tornaram a queimar. Suas mãos também pareciam estar queimando, mas não importava, assim como o atraso de Carmine não importava. O sorriso em seu rosto agora estava fixo, como se nada pudesse apagá-lo, e sua mão direita se fechou mais firmemente no cabo da faca escarlate às suas costas, enquanto a mão esquerda se estendia para abrir a porta da frente.

A CONSEQUÊNCIA

Janet Berliner

A autora norte-americana Janet Berliner (1939-2012), sul-africana de nascença, atuou como presidente da Horror Writers Association entre 1997 e 1998. Entre seus romances, estão a série *The Madagascar Manifesto* (com George Guthridge), *Execution Exchange* (com Woody Greer), *Rite of the Dragon* (como Janet Gluckman) e *Artifact* (com Kevin J. Anderson, F. Paul Wilson e Matthew J. Costello), enquanto seus contos foram publicados em *Shayol*, *The Magazine of Fantasy & Science Fiction*, e diversas antologias. Sendo ela mesma uma antologista, editou *Peter S. Beagle's Immortal Unicorn*, *David Copperfield's Tales of the Impossible* e *David Copperfield's Beyond Imagination*. Berliner ganhou o prêmio Bram Stoker em 1997 (com Guthridge) pelo conto *Children of the Dusk*.

“Correndo o risco de ser declarada uma traidora, admito o fato de que, excetuando o original, nunca fui muito afeita a vampiros ou à tradicional variação dos sugadores de sangue”, admitiu a autora. “Ou assim eu imaginava, até ter uma epifania em uma festa, em Las Vegas.”

“Viver em tal ambiente, esbarrar com Elvis ou Marilyn numa festa ou nas mesas de dados é bem prosaico, então, não me pareceu tão peculiar assim quando encontrei um homem alto e belo chamado Vlad, que falava com um forte sotaque dos Bálcãs e afirmava ser da Transilvânia.”

“Assim que Vlad descobriu que eu era escritora, me perguntou se já havia escrito alguma história de vampiros. Eu não havia. Então, como o destino viria a decidir, no dia seguinte

fui convidada a escrever uma história de vampiros, passada em Jerusalém, por volta do ano de 1197.”

“Ali estava. O desafio de que precisava. Eu podia continuar escrevendo sobre a condição humana e, da próxima vez que encontrasse Vlad, poderia dizer a ele honestamente que eu agora tinha escrito uma verdadeira história de vampiros...”

EM CANAÃ, que também era conhecida como a terra de Israel, na primavera do ano que os cristãos chamavam de 1197, os muçulmanos oravam abertamente, mas com uma sensação de inquietação. Os judeus, para quem a primavera coincidia com a celebração da Páscoa, chamavam aquele ano de 4957. Eles também oravam em segredo e não com menos nervosismo. Tanto os muçulmanos quanto os judeus eram povos cujas famílias haviam suportado e sobrevivido às injustiças e crueldades de três Cruzadas. Eles sabiam, todos os homens e mulheres, que essa breve trégua da guerra não duraria; uma quarta Cruzada se seguiria à terceira tão certamente quanto os camelos carregam a própria água pelo deserto.

As primeiras três Cruzadas haviam sido devastadoras. Famílias inteiras de muçulmanos tinham sido dizimadas; judeus, falsamente acusados de realizar rituais de sangue horríveis demais para serem contemplados, recusavam-se a se converter ao cristianismo, a negar o *harachamim*¹⁵, seu Pai Misericordioso, e entregaram suas vidas pela santificação de seu nome.

As Cruzadas negaram aos pais o prazer de ver seus filhos crescerem; despojaram ambas as comunidades de homens solteiros que poderiam se casar com suas filhas, para que eles não mais precisassem obedecer às instruções do Senhor ou de Alá para que crescessem e se multiplicassem.

E foi assim que Meyer ben Joseph e Hamid el Faisir, que eram os líderes de suas comunidades e sabiam que todos eles precisavam de proteção contra o mal que haveria de chegar, tornaram-se amigos.

— Se formos destruídos, não vai importar aos poucos sobreviventes qual Deus adorávamos — disse Meyer.

Hamid assentiu.

Na primeira noite da Páscoa, no mesmo espírito de cooperação, Hamid concordou estar presente na refeição religiosa que seu novo amigo Meyer chamava de Sêder.

— Dessa forma — disse Hamid ao seu povo —, serei uma testemunha ocular de seus rituais. Se eles não beberem o sangue de crianças cristãs, como foi relatado, então haveremos de defender juntos nossa cidade contra os soldados, quando eles vierem.

E assim veio a ser que Hamid e sua família se uniram a Meyer, sua esposa Rose e sua única filha sobrevivente, Devora, na primeira noite de Páscoa. Eles se recostaram e ouviram respeitosamente Meyer contar a história da jornada de seu povo pelo deserto em busca da Terra Prometida, desfrutaram das melódicas canções e curvaram suas cabeças respeitosamente durante as orações.

— Sirva o resto do vinho, Meyer — disse Rose, finalmente. — Sinto que nossos convidados estão ficando famintos.

Meyer serviu uma pequena quantidade do vinho de orações para cada pessoa, embora soubesse que seus convidados muçulmanos não bebiam. Ele estava esvaziando a última jarra em uma grande taça posta de lado para o Profeta Elias, quando ouviu-se uma batida na porta. A mão de Meyer se contraiu com a surpresa e algumas gotas escaparam da grande taça e pousaram no caminho de mesa tecido à mão por sua esposa. Ele fez uma careta; havia muito pouco de onde aquele tinha vindo. A taça extra de vinho que eles serviam todo ano — o lugar extra posto à mesa — era uma tradição que nunca havia ignorado. Mas um estranho saber o instante exato do Sêder beirava o miraculoso.

— Sincronicidade é tudo — comentou, pensando, *O Profeta tem um bom faro*. — Vá, Devora. Abra a porta para nosso visitante — disse ele, dirigindo-se à filha de dezesseis anos.

Ela não estava surpresa, pois todo ano, na Páscoa, seu pai batia de forma nada sutil por baixo da mesa e instruía seu irmão mais novo a abrir a porta e dar as boas-vindas ao Profeta Elias. Claro, nunca havia ninguém lá, embora seu pai dissesse que o espírito de Elias havia entrado. Não foi bem assim desta vez.

À porta, de pé na escuridão, estava um estranho vestido com um manto, um homem alto cujo belo rosto denotava um cansaço

insuportável. Ligeiramente atrás dele havia um segundo homem, cuja aparência e atitude o elencavam no papel de servo.

— Bem-vindo ao nosso lar — disse Meyer, gesticulando aos estranhos em direção a mesa e pensando que Rose teria que pôr ainda mais um lugar. — Pode não ser muito, mas é um dos melhores em Mea Shearim.

Fazendo antes um sinal para seu servo, de maneira que ficou evidente que ele devia permanecer do lado de fora, o Estranho adentrou a casa de Meyer. Ele não removeu seu manto nem olhou nos olhos de seu anfitrião.

— Pode orar conosco pelo vinho? — pediu Meyer, pensando que deveria se lembrar mais tarde de mandar Devora levar comida e vinho para o servo, lá fora.

O homem sentou-se, mas nada disse, nem comeu ou bebeu, mesmo depois de as preces serem feitas. Ele era de um pardo escuro, mas não parecia ser de Jerusalém.

— Por qual estrada esteve viajando, Estranho? — indagou Meyer, se perguntando se o homem havia sido enviado para observar os rituais de sangue dos quais os judeus eram acusados. Se assim fosse, ele partiria desapontado.

— Viajei pela Estrada de Humanitatis — respondeu o homem.

Essas foram todas as palavras que ele disse.

Quando a refeição fora encerrada, havia mais uma tradição a ser observada antes de a última música ser cantada. Mais cedo, Devora — a mais velha e a mais jovem — havia escondido um pedaço de pão não levedado conhecido como afikoman. Agora, ela havia sido enviada para recuperá-lo.

— Deixe nossa filha também levar comida e vinho para o homem que está lá fora, à luz do luar — disse Meyer a Rose. — Ela será recompensada por devolver o afikoman à mesa — explicou Meyer aos seus convidados —, pois, sem ele, o Sêder não pode ser concluído. Não

vai demorar muito para ela achá-lo. Rose e eu vimos quando o escondeu no jardim.

Após alguns momentos, quando Devora não retornou, o Estranho levantou-se como se prestes a partir. Meyer desejou a ele que Deus o acompanhasse e passou os olhos pela família de Hamid el Fasir, desejando que eles também fossem embora. Apesar de seus melhores esforços, havia sido uma noite tensa. Ele queria que ela terminasse.

Com o prolongamento da demora de sua filha para trazer o afikoman, que numa tradução razoável significa “a consequência”, Rose disse:

— Estou preocupada com nossa filha. Ela está naquela época do mês. Não devia estar lá fora, sozinha e no escuro, por tanto tempo.

Meyer pediu licença e partiu em busca de Devora.

Ele a encontrou no pequeno caramanchão que estava permanentemente no jardim, pronto para ser decorado a cada outono em agradecimento pelas dádivas de Deus. Ela segurava o afikoman em suas mãos. Silenciosamente, ela o entregou ao pai. Silenciosamente, ele o pegou.

— Estávamos esperando por você — disse Meyer. — Todos menos o Estranho, que saiu da noite e a ela retornou.

— Eu estive com ele — Devora respondeu. — E alimentei seu servo.

Devora, filha de Rose e Meyer ben Joseph, nunca mais falou sobre os dois homens ou mesmo do filho do servo, concebido naquela Páscoa durante a época de suas regras, que crescia em seu ventre. Ela se tornava cada vez mais irritadiça. Cada vez que passava por um espelho, ele era manchado por gotículas de sangue e ela era humilhada diante de seu pai, o único homem restante da família. Logo, ela deixou de obedecer a ele ou a qualquer outro homem. Como se desejasse morrer durante o parto, ela preparou chalás¹⁶ e deliberadamente deixou de tirar uma parte da massa e dar essa porção a um sacerdote como dízimo.

Meyer não gostava do comportamento da filha, mas o aceitava como parte das mudanças trazidas pela gestação, um processo que ele não pretendia fingir entender. Rose estava mais assustada que aborrecida. Embora fosse a palavra de Deus e de Alá que seus seguidores crescessem e se multiplicassem, também era a palavra Dele que nenhuma criança fosse concebida durante o *niddah* — a menstruação — e por uma boa razão.

Ela temia pela vida de sua filha e tremia ao pensar no neto, temendo que a criança — concebida em sangue — fosse reivindicada pela rainha dos demônios, Lilith.

A criança, uma menina, cresceu forte no ventre da mãe, Devora. Como todos os fetos crescendo na totalidade de sua herança, este viu a história de seu povo à luz de uma vela que queimava no ventre, um brilho branco que permitia que ela visse o início e o fim do universo.

Dentro do ventre, um anjo tomava conta dela, lhe ensinando o *Torá*¹⁷; fora do ventre, Lilith — subjugada pela lembrança de seu próprio casamento infeliz e sem filhos — observava o anjo e fervia de inveja pela maternidade de Devora. Ela deu tempo ao tempo, sorrindo malignamente enquanto Rose fazia um amuleto a partir do *Sefer Raziel*¹⁸ para proteger a mãe e a criança após o nascimento, e pendurava uma abundância de amuletos pelas paredes e no leito do parto para desencorajar a rainha demoníaca de reivindicar a criança.

Logo antes do nascimento, quando — assim como foi escrito — o anjo se preparou para tocar a criança levemente em seu lábio superior, para que a fenda naquele lábio pudesse ser formada e ela esquecesse tudo que havia aprendido, Lilith interferiu. Extinguindo a luz no útero, ela empurrou a criança para o canal do parto.

Naquele momento, a alma de Devora deixou seu corpo terreno. Naquele momento, Marisa nasceu. Ela emergiu do ventre da mãe com uma consciência coletiva e uma arrogância que, combinadas com a falha em seu rosto, a distinguiu das outras crianças em Mea Shearim.

Das 613 leis do *Torá*, a *Rekhillut* — a primeira lei contra a fofoca maldosa, embora a menos proibitiva — foi a mais frequentemente desobedecida no quarteirão onde Marisa nasceu. No caso dessa criança, a fofoca derivava mais do medo do que de qualquer intenção de causar algum mal. Não era segredo que ela havia sido concebida durante o *niddah*, nem poderia ser mantido em segredo que a criança não tinha a fenda em seu lábio superior. Já que sua mãe havia morrido no parto, era lógico presumir que ela havia sido reivindicada como filha e serva de Lilith. Mas o maior medo era aquele dito em sussurros, que, por causa das circunstâncias de sua concepção e nascimento, Marisa podia ser infectada com a mais pavorosa de todas as doenças, a lepra.

Meyer e Rose devotaram todo o seu amor à neta, que eles batizaram de Marisa Devora e que era a última de sua linhagem. Infelizmente, nenhuma fração de sua boa vontade poderia mudar o nervosismo de uma comunidade que havia sido machucada tão intensamente pela passagem dos anos e que temia qualquer coisa que pudesse trazer mais problemas ao seu meio.

Novamente, Hamid el Faisir, que fizera um relatório favorável à casa dos Ben Joseph, se juntou a Meyer. Dessa vez, eles uniram forças para tentar proteger Marisa daqueles que, impelidos pela ansiedade insensata, ameaçavam fazer mal à criança sem pai.

A força dos dois se provou tristemente insuficiente contra muitos. Certa noite, quando o sol já estava quase se pondo, Marisa foi arrebatada deles e levada para o deserto. Lá, uma poça seca havia sido preenchida com o sangue de várias ovelhas, e um escasso abrigo construído para resguardar a criança dos últimos raios de sol do deserto.

Como se estivesse sendo batizada em sangue, a pequena menina foi submergida e mantida ali até o cair da noite. Mal tendo seis anos de idade, ela, com certeza, não poderia lutar para se libertar do domínio de adultos fortes. Podia ter gritado, mas não fez nem isso e, pelo contrário, parecia se submeter aos desejos das boas pessoas de Jerusalém.

Na casa no distrito de Mea Shearim, Hamid disse, com voz angustiada:

— Eles com certeza pretendem secá-la e trazê-la para casa quando a lua se levantar.

— Com certeza — concordou Meyer, os olhos cheios de lágrimas por sua neta. — O que diz você, Rose?

Rose nada disse. Ela deixou a casa e caminhou para o deserto. Mesmo que desejasse falar, sua raiva e o mau agouro impediriam que as palavras se formassem em sua língua. Quando o aro da lua apareceu no horizonte, ela chegou até a criança.

Parou a distância, seu olhar cravado na pequena. Marisa nunca tinha parecido mais contente. Brincava alegremente no charco vermelho, bebendo-o com a mão em concha com uma avidez que nunca havia demonstrado pela canja da avó.

Ao olhar para cima, Rose viu o Estranho, alto e encapuzado, montado num camelo levado por seu servo.

— Não — gritou ela quando o povo da cidade se pôs de lado e ele reivindicou Marisa Devora para si.

A criança levantou os braços e o servo a ergueu. O Estranho a tomou, sentou-a junto dele no camelo e eles se foram. Rose chorou, mas não fez nada para detê-los.

Ao nascer do sol, o povo de Jerusalém retornou à sua rotina diária e a fofocar sobre outras coisas. Só então Rose cessou seu pranto e fez seu relato a Meyer ben Joseph e a Hamid el Faisir. Ela não disse a eles que ouviu uma voz feminina chamando o homem e a criança para se unirem a ela. Não disse que Lilith acolheu o homem e a criança em seu seio.

Meyer e seu amigo Hamid se abraçaram. Agora, era a vez deles de chorar. Então, secaram suas lágrimas e esperaram até que a mensagem de Marisa Devora e do Estranho sombrio viajasse até o Chipre e chegasse aos ouvidos de Amalric.

— Cuidado — disse o mensageiro. — Na terra de Canaã, há uma filha de Lilith que é amada pelo homem, por Deus, por Alá e marcada pelo Demônio. Não lhe façam raiva, pois sua ira poderia devorá-los todos.

[15.](#) Segundo os judeus, o *harachamim* é a clemência, ou a compaixão. – N. do E.

[16.](#) Chalá é um pão em forma de trança, servido em festas e eventos judaicos. – N. do E.

[17.](#) O *Torá* é o livro sagrado do judaísmo. Em um sentido amplo, significa “ensinar” ou “indicar o caminho”. Nele, estão contidos todos os ensinamentos da religião judaica. – N. do E.

[18.](#) O *Sefer Raziel* é um grimório originalmente escrito em hebraico e aramaico. Ele traz um conjunto de ensinamentos que, segundo o misticismo judaico, foram aprendidos inicialmente por Adão, a partir do próprio Criador. – N. do E.

UMA ENTRE MILHÕES

Yvonne Navarro

Yvonne Navarro mora no sul do Arizona com seu marido, o escritor Weston Ochse, e vários animais. Ela publicou mais de vinte romances, cuja variedade abarca desde vampiros (*Afterage*) até o fim do mundo (*Final Impact* e *Red Shadows*). Entre seus outros títulos, estão *Deadrush*, *DeadTimes*, *That's Not My Name*, *Mirror Me*, *Highborn* e *Concrete Savior*. Ela também é autora de várias histórias paralelas e derivadas, incluindo versões literárias de filmes, como *Ultravioleta*, *Elektra*, *A Experiência*, *A Experiência II*, *Hellboy* e *Aliens: Music of the Sphere*, além de sete romances ambientados no “Buffyverso” da série *Buffy, A Caça-Vampiros*. Sua obra recebeu o prêmio Bram Stoker, da Horror Writers Association, além de várias outras honrarias literárias.

“*Uma Entre Milhões* evoluiu de uma pergunta ‘e se...’ bem prosaica”, explica a autora, “que seria ‘e se você estivesse sendo seguido por alguém?’ A partir daí, o perseguidor se tornou um vampiro, mas por que um vampiro faria isso com uma mulher comum...? A menos que essa mulher fosse qualquer coisa, menos comum.”

“Muita gente acha que histórias de vampiro já estão desgastadas, fora de moda, ou que são todas iguais. Acho que essas pessoas não poderiam estar mais erradas. Sim, a essência do vampirismo é o roubo, mas não só do sangue. Sua essência é o roubo, ou a perda da vida, da identidade, de tudo que você é ou poderia ter sido, a evolução daquilo que foi um dia em algo que você pode ou não ser capaz de controlar.”

“Há muito potencial nisso e sempre haverá. Aqueles que torcem o nariz e declaram que os vampiros estão extintos deviam se lembrar da sua própria mortalidade. Novas gerações de leitores nascem todos os dias e eles estão sempre famintos.”

“Assim como os vampiros.”

SONDRA SABIA EXATAMENTE quando o vampiro havia começado a seguir ela e as bebês.

Ligou para a polícia e eles foram até sua casa, dois homens zelosos, de uma cidade pequena e com mentes pequenas, com barrigas de cerveja e cheiro de gordura e cigarros velhos em suas roupas. As gêmeas, seus querubins de olhos azuis e rostos dolorosamente belos, sob seus frágeis cachos platinados, balbuciaram e riram dentro do cercadinho em seu quarto, ignorando o terror no rosto da mãe e a tensa conversa no cômodo ao lado.

— Ouçam — disse Sondra. — Aquilo estava nos seguindo, eu vi...

— Aquilo? — O mais velho dos dois policiais usava um crachá que dizia McShaw e lançou um olhar expressivo a seu parceiro. Anotou algo rapidamente no formulário preso em sua prancheta.

— Digo, ele. — O rosto dela estava calmo, mas, internamente, Sondra estapeou a si mesma por aquele deslize verbal. O medo era um companheiro constante e desagradável, podendo causar todo tipo de equívoco, fazendo uma pessoa dizer a verdade quando seria a última coisa no mundo que gostaria de fazer. Ela não podia arcar com a verdade neste caso, não quando o preço era a segurança de Mallory e Meleena. — Eu vi *ele*.

— Certo. — O outro agente da lei era mais jovem, mas seguia o mesmo caminho de seu parceiro rechonchudo; rosquinhas demais e ficar com a bunda colada no banco da viatura, rodando pela cidade e pensando o quanto ele parecia esperto em seu uniforme azul e sapatos lustrosos, com o .38 cuidadosamente lubrificado e aconchegado em seu coldre de couro. Galena era longe o suficiente de Chicago para que assassinatos e brutalidade fossem deixados para o pessoal da cidade; pouca coisa ocupava esses homens durante o dia. Com exceção de pequenos roubos e adolescentes ultrapassando o limite de velocidade, talvez algumas situações envolvendo álcool e drogas. Ele provavelmente nunca havia disparado seu revólver contra qualquer coisa além de um alvo de papel — o que sabia esse homem sobre sangue e terror? —

Então, a senhorita viu alguém a seguindo no Shopping Fox Valley — repetiu ele. — E afirma que ele andou atrás da senhorita e das suas filhas por quase todo o caminho até seu carro...

Sim.

— ...e então desapareceu quando a senhorita se virou para confrontá-lo na presença de outro casal.

Sondra, enfim, viu o nome dele no crachá, levemente torto no bolso da camisa.

— Exatamente, oficial Walters. — Ela sentou-se novamente.

McShaw fez uma careta.

— O Fox Valley é um lugar grande, Srta. Underwood. — Ele a espiou por cima do aro dos óculos, seus olhos castanhos cheios de ceticismo. — Não é plausível que o carro desse homem pudesse estar estacionado próximo ao seu? De que não foi nada além de coincidência?

— Estou dizendo, ele estava nos seguindo — disse Sondra alto demais.

As gêmeas fizeram um barulho no outro cômodo e ela olhou de relance pela soleira da porta, ansiosa, então, abaixou o tom. — Ele...

Sua voz desvaneceu e ela, inconscientemente, esfregou o pescoço. Esses dois policiais, plácidos... como ela podia explicar o pânico que sentiu quando o homem com os familiares dentes afiados aferrou seu olhar no dela em frente à loja da Toys 'R' Us? Ela estava só olhando as vitrines com as bebês, é claro — não tinha dinheiro para nada mais além do essencial —, mas Sondra havia esquecido completamente o cachorro mecânico bobo que latia alegremente por trás da placa de vidro. Os amplos e bem iluminados corredores e as luzes vibrantes do shopping fizeram um estranho movimento de girar e desvanecer, até não restar nada no mundo além dela e *dele*... e as gêmeas, é claro. Seus pequenos bracinhos balançando no ar enquanto começavam a chorar por ele, tão hipnotizadas quanto ela por aquela presença sombria em meio ao brilho e movimento.

— Ele o quê? — incitou McShaw. Sua caneta pousada sobre a prancheta, outras três dúzias de campos a serem preenchidos e conferidos antes que ele pudesse partir para sua missão seguinte, na cafeteria mais próxima.

Sondra engoliu em seco. Tome cuidado, ela avisou a si mesma. Tome muito, *muito* cuidado.

— Eu já o vi nos seguindo antes.

A atenção do policial mais jovem foi capturada.

— Quantas vezes?

— Duas — disse ela. — Uma quando levei as crianças ao médico e outra quando saímos pra uma caminhada.

— Então, ele sabe onde a senhorita mora?

A voz de Walter havia endurecido, mas em vez de se sentir vingada, ela sentiu vontade de estapeá-lo. Por que ela tinha que mentir para fazer com que eles a protegessem? Porque ser seguida uma ou duas vezes, tudo bem, mas o número mágico *três*, aí, não.

— Estou com medo de sair novamente.

— Conte-nos sobre as outras duas vezes — disse McShaw.

Sondra se levantou abruptamente.

— Vocês gostariam... de um café? — perguntou ela, trêmula. — Vou servir uma xícara pra mim.

— Se não for um incômodo. — O policial mais velho olhou para ela especulativamente.

— De forma alguma. — Ela foi até a porta do quarto das crianças e conferiu o interior do cômodo antes de fechá-la. Mallory e Meleena estavam se aconchegando para uma soneca nos limiões das redes do cercadinho, seus corpos rechonchudos e macios enrolados um no outro feito gatinhos bem alimentados. Com a porta fechada, ela se voltou para os homens que esperavam no sofá. — Açúcar? Creme?

— Puro está ótimo — disse Walters. — Pra nós dois.

Sondra assentiu e se apressou para a cozinha, remexendo a miscelânea de canecas em um dos armários e se certificando de que nenhuma das nojentas cascas de ovos de barata estivesse grudada no fundo. Os insetos eram um problema terrível naquele lugar, e ela não queria passar vergonha, mas o que podia esperar de um esconderijo, de um local de exílio?

O café estava um tanto apurado por ter ficado na cafeteira desde aquela manhã e ela, na verdade, não o queria, mas precisava de tempo para reorganizar as ideias e não estragar a própria história. Sua afirmação de ter visto o homem que caçou ela e suas bebês perto do médico era mentira, mas Sondra poderia encobrir aquilo dizendo que o viu apenas de relance, na ocasião; eles podem excluir esse avistamento, mas também podem não fazê-lo. Dizer que ele sabia onde elas viviam era verdade, assim como dizer que as seguiu todas as vezes em que ela pisava fora da casa, um espectro de fome encarnada que era impossível de negar.

Seus joelhos subitamente enfraqueceram e ela se apoiou no balcão. Será que algo disso adiantaria? Talvez tivesse que fugir de novo, evadir-se num infundável e exaustivo esforço de dar às suas bebês uma vida normal. Bom Deus, ele nunca as deixaria em paz?

Sem aviso, o riso abafado dele, cruel e zombeteiro, encheu sua mente, e a lembrança de suas mãos frígidas deslizando por sua pele a fizeram enrubescer.

— *Abra as pernas.*

— *Não!*

Os olhos dele eram negros, seu olhar era estranhamente matizado de glitter amarelo, como o reflexo do céu à meia-noite salpicado de estrelas. Seus dedos, com unhas afiadas o suficiente para abrir a pele de Sondra, raspavam a extensão de suas coxas. O toque dele fez suas veias latejarem com urgência.

— *Conceba meus filhos.*

— *Me solta!* — *ela gritou. Praguejou contra ele, depois amaldiçoou o próprio corpo quando seus joelhos delgados começaram a se abrir. Deitada contra os lençóis pretos, seus membros eram como as pétalas de um pálido lírio, desdobrando-se para flutuar em um oceano de ônix.*

— *Vou preenchê-la com sangue e fogo* — *sussurrou ele em seu ouvido enquanto o corpo dele pesava sobre o dela e a perfurava com um requintado gelo. Suas entranhas pulsavam ao redor dele, numa resposta involuntária, e ele gemia contra o pescoço dela em seu vai e vem, o rosnado de prazer de um lobo, enquanto as pontas afiadas de seus dentes se esfregavam contra sua garganta, tão próximas da única coisa que ele ainda havia de roubar dela. Tudo o mais tinha ido embora: seu orgulho, sua autoestima, sua virgindade. Ela era sua meretriz e sua escrava, e logo estaria carregando a prova suprema de que ele havia se aproveitado dela. Decerto, permitiria que ela mantivesse a última e frágil porção de humanidade que pulsava no interior das artérias dela. Decerto...*

O pote de açúcar oscilou perigosamente entre seus dedos e Sondra o bateu contra o balcão, decidindo não o usar em vez de arriscar derramá-lo. *Ele* havia mandado as baratas para aquele lugar, para atormentá-la, para tentar fazê-la partir, e maldita seria ela se fizesse qualquer coisa para alimentá-las. Virando-se para a pia, Sondra lavou as mãos e o rosto na água fria, então usou um papel toalha para secar a pele. Vá com calma, disse a si mesma. Mais dez segundos e suas mãos estavam firmes o suficiente para pescar uma forma de bolo retangular do secador de louças junto ao forno, para usá-la como bandeja para servir as canecas. Ela quase a derrubou quando deu as costas ao balcão e, ao se virar, viu o mais jovem dos policiais diretamente atrás dela. Os olhos dele encontraram os seus e ela se sentiu encurralada por um instante, chegando perigosamente perto de contar tudo a ele, toda a história degenerada queimando na beirada de seus lábios. Na superfície surrada do alumínio, as canecas chacoalhavam umas contra as outras.

— Eu levo pra você — disse Walters. Ele estendeu as mãos para pegar a forma e seus dedos, frios como os dela, roçaram seu braço. A expressão dele era ilegível, mas seu toque deixou-a estranhamente fraca, desorientada. De pé diante dele na pequena cozinha, Sondra viu que estivera enganada a respeito de seu físico; ele não estava nada acima do peso. Na verdade, seu corpo inteiro parecia de algum modo ter se alongado e se tornado esguio, como um cão que parece gorducho, cálido e sonolento, até se levantar e se espreguiçar. O medo borbulhou na garganta de Sondra, mas ele apenas tomou seu cotovelo com a mão desocupada e a guiou em direção à sala de estar e ao seu parceiro que os aguardava, sua carne queimando contra a dela como gelo-seco.

McShaw ergueu o olhar do formulário que estava rabiscando e pôs sua caneta na mesinha de centro, buscando avidamente uma das canecas. Sondra afundou no sofá de dois lugares já gasto com uma sensação de alívio, que se despedaçou quando Walters se acomodou folgadoamente ao seu lado, em vez de voltar ao seu lugar na velha cadeira de balanço do outro lado da mesinha de centro. Tudo no apartamento era pequeno: os cômodos, as janelas e a escassa quantidade de luz do sol que elas permitiam entrar, a mobília; a coxa de Walters, apinhada de músculos sob o tecido da calça, se pressionava calmamente contra a dela, mas Sondra não tinha espaço para conseguir escapar. Estava sufocando ali, ou a pulsação era tão intensa em sua garganta que simplesmente bloqueava o ar que tentava fluir até seus pulmões?

— Certo — disse McShaw após um momento. Ele não fez qualquer menção de pegar a prancheta que havia posto na mesa, junto da caneta. — Conte-nos sobre as outras duas vezes.

— Achei ter visto ele quando levei as bebês ao pediatra no posto de saúde, na última terça — disse Sondra, roucamente. Ela estava orgulhosa de como havia impedido sua voz de tremer, de entregar a pequena farsa.

— Ele nos seguiu de novo, mas o posto estava lotado e, quando saímos, já era hora do *rush*. Ele tinha sumido.

— Foi o que a senhorita pensou?

Sondra assentiu, mas não prosseguiu. Que eles descartassem aquela, se quisessem; era mentira mesmo, só a cobertura de um bolo já envenenado.

— E quando foi a outra vez?

— Noite... passada. Levei as bebês ao parque pro festival de outono. Ele estava lá e nos seguiu até em casa.

McShaw se inclinou para a frente.

— Srta. Underwood, se ele a seguiu até em casa na noite passada, por que esperou até a manhã de hoje pra nos telefonar?

Sondra olhou para as próprias mãos, os nós dos dedos vermelhos de tanto esfregar furiosamente a sujeira daquele lugar, as unhas estranhamente brancas debaixo das pontas por causa do talco de bebê.

— Eu não sei — sussurrou ela. — Acho que simplesmente esperava que ele fosse embora, mas quando acordei hoje e pensei a respeito, me dei conta de que isso provavelmente não vai acontecer.

— Ele, em algum momento, tentou fazer contato? Ameaçou a senhorita? — A voz de Walters era suave e vagamente... *doce*, como um daqueles drinques nevados e caros servidos em restaurantes sofisticados. Ela pensou ter ouvido nela todo tipo de insinuação, tão ricas e variadas quanto a variedade de bebidas alcoólicas servidas em taças exóticas com enfeites feitos de frutas e varetas plásticas em suas bordas.

O olhar de Sondra encontrou o dele involuntariamente e ela se perdeu por um simples e aterrorizado instante, mas despertou em tempo de responder antes que McShaw notasse sua defasagem.

— Não. — Com uma sensação agonizante, percebeu o quanto tudo aquilo deveria parecer bobo para eles, e teve que se obrigar a responder por entre seus lábios enrijecidos. Havia ligado cedo demais, eles nunca acreditariam nela; estava sozinha em seus esforços de proteger Mallory e Meleena, como estivera desde o momento do nascimento delas...

— *Vamos ter que chamar um médico* — disse a parteira, *sombriamente. Sondra ergueu a cabeça e viu o rosto negro e pesado da*

mulher escrutinando-a por entre o triângulo invertido de suas pernas abertas e sobre o espasmódico montículo de seu estômago intumescido. A apreensão fez seu sotaque sulista emendar as palavras.

— Você está sangrando demais e está em trabalho de parto há tempo demais.

— Sem médicos — sibilou Sondra. A recusa terminou em um grito devido a agonia que reverberava em seu útero, como se a criança lá dentro estivesse tentando rasgar um caminho para fora da prisão de tecido e de sangue de sua mãe. Teria ela ouvido as palavras da parteira e percebido o perigo de prolongar a sua agonia? — Agora está vindo! — gritou ela, e fez força para baixo como nunca havia feito, para expelir a coisa no interior de seu corpo que estava tentando matá-la.

— Estou vendo... empurre de novo! — As mãos da parteira estavam quentes e molhadas com o sangue de Sondra e elas forçaram sua carne dilacerada por um instante, então se fecharam sobre algo grande e doloroso. — Peguei a cabeça. Vamos lá, Sondra... se não continuar fazendo força, vai matar a criança e você mesma!

Sondra gritou novamente e enfiou as unhas nas laterais do colchão, sentindo o tecido decrepito se rasgar ao mesmo tempo em que a criança disparou de seu corpo com uma onda de dor que quase a fez perder a consciência. Meu Deus, ela pensou desconexamente enquanto lutava para recuperar o fôlego, por que o montículo em seu estômago não diminuiu? Seria a placenta — será que os frutos de sua cópula a haviam preenchido com tantos detritos sombrios?

Ela ainda estava arfando pelo nascimento de Mallory quando, nas profundezas de sua barriga, o fogo recomeçou, fazendo-a se debater nos lençóis ensopados e abrir a boca em um grito grande demais para ser ouvido. A parteira voltou para lá num instante, suas mãos grandes e ágeis manipulando a barriga de Sondra, amassando e pressionando...

— Gêmeos! — declarou ela. — Aguenta firme, garota... tem mais um vindo!

O lamento de Sondra ganhou substância com a segunda criança sendo forçada à liberdade. Algo dentro dela relaxou e a deixou respirar, desprezando as curtas e pequenas câimbras que se seguiram após a parteira manipular o estômago de Sondra para fazer o corpo dela expelir o sangue pós-parto. — O quê...? — Sondra enfim conseguiu, inspirando o ar bem-vindo enquanto se esforçava para sentar. — O que são?

— Meninas — disse a parteira, voltando-se para o trocador. — Tão saudáveis quanto poderiam ser. Um pouco mais de três quilos cada uma... são grandes... pra gêmeas. — Apesar de suas garantias, a voz da mulher negra era contida, intrigada. Exausta, Sondra escutou o chapinhar da água na pia enquanto a parteira habilmente banhava as crianças e depois as envolveu em mantas para recém-nascidos.

— Posso vê-las?

— Aqui estão. Uma pra cada braço.

O calor se espalhou por cada um de seus lados e Sondra enfiou o queixo no peito para ter um vislumbre das bebês. Já adormecidas, vindas ao mundo sem nem mesmo um choramingo; dedos pequeninos amontoados em punhos relaxados, lábios delicados ainda arroxeados, mas tornando-se rosados a cada segundo. Suas cabeças eram coroadas por cabelos molhados e espessos sobre as sobrancelhas perfeitas e seus pequenos narizes arrebitados; enquanto ela as observava, a segunda — Meleena — abriu a boca em forma de coração em um bocejo pouco discernível.

Sondra se encolheu e as duas bebês abriram os olhos, encarando-a solenemente.

— O que era aquilo? — perguntou ela. Sua voz tremia.

Por um momento, a parteira nada disse, então a mulher grandalhona dobrou as mãos à sua frente como se estivesse tentando orar discretamente.

— Algo que nunca vi em recém-nascidos — disse ela, finalmente. — Dentes.

E agora, Sondra encarava um novo perigo: *Walters*. Havia algo nele que a lembrava do pai das gêmeas, um chamado elusivo a uma sexualidade proibida que ela pensou que apenas um homem, uma *criatura*, possuía.

— *Abra as pernas.*

— *Não!*

— *Conceba meus filhos.*

Ela arfou quando alguém tocou seu braço; então, percebeu que havia sido McShaw.

— Está tudo bem, Srta. Underwood? Não parece estar se sentindo muito bem.

— E-estou, sim — gaguejou Sondra. — Só cansada. É difícil ter uma boa noite de sono com duas bebês chorando. — Ela, então, trancou a boca, temendo estar choramingando. Era outra mentira, de qualquer forma; as gêmeas nunca haviam chorado. O que interrompia seu sono era o ranger furtivo das escadas no corredor do lado de fora do apartamento, as milhares de sombras fantasmagóricas nos cantos dos cômodos escuros, o abafado raspar das unhas de aço ao longo da porta da frente, tão frágil.

Walters assentiu empaticamente e, por um instante, ela teve a noção absurda de que ele de fato podia ler sua mente.

— É claro — disse ele. — Nós entendemos. — Sondra engoliu de volta um comentário ríspido e ambos ficaram de pé, como se algum mestre titereiro invisível tivesse puxado as cordas de ambos simultaneamente para que se levantassem. Ela se viu observando o sutil movimento dos músculos sob o tecido esticado do uniforme de Walters, então enrubesceu quando seu olhar se deslocou até o rosto dele e ela se deu conta de que ele a estava observando enquanto ela o observava. Pela primeira vez, notou que os olhos dele eram de um estranho amarelado, diferente de tudo que já havia visto, o olhar de um leão examinando a presa.

— Se vê-lo de novo, ligue pra 911 — disse McShaw. — Além disso, vamos solicitar que as viaturas passem algumas vezes a mais em frente ao seu prédio, em cada turno, e tentar deixá-las mais visíveis. Até nos dar algo mais concreto, é só o que podemos fazer. Sinto muito. — O policial mais robusto baixou o olhar para sua prancheta e franziu o cenho. — Não parece que ele chegou perto da senhorita o suficiente para que possa fazer uma descrição exata.

Sondra abriu a boca, então fechou-a outra vez quando Walters passou seu olhar felino por ela de cima a baixo. Ela estava prestes a dizer *Ele se parece com ele*, e a apontar para o oficial Walters; horrorizada, cobriu a boca com uma das mãos, trêmula, e rezou para que McShaw não notasse seu tremor. Era tanta semelhança assim? Não, claro que não.

Claro que não.

Abra as pernas.

Walters foi o último dos dois a sair pela porta da frente. Ela não sabia por que aquelas palavras tensas surgiram, mas quando ele se virou para olhar para ela, tudo que ela pôde dizer foi:

— Ele quer as gêmeas.

— Eu sei — assentiu ele. Antes que ela pudesse fechar a porta, ele esticou o braço pela abertura e pôs os dedos levemente em seu pulso — uma busca rápida pelo pulso quente da vida logo abaixo de sua pele? — Então, de maneira velada, lançou um olhar às costas de seu parceiro que se afastava, como se Sondra fosse sua sócia em algum tipo de grande conspiração secreta. — Eu entro em contato — ele sussurrou.

Vou preenchê-la com sangue e fogo.

Sondra bateu a porta da frente e ficou ali, tremendo de antecipação e terror.

As bebês foram banhadas, alimentadas e postas para dormir. Deitaram-se emboladas uma com a outra no cercadinho — ela não tinha dinheiro para um berço —, satisfeitas e tranquilas, como duas metades

de um todo. Sondra as observou por algum tempo, se perguntando como seriam quando crescessem. Naquele instante, elas eram pequenas para sua idade, mas será que depois esticariam? Passariam por um daqueles incríveis estirões dos quais os pais estavam sempre se vangloriando e os pediatras previam com nauseante regularidade? Ela desejou poder pensar num modo de mantê-las pequenas e seguras para sempre, ao seu lado e sem as doces e perigosas oferendas do resto do mundo.

Após algum tempo, ela foi ao banheiro e encarou-se no espelho. Sua pálida imagem era a de alguém traumatizada, um rosto magro com as faces proeminentes e um nariz indefinível, olhos castanho-claros solapados pelas sombras arroxeadas da exaustão. O orçamento apertado e a constante preocupação a haviam tornado emaciada e sem graça, tornando sua boca um talho cor de carne exageradamente grande, cortando a parte inferior de seu rosto. Até seu cabelo castanho não tinha nada de especial — cortado na altura dos ombros, então caindo numa ondulação estúpida que fazia as pontas irem para todas as direções. O que ela tinha que os atraía? Por que *ela*?

— *Porque você é uma entre milhões, Sondra.*

Ela se virou com um movimento em câmera lenta que a fez sentir-se como se estivesse tentando se mover embaixo d'água.

— Você!

— Eu disse que... entraria em contato — O oficial Walters deu a ela um belo sorriso.

Sondra deu um passo para trás e sentiu a ponta afiada do puxador de gaveta barato se afundar em sua coluna. Por um instante, achou que fossem dentes e seus joelhos tentaram ceder; ela enrijeceu os músculos e bateu as próprias costas por garantia — uma velha maçaneta de ferro, era tudo.

— C-como você entrou?

— A porta estava destrancada.

— É impossível — disse ela calorosamente. — Eu não deixei...

Ele estava diante dela antes que Sondra tivesse tempo de formar a palavra seguinte, a extensão do cômodo nada mais que um piscar de olhos entre eles. Fosse lá o que ela estava prestes a dizer, se desfez quando a mão dele, fria, branca e alarmantemente poderosa, se ergueu numa concha para tomar sua mandíbula. Seu polegar deslizou delicadamente pela linha do queixo, então pulou para cima para traçar seus lábios.

— Acho que você deixou aberta para mim...

— Não!

— ...não deixou? — Walters se inclinou sobre ela, seu rosto a apenas centímetros de distância. Seu hálito era espesso e substancial, mas não desagradável; uma corrente de ar fria e anormal sobre sua face. Ele parecia diferente do que era antes, como se o policial da cidade, corpulento e entupido de rosquinhas, fosse apenas uma fantasia que vestia para dar ao trabalho público o estereótipo do serviço e complementar a rotunda figura de seu parceiro. Os traços básicos ainda estavam ali, mas ele agora parecia um predador, algo longo, gracioso e sombrio; uma pantera, escorregando pela noite que era sua vida, e pronto para emboscar sua presa.

— Por favor — ela se ouviu dizer. Queria chorar, mas seus olhos estavam tão secos quanto sua boca. — Não me toque.

— Não está falando sério — murmurou Walters contra o pescoço dela enquanto buscava seus braços para erguê-la e levá-la do banheiro até a apertada cozinha. Sondra tentou virar a cabeça e cometeu o erro monumental de cruzar seu olhar com o dele. Imediatamente, sentiu como se estivesse caindo pelo espaço, um arrebatador mergulho de um prédio de 100 andares sem nenhuma preocupação com o solo inflexível correndo na direção dela; Sondra teria se inclinado para o lado, mas ele agora estava totalmente pressionado contra ela, a temperatura de sua pele sangrando tanto pela roupa dele quanto pela dela.

— *Abra-se para mim, Sondra.*

A voz dele estava mais profunda e perversa, soando tão parecida com a do outro que um gemido de pavor escapou por seus lábios. Tremendo violentamente, ela poderia estar deitada, com o rosto para baixo, num cobertor de couro acabado, visto todo o calor que o peito musculoso dele emanava; a plaina rígida de seu abdômen, a pressão firme de suas coxas. O coração dela batia violentamente contra o peito muito antes de os dedos dele apanharem a gola de sua blusa e abri-la com um puxão.

— *Você pode fazer isso por mim, fazer um milagre. Me deixe entrar em você...*

— Eu não sou a porra de uma matriz procriadora! — lamuriou Sondra. — Fica longe de mim! — Ela tentou bater nele, mas foi prensada contra a parede, contra a geladeira, contra *qualquer coisa* que tornasse sua fuga impossível. Quando as mãos dele deslizaram por seus seios e os envolveram, então começando a massageá-los, aliviando o arrepio de seu próprio toque, ela quis berrar ao pressionar seu quadril contra o dele involuntariamente, e seus dedos se emaranharam nos pesados cachos de cabelo dele para puxá-lo para mais perto.

— *Posso deixá-la quente outra vez, meu bem. Posso preenchê-la. Com sangue...*

Os dentes dele, tão afiados e molhados, raspam a extensão da linha de seu pescoço, enviando uma pontada de prazer ao recôndito mais profundo do estômago dela.

— *...e fogo.*

Em resposta, amaldiçoando a si mesma o tempo inteiro, ela começou a arrancar as roupas dele, desesperada para sentir sua carne invernal contra o calor dela, estremeando com a necessidade de apagar o fogo que havia surgido dentro dela. Sondra gritou quando ele a tomou ali, em pé, contra o armário da cozinha, então gritou novamente quando gozou e se lembrou de que nem mesmo sabia o primeiro nome dele.

— Nicholas irá atrás de você — disse Sondra desajeitadamente. Era a primeira vez que ela dizia o nome do outro em voz alta desde aquela noite, há dezesseis meses, quando ele havia possuído seu corpo e sua mente pela primeira vez, numa cama em um porão a mais de oito mil quilômetros dali. Talvez ela merecesse tudo aquilo por ter deixado ele enfeitiçá-la tão facilmente naquela época, permitindo que ele a abordasse num bar e a encantasse para que o seguisse docilmente para seu *loft* com janelas enormes e uma imensa cama com lençóis negros. Mas como ela tinha sofrido por sua fraqueza! Ela devia ter sido mais forte naquela noite e devia ter sido mais forte nesta. Entretanto, ela não era coisa alguma para Nicholas ou Walters; uma pobre pena, usada e esfarrapada, soprada loucamente ao vento de suas ânsias. — Ele pode até matar você.

O frio fazia suas palavras saírem arrastadas, suas pernas ainda grudentas com o testemunho da cópula. Os azulejos foscos do chão da cozinha sob sua pele nua estavam gelados, o frio fora de época do exterior se infiltrando pela fundação de concreto e se arrastando por seus membros e sua lombar. Ela queria se mexer, levantar e se embrulhar em algo quente até sentir o sangue pulsar novamente em suas veias, mas Walters a havia envolvido por trás com suas pernas e braços, como uma aranha gigante sugando a essência de sua succulenta presa. Até as baratas haviam sumido, fugido de seu caçador muito superior.

— Nicholas só quer ver as filhas dele — disse Walters, em meio ao cabelo dela. Seus lábios se esfregavam contra os fios, sua língua se estendendo aqui e ali para prová-los. — Se permitir a ele uma mera visita ocasional, todos vão ser mais felizes. A mente dele é... mais jovem, mais volúvel. Falta a ele experiência de vida, e as bebês se mostrarão arrebatadoras para ele... duvido até mesmo que ele fique. Em vez de você pular de um lugar para o outro, feito uma lebre assustada com suas crias, forçando-o a segui-las e chamando a polícia toda vez que ele se aproxima demais. Mas não sou tão tolo ou irresponsável quanto meu irmão Nicholas, meu amor.

— Como assim, *irmão*? Do que está falando? — Em pânico ao se dar conta de que ele sabia que seu perseguidor, na verdade, era o pai das gêmeas, Sondra tentou escapar do abraço de Walters e encará-lo, mas o braço sobre seu esterno estava apertado como uma tira de aço. Frustrada, ela começou a chutar os pés dele, e a mão livre de Walters afundou entre as pernas de Sondra e a acariciou; por trás da coluna dela, ele começou a se enrijecer novamente e plantou seu quadril contra o dela, começando a se balançar. Arfando de vergonha e prazer, as mãos dela agarraram os joelhos dele enquanto suas pernas se abriam, e ela se arqueou para encontrar os dedos dele. Ela esqueceu o chão gelado da cozinha, as baratas sumidas e basicamente tudo o mais enquanto Walters a devassava e a preparava, enfim, erguendo todo o corpo dela sem esforço, acomodando-o no dele. Para além do orgasmo latejando em seus sentidos, Sondra ainda conseguiu fazer sua pergunta, com a voz estrangulada. — Como assim?

— Achei que estivesse claro — disse Walters. A voz dele havia se aprofundado no familiar rosnado sexual e ele rolou para a frente com ela, ainda unidos, até que Sondra estava de joelhos por baixo dele. Uma de suas mãos enormes deslizou por baixo do braço esquerdo dela e envolveu sua garganta; ele não a estrangulou — isso, nunca — apenas a apertou o bastante para sentir o fluxo quente de seu pulso pela artéria, tão próxima de seus dedos mortais. A sensação do sangue dela o excitou ainda mais e ele se afundou mais nela, fazendo-a gritar de surpresa e pelo êxtase descontrolado. Seu outro braço serpenteou pelo quadril dela e a ergueu até que seus joelhos claramente não tocassem mais o chão e ela pendesse do corpo dele com apenas suas mãos fechadas, impedindo que seu rosto batesse nos azulejos. Sacolejando frouxamente no ar enquanto ele a fodia como se fosse algum tipo de boneca inflável, Sondra teria ficado furiosa, não fosse a sensibilidade em sua voz sombria e as convulsões de arrebatamento que a envolviam. As palavras em seu ouvido eram como veludo incrustado de gelo, com a boca dele roçando a junção macia entre seu pescoço e seu ombro, deixando um

arranhão com um leve filete de sangue para ele sugar com a avidez de uma criança.

— *Lembra do que eu disse, Sondra? Você é uma entre milhões, capaz de fazer algo que devia ser valorizado. E eu farei exatamente isso. Vou exaltá-la e colocá-la acima de todo o resto, para sempre.*

Sondra não sabia se haviam sido as palavras seguintes e o modo como ele levou a mão de sua garganta para acariciar sua barriga, seu último e ondulante orgasmo ou sua sanidade indo embora, que a fizeram guinchar quando ele gozou e a preencheu com o líquido resplandecente, frio e raiado de sangue e paixão.

— *Diferente de meu irmão gêmeo Nicholas, estarei com você a cada momento em que estiver carregando meus preciosos filhos e quando os trouxer a este mundo.*

LUELLA MILLER

Mary E. Wilkins-Freeman

Mary Eleanor Wilkins (1852-1930) nasceu em Randolph, Massachusetts. Seu marido, o Dr. Charles Manning Freeman, era um alcoólatra que foi internado em um sanatório estadual em 1920, onde morreu, três anos depois.

Tendo feito sua estreia em 1881, com uma balada para crianças, seus poemas e contos apareceram em uma série de publicações. Integrante do movimento regionalista das “facetas locais” na ficção norte-americana, ela escreveu doze romances, incluindo *Jane Field* (1892), *The Shoulders of Atlas* (1908) e *The Butterfly House* (1912); alguns dos seus mais de 200 contos foram reunidos em *A Humble Romance and Other Stories* (1887), *A New England Nun and Other Stories* (1891) e *The Best Stories of Mary E. Wilkins* (1927). Em abril de 1926, a autora recebeu a Medalha de Ouro William Dean Howells de Ficção, concedida pela Academia Americana de Letras.

Durante a vida da autora, apenas seis das suas histórias sobrenaturais foram reunidas em uma coletânea, *The Wind in the Rose-Bush and Other Stories of the Supernatural* (1903). A coletânea da editora Arkham House, *Collected Ghost Stories*, adicionou a essas outras cinco.

Nos anos 1970, uma de suas histórias mais famosas foi adaptada para o episódio *Certas Sombras na Parede*, da série de TV *Galeria do Terror*, de Rod Serling. É uma pena que ninguém ainda tenha tentado filmar o clássico conto de vampiros a seguir...

PERTO DA rua do vilarejo, ficava a casa térrea na qual Luella Miller, que tinha um nome agourento na vila, havia morado. Ela estava morta há anos, embora houvesse aqueles no povoado que, a despeito da maior clareza trazida pela perspectiva privilegiada de um perigo há muito no passado, acreditavam em parte numa história que haviam escutado na infância. Em seus corações, embora eles mal pudessem admiti-lo, havia sobrevivido o horror desenfreado e o medo frenético de seus ancestrais que viveram na mesma época em que Luella Miller. Os jovens até estremeciam ao encarar a velha casa quando passavam por ela, e as crianças nunca brincavam em suas proximidades, como era de seu feitio diante de uma construção desocupada. Nenhuma janela na velha casa dos Miller estava quebrada: as vidraças refletiam a luz do sol da manhã em porções de esmeralda e azul, e o ferrolho da porta da frente, caindo aos pedaços, nunca havia sido erguido, embora nenhuma tranca o prendesse. Desde que Luella Miller fora carregada para fora dela, a casa não tivera moradores, exceto uma velha alma desamparada que não tinha escolha além daquilo ou o remoto abrigo do céu aberto. Essa velha mulher, que vivera mais que sua família e seus amigos, morou na casa por uma semana, então, certa manhã, nenhuma fumaça saiu da chaminé e um grupo de vizinhos, em vinte, entrou e a encontrou morta na cama. Sussurros funestos davam conta da causa da morte e houve aqueles que deram testemunho de uma expressão de medo tão pronunciada que deixava nítida no rosto sem vida a condição da alma em sua partida. A velha era sadia e vigorosa quando adentrou a casa e, em sete dias, estava morta; parecia ter sido vítima de algum poder misterioso. No púlpito, o pastor pregou com velada severidade contra o pecado da superstição; ainda assim, a crendice prevaleceu. Qualquer alma no vilarejo teria escolhido o asilo de indigentes em vez daquela morada. Nenhum errante, se ouvisse a história, buscaria abrigo sob aquele velho teto, profano há quase meio século pelo medo supersticioso.

Havia apenas uma pessoa no vilarejo que, de fato, havia conhecido Luella Miller. Essa pessoa era uma mulher já com bem mais de 80 anos,

mas um colosso de vitalidade e jovialidade inextinta. Direta como uma flecha, com a energia de uma seta recém-disparada pelo arco da vida, ela caminhava pelas ruas e sempre ia à igreja, fizesse chuva ou sol. Nunca havia se casado e vivera sozinha por anos em uma casa do outro lado da rua, de frente para a de Luella Miller. Essa mulher nada tinha da tagarelice comum à idade, mas nunca em toda a sua vida tinha contido a língua pela vontade de ninguém, exceto a sua própria, e nunca se furtara à verdade quando instada a apresentá-la. Era ela quem oferecia testemunho da vida, do mal, embora talvez consciente ou deliberadamente, de Luella Miller e seu aspecto pessoal. Quando essa velha mulher falava — e ela tinha o dom da descrição, embora seus pensamentos fossem revestidos pelo rude vernáculo de seu vilarejo nativo — era quase possível ver Luella Miller como ela realmente era. De acordo com essa mulher, que atendia por Lydia Anderson, Luella Miller fora uma beldade de um tipo um tanto incomum na Nova Inglaterra. Ela havia sido uma criatura de tipo delgado e dócil, tão propensa a vergar-se intensamente ao destino quanto era inquebrável feito um salgueiro. Seus longos cabelos eram loiros e brilhantes, e usava num coque frouxo ao redor do rosto alongado e adorável. Ela tinha olhos azuis, plenos de uma branda súplica, mãos pequenas, esguias e tenazes, e uma admirável graciosidade em movimentos e atitudes.

— Luella Miller costumava sentar de um jeito que ninguém mais conseguia, mesmo que sentassem e a estudassem por semanas a fio — disse Lydia Anderson —, e vê-la caminhar era uma visão e tanto. Se algum daqueles salgueiros ali na beira do riacho pudesse começar a se mexer, levantar as raízes do chão e sair andando, seria da mesma forma que Luella Miller costumava fazer. Ela também tinha um vestido de tafetá verde que costumava usar, um chapéu com laços de fita verde e um véu de renda balançando na frente do rosto e caindo pelos lados, fora outra fita verde esvoaçando na cintura. Foi assim que ela saiu de noiva¹⁹ quando se casou com Erastus Miller. O nome dela de solteira era Hill. Ela sempre teve bastante “l” no nome, casada ou solteira. Erastus Miller também era bonito, mais bonito que Luella. Às vezes, eu pensava que

Luella nem era tão bonita, no fim das contas. Erastus praticamente a venerava. Eu o conhecia muito bem. Era meu vizinho de porta e a gente ia à escola juntos. O povo costumava dizer que ele estava me esperando, mas não. Nunca achei isso, só uma ou duas vezes em que ele disse coisas que certas garotas poderiam pensar que significavam alguma coisa. Isso foi antes da Luella aparecer para lecionar na escola do distrito. Foi engraçado como ela chegou a fazer isso, porque o povo dizia que Luella não tinha ensino algum, e que uma das garotas maiores, Lottie Henderson, costumava dar todas as aulas por ela, enquanto ela ficava lá sentada, fazendo bordado num lenço de cambraia para bolso. Lottie Henderson era uma jovem inteligente de verdade, uma estudante esplêndida, e caiu de amores por Luella, como todas as outras garotas. Lottie teria sido uma mulher bem inteligente, mas morreu quando Luella estava aqui há mais ou menos um ano... Simplesmente murchou e morreu: ninguém soube que mal deu nela. Ela se arrastava até aquela escola e ajudou Luella até o último dos minutos. O comitê todo sabia que Luella em si não trabalhava muito, mas fazia vista grossa. Não foi muito depois da morte da Lottie que Erastus se casou com ela. Sempre achei que ele tinha apressado as coisas porque ela não servia para ensinar. Um dos garotos maiores costumava ajudá-la depois que Lottie morreu, mas ele não tinha muita governança e a escola não ia muito bem; Luella teria que desistir, porque o comitê não poderia fechar os olhos muito mais tempo. O garoto que a ajudou era o tipo de sujeito honesto e inocente, e um bom aluno também. O povo dizia que ele estudava demais e foi por isso que ficou maluco no ano seguinte ao casamento de Luella, mas eu não sei, não. E não sei o que fez o sangue do Erastus enfraquecer no ano depois do casamento dele: não era coisa da família dele ter sangue fraco. Ele foi ficando mais e mais abatido, se desdobrava tentando fazer o trabalho para Luella e falava bem baixo, feito um velho. Ele se esforçou terrivelmente até o fim, tentando fazer um pé de meia para deixar para Luella. Eu o via lá fora na pior das tempestades, num trenó de madeira... Ele costumava cortar e vender madeira... E ficava todo curvado em cima do trenó, parecendo mais

morto do que vivo. Uma vez, não me aguentei: fui até ele e o ajudei a jogar um pouco de madeira na carreta... Sempre tive força nos braços. Eu não parei, por mais que mandasse, e acho que ele ficou bem agradecido pela ajuda. Isso foi só uma semana antes de ele morrer. Caiu no chão da cozinha enquanto tomava café da manhã. Ele sempre fazia o café e deixava Luella ficar deitada. Era ele quem varria, lavava e passava as roupas, e quase sempre era quem cozinhava. Ele não aceitava que Luella levantasse um dedo e ela o deixava fazer tudo. Se considerar todo o trabalho que ela desempenhava, Luella vivia feito uma rainha. Não fazia nem as próprias costuras. Dizia que costurar dava dor nos ombros e a pobre Lily, irmã do Erastus, costumava costurar de tudo. Lily também não aguentava; nunca foi muito boa das costas, mas costurava muito bem. E tinha que costurar para agradar Luella... Ela era terrivelmente exigente. Nunca vi nada parecido com o ponto de creta e o embainhado que Lily Miller fazia para Luella. Ela fez toda a roupa de casamento da Luella, e aquele vestido de seda verde, depois que Maria Babbit fez o corte. Maria cortou sem cobrar coisa alguma, e cortou muitos outros, além de ajustá-los para Luella sem cobrar coisa alguma também. Lily Miller foi morar com Luella depois que Erastus morreu. Largou a própria casa, mesmo sendo muito apegada a ela e não tendo um pingote de medo de ficar só. Alugou a casa e foi viver com Luella logo depois do funeral.

Então, essa velha mulher, Lydia Anderson, que se lembrava de Luella Miller, passava a relatar a história de Lily Miller. Ao que parece, foi com a mudança de Lily Miller para a casa de seu falecido irmão, para viver com a viúva dele, que teve início o falatório do povo do vilarejo. Essa Lily Miller mal havia passado da flor da idade e era uma mulher robusta e vigorosa, de faces rosadas, com cachos de um cabelo forte e negro, sombreando suas têmporas cândidas e rotundas e seus brilhantes olhos escuros. Não tendo passado nem seis meses desde que fora viver com sua cunhada, sua coloração rosada se desvaneceu e suas belas curvas se tornaram ocas. Sombras brancas começaram a se mostrar nos anéis negros de seu cabelo e a luz de seus olhos morreu, suas feições se

alongaram e havia linhas patéticas em sua boca, que ainda possuía uma expressão de absoluta doçura e até felicidade. Ela era devotada à sua cunhada; não havia dúvidas de que ela a amava de todo coração e estava perfeitamente contente de lhe oferecer seus préstimos. Sua única ansiedade era a possibilidade de morrer e deixá-la sozinha.

— O jeito que Lily Miller costumava falar da Luella era o bastante para deixar a pessoa com raiva e fazê-la chorar — disse Lydia Anderson. — Eu estive lá algumas vezes perto dos últimos momentos, quando ela estava frágil demais pra cozinhar, e levava pra ela um pouco de manjar branco ou creme de ovos... algo que achava que ela podia gostar... e ela me agradecia, quando eu perguntava como ela estava dizia que melhor do que no dia anterior e me perguntava se eu não achava que ela parecia melhor, um pavor de lamentável, e falava que a pobre Luella tinha passado maus bocados cuidando dela e fazendo todo o trabalho... ela não tinha força pra fazer nada... enquanto o tempo todo Luella não levantava um dedo, a pobre Lily não recebia cuidado algum, tirando quando os vizinhos cuidavam dela, e Luella comia tudo que levavam para Lily. Ponho minha mão no fogo que ela comia. Luella só sentava, chorava e não fazia nada. Ela demonstrava mesmo muito carinho por Lily e era evidente que também sofreu uma perda considerável. Teve quem achasse que ela ia definhando junto. Mas, depois que Lily morreu, veio sua tia, Abby Mixter, e então Luella se recuperou e ficou mais gorda e rosada do que nunca. Mas a pobre Tia Abby começou a se prostrar do mesmo jeito que Lily, e acho que alguém escreveu para a filha casada dela, a Sra. Sam Abbot, que morava em Barre, porque ela escreveu para a mãe dizendo que partisse imediatamente para visitá-la, mas a Tia Abby não ia. Até vejo ela agora, era uma mulher realmente bonita, alta e corpulenta, com um rosto grande e quadrado com uma testa alta, e o rosto em si já parecia bom e benevolente. Tia Abby simplesmente se dedicou a Luella como se ela fosse um bebê, e quando sua filha casada mandou buscá-la, Abby não se moveu nem um centímetro. Abby também sempre teve grande consideração pela filha, mas disse que Luella precisava dela, e sua filha casada não. A filha mandava cartas e

mais cartas, mas não adiantava nada. No fim das contas, ela veio para cá e, quando viu como sua mãe estava mal, se acabou de chorar e só faltou pedir de joelhos para a mãe ir embora com ela. Ela também abriu o verbo para Luella. Disse que ela matou o marido, que matava todos que se envolviam com ela, e que agradeceria se deixasse sua mãe em paz. Luella ficou histérica e Tia Abby ficou tão assustada que me chamou depois que a filha se foi. A Sra. Sam Abbot também foi embora aos prantos na charrete, os vizinhos ouviram, e com toda razão, pois ela nunca mais viu a mãe com vida. Eu fui lá naquela noite, quando Tia Abby me chamou, de pé na porta com seu pequeno xale verde axadrezado por sobre a cabeça. Até vejo ela agora. “Venha aqui, Srta. Anderson”, ela disse alto, respirando meio ofegante. Eu não parei para nada. Me ajeitei o mais rápido que pude e, assim que cheguei, lá estava Luella, rindo e chorando ao mesmo tempo, e Tia Abby tentando fazê-la ficar calada. Naquela hora, Abby estava branca feito um lençol e tremia tanto que mal se aguentava em pé. “Pelo amor de Cristo, Sra. Mixter”, disse eu, “A senhora parece pior que ela. Não era nem para a senhora estar de pé fora da cama”.

— “Ah, não há nada de grave comigo”, ela disse. Daí começou a falar com Luella. “Pronto, pronto, não, não, minha pobre ovelhinha”, ela disse. “A Tia Abby está aqui. Ela não vai deixá-la. Não, minha pobre ovelhinha.”

— “A senhora deixe ela comigo e volte pra cama, Sra. Mixter”, eu disse, porque Tia Abby andava consideravelmente acamada nos últimos tempos, mesmo que de algum modo conseguisse fazer o trabalho.

— “Eu estou muito bem”, ela respondeu. “Não acha que é melhor ela ir ao médico, Srta. Anderson?”

— “O médico?”, disse eu, “Acho que é melhor a senhora ir pro médico. Acho que a senhora precisa dele muito mais do que certas pessoas que eu poderia mencionar.” E olhei direto pra Luella Miller rindo e chorando e agindo como se fosse o centro de toda a Criação. O tempo todo em que ela agia assim... parecia como se ela estivesse doente

demais pra perceber qualquer coisa... ela ficava vigiando bem atenta com o canto do olho, vendo como a gente aceitava aquilo. Eu sei quem ela é. Ninguém nunca poderia me enganar sobre Luella Miller. No fim, fiquei braba de verdade e corri pra casa, peguei uma garrafa de valeriana que tinha e derramei um pouco de água fervente num punhado de erva-gateira, daí misturei esse chá com um pouco mais da metade de uma taça de valeriana e levei aquilo pra Luella. Fui marchando direto até Luella, segurando aquela xícara toda fumegante. “Agora, Luella Miller”, disse eu, “*você engula isso!*”

— “O que é... o que é isso, ah, o que é isso?”, meio que ganiu. Depois, ela se estourou de rir; tanto que podia morrer.

— “Pobre ovelhinha, pobre ovelhinha”, a Tia Abby disse, de pé do lado dela, toda cambaleante, tentando banhar a cabeça dela com cânfora.

— “*Engula isso agora*”, eu disse. E não tive a menor cerimônia. Segurei o queixo da Luella Miller e virei a cabeça dela para trás, peguei sua boca aberta numa risada, botei a xícara na boca dela e gritei muito: “Engula, engula, engula!” e ela botou tudo pra dentro. Foi obrigada e acho que fez bem a ela. Enfim, parou de chorar e dar risada e me deixou botá-la na cama, e, em meia hora, dormia feito um bebê. Foi mais do que a pobre Tia Abby conseguiu fazer. Ela passou a noite inteira acordada e eu fiquei lá com ela, mesmo tentando me dispensar; ela disse que não estava tão doente para precisar de vigia. Mas eu fiquei e fiz um bom mingau de milho e, de vez em quando, dava a ela uma colherinha, a noite inteira. Me parecia que ela estava simplesmente morrendo de exaustão. De manhã, assim que a luz apareceu, fui correndo até os Bisbee e mandei Johnny Bisbee procurar o médico. Eu disse a ele para mandar o doutor correr e ele veio bem rápido. A pobre Tia Abby não parecia ter muito entendimento das coisas quando ele chegou. Mal dava pra dizer que ela respirava de tão fatigada. Quando o doutor foi embora, Luella entrou no quarto parecendo um bebê com sua camisola de babados. Até vejo ela agora. Os olhos bem azuis e o rosto todo rosa e

branco feito uma flor, ela olhou pra Tia Abby na cama, meio inocente e surpresa.

— “Ora, Tia Abby não levantou ainda?”, ela perguntou.

— “Não, ainda não”, eu disse curta e grossa.

— “Achei mesmo que não tinha sentido o cheiro do café”, Luella comentou.

— “Café”, eu disse. “Acho que se quiser café hoje de manhã, você mesma vai ter que fazer.”

— “Eu nunca fiz o café em toda minha vida”, ela afirmou, um pavor de admirada. “Erastus sempre fez o café quando estava vivo e depois Lily fazia, depois Tia Abby fazia. Não creio que eu *consiga* fazer o café, Srta. Anderson.”

— “Pode fazer ou ficar sem, você quem sabe”, eu falei.

— “Tia Abby não vai levantar?”, ela perguntou.

— “Acho que ela não vai levantar”, eu disse, “do jeito que está doente.” Eu estava ficando mais e mais furiosa. Tinha algo naquela coisa rosa e branca ali, de pé, falando sobre café da manhã, depois de matar tanta gente melhor do que ela, e ainda tinha acabado de matar outra, que quase fazia eu querer que aparecesse alguém e matasse ela antes que ela pudesse fazer mais mal.

— “Tia Abby está doente?”, Luella perguntou, como se estivesse meio ofendida e magoada. “Sim”, eu disse, “ela está doente e vai morrer, daí você vai ficar só e vai ter que fazer seu trabalho ou ficar sem as coisas.” Sei não, fui meio dura, mas era verdade e se fui mais dura do que Luella Miller tinha sido, então eu desisto. Nunca me arrependi de ter dito isso. Bom, Luella se armou e ficou histérica de novo quando ouviu isso, e eu só a deixei dar o seu ataque. Tudo que fiz foi enfiá-la no quarto no outro lado da entrada, onde Tia Abby não a ouvisse, se é que a essa altura ainda podia ouvir... Sei não, mas não podia... e sentei ela com força numa poltrona e disse para ela não voltar ao outro quarto e ela obedeceu. Ela esperneou ali até cansar. Quando descobriu que ninguém ia até lá para mimar e cuidar dela, ela parou. Pelo menos, acho que

parou. Eu já estava fazendo tudo que podia com a pobre Tia Abby, tentando manter o sopro da vida nela. O doutor disse que ela estava um pavor de fraca e me deu algum remédio bem forte para dar as gotas a ela o tempo todo, e me foi bem detalhista sobre a alimentação. Bom, eu fiz como ele mandou bem direitinho, até ela não conseguir mais engolir. Daí, mandei chamar a sua filha. Comecei a perceber que ela não ia mais durar muito tempo. Não tinha percebido, mesmo tendo falado daquele jeito com Luella. O médico veio, e a Sra. Sam Abbot, mas quando ela chegou lá, era tarde demais; a mãe dela estava morta. A filha da Tia Abby deu só uma olhada para a mãe, ali deitada, aí ficou meio que ríspida e brusca e olhou para mim.

— “Onde ela está?” — ela disse, e eu soube que falava de Luella.

— “Na cozinha”, eu respondi. “Ela é muito nervosa para ver gente morrendo. Tem medo de passar mal.”

— Aí o doutor falou. Ele era jovem. O velho Dr. Park tinha morrido no ano anterior e esse jovem tinha acabado de sair da faculdade. “A Sra. Miller não é forte”, ele disse, meio severo, “e está muito certa em não se agitar.” *Meu jovem, você é mais um em quem ela botou as garras*, pensei, mas não disse nada a ele. Só falei para a Sra. Sam Abbot que Luella estava na cozinha e a Sra. Sam Abbot foi para lá e eu nunca ouvi nada igual ao jeito que ela falou com Luella Miller. Eu mesma senti que tinha sido bem dura com Luella, mas aquilo foi muito mais do que eu ousaria dizer. Luella ficou assustada demais para ficar histérica. Ela só se prostrou. Parecia que tinha se encolhido até sumir naquela cadeira na cozinha, com a Sra. Sam Abbot falando na frente dela, dizendo verdades. Acho que a verdade foi demais para ela e sem engano, porque Luella logo em seguida realmente desmaiou, e não era engabelação nenhuma, como eu sempre achei que fosse a histeria dela. Ela caiu apagada e a gente teve que deitá-la no chão, e o doutor veio correndo e disse algo sobre um coração fraco, um pavor de encarniçado com a Sra. Sam Abbot, mas ela não estava nem um tico assustada. Ela o encarou

tão pálida quanto Luella deitada ali, com cara de morta, e o doutor media o pulso dela.

— “Coração fraco”, ela disse, “Coração fraco uma pinoia! Não há nada de fraco nessa mulher. Ela tem força o suficiente para se pendurar nas outras pessoas até matá-las. Fraca? A pobre da minha mãe é quem era fraca: essa mulher a matou, tão certo quanto o teria feito se a atravessasse com uma faca.”

— Mas o doutor nem deu muita atenção. Ele estava curvado sobre a Luella deitada lá, com o cabelo loiro todo espalhado e aquele rosto rosa e branco todo pálido, os seus olhos azuis feito estrelas apagadas, e ele segurava na sua mão e alisava a sua testa, me dizendo para pegar o conhaque no quarto da Tia Abby; e eu tinha a maior certeza do mundo que Luella tinha arrumado outra pessoa para se pendurar, agora que Tia Abby tinha morrido, e pensei no Erastus Miller e meio que tive pena do pobre jovem doutor, iludido por um rosto bonito, e decidi que veria o que podia fazer.

— Eu esperei até Tia Abby estar morta e enterrada por um mês, o doutor passar a visitar Luella regularmente e o pessoal começar a falar; então, uma noite, quando sabia que o doutor tinha sido chamado fora da cidade e não estaria por perto, fui até a casa da Luella. Eu a encontrei toda vestida de musseline azul com bolinhas brancas, com o cabelo ondulado tão bonito quanto, e não tinha uma jovem ali que se comparasse a ela. Havia alguma coisa na Luella Miller que parecia tocar direto o seu coração, mas não foi direto para o *meu*. Ela estava na cadeira de balanço, na janela da sala de estar, e Maria Brown tinha ido para casa. Maria Brown tinha começado a ajudá-la, aliás, a fazer o trabalho por ela, porque não tinha como ajudar Luella se ela não fazia nada. Maria Brown era capaz de verdade e não tinha laços com ninguém; não era casada e vivia sozinha, então, se ofereceu. Eu não via como ela podia ser melhor pro trabalho do que Luella; ela não era muito forte, mas parecia achar que dava conta, e Luella parecia que também achava, então, ela ia até lá e fazia todo o trabalho... Lavava, passava e

cozinhas, enquanto Luella sentava e se balançava. Maria não viveu muito depois disso. Ela começou a ficar fraca do mesmo jeito que os outros. Bom, ela foi avisada, mas ficava muito braba quando o povo dizia qualquer coisa: ela dizia que Luella era uma pobre mulher maltratada, delicada demais para se manter, e que eles deviam ter vergonha, e que se fosse pra morrer cuidando de quem não podia se cuidar, que morresse... e morreu.

— “Parece que Maria já foi pra casa”, eu disse a Luella, quando entrei e me sentei de frente para ela.

— “Sim, Maria já se foi há meia hora, após jantar e lavar os pratos”, disse Luella, do jeito bonito dela.

— “Creio que ela tenha um monte de trabalho pra fazer na própria casa esta noite”, eu disse, meio amarga, mas para Luella Miller isso entrou por um ouvido e saiu pelo outro. A ela parecia certo ser servida pelo povo, que não era nem um pouco mais capaz do que ela própria, e não lhe entrava na cabeça que alguém achasse que *não era* certo.

— “Sim”, comentou Luella, muito doce e bela, “sim, ela disse que precisava lavar a roupa dela esta noite. Ela vinha adiando há duas semanas porque estava vindo para cá.”

— “Por que ela não fica em casa e lava as roupas dela em vez de vir aqui pra fazer o *seu* trabalho, quando você é tão capaz de fazer quanto ela, quem sabe até bem mais?”, eu perguntei.

— Aí, Luella me olhou como se fosse um bebê e eu balançasse um chocalho junto dela. Ela meio que riu, tão inocente quanto você possa imaginar. “Ah, não posso fazer o trabalho eu mesma, Sra. Anderson”, ela disse. “Eu nunca fiz. Maria *tem* que fazer.”

— Aí, eu fui franca: “Tem que fazer!”, eu disse. “Tem que fazer! Ela não tem que fazer coisa alguma. Maria Brown tem a própria casa e a vida para levar. Ela não tem a obrigação de vir aqui e se matar servindo de escrava sua.” Luella simplesmente olhou para mim do mesmo jeito que uma bonequinha que, de tão maltratada, estava ganhando vida. “Sim”, eu disse, “ela está se matando. Ela vai morrer, assim como

Erastus morreu, e Lily e sua Tia Abby. Você a está matando assim como matou eles. Eu não sei o que há com você, mas parece que traz alguma maldição. Você mata todo mundo que é tolo o suficiente pra lhe dar um pingão de importância e fazer algo por você.”

— Ela me encarou e ficou bem pálida. “E Maria não é a única que você vai matar”, prossegui. “Você vai matar o doutor Malcom antes de se faltar dele.”

— Daí, um vermelho foi incendiando todo o rosto dela. — “Eu não vou matá-lo também”, ela disse e começou a chorar.

— “Vai, *sim!*”, eu disse. Daí, falei como nunca tinha falado. Sabe, eu fiquei assim por causa do Erastus. Eu disse a ela que não tinha nada que pensar em outro homem depois de ter sido casada com um que tinha morrido por ela: que ela era um pavor de mulher; e ela era, isso é bem verdade, mas, às vezes, eu me perguntei depois se ela sabia disso... se ela não era feito um bebê com uma tesoura na mão, cortando todo mundo sem saber o que estava fazendo.

— Luella foi ficando mais e mais pálida, e nunca tirou os olhos do meu rosto. Tinha alguma coisa terrível no jeito que ela olhava pra mim e não dizia uma palavra. Depois de um tempo, eu parei de falar e fui para casa. Fiquei vigiando naquela noite, mas a luz dela se apagou às nove da noite, e quando o doutor Malcom passou de carro por lá e diminuiu a velocidade, ele viu que não tinha luz nenhuma e passou direto. Eu a vi meio que sair de fininho do culto no domingo seguinte também, então ele não devia ir para casa com ela e comecei a pensar que talvez ela tivesse um pouco de consciência, afinal. Foi só uma semana depois disso que Maria Brown morreu... meio que de repente, no fim, apesar de todo mundo já esperar. Bom, então houve um bocado de sentimentos e mexericos bem sinistros. O povo dizia que os dias de bruxaria tinham voltado e estava bem desconfiado da Luella. Ela passou a tratar o doutor de maneira distante e ele deixou de ir lá, e não tinha ninguém pra fazer nada por ela. Eu não sei *como* sobrevivia. Eu que não iria lá oferecer ajuda para ela... não porque tinha medo de morrer como o resto, mas

achava que ela era tão capaz de fazer o próprio trabalho quanto eu era de fazer por ela, e achei que já era hora de ela fazer e parar de matar outras pessoas. Mas não demorou muito até o povo começar a dizer que a própria Luella estava definhando igual ao marido dela, Lily e a Tia Abby tinham definhado, e eu mesma vi que ela parecia estar bem mal. Eu costumava vê-la voltar da bodega com um fardo, como se mal pudesse rastejar, mas eu me lembro de como Erastus cuidava do trabalho quando mal conseguia pôr um pé na frente do outro, e portanto, não saí para ajudar. Enfim, numa tarde, eu vi o doutor chegar feito louco com sua maleta de remédios e a Sra. Babbit veio depois do jantar dizer que Luella estava realmente doente.

— “Eu me ofereceria pra entrar e cuidar dela”, ela disse, “mas tenho que pensar nos meus meninos e talvez nem seja verdade o que dizem, mas é esquisito esse povo todo que fez coisas por ela ter morrido.”

— Eu não disse nada, mas levei em conta que ela tinha sido esposa do Erastus e como ele só tinha olhos para ela, e decidi que ia até lá na manhã seguinte, a menos que ela melhorasse, para ver o que eu podia fazer; mas, na manhã seguinte, eu a vi na janela e, logo em seguida, ela saiu, tão lépida quanto você possa imaginar, e pouco depois a Sra. Babbit veio e me contou que o doutor tinha arrumado uma garota da cidade, uma tal Sarah Jones, para ir lá, e afirmou que tinha certeza de que o doutor se casaria com Luella.

— Eu mesma o vi beijando-a na porta naquela noite e soube que era verdade. A mulher apareceu naquela tarde e o jeito como ela cabriolava pela casa era um aviso. Não acredito que Luella tivesse pegado numa vassoura desde a morte de Maria. Sarah varreu e espanou, lavou e passou; roupas molhadas, espanadores e carpetes iam para lá e para cá o dia todo, e, toda vez que Luella botava o pé para fora sem a presença do doutor, lá estava Sarah Jones ajudando ela para cima e para baixo dos degraus, como se ela nunca tivesse aprendido a andar. Bom, todos sabiam que Luella e o doutor iam se casar, mas não demorou muito até

começarem a falar maledicências deles, igual tinham feito com os outros; e falavam de Sarah Jones também.

— Bom, o doutor morreu, ele queria casar primeiro para poder deixar o pouco que tinha a Luella, mas morreu antes de o pastor conseguir chegar lá, e Sarah Jones morreu uma semana depois.

— Aquela foi a pá de cal para Luella Miller. Nenhuma outra alma na cidade inteira levantaria um dedo por ela. Devia haver um certo pânico. Daí ela foi esmorecendo que saltava aos olhos. Luella costumava ela mesma ir à bodega, porque a Sra. Babbit tinha medo de deixar Tommy ir por ela, e eu a via parar a cada dois ou três passos para descansar. Bom, eu aguentei o quanto pude, mas um dia eu a vi andando com os braços cheios e parando para se escorar na cerca da Babbit, daí saí correndo, peguei os fardos e levei até a casa dela. Depois, fui para casa e nunca mais disse uma palavra a ela, apesar de ela ter me chamado, um pavor de tão lamentável. Bom, naquela noite, eu caí doente com febre e fiquei tão doente quanto era possível por duas semanas. A Sra. Babbit tinha me visto correr para ajudar Luella e então veio e me disse que eu ia morrer por causa disso. Eu não sabia se ia ou não, mas ponderei que tinha feito o certo pela esposa do Erastus.

— Essas duas semanas que se passaram, acho que foram um pavor para Luella. Ela ficou bem doente e, até onde eu podia saber, ninguém ousava chegar perto dela. Não sei se ela estava mesmo precisando muito de alguma coisa, pois tinha bastante comida na casa dela, o tempo estava quente e ela conseguia cozinhar um pouco de mingau de farinha todo dia, isso eu sei, mas acho que foi difícil para ela, que tinha sido tão paparicada e favorecida a vida toda.

— Quando melhorei e pude sair, fui até lá certa manhã. A Sra. Babbit tinha acabado de entrar para dizer que não havia visto nenhuma fumaça lá e, não sei não, mas alguém tinha o dever de entrar, só que ela não conseguia deixar de pensar nos meninos dela. Então, eu fui, e Luella estava deitada na cama, morrendo.

— Ela durou todo aquele dia e parte da noite. Mas eu fiquei lá sentada depois que o novo doutor tinha ido embora. Ninguém mais ousou ir até lá. Era mais ou menos meia-noite quando a deixei por um minuto para correr até em casa e pegar um pouco do remédio que eu tinha tomado, pois estava começando a me sentir mal. Aquela noite era de lua cheia e, assim que saí pela minha porta pra atravessar a rua para voltar à casa da Luella, parei no ato, porque vi alguma coisa.

Lydia Anderson, a essa altura, sempre dizia com certo atrevimento que não esperava que acreditassem nela, e então continuava em uma voz sussurrada:

— Eu vi o que eu vi, e vou jurar no meu leito de morte que vi isso. Eu vi Luella Miller e Erastus Miller, e Lily e Tia Abby e Maria e o doutor e Sarah, todos saindo pela porta dela e todos, menos Luella, tinham um brilho branco debaixo da luz da lua, todos ajudando ela até parecer que ela estava de fato voando no meio deles. Então, sumiu tudo. Fiquei ali um minuto, com o coração disparado, daí fui até lá. Pensei em ir até a casa da Sra. Babbit, mas achei que ela ficaria com medo. Então, fui sozinha, mesmo sabendo o que tinha acontecido. Luella estava deitada na cama, em paz, morta.

Essa foi a história que contou Lydia Anderson, a velha senhora, mas o desfecho era contado pelas pessoas que ainda viveram após o tempo dela, e essa é a história que se tornou folclore no vilarejo.

Lydia Anderson morreu aos 87 anos. Ela permaneceu sadia e vigorosa durante todo o seu último ano, exceto por volta de duas semanas anteriores à sua morte.

Em uma noite de lua cheia, ela estava sentada ao lado de uma janela em sua sala quando fez uma súbita exclamação, saiu da casa e atravessou a rua, antes que a vizinha que tomava conta dela pudesse detê-la. Ela a seguiu o mais rápido que podia e encontrou Lydia Anderson estirada no chão diante da porta da casa deserta de Luella Miller e estava indubitavelmente morta.

Na noite seguinte, o brilho vermelho do fogo atravessou a luz da lua e a velha casa de Luella Miller queimou até virar cinzas. Agora, nada mais resta dela além de algumas velhas pedras do porão, um arbusto de lilases e, no verão, uma trilha de indefesas ipomeias por entre as ervas daninhas, que pode ser considerada a representação da própria pessoa de Luella.

[19](#). A personagem se refere a um costume de época na Nova Inglaterra, no qual, no domingo da semana seguinte ao casamento, os noivos (e, às vezes, outros de seus convidados) compareciam à celebração religiosa da comunidade utilizando os trajes da cerimônia; de acordo com a tradição, os recém-casados se levantavam durante o sermão, virando-se lentamente para exibir seus trajes. - N. da T.

SANGRE

Lisa Tuttle

Lisa Tuttle nasceu no Texas, mas viveu no Reino Unido por quase quatro décadas. Entre seus romances, estão *Windhaven* (com George R.R. Martin), *Familiar Spirit*, *Gabriel*, *Lost Futures*, *The Pillow Friend*, *The Silver Bough*, *The Mysteries* e *The Curious Affair of the Somnambulist & the Psychic Thief*, primeiro da série *Jesperson e Lane*.

Autora de vários contos, incluindo *Closet Dreams*, premiado pela International Horror Guild, sua obra já foi reunida em *A Spaceship Built of Stone and Other Stories*, *A Nest of Nightmares*, *Memories of the Body: Tales of Desire and Transformation*, *My Pathology* e *Stranger in the House*. Ela também editou as antologias *Skin of the Soul* e *Crossing the Border: Tales of Erotic Ambiguity*.

“Embora eu com frequência usasse o tema dos vampiros metaforicamente”, diz a autora, “acho que *Sangre* foi a única vez em que escrevi sobre um vampiro tradicional, bebedor de sangue...”

GLENDASAIU do chuveiro e parou diante do espelho. Seu cabelo enrolado para cima e confinado sob uma touca de banho deixava seu pescoço exposto, fazendo os olhos parecerem maiores e mais escuros.

— Está parecendo uma espanhola — disse Steve.

Ela não se virou, mas continuou encarando a si mesma no espelho; seu belo rosto, impassível.

Ele pôs as mãos em seus ombros molhados e inclinou a cabeça para beijar seu pescoço.

— Me seca — disse ela.

Ele pegou uma toalha e a secou com batidinhas delicadas e reverentes. Ela ergueu a mão e retirou a touca, deixando seu cabelo tombar, uma torrente de mel e castanho, até a cintura. A respiração dele se entrecortou.

— Qual a hora do *checkout*? — ela perguntou.

— Meio-dia.

Neste momento, ela virou-se para encará-lo:

— E depois? Quando formos embora, daqui a uma hora, e depois?

— O que você quiser. Vou levá-la pra almoçar onde quiser e depois teremos tempo pra fazer algumas compras antes que precise estar no aeroporto. O que você quiser. — Seus olhos apelavam a ela.

— O que você quiser — ela arremedou. Sua face se contorceu de raiva; ela puxou a toalha que ele ainda segurava e a enrolou ao redor de si. — Como você pode?

— Glenda...

— Não estou falando sobre hoje! Estou falando sobre depois de hoje. Quando eu voltar, vamos fingir que nada aconteceu? Vamos nos esquecer de nós? Como pode sair comigo, me comer e aí voltar correndo pra minha mãe? E que história foi essa de viagem pra Espanha? Não tá mais dando conta? Mamãe tá suspeitando?

— Querida, não. É claro que não quero você fora do caminho. Eu te amo. E amo sua mãe. Acredite, isso é difícil pra mim...

— Ah, claro que é. Só me diga uma coisa... por que eu que tenho que sair perdendo? O que vai acontecer comigo depois que você se casar com minha mãe?

— Meu bem, tente entender...

— Ah, sim, eu é quem tenho que entender e mamãe é aquela que não suspeita. Por quanto tempo você acha que isso vai durar?

— Com o tempo — ele disse, esforçando-se para ser paciente, para dar à sua voz o som da sabedoria —, com o tempo espero que nós... nós três... possamos pensar em alguma coisa. Mas isso é muito difícil. Você, você é jovem, enquanto gente como sua mãe e eu somos um tanto quanto restritos pela antiga moralidade; você consegue aceitar relações que são... mais livres... e com o tempo, talvez depois que sua mãe e eu estivermos casados, nós três possamos... — Ele vacilou e parou. A expressão dela zombava dele.

— Eu nunca menti pra você — disse ele, subitamente na defensiva, súbita e zangadamente convicto de estar fazendo papel de bobo. — Você sabia no que estava se metendo; você sabia quem eu era quando se tornou minha amante...

— Amante. — ela pronunciou a palavra com desprezo e ele captou o lampejo metálico do ódio em seu olhar. Ele tentou se recobrar, mas, antes que pudesse falar, ela balançou a cabeça impacientemente e deixou a toalha cair.

— Bem — ela disse. — Ainda temos uma hora.

Debbie abriu a boca e forçou desesperadamente um bocejo quando o avião começou a decolar. Com a pressão atmosférica começando a se estabilizar, ela virou-se para Glenda e disse, em aprovação:

— Seu padrasto é bonito.

— Steve não é meu padrasto.

— Bom, tanto faz. Eles vão se casar em breve, não vão?

— Em julho. Logo depois de eu voltar da Espanha. — Glenda recostou o rosto na janela e fechou os olhos.

— Ele parece absurdamente jovem.

Glenda deu de ombros.

— Uns poucos anos a menos que minha mãe.

Debbie baixou a cabeça de cabelos escuros sobre seu exemplar de *O Sol Também se Levanta* quando ficou óbvio que Glenda não estava com disposição para conversar. As duas brincavam juntas quando crianças e continuaram amigas até chegarem à mesma faculdade, de uma forma pouco exigente, quase superficial. Glenda mordeu o lábio.

— Olha o que ele me deu — ela disse de repente, mostrando a mão.
— Steve, quero dizer. — Era um anel de prata, muito simples, as pontas se curvando no desenho de um “S”. Havia sido feito para ela, numa loja de artesanato escura e estreita, enquanto ela observava agarrada à mão de Steve, com uma emoção que não demonstrava em seu rosto tranquilo. Debbie assentiu.

— Lindo. Ele está pagando essa viagem, não está?

— Ele insistiu. E mamãe... bom, ela está tão obcecada por ele que qualquer coisa que diga pra ela está bom.

— Eu acho ótimo — disse Debbie. — Sua mãe se casando de novo. E você gosta tanto dele também.

— Ah, somos ótimos amigos.

O quarto delas em Sevilha tinha duas camas, um chão de ladrilhos vermelhos e uma sacada com vista para La Giralda, a torre moura. Glenda foi até a sacada à noite, o calor do dia já desvanecendo do ar, e observou as andorinhas planarem pela torre, com uma aura rosa dada pelo sol que ia se pondo.

Glenda não sabia o porquê, mas ir para Sevilha depois de tantos carros e barulho da cinzenta Madrid havia lhe dado a sensação de voltar para casa. Ela conduziu Debbie (a rechonchuda Debbie, ofegando ligeiramente sob sua mochila) pelas ruas sinuosas como se algo a guiasse, chegando até o pequeno hotel e achando-o perfeito sem que isso a surpreendesse. Mas, ao mesmo tempo, ela se sentiu tonta, seu

estômago apertado pela empolgação, do modo como ela sempre se sentia naquelas raras ocasiões em que conseguia ficar a sós com Steve. À noite, a sensação de algo iminente havia se intensificado e Glenda sentia a realidade se esvaindo dela como se fosse um sonho.

Ela pôs a mão em uma das bochechas e percebeu-a atipicamente quente. Voltou-se novamente para o quarto no qual Debbie vestia uma saia.

— Já são quase oito — disse Debbie. — Acho que já é permitido sair pra jantar agora.

Glenda se sentia à deriva enquanto elas se sentaram para jantar, e pôs a culpa no vinho quando Debbie comentou sobre sua falta de atenção. As coisas estavam se esvaindo dela. Tudo parecia anormalmente claro e irreal, como se ela enxergasse uma tela em um quarto escuro e abafado.

Quando voltaram, Glenda foi direto para a cama, enquanto Debbie escrevia uma carta aos seus pais.

— Tem certeza que a luz não vai te incomodar?

— Tenho, sim. — Foi um esforço dizer essas palavras. O quarto começou a girar para longe dela, retraindo-se telescopicamente para um outro mundo, e Glenda dormiu.

Ela despertou com a boca seca. Debbie era uma protuberância escura na cama ao lado. As persianas estavam abertas e a luz da lua penetrava no quarto. Glenda sentiu-se furiosamente quente. Com parte de sua consciência, ela notou esse fato e registrou que talvez estivesse adoentada, com febre. Seu próprio corpo começou a parecer tão remoto para ela quanto tudo mais ao seu redor.

Havia alguém na sacada. Num instante, ele bloqueava a luz, no outro, ele se moveu e ela o recobriu. Sua garganta se apertou com o terror, mas sua mente disparou observações para sua consciência, tão sem emoção quanto uma máquina de escrever.

Ele usava uma capa e algum tipo de chapéu inclinado de abas largas. As botas polidas reluziam à luz do luar, e aquilo era uma espada

pendurada em sua cintura? *Don Juan?*, notou uma voz friamente entretida em seu interior. *Veio seduzir essa belezinha andaluza?*

Ah, sério?

Ele não fez movimento algum para adentrar o quarto e ela tirou disso alguma medida de coragem, o bastante para se erguer em seus cotovelos e encará-lo. Se ele notou seu movimento, não deu sinal disso. Ela então se sentou e jogou as pernas sobre a lateral da cama. O quarto se retraiu e avançou vertiginosamente antes de se assentar em sua forma distante e irreal, mas pelo menos estável.

Ele estava esperando por ela na sacada. Ela abriu a boca para falar, para acabar com a piada, para fazê-lo saber que ela estava acordada e que, talvez, ele tivesse ido para a janela errada. Mas falar parecia uma profanação, uma iniciativa monumental da qual ela não era capaz. Ele abriu seus braços para ela, aquela figura encapuzada, seu rosto mascarado pelas sombras, e esperou que ela as adentrasse. Ela viu a si mesma como se estivesse a distância, uma figura sonâmbula numa longa túnica branca, seu comprido cabelo oscilando, o rosto pálido e inocente pelo sono, e ela observou essa figura se dirigir aos braços dele, que aguardavam.

Ela olhou para cima, ele moveu sua cabeça e a luz da lua se derramou completamente por suas feições. Ela então percebeu que não era o Don Juan de modo algum, e sim uma lenda completamente diferente; o rosto sem cor, as sobrancelhas estranhamente pontiagudas, os lábios vermelhos entreabertos sobre os quais brilhavam dentes pontudos... sua cabeça recaiu sobre o braço dele, os olhos fechados e seu pescoço sacrificial reluzindo, branco e puro.

— Glenda?

Uma torrente de náusea a atingiu; ela abriu os olhos, cambaleou e se percebeu na amurada.

— Glen, tá tudo bem?

Glenda virou a cabeça e viu Debbie... mais ninguém, apenas Debbie, concreta e reconfortante vestida de náilon rosa.

— Tava com calor — ela disse, e teve que limpar a garganta e repetir o que dissera. Ela estava mesmo com calor e com muita sede. — Tem alguma coisa pra beber?

— Um pouco daquela garrafa de Coca do trem. Tem certeza que tá bem?

— Sim, sim... só com sede. — Ela bebeu a Coca em goles desesperados, mas ela queimou sua garganta. Engasgou e sentiu-se enjoada. — Boa noite. — Ela rastejou de volta para a cama e nada mais diria a Debbie, que, por fim, deu um suspiro e também voltou a dormir.

— Odeio te deixar sozinha — disse Debbie, pairando hesitante na porta. — Como está se sentindo?

Glenda estava deitada na cama.

— Sério, não é nada. Só não tô com disposição pras coisas hoje. Mas não tô doente a ponto de não poder descer três lances de escada e chamar o gerente ou a esposa dele, se precisar de alguma coisa. Vá dar seu passeio com aquele canadense simpático e não se preocupe comigo. Vou dormir um pouco. O melhor a fazer.

— Tem certeza? Não prefere mudar pra um hotel maior? Pra gente ter nosso próprio banheiro?

— Claro que não. Eu gosto daqui.

— Bom... quer que te traga algo?

— Algo pra beber. Uma garrafa de vinho. Tô com tanta sede.

— Acho que vinho não vai... bom, eu trago alguma coisa.

E, enfim, Debbie foi embora. Glenda relaxou sua tenacidade sobre uma realidade que havia se tornado mais estranha e tênue a cada segundo que passava. Ela tombou.

Ela estava na rua chamada Morte, uma das ruas estreitas e com calçamento de pedras delimitada em cada lateral por casas pintadas de um branco ofuscante. O nome da rua estava pintado em azul num azulejo colocado em uma das casas: MUERTE.

A garota estivera chorando. Estava suja, seu rosto grudento de imundície e lágrimas. Era hora da *siesta* e ela estava sozinha na rua tranquila, mas sabia que não estaria só por muito tempo. E que eles não podiam achá-la. Ela sabia que tinha que deixar a cidade por segurança, mas a ideia de perambular sozinha pelo interior a amedrontava tanto quanto a ideia de permanecer ali, então estava num impasse, incapaz de agir.

Se a encontrassem, eles se vingariam dela, embora ela nada tivesse feito, tendo sido inocentemente envolvida. Ela pensou no mês anterior, na doença que se disseminou pela cidade, nas mortes — corpos encontrados pelas ruas, pálidos defuntos com a inconfundível marca em seus pescoços — e no medo, no terror crescente.

Sua mãe havia começado a passar a noite toda fora voltando pálida e exausta ao amanhecer para cair em um sono pesado. Mas, enquanto dormia, ela sorria; e a garota, junto ao travesseiro, acariciando o cabelo embaraçado dela, sentia as palavras do povo da cidade se intrometendo, indesejadas, em sua mente. Era verdade o que eles diziam, que ela se imiscuíra com o demônio? Que sua mãe, com seu amante, mergulhava pela noite na forma de morcego, buscando viajantes noturnos incautos, para emboscá-los e beber seu sangue? Ela começou a ter medo da mãe, embora ainda a amasse, e observou por meio de olhos semicerrados sua progenitora se esgueirar todas as noites. Enfim, uma noite terminou sem trazer sua mãe de volta para casa e a garota havia estado sozinha desde então.

Ela vagava, sem saber para onde ir, faminta e sedenta, mas assustada demais para bater em alguma porta e pedir vinho ou abrigo. As horas passaram e, conforme a escuridão caía, as portas começaram a se fechar e o povo corria apressado em pares ou trios. Antes, as ruas ficavam tão cheias de lanternas quanto um prado no verão se enche de libélulas, mas agora havia um monstro à solta.

A lua subiu, concedendo-lhe luz, e ela, enfim, chegou a uma pequena praça com uma fonte em seu centro. Mas a fonte estava morta e seca e

ela se recostou nela, chorando de frustração até estar cansada demais para continuar a chorar.

Algo a fez olhar para cima, alguma sensação de perigo. A lua estava alta. Um homem estava de pé em uma das quatro entradas da praça, coberto pela dobras de uma capa que o envolvia totalmente. As pontas de suas botas reluziam, assim como seus olhos, dois pontos de luz sob seu chapéu desaprumado.

Ela se manteve inerte, esperando que ele não a tivesse notado nas sombras.

— Fillha — disse ele, numa voz como folhas secas ao vento.

Um espasmo involuntário.

— Minha filha querida. — Ele deu um passo adiante.

Ela correu sem nunca olhar para trás, soluços profundos em sua garganta enquanto descia por uma rua após a outra, perigosamente amedrontada de estar correndo em círculos e acabar voltando à praça e encontrá-lo ali... Ela correu. Então, desceu uma rua que não deveria ter tomado, um beco. Ela se virou para escapar e deparou-se com ele ali, em seu caminho.

Ela estava tensa. As folhas secas farfalharam em sua garganta conforme ele se aproximava. Seus braços e sua capa se ergueram como se estivessem unidos, como se ele estivesse encoberto por asas enormes com as quais envolveria eles dois. Seus lábios se abriram; ela ouvia a respiração dele, podia ver o brilho de seus dentes. Ela tombou.

Glenda acordou, tremendo violentamente.

— Acordei você? Querida, você tá bem? Tá pálida feito um fantasma. A gente vai almoçar, você quer...

Glenda balançou a cabeça.

— Hã, não tô me sentindo muito bem. — As palavras saíram dilaceradas de sua garganta em carne viva. Ela estava sedenta. — Você me trouxe algo pra beber?

— Ah, desculpa! Eu esqueci. Você quer o quê? Vou correndo buscar. E algo pra comer?

Glenda balançou a cabeça outra vez.

— Não. Só uma bebida. — Era difícil se concentrar, mais ainda manter o foco.

Debbie se aproximou da cama e tentou tocar Glenda, que se retraiu violentamente.

— Glen, só quero ver se você tá com febre. Hmmm... você tá bem quente. Meu Deus, o que você fez com seu pescoço?

Glenda acariciou os superficiais ferimentos gêmeos com a ponta dos dedos e balançou a cabeça.

— Acho que a gente devia ir pro hospital.

— Não. Vou ficar... vou tomar umas aspirinas... fico aqui... vou ficar bem...

O rosto de Debbie estava ficando borrado e iluminado, como algo visto debaixo d'água. Ela tombou.

A lua havia se posto e o céu começava a se iluminar quando ela abriu os olhos. Estava estirada pelas pedras do calçamento de uma rua curta e estreita e levantou-se dolorosamente. Estava furiosamente sedenta. Sua boca tinha uma sensação viscosa, sua língua parecia grande demais. Com ambas as mãos, ela pôs o cabelo para trás, afastando-o do rosto, e sentiu vestígios de algo grudento. Ela vultou a mão para uma exploração mais demorada e lembrou-se das marcas nos pescoços de certos moradores e de suas derradeiras mortes.

Ela percorreu as ruas sinuosas até poder vislumbrar La Giralda. O sol nascente a iluminava e ela viu um único morcego dependurado na torre, feito uma folha curvada.

O povo de Sevilha, na forma de dois homens bêbados, havia certa vez tentado manter o demônio (que supostamente habitava a torre moura na forma de um morcego) em seu local de descanso e longe das ruas da cidade bloqueando a porta. Mas foi ressaltado a eles que, mesmo presumindo que tábuas de madeira pudessem manter o demônio

prisioneiro, os morcegos não precisavam voar pelas portas, uma vez que a torre tinha tantas janelas, e eles abandonaram o projeto pela metade.

Ela escalou a barricada incompleta, arranhando as pernas no processo. Observou as gotículas de sangue aparecerem numa linha curva e então olhou para longe. E agora, para cima? Para o campanário, onde sinos suspensos nunca haviam soado? Então, ela viu uma porta em um dos lados, uma porta de madeira livre de teias de aranha, como se fosse usada com frequência. Ela foi até lá e a empurrou para abri-la, revelando degraus que desciam para a escuridão. Deixou a porta aberta às suas costas, pois a parca luz era providenciada por sua abertura, e desceu os degraus. Eles eram estreitos, mas havia muitos. Suas pernas começaram a doer pela descida aparentemente eterna.

No fundo, havia um enorme aposento, que ela não conseguia mensurar de todo, mal-iluminado por ardentes tochas fumarentas em nichos na parede. Ela viu o caixão imediatamente e foi até ele. Estava aberto e, lá dentro, sem seu chapéu de abas largas, mas ainda vestido com a capa e as botas, estava o homem de quem ela tinha corrido à noite. O homem a quem sua mãe havia amado, ou servido.

Um morcego voou até a cabeça dela, silencioso e mortal. Ela se abaixou, mas sentiu em sua face as pontas de suas asas de couro. Ela se virou e correu para as escadas; o morcego não a seguiu. Lá em cima, à luz do dia, ela descansou e pensou no que havia visto. Pensou em seu rosto cruel, em seus lábios vermelhos cor de sangue. Lentamente, lambeu os próprios lábios ressecados e, inconscientemente, sua mão se moveu em direção à sua garganta. Seria ele o demônio ou alguma outra coisa? O demônio não podia ser morto, mas outra coisa...

Suas mãos estavam cobertas de pequeninos cortes e cheias de farpas quando ela terminou, mas tinha sua arma: um grande, afiado e pontiagudo pedaço de madeira. Lá fora, havia uma pilha de entulhos e ela achou um tijolo. Uma velha senhora de preto, madrugadora, olhou para ela desconfiada quando passou, mas nada disse.

Quando ela entrou no cômodo outra vez, o morcego mergulhou em sua direção e voou ao redor de sua cabeça. Ela se abaixou para mantê-lo longe de seus olhos, mas não deixou que ele a detivesse. Pôs o tijolo no chão para pegar a estaca de madeira com as duas mãos sujas e ensanguentadas, mergulhando-a no coração do homem. Seu cabelo a cegou, depois seu próprio sangue, quando o morcego mordeu e feriu sua cabeça, mas, enfim, a estaca se fixou e ela foi recompensada com um gemido baixo de sua vítima. O morcego trissou uma vez, um guincho de derrota, e bateu asas para longe. Ela ergueu o tijolo e desceu-o com toda a sua força na estaca.

Houve um grito, que pareceu vir das paredes ao redor dela, e então uma fonte de sangue borrifou seu peito, seus braços e sua cabeça. Ela continuou golpeando, sem vontade ou capacidade de parar, até que a estaca o atravessasse completamente, e, então, triunfante, ela jogou o tijolo para longe e ficou ali de pé, ofegante, observando o sangue que ainda borbulhava. O silêncio era grande. E assim, a sede a assaltou, varrendo para longe todas as dores e triunfos com sua intensidade. Ela caiu de joelhos, deitou o rosto no peito dele e bebeu, bebeu até estar saciada.

Glenda abriu os olhos. O quarto estava vazio e a luz do sol caía morna pelos ladrilhos vermelhos e paredes brancas do quarto. Tudo agora estava sólido e claro para ela; a febre devia ter passado. As coisas possuíam bordas de diamante, com texturas e uma solidez que ela nunca havia notado. Debbie entrou, vinda da sacada, parecendo sobressaltada por ver Glenda sentada.

— Ora! Como se sente? Você nos deixou bem preocupados.

— “Nos”?

— Roger, o canadense do fim do corredor. Ele foi procurar um médico.

— Não preciso de médico. Não te disse?

— Sim, logo antes de desmaiar. Fica deitada, pode ser? Vai com calma. Como se sente?

— Bem. Excelente. Nunca estive melhor.

— Bom, só fique na cama. Quer beber alguma coisa?

— Não, obrigada. — Ela se recostou.

O médico não achou nada de errado em Glenda, embora tenha ficado intrigado com as marcas em seu pescoço. Quando seu interrogatório começou a incomodá-la, ela fingiu não compreender seu inglês, que era na verdade bem adequado, e puxou o lençol por sobre a cabeça, reclamando que a luz fazia seus olhos doerem e que estava muito cansada.

Glenda foi muito determinada, muito persuasiva e, enfim, foi acomodada em um 747 com destino a Nova York. Debbie — pobre e confusa Debbie — permaneceu na Espanha, agora viajando com o canadense e os amigos dele.

— Devia pelo menos mandar um telegrama pra sua mãe, então — Debbie havia dito, mas Glenda balançou a cabeça, sorrindo.

— Vou fazer uma surpresa pra ela... eu pego um táxi.

Steve estaria com sua mãe, ela sabia. Seria de manhã cedo quando chegasse e eles ainda não estariam acordados, e sim dormindo docemente. Estariam dormindo nos braços um do outro, sem esperá-la.

Glenda sorriu para o negrume além de sua janela e tocou seu anel de prata. Ela o tirou e brincou com ele, traçando o “S” com o dedo. “S” de Steve, ela pensou. E de Sevilha. Ela subitamente pôs o anel entre os dedos e o repuxou, distorcendo a forma do “S” e forçando-a até que, por fim, o desenho lembrasse dois chifres curvados. Então, ela o segurou e fechou a mão firmemente sobre ele, até o sangue brotar.

UMA QUESTÃO DE PATROCÍNIO

Uma história de Saint-Germain

Chelsea Quinn Yarbro

Chelsea Quinn Yarbro é escritora e taróloga profissional, cujo primeiro conto foi publicado em 1969 na revista *If*. Escritora em tempo integral desde o ano seguinte, ela vendeu mais de 70 romances e vários contos dos mais diversos gêneros. Entre seus livros, estão as histórias de lobisomem *The Godforsaken* e *Beastnights*; a série semificcional de ocultismo *Messages from Michael*, *More Messages from Michael*, *Michael's People* e *Michael for the Millennium*; e as adaptações literárias dos filmes *Os mortos-vivos* e *Delírios Mortais*. A trilogia de Yarbro *Sisters of the Night* (*Kelene: The Angry Angel*, *Fenice: The Soul of an Angel* e *Zhameni: The Angel of Death*) conta as histórias das três noivas mortas-vivas de Drácula. Infelizmente, o último volume ainda não foi publicado, com os direitos retidos pela sua agência literária.

Ela é mais conhecida por sua série de romances históricos de horror protagonizados pelo vampiro byroniano Conde de Saint-Germain, vagamente inspirado no aristocrata de mesmo nome do século XVIII. O primeiro livro do ciclo, *Hotel Transylvania: A Novel of Forbidden Love*, foi publicado em 1978. Até hoje, seguiram-se a ele quase vinte continuações. Uma sequência derivada, protagonizada por Atta Olivia Clemens, amante de Saint-Germain, compreende *A Flame in Byzantium*, *Crusader's Torch* e *A Candle for D'Artagnan*, enquanto *Out of the House of*

Life e *In the Face of Death* são protagonizados por Madeline de Montalia, a imortal amada de Saint-Germain.

Os contos da autora foram reunidos em *Cautionary Tales, Signs & Portents, The Vampire Stories of Chelsea Quinn Yarbro* e *Apprehensions Other Delusions*; ela também coeditou as antologias *Two Views of Wonder* (com Thomas N. Scortia) e *Strangers in the Night* (com Anne Stuart e Maggie Shayne).

“Quando um editor me procurou para tratar de uma coleção de edições limitadas de meus contos de vampiros, ele me perguntou se eu faria uma história para esse volume em específico”, recorda Yarbro. “Ele disse que gostaria que fosse uma história de Saint-Germain e, se possível, que tivesse alguma referência ao Drácula. Na hora, eu disse que sim com relação a Saint-Germain, mas que duvidava de que pudesse incluir também o Drácula, já que os conceitos dos dois vampiros eram totalmente diferentes e não tinham quase nada em comum, além da Transilvânia.”

“Brincando com as possibilidades, eu, enfim, topei com Henry Irving, o patrão de Bram Stoker. Dei uma olhada em algumas referências a respeito deles, esperando achar um momento em que pudesse introduzir Saint-Germain em sua vida. O início de sua carreira me pareceu mais atrativo do que quando ele já estava bem estabelecido, assim como providenciava um elo indireto com Stoker, tornando Saint-Germain alguém sobre quem Stoker poderia vir a ouvir falar, mas nunca conhecer.”

“Esta história foi o resultado disso...”

LÁ FORA, ESTAVA frio e úmido; lá dentro, estava abafado e quente demais. Os escreventes do escritório no empório do mercador bocejavam conforme a tarde virava noite em um outono precoce naquele novembro.

— Trate de trancar a porta, John Henry — disse o mais antigo dos escreventes para o mais jovem, exercendo seu privilégio. — Ninguém vai entrar a essa hora.

John Henry Brodribb levantou de sua banquetta e fez uma medida para o escrevente mais velho com um floreio que divertiu e irritou os outros funcionários; John Henry era conhecido por suas maneiras teatrais e opulentas. Ele ajustou o tom de sua voz para projetá-la.

— O que desejar, Sr. Tubbs, fico honrado em realizar para o senhor. — Seu sotaque era uma curiosa mistura das escolas públicas de Londres com uma amplitude que podia ser de Devon ou de Cornwall. Tinha a cabeça alongada e era esbelto, com os últimos vestígios da juventude; estava a três meses de seu décimo oitavo aniversário.

Antes que pudesse chegar à porta, ela se abriu subitamente e um homem numa capa preta, com capuz, entrou na loja, parecendo um visitante de outras eras; um monge da Idade Média, talvez, ou uma aparição da Dinastia Plantageneta, em desaprovação aos seus primos.

— Boa tarde. O Sr. Lamkin está disponível? — ele perguntou com uma voz agradável e exótica, tomando John Henry num surpreso sobressalto em sua caminhada. Havia o indício de um brilho em olhos negros no interior das sombras do capuz.

— Ele está esperando o senhor? — perguntou John Henry, recuperando-se habilmente e fazendo seu melhor para igualar seu estilo ao do homem.

— Sim, mas não necessariamente a esta hora — disse o estranho. — Acabei de chegar em Londres, o senhor entende. — Ele jogou o capuz para trás, revelando um semblante atraente e irregular, fluido e de sobrancelhas finas, embora fora de moda por estar completamente barbeado; seu cabelo era escuro e ondulado o bastante para compensar

sua falta de costeletas ou bigode. Embora fosse um pouco menor do que a altura média, tinha uma presença dominante, independentemente do quão amável era sua conduta; ela se originava em seus olhos escuros e cativantes.

— O Sr. Lamkin já encerrou o dia — disse John Henry, passando os olhos pela porta da sala do homem que cuidava dos negócios da firma em além-mar. — Não estará de volta até a próxima terça-feira. Está a caminho de Southampton, para inspecionar a chegada de um carregamento de musseline.

— Vindo do Egito ou da América? — perguntou o estrangeiro com curiosidade suficiente para exigir uma resposta.

— Da Amér... — começou John Henry, apenas para ser interrompido.

O Sr. Tubbs, o escrevente sênior, interveio, se desempoleirando de sua banquetta e precipitando-se em direção ao recém-chegado, preparado para se encarregar do cavalheiro desconhecido.

— Eu sou Parvia Tubbs, o escrevente sênior; boa tarde. Posso ajudá-lo de alguma forma, senhor...? — ele esperou que o estrangeiro lhe dissesse seu nome.

— Ragoczy — ele respondeu. — Conde Ferenc Ragoczy, de Saint...

John Henry cortou-o com entusiasmo:

— Ragoczy! De praticamente todo lugar. — Seus olhos se iluminaram e ele estendeu uma das mãos. — Estive fazendo as cópias de suas contas, senhor, e permita-me dizer que é o cavalheiro mais viajado de todos aqueles que compram conosco no estrangeiro. O senhor tem propriedades na Bavária, em São Petersburgo, na Christiania, na Holanda, na Itália, em Praga, em...

O Sr. Tubbs deteve essa catalogação.

— Estou certo de que o Sr. Ragoczy não deseja ter seus assuntos divulgados ao léu, John Henry.

O escrevente mais novo baixou os olhos e se conteve.

— Não, Sr. Tubbs — ele disse.

Ragoczy se apiedou dele.

— É bom saber que ao menos um entre seus empregados tem meus interesses em conta. — Seu sorriso foi rápido e unilateral, capturando a atenção de John Henry quando Ragoczy se virou na direção dele, encorajando-o. — Onde mais tenho imóveis? Sabe me dizer?

Agora, John Henry hesitou, incomodado pelo olhar furioso e velado do Sr. Tubbs.

— Na... na Hungria. — Ele se recompôs e continuou. — Há dois endereços na Hungria, parando pra pensar; um em Buda e um numa área remota do setor oriental. Nos Cárpatos. Esse lugar é na Hungria, não é?

— Tecnicamente sim, no presente momento — ele respondeu e olhou para cima quando o relógio do empório bateu meia hora. — Embora seja mais perto de Bucareste do que de Budapeste. Saint-Germain está na atual fronteira da Hungria e da Romênia, mas esse nem sempre foi o caso. É um estado bastante antigo. — Ragoczy caiu em silêncio.

Após uma pausa constrangedora, o Sr. Tubbs disse:

— Isso é tudo que pode dizer ao Sr. Ragoczy, John Henry? É você quem faz as cópias da contabilidade dele. Mostre a ele que não é nenhum lerdo.

Inflamado por essa reprimenda, John Henry aprumou seus angulosos ombros e continuou.

— O senhor conde tem propriedades em Moscou, no Egito, em Creta, na Pérsia, no Marrocos, na Espanha, na Polônia, na Armênia, no Canadá e na América do Sul: no Peru, se bem me lembro.

— Sim, e também no México. — Ele assentiu com a cabeça, em aprovação.

— O senhor também transferiu bens para a China e para a Índia, de acordo com nossos registros, nos últimos 30 anos. Não vi nenhum registro anterior a essa época. O início do livro contábil data de 31 anos

atrás. — Essa última foi a tentativa mais determinada de John Henry de mostrar seu domínio daquilo que havia registrado.

— Você mantém excelentes registros — disse Ragozy.

— Fazê-lo é uma necessidade dos mercadores, ou não duram muito nos negócios — disse o Sr. Tubbs oficiosamente.

Eles agora tinham a atenção dos outros quatro escreventes e John Henry aproveitou ao máximo a oportunidade.

— Se quiser inspecionar o livro contábil, conde, seria um prazer mostrá-lo ao senhor.

O Sr. Tubbs olhou com desconfiança.

— John Henry! — censurou ele o escrevente mais jovem. — Isso é o Sr. Lamkin quem deve fazer.

— Bom, mas ele está fora, não está? — retrucou John Henry com demonstração de respeito. — Tenho os registros em minha mesa. Estive copiando-os para o Sr. Lamkin, a pedido dele, é claro. Uma vez que o conde Ragozy está aqui, seria pragmático mostrar a ele o que nossos registros apontam, em vez de solicitar que ele volte quando o Sr. Lamkin estiver aqui.

— Já é tarde; o Sr. Ragozy teria que voltar pela manhã, de todo modo, ou em outra hora mais adequada. — O Sr. Tubbs fitou consternado o escrevente mais jovem, então virou-se para Ragozy com um gesto obsequioso. — É uma infelicidade que tenha vindo a esta hora. Não queremos ofender, mas encerraremos o expediente do dia muito em breve.

A expressão de John Henry se avivou.

— Não me importo de ficar até mais tarde se isso facilitar as coisas para o senhor, conde. — Ele tratou de enfatizar o título de Ragozy, tanto para sua própria satisfação quanto pelo desconforto que causava ao Sr. Tubbs. — Se for conveniente.

— Uma oferta muito generosa, disso estou certo, John Henry — disse o Sr. Tubbs, suas bochechas tornando-se malhadas pelo rubor, e seus modos, mais rígidos e imperiosos. — Mas um homem como o Sr.

Ragoczy deve ter outras demandas em seu tempo. Ele nos informará de quando deseja revisar suas contas.

Ragoczy dirigiu aos dois escreventes as boas graças de um olhar afável.

— Os planos que tenho para esta noite são apenas para mais tarde. Tenho... um jantar marcado para as dez.

— Então está resolvido — disse John Henry antes que o Sr. Tubbs pudesse falar. Ele indicou sua mesa. — Os livros contábeis do senhor são os mais antigos da casa. — Seu olhar era especulativo. — Sua família deve ter uma longa tradição nos negócios.

— Hmm — disse Ragoczy, a sugestão do divertimento em seus olhos insondáveis. O Sr. Tubbs, ciente de que havia sido superado pelo mais inexperiente dos escreventes, começou a hesitar. — Não é aceitável, John Henry. Você não trabalha aqui há tempo suficiente nem para ter o direito de trancar a porta. — Ele se encolheu quando olhou na direção de Ragoczy. — Receio que teremos que combinar uma outra hora, Sr. Ragoczy.

Antes que John Henry pudesse verbalizar sua objeção, Ragoczy disse suavemente:

— O senhor não se oporia a deixar uma chave comigo, não é? Tenho feito negócios com esta firma há mais tempo do que o senhor é empregado dela. Certamente, isso me torna digno de confiança, Sr. Tubbs. Eu a devolverei amanhã, se for satisfatório para o senhor. — Ele falou de um modo polido o bastante, mas era aparente que não aceitaria uma recusa. — Aprecio sua preocupação e sua precaução, é claro.

Isso era mais oposição do que o Sr. Tubbs estava preparado para enfrentar. Ele baixou a cabeça.

— Seria mais do que aceitável; vou providenciar uma chave para o senhor imediatamente, Sr. Ragoczy — ele disse e se afastou, lançando um único e raivoso olhar na direção de John Henry e do estranho encapuzado de preto. John Henry nem notou a desaprovação de seu

superior; ele gesticulou para que Ragoczy o acompanhasse e se precipitou à sua mesa, o rosto radiante de expectativa.

— Eu não entendo — disse John Henry, balançando a cabeça diante do que lia no antigo livro contábil. — Devia haver 200 libras a mais nessa transferência. Como é possível que tenham deixado isso passar? Não podem ter cometido tamanho erro de aritmética, podem? — O escritório agora estava um tanto escuro, e o estrépito das ruas havia definhado para um eco irregular de cascos e rodas; a lamparina a óleo na mesa de John Henry e o lume do fogo moribundo na lareira forneciam a única iluminação. Não fazia mais calor no escritório, mas ele permanecia aconchegante, apesar da frieza.

— Não podiam — disse Ragoczy, com um suspiro de aborrecimento. Ele havia dispensado a capa e se revelara vestindo um paletó de lã preto, talhado na última moda francesa. Sua camisa era de crepe de seda e imaculadamente branca. Ele usava sua gravata à moda russa: era de seda, com padrões vermelhos e pretos. Suas calças também eram de lã preta, feitas impecavelmente sob medida, de modo que o cós nunca ficasse folgado. De fato, o único ponto que John Henry podia encontrar para criticar no vestuário do estrangeiro era a grossura do solado das elegantes botas pretas de Ragoczy.

Os olhos de John Henry se arregalaram.

— Mas, conde, isso significaria... que alguém tem... tem...

— Tem me roubado — completou Ragoczy gentilmente; ele tocou o livro contábil aberto com a ponta de seu lápis. — Sim, é o que parece.

— Mas... por quê?

— Para tirar vantagem, suponho eu — disse Ragoczy, fazendo uma esgotada tentativa de um sorriso filosófico. — Essa é a razão costumeira pela qual as pessoas roubam; por um ou outro tipo de vantagem.

— Tirar vantagem — repetiu John Henry, como se a ideia lhe fosse desconhecida. — Nesta firma?

— Provavelmente, há dois deles: um aqui e outro fora da Inglaterra. — Ele ergueu o velho livro contábil. — Vai levar um tempo até descobrir quem fez isso, e por quanto tempo. — Ele baixou-o de volta e puxou um relógio do bolso de seu colete. — Veja só a hora.

John Henry passou os olhos pelo relógio sobre as mesas.

— Já são quase nove — ele disse, atônito por tanto tempo ter se passado. — Não deveria tê-lo segurado até tão tarde, conde.

— Creio que fui eu quem o segurou. — Ragoczy estendeu a mão para John Henry. — Tenho que agradecê-lo por me ceder tanto de seu tempo, Sr. Brodribb. Sou grato pela atenção que me dispensou.

— O prazer foi meu — disse John Henry corando quando eles apertaram as mãos.

A expressão de Ragoczy permanecia amigável, mas ele disse:

— Disso eu duvido. — E em resposta ao olhar sobressaltado de John Henry, prosseguiu. — Sem dúvida, um jovem como você tem coisas que preferia estar fazendo à noite em vez de auxiliar na descoberta de um padrão de erros num livro contábil.

— Na maioria das noites, eu estudo — disse John Henry, pela primeira vez sem tanta sociabilidade.

— Ah — disse Ragoczy. — Então, talvez deixe eu abusar de você mais um pouco. Se estiver disposto a continuar essa revisão por mais uma noite, eu me disporia a pagar por seu tempo. Contanto que não sinta que me ajudar seria comprometedor.

— Por que eu sentiria isso? — perguntou John Henry. — São eles que estão tirando do senhor. É seu direito recuperar tudo que lhe foi furtado. Eu seria de fato um péssimo funcionário se encorajasse malfeitos de meu empregador.

— É bem verdade. Motivo ainda maior para aceitar o dinheiro por seu auxílio. Eu teria precisado de muito mais tempo se você não estivesse disposto a me ajudar. — Ragoczy parecia satisfeito.

— Ah, não há a menor necessidade. — John Henry dirigiu seu olhar às chamas moribundas. — O Sr. Tubbs permitiu que eu ficasse porque

sou o menos experiente dos escreventes. Ele não pensou que eu pudesse descobrir algo de significativo.

— Você presume que ele saiba que há algo a ser descoberto — disse Ragozy, sua expressão permanecendo gentil, mas com uma agudeza em seus olhos que era enervante para John Henry.

— Duvido que ele me deixasse ficar se temesse que o senhor descobrisse... o que descobriu. — Ele ergueu as mãos. — E o senhor teria dado conta sem mim. Fiz muito pouco pra merecer...

— No entanto, vai permitir que eu o compense pelo tempo que perdeu. — Sob os modos elegantes havia algo de inflexível; John Henry percebeu isso e assentiu.

— Obrigado, conde — ele disse. — Ficarei amanhã à noite, se for conveniente.

— Excelente — disse Ragozy enquanto alcançava sua capa ao mesmo tempo em que deslizava sua mão para um dos bolsos internos de seu casaco. Ele tirou de lá uma nota de cinco libras e estendeu-a banalmente a John Henry. — Pelos seus serviços. A essa hora, se fosse você, eu pegaria uma charrete para casa, Sr. Brodribb.

— Mas, cinco libras... — John Henry não achava as palavras para continuar.

— Considerando a magnitude do furto que você me ajudou a revelar esta noite, é uma comissão um tanto ínfima. Se eu tivesse contratado alguém para realizar essa tarefa, teria me custado muito mais. E quem sabe se teríamos tido sucesso? Você está familiarizado com os registros dos livros contábeis, o que não aconteceria com outro. — O lépido sorriso de Ragozy iluminou seu rosto outra vez. — E ele teria sido muito menos agradável.

John Henry ergueu o olhar da nota em sua mão e encarou Ragozy.

— É muita gentileza, conde.

— Acha mesmo? — Ragozy recolocou sua capa com um estilo que John Henry jurou a si mesmo um dia dominar.

— Amanhã à noite, então — disse John Henry enquanto observava Ragozy se encaminhar à porta, dobrando sua nota de cinco libras num tamanho pequeno o bastante para colocá-la no bolso de seu colete.

— Seria melhor que viesse comigo — disse Ragozy, divertindo-se. — Eu estou com a chave.

— Ah. Sim. — Apressadamente, John Henry agarrou seu sobretudo, pensando que ele era tristemente puído em relação à esplêndida capa de Ragozy. Ele apagou a lamparina, revolveu o borrarho do fogo moribundo com o atiçador e se precipitou rumo à porta, observando enquanto o conde colocava as trancas.

— Por favor, informe ao Sr. Tubbs que ficarei com a chave por mais uma noite — ele disse, então reconsiderou. — Não. Isso não bastará. — Ele acenou com a cabeça uma vez, decisivamente. — Enviarei um bilhete à tarde, informando que precisarei da chave por mais uma noite. Vou solicitar que permaneça para me auxiliar novamente. Ele não terá tempo de pedir que eu mude meus planos.

— O senhor acha que ele o faria? — perguntou John Henry, chocado pelas implicações das instruções de Ragozy.

— Acho que é possível — disse Ragozy enquanto erguia seu capuz. — Venha. Na próxima esquina poderemos encontrar charretes, não importa que horas sejam.

Por um instante, a nota de cinco libras no bolso de seu colete pareceu emitir uma luz brilhante; John Henry percebeu que tamanha extravagância seria mesmo uma atitude sensata e prudente, estando com tanto dinheiro.

— Tem toda razão, conde — ele disse, e acompanhou o estrangeiro encapuzado de preto.

— Isso é mesmo muita falta de consideração — reclamou o Sr. Tubbs conforme protelava junto à porta na noite seguinte, passando os olhos agourentamente pela neblina do Tâmis que se adensava. — Imagine! Dando-lhe esta bordoadas duas vezes! Está além do aceitável e

direi isso ao Sr. Lamkin quando ele retornar. Que direito ele pensa que tem, fazendo essas exigências? — Ele modificou sua indignação. — Bem, estrangeiros nunca sabem como se comportar adequadamente.

John Henry demonstrou surpresa por Ragozy ainda não ter chegado, embora tivesse antecipado seu entusiasmo quando o bilhete do conde, escrito numa caligrafia fina, pequena e reclinada, em um papel de carta cor de creme, foi entregue alguns minutos após as quatro por um austero homem de meia-idade e conduta inalterável.

Sr. Tubbs,

Vejo-me impossibilitado de sair ao menos por mais uma hora. Poderia fazer a gentileza de pedir ao Sr. Brodribb que espere por mim? Tenho consciência de que é uma inconveniência para o senhor e para ele, e lamento a necessidade de fazer tal pedido ao senhor. Acredite que sou tomado pela compunção; a força das circunstâncias é tal que meu tempo não me pertencerá por um certo período.

Aceite meus agradecimentos e o conteúdo em anexo por qualquer inconveniência que posso ter causado ao senhor.

Ferenc Ragozy
Conde de Saint-Germain
(seu selo, o eclipse)

Três xelins acompanhavam o bilhete; o Sr. Tubbs os embolsou sem pestanejar.

— Usarei o tempo para estudar — disse John Henry. — Não importa se eu o faço aqui ou em outro lugar.

— Muito generoso de sua parte — disse o Sr. Tubbs. — Você está ciente, não está, de que se Ragozy não chegar, terá que passar a noite aqui? Ainda não posso confiar uma chave a você, se pudesse, o faria. — Essa última parte era flagrantemente falsa e ambos sabiam disso.

— Eu cá me arranho — disse John Henry, indo puxar as cortinas. — Se apresse, Sr. Tubbs. Vai perder a hora de seu chá.

Relutantemente, o Sr. Tubbs deu as costas e foi para a rua, o colarinho de seu casaco erguido e seu chapéu inclinado para baixo contra a garoa. Depois que ele puxou a porta atrás de si, fez questão de testar a fechadura após trancá-la.

John Henry ouviu os passos do Sr. Tubbs se misturarem aos outros ruídos da rua. Ele terminou o resto de uma xícara de chá frio e amargo que havia ficado sobre sua mesa e então, com cuidado, removeu um pequeno livro da gaveta inferior de sua mesa, que ficava trancada. Ele não podia evitar sorrir para as páginas gastas pelo manuseio: *A Tragédia de Romeu e Julieta*, de William Shakespeare.

Ele afastou as cadeiras e fez para si mesmo um pequeno espaço de ensaio no meio da sala, então se pôs a sua contínua memorização de Romeu.

Pois saiba, por amor meu coração submeto
À bela filha do abastado Capuleto:
Dei o meu a ela, que o dela há de me dar;
E vai tudo acertado, exceto o que tu deves acertar
Do sagrado matrimônio: local, hora e modos,
Desse encontro, nossa corte e a troca dos votos
Vos conto no passeio; mas isso vos rogo,
Ainda hoje, consinta em casar-nos logo.

Henry estava tão absorvido por sua atuação que a resposta em voz alta o desconcertou ainda mais por serem as palavras que havia dito em sua mente.

— Meu São Francisco, que mudança deu-se aqui! — disse Ragoczy. Ele estava bem debaixo da porta, sua capa se misturando às sombras. Olhando ao redor como se temesse ter um público maior, John Henry disse:

— Não ouvi o senhor bater.

— Ragoczy ergueu sua chave.

— É claro — disse John Henry, seus modos agora desalentados. — O senhor foi bem silencioso ao entrar.

— Você estava ocupado — disse Ragoczy, indicando o roteiro que John Henry segurava.

— Isto — ele suspirou. — O senhor então sabe meu segredo. Suponho que contará ao Sr. Tubbs.

— Por que deveria? — perguntou Ragozy, tirando sua capa e revelando trajes noturnos formais, incluindo uma cintilante faixa de seda vermelha sobre seu ombro, com a Ordem de São Estêvão da Hungria cravejada de diamantes, reluzindo nela. — O que Shakespeare tem a ver com seu trabalho aqui?

— Eles me dispensariam se soubessem que estou estudando pra ser ator — disse John Henry com uma candura direta, que foi tão inesperada para ele quanto foi para Ragozy.

— Por quê? — Ragozy escolheu uma das cadeiras afastadas, virou-a para ficar de frente para John Henry e se sentou. — Que razão eles teriam para dispensá-lo?

— A atuação não é... uma profissão muito honrada — disse John Henry em voz baixa.

— Era boa o bastante para Shakespeare e ele acabou como baronete. — Ragozy parecia levemente entretido. — Mas os elisabetanos não eram tão melindrosos quanto vocês, ingleses modernos.

— Influência faz diferença — disse John Henry com um suspiro. — E um escrevente no empório de um mercador tem pouco a esperar com relação a progressos desse tipo.

— Dizem que o próprio Shakespeare começou no ramo dos açougues, em Warwickshire. — Ele balançou a cabeça uma vez. — Ele fez seu próprio progresso e você também pode. O que gostaria de fazer, Sr. Brodribb? — perguntou Ragozy enquanto se acomodava ainda mais. — Pode me dizer sem medo. Eu guardarei sua confidência.

— Terminar esta noite, se pudermos — disse John Henry imediatamente.

— Não — respondeu Ragozy. — Com relação a sua atuação: o que gostaria de fazer?

John Henry encarou Ragozy, pensando que a resposta era óbvia.

— Ora, ser um ator, é claro. Interpretar Shakespeare bem para plateias apreciativas. Apresentar novas peças meritosas. — Havia muito

mais naquilo, mas ele hesitou em enunciar aquelas intenções, pois isso poderia trazer má sorte.

— Isso é tudo? — perguntou Ragozy num tom brando.

— Não — admitiu John Henry.

— Estaria disposto a me contar sobre suas aspirações? — Ele perguntou tão casualmente, mas com um olhar de aceitação que penetrou as reservas de John Henry.

— Não pode contar a ninguém — ele advertiu Ragozy, sua ousadia prestes a abandoná-lo.

— Claro — disse Ragozy com gravidade. Ele dirigiu a John Henry um olhar de avaliação. — E como você principiaria sua carreira de ator? Tem isso planejado?

Uma vez que esse assunto dominava a maioria dos sonhos de John Henry desde que havia ido para Londres, oito anos antes, ele tinha uma resposta; ao longo daquele tempo, havia chegado a um plano que tinha certeza de que seria bem-sucedido, se ao menos pudesse conseguir os fundos necessários para pô-lo em ação.

— Primeiro — ele disse, lançando-se com gosto ao seu planejamento —, eu entraria para uma boa companhia amadora para atuar. Uma em que eu possa obter a experiência básica e conhecer aqueles que conhecem outros na profissão. Se eu pudesse pagar para interpretar um protagonista, essa seria a melhor...

— Pagar para interpretar um protagonista? — Ragozy interrompeu. — Isso é comum?

— É, sim — disse John Henry, perdendo o foco. — Seria melhor pagar por toda uma produção, mas isso já é esperar demais. — Ele pausou e recuperou seu ímpeto interior. — Eu praticaria e tomaria lições de esgrima e de outras habilidades. Assim que tivesse algumas críticas favoráveis e fizesse alguns contatos, encontraria uma companhia itinerante, provavelmente ao norte das Midlands, e me candidataria a papéis menores. Desse modo, aprimoraria minha arte e teria a vantagem da experiência no processo. Com o tempo, gostaria de voltar a Londres.

E, um dia, gostaria de ter minha própria companhia. — Essa última parte saiu num afluxo.

Ragoczy o estudou, então disse:

— E você está decorando Romeu como ponto de partida?

— Sim. Já decorei Brutus, Henrique V e estou trabalhando em Ângelo. Mais adiante, vou decorar Macbeth. Não que eu esteja pronto para interpretá-los, com minha idade. — Ele riu, autoconsciente. — Consigo aparentar mais idade, mas ainda não tenho o treinamento para ser convincente. Quando tento, passo da conta e os resultados são risíveis.

— Por isso, Romeu, uma vez que você é jovem — disse Ragoczy.

— Ah, sim — disse John Henry, seus olhos brilhando. — Mas estive estudando as pessoas, tentando aprender suas características para que eu possa usá-las num momento futuro. — Ele caminhou a passos largos no ritmo pesado que o Sr. Tubbs empregava. — Este seria só um exemplo.

— Muito bem-feito — disse Ragoczy. — Você captou a pomposidade obsequiosa dele.

John Henry baixou os olhos.

— Obrigado.

Ragoczy continuou a observá-lo em silêncio. Então, se pôs de pé.

— Bem, que tal devotarmos nossa atenção ao livro contábil? Quanto antes terminarmos aqui, mais cedo você poderá retornar ao seu Romeu. — Ele foi até a mesa de John Henry e passou os olhos pela página que tinha especificado anteriormente.

— Quão ruim você acha que é?

Por mais difícil que fosse, John Henry pôs suas próprias ambições de lado e deu sua atenção aos números na página.

— Eu teria que dizer, conde, que só na última década, mais de duas mil libras foram... desviadas de suas contas. Entre isso e o que parece ser um padrão constante de sobrepreços, o senhor está num prejuízo

considerável. — Ele se viu perguntando como deveria ser ter mais de três mil libras para perder.

— E você não tem dúvida de que esse padrão que descobriu é deliberado? — A voz de Ragoczy era leve, mas firme, e John Henry soube que um dia ele a replicaria em um palco.

— Queria eu ter dúvidas — ele admitiu. — Mas, hoje, repassei todos os registros das contas no livro contábil, não só os atuais, mas aqueles que já remontam há algum tempo. O que me perturba é que o mesmo roubo vem acontecendo há 30 anos, ou assim vim a suspeitar. Vou mostrar ao senhor — ele prosseguiu, apresentando duas grandes e organizadas páginas de resultados financeiros. — Isso foi o que pude descobrir hoje.

— Que enorme volume de trabalho você fez em meu favor — disse Ragoczy, olhando para os ordenados lançamentos.

— É tanto por mim quanto pelo senhor — disse John Henry. — Quero o nome da firma restaurado e ele não poderá sê-lo sem esses registros.

— Ninguém expôs a firma ainda — Ragoczy lembrou-o.

— Só de eu saber, já basta — disse John Henry, endireitando a postura.

— E já pôde determinar qual dos sócios de Londres é o culpado nessa ponta? — Ragoczy passou os olhos rapidamente para John Henry, enquanto estudava as páginas.

— Eu... eu não tenho certeza, embora o Sr. Lamkin esteja na melhor posição para fazê-lo — ele disse. — Se o problema se originar nesta parte da firma.

— Assim também penso eu — concordou Ragoczy, então, examinou os números que John Henry havia fornecido a ele uma terceira vez. — Como pode — ele ponderou em voz alta — que isso tenha se dado por tanto tempo sem ninguém notar os erros? Você sabe?

John Henry tinha uma resposta para ele.

— Estive pensando sobre isso e suponho que seja porque seu livro contábil não havia sido copiado até agora. O senhor não vem com frequência a Londres e, quando vem, raramente nos solicita. Os lançamentos foram feitos com grande correção e regularidade, e por um membro sênior da firma, então não haveria razão pra duvidar do que fora feito, a menos que suspeitasse desde o princípio. E, uma vez que os erros não poderiam ser percebidos sem extensas comparações, imagino que seria uma surpresa encontrá-los.

Ragoczy assentiu.

— Mas o que se abateu sobre eles para lhe darem o livro contábil para copiar? Faz alguma ideia?

— É um livro fiscal velho. Sua família há muito faz negócios conosco, ou assim suponho. — Ele baixou os olhos. — A conta está aqui há um tempo bem longo. Mais de 30 anos, pelos lançamentos no livro, pois há valores que foram trazidos de lançamentos anteriores, do que deve ter sido um livro de registros mais antigo.

— É uma hipótese razoável, Sr. Brodribb — disse Ragoczy. — E duvida que eu estivesse assinando documentos há 30 anos?

— Provavelmente não estava — disse John Henry. — Pois o senhor não tem muito mais do que 40, a julgar por sua aparência. — Ele queria dizer mais, mas não tinha firmeza para continuar.

— O que foi? — Ragoczy impeliu em voz neutra.

Dessa vez, John Henry achou difícil de responder.

— É só que... eu observo as pessoas atentamente. É o que preciso fazer pra poder me tornar um bom ator. — Ele se recobrou e disse numa torrente: — Eu notei algo em seus olhos. Eles não são como os outros olhos que já vi, exceto, ocasionalmente, naqueles muito velhos, que mantiveram suas forças e sua destreza.

Ragoczy assentiu.

— Sou mais velho do que aparento — ele disse, sem emoções óbvias. — Os anos não se fazem notar naqueles de meu sangue.

John Henry fez um gesto nervoso, seu surto de confiança desertando-o.

— Achei que poderia ser... algo assim. Há um enfado da vida que... não é tão fácil para estrangeiros... — Ele começou a hesitar com várias palavras pela metade.

— Vamos voltar aos registros — sugeriu Ragozy. — Há muito a finalizar e gostaria de realizá-lo esta noite, se for possível.

— Mas o senhor deve... — John Henry interrompeu, indicando os ornamentos de Ragozy. Ele sorriu e balançou a cabeça.

— Eu vim de uma recepção; há um banquete sendo realizado neste exato momento.

John Henry estava mais sobressaltado que nunca.

— Eu pensaria que o senhor preferiria comparecer ao banquete do que revisar valores. É uma honra ser convidado para tais eventos. — Ele conseguiu dar um rápido e excêntrico sorriso. — Certamente, o cardápio em... uma cerimônia tão elegante é melhor do que aquilo que se pode comprar no taberneiro local, e provavelmente há de ser isso que lhe restará, se trabalharmos até muito mais tarde.

— Decerto é mais elaborado, mas minhas necessidades, nessa instância, são simples — disse Ragozy.

— Ah — disse John Henry, esperando insinuar que havia entendido o que Ragozy tinha dito, embora ele soubesse que não tinha.

— Quanta desconsideração a minha. Peço que desculpe pela minha grosseria. Está com fome? — Ragozy inquiriu subitamente. — Se estiver, eu espero enquanto compra algo para comer.

— Não — disse John Henry rapidamente. — Fiz uma boa consoada na hora do chá e vai me suprir muito bem. Quero continuar com nossos registros.

— Vejamos os registros da Grécia — recomendou Ragozy, abrindo a página em questão. — Como você indicou, os lançamentos lá se iniciam em 1828 — ele completou enquanto passava o dedo pela segunda página do livro contábil. — Parece que os primeiros poucos

anos transcorreram sem incidentes. Todos os lançamentos batem, pela aparência deles. Você não concorda?

— Sua família comercializa especiarias há muito tempo, não é, conde? A indicação aqui é de que sua conta com comerciantes de especiarias na Arábia é bem antiga. E os lançamentos do Egito são de longa data — comentou John Henry enquanto se permitia ser atraído novamente ao oásis dos números.

— Sim — disse Ragozy. Ele inspecionou as páginas atentamente e em silêncio por vários minutos, então olhou para John Henry. — Percebo que o escrevente sênior foi um tal Sr. Boulton por muitos anos.

— Ouvi dizer — disse John Henry, cautelosamente.

— E o Sr. Boulton tinha algum parentesco com o fundador? — perguntou Ragozy.

— É de meu entendimento que sim — disse John Henry, sua confiança novamente aumentando. — Ele morreu há mais de vinte anos; ao menos foi o que me disseram.

— Sim — disse Ragozy. — E o tio do Sr. Tubbs tomou seu lugar. Um tal Sr. Harbridge. Parece ser aqui onde os problemas começam.

— Então, o senhor acha que o Sr. Tubbs está ciente do que está havendo? — perguntou John Henry, dando seu melhor para não ficar chocado por essa suspeita.

— É possível. Ele certamente não estava ávido para me deixar revisar essas contas, como há de se lembrar, o que, sob tais circunstâncias, é significativo — disse Ragozy. — Há quanto tempo ele é o escrevente sênior?

— O Sr. Tubbs? Há cerca de quatro anos, acho. Quatro ou cinco. — Olhou ao redor do escritório como se esperasse poder ser ouvido. — Ele foi rapidamente promovido por intermédio das graças do tio, ou assim dizem dois dos escreventes. — Ele limpou a garganta e continuou. — Ele já era o sênior quando fui admitido aqui.

— Talvez os sócios esperassem que ele protegesse seus interesses e talvez o tio dele o tenha promovido de modo a ocultar os desvios —

disse Ragozy, seu rosto se tornando lúgubre. — Seja qual for o caso, receio que terei que pôr fim a isso.

— Certamente deve — disse John Henry, espantado por Ragozy parecer tão relutante em se proteger de uma ladroagem. — Isso não pode ser ignorado nem se permitir que continue. Se eles roubaram de você, pode ser que haja outros que foram tão lamentavelmente...

— Sim — disse Ragozy, interrompendo-o. — Sem dúvida, você tem razão. — Ele olhou para os valores uma última vez. — Se disporia a fazer uma cópia dessas duas páginas para mim? Mandarei meu servo pegá-las com você amanhã, se for conveniente. Ele também devolverá a chave ao Sr. Tubbs, com minhas desculpas por mantê-la tanto tempo. — Havia um atributo nessas palavras que perturbaram John Henry.

— Farei como o senhor quiser, conde — ele disse, um arrepio percorrendo sua espinha.

— É muita bondade sua — disse Ragozy. — No todo, foi muito interessante conhecê-lo, Sr. Brodribb.

— Obrigado — John Henry disse e suprimiu um tremor. Então, antes que pudesse dominar a si mesmo, ele deixou escapar: — O senhor é o Doutor Fausto? — Começando a se dar conta de que realmente havia verbalizado sua apreensão em voz alta, ele deu um passo para trás, a enormidade do que havia feito assentando-se nele; não conseguia pensar em nada para dizer a fim de se desculpar suficientemente.

Ragozy parecia levemente entretido.

— Não, Sr. Brodribb, não sou. Nem vou “de lá para cá na terra, andando por ela de cima a baixo”, como dizem que faz Mefistófeles. — Ele olhou cuidadosamente para John Henry. — Você provavelmente terá muito sucesso na profissão que escolheu; tem um olho atento e uma natureza perspicaz, o que deve levá-lo longe.

— Não tive intenção... foi... — John Henry hesitou.

— Nada tema — disse Ragozy com uma risadinha irônica. — Ouvi coisas piores no meu tempo.

— Quantos anos o senhor tem? — questionou John Henry, convencido de que já havia ido longe demais para tentar escapar agora.

— Se eu contasse — disse Ragozy com a maior das cortesias —, não acreditaria em mim.

— Ah, acreditaria — disse John Henry, envolvido demais para ter medo. Ele sabia que o terror viria depois, quando estivesse a salvo em sua cama e sua imaginação tivesse as rédeas soltas.

— Acho que não — disse Ragozy, encerrando o assunto.

— O senhor agora vai exigir algo de mim? Ordenar que eu me cale ou encare um destino terrível?

Ragozy empertigou a cabeça.

— Isto não é uma atuação. Não está interpretando um papel agora, Sr. Brodribb. Confio em sua descrição e bom senso para manter para si mesmo suas várias especulações.

— Ou sofrerei as consequências? — John Henry sabia que tinha ido longe demais novamente e, pela segunda vez, não conseguiu formular uma desculpa adequada.

— Não — disse Ragozy em voz baixa, mas além de qualquer controvérsia. — Não tem nada a temer de mim: dou minha palavra. — Ele se afastou de John Henry e caminhou em direção ao fogo, então parou e virou-se para ele, perguntando num tom diferente: — Diga-me: de quanto precisaria para colocar em andamento seus planos quanto à atuação? Já chegou a um valor para isso em todos os seus cálculos?

Tal mudança de assunto perturbou John Henry, mas ele deu seu melhor para responder.

— Bem, eu precisaria de perucas, barbas e maquiagem, e todo o resto disso; espadas e figurinos também. — Ele não precisava consultar as páginas da caderneta que mantinha no bolso de seu colete. — Isso custaria entre 40 e 50 libras ao todo. E, então, haveria o pagamento pelo papel principal. Seriam mais 50, se eu fosse interpretar Romeu. — Ele se iluminou ao dizer isso, mas seu entusiasmo foi desvanecendo à

medida que ouvia a si mesmo, pensando que seria impossível para ele acumular o bastante para alcançar seus sonhos.

Ragoczy juntou as mãos pequenas e bem delineadas, pontas dos dedos contra pontas dos dedos.

— Suponha — ele disse —, que eu invista em você uma parte do que recuperar desta firma, pelos serviços que me prestou? Pelo que descobriu, o montante deve ser considerável.

Mortificado, John Henry balançou a cabeça.

— Pareceria que fui subornado para mostrar coisas que o favorecessem, ou ao menos isso poderia ser afirmado pelos sócios em um tribunal. E os outros escreventes provavelmente pensariam muito mal de mim, porque sou o mais novo deles. Os sócios podem até fazer uma acusação contra mim, algo que a justiça poderia aceitar.

— Um espólio, então — disse Ragoczy, sem se intimidar pelos protestos de John Henry. — Deve ter um parente em algum lugar que pode lhe deixar uma herança. — John Henry suspirou.

— Por que alguém de minha família faria isso? Não que a maioria deles tenha dez xelins para dar a quem quer que seja. E vindo imediatamente após eu ajudá-lo, não seria um ardil muito útil, em todo caso. Alguém aqui estaria propenso a questionar como a recebi.

— Escute-me — disse Ragoczy firmemente. — Suponha que daqui a seis meses um... tio distante, digamos...? Deixe 100 libras para você. O dinheiro seria entregue via procurador, no norte, e não haveria perguntas que o comprometessem, não importa o que a justiça faça ou deixe de fazer com os sócios daqui. Você então poderia bancar o início de sua carreira teatral?

Por mais que ele não quisesse admitir, o coração de John Henry se acelerou com essa ideia. Ele calculou o que significaria para ele ter o dinheiro e pôs sua prudência de lado.

— Poderia funcionar, dizer que me foi deixado, se acontecesse mais tarde. — Sua empolgação estava se avolumando e ele não conseguia conter a satisfação que sentia.

— Seis meses, então. Meus procuradores de Londres deverão ter tomado todas as providências necessárias para recuperar o que me é devido nesse meio-tempo.

Ragoczy observou John Henry com interesse.

— As coisas ficarão desagradáveis para você aqui, quando minha queixa contra a firma for peticionada? Pode haver envolvimento da polícia, você entende.

— É possível que eles ponham a culpa em mim — disse John Henry. — Não é segredo que estive fazendo as cópias de seu livro contábil. Haverão de presumir que obtive a informação de mim.

— Mas não precisam saber que você descobriu o furto — disse Ragoczy persuasivamente. — Posso contratar meus procuradores em Londres para revisar os livros; posso solicitar uma abertura total da situação de minha conta. Isso o pouparia do impacto da cólera dos sócios. Não gosto de pensar que seria punido por ser um homem honesto, Sr. Brodribb.

— Quando eu deixar a empresa, não vai importar — disse John Henry.

— Você acha que não, mas vai — disse Ragoczy. — Não vai querer ser perseguido por sussurros, dizendo que abusou da confiança de seu empregador. Nem mesmo o teatro perdoa tais coisas, Sr. Brodribb. Rumores são uma constante no mundo da atuação e você não quer começar nele com a reputação manchada. Acredite.

John Henry não podia deixar de concordar. Ele percebeu que Ragoczy não só era generoso, como mais versado do que ele suspeitara.

— Muito bem. Um parente distante pode ser inventado. Um tio. No norte.

— Faria bem em mencionar que ouviu dizer que o sujeito está adoentado e afastar qualquer sugestão de que pudesse se beneficiar de sua morte — recomendou Ragoczy. — Dessa forma, quando expressar sua admiração com a herança, nenhum dos escreventes ligará sua boa sorte ao auxílio que me prestou.

Dando um tapa na própria coxa, John Henry se inflamou:

— Por tudo que é mais sagrado! O senhor deu com os meios exatos pra fazer isso acontecer. — Ele riu em voz alta. — O senhor é um homem astuto, conde, entende mesmo do riscado; um cachopo matreiro, como diriam as classes baixas.

— Um cachopo matreiro; que expressão encantadora — disse Ragozy sardonicamente, suas finas sobrancelhas se erguendo. — Ainda assim, já fui chamado de coisa pior. — Por um instante, uma desolação se abateu sobre ele; ao notá-la, John Henry estremeceu. Ele começou a falar, tossiu, e tentou de novo.

— Suponho que o senhor tenha aprendido, ao longo dos anos, a se proteger. Por isso é tão ágil em fazer as sugestões que faz.

— Há alguma verdade nisso, sim — disse Ragozy, os olhos sombrios e enigmáticos assombrados. Com um gesto, ele afastou a tristeza que ameaçava dominá-lo. — Mas, se eu disser mais alguma coisa, vai pensar que acabou preso em um dos romances deploráveis da Sra. Radcliffe, ou de Maturin.

— *Melmoth, o Errante*²⁰? — perguntou John Henry, um pouco perplexo por Ragozy conhecer a obra.

Ragozy não respondeu. Passou os olhos pelo livro contábil uma última vez.

— Amanhã, um escrevente de meu procurador virá visitar o Sr. Tubbs. Ele dirá que pedi para que meus negócios aqui fossem revisados. Ah, nada tema. Exigirei o mesmo dos outros mercadores com quem tenho negócios. Não farei distinção desta firma na atenção de meus procuradores. — Ele fez uma rápida conferência na sala; a luz da lamparina dançava e faiscava nas joias de sua Ordem. — Farei tudo que puder para que isso não pareça ser um pedido incomum. Já que sou estrangeiro, estou certo de que o Sr. Tubbs estará propenso a pensar o pior de mim por isso.

John Henry enrubesceu.

— Ele é um daqueles que pensa que Jesus Cristo falava inglês.

— Ele tem jeito de quem pensa assim — Ragozy concordou. Ele parou em frente a John Henry e estendeu a mão. — Então, está combinado.

— Sim, muito bem — disse John Henry quando sua mão grande se fechou sobre a pequenina de Ragozy. — Está combinado.

No salão reservado do *pub*, a companhia teatral ainda estava exultante pelo grande sucesso que havia tido com sua nova produção de *Romeu e Julieta*. Na cabeceira da longa mesa, o jovem que havia pago pela produção no Teatro Real Soho e pelo privilégio de interpretar Romeu ainda estava recebendo sua aclamação, corado pela intoxicante combinação de vinho do porto e aplausos.

— Você foi mesmo maravilhoso, Henry — disse a mulher ao lado dele, uma calorosa matrona que havia interpretado Lady Capuleto. — Você vai longe, guarde o que digo.

Henry estava propenso a se deixar convencer.

— Ah, Meg, Meg. É uma peça tão boa, isso é o que faz a diferença. — Ele fez uma leve careta, desejando que sua família tivesse se disposto a ir, mas eram cristãos tão rigorosos que raramente se aventuravam a diversões públicas de qualquer tipo.

O diretor, que também havia interpretado Mercúcio, estava bem mais que um pouco bêbado e se virou para encarar Henry, erguendo seu copo.

— Então, acha que vai... tomar os palcos de Londres de assalto, não acha?

— Um dia, espero que sim — disse Henry, já sedento pela época em que isso aconteceria.

— É o que todos esperam — murmurou o diretor, soando amargo.

— Você deixe de importuná-lo — Meg ordenou ao diretor. — Só porque ele é um intérprete melhor do que você...

— Melhor intérprete! — zombou o diretor, dando mais um longo gole na cerveja escura. — Ora, ele é verde feito um... um... — E perdeu a linha de raciocínio.

— Sim, ele é verde — disse Meg com algum ardor. — Mas tem o tino. Dá pra dizer pelo que faz. Ele tem o toque. — Ela fitou Henry e seu sorriso não era mais maternal, como tinha sido. — Vocês todos vão ver. Eu sei que Henry vai longe.

Henry se deleitou em sua aprovação e observou o resto da companhia festejar à exaustão e então começar a se dispersar rumo à noite. Henry foi um dos últimos a sair, parando para dar uma gorjeta ao senhorio por permitir que eles alugassem o salão reservado até altas horas.

Quando ele pisou na rua, parou, dando-se conta do quanto era tarde; as janelas estavam escuras nas casas que davam para a estrada. Não havia tráfego algum sobre os paralelepípedos. Só um bando de ratos chamou a sua atenção quando ele jogou o casaco sobre si e se pôs em direção à sua casa.

Então, ouviu um suave e nítido passo e se virou com um grito alarmado, esperando ver um daqueles desesperados ladrões de rua que se faziam sobre os incautos. Ele ergueu um dos braços.

— Tenho uma pistola — advertiu.

A resposta vinda das densas sombras denotava achar graça.

— Tem mesmo, Sr. Brodribb. — Um instante depois, Ferenc Ragozy saiu da escuridão. Estava vestindo sua capa com capuz, como na primeira vez em que John Henry o havia visto. Enquanto andava em direção ao jovem ator, ele disse: — Parabéns. Foi uma estreia muito impressionante.

— O senhor viu? — perguntou John Henry.

— Sim. — Ragozy sorriu, a pálida luz do distante poste da rua lançando uma sombra agudamente angulosa sobre suas feições. — Estou satisfeito por sua... herança ter sido bem gasta.

John Henry de repente se sentiu um tanto inexperiente.

— Eu deveria ter agradecido ao senhor, eu sei, mas com o julgamento e tudo mais, não achei que poderia...

— Que razão teria para me agradecer? A herança foi de seu tio, não foi? — Ele começou a andar em direção à rua principal, indicando a John Henry que caminhasse com ele. — Quando muito, eu é que deveria agradecê-lo pelas seis mil libras que meus procuradores recuperaram do Sr. Tubbs e do Sr. Lamkin.

— Todos acreditaram — disse John Henry, ainda maravilhado com a facilidade com que os escreventes foram convencidos de que um tio tão distante e desconhecido deixara um montante considerável a seu sobrinho. — Nunca achei que acreditariam.

— As pessoas acreditam nas coisas que desejam ser possíveis. Que escrevente não gostaria que um parente distante o tornasse beneficiário em seu testamento? Então, estão propensos a pensar que aconteceu com você. — Ele deu alguns passos em silêncio. — Diga-me, houve alguma razão específica para que adotasse o nome Irving?

— Sim — disse John Henry. — Houve, sim. Minha mãe costumava ler para mim os sermões de Edward Irving. Era um evangelizador escocês e um poderoso orador. E eu admiro o autor norte-americano Washington Irving.

— E por que Henry e não John? — perguntou Ragoczy. Eles estavam se aproximando da Estrada de Charing Cross e podiam ver alguns carroções pesadamente carregados, cruzando a via quase deserta, e algumas charretes tentando conseguir os poucos xelins que ainda pudessem dos retardatários de fim de noite.

— Soa mais distinto — disse John Henry imediatamente; ele havia pensado muito sobre essa questão e estava preparado para defender sua escolha, caso questionado.

Mas Ragoczy, ao que parecia, estava satisfeito.

— Então, a melhor das sortes para você, Henry Irving. — Ele acenou para um elegante coche esperando na esquina. — É aqui que nos despedimos, creio eu.

John Henry reconheceu isso com uma onda de embaraço.

— Deveria ter ido ao *pub*. Poderíamos ter bebido alguma coisa. Eles têm um vinho do porto bem decente no *pub*. — Ele detestava ver Ragoczy se afastando. — Quero agradecê-lo. Beber à sua saúde.

Ragoczy parou, então fez uma mesura e disse, numa voz que John Henry nunca se esqueceria:

— É muita gentileza a sua, Sr. Irving, mas eu não bebo vinho.

[20](#). *Melmoth the Wanderer*, romance gótico do escritor irlandês Charles Robert Maturin, inédito no Brasil. - N. da T.

HISAKO-SAN

Ingrid Pitt

A atriz polonesa Ingrid Pitt (Ingoushka Petrov, 1937-2010) é mais conhecida pelos fãs de cinema como a Rainha do Horror da Hammer Film. No início dos anos 1970, ela se tornou um ícone do horror quando o estúdio britânico a escalou em *Carmilla, a Vampira de Karnstein* (filme também conhecido como *Atração Mortal*, baseado no conto *Carmilla*, de J. Sheridan Le Fanu) e em *Condessa Drácula*.

Entre seus outros trabalhos no cinema está o espanhol *El Sonido de la Muerte*, *The Omegans*, *A Casa que Pingava Sangue* (em um segmento baseado na história *The Cloak*, de Robert Bloch), *O Homem de Palha*, *Artemis 81*, *The House*, *Subterrâneos – A Revolta dos Mutantes* (também conhecido como *Transmutations*, baseado em uma história de Clive Barker), *The Asylum*, o curta-metragem *Green Fingers*, *Minotauro*, *Beyond the Rave* e *Sea of Dust*. Ela também apareceu na TV, em *Doctor Who* (nos episódios *The Time Monster* e *Warriors of the Deep*), do canal britânico BBC; em *Thriller*, de Brian Clemen (como a personagem Ilse); e em *Urban Gothic* (no episódio *Vampirology*).

A atriz é autora dos estudos de não ficção *The Ingrid Pitt Bedside Companion for Vampire Lovers*, *The Ingrid Pitt Bedside Companion for Ghosthunters* e *The Ingrid Pitt Book of Murder, Torture & Depravity*, bem como foi colunista regular de revistas como *Femme Fatales*, *Bite Me*, *It's Alive* e *The Cricketer*.

Sua autobiografia de 1999, intitulada *Life's a Scream*, detalha as angustiantes experiências do início de sua vida num campo de

concentração nazista, a busca por seu pai em um campo de refugiados da Cruz Vermelha europeia e sua fuga da Berlim Oriental, um passo à frente da *Volkpolitzei*.

Sobre suas várias aparições como uma *femme fatale* vampira, a atriz certa vez revelou: “são sempre papéis pra se abocanhar com vontade.”

O SARGENTO-DETETIVE JANET Cooper retirou uma fotografia do altar xintoísta e a estudou. Era em preto e branco e estava levemente desbotada, mas era um bom retrato do homem e da mulher vestidos com tradicionais quimonos japoneses, orgulhosamente segurando um bebê recém-nascido. Janet cuidadosamente pôs a foto de volta e passou os dedos pelas outras recordações do pequeno altar improvisado. Um par de velas gastas em pires, um relógio surrado com caracteres japoneses no mostrador e um colar de contas. Ela passou os olhos pela sala, mas não achou nada interessante.

Janet voltou para a sala de estar. Era parca, mas ricamente mobiliada. A porta estava aberta e o zelador do prédio ficou bem debaixo da soleira, observando-os desconfiado. O inspetor Tom Brasher se virou da janela e ergueu uma sobrancelha inquisidora. Janet balançou a cabeça.

— Nada ali — ela reportou.

Brasher pegou uma pasta colorida da mesa e entregou a ela.

— O que acha disso? — ele perguntou.

A pasta era de uma empresa japonesa de encomendas. Dentro dela havia vários recortes de jornal. Eram todos de periódicos de Londres e o assunto era o mesmo em cada um deles. O senador Osram Manhelm. Janet passou os olhos por algumas das matérias e descobriu que o senador estava em Londres para uma missão comercial. Ele deveria se reunir com suas contrapartes japonesas para assinar um acordo Japão/EUA naquela noite. Mas, antes, haveria um pouco de socialização a ser feita. Janet devolveu a pasta para Brasher.

— O que isso nos diz?

Brasher deu de ombros.

— Em primeiro lugar, essa tal Hisako parece ter um interesse especial no senador — disse ele e se virou para o zelador. — Quando a Srta. Hisako chegou?

O zelador estava determinado a não ser prestativo.

— Tá no livro — disse friamente.

Brasher deu um sorriso reluzente.

— Certo. Que tal você buscar o livro, a gente ir até a delegacia e meu sargento fazer uma boa e longa varredura nele?

O sorriso abalou o zelador.

— Três dias atrás — ele murmurou.

— Vinda de onde? — encorajou Janet.

O zelador mostrou indiferença.

— Foi uma reserva particular. Fala com os corretores.

Brasher e Janet voltaram para o carro, estacionado em frente ao prédio. Brasher se recostou na capota.

— Você faz o giro entre os corretores, vê o que consegue com isso. Eu volto pra delegacia de táxi e checo com a imigração — disse ele enquanto se afastava do carro e abria a porta para Janet entrar com um fluido movimento.

Janet se pôs atrás do volante e girou a manivela para abrir a janela.

— O que acha que essa tal Hisako tem a ver com os sujeitos se desfazendo no hospital? — ela perguntou.

Brasher lhe deu um sorriso insípido e sem humor.

— Provavelmente nada, mas ela é interessante — disse a ela.

Ele se endireitou e observou o carro desaparecer em meio ao trânsito. Janet estava certa, é claro. Doze homens, em boa forma, vitimados na flor da idade, era bem difícil de engolir. E só porque a japonesa havia sido vista beijando-os logo antes de eles se tornarem fossas ambulantes não significava necessariamente que ela tivesse qualquer coisa a ver com isso. Brasher não era afeito a coincidências.

Ele não conseguia ver como os dois fatos díspares se interligavam, mas um impulso visceral dizia a ele que a conexão estava ali. Deu sorte com o táxi e estava de volta à delegacia em dez minutos.

Um detetive o chamou assim que ele abriu a porta do departamento.

— Oi, *sir*. Você tá nesse lance do clube de remo, não tá? — ele perguntou.

Brasher assentiu com a cabeça.

— Mais duas — disse o detetive, enigmaticamente.

— Mais duas? — ecoou Brasher.

— Mais duas... hã... mortes suspeitas.

Ele pôs um par de folhas de papel em frente ao inspetor. Brasher as analisou e então olhou para cima, surpreso.

— Por que não me falaram disso antes? — perguntou ele, uma nota de ameaça em sua voz.

— Foram só incidentes separados. Não deram seguimento até nós. — O detetive habilmente afastou a responsabilidade de si.

— Certo. Ligue pra embaixada japonesa. Pergunte o que eles sabem sobre uma mulher chamada Hisako. Provavelmente recém-chegada em Londres. Talvez com a delegação comercial japonesa.

O detetive assentiu e saiu. Brasher pensou por um momento e estava prestes a continuar quando o telefone tocou.

— Brasher. — Ele escutou e assentiu. — Certo. Me encontre nas docas de St. George. Temos mais dois... nada relacionado ao clube de remo, até onde eu sei.

O grande caixote de madeira estava isolado por uma faixa: POLÍCIA — MANTENHA DISTÂNCIA. Brasher caminhou lentamente ao redor da caixa. A frente do caixote estava levemente aberta. Ele abriu mais a tampa e examinou seu interior. Não havia muito a examinar. Só uma tábua grosseiramente acolchoada em posição de banco e alças parafusadas na lateral. Janet estava falando com um dos seguranças. Brasher a chamou.

— Veja se consegue caber aí — ele disse.

Janet não chegava nem perto de encaixar sua figura de 1,80 m no espaço oferecido.

— Eu precisaria perder mais de dez quilos e serrar minhas pernas nos joelhos — voluntariou-se ela. Brasher ajudou-a a sair da caixa.

— O que conseguiu com o guarda? — ele perguntou.

— Não sabe de nada — disse ela enquanto se aprumava. — Jim Bailey trabalha aqui há cerca de vinte anos. A aposentadoria sai no fim desse ano. — Ela pensou e cuidadosamente se corrigiu. — Saía.

— E o marinheiro?

Janet pegou sua caderneta.

— Taki Takamura, 28 anos, de Soma. Adoeceu na noite de ontem e morreu nesta manhã — ela leu.

— Algo mais? — ele perguntou em um tom negativo.

Janet balançou a cabeça. O celular de Brasher tocou e ele o pescou de seu bolso.

— Brasher. — Ele escutou atentamente sem interrupção. — Tem certeza disso...? Certo, divulgue um boletim e me avise se souber de algo novo. — Brasher devolveu o telefone ao bolso.

— Tivemos uma resposta da embaixada japonesa — disse ele. — Hisako não é membro da delegação comercial e não há relato de ninguém com o nome dela que se encaixe na descrição entrando no país nos últimos dez dias. — Ele pensou com cuidado em suas palavras seguintes antes de continuar. — Porém, há relatos de uma Hisako desaparecida de um hospital militar em Soma. A descrição bate e poderia ser ela... tirando uma coisa. Ela tem uma rara doença linfática e começou a viver numa bolha de isolamento um pouco depois que nasceu. Os médicos insistem que, a essa altura, ela já deve estar morta. E sabe o que causou a doença?

Brasher inspirou fundo e respondeu à própria pergunta.

— Precipitação radioativa da bomba de hidrogênio que os ianques jogaram em Nagasaki.

Janet fez uma careta, caminhou até a beira do píer e fixou o olhar sobre as águas que ondulavam gentilmente.

— Ela não pode ser tão velha — disse lentamente.

Brasher assentiu com a cabeça, concordando.

— E não é. Os pais dela foram os afetados. Eles não demonstraram nenhum sintoma adverso, mas transmitiram a doença à filha. — Ele pensou por um instante. — Alguma ideia? — perguntou.

Janet se virou para encará-lo.

— Os recortes naquela pasta. Havia um que traçava um breve perfil do senador Manhelm. Ele era parte do esquadrão que lançou a bomba.

A festa na embaixada norte-americana, em Grosvenor Square, estava a todo vapor quando Brasher e Janet chegaram. A equipe da embaixada se recusou a dar a eles credenciais de segurança e insistiu que eles estavam ali apenas como convidados.

O convite dizia das 20h00 às 22h30. Já eram 21h45 e Brasher começava a pensar que eles tinham exagerado e visto muitos filmes do Arnie Schwarzenegger. Quando se parava para pensar, racionalmente, de forma imparcial, a teoria toda era ridícula. Como uma jovem com uma doença mortal poderia chegar até Londres, deixar uma trilha de mortes hediondas e ainda perambular por aí com todo o aspecto de uma pessoa saudável?

Ele estava prestes a sugerir a Janet que pegassem seus casacos e fossem embora, quando uma onda de comentários reverberou sobre o burburinho geral. Brasher passou os olhos ao redor. Todos estavam olhando para a entrada principal.

Nada havia preparado Brasher para a pura beleza da refinada mulher que estava na soleira. Ela era pequena, mas belamente proporcional. Seu cabelo, preto como a meia-noite, estava preso no alto de sua cabeça por um reluzente pente ornamentado. O quimono de seda azul-claro que vestia a cobria do pescoço aos pés, mas o tecido fino em nada disfarçava o corpo debaixo dele.

— Tem que ser ela — afirmou Janet desnecessariamente.

O senador foi o primeiro a se recompor. Ele deu seu largo sorriso texano e avançou sobre a mulher como uma avalanche no início da

primavera. Janet deu um tapinha no braço de Brasher e chamou a sua atenção.

— E agora? — perguntou de maneira simples, mas indo direto ao ponto.

Brasher se sacudiu, literalmente, e voltou a se focar no trabalho diante de si.

— Vamos só ficar de olho nela.

O senador estava ocupado, apresentando Hisako aos outros convidados. Ele estava claramente impressionado e ignorava totalmente os olhares venenosos que sua esposa lhe lançava enquanto ele se pavoneava, numa falha tentativa de remoçar 50 anos.

Meia hora depois, os convidados começaram a se dispersar. Brasher acenou para Janet e se posicionou ao lado da porta. Janet se juntou a ele.

— Quando ela sair, se identifique e peça a ela pra irem à delegacia. Se der alguma confusão, prenda ela — ele instruiu.

Janet fez uma cara feia.

— Sob qual acusação?

— Ser um perigo à saúde de senadores velhos, pra começar. A gente pensa em alguma coisa. Só não a perca — Brasher disse a ela.

Ele olhou ao redor. Não havia nem sinal do senador nem de Hisako. Brasher ralhou:

— Droga! Pra onde eles foram? Fique de olho na porta.

Ele pôs o copo vazio com o qual vinha se ocupando no peitoril da janela e caminhou resolutamente em direção ao lugar em que tinha visto o senador e sua adorável convidada pela última vez.

A porta para o terraço estava aberta e ele se colocou numa posição em que podia ver o exterior. Conforme seus olhos se ajustavam à escuridão, divisou duas figuras de pé junto a balaustrada. Ele não sabia o que fazer. Se sentia como um *voyeur*. Hisako se aproximou do senador e tirou as longas luvas que usava. Havia algo de ameaçador no modo como ela desnudou as mãos e isso não passou despercebido por Brasher.

Ainda não tinha uma ideia clara do que faria. Ele tossiu e saiu para o terraço. O senador o viu e cambaleou para trás, aumentando um pouco a distância entre ele e a tentação. Mas não estava satisfeito.

— Sim? — vociferou ele.

Antes que Brasher pudesse pensar em algo para dizer, Hisako estendeu os braços, tomou o rosto do senador em suas mãos e deu no velho um apaixonado beijo nos lábios. Hisako recuou e fez uma grande medida. Um leve e entretido sorriso se esgueirava por seus lábios, provocando o policial a fazer algo.

Com um movimento que teria deixado Gypsy Rose Lee²¹ com inveja, Hisako arrancou seu quimono de seda e jogou-o no chão. Por baixo, ela vestia um colante bem justo, que revelava cada curva e ondulação de seu corpo perfeito. O senador estava começando a recuperar o equilíbrio.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou ele em voz alta, mas ninguém se incomodou de responder. Ainda com os olhos hipnoticamente fixos no rosto de Brasher, Hisako pôs de lado o acessório de cabelo ornamentado que usava. Debaixo dele, seu crânio era pelado. Mas nem isso diminuía sua beleza arrebatadora. Brasher conseguiu fazer um pouco de ar passar por suas cordas vocais.

— Inspetor Brasher. Gostaria de saber se pode me acompanhar até a delegacia. Eu gostaria de perguntar... — Sua voz diminuiu até cessar e ele sentiu-se inepto.

Hisako caminhou lentamente em sua direção.

— Creio que não, inspetor. Tenho outros planos — disse ela, suavemente.

Antes que Brasher pudesse se mover, a mão dela disparou e se chocou contra sua garganta. Brasher cambaleou para trás, derrubando uma bancada com um enorme vaso de planta. O som do impacto fez dois seguranças virem correndo, de pistolas em punho. Hisako já se preparava. Quando o primeiro segurança passou pela porta, foi recebido com um *mata geri* voador que o jogou contra a parede. O segundo

segurança decidiu que esse era um daqueles momentos em que se atira primeiro e se pergunta depois.

Hisako deu uma cambalhota para trás e seu pé arqueado acertou o pescoço dele. Sua arma disparou, mas o tiro não acertou Hisako. Outros agentes vieram correndo. Eles não eram páreo para sua oponente graciosamente letal.

Janet chegou na cena em tempo de ver um dos seguranças de 100 quilos ser jogado por sobre a balaustrada. Se os treinados seguranças norte-americanos com suas armas não estavam chegando a lugar algum, era bastante improvável que ela fizesse diferença com seu bastão telescópico.

Janet apressadamente se escondeu atrás da espessa porta de madeira que levava ao saguão de entrada. Ela viu Hisako se afastar e correr em direção ao local em que estava escondida. A policial jogou seu peso sobre a pesada porta. Um baque satisfatório se fez ouvir quando Hisako, pega completamente desprevenida, trombou com a porta em movimento. O impacto a lançou para o outro lado do salão.

Janet não perdeu tempo. A japonesa estava atordoada, mas já se recuperando, quase de pé. Janet apanhou uma estatueta de bronze de John Wayne e se lançou adiante. O pesado ornamento se chocou contra a têmpora de Hisako com todo o peso da policial e o ímpeto de sua corrida. O baque do choque contra a cabeça careca de Hisako ecoou pelo salão.

Exausta pelo esforço, Janet se deixou cair no chão e olhou para o hediondo ferimento que havia aberto no crânio nu de Hisako.

Deixou os seguranças se ocuparem da mulher inconsciente e, por fim, foi procurar Brasher. Ela o encontrou curvado sobre o senador. Ele olhou para cima.

— Chame uma ambulância — ele disse a ela. — O senador foi baleado.

Hisako estava se mostrando um milagre da medicina. O ferimento em sua cabeça cicatrizava em uma velocidade fenomenal. Só haviam se passado quatro horas desde que Janet a tinha posto no chão, mas o corte já havia fechado, deixando apenas uma cicatriz vermelha recortada para registrar o ocorrido.

O senador não havia se saído tão bem. Ele tinha começado a desenvolver os sintomas que estavam se tornando tão conhecidos de Brasher e Janet.

Os médicos não tinham respostas para suas perguntas. O melhor que conseguiam elaborar era que o corpo de Hisako era essencialmente *diferente*, que havia se tornado mais eficiente e, eles complementavam com relutância, aprimorado. O interessante quanto ao seu sistema imunológico parecia ser que ele se exteriorizava por meio de suas glândulas linfáticas. Isso explicava as mortes daqueles que tiveram a infelicidade de entrar em contato físico com ela.

Pouco antes da meia-noite, o senador teve uma morte agonizante, literalmente apodrecendo vivo. Os médicos estavam se esbaldando. Já chamavam a doença, que destruía totalmente o sistema imunológico da vítima, de “Síndrome de Hisako” e competiam pela honra de dar a ela sua designação em latim. Hisako estava trancada numa cela de isolamento até que um ambiente seguro e esterilizado estivesse disponível para ela no hospital.

Janet terminou de ler seu relatório sobre os incidentes do dia. Ela sentiu certa simpatia pela mulher capturada. Devia ter sido terrível para ela. Ser mantida durante toda a vida numa bolha hermeticamente fechada. Tratada feito um rato de laboratório. De algum modo, ela tinha sido tocada por outro ser humano, só para ver ele ou ela morrer, apodrecer e murchar diante de seus olhos. Janet podia imaginar a fúria que aflorou dentro da mulher.

Seus registros mostravam que ela tinha uma inteligência muito acima da média. Falava várias línguas e tinha vários PhDs. Sua inteligência e seu isolamento haviam alimentado sua mente, mas ela não

tinha noção das coisas simples da vida. E tudo se devia à bomba que os norte-americanos lançaram em sua cidade natal.

De alguma maneira, o senador Manhelm tinha se tornado responsável por todos os seus problemas e ela resolvera destruí-lo. O clube de remo e os outros haviam simplesmente tido a infelicidade de cruzar seu caminho.

Janet trancou o relatório em sua gaveta e estava se preparando para sair quando o telefone tocou. Hisako havia adoecido e estava pedindo para vê-la. Janet hesitou. Apesar de sua empatia, não queria se aproximar demais da mulher mantida prisioneira. Então, ela deu de ombros. Que mal poderia fazer?

Ao entrar na cela, Janet engasgou com o cheiro de putrefação que penetrava até na máscara cirúrgica que estava usando. Hisako estava amarrada com uma camisa de força, deitada de lado e virada para a parede. Sua cabeça pelada já estava sarapintada e havia criado nauseantes bolhas, gotejando pus. Hisako se virou para olhar Janet. A policial estava chocada com a mudança nas delicadas feições da bela mulher. O rosto de Hisako havia inchado feito uma abóbora escarlate. Seus olhos, que há algumas horas eram tão belos e límpidos, agora eram cataratas leitosas que cintilavam febrilmente. Sua boca perfeita, uma cratera deformada de úlceras purulentas. Lentamente, Hisako se pôs de pé. Sem esforço, flexionou seus músculos e a camisa de força se rasgou e caiu embolada no chão.

Janet quis gritar, alertar os guardas para o que estava acontecendo, mas não conseguia se mover.

Hisako mancou dolorosamente na direção da policial hipnotizada e estendeu suas pavorosas mãos.

Janet sentiu sua mente fugir gradualmente enquanto a aterrorizante entidade rasgou sua camiseta e sua jaqueta, e gentilmente tocou seus lábios ulcerados no peito nu de Janet. Enquanto sua consciência se

esvaía, a policial sentiu o hálito febril de Hisako sugar a vitalidade de seu corpo.

Quando Janet recuperou a consciência, Hisako estava sentada no chão, ao lado da porta. Hisako ainda estava nua, mas sua pele estava tão límpida e imaculada quanto havia estado conspurcada e corrompida alguns minutos antes.

Janet soube, com uma certeza terrível, o que aquilo significava. Ela acalmou o pânico que aquela ideia provocou em sua mente e olhou para Hisako. Ela não tinha mais medo da mulher.

A bela assassina agarrou a frente da camisa esfarrapada de Janet e forçou-a a ficar de pé, para que ela ficasse de frente para a entrada. Com a palma da mão, ela golpeou a porta da cela. Uma tremulação no olho mágico, o chacoalhar das chaves na fechadura e, antes que Janet pudesse gritar em advertência, a porta se abriu.

Hisako deu a Janet um doce sorriso ao escancarar a porta. O policial de guarda não teve nem chance. A mão de adaga de Hisako perfurou a parede de seu estômago e subiu até seu coração. Janet arremeteu para frente, mas a transtornada mulher a afastou para o lado, quase gentilmente. Foi como se ela não quisesse feri-la. Apenas deixá-la para definhar na morte horrenda que era seu último legado.

Brasher se encaminhava para checar com seus próprios olhos as condições da prisioneira. Ele ouviu o grito quando Hisako rasgou o corpo do policial. Chegou bem em tempo de vê-la atravessar a porta que dava para a recepção da delegacia. Ele correu atrás dela, mas, no momento em que chegou à sala externa, ela já havia subjugado os policiais que tentaram contê-la e saiu pela porta da frente.

Um par de policiais caminhando em direção ao prédio parou, surpreso, quando a mulher nua irrompeu pela porta principal. Brasher gritou para que eles a detivessem. Havia um muro de três metros ao longo da pista. Sem diminuir a velocidade, Hisako saltou sobre um carro estacionado e, sem esforço aparente, passou pelo obstáculo.

Brasher correu para o carro. Quando ele começava a se afastar do meio-fio, Janet apareceu na pista e o deteve. Ela pulou no banco do passageiro.

— O que houve? — perguntou ele enquanto acelerava na direção que Hisako havia tomado. — Você tá bem?

Janet ignorou a pergunta e apontou para a direita.

— Lá está ela.

Hisako havia chegado ao Embankmen²² correndo ao longo do parapeito numa velocidade fantástica. Brasher tentou ultrapassar o tráfego até o outro extremo da pista, mas o trânsito do horário de pico do fim de noite estava intenso e ele perdeu segundos valiosos antes de conseguir. A essa altura, Hisako tinha desaparecido.

— Pra onde diabos ela foi? — inquiriu Brasher. Janet abriu a porta do carro. — Ela está indo para a Ponte Lambeth. Vai ser mais rápido irmos a pé.

Brasher assentiu e puxou o rádio.

— Central... aqui é Brasher. Solicitem um bloqueio no lado sul da Ponte Lambeth. Estou em perseguição a pé com a detetive Cooper, ao norte do Embankment. Precisamos de reforços. E rápido!

Brasher guardou o rádio e começou a correr atrás de Janet. Enquanto eles seguiam para a ponte, viram um carro de polícia estacionar no final da pista, no lado oposto. Janet diminuiu o passo e Brasher a alcançou.

— Consegue vê-la? — ofegou ele enquanto se dobrava e inspirava o máximo de ar possível em seus pesados pulmões.

Janet balançou a cabeça.

— Ela deve estar na ponte. Não deu tempo de atravessá-la completamente.

Um carro de polícia encostou ao lado deles e o motorista se inclinou para fora da janela.

— O que quer que eu faça, *sir*? — ele perguntou.

Janet respondeu.

— Um de vocês fica aqui e desvia o trânsito. O outro libera a ponte. Agora! — ela ordenou.

O motorista colocou o carro de lado, efetivamente bloqueando aquele lado da ponte. Brasher e Janet foram para lados opostos da pista e caminharam lentamente na direção das viaturas na outra ponta. Brasher foi o primeiro a avistar a mulher que perseguiram. Ela estava elegantemente recostada contra uma das escoras de suspensão do velho viaduto, a suspeita de um sorriso em seus lábios.

— Certo, senhorita — disse Brasher, tranquilizadamente. — Apenas saia daí e vamos conversar. Tenho certeza de que podemos resolver de alguma forma.

Hisako girou ao redor de um dos pilares e pousou na parede lateral com o repique de uma risada, como se tudo fosse um jogo.

— Claro que podemos, inspetor. Você vai achar pra mim uma bela e aconchegante cela de isolamento, onde posso me tornar uma curiosidade clínica pra cada médico simplório que tenha uma teoria e um fascínio por Jekyll e Hyde. Obrigada, mas não, obrigada, inspetor.

Hisako se agachou, de modo que sua cabeça estava quase na mesma altura que a de Brasher. Seus olhos pareciam ter se tornado enormes. O inspetor teve um desejo avassalador de se deixar flutuar pelas suas sombrias profundezas.

— Venha, inspetor. Venha para mim — sussurrou Hisako.

O juízo de Brasher lhe disse para manter uma distância segura entre eles, mas essa vontade não era forte o bastante. Ele deu um passo vacilante em direção à mulher.

— Isso mesmo, não resista, você sabe que me quer. Rápido, me dê sua mão. — Sua voz era uma carícia suave e erótica. Brasher era só um espectador quando sua mão se estendeu para a bela sedutora agachada nua no parapeito. Seus dedos estavam quase se tocando. Brasher fez um último e supremo esforço para controlar suas ações, mas a influência de Hisako era forte demais. Ele ouviu a voz de Janet chamá-lo para impedi-lo, mas de nada adiantou. Ele tinha que estar com Hisako.

De repente, o ressoar de passos e ele foi jogado violentamente para o lado.

Hisako viu Janet se aproximando e tentou se colocar em uma posição mais segura no estreito parapeito. A policial não tinha mais nada a perder. Sabia com uma certeza terrível que, em algumas horas, seria vítima de todos os males que Hisako era capaz de desencadear e esse conhecimento a impeliu. Ela se lançou contra a ogra no parapeito e envolveu as pernas da outra mulher com seus braços.

Hisako tentou se segurar, mas o impacto do corpo na arremetida de Janet foi demais até mesmo para sua força superior resistir. Por um momento, elas oscilaram na beira da ponte e, então, quase em câmera lenta, tombaram para trás.

Brasher despertou do transe em que estava e correu para a ponte, tarde demais para salvar qualquer uma das duas.

Ele só pôde ficar ali e vê-las mergulhar nas águas escuras e rodopiantes do Rio Tâmis lá embaixo.

A polícia vasculhou o rio e suas margens durante dias, mas nunca resgatou os corpos nem de Janet Cooper nem da misteriosa Hisako-san.

[21.](#) Vedete estadunidense que se tornou famosa por seus números de *striptease*. — N. do E.

[22.](#) O Thames Embankment é um calçadão à beira do Rio Tâmis; divide-se entre Victoria Embankment e Chelsea Embankment, de acordo com a área da cidade que abarca. - N. da T.

COR DE ABÓBORA E SANGUE

Kathryn Ptacek

Entre os romances de Kathryn Ptacek estão *Gila!*, *Shadoweyes*, *Kachina*, *The Phoenix Bells*, *The Black Jade Road*, *The Willow Garden*, *Ghost Dance* e *The Hunted*, publicados sob seu nome e outros pseudônimos. Ela editou dois volumes das antologias *Women in Darkness* e seus contos foram reunidos pela editora Wildside Press em *Looking Backward in Darkness: Tales of Fantasy and Horror*. Ela também edita o informativo *The Gila Queen's Guide to Markets*, direcionado a escritores, artistas, editores e agentes ao redor do mundo.

Ptacek foi casada com o escritor e editor Charles L. Grant, de 1982 até a morte dele, em 2006.

“Vampiros na Guerra Civil Americana?”, pergunta a autora. “Uma escolha natural, na minha opinião. A guerra entre os estados se provou um dos conflitos mais sangrentos conhecidos pelo homem, e que lugar melhor pra se achar uma lâmia que caça homens jovens?”

“Meu romance *Blood Autumn* marcou a primeira aparição de uma lâmia-irmã (há muitas nessa família letal), então ela e outra irmã tiveram papéis fundamentais na história da pré-sequência, *In Silence Sealed* (a verdadeira história do que aconteceu com Byron, Keats e Shelley). Irmãs diferentes também surgiram em vários contos e tenho certeza de que outras narrativas históricas de seus feitos mortais serão desenterradas de tempos em tempos.”



ELE A VIU pela primeira vez na noite de outono em que a temperatura despencou, beirando o congelamento, e o fedor de fumaça se combinava ao das folhas e dos homens moribundos.

John Francis Foster havia sido ferido em batalha há apenas três dias e, depois de ter passado um dia e uma noite, chuvosa e fria, deitado no campo ensanguentado — não havia homens suficientes capazes de recolher os feridos e os moribundos —, ele enfim havia sido localizado e levado ao hospital.

Em sua primeira noite no relativo conforto da tenda hospitalar, Foster não fez nada além de dormir e ocasionalmente gemer. Na segunda noite, ele teve um sono menos pesado e, quando acordou, voltou a dormir logo, quase sem notar seus ferimentos naquele momento.

A terceira noite ele passou em claro, totalmente a par da dor em seu flanco, onde a bala Minié havia franzido a carne e onde uma queda havia quebrado seu braço em dois lugares; foi então que ele viu a mulher.

Ela estava no extremo oposto da tenda, falando com um dos pacientes ali, um jovem de cabelos escuros, cuja perna esquerda havia sido destroçada por um tiro e, posteriormente, amputada. A condição do homem era boa, pois ele era jovem e tinha, no geral, uma boa saúde, e esperavam que ele deixasse o hospital dali a uma semana. O homem teve mais sorte do que muitos outros de seus camaradas ali, pensou Foster.

Uma mulher naquele lugar infernal era uma visão singular, atinou Foster, pois toda a enfermagem, com uma exceção, era composta de homens, a maioria fuzileiros navais designados para tal missão. Talvez aquela mulher fosse uma civil de uma das fazendas ou cidades próximas, vindo visitar os feridos, vindo trazer presentes ou comida, vindo para levantar o moral.

Ele deslocou a cabeça levemente, fechou os olhos quando a náusea irrompeu e, assim que sentiu-se bem, olhou para sua direita. Um

menino, certamente com não mais do que quatorze anos, estava encolhido no catre. Um cheiro de pus e urina vinha dele. Foster, há muito acostumado aos cheiros pungentes do campo de batalha e agora do hospital, mal notou o fedor. Do outro lado do menino — Foster achou que o nome do rapaz era Willy — dormia um homem acima do peso com um semblante avermelhado.

Um beberrão, pensou Foster, e invejou a fuga líquida do homem. Agora, porém, ele roncava pesadamente, a saliva borbulhando em seus lábios carnudos. Foster não sabia o que havia de errado com o beberrão, mas ele estava ali há mais tempo que qualquer outro paciente e não parecia inclinado a sair dali tão cedo.

À esquerda de Foster estava deitado um velho sargento; o homem devia ter mais ou menos 50 anos, mas agora parecia um idoso. Sua pele estava cinzenta e se dobrava sobre seu corpo nos locais em que havia perdido muito peso. Desde que Foster chegara ali, o sargento não havia aberto os olhos; sua respiração, que mal era audível, nunca variava. Pela estreita passarela entre as fileiras de catres, Foster podia ver outros parecidos com ele — homens com bandagens nas cabeças, sobre seus olhos, ao redor dos tocos de seus braços, de suas pernas, pela extensão de seus torsos.

Durante o dia, alguns deles falavam — aqueles com menos dor — mas, à noite, era o horror. Enquanto alguns dormiam, ignorando sua dor e a angústia daqueles ao seu redor, a maioria dos feridos sofria mais durante as longas horas escuras. Poucos falavam qualquer coisa, mas Foster ouvia muitos gemidos, soluços, pragas e lamúrias, enquanto outros eram lançados sem palavras ao seu estado febril; ocasionalmente, uma voz plangente rezava pela morte.

No fim da tenda, só a alguns metros da mulher, havia uma tela alta e removível. O tecido dela já havia sido branco, mas agora era salpicado de vermelho, amarelo e preto, de todos os pacientes que haviam encarado os desesperados cuidados do cirurgião por trás dela. Atrás dessa barreira estavam uma mesa robusta, sobre as quais as operações

eram conduzidas, e um modesto armário onde era guardado o escasso suprimento de drogas e utensílios do cirurgião.

Então, ao olhar ao seu redor, a mulher viu Foster observando e sorriu; ele pensou no quanto ela era linda, realmente a mais encantadora que via em um bom tempo. Seu cabelo comprido até a cintura, preso na nuca de seu pescoço delgado, aparentava ser de um vermelho dourado, ou assim parecia sob a luz tênue. Ele não conseguia ver a cor de seus olhos, embora eles parecessem escuros. Seus lábios eram vermelhos e carnudos, a pele era pálida, mas essa era a constituição de muitas das nossas damas sulistas, refletiu ele. Seu vestido era de bom tecido, de uma sóbria cor cinzenta, bem parecida com a dos uniformes do exército de Foster.

Ou dos uniformes que um dia tivemos, ele pensou, ao notar a aparência de cada um dos pacientes. Alguns ainda vestiam os restos de seus uniformes — o cinza, com adornos cor de abóbora, mas a maioria usava apenas farrapos descoloridos, e mesmo aqueles com uniformes quase inteiros adicionavam a ele uma cor; os homens vestiam cinza, cor de abóbora e sangue.

A mulher agora estava se inclinando sobre o jovem amputado, segurando sua mão. Foster olhou para o outro lado. Talvez ela fosse irmã ou noiva daquele homem. Ele adormeceu logo depois disso e, quando acordou novamente, a mulher havia ido embora.

No dia seguinte, o jovem morreu.

Os médicos vieram à tarde e examinaram cada um dos homens. Disseram a Foster que ele devia descansar mais e lhe deram uma colher de algum remédio de gosto horrível. Suas refeições naqueles dias foram vários bocados de um mingau ralo no qual um frango havia sido desfiado para dar sabor, ou assim ele suspeitava, e no qual flutuavam algumas cebolas selvagens. Era tudo que seu estômago conseguia tolerar.

Naquela noite, ele sentiu-se muito pior do que havia se sentido na noite anterior e a dor irradiava de seu flanco, descendo pelas pernas até

ele achar que seus membros estavam em chamas; seu braço latejava todas as vezes em que tomava fôlego. Ele se forçou a não pensar em sua condição, arrastando sua mente para outros tópicos, como sua família.

Sua família o esperava em casa, no leste do Tennessee e, com a vontade de Deus, ele logo estaria com ela. Desejou poder mandar uma carta para casa, para sua esposa, mas ninguém havia aparecido para perguntar se ele gostaria de escrever cartas, ninguém na tenda tinha papel ou lápis para ele usar. Então, ele escreveu cartas para Sarah e para seus pais em sua mente. Toda noite, ele revisava a carta da noite anterior; concentrava-se em cada palavra, cada frase. Achou que era o único modo de manter a dor longe.

Nem sempre ele era bem-sucedido.

Naquela noite, seu sono foi instável e, assim que despertou — ou talvez tenha sido simplesmente um sonho — ele viu novamente a mulher de cabelos acobreados, e, desta vez, ela estava no segundo catre a contar da porta, de alguma forma parecendo ter *engatinhado* sobre o corpo do soldado adormecido ali; parecia estar reclinada sobre o peito dele, sussurrando para ele. Seu cabelo caía em longas mechas lustrosas e tudo que Foster conseguia ver por entre essa cortina eram as pontas de seus seios forçando o confinamento do vestido. Ele piscou, sua visão borrada, e quando despertou, o homem no segundo catre — um irlandês de cabelos cor de fogo — estava sozinho.

No dia seguinte, enquanto Foster se esforçava para sentar-se ereto, pensou em seu sonho da noite anterior. Quão curioso havia sido. Ele nunca havia tido um sonho assim; nunca. E o que significava esse sonho tão peculiar? Talvez significasse, pensou ele, com o que se passava vagamente por um sorriso, que ele estava há muito tempo sem uma mulher.

Ele viu que um homem defronte a ele estava acordado, dando colheradas no mingau que os enfermeiros haviam lhe trazido, e decidiu que iria puxar um pouco de conversa.

— John Francis Foster — disse ele quando conseguiu a atenção do outro homem.

— Webster Long — disse o outro.

Eles trocaram informações sobre suas respectivas companhias e suas experiências de combate, reais e exageradas, e sobre a última batalha que os havia levado ao hospital. Long, um soldado que havia se voluntariado assim como Foster, havia perdido um olho para uma baioneta e sua cabeça estava quase toda revestida por compressas, de modo que Foster não tinha como dizer de que cor eram os cabelos do homem. Long tinha um bigode cheio, porém, e pálidos olhos azuis. Foster se virou levemente, fazendo uma cara feia ante a estocada da dor.

— Você viu algo de diferente por aqui na noite passada? — perguntou ele, depois de se acomodar mais confortavelmente.

— Diferente? — Long fez uma pausa, um pedaço de pão de milho em sua mão. — Que quer dizer com isso?

— Havia uma mulher aqui. Eu a vi na noite passada e na noite anterior a essa.

Long balançou a cabeça.

— Num vi mulher nenhuma. Devia tá sonhando. — Ele sorriu. — Queria eu ter esses sonhos.

Foster sorriu de volta.

— Não, meu irmão, estou dizendo; eu vi uma mulher. Bem ali — ele apontou com o queixo para onde o irlandês ruivo estava deitado.

— Não; eu num vi. — Long abocanhou o que restava do pão de milho, então limpou as migalhas do bigode. — Ela era bunita?

— Linda.

— Me conta — disse Long, enquanto se recostava na parede.

Foster se pôs a descrever a mulher com riqueza de detalhes; é verdade que, após alguns instantes, ele começou a florear a descrição. Foi o olhar que lançava o olho remanescente de Long que o levou a

fazê-lo. Long queria algo fora do comum, algo que o impedisse de pensar em sua condição, e Foster decidiu que daria isso ao homem.

— Um anjo — suspirou Long.

— Eu pensaria que sim — disse Foster. Era verdade que ele nunca tinha visto uma mulher tão adorável quanto aquela. Sua Sarah decerto era atraente, mas não da mesma forma que essa outra mulher. Sarah também trabalhava com ele na fazenda e tinha mãos vermelhas e endurecidas, a pele escurecida pelo sol. Era tão adorável, pensou ele, quanto no dia em que eles se casaram, três anos atrás.

Naquele momento, um dos enfermeiros, um homem corpulento — Foster sabia que eles tinham que ser robustos e fortes para poderem conter os homens aos berros, cujos braços e pernas eram serrados sem o benefício da anestesia —, entrou na tenda. Ele estava ali para checar cada homem convalescente e começou pela ponta de Foster e Long, mas, quando chegou à extremidade oposta, deu um grito para outro enfermeiro, que chegou às pressas.

— Este homem está morto — e o primeiro enfermeiro apontou para o irlandês ruivo.

Foster pensara que o homem estava simplesmente dormindo.

Os dois enfermeiros levaram o corpo para fora; Foster e Long olharam um para o outro, mas nada disseram. Uma hora depois, outro homem, ferido recentemente na luta que continuava, reivindicou o catre vago.

Foster conversou um pouco mais com Long e com vários outros que estavam mais alertas naquele dia. Quando a noite caiu e sua última refeição estava sendo servida, ele soube que estava pronto para dormir.

Porém, ainda o intrigava Long não ter visto a mulher; e nem os outros dois homens a quem Foster perguntou. Ele entendia que Long pudesse não tê-la visto por causa das bandagens cobrindo aquele lado de seu rosto. Ainda assim...

Foster comeu seu pão de milho, levemente gorduroso, mas ainda assim o achando o melhor que já havia comido, e rapidamente sorveu

seu caldo e pediu por mais. Era a primeira vez que queria mais do que apenas uma tigela.

Após usar o penico segurado por um dos enfermeiros, um sujeito grande e feio que parecia preferir matar cada um dos homens feridos em vez de ter que servi-los, Foster deitou-se cuidadosamente em seu catre e puxou sobre si o grosseiro lençol. O sol já há muito tinha se posto e uma leve frieza havia chegado. Ele sentia o cheiro de palha recém-cortada vindo lá de fora, a última colheita do ano, e se perguntou se o hospital ficava perto de uma fazenda ainda sendo cultivada. Havia tão poucas intactas desde que a guerra havia começado.

Ele sentia falta de sua própria fazenda e se perguntou em que condição ela estaria. Ele tinha homens para trabalhar nela, mas haveriam eles partido para a guerra, como ele o fizera? O que teria feito sua esposa, deixada somente com o velho e enfermo pai e o punhado de escravos que eles possuíam? Ele agora captou o aroma de alguma outra coisa, um cheiro quase de especiarias, alguma fragrância exótica que parecia não ter lugar nesse inferno que recendia a urina, intestinos soltos e corpos sujos, e ele abriu os olhos e viu que a mulher havia retornado. Ela estava sentada recatadamente em uma cadeira junto à cama de Patrick DeLance, um tenente da companhia de Foster. DeLance havia sido ferido um ou dois dias antes de Foster, mas suas lesões estavam cicatrizando notavelmente bem. DeLance conversava atentamente com a mulher, sem nunca desviar os olhos de seu rosto. Suas vozes eram baixas, então Foster não conseguia discernir muitas palavras, mas, em determinado momento, ele pensou ter ouvido o nome “Ariadne”.

Foster era um homem com alguma educação, tendo passado dois anos na faculdade antes de voltar para casa e para a fazenda, onde ele era necessário, e sabia que o nome tinha origem clássica. A filha do rei Minos, como ele se recordou; a mulher que havia amado Teseu e o ajudado a encontrar a saída do labirinto.

Ariadne. Um belo nome. Ele o murmurou em voz alta. Ele caía bem em sua língua e em seus lábios.

Ariadne. Era adequado a ela. Um belo nome para uma bela mulher. Dirigiu seu olhar uma vez mais para ela e, como naquela outra vez, ela parecia ter engatinhado para cima do outro homem. Ele piscou; decerto não poderia estar vendo o que via, e mesmo com a parca iluminação da tenda, ele conseguia discernir o contorno da mulher escanchada, de braços, sobre DeLance, e as saias dela espalhadas sobre ele. Ela se balançava para frente e para trás e murmurava o tempo todo, e ele conseguia ouvir o gemido de DeLance.

Mesmo constrangido, Foster ainda assistia; ele não conseguia desviar o olhar. DeLance gritou ante o êxtase e a mulher sussurrou, inclinou-se sobre os lábios do tenente e beijou-o demoradamente.

Foster sentiu um calor permeando seu corpo e fechou os olhos bem apertados, pensando em Sarah, a benevolente Sarah. Sarah, que era só um pouco magra demais por causa daqueles tempos difíceis; não tinha um corpo voluptuoso como o dessa mulher... essa Ariadne... ali na tenda.

Uma mulher no hospital. Impossível, disse a si mesmo, e olhou uma vez mais e Ariadne estava se erguendo de DeLance, endireitando as saias do vestido. Foster observou quando ela correu uma mão do peito à virilha de DeLance e ele estremeceu.

Ele dirigiu seu olhar para Long, mas o homem dormia. Foster olhou para cima e para baixo pelas fileiras duplas e viu que, dos outros homens, era o único acordado, o único que vira... o que tinha visto. Mas o que fora aquilo?

A mulher — Ariadne — havia feito algo com DeLance. Ela havia montado... não, decidiu Foster, montado não era bem o termo apropriado. Serpenteado? Não.

Ela havia seduzido... não, essa não era a palavra certa. Nada era certo, ele decidiu, nada naquela noite.

Foster fechou os olhos e desejou que o sono chegasse, mas ele teimosamente se recusava a vir.

No dia seguinte choveu e a umidade atravessou as paredes de telas, entranhando-se nos ossos dos homens e arrepiando até suas almas.

Foster se sentiu mal como nunca desde que chegara ao hospital. A aba da tenda havia sido deixada aberta e ele podia ver o exterior cinzento, as folhas pingando, as cores pálidas, e se lembrou de como era o outono em sua terra.

Ele e os outros fazendeiros da região já teriam terminado a colheita e as esposas, mães e irmãs teriam passado o dia cozinhando e, então, perto do pôr do sol, viriam as danças no celeiro de alguém. Algum homem levaria uma rabeça e talvez um berimbau de boca, daí talvez um ou dois baldes ou até uns jarros velhos — eles não ligavam muito para o que usavam como instrumento musical, contanto que fizesse barulho — e William, o velho escravo de Foster, um homem que havia trabalhado para seu pai, levaria seu banjo. Eles todos dançariam também, os escravos e seus proprietários, em rodas separadas. O celeiro estaria cheirando a maçãs secas, a adubo velho, a palha nova e a poeira que subia sobre seus pés no chão de terra batida. Uma vaca, em algum lugar lá longe no estábulo, mugiria em resposta, um passarinho do beiral piaria brevemente e, sob a luz amarela e tremeluzente das lanternas, eles cantariam, ririam e tomariam cerveja caseira, celebrando a boa colheita.

Só que nos últimos dois anos não tinha havido boas colheitas; os tempos ficaram mais duros e não houve danças. Houve contratemplos nos plantios, ele perdeu uma ou duas colheitas e, por diversas vezes, companhias do exército marcharam por suas terras e confiscaram toda comida que queriam. Também fizeram mal a Nell, neta de William, e ele agarrou um forçado e correu atrás dos soldados em retirada, antes que Foster pudesse detê-lo. Foi baleado na cabeça e simplesmente caiu de joelhos, já sem vida, e quando Foster enfim chegou ao velho homem, sua pele já estava esfriando.

Sarah chorou quando Foster, Tom e George, filhos de William, enterraram o velho na colina atrás da casa.

E, por um bom tempo depois disso, Foster sentou-se na varanda pensando. Foram tropas Confederadas que passaram por sua fazenda, que fizeram mal a Nell e que mataram o pobre e velho William.

Seu próprio povo, Foster continuava dizendo. Seu próprio povo havia feito aquilo. Mas era guerra, uma parte dele dizia. Isso não justifica, a outra argumentava. E ele então soube que, se as tropas sulistas podiam fazer coisas tão terríveis, o que podia ele — e Sarah e os outros — esperar se os ianques chegassem até ali para atravessar aquelas abundantes fazendas? Que tipo de horrores eles poderiam esperar pelas mãos dos nortistas? O que fariam aqueles ianques que os odiavam tanto?

E, no dia seguinte, ele deu um beijo de adeus em sua esposa, pegou seu melhor chapéu e seu melhor rifle, uma bolsa cheia de balas e deixou a fazenda para se voluntariar. Ele lutaria e deixaria os ianques e os outros longe de sua família. Era a única coisa que podia fazer.

Mas aquilo havia sido há um ano e ele não via os ianques serem repelidos. Às vezes, as forças da União venciam uma batalha, às vezes, seu povo vencia. E, mesmo quando isso acontecia, não parecia ser uma vantagem. Mais homens eram mortos e feridos, alguns ficavam caídos nos campos por dias a fio, outros nunca eram encontrados. E os comandantes não pareciam se importar com seus homens como ele achava que deveriam. Não eram eles no início de cada investida. Eram os jovens como ele, alguns pouco mais do que meninos, ou os velhos que deveriam estar em casa, sendo servidos por seus filhos e suas filhas. Eram esses homens que morriam e era por sobre seus corpos que os cavalos dos oficiais montados abriam caminho.

Foster passou uma das mãos pelo rosto, sentindo a umidade nos cantos dos olhos. Um ano lutando, comendo o que tirava da terra, o que na maioria das vezes significava não comer, sentindo muito calor ou muito frio, e na maioria das vezes estando molhado demais, havia amargurado sua visão do exército — nortista ou sulista.

Ele agora sabia que devia ter ficado em casa, devia ter estocado o máximo de comida possível, o máximo de suprimentos que pudessem encontrar, devia ter barricado a casa e mantido Sarah e os outros juntos, então talvez pudessem ter afugentado qualquer um que se aproximasse.

Porém, agora talvez não fosse tarde demais; ele tinha que acreditar nisso. Assim que pudesse sair dali, iria para casa. Os médicos poderiam dizer que ele estava apto a voltar para o fronte novamente, mas não estava. Ele iria voltar para Sarah. Se preocuparia com os ianques quando e se eles chegassem.

Naquele dia, ele não teve apetite. Sabia que sua febre estava voltando e nada tinha gosto bom. Ele se deitou no catre, sem nunca abrir os olhos, mal se movendo.

Tudo o que conseguia pensar era em sua família e se perguntava se um dia os veria de novo.

Naquela noite, Ariadne retornou. Ela agora estava mais perto de Foster e ele podia ver a escuridão de seus olhos adoráveis; eles pareciam quase como se tivessem sido delineados por algo preto; Sarah chamava aquilo de *kohl* ²³ e disse que todas as moças elegantes usavam. O corpete de Ariadne estava mais baixo do que ele havia visto antes e seus seios eram cheios e pálidos sob a pouca luz.

Ela murmurava para o jovem a três camas de Foster e ele respondeu letargicamente. Ela beijou o homem, acariciou as costas de suas mãos com seus cílios recurvados e Foster mais uma vez sentiu o atijamento dentro de si.

Ele virou a cabeça, de modo a não olhar, mas não podia evitar os sons de paixão do casal. Uma paixão ilícita, disse a si mesmo, mas aquelas palavras eram vazias. Que significado tinha a ilicitude quando ele havia visto homens serem feitos em pedaços por canhões, cavalos bufando em sua agonia de morte?

Mais uma vez, Foster sentiu o cheiro de Ariadne. Alguma especiaria, quase como cravo ou talvez canela misturada com almíscar, e ele umedeceu os lábios. Aquele estranho perfume quase sobrepujava o fedor de sangue, pus e suor que impregnava a tenda.

Quando olhou de volta, ela havia ido embora.

No dia seguinte, quando o médico apareceu, Foster perguntou quando poderia deixar o hospital. O médico pareceu preocupado e disse

apenas que em breve. Mesmo assim, essas poucas palavras alentaram Foster, porque, antes disso, o médico havia se recusado a dizer.

Os enfermeiros entraram e carregaram o corpo do jovem que ele havia visto na noite anterior. Foster olhou para Long, que estava sentado mais uma vez.

— Mais um.

— Pois é — disse Long. Ele mascava tabaco e se inclinou sobre a cama para cuspir no penico.

— Ela tá chegando mais perto — disse Foster em voz baixa.

— Como é que é?

— A mulher que eu vi.

— De novo cum isso? — Long balançou a cabeça. — Cê precisa de mulher, garoto; tô vendo que é teu caso puro e simples.

Foster assentiu, levemente distraído, então disse:

— Mas tinha uma mulher. Eu a vi. Ela estava do lado daqueles três homens... um deles era aquele irlandês... e agora estão todos mortos.

— Teve bastante homem morto aqui e num teve mulher nenhuma com eles.

— Não dessa vez.

Long balançou a cabeça novamente, deitou-se com esforço e rolou no catre, fazendo Foster entender que a conversa havia acabado.

Naquela noite, a mulher trouxe com ela o aroma de lenha e especiarias e se ajoelhou ao lado do homem de rosto vermelho.

Pela manhã, ele estava morto. E quando os enfermeiros o arrastaram para fora, Foster pôde ver que o beerrão não tinha mais a face avermelhada. O morto estava pálido, mais pálido do que deveria estar em sua morte, e ele parecia ter encolhido em si mesmo, como se algo — seu sangue, sua alma — tivesse sido... sugado... para fora dele. Foster olhou para Long.

— Ela está vindo por esse lado.

— Você tá doido, sabia? Doido. — Long se concentrou em tomar seu caldo.

Foster empurrou seu lençol e jogou as pernas para o lado. Momentaneamente, se sentiu zozzo e seu braço doeu. Ele tentou se forçar do catre para levantar, estremeceu e caiu de volta. Não tinha como escapar, nem se quisesse. Ele se pôs embaixo das cobertas de novo e viu que Long estava olhando para ele.

— Você podia me ajudar — disse Foster. Ele odiava pedir ajuda, não era o jeito dele, mas não havia escolha.

— Ajudar você?

Foster assentiu.

— A fugir.

— Você tá aqui pra se curar, garoto, e isso já é bom o bastante pra mim. Eu vou sair em um ou dois dias, ou assim diz o doutor. Você precisa ficar um pouco mais e descansar.

— Você não entende — disse Foster, amargamente.

— Não, acho que não.

Duas noites se passaram e a mulher não apareceu. Então, na terceira noite, ela estava defronte a Foster, ao lado da cama de Long.

— Não — disse Foster, esforçando-se para levantar, mas suas pernas estavam emaranhadas nos lençóis e o puxavam para baixo. Sua cabeça girava e ele mal conseguia manter os olhos abertos, mas ainda assim viu a mulher, tão linda, *serpenteando* sobre Long, que a fitava de olhos arregalados. Ela acariciou e beijou o homem caolho e delicadamente mordiscou a pele em seu peito. Foster observou a boca dela deslizar cada vez mais para baixo e, de repente, Long gemeu, um som alto e sensual.

Ela espalhou suas saias ao redor dele, cavalgou Long como se ele fosse um cavalo sendo domado e Foster pôde ouvir o clamor de luxúria de Long, o clamor que era quase um grito.

Foster mais uma vez lutou para se sentar; tinha que ajudar Long. Mas ele não era capaz e, toda vez que se movia, seu braço latejava tão ferozmente que acabou apagando por um momento. Ele só podia se deitar e assistir, impotente.

Quando acabou, Ariadne alisou suas saias, beijou Long nos lábios e partiu.

Sob a pouca luz, Foster encarou Long. O homem estava pálido, pálido demais.

— Long? — ele chamou.

Sem resposta.

E quando a manhã chegou, os enfermeiros levaram Long embora.

— Eu não entendo — disse Foster a eles. — Ele estava melhorando. Sairia em um ou dois dias. Não tinha nenhuma doença mortal.

O mais corpulento dos dois enfermeiros deu de ombros.

— Às vezes, acontece. Eles parecem bem e então, de repente, simplesmente morrem.

— Não, não, o Long não. Ele estava bem, estou dizendo. — Foster se empenhou em sentar-se. — Aquela mulher veio pegá-lo. Eu o avisei, avisei sim, mas ele não me escutava. Ninguém escutava. — Ele passou os olhos pela enfermaria, mas a maioria dos pacientes estava dormindo ou havia se recolhido aos seus próprios infernos particulares. — Long não me escutou... ele não acreditou... e agora olhem só pra ele.

— Acalme-se — disse um dos enfermeiros, e olhou para o outro. Eles chamaram um terceiro enfermeiro e os três juntos o contiveram e o amarraram com cordas ao catre.

Ele lutou e gritou e esbravejou com eles, mas eles disseram que era para o seu próprio bem, que ele era violento demais para que o deixassem tomar conta de si.

Foster tentou desfazer os nós, mas não conseguiu e, após um tempo, parou de lutar. Ele fechou os olhos. Mais tarde, um dos enfermeiros

voltou e deu a ele um pouco de caldo, dessa vez com um tiquinho de batatas e cebolas. Não tinha gosto de nada.

Ele simplesmente ficou ali deitado, de olhos fechados, e esperou. Sentiu a frieza do ar quando o sol se pôs. E, quando sentiu o cheiro de especiarias, abriu os olhos.

Ariadne estava aos pés de seu catre.

Ela sorria para ele.

Ela sussurrou o nome dele e ele então se deu conta do que se tratava aquele estranho odor que ela tinha.

Era o cheiro da morte.

[23](#). Pigmento preto usado para maquiagem, de origem egípcia, que mistura o mineral malaquita com carvão e cinzas. - N. da T.

CIDADES ADORMECIDAS

WendyWebb

Wendy Webb é escritora e roteirista de teatro. Seus contos foram publicados em antologias como *Shadows 10*, *Women of Darkness*, *When the Black Lotus Blooms*, *The SeaHarp Hotel*, *Final Shadows*, *Dark Love*, *In the Shadow of the Gargoyle* e *Confederacy of the Dead*.

Ela publicou três livros de mistério protagonizados pela personagem Beluga Stein: *Last Resort*, *Bee Movie* e *Mean Cuisine*. Também coeditou as antologias *Phobias: Stories of Your Deepest Fears*, *More Phobias: Stories of Unparalleled Paranoia!* (com Richard Gilliam, Edward E. Kramer e Martin Greenberg) e *Gothic Ghosts* (com Charles L. Grant).

“Em 1989, me vi no meio da Praça da Paz Celestial, em Pequim, alguns meses após o conflito testemunhado ao redor do mundo”, revela a autora. “A atividade na praça havia retornado aos honoráveis deveres dos empregos, das famílias, da ordem e da tradição... tudo sob o que parecia ser um olhar vigilante.”

“Durante essa viagem, parecia haver uma uniformidade do povo em algo implícito e ambíguo, embora sempre tenham sido gentis comigo. Uma forasteira, cujo lugar não é nem nunca será ali, poderia especular que tal comportamento tinha raízes na cultura ou na genética, ou talvez fosse direcionado por aquele olhar vigilante. Eu não sei.”

“Em *Cidades Adormecidas*, me perguntei o que aconteceria a um homem normalmente honrado, que escolheu ser diferente da

vasta população sobre aquela terra, bem como daqueles enterrados embaixo dela.”

COM PÁS E picaretas, eles atacaram a terra dura, partindo-a em pedaços irregulares para exumar o que se encontrava abaixo dela. Homens e mulheres trabalhando ombro a ombro, suados pelo esforço, mas continuando sem reclamações, sem dizer uma única palavra que quebrasse a cadência. Na semana passada, sua prioridade era a terra e plantar comida para as massas, um dever honroso. Era um trabalho necessário à sobrevivência.

Nesta semana, era diferente. Nesta semana, o que havia abaixo da terra era mais importante nessa sociedade de reverência ao tempo e de cadência lenta. Delicados instrumentos substituídos por equipamentos destrutivos. Com pequenas sondas, eles raspavam a sujeira de fileira após fileira de cabeças, que irrompiam do chão do fosso de terra. Ao remover o barro com escovas macias, eles revelavam pequenos fragmentos de seda, caixas laqueadas vermelhas, atadas com correias de metal e farpas de madeira que um dia haviam sido ramos.

Estes eram mais do que meros artefatos, Liu sabia disso. Muito mais.

Agora, ele caminhava pelo local como um arqueólogo. Em ocasiões passadas, ele havia sido muitas outras coisas. Como membro de um grupo especial, também havia escolhido se esconder à vista de todos. Seu objetivo, e o de outros respeitados anciões, era o mesmo: liberdade, enfim, da vasta escuridão.

Mas, diferente dos outros, esses objetivos não eram mais suficientes para ele. Esse, então, foi o início de um novo tempo. O ciclo mais uma vez seria renovado.

Um homem velho e pequeno apareceu silenciosamente ao lado de Liu. Como era seu dever, ele vestia as calças pretas dos homens comuns, um suéter fino e sandálias, e encostou na mão de seu chefe uma caneca alta de chá-verde quente. Liu aceitou a oferta de seu assistente sem comentários ou agradecimentos. Como todos os outros naquele lugar, Hsu tinha uma função a cumprir. Sua compensação vinha do orgulho por trabalhar com alguém tão notável e importante quanto o arqueólogo. Isso era mais que suficiente para atender às mínimas necessidades dele.

Liu dispensou o assistente com um breve aceno de sua mão, então acariciou a superfície do medalhão pendurado em seu peito. Ele olhou ao redor, para os trabalhadores de cabelos negros e para seus colegas cientistas, para os rudimentares andaimes e para as escadas feitas à mão que mergulhavam nos fossos recém-escavados. Seus próprios olhos escuros se ergueram para sondar a paisagem rural que se estendia por todo o entorno. Preparada para o plantio, a monotonia da topografia era quebrada apenas pelas ocasionais colinas que eram implacavelmente cultivadas com fosse lá o que pudessem dar, mal ocultando as tumbas que se encontravam mais embaixo.

Ele fez mais um afago na peça pendurada no pescoço e tocou seu peito. Aqui, neste lugar, dentre todos os lugares, neste país, o dragão gravado em sentido horário no medalhão, da cabeça cuspidora de fogo à cauda curvada, era mais que apenas um símbolo. Significava boa fortuna.

Mas o medalhão era apenas parte do que havia recebido em reconhecimento ao seu trabalho e sacrifício. Tinha sido a habilidade científica de Liu, suas aptidões aprimoradas e seus dons intuitivos que o levaram a estar neste solo sagrado, em antecipação ao que se encontrava abaixo dele. Essas mesmas virtudes também provariam que ele era um grande líder. Ao contrário dos respeitados anciãos, ele merecia a honra suprema. Ela lhe era devida.

Liu tocou seu relógio e olhou com certa preocupação para o sol da tarde. Agora, a escuridão era o novo inimigo. Mas, por mais que quisesse, Liu não poderia apressar o calendário. Não eram esses os modos de seu povo. O destino podia ser controlado, mas não antecipado.

Afinal, eles esperaram mais de dois mil anos por aquele momento. Ele podia esperar um pouco mais. A hora da exumação completa viria a seu próprio tempo.

A primeira descoberta se deu em março de 1974. Uma brigada de trabalhadores do campo que cavava um poço achou acidentalmente uma câmara subterrânea. Ela foi a primeira.

Haveria muitas mais.

Em 1974, Liu havia aguardado a distância por essa descoberta. Seus cálculos, incontáveis horas de pesquisa e a intuição na forma de sonhos o haviam levado àquele lugar. O chamado fora emitido e ele esperou pacientemente que seus colegas convergissem naquele lugar próximo a agora moderna cidade chinesa de Xiam.

Eles vieram. E eles trabalharam. Horas se tornaram dias, que se tornaram meses, então anos, na cuidadosa e diligente exumação do exército em terracota de Qin Shi Huang Di. O complexo funerário havia revelado tesouros arqueológicos que fizeram o país vibrar e lançaram ondas de empolgação ao redor do mundo.

Para Liu, tinha sido muito mais do que isso. O passado agora havia se tornado o futuro. Seu futuro. E ele estava mais do que disposto a aceitar a honra que esse achado conferira a ele. Isso lhe era devido, afinal. Era seu direito, se não seu dever por obrigação moral, levar aquilo a cabo.

Caminhando pelas câmaras subterrâneas, ele ponderou com cuidado sobre sua escolha. O momento pelo qual ele havia aguardado não chegaria antes de os exércitos terem sido completamente exumados. Mas o suficiente já havia sido cuidadosamente espanado e tocado por delicados instrumentos para que ele soubesse se sua intuição o guiara corretamente.

Os guarda-costas de cerâmica estavam virados para o leste e em posição de batalha. Figuras em tamanho natural, um dia pintadas vivamente com tintas minerais, agrupadas em formações militares específicas.

Ele parou, ponderou, então fez sua seleção. A câmara de 1.400 figuras possuía uma unidade de comando de elite com 68 membros. Eles seriam os primeiros. Observando os rostos individualmente, sem semelhança alguma entre um e outro, ele soube que a teoria era verdadeira. Aquelas figuras, todas elas, haviam sido criadas a partir da vida. E, em algum lugar no fundo da terracota, a vida estava pronta para

ser restaurada. Liu seria o catalisador dessa ressurreição, e então, seu líder.

Vasculhando o fundo de uma bolsa pendurada em seu ombro, ele tirou quatro pequenas velas púrpura para colocar em frente às figuras. Organizando-as num padrão em forma de estrela, tocou o fósforo nos pavios e observou-as resplandecerem para a vida. Liu recuou, inspirou profundamente e prendeu o fôlego. Ele gesticulou às quatro direções para que devolvessem a completude a essas pessoas de terracota.

Então, esperou.

O fôlego havia ficado preso tempo demais em seu peito e ele começava a queimar.

Haviam as figuras sido vítimas de uma cerimônia oposta? Ou talvez nunca tenham sido tocadas, para começo de conversa.

Seus pulmões doíam. Lutando ferozmente para não soltar a respiração, ele se viu incapaz de contê-la por mais tempo. Seus olhos buscaram, figura por figura, por um sinal de último minuto.

Infelizmente, não era para ser.

O fôlego escapou dele em uma lufada longa, singular e desapontada.

O primeiro soldado totalmente exposto, então o segundo, o quinto e o décimo, se mostravam altivos e imóveis. Suas expressões individuais permaneciam fixas e rígidas, como haviam estado por milhares de anos e como estariam por mais outros milhares.

Os cálculos estavam errados. Sua intuição fora reduzida a nada mais que sonhos de um homem normal, um entre tantos outros, torcendo por algo de melhor.

Mirando os empoeirados arcos que um dia tinham sido mecanicamente ativados para disparar contra intrusos, ele saiu daquela câmara para nunca retornar. Não haveria necessidade. A amargura queimou sua garganta. A decepção se alojou em seu estômago e roeu suas entranhas.

O medalhão do dragão gravado em sentido horário pendurado em seu peito se balançava para frente e para trás com cada passo pesado

enquanto ele deixava aquele lugar para os outros. Não havia para ele mais nada ali. A boa fortuna teria que aguardar outro momento.

Então, em março de 1990, os operários da construção de uma rodovia notaram uma estranha condição no solo. Uma nova equipe de cientistas chegou para escavar os campos. Outro local especial havia sido descoberto. E outra oportunidade surgira para o arqueólogo testar sua teoria.

Liu removeu a tampa da caneca de porcelana que Hsu havia encostado em sua mão e sorveu o chá-verde quente. Ajeitando sua bolsa mais para cima no ombro, encarou o sol do fim da tarde, então esfregou o rosto, como se a preocupação pudesse ser apagada assim, tão facilmente. Virando-se, ele sondou o horizonte ao leste da cidade de Xiam.

Havia sido aquele local que o primeiro imperador da China tinha escolhido para posicionar seu exército de terracota, com dez mil soldados, em preparação para a morte. Qin Shi Huang Di construiu a Grande Muralha para proteger as vidas de seu povo, mas havia construído o complexo de 50 quilômetros quadrados para sua própria proteção após o fim de sua vida. Ele não precisava ter se dado ao trabalho.

Mas ali, no ponto inicial da Rota da Seda, a sudoeste de Xiam, era o local de Jing Di. E, dessa vez, quem sabe a boa sorte se erguesse da escuridão e buscasse a luz.

Hsu, o assistente, correu até ele e falou em rápidos tons entrecortados. O pequeno velho de calças pretas, suéter fino e sandálias gesticulou agitadamente perto dele.

— Venha rápido e veja. Rápido. Acabou agora há pouco. — Ele apontou e então se pôs atrás do arqueólogo para observar sua reação.

Liu deu um aceno de cabeça pouco perceptível e caminhou até onde o velho havia indicado. Abaixando-se sob um teto improvisado, seguro por fragmentos de madeira usados como escoras, ele mediu seus passos na terra solta. Cuidando para não desestabilizar a plataforma, se

aproximou da nova descoberta escavada da parede do túnel. Um esqueleto, contraído como se em postura defensiva, se encontrava com a face virada para a parede. Liu se ajoelhou ao lado dele com cuidado e com um interesse comedido.

A caveira estava quebrada em pedaços irregulares. Ali perto, havia um tijolo. O velho retomou seus gestos rápidos e sua fala rápida com a explicação do evento.

— Um intruso, eu acho. Alguém um tanto malquisto. Ou um acidente. Talvez um acidente. Talvez não tenha sido isso. Ele não teve cuidado. Ele cobiçou mais do que deveria.

— Quietos — disse Liu severamente. — Suas teorias não são de meu interesse. — Ele dispensou o assistente com um aceno de sua mão.

Hsu silenciosamente voltou para as sombras.

Talvez tivesse sido, de fato, um acidente. Liu passou os olhos pelo salão e pela fileira de cabeças limpas por pincéis que brotava ali. Ou talvez esse intruso malquisto tenha encontrado mais do que havia desejado.

O calendário não podia ser apressado.

O ciclo logo se iniciaria.

Essa vítima não havia sido a primeira morta pela ganância, pela curiosidade ou mesmo pela vingança. O roubo de túmulos, especulava-se, remontava ao primeiro século e continuava até os dias de hoje. Poucos haviam tido sucesso. Muitos mais perderam suas vidas. Muitos haviam perdido ainda suas almas.

A filosofia dos anciões, e uma que havia se seguido a ela desde então, sustentava que o contato humano era motivado pelo interesse próprio. Agora, aqui estava a prova dessa linha de pensamento. Liu levantou-se lentamente. Ele parou, então chutou a terra sobre o intruso.

Esta semana, o que havia debaixo da terra era de mais importância do que o que crescia dela. Era um trabalho necessário à sobrevivência. Um trabalho honrado. Mas o dia estava se aproximando do fim e os camponeses seriam forçados a voltar ao seu trabalho mais significativo.

Liu conteve a impaciência crescente que enchia seu peito e fazia sua cabeça doer. A impaciência era inaceitável neste tempo, nesta cultura. Enxote-a para longe, ele disse a si mesmo, pois ela não pode vencer. Não há outro caminho além de deixar que as coisas sejam como devem ser.

Ele não podia apressar o calendário.

Não podia... não podia.

Suspirando profundamente, olhou para fora, por sobre a beira do poço.

O sol havia se posto. A clara luz do dia agora se tornara mortiça e espessa. Uma pitada de rosa e laranja tocava o horizonte. A uma curta distância, um pequeno avião taxiava pela pista e alçou voo. Segundos depois, seguiu-se o ronco de um modesto motor.

Carros russos de modelos antigos pontilhavam esparsamente a rodovia que passava perto desse lugar. Motores chiavam, tossiam e cuspiam fumaça de escapamento negra. Um raro ônibus passou, cheio de passageiros. A multidão irrompia das janelas abertas, outros, mal se penduravam nas balaustradas que ladeavam os degraus até a porta aberta.

Ali perto, um bebê murmurou.

Ele voltou sua atenção para uma jovem esguia fazendo anotações em uma prancheta a alguns centímetros da beirada do poço. Seu pé balançava com gentileza o bebê firmemente embalado, mas seu trabalho continuava. Ela não fez um som sequer. A criança era um menino. Um filho.

Ele era um filho de uma longa linhagem de filhos que havia criado esse lugar. E estava embrulhado. Envolto em tecidos apertados para aquecê-lo e protegê-lo naquele dia. Ele também estava envolto pela cultura e pela necessidade por toda a sua vida.

Era um legado das eras, ser confinado, segregado pelos outros. Qin Shi Huang Di foi o primeiro, tendo construído a Grande Muralha. Agora, ele descansava com seu exército. Houve outro na história que

construiu uma fileira de muros e fortes para sua proteção. Mas, ao contrário do criador da Grande Muralha, este líder e seus seguidores cobiçavam a escuridão. Até agora.

Liu se virou para olhar o poço.

Embora o exército de Qin Shi Huang Di descansasse eternamente, talvez as figuras de Jing Di apenas dormissem.

Ele alisou seu medalhão.

Ali, na sombra do dia que desvanecia, estavam os primeiros. Liu espiou fileira após fileira de cabeças lideradas agora por umas poucas e pequeninas figuras expostas...

Boa fortuna.

...e percorreu o caminho estreito até elas.

Elas eram pequenas, muito menores que o exército de terracota, tinham apenas 60 centímetros. Diferente das roupas esculpidas e pintadas nos exércitos de Qin Shi Huang Di, essas figuras menores utilizavam vestes de seda e outros materiais refinados.

Liu alisou o rosto frio de um pequeno soldado. Seus olhos revelaram compaixão, a boca permanecia levemente voltada para cima, num sorriso constrangido. E aquele, ali. Nele, as faces eram altas, os olhos eram francos e a boca, resoluta. Esse era um guerreiro, determinado em um objetivo pessoal. Cada rosto era diferente em sua beleza e sua variada gama de emoções humanas. Havia orgulho, inocência, moral elevada e algo mais.

Juventude.

Liu arfou em reconhecimento e súbita euforia.

Eles eram crianças.

Crianças. Todos eles. Rebentos. E o mais importante, se ele estivesse certo, eram descendentes. Gerados em missão por Jing Di, esses eram os asseclas que Liu e os outros buscavam.

As crianças haviam esperado. Esperado por mais de dois mil anos para sair da escuridão.

Liu umedeceu os lábios ressecados e engoliu em seco. Ele tinha que saber se sua intuição o havia direcionado corretamente dessa vez. A descoberta nesse poço estava longe de estar completa, então, se essas crianças dormiam, não dormiam sozinhas.

Individualmente e coletivamente — apenas quando estivessem completamente exumadas, livres da poeira a ser varrida, e com os pequenos instrumentos postos para longe — elas despertariam para assumir seu lugar. Então, se uniriam à vasta população desse continente e do mundo, para se esconder sob as vistas de todos. E ele seria seu novo líder.

Ele tinha que saber.

Agora.

Vasculhando sua bolsa, tirou as quatro velas púrpura, as dispôs no formato de estrela e as acendeu. Ele inalou profundamente, recuou e uma vez mais conclamou às quatro direções que trouxessem essas figuras à completude.

Nada.

Ele continuou a prender a respiração e sussurrou suas esperanças.

Então, veio uma comoção.

Uma expiração surgiu na distância, como um vento amortecido, mas tão próximo que ele podia senti-la roçando sua face.

Ao longe, os uivos começaram. Das quatro direções, um lamento viajava para perto, mais perto, então convergiu em um ponto entre as velas. As chamas tremeluziram e se apagaram. Pequenas gavinhas de fumaça se ergueram delas e espiralaram rumo ao teto do fosso. O som ecoou pelo local da escavação, então morreu.

O novo ciclo havia se iniciado.

Liu atenuou o leve sorriso em seus lábios, mas seu coração estava exultante. Desta vez, ele estava certo. Contudo, havia trabalho a ser feito.

Lentamente, muito lentamente, buscou no fundo de seu bolso por uma faca. Ela brilhou ao capturar os raios do sol que se punha, trazendo o anoitecer. Fechando os olhos e inalando profundamente o aroma almiscarado das tumbas e velas recém-apagadas, ele percorreu a palma de sua mão aberta com a faca. Assim como as estátuas, ocas à exceção de uma única emoção fixa, ele cerrou o punho, abandonou a faca e aproximou-se da figura da criança guerreira.

Uma gota de sangue tocou os lábios do guerreiro. Então, um segundo. Ele se moveu até a criança compassiva, repetiu o ato, e esperou.

Seu olhar se lançou de uma criança para outra.

Por mais inaceitável que fosse essa emoção, ele não podia mais suportar a impaciência que se enraizava nele. E então, ele viu.

O guerreiro, é claro. Liu se satisfez pelo guerreiro ser o primeiro.

Matizes laranja-amarronzados no pequeno rosto de terracota se iluminaram para o cinza, então para tons mais quentes. Um toque de azul rodeou a boca resoluta. Os olhos francos se tornaram escuros e límpidos.

Liu tocou o rosto jovem e sentiu o barro frio e duro começar a se aquecer. O início de uma vida renovada queimava profundamente nele.

Os olhos da figura da criança compassiva cintilaram com um indício de luz. Novas cores tocaram o sorriso contorcido para cima e elas também falavam de vivificação.

O arqueólogo entrelaçou as mãos em um deleite particular. Os cálculos estavam corretos. Seus sonhos, dessa vez, haviam sido precisos e inabaláveis. As crianças estavam despertando da escuridão para ver a luz de sua autoridade. Ele as lideraria à grandeza, como ele merecia. Como lhe era devido.

Um tênue movimento na sombra. Rápido. Decidido.

O tijolo se chocou contra sua cabeça. Ele se encolheu e caiu em uma postura defensiva firme, de cara para a parede, então olhou para cima, para seu agressor.

Hsu, o assistente, segurava o tijolo no alto para um segundo ataque, caso fosse necessário, então lentamente abaixou a arma. De debaixo de seu suéter, puxou um medalhão de dragão. Este havia sido gravado em sentido anti-horário. Ele falava em tons tranquilos.

— É cedo demais. A exumação ainda não foi completa.

Liu tentou se mover, protestar, mas seu corpo não cooperava. Ele observou horrorizado quando Hsu tirou velas de uma sacola, posicionou-as em uma única linha e as acendeu.

O assistente gesticulou para algo não visto; então, com as palmas para fora, o conteve, oferecendo Liu como companhia em sua jornada.

Liu murmurou a palavra “não”, mas o vento já havia começado. Logo, ele o tocaria. E, quando a escuridão chegasse, tomaria sua alma. Ele não seria o líder dessas crianças, como merecia, como lhe era devido. A pequena cerimônia realizada pelo assistente o havia reduzido às vulnerabilidades de nada mais que um homem comum entre tantos outros.

— Está terminado. — Hsu soprou as velas para apagá-las e olhou para Liu com pena. — Talvez um acidente. Talvez não. Você cobiçou mais do que devia ter. Esse não era o caminho. — O homem velho e pequeno de calças pretas, suéter fino e sandálias fez uma leve medida, então chutou a terra sobre o novo intruso. Ele se virou e saiu do fosso.

O sol mergulhou por detrás de uma colina. As cores no horizonte se avivaram, então se embotaram. O anoitecer havia chegado e trazido o fim do dia e uma pausa temporária ao trabalho subterrâneo em andamento. Era necessário. Era honrado. Mas teria que esperar.

Cultivar comida para as massas era, por ora, mais importante.

Liu observou com olhos enevoados as pequenas luzes se desvanecerem, desaparecerem, então se tornarem pretas como ébano. Segregado pela cultura e pela necessidade, ele deu um último suspiro.

O calendário não podia ser apressado. Mas, muito em breve, haveria a liberdade da escuridão. Então, com outro mais digno, seu exército de crianças despertaria.

As valas foram rapidamente preenchidas. O fosso foi coberto pelo solo. Na superfície, os agricultores haviam começado a semeadura.

A CASA ASSOMBRADA

E. Nesbit

Edith Nesbit (1858-1924) hoje é mais lembrada por seus clássicos livros infantis *Cinco Crianças e Um Segredo* (1902), *The Phoenix and the Carpet* (1904) e *Quando o Coração Bate mais Alto* (1906). Contudo, ela também escreveu vários contos de horror, geralmente escondendo seu gênero sob a assinatura “E. Nesbit” ou, após seu casamento, em 1880, “E. Bland” ou “Sra. Hubert Bland”.

As melhores dessas histórias foram reunidas em *Grim Tales* (1893), *Something Wrong* (1893), *Fear* (1910) e *In the Dark: Tales of Terror by E. Nesbit* (1988), este último contando com seleção e apresentação de Hugh Lamb, tendo ainda uma edição ampliada por mais sete histórias pela editora Ash-Tree Press, em 2000.

Seus outros livros incluem as fantasias *The Story of the Amulet* (1906), *The Enchanted Castle* (1907), *The House of Arden* (1908), *Harding's Luck* (1909), *The Magic City* (1910) e *Dormant* (1911), além das coletâneas *The Book of Dragons* (1899) e *Nine Unlikely Tales for Children* (1901).

A história a seguir foi originalmente publicada na *The Strand Magazine*, de dezembro de 1913, sob o pseudônimo “E. Bland” da autora.

FOI PELO MAIS mero acaso que Desmond acabou indo à Casa Assombrada. Ele havia estado fora da Inglaterra por seis anos e a licença de nove meses mostrou a ele como era fácil sentir-se deslocado num lugar que era seu.

Ele se hospedara em quartos em Greyhound, antes de achar que não havia razão para ficar em Elmstead no lugar de qualquer outra das deploráveis paragens remotas de Londres. Escreveu a todos os amigos cujos endereços conseguiu se lembrar e se pôs a aguardar respostas.

Queria alguém com quem conversar e não havia ninguém. Nesse meio-tempo, ele se estirava no sofá de crina de cavalo²⁴ com os classificados, seus simpáticos olhos cinzentos seguindo linha após linha com um tédio intolerável. Então, de repente, “Qual!”, disse ele, e sentou-se. Isto foi o que leu:

UMA CASA ASSOMBRADA — Anunciante ansioso para ter fenômeno investigado. Qualquer investigador devidamente credenciado receberá total comodidade. Contatar, unicamente por carta, Wildon Prior, Rua do Museu, 237, Londres.

— Que inusitado! — ele disse. Wildon Prior havia sido o melhor goleiro em seu clube. Não era um nome comum. De todo modo, era uma tentativa válida, então, enviou um telegrama.

WILDON PRIOR, RUA DO MUSEU, 237, LONDRES. POSSO VISITÁ-LO POR UM OU DOIS DIAS E VER O FANTASMA? – WILLIAM DESMOND

Ao retornar de um passeio no dia seguinte, havia um envelope laranja na ampla mesa Pembroke em sua sala.

ENCANTADO – ESPERO-O HOJE. PASSAGEM PARA CRITTENDEN PARTINDO DE CHARING CROSS. TREM ELÉTRICO – WILDON PRIOR, REITORIA DE ORMEHURST, KENT.

— Então, ele aceita — disse Desmond e partiu para fazer sua mala e pedir no bar uma tabela de horários. — Bom e velho Wildon; será esplêndido vê-lo de novo.

Uma pequena e curiosa diligência, um tanto parecida com uma máquina de banho, aguardava do lado de fora da Estação de Crittenden, e seu condutor, um homenzinho moreno de rosto obtuso, com olhos resplandecentes, disse:

— O senhor é amigo do Sr. Prior? — A seguir, enfiou-o na máquina de banho e fechou-lhe a porta. Foi uma viagem bastante longa e menos agradável do que teria sido numa carruagem aberta.

A última parte da jornada foi atravessando uma mata; então, veio um adro, uma igreja e a máquina de banho virou em um portão sob pesadas árvores, aproximando-se da fachada de uma casa branca com janelas simples e emaciadas.

— Que lugar mais vibrante, ora, francamente! — disse Desmond a si mesmo, enquanto tombava para fora da traseira da máquina de banho.

O condutor pôs sua mala na descolorida soleira e partiu. Desmond puxou uma corrente enferrujada e uma ressonante campainha retiniu acima de sua cabeça.

Ninguém foi até a porta e ele tocou-a novamente. Mais uma vez, ninguém apareceu, mas ele ouviu uma janela se abrir sobre o alpendre. Recuou até o cascalho e olhou para cima.

Um jovem de cabelos desgrenhados e olhos pálidos estava olhando para fora. Não era Wildon, não era nada como Wildon. Ele nada falou, mas parecia estar fazendo sinais; e os sinais pareciam dizer, *Vá embora!*

— Vim ver o Sr. Prior — disse Desmond. Suave e instantaneamente, a janela se fechou.

— Seria isto um asilo para lunáticos onde por acaso vim parar? — Desmond se perguntou e puxou de novo a corrente enferrujada.

Passos soaram no interior da casa, o som de botas contra a pedra. Ferrolhos foram recuados, a porta se abriu e Desmond, um tanto afogueado e um pouco agastado, viu-se olhando para um par de olhos bem escuros e amigáveis, e uma voz muito agradável disse:

— Sr. Desmond, presumo eu? Queira entrar e permita que eu me desculpe.

O falante apertou sua mão amigavelmente e ele se viu seguindo, por uma passagem sinalizada, um homem de idade mais do que madura, bem-vestido, belo, com um ar de competência e vivacidade que associamos àqueles chamados de “um homem do mundo”. Ele abriu a porta e indicou o caminho para uma sala feita de decadência, livros e couro.

— Queira sentar-se, Sr. Desmond.

Este deve ser o tio, suponho, pensou Desmond, enquanto se acomodava às curvas perfeitas da poltrona surrada.

— Como está Wildon? — perguntou ele em voz alta. — Vai bem, espero eu?

O outro olhou para Desmond.

— Perdão? — disse ele, em dúvida.

— Eu estava perguntando como está Wildon.

— Eu estou muito bem, obrigado — disse o outro homem, com certa formalidade.

— Perdoe-me — era agora a vez de Desmond dizer — Não me dei conta de que seu nome também pudesse ser Wildon. Quis dizer Wildon Prior.

— Eu sou Wildon Prior — disse o outro. — E o senhor, presumo eu, é o especialista da Sociedade de Física?

— Bom Deus, não! — disse Desmond. — Sou o amigo de Wildon Prior e, é claro, deve haver dois Wildon Prior.

— O senhor enviou o telegrama? O senhor é o Sr. Desmond? A Sociedade de Física estava para mandar um especialista e pensei que...

— Entendo — disse Desmond — e eu achei que o senhor era Wildon Prior, um antigo amigo meu... um jovem — ele disse, e corou ligeiramente.

— Ora, deixe disso — disse Wildon Prior. — Sem dúvida, seu amigo se trata de meu sobrinho. Ele sabia de sua vinda? Mas é claro que não. Estou divagando. Porém, estou excepcionalmente feliz em vê-lo. O

senhor há de ficar, não? Se puder suportar ser hóspede de um velho. E escreverei esta noite a Will, pedindo que ele se junte a nós.

— É extremamente bondoso de sua parte — assegurou-lhe Desmond. — Seria uma felicidade ficar. Ver o nome de Wildon no jornal me deixou extremamente satisfeito, pois... — E ali verteu-se a história de Elmstead, de sua solidão e seu desapontamento. O Sr. Prior ouviu com o mais gentil dos interesses.

— E o senhor não encontrou seus amigos? Que tristeza! Mas eles escreverão a você. Claro, você deixou seu endereço?

— Por Júpiter, não deixei! — disse Desmond. — Mas posso escrever-lhes. Ainda alcanço o despacho?

— Facilmente — garantiu-lhe o idoso. — Escreva suas cartas agora. Meu criado as levará ao correio, então jantaremos e eu lhe contarei sobre o fantasma.

Desmond escreveu suas cartas rapidamente e o Sr. Prior reapareceu logo depois.

— Agora, vou levá-lo ao seu quarto — disse ele, juntando as cartas com suas longas mãos brancas. — Vai apreciar um descanso. Jantar às oito.

Seus aposentos, assim como a sala, possuíam um agradável ar de luxo decadente e conforto habitual.

— Espero que fique confortável — disse o anfitrião com uma cortês solicitude. E Desmond tinha bastante certeza de que estaria.

A mesa fora posta para três. O homem moreno que havia conduzido Desmond da estação estava atrás da cadeira do anfitrião, e uma figura saiu das sombras além dos círculos amarelos das velas, em seus candelabros prateados, em direção a Desmond e Prior.

— Meu assistente, o Sr. Verney — disse o anfitrião, e Desmond estendeu sua mão ao toque flácido, úmido, do homem que parecia ter dito a ele, da janela sobre o alpendre, *Vá embora!* Seria talvez o Sr. Prior um médico que tinha “hóspedes pagantes” que eram, nas palavras de Desmond, “um pouco aparvalhados”? Mas ele havia dito “assistente”.

— Pensei — disse Desmond apressadamente — que o senhor seria um clérigo. A Reitoria, sabe... achei que Wildon, meu amigo Wildon, estava hospedado com um tio que era clérigo.

— Oh, não — disse o Sr. Prior. — Eu alugo a Reitoria. O reitor acha que é úmida. A igreja não está em uso, também. Não é considerada segura e eles não podem arcar com a reforma. Claret para o Sr. Desmond, Lopez. — E o homem moreno de rosto obtuso encheu a taça dele.

— Considero este local muito conveniente para meus experimentos. Sou dado a bulir um pouco com química, Sr. Desmond, e o Verney aqui me auxilia.

Verney murmurou algo que se pareceu com um “com muito orgulho” e aquietou-se.

— Todos temos os nossos passatempos e a química é o meu — continuou o Sr. Prior. — Felizmente, possuo uma certa renda que permite que me dedique a ela. Wildon, você sabe, o meu sobrinho, ri de mim e a chama de a ciência dos fedores. Mas é arrebatadora, muito arrebatadora.

Após o jantar, Verney desapareceu e Desmond e seu anfitrião esticaram os pés diante do que o Sr. Prior chamou de “um punhado de fogo”, pois a noite havia esfriado.

— E agora — disse Desmond —, não vai me contar a história do fantasma?

O outro passou os olhos ao redor do cômodo.

— Não há de fato nenhuma história de fantasma. É só que... bom, nunca aconteceu comigo pessoalmente, mas aconteceu com Verney, pobre rapaz, e ele nunca mais foi o mesmo.

— O quarto assombrado é o meu? — perguntou Desmond, vangloriando-se por sua perspicácia.

— Não se trata de um quarto em particular — disse o outro, lentamente —, nem de uma pessoa em particular.

— Pode acontecer de qualquer um ver?

— Ninguém vê. Não é o tipo de fantasma que é visto ou ouvido.

— Receio que eu seja um tanto estúpido, mas não entendo — disse Desmond sem rodeios. — Como pode ser um fantasma se não pode nem ouvi-lo nem vê-lo?

— Eu não disse que era um fantasma — corrigiu o Sr. Prior. — Só disse que há algo nesta casa que não é comum. Vários de meus assistentes tiveram que partir; a coisa deu-lhes nos nervos.

— O que foi feito de seus assistentes? — perguntou Desmond.

— Ah, foram embora, você sabe; foram embora — respondeu Prior vagamente. — Não se podia esperar que sacrificassem a própria saúde. Eu às vezes penso... o falatório da vila é uma coisa mortal, Sr. Desmond... que talvez eles tenham sido incitados a se assustar; que imaginaram coisas. Espero que o especialista da Sociedade de Física não seja um neurótico. Mas, mesmo sem ser neurótico, é possível... mas o senhor não acredita em fantasmas, Sr. Desmond. Seu bom senso anglo-saxão o proíbe disso.

— Receio não ser exatamente anglo-saxão — disse Desmond. — Sou celta puro por parte de pai; embora eu saiba que não faço jus à raça.

— E por parte de mãe? — perguntou o Sr. Prior, com extraordinária avidez; uma avidez tão súbita e desproporcional à questão, que Desmond o encarou. Um leve toque de ressentimento se atçou nele, a primeira fagulha de antagonismo ao seu anfitrião.

— Ah — disse ele, levemente —, creio que eu deva ter sangue chinês, me dou muito bem com os nativos de Xangai, e dizem que herdei meu nariz de uma bisavó ameríndia.

— Nada de sangue negro, suponho eu? — perguntou o anfitrião, com uma insistência quase desconcertante.

— Ah, eu não diria isso — respondeu Desmond. Ele tinha a intenção de dizê-lo rindo, mas não o fez. — Meu cabelo, o senhor sabe... é um cacho bem compacto que ele tem, e a família de minha mãe era das Índias Ocidentais, há algumas gerações. Está interessado em distinções étnicas, penso eu?

— De modo algum, de modo algum — assegurou-lhe o Sr. Prior, surpreendentemente —, mas é claro, qualquer detalhe de sua família é necessariamente interessante para mim. Sinto — ele complementou, com mais um de seus sorrisos conquistadores — que eu e o senhor já somos amigos.

Desmond não poderia justificar racionalmente o tênue indício de antipatia que havia começado a tingir seu agradável sentimento prévio por ter sido bem recebido e desejado como hóspede.

— O senhor é muito gentil — ele disse. — Muita disposição a sua de aceitar um estranho dessa forma.

O Sr. Prior sorriu, pegou sua cigareira, misturou uísque e soda e começou a contar a história da casa.

— As fundações são, tenho quase certeza, do século XIII. Ela era um priorado, sabe. Há uma história curiosa, a propósito, sobre o homem que a recebeu de Henrique quando ele eliminou os monastérios. Houve uma maldição; parece que sempre há uma maldição...

A voz gentil, agradável e distinta prosseguiu. Desmond julgava estar ouvindo, mas logo em seguida despertou-se e voltou sua atenção novamente às palavras que estavam sendo ditas.

— ...e essa constituiu a quinta morte... há uma a cada 100 anos e sempre do mesmo modo misterioso.

Então, ele se viu de pé, incrivelmente sonolento, e ouviu-se dizer:

— Essas antigas histórias são tremendamente interessantes. Muito obrigado. Espero que não me considere incivilizado, mas creio que prefiro me recolher; sinto-me um pouco cansado, por alguma razão.

— Mas é claro, meu prezado camarada.

O Sr. Prior acompanhou Desmond até seu quarto.

— Tem tudo o que deseja? Certo. Tranque a porta, caso se sinta nervoso. Claro, uma tranca não pode manter fantasmas do lado de fora, mas sempre me sinto como se pudesse. — E, com outra de suas risadas amigáveis e agradáveis, ele se foi.

William Desmond foi para a cama como um homem jovem e forte, de fato sonolento além de qualquer experiência já tida com a sonolência, mas bem e confortável. Ele despertou débil e trêmulo, afundado nos vagalhões da cama de penas; e tépidas ondas de exaustão o varriam. Onde ele estava? O que havia acontecido? Sua mente, zozna e fraca num primeiro momento, recusou-lhe qualquer resposta. Quando ele se lembrou, o abrupto espasmo de repulsa que sentiu tão súbita e irracionalmente na noite anterior voltou num afluxo quente e esbaforido. Ele havia sido drogado, havia sido envenenado!

— Preciso ir embora daqui — falou a si mesmo e saiu da cama às cegas em direção à corda de seda da campainha que havia notado na noite anterior, pendurada próxima à porta.

Ao puxá-la, a cama, o guarda-roupas e o quarto se elevaram ao seu redor e caíram sobre ele, que desmaiou.

Quando depois deu por si, alguém estava pondo conhaque em seus lábios. Ele viu Prior, a mais gentil das preocupações em seu rosto. O assistente, pálido e de olhos marejados. O servo moreno, fleumático, silencioso e impassível. Ele ouviu Verney dizer a Prior:

— Viu como foi demais? Eu disse ao senhor...

— Silêncio — disse Prior —, ele está voltando a si.

Quatro dias depois, Desmond, sentado numa cadeira de palha no gramado, estava pouco inclinado a esforços, mas não estava mais doente. Comidas e bebidas nutritivas, caldo de carne, estimulantes e cuidado constante — tudo isso o trouxe de volta a algo semelhante ao seu estado normal. Ele se perguntou sobre suas suspeitas, vagamente lembradas, de sua primeira noite; todas elas se provaram absurdas diante do resolutivo cuidado e gentileza de todos na Casa Assombrada.

— Mas o que causou isso? — ele perguntou ao seu anfitrião pela quinta vez. — O que me fez bancar o tolo com tal magnitude? — E, dessa vez, o Sr. Prior não o dissuadiu, como sempre havia feito, quando implorava que ele aguardasse estar mais forte.

— Receio que saiba — ele disse — que o fantasma, de fato, veio até o senhor. Estou inclinado a rever minha opinião sobre o fantasma.

— Mas por que ele não veio novamente?

— Tenho estado com o senhor toda noite, como sabe — seu anfitrião o lembrou.

E, de fato, o padecente não havia sido deixado só desde que tocou a campainha naquela terrível primeira manhã.

— E agora — continuou o Sr. Prior —, se não for me considerar um mau anfitrião, creio que estará melhor longe daqui. Deveria ir para junto do mar.

— Não chegou nenhuma carta para mim, suponho eu? — disse Desmond, um pouco desejosamente.

— Nenhuma. Suponho que tenha dado o endereço correto? Reitoria de Ormehurst, Crittenden, Kent?

— Não creio que tenha posto Crittenden — disse Desmond. — Copiei o endereço de seu telegrama. — Ele puxou o papel rosa de seu bolso.

— Ah, isso deve servir — disse o outro.

— O senhor foi excepcionalmente gentil durante tudo isso — disse Desmond, abruptamente.

— Bobagem, meu garoto — disse o idoso, benevolentemente. — Só queria que Willie tivesse podido vir. Ele nunca escreveu, aquele patife! Nada além do telegrama dizendo que não poderia vir e que andava a escrever.

— Suponho que ele esteja se divertindo às pampas em algum lugar — sugeriu Desmond invejosamente —, mas veja aqui... me conte sobre o fantasma, sim, se há algo a contar. Já estou quase bem agora, e gostaria de saber o que foi que me fez passar por tolo dessa forma.

— Bem — O Sr. Prior olhou ao seu redor para o dourado e vermelho das dalias e girassóis, felizes à luz do sol de setembro —, aqui e agora, não sei se ele pode fazer algum mal. O senhor se lembra da história do

homem que recebeu este lugar de Henrique VIII e da maldição? A esposa daquele homem está sepultada em um jazigo sob a igreja. Bom, havia lendas, e confesso que estava curioso para ver sua tumba. Há portões de ferro no jazigo. Eles estavam trancados. Eu os abri com uma velha chave... e não consegui fazê-los se fecharem outra vez.

— Sim? — disse Desmond.

— Pode pensar que eu deveria ter procurado um chaveiro; mas o fato é que há uma pequena cripta na igreja e a usei como laboratório suplementar. Se tivesse chamado qualquer um para conferir a fechadura, haveria falatório. Eu teria sido enxotado de meu laboratório... talvez de minha casa.

— Entendo.

— Agora, o curioso é que — continuou o Sr. Prior, baixando a voz — foi apenas depois que aquela grade foi aberta que a casa se tornou o que chamam de “assombrada”. Foi desde então que todas as coisas aconteceram.

— Que coisas?

— Pessoas hospedadas aqui subitamente adoecendo... assim como o senhor. E os ataques sempre parecem indicar perda de sangue. E... — Ele hesitou um instante. — Esse ferimento em seu pescoço. Eu lhe disse que poderia ter se machucado ao cair, quando souu a campainha. Mas isso não é verdade. A verdade é que o senhor tem em seu pescoço o mesmo pequeno ferimento branco que todos os outros tiveram. — Ele franziu o cenho. — Queria poder fechar aquele jazigo novamente. A chave não gira.

— Será que posso fazer alguma coisa? — perguntou Desmond, secretamente convencido de que havia machucado o pescoço na queda e que a história de seu anfitrião era, como ele dizia, “puro devaneio”. Ainda assim, consertar uma fechadura era somente uma ligeira retribuição a todo o seu cuidado e gentileza. — Sou um engenheiro, o senhor sabe — ele complementou, constrangido, e corou. —

Provavelmente um pouco de óleo... Vamos dar uma olhada na tal fechadura.

Ele seguiu o Sr. Prior pela casa até a igreja. Uma velha chave, lisa e brilhante, foi girada rapidamente e eles adentraram a casa, úmida e bolorenta, onde a hera subia pelas janelas quebradas e o céu azul parecia se aproximar dos buracos no teto. Outra chave estalou na fechadura de uma porta baixa, ao lado do que um dia havia sido a Capela de Nossa Senhora; uma maciça porta de carvalho rangeu para trás e o Sr. Prior se deteve por um instante para acender uma vela que aguardava em um grosseiro candelabro de ferro, num ressalto da cantaria. Então, desceram por degraus estreitos, ligeiramente lascados nas bordas e macios de poeira. A cripta era normanda, muito bela em sua simplicidade. No fim dela havia um recesso, mascarado por uma grade de ferro oxidado.

— Eles costumavam achar — disse o Sr. Prior — que o ferro afastava a bruxaria. Essa é a fechadura — prosseguiu ele, segurando a vela contra o portão que estava entreaberto.

Eles passaram pelo portão, pois a fechadura ficava do outro lado. Desmond trabalhou alguns instantes com o óleo e a lingueta que havia levado. Então, com uma pequena torção, a chave virou e desvirou.

— Acho que está tudo bem — ele disse, olhando para cima, apoiado em um dos joelhos, com a chave ainda na fechadura e sua mão sobre ela.

— Posso experimentar?

O Sr. Prior tomou o lugar de Desmond, girou a chave, tirou-a da fechadura e se levantou. Então, a chave e o candelabro caíram ruidosamente no chão de pedra e o velho lançou-se sobre Desmond.

— Agora, peguei o senhor — ele rosnou na escuridão e Desmond dizia que seu salto, seu aperto e sua voz eram como o salto, o aperto e o rosnado de uma forte fera selvagem.

A pouca força de Desmond se partiu feito um graveto assim que se valeu dela para resistir. O velho o dominou como um vício domina alguém. Ele havia tirado uma corda de algum lugar. Estava amarrando os braços de Desmond.

Para sua aversão, ali, no escuro, Desmond berrou como uma lebre capturada. Então, lembrando-se de que era um homem, gritou:

— Socorro! Aqui! Socorro!

Mas uma mão tapou sua boca e agora um lenço era amarrado atrás de sua cabeça. Ele estava no chão, reclinado contra algo. As mãos de Prior o haviam deixado.

— Agora — disse a voz de Prior, um pouco sem fôlego, e o fósforo que ele riscou mostrou a Desmond as prateleiras de pedras abrigando longos objetos, caixões, ele supôs. — Agora, sinto muito por ter que fazê-lo, mas a ciência vem antes da amizade, meu caro Desmond — ele prosseguiu, um tanto cortês e amigável. — Vou explicar ao senhor e verá que um homem honrado não poderia agir de outra forma. É claro, não ter amigos que saibam onde está é um tanto conveniente. Garanti isso desde o princípio. Agora, vou explicar. Não esperei que entendesse por instinto. Mas não importa. Eu sou, e digo isso sem vaidade, o maior dos descobridores desde Newton. Eu sei como modificar a natureza dos homens. Posso fazer dos homens o que eu quiser. É tudo feito por transfusão de sangue. Lopez... o senhor sabe, meu criado Lopez... eu injetei sangue de cães nas veias dele e ele é meu escravo... como um cão. Verney, ele também é meu escravo... parte sangue de cão, parte sangue das pessoas que vêm aqui de tempos em tempos para investigar o fantasma, e parte do meu próprio, porque gostaria que ele fosse arguto o bastante para me ajudar. E há algo maior por trás de tudo isso. Há de me entender quando digo — Aqui, ele de fato se tornou um tanto técnico e usou muitas palavras que nada significavam a Desmond, cujos pensamentos se concentravam cada vez mais em sua mínima chance de fuga.

Morrer feito um rato num buraco, um rato num buraco! Se ele pudesse ao menos afrouxar o lenço e gritar de novo!

— Preste atenção, pode ser? — disse Prior selvagememente e o chutou. — Perdoe-me, meu prezado camarada — continuou ele, de modo suave —, mas isso é importante. Pois bem, o senhor entende que o elixir da

vida é de fato o sangue. O sangue é a vida, como sabe, e minha grande descoberta é que, para tornar-se um homem imortal e restaurar sua juventude, alguém só precisa de sangue das veias de um homem que reúna em si mesmo o sangue das quatro grandes raças... as quatro cores, preto, branco, vermelho e amarelo. O seu sangue une essas quatro. Tomei do senhor tanto quanto pude ousar tomar naquela noite. Eu era o vampiro, sabe. — Ele riu amigavelmente. — Mas seu sangue não agiu. A droga que tive que lhe dar para induzir o sono provavelmente destruiu os germes vitais. E, além disso, não havia o suficiente. Agora, vai haver o bastante!

Desmond vinha forçando a cabeça contra a coisa atrás dele, afrouxando o nó do lenço até que ele escorregasse de sua cabeça para o pescoço. Agora, ele tinha a boca livre e disse rapidamente:

— Não era verdade o que eu disse sobre os chineses e tudo o mais. Era brincadeira. Os parentes de minha mãe eram todos de Devon.

— Não o culpo nem um pouco — disse Prior, tranquilamente. — Eu teria mentido no seu lugar.

E pôs de volta o lenço. A vela agora queimava claramente no lugar em que fora colocada, num caixão de pedra. Desmond podia ver que os objetos longos nas prateleiras eram caixões, nem todos de pedra. Ele se perguntou o que esse lunático faria com seu corpo quando tudo tivesse acabado. A pequena ferida em sua garganta havia se aberto outra vez. Podia sentir o lento gotejar de calor em seu pescoço. Ele se perguntou se desmaiaria. Assim lhe parecia.

— Queria tê-lo trazido aqui no primeiro dia... foi obra de Verney, meu saracoteio com quartilhos e meios-quartilhos. Puro desperdício... puro desperdício injustificável!

Prior parou e se pôs a olhar para ele.

Desmond, desesperadamente consciente da crescente fraqueza física, se viu em real questionamento se aquilo não poderia ser um sonho — um sonho horrível e insano — e ele não conseguia pôr tal questionamento realmente de lado, porque coisas incríveis pareciam

estar se somando aos reais horrores da situação, assim como acontece nos sonhos. Parecia haver algo despertando no lugar, algo que não era Prior. Não... nem a sombra de Prior, também. Esta era preta e se espalhava enormemente pelo teto arqueado. Já aquilo era branco, muito pequeno e estreito. Mas despertava e cresceu — agora não era mais apenas uma linha branca, mas uma longa e estreita cunha branca — e apareceu entre o caixão na prateleira oposta e a tampa do outro caixão.

E Prior ainda estava bastante quieto, olhando de cima para sua presa. Todas as emoções, exceto um questionamento embotado, estavam agora mortas nos sentidos enfraquecidos de Desmond. Nos sonhos, se alguém grita, esse alguém acorda — mas ele não conseguia gritar. Talvez se ele se mexesse... Mas, antes que pudesse dirigir sua abatida vontade à decisão de um movimento, algo mais se moveu. A tampa preta do caixão oposto ergueu-se lentamente — e então subitamente caiu, retinindo e ecoando, e do caixão se ergueu uma forma, horrivelmente branca e amortalhada, que caiu sobre Prior e rolou com ele pelo chão do jazigo, numa luta silenciosa e rodopiante. A última coisa que Desmond ouviu antes de desmaiar total e completamente foi o grito de Prior, emitido bem quando ele se voltava na direção do som e viu o corpo envolto em branco saltar em sua direção.

— Está tudo bem — Ele ouviu em seguida. E Verney estava curvado sobre ele com conhaque. — Você está a salvo de verdade. Ele está amarrado e trancado no laboratório. Não. Tudo bem quanto a isso também. — Pois os olhos de Desmond haviam se voltado para a direção do caixão sem tampa. — Era eu. Foi o único modo em que pude pensar para salvá-lo. Já consegue andar? Deixe-me ajudá-lo. Eu abri a grade. Vamos.

Desmond piscou sob a luz do sol que achou que nunca mais veria de novo. Ali estava ele, de volta à cadeira de palha. Ele olhou para o relógio de sol na casa. A coisa toda havia levado menos de 50 minutos.

— Me fale — disse ele. E Verney contou a ele em frases curtas, com pausas entre elas.

— Eu tentei avisá-lo na janela, lembra? Eu realmente acreditava nas experiências dele, no princípio... e que ele havia descoberto algo sobre mim e não havia dito. Foi quando eu era muito jovem. Deus sabe o quanto paguei por isso. E, quando o senhor chegou, eu havia acabado de descobrir o que havia acontecido com os outros camaradas. Lopez, aquela besta, deixou escapar quando estava bêbado. Brutamontes inumano! E tive uma altercação com Prior naquela primeira noite e ele me prometeu que não tocaria no senhor. Mas ele tocou.

— Deveria ter me contado.

— O senhor estava num belo estado para que lhe contassem qualquer coisa, não estava? Ele prometeu que o mandaria embora assim que estivesse bem o suficiente. E ele foi bom para mim. Mas, quando o ouvi começar com aquilo de grade e chave, eu soube... então só peguei um lençol e...

— Mas por que não apareceu antes?

— Não ousei. Ele teria me ferido facilmente se soubesse o que o estava atacando. Ele não parava de se mexer. Tinha que ser feito de repente. Eu contava justamente com aquele instante de fraqueza, em que ele realmente achou que um cadáver havia voltado à vida para defender o senhor. Agora, vou selar o cavalo e levá-lo até a delegacia em Crittenden. Então, eles virão para prendê-lo. Todos sabiam que ele era louco de pedra, mas precisou que alguém quase fosse morto para alguém vir prendê-lo. A lei é assim, sabe.

— Mas você... a polícia... eles não vão...

— Estou perfeitamente seguro — disse Verney banalmente. — Ninguém sabe de nada, além do velho, e agora ninguém vai acreditar em nada do que ele disser. Não, ele nunca postou suas cartas, é claro, nunca escreveu ao seu amigo e dispensou o homem da Física. Não, não consigo encontrar Lopez; ele deve saber que algo aconteceu. Já deu nos calcanhares.

Mas não havia dado. Quando eles chegaram, uma meia dúzia de homens cautelosos, para levar o velho embora da Casa Assombrada, encontraram-no teimosamente mudo, mas gemendo um pouco, agachado contra a grade trancada do jazigo. O mestre estava mudo como o outro homem. Ele nada falava. Ele nunca mais falou desde então.

[24](#). Material bastante utilizado em estofamentos no início do século passado. - N. da T.

MANJAR TURCO

Roberta Lannes

Roberta Lannes publica nos gêneros de ficção científica, fantasia sombria e horror desde 1985, incluindo sua aclamada coleção de contos, *The Mirror of Night*, pela editora Silver Salamander Press. Sua obra foi traduzida para diversos idiomas e o filme de 1994, *Ten Monologues from the Lives of the Serial Killer*, do cineasta sul-africano Aryan Kaganof, incluiu uma adaptação de seu conto, *Goodbye, Dark Love*.

Suas ilustrações digitais foram publicadas na revista *Cemetery Dance* e suas fotos na revista *JPG Magazine*; ela já expôs em galerias e criou telas de carregamentos para aplicativos de iPhone, capas de CDs, calendários e cartões comemorativos. Mais recentemente, colaborou como ilustradora com o autor Christopher Conlon para seu poema épico de zumbis *When They Came Back*, assinando mais de 50 fotografias de horror para o livro.

“Histórias tradicionais de vampiro só me empolgam sob um ângulo”, revela a autora, “que seria o da sedução. Hoje em dia, até isso foi suplantado pelos vampiros impulsivos e compulsivos, que atacam, bebem e fogem. Eu queria escrever algo mais sutil, mais sobre os vampiros que encontramos em nossas vidas cotidianas. Aqueles que nos tomam algo de vital contra a nossa vontade, seja por sedução ou manipulação, são muito mais reais e assustadores do que os sugadores de sangue.”

“No conto a seguir, Andrew tem algo que considera valioso para ele e para aqueles cujas vidas são vazias daquilo que nos mantém deleitados e cheios de questionamentos. Eu comparo

Andrew a um manjar turco – apenas um doce de chocolate sem sua diletta gelatina rosa, aromática e suculenta, no interior. E assim nasceu uma história de vampiro...”

A CAMINHADA DA ESCOLA para casa levou Andrew pela Long Row até a Rua Green, onde ele morava com sua mãe e sua tia Molly. A duas casas da residência de Andrew havia o velho chalé do pregueiro. Os turistas, às vezes, paravam para olhar as janelas empoeiradas dele e ver as velhas ferramentas e o mobiliário da sua oficina de pregos do século XVIII. Ele despertava pouco interesse histórico nos turistas, devido ao famoso moinho na mesma cidade, mas vez por outra alguém passava por lá, além das crianças que haviam aprendido a seu respeito na escola.

Hoje, enquanto Andrew se arrastava pela rua de paralelepípedos, viu um senhor desconhecido e um menino aparentemente da sua idade olhando pela janela do chalé. Eles tinham aparência de turistas, com câmeras penduradas no pescoço, pequenas mochilas imaculadas e botas de caminhada que ainda pareciam novas, rígidas e desconfortáveis. Quando ouviram os passos de Andrew, eles se viraram.

O menino era bonito, pensou Andrew, quase parecido com uma menina. Seu cabelo escuro era cortado desalinhadamente, caindo por sobre os olhos e orelhas de forma elegante. Seus olhos eram grandes, redondos e luminosos em seu rosto pálido. Ele não sorriu. O homem tinha olhos pequenos, de cor muito clara, quase como pálidas pedras de água marinha, e grossas sobrancelhas peludas, iguais às do avô de Andrew. Ele era alto e magro, com um nariz longo e chato e, ao redor dos lábios muito finos, a pele se enrugava em ravinas verticais, lembrando a Andrew um desenho de caveira.

— Você mora por aqui, filho? — disse o homem enquanto o garoto se virava para olhar para o chalé. Ele tinha sotaque. Alemão ou dinamarquês. Andrew não era bom em diferenciar um sotaque do outro, a menos que fosse americano, espanhol ou francês.

Andrew franziu o cenho para o homem e continuou andando. Não ocorreu a Andrew naquele dia passar de sua casa e virar em outra rua, mas ele depois viria a pensar em como as coisas teriam sido diferentes

se o tivesse feito. Foi direto para a porta, com os olhos ainda nos turistas, girou a maçaneta e entrou.

— Deve ser o Andy. Adivinha o que sua tia Molly fez? — O ar estava impregnado com o aroma de manteiga, farinha e groselhas.

— Você fez *scones*²⁵, tia, senti o cheiro lá de fora. — Andrew colocou a mochila no chão, tirou o paletó e o boné.

— Suba pra trocar de roupa, Andy, depois desça e coma um antes que eles esfriem.

Poucas coisas eram melhores do que os *scones* quentinhos de Molly com uma xícara de achocolatado. Ele subiu correndo e pôs um suéter e um jeans. Ao colocar os sapatos da escola numa cadeira próxima à janela, olhou para o chalé do pregueiro. O velho havia se afastado da casa e estava na rua, olhando diretamente para a janela de Andrew. Para Andrew. Ele pensou nos *scones*, no achocolatado quente, em sua tia esperando lá embaixo, mas por alguma razão achou irresistível o olhar curioso daquele estranho. Então, o homem sorriu. Seus dentes eram muito alinhados, grandes e brancos. Como chicletes, pensou Andrew, como dados sem os pontos.

— Por que a demora, Andy? Os *scones* tão esfriando!

Sua tia estava na porta, seu envelhecido avental amarelo manchado pelos resultados da confeitaria. Ele se virou, sobressaltado.

— Ah, tia, não ouvi você subir as escadas.

— O que tem lá fora de tão interessante que vale mais que um ou dois *scones* quentinhos? — Ela se pôs ao lado dele e olhou pela janela. Andrew olhou também. Nada. Não havia ninguém lá, a rua estava deserta.

— Vi uns turistas olhando pra dentro do chalé e o mais velho tentou falar comigo.

— Você não falou com ele, falou? Sabe o que sua mãe diz. *Não se fala com estranhos, veja o que houve com Wally Burdock e Gwen Shafford*. Eles falaram com estranhos e ambos acabaram m-o-r-t-o-s, mortos.

Bom, Andrew pensou, isso não era bem verdade. Wally, que tinha dezessete anos e arrumava confusão com os marginais da cidade o tempo todo, levou uma surra com um bastão de beisebol, teve danos cerebrais terríveis e seus pais permitiram que o hospital desligasse seu suporte vital, então ele morreu. E Gwen foi estuprada pelo irmão postição e enlouqueceu. Estava em um hospital ou sanatório em algum lugar. Mesmo assim, ele sabia o que sua mãe queria dizer. Ela parou para falar com um estranho certa vez e, quando deu por si, depois de três semanas de romance, zás, trás, era uma vez o estranho. Andrew era o resultado daquele fiasco.

— Eu sei, eu sei. Fiz uma cara bem feia pra ele e entrei logo. — Ele farejou o ar. — Devo ter sentido mesmo o cheiro dos *scones*, porque nada me impede de entrar quando você tá cozinhando.

Sua tia sorriu.

— Bom, então vamos comer e eu faço pra você uma caneca de achocolatado. Tá esfriando, lá fora.

Andrew a seguiu pelas escadas estreitas até a pequenina cozinha. Ele se sentou para esperar. Tia Molly tinha seu jeito específico de fazer as coisas, então nada de agarrar os bolinhos impacientemente, nem de apressá-la. Ela se ocupou das latas, colheres e uma panela de leite.

— Me conte o que fez hoje.

— Matemática. Resolvemos problemas. Pra minha sorte, são bem fáceis.

— Ah, são? Muito bem, então me dê um pra eu ver se consigo resolver. Já faz 30 anos desde que estudei matemática, mas ainda sou bem esperta pra uma velha senhora.

— Você não é velha, tia. A mamãe é mais velha que você e ainda é jovem. Ela diz isso o tempo todo. — Sua boca salivou com o cheiro do achocolatado mexido no leite quente. Sua tia pôs a caneca diante dele, então foi até o balcão pegar um *scone*. Ele a viu abrir a farinhenta massa cor de creme e o vapor correu pela cozinha aquecida.

— Então, Andy, me dê um problema. Vamos ver se consigo resolver.
— Ela se sentou de frente para ele, ansiosa pela reação de costume aos seus *scones*. Um pouco incomodado por ter que falar quando queria comer, ele lambeu os lábios e encarou seu *scone*. — Tá bom, tia. Se um trem viaja a 80 km/h e levou quatro horas e dez minutos pra ir de Londres a Newcastle, qual a distância de Londres a Newcastle?

— Ah, nossa, esse é dureza. Deixa eu pensar... — Ela coçou a cabeça e crispou a boca, concentrada. — Você sabe a resposta?

Andrew assentiu.

— E você? — Ele mordeu o *scone*. Era quase bom demais. Ele extasiou-se.

— Bom, 350 quilômetros, um pouco mais ou um pouco menos. Acertei?

— Tem uma casa decimal aí, mas chegou perto. Muito bom, tia.

Eles ouviram uma chave na fechadura.

— Sua mãe chegou. A gente devia pedir pra ela resolver um dos seus problemas.

A mãe de Andrew entrou com os braços cheios de sacolas.

— Vem ajudar.

— Mãe, meu *scone* tá esfriando.

Sua tia pôs as mãos nos ombros dele.

— Você fica aqui, Andy. Eu pego as compras.

Ele sorriu para a tia e tomou um gole do achocolatado. Ela sempre o fazia um pouco mais concentrado, bem do jeito que ele gostava.

Enquanto sua mãe e sua tia guardavam as compras, Andrew pensou no belo menino e no velho que tinha visto. Ele se perguntou porque o velho havia falado com ele e porque o menino parecia tão triste. Por que ele gostaria de saber se Andrew morava nas redondezas? O que poderia querer?

— Acabou de acontecer um acidente no Triângulo. Ouvi no Safeway²⁶. Um menino atravessando a rua com o avô foi atingido por

um caminhão.

Andrew se virou em sua cadeira.

— Ainda agora?

— Há uns poucos minutos. Você não ouviu a sirene? Eu ia lá dar uma olhada, mas tem pudins congelados nas sacolas. Por quê? Sabe quem pode ter sido?

— Posso ir lá olhar? Por favor? Talvez eu conheça ele. Talvez.

Sua mãe olhou para sua tia e de volta para ele. Sua tia era a mais tranquila, exagerada na comida e no afeto, enquanto sua mãe era amarga e restritiva. A tia deu à sua mãe um olhar de apelo. Às vezes funcionava, às vezes, não.

— Termine seu *scone* e seu achocolatado, aí você e sua tia Molly podem ir dar uma olhada enquanto eu começo a fazer o jantar.

— Eu? Quer que eu vá com ele, Bernadette, comigo parecendo alguém que passou o dia todo na faxina... o que de fato passei? Ele não pode ir sozinho?

— Já tá quase escuro.

— Por favor, mãe, só quero dar uma olhada. Não vou demorar. Sério, prometo.

— Vai ficar de casaco?

— Tá, tá, vou. Prometo.

— Então vá, mas não enrole.

Andrew agarrou o *scone* pela metade e correu escada acima para pegar um casaco. Ele sabia que tinha sido o menino bonito. Apenas sabia. Podia ser qualquer um dos meninos que conhecia, mas havia mais de uma razão para que um estranho fosse atingido. O Triângulo confundia os turistas. Era frequente eles serem vitimados pelo trânsito. Ele esperava que o menino tão estivesse muito machucado.

Enquanto corria porta afora, gritou adeus para sua mãe e sua tia. Desceu correndo a Rua Green e a Rua Bridge até alcançar o Triângulo. Havia duas viaturas e uma ambulância. A multidão era grande e o

tráfego estava retido pela Rua Bridge até onde a vista alcançava, em ambas as direções. Frank Delaney correu até Andrew quando o viu na beirada da multidão.

— Você viu o que aconteceu? — estremeceu Frank, usando só uma camisa de futebol.

— O acidente, você diz? Não, minha mãe acabou de me contar dele. Ela soube lá no Safeway. Você viu?

— Droga, não. Tava fazendo minha redação pro velho Noddy Bennett. Quem você acha que era?

Andrew se pôs nas pontas dos pés enquanto os enfermeiros erguiam a maca até a ambulância. O corpo estava inteiramente coberto por um lençol.

— Sei lá. Ele tá morto. Não dá pra ver o rosto. — Sua garganta estava apertada e seus olhos ardiam, prestes a chorar.

Ao analisar a multidão, Andrew viu o senhor de idade com um policial, sua mão ossuda sobre o rosto, escondendo as lágrimas, balançando a cabeça. Quando ele tirou uma das mãos do rosto para pegar um lenço, virou-se para olhar para Andrew, como se soubesse que o garoto estava lá. Seus olhos se demoraram nele até Andrew sentir seu estômago se contrair. Então, o velho se virou de volta para o policial e assoou o nariz.

— Odeio perder todo o sangue e as tripas — reclamou Frank. — Aposto que é alguém da escola. Provavelmente aquele bebezão, o Tim Broadbank. A mãe dele *ainda* não deixava ele atravessar a rua sem segurar na mão dela. Ele tá um ano na nossa frente, sabe.

— O Tim? Não. Acho que não. Eu vi um menino com o avô uma hora atrás, perto da minha casa. Eles tavam lá no chalé do pregueiro. O avô tá bem ali com a polícia, se acabando de chorar. Só pode ter sido o neto dele.

— Você conhece eles? — Frank esfregou as mãos. Andrew balançou a cabeça. — Turistas. Tinham todo o jeito de ser.

— Pensa só. Você vai viajar com seu avô e acaba voltando pra casa num caixão. As férias mais medonhas que já ouvi falar...

Andrew não conseguia tirar os olhos do senhor de idade. Frank continuou falando, mas ele não estava de fato escutando. O homem não olhou novamente para ele, mas Andrew esperava que seus olhos tornassem a fitá-lo. E estremeceu.

— ...daí enfiaram uns alfinetes enormes nos olhos dele.

— Alfinetes? — Ele se virou para ver Frank continuar. — Ei, Frank, é melhor eu ir. O jantar já vai ficar pronto e a minha mãe não ficou feliz de me deixar vir aqui fora desse jeito.

— Ah, tá, bom, tudo bem. Se eu souber de alguma coisa, te falo na segunda. ‘Té mais.

— Ok, ‘té mais. — Ele deu mais um olhar demorado para o homem, então se afastou. Assim que Andrew dobrou a Rua Green, pensando no jantar, o senhor de idade esquadrinhou a multidão.

As pernas de Andrew pareceram pesar enquanto atravessava a rua. Ele quis ir até o velho, confortá-lo. Assim que sentiu isso, soube que era irracional. Ele nem conhecia aquele estranho, sobre quem tudo parecia suspeitosamente bizarro. Quando ele chegou à porta, se perguntou se, caso tivesse falado com o velho, mantido eles ali por mais alguns minutos, o menino não teria acabado morto.

Na manhã seguinte, Andrew pegou o *The Belper News* da soleira. Ele tinha certeza de que haveria uma notícia sobre o acidente. Havia pouca coisa digna disso na cidade. Esse era um assunto para a primeira página. E lá estava.

TURISTAS SE ACIDENTAM

por Rosalie Bishop

Um homem e seu tutelado de dez anos, em viagem pela Inglaterra, pararam em Belper a caminho de Matlock Baths. Por volta das 17h, eles estavam atravessando o Triângulo próximo ao Mill Park quando um caminhão, seguindo rumo a Derby, atingiu o garoto, que morreu com o impacto. Os dois visitantes não eram familiarizados com os padrões de tráfego naquela área e o garoto entrou na frente do caminhão. O motorista não teve responsabilidade pelo trágico acidente. O guardião do menino

planeja retornar à Turquia, seu país natal, ainda esta semana. As famílias da cidade se apressaram em oferecer ao homem um lugar para ficar e alimentação, até que seu avião parta de Heathrow, na quinta-feira. Aqueles interessados em prestar auxílio ou expressar suas condolências podem contatar Elizabeth Horner, na Capela Metodista.

Andrew agora estava mais curioso do que nunca. *Turquia*. Ele nunca havia pensado muito nas pessoas que vivem lá, embora tenha ouvido falar do país nas aulas de geografia. O que sabia era que adorava manjar turco. O recheio de gelatina rosada totalmente envolto por um delicioso chocolate o fez pensar nos ocasionais arroubos de felicidade que sua mãe tinha, quando comprava para eles um saco de doces, sempre com alguns manjares turcos para Andrew. Será que o manjar turco era da Turquia? A parte turca era a gelatina, o chocolate ou os dois? Pela primeira vez, ele mal podia esperar pela segunda-feira. Iria direto para a biblioteca da escola, depois da aula.

A biblioteca era uma pequena sala que um dia havia sido um almoxarifado e uma chapelaria. Os livros cobriam todas as paredes, e duas estantes com metade do tamanho delas dividiam a sala. Pinturas feitas pelos infantes cobriam a parede acima da mesa da bibliotecária. Andrew amava o cheiro dos livros e das antigas mesas lustradas onde os alunos podiam ler. A biblioteca estava vazia, exceto pela senhorita Eklund, uma mulher que os meninos chamavam de “Sueca”. Ela estava na casa dos 50 anos, usava o cabelo curto, tinha pelinhos engraçados no queixo e cheirava a loção pós-barba. Na verdade, havia um atleta de luta livre chamado Sueco, e a senhorita Eklund tinha a constituição de um homem atarracado, daí vinha o apelido. Ela deixava as meninas fazerem os maiores absurdos, mas dava tapas nas costas das mãos dos meninos se eles conversassem.

Ele estava com um livro que falava sobre a Turquia quando Frank apareceu virando uma esquina. Ele agarrou a manga de Andrew para ver o livro. Passou os olhos sobre ele, então olhou para a senhorita Eklund, que estava concentradíssima carimbando cartões de empréstimo.

— E aí, teve problemas quando chegou em casa, na sexta?

— Nem. Você?

— Não, caramba. Todo mundo lá em casa chega tarde. Meu pai sai do trabalho e vai direto pro *pub*, e a minha mãe... bom, ela sai muito com os amigos. Agora, o Nick tá morando com a namorada dele, em Sheffield, então sou só eu.

— Você viu alguma coisa depois que eu saí?

Frank tirou o livro sobre a Turquia das mãos de Andrew.

— Ei, sabia que o velho é da Turquia? Eu tava lá enquanto uma moça perguntava pra ele sobre o menino.

Andrew botou o livro debaixo do braço.

— Ah, é? Sério? E o que você ouviu? Eu li o jornal, mas não dizia muita coisa.

— Ele tava hospedado no Hotel Hollingshead. Aquele não era o neto dele, era um amigo da família. Ele tava levando o menino pros banhos medicinais porque ele tinha algum tipo de doença. Leucemia ou coisa assim. Caramba, os banhos não servem pra nada e qualquer um com dois neurônios sabe disso. É só uma atração turística. Uma piada, na verdade.

— Uau. Eu vi o menino. Ele parecia triste ou doente. Tipo fraco. Talvez ele fosse morrer, de todo jeito. — Andrew viu o rosto de Frank ficar mais animado.

— Ou talvez o velho tenha empurrado o menino na frente do caminhão pra garantir que ele não sofresse. Pô, isso seria sinistro, tipo quando...

A senhorita Eklund pairou sobre os meninos.

— Se vocês dois querem conversar, façam isso lá fora. Isso é uma biblioteca. Não se conversa na biblioteca.

Frank piscou para Andrew e correu. Andrew fez o empréstimo do livro para levá-lo para casa.

Frank não estava na escola no dia seguinte. Andrew queria partilhar com ele suas descobertas sobre a Turquia — não que aquilo fosse o tipo

de coisa que Frank gostaria de saber. A Turquia era bem próxima da Rússia. Tinha o Mar Negro de um lado e o Mediterrâneo do outro. O país tinha sua própria língua, chamada turco. Porém, ele não havia avançado o suficiente no livro para descobrir se o manjar turco vinha da Turquia. Ele também leu que eles tinham terremotos terríveis por lá. Talvez Frank achasse interessante todas as mortes resultantes desses terremotos. Esse era o tipo de coisa que ele achava fascinante.

A caminho de sua casa, ele parou na de Frank. A senhora Delaney atendeu a porta.

— O Frank tá em casa?

Sua expressão se perturbou e ela se inclinou para colocar seu nariz a alguns centímetros do de Andrew. Ela fedia a conhaque.

— Bom, ora, ele deveria estar com você, senhor Andrew Crawford, então eu deveria estar lhe perguntando exatamente isso. Ele disse que ia encontrá-lo na pista e que vocês dois iam até a igreja pra ver se podiam ajudar aquele pobre senhor.

— Pra igreja... — Andrew tentou lembrar qual igreja poderia ser. — Bom, devo ter entendido errado, senhora Delaney. Achei que a gente ia se encontrar aqui. Acho que então é melhor eu ir pra igreja, né? — Ele sorriu encabulado.

— Vocês dois tão aprontando alguma coisa juntos, não tão?

— Não, senhora Delaney. A gente sinceramente quer que esse homem se sinta melhor. O menino dele tinha mais ou menos a nossa idade e a gente só pensou...

— Que gentil. É melhor você ir logo, Andrew. Já vai escurecer. — Ela fechou a porta antes que ele pudesse responder.

Por que Frank não havia dito a ele que iria para a igreja? E qual igreja? Ele não se lembrava. Foi caminhando até a igreja católica que era mais próxima e procurou por alguém para ajudá-lo. Uma lavadeira disse a ele que o velho estava hospedado com uma família perto da Escola Strutts. A Capela Metodista era onde estavam coordenando a ajuda para o turco. Ele agradeceu a mulher e começou a caminhar na direção da

Strutts. Ocorreu a ele que sua tia Molly ficaria doente de preocupação se ele não passasse em casa primeiro. Mas, então, ele arriscaria ser totalmente proibido de ir.

A caminhada até a Strutts era longa. O único modo de chegar lá antes de escurecer seria pegar um ônibus. Procurou trocados em seu bolso e correu até o ponto, onde um ônibus havia acabado de encostar. Era o número 14, que parava no terminal bem em frente à Capela Metodista. Pura sorte.

Embora o ônibus estivesse lotado, conseguiu um lugar na janela, atrás do motorista. Ele observou as pessoas caminharem determinadas, para cima e para baixo pela rua, os carros se deslocando com extrema lentidão com o trânsito da A6. Outro ônibus veio se arrastando na direção oposta. Eles estavam um ao lado do outro, em certo momento. Andrew olhou para o outro ônibus, analisando os rostos. E parou no velho, aquele que tinha visto perto do chalé. Ele estava sentado com um braço ao redor de outro menino, dando seu sorriso de dados sem os pontos, escutando a animada conversa do menino. Andrew sentiu seu estômago se revirar antes de olhar de fato para o menino, sabendo de todo modo que era Frank Delaney.

Andrew girou em seu assento, com as mãos nas janelas, e gritou o nome de Frank.

— Frank, Frank. Ah, não... — O motorista do ônibus pediu a Andrew que se aquietasse, mas Andrew já tinha se calado. Ele manteve os olhos no ônibus enquanto ele seguia na outra direção. Não tinha certeza, mas pensou por um segundo que o velho tinha olhado diretamente para ele.

Ele desceu na Rua King e caminhou de volta para casa. Quando contasse à sua mãe e à sua tia o que estava acontecendo, elas entenderiam por que ele se atrasou. Assim ele esperava. Nada tinha dado certo naquele dia.

— Não é da sua conta o que Frank Delaney faz da vida dele, Andy. Se ele quiser fugir com a rainha, ele pode, mas você tem sua própria vida pra levar.

Sua mãe começara o sermão antes do jantar e agora já era hora de ir para a cama. Sua tia havia escutado cuidadosamente e dito, “Que pena”. Mas, quando sua mãe chegou em casa, Molly recontou a história de Andrew com um histrionismo incomum. Ela usou expressões como “sequestrado” e “pedófilo”, levando sua mãe a um estado frenético.

— E, se ele foi sequestrado, então é melhor ainda que você fique longe desse menino. O Frank arruma encrenca onde não tem nenhuma, não é mesmo, Molly?

Tia Molly estava retorcendo as mãos e assentindo.

— Pelo menos, as autoridades sabem quem ele é e onde está hospedado. Esse velho não vai longe.

A garganta da mãe de Andrew proferia resmungos.

— Vamos ligar pra polícia. Não dói. Se ele for inocente, vamos só nos sentir idiotas, mas se o Frank foi mesmo sequestrado, vão ficar felizes por termos ligado.

Enquanto sua mãe e sua tia faziam a ligação, Andrew saiu de fininho pela porta dos fundos. Ele tinha que ir à casa de Frank. O ônibus estava indo na direção da casa dele. Podia ter sido tudo na inocência. Não podia?

Dessa vez, quando a senhora Delaney atendeu a porta, um homem estranho vociferou do andar de cima para que ela voltasse para ele. Ela parecia desganhada em seu roupão de banho e seu rosto estava corado à luz do vestíbulo.

— O que foi agora? Entendeu errado de novo? Era pra vocês se encontrarem na escola, então?

— Quer dizer que o Frank não tá aqui?

Ela estremeceu diante do tom ansioso dele.

— Não, o Frank não tá aqui. O que está havendo, Andrew Crawford?

Andrew olhou para os próprios pés.

— Acho que ele saiu com alguém. Eu o vi no ônibus com aquele senhor que estava com o menino que morreu no Triângulo, semana passada. Achei que eles podiam tá vindo pra cá.

Embora parecesse levemente em pânico, a senhora Delaney manteve o roupão fechado na altura do pescoço e disse:

— O Frankie faz o que quer. Ele é marrento o bastante pra cuidar dele mesmo. Se fica muitos dias sem voltar pra casa, aí eu me preocupo. Ele é igual ao irmão nesse sentido. — A voz masculina novamente ressoou do andar de cima, mais insistente dessa vez. A senhora Delaney baixou a voz para Andrew. — Não se preocupe, Andrew Crawford. O Frankie tá bem. Vai pra casa. — Então, ela bateu a porta na cara dele de novo.

Ele correu para casa, esperando que sua mãe e sua tia estivessem ocupadas com a polícia e não tivessem notado que ele havia saído, mas lá estavam elas, na rua, uma van da polícia estacionada junto à casa e dois policiais falando com elas.

— Pra onde diabos você foi, seu menino completamente idiota? — Sua mãe agarrou o braço dele e o arrastou para casa. — Você sabia que ia me matar de susto, não sabia? — Ela dava tapas nele. Ele manteve os braços erguidos enquanto ela o estapeava. — Como você ousa!

Tia Molly se aproximou com os policiais e gritou para que a irmã parasse. Um dos policiais agarrou a mãe de Andrew. Tia Molly envolveu o garoto em seus braços.

— Senhora, não adianta bater no menino. Pare. Relaxe. Vamos conversar com ele.

— Bernadette, vá lá pra cima e lave o rosto na água fria. Eu conversei com o Andy e com a polícia. Vá.

Sua mãe se soltou da contenção do policial e grunhiu, a espuma nos cantos da boca.

— Não vai fazer nada disso. O filho é *meu*. Eu lido com ele.

O policial balançou a cabeça.

— Senhora, faça o que sua irmã está dizendo. Se tiver que lidar com isso, vai acabar tendo que *nos* acompanhar.

Andrew tentou não chorar, mas não conseguiu se conter. Estava mais com medo do que triste, mas as lágrimas vieram mesmo assim.

— Olha o que você fez, Bernadette. Andrew está aos prantos. Vá lá pra cima. Vá, agora.

Sua mãe subiu pisando duro, mas ele sabia que ela não lavaria o rosto nem nada. Ela cozinaria na própria raiva até não conseguir aguentar mais e partir para bater nele de novo. Sua tia tentaria impedir, mas não tinha nenhum outro lugar para morar, então daria as costas quando falhasse. Andrew sentiria pena dela, agradecido por ela ao menos ter tentado.

Um dos policiais se sentou ao lado de Andrew e fez a ele centenas de perguntas. Ou assim pareceu. Já havia passado da hora de o garoto dormir e ele estava começando a cair no sono. Quando o homem decidiu que tinha informações o bastante, disse a Andrew que iriam passar na casa dos Delaney. Então, o policial perguntou a Andrew se ele se sentia seguro o bastante para ficar na casa. Que eles tinham outro lugar onde ele poderia ficar.

— Tá tudo bem. Ela se irrita muito fácil. Mas sempre se acalma. Além disso, tenho minha tia. — Do outro lado da sala, tia Molly sorriu.

— Certo, então. Mas ligue pra nós se os ânimos se exaltarem novamente. Não tenha medo. — O policial olhou para tia Molly e então de volta para Andrew. — Nós avisaremos do resultado das investigações.

— Isso, por favor — Andrew conseguiu dizer. Suas pálpebras pesavam, seu corpo cedendo. A última coisa que ouviu foi sua tia abrindo o baú de cobertores para dar a ele um pouco de calor extra.

Quando Andrew acordou, sabia que metade do dia já havia passado. Apesar do cinza lá fora, ele podia dizer pelo ângulo da luz em seu quarto. Sua mãe com certeza tinha saído para trabalhar e sua tia provavelmente estava limpando a casa de alguém, já que era quarta-feira. Ele pôs as roupas da escola e desceu para a cozinha. Sua tia estava sentada à mesa, almoçando.

— Ah, ora, vejam quem finalmente está de pé. Dormiu bem?

— Sim, tia Molly. Mas não me lembro de ir pra cama. A mamãe tá bem?

— Um daqueles gentis policiais carregou você pra cima. Você caiu no sono antes de eles chegarem na porta e eu sabia que nunca ia conseguir subir essas escadas com você sozinha.

— A mamãe tá bem?

— Por que você liga? Ela te dá uma surra terrível e passa a noite se lamentando do quanto você é horrível por fazer ela se preocupar. Ela não te merece, Andy. Ela era jovem demais pra ter um filho sozinha, pra começo de conversa. Devia ter sido eu. Eu sou uma mãe melhor pra você do que ela. — Ela parou, desviando o olhar de Andrew. — Me desculpe. Sei que você ama sua mãe. Às vezes, não consigo me controlar. A verdade escapole. Me perdoe.

— Eu também te amo, tia Molly. Não fica com raiva da mamãe. Ela é infeliz.

Sua tia sorriu afetadamente para ele.

— Ela e todo o resto de nós, mulheres velhas e miseráveis.

— Você não é velha.

Ela examinou Andrew.

— Acha que ainda pode entrar na escola?

Ele olhou para o relógio sobre a pia. Eram quase 12h00.

— Tenho mais quatro aulas depois do meio-dia. Acho que sim. Eu já tô bem. Vai fazer faxina hoje?

Tia Molly pôs um saco na mesa.

— Tome um sanduíche, então. Tem um bilhete dentro, mas eu ligo pra escola pra avisar que você tá a caminho. E sim, não se passa um dia sem que eu tenha uma casa pra limpar. Apenas tive um cancelamento hoje, só isso.

— Valeu, tia. Você é a melhor!

— Ah! — Andrew parou na porta quando sua tia falou. — O seu amigo Frankie está bem. Aposto que vai vê-lo na escola.

— Valeu! — Andrew fechou a porta forte demais, mas mal escutou. Ele correu para a escola, ansioso para descobrir o que havia acontecido com Frank.

Ele encontrou com Frank a caminho da aula. Quando viu Andrew, seu amigo franziu o cenho.

— Que foi? Tá com raiva de mim?

— Cê deixou minha mãe fular, seu babaca idiota. Ela disse pra eu caçar meu rumo depois da escola porque ia receber uns amigos; daí eu disse pra ela que ia te encontrar na igreja. Ela só pensou que a gente ia visitar aquele velho. Você estragou a parada toda. Quando a polícia apareceu, ela ficou com mais raiva ainda. Não deu pra sacar? Não dava pra ficar na moral?

Andrew estava sem fala. Frank não teria feito o mesmo por ele se tivesse visto Andrew no ônibus com o velho? Frank não teria suspeitado de que algo estava acontecendo ao ver o velho sendo amigável com outro menino logo depois que seu tutelado morresse?

Frank saiu andando. Nada de ruim tinha acontecido com ele e isso era bom, mas Frank não via que a preocupação de Andrew era sincera e real? Ele não entendia isso? Não fora sua intenção deixar a senhora Delaney com raiva. Andrew fez seu melhor para não chorar. Foi para a aula cabisbaixo e de ombros arriados.

Ele passou o resto do dia apático na escola. Questionou tudo, desde o momento em que viu o velho no chalé do pregueiro com seu tutelado. Todas as coisas estranhas que ele viu e sentiu haviam sido só sua imaginação? Não parecia estranho que o velho ainda estivesse em

Belper após o acidente? Que ele parecesse feliz e falante no ônibus com Frank? Era assustador. Muito assustador.

Andrew percorreu todo o caminho até em casa cabisbaixo, observando os próprios pés enquanto caminhava. Quando chegou, sua mãe estava distante, envergonhada do próprio comportamento, mas incapaz de se desculpar e compensá-lo, ou se recusando a fazê-lo. Sua tia estava quieta, amedrontada de irritar a irmã. Ele se sentiu muito sozinho.

Em seu quarto, após fazer a lição de casa, Andrew sentou-se na janela, olhando para o chalé do pregueiro. Ao longo dos anos, ele costumava se sentar assim, perguntando-se como deveria ser a rua 200 anos atrás, quando o pregueiro se ocupava de fazer os pregos e a fumaça de sua fornalha subia em espirais, encontrando-se com as nuvens. As mães e seus filhos caminhavam por ali, dizendo aos garotos o quanto seus pais trabalhavam nas construções e que precisavam de pregos? Já que o pregueiro não tinha concorrentes, teria ele uma mansão no alto da colina, perto da igreja luterana? Os filhos cresceram querendo ser pregueiros e ter mansões? Um desses garotos seria tataravô de seu próprio pai, que ele nunca conhecera? O que será que seu pai fazia agora? Era construtor, vendedor ou médico? Sua mãe contou pouco sobre ele a Andrew. Tia Molly, bom, ela havia dito a ele o pouco que ele agora sabia.

— Não ouse dizer pra sua mãe que contei a você sobre ele. Ela teria um acesso. Você ainda quer saber?

— Quero, tia, por favor. — Ele tinha cerca de seis anos, ou talvez tivesse cinco.

— Bom, o nome dele era William, mas sua mãe o chamava de Will. Quando ela o conheceu, não sabia que ele era casado, mas acabou que ele era marido de uma mulher muito rica, em Jersey. Os pais dela eram muito, muito ricos e todos eles moravam numa casa que era um palácio. Claro, Will disse pra sua mãe que era infeliz, que ninguém na família da esposa dele o respeitava e nem esperavam que ele continuasse os

negócios da família, que faziam com que ele ficasse na estrada cinco dias por semana. Ele um dia havia amado muito a esposa, mas ela não queria ter filhos porque ia acabar com o corpo dela. Ela obviamente era muito vaidosa.

— Sua mãe era bem mais bonita dez anos atrás do que é agora, e Will rapidinho se apaixonou profundamente por ela. Eu acredito nisso. Sua mãe foi cautelosa, só porque sabia que ele viajava muito e queria alguém mais perto. Ele fez o que podia pra ficar perto de Belper por quase um mês, mas aí a família da esposa dele suspeitou e ele sumiu. Ele me escreveu uma vez. Eu era casada com seu tio Phillip na época. Ele me pediu pra dizer a Bernadette que nunca a esqueceria. Que ela o tinha feito mais feliz do que nunca, mas que ele era casado. Ele me explicou toda a situação, mas achei por bem manter tudo em segredo. Eu disse pra sua mãe que achava que ele provavelmente era casado, que era um cafajeste e pra deixar por isso mesmo. Um mês depois, ela descobriu que você estava a caminho.

— Ela ficou extremamente magoada por Will tê-la abandonado. Quando seu tio Phillip morreu de repente e me deixou com dívidas enormes, sua mãe e eu descobrimos que precisávamos muito uma da outra pra nos deixarmos chafurdar em qualquer outra traição ou perda. Nós concordamos que você seria aquilo que compensaria tudo. E compensou. Um dia, quando você for crescido, vamos ver se conseguiremos encontrar o seu pai.

Andrew pensava nisso toda vez que sua mãe batia nele. Era com o pai dele que ela estava realmente brava. Mas ele nunca poderia dizer isso. Isso trairia a confiança de sua tia. E essa confiança havia lhe dado tudo que ele tinha sobre seu pai. Era algo precioso demais para abrir mão assim.

No dia seguinte, choveu. A turma ficou dentro da sala em vez de sair para o pátio do recreio. Frank não falou com Andrew, nem tomou conhecimento dele quando Andrew tentou puxar conversa. Uma das meninas que gostava de Andrew, empolgada pelo fato de não haver

ninguém para levá-lo para longe, flertou com ele, deixando-o totalmente constrangido. As fugazes tentativas de Andrew de chamar a atenção, rezando para que alguém fosse salvá-lo, passaram despercebidas. Quando ela disse a ele que gostaria de ser sua namorada, ele murmurou algo sobre sua mãe não deixar que ele tivesse uma e fugiu.

No fim da Rua Green, ele viu a figura alta e esguia de um homem, seu rosto coberto por um guarda-chuva, em frente à sua casa. Andrew sabia que era o velho antes mesmo de se virar para olhar para ele. Ele continuou a caminhar pela rua, então parou alguns metros depois, subitamente invadido por um pensamento.

Talvez esse fosse o avô *dele*. Ele havia descoberto que seu filho tinha gerado uma criança e havia procurado por Andrew em toda parte. Talvez o menino com ele fosse seu irmão! E se seu pai tivesse deixado seu casamento infeliz e se mudado para a Turquia? E que por isso o velho tinha feito amizade com Frank? Para descobrir se Andrew era a criança perdida pela qual vinha procurando! Por que ele não havia pensado nisso?

O velho se aproximou de Andrew.

— Você mora por aqui?

— Sim, ali. — Andrew apontou para o outro lado da rua. — O senhor me perguntou isso antes, mas antes eu não sabia quem o senhor era.

— Então sabe quem eu sou? — O estranho sorriu, satisfeito.

— O pai do meu pai? — O coração de Andrew batia muito rápido, disparando com uma esperança desesperada.

— Sim! — O velho pôs a mão sobre a boca. — Meu neto! *É* você!

— Vovô?

— Sim! Sou eu. Como é que eles o chamam...? — Ele desviou o olhar por um instante, o que para Andrew pareceu uma eternidade. — Andy, não é isso?

— Sim, vovô. Andy.

— Eu vim levá-lo pra casa. — O rosto do velho aparentava tamanha ternura e benevolência. Andrew estava a ponto de explodir de alegria.

— Para meu pai?

Ele assentiu.

— Para seu pai. Ele vai ficar tão satisfeito em vê-lo. A família toda vai.

— Eu tenho uma família toda? Ah, vovô. Sério?

— Sim, vou contar tudo a respeito deles. Mas o avião parte de Heathrow amanhã. Temos que ir agora para conseguir pegar o voo. Estou num quarto de hotel perto de Paddington.

— Mas e a mamãe? A tia Molly... — As luzes da cozinha estavam acesas e ele sabia que sua tia estava ocupada com o jantar.

— Elas tiveram você por dez anos. É hora do seu pai conhecê-lo, não?

A centelha de medo, o momento de hesitação, se desfizeram em decisão. Ele iria para onde uma verdadeira família o aguardava. O desconhecido, para o qual sua mãe e sua tia durante tanto tempo o prepararam para encontrar com apreensão e relutância, de repente havia se tornado um lugar bem-vindo.

— Certo, tudo bem. Mas e as minhas roupas? Tenho o paletó da escola e...

— Há uma mala cheia de roupas pra você no hotel. Você já esteve em Londres?

— Vovô, eu nunca nem entrei num táxi!

— Então um táxi nós pegaremos até Derby. Depois, um vagão de primeira classe no trem, só para você.

— Vou precisar de um passaporte. Não preciso de documentos nem nada? Na televisão, quando as pessoas...

— Sim! Sim, meu filho. Você terá tudo isso. Eu já resolvi tudo. — O velho apertou o ombro de Andrew, sorrindo de cima para ele. — Tudo.

Andrew sorriu de volta.

— Então, minha família é rica, vovô?

— Somos uma família antiga e abastada, meu filho.

— Sim, a tia me disse. O senhor não se importa dela ter me contado, né? Ela manteve segredo da mamãe esses anos todos.

— É claro que não. Quando você escrever para sua mãe e sua tia, assim que estiver instalado, não vai mais ser segredo. Pode relaxar e ser livre.

De repente, Andrew percebeu que não estava mais chovendo e um táxi esperava no fim da rua. Estava escuro, as ruas luziam, sua vida aguardava diante dele e ele estava indo para a casa de seu pai!

Claro, não havia um pai à espera dele, embora houvesse uma rica família em uma enorme propriedade na Turquia. Vovô disse a Andrew, quando eles estavam no avião, com os cintos de segurança afivelados, em assentos de primeira classe, a 33 mil pés no ar, que ele um dia o ajudaria a encontrar seu pai. Mas, por ora, havia uma antiga e respeitada família esperando por ele em uma casa muito maior do que qualquer coisa que ele pudesse imaginar, onde ele nunca mais se sentiria sozinho.

Andrew então percebeu, tarde demais, que as palavras que sua mãe e sua tia haviam trocado naquela noite, há dois dias, “sequestrado” e “pedófilo”, agora se relacionavam a ele. Ele disse isso ao Vovô, mas o homem negou. Andrew havia sido *escolhido*. Ele era especial. Ninguém nunca tocaria nele dessa forma; ele era um vaso sagrado. Tudo o que o velho disse era cheio de excentricidades e obscurecimentos. Andrew não conseguia uma resposta clara. A longa limusine embalou Andrew em uma série de cochilos, que todas as vezes o levavam a um pesadelo. Eles, enfim, desaceleraram ao se aproximarem de um altaneiro muro de tijolos claros, coberto de heras ascendentes. Dois homens sem camisa e com tecidos enrolados na cabeça puxaram o portão de ferro do muro até que ele se abrisse o bastante para a limusine.

Quando Andrew viu a grande mansão, ainda esperava que seu pai realmente estivesse lá dentro e que Vovô estivesse apenas brincando

com ele. Lá dentro, havia muitos outros garotos e garotas, alguns de idade próxima à sua, alguns mais novos, outros mais velhos. Eles falavam em muitas línguas e estavam vestidos de branco, do pescoço aos pés. Perambulavam livremente, mas todos pareciam tristes como o menino que morrera no Triângulo, seus olhos vazios.

Vovô sentou-se na poltrona ao lado da enorme cama que seria de Andrew. O menino pôs uma camisa, calça e sandálias brancas. Vovô assistiu, mas não estava curioso. Seu olhar era benigno. Desinteressado. Andrew estremeceu, embora a sala estivesse quente.

— Por que o senhor me escolheu? O senhor tinha Frank Delaney.

— Sim, o menino que veio até mim. Era Frank, o nome dele? — Vovô olhou reflexivo pela janela para o lúgubre pôr do sol, cinzento e cor de ferrugem. — Frank. Um menino difícil. De alma velha. Faltava a ele o atributo mais importante. A essência pela qual atravessamos o mundo. A emanção pura. Era você o tempo todo, Andrew. No momento em que o vi, eu *soube*.

Andrew se sentiu encorajado pelo orgulho em ter sido escolhido. Ninguém nunca havia notado Andrew, ao menos não para escolhê-lo em meio a outros. E nunca em vez de Frank Delaney. Talvez isso desse poder a ele. Ele podia sobreviver a isso!

— O que houve com ele? O menino que estava com o senhor. O senhor o matou?

Vovô rio secamente.

— Ah, não. Por que eu faria isso? Ele foi uma grande perda. — O velho se levantou e foi até a janela. — Não, não o matei, mas tive culpa, de certo modo. Eu deveria trazê-lo aqui em sua total essência, mas estava faminto demais. Eu sorvi dele e não pude me conter. Ele estava exausto por eu ter me alimentado, não olhou por onde ia. Fiquei profundamente perturbado por sua passagem. Minhas lágrimas eram verdadeiras. Quando ele se foi, não havia nada que eu pudesse fazer além de esperar por você.

— O senhor por acaso sabe se tenho um pai em algum lugar? — Andrew tinha medo, raiva e esperança, tudo ao mesmo tempo.

— Ah, sim. Eu saberia se você o tivesse perdido. Meninos como você, crescendo com mães solteiras superprotetoras, pais ausentes, às vezes se tornam homens raivosos e duros. Assim como acontecerá com Frank, embora o pai dele esteja em casa. E aí, é tarde demais. Esses meninos conhecem “o velho”, como inevitavelmente os chamam, e os odeiam. Não você, jovem Andrew. Você manteve a esperança, uma rica parte da essência. Você será valorizado. — Vovô caminhou até ele e pôs as mãos em seus ombros. — Mas precisa manter sua essência até conhecer a Senhora, por isso, vou deixá-lo. Já falei demais.

— Não tô entendendo nada disso. Não vá. Por favor. Não quero ficar sozinho aqui. — Ele começou a chorar.

— Não ouse ficar, jovem Andrew. Seria tentação demais. Você é minha penitência, meu achado para compensar as perdas que tão toalmente fui incapaz de proteger de mim mesmo. — O velho viu o medo em Andrew, sua confusão. — Você não é um prisioneiro, filho. Olhe em volta. Conheça alguns dos outros. — Ele foi até a porta. — Está com fome?

Andrew assentiu, embora estivesse com mais medo do que fome. Seu estômago era um punho fechado em sua barriga.

— Há mais comida do que poderia sonhar lá embaixo. Ache a sala de jantar. Faça amigos. Veja todos os brinquedos, livros e jogos disponíveis pelas dependências. Um dia, em breve, vai se perguntar por que chegou a pensar em partir. — Ele esperou por um momento. — Está pensando que gostaria de partir, não está?

Novamente, Andrew assentiu. Não havia outros pensamentos em sua mente.

— E está pensando na sua mãe, na sua tia. O que será delas sem você?

Andrew desviou o olhar, seus olhos doendo, seu rosto molhado de lágrimas.

— Logo, não vai se importar. Console-se em saber que você não terá *nada* com que se importar e será bem mais apreciado do que um dia já foi naquela sua cidade operária encardida.

Vovô saiu. Andrew se viu na sacada nauseado e sem nenhuma comida na barriga. Ele chorou, lastimou-se até estar todo dolorido. Então, arrastou-se para a cama e encarou o dossel de seda dourada. Ele ansiava pelos cheiros de casa. A pedra molhada, o musgo, o sótão úmido, o fogo crepitante de nogueira e carvalho, os *scones* de tia Molly. Ali, o ar seco cheirava a poeira e turfa, a canela e sálvia.

Estava escuro quando a porta se abriu e uma velha mulher entrou. Ela foi até a cabeceira da cama e se sentou, alisando os cabelos de Andrew. Na escuridão, ele sussurrou:

— Mãe?

— Eu serei sua mãe, seu pai, seu Deus, meu filho. E você será a maior de minhas alegrias. Fique quietinho, lembre-se de tudo que aconteceu em sua vida, e sinta a alegria e o prazer que traz a inocência. Não vou causar-lhe dor nem tocá-lo. Por sua vez, seu medo vai passar, suas preocupações e anseios vão diminuir.

Andrew tentou sentar-se. A mão dela pousou gentilmente em seu peito.

— Não, Andrew. Confie em mim. Isso será como um sonho. Deite-se.

Ele obedeceu. A mulher tinha um jeito ainda mais cativante do que Vovô. Seus olhos brilhavam no escuro, o mesmo azul claro, suas pupilas como nítidos pontinhos flutuando ao centro. Ela cheirava a cedro e flor de laranjeira, embora fosse mais como a fumaça distante de uma fogueira fumegante do que como se ela mesma a emanasse. Ela pôs as mãos acima dele, como se estivesse aquecendo-as no calor que emanava dele. Andrew fechou os olhos e os sonhos vieram.

Pesadelos, na verdade. Primeiro, ele viu sua mãe, jovem e ingênua, boba e despreocupada. Ela foi ao *pub* tomar uma cerveja com suas amigas, até que um homem alto e belo chegou e separou as garotas. Ele

encurralou Bernadette e a cobriu de elogios. Ela beijou o homem que mal conhecia e deixou que ele a apalpasse ali mesmo, no *pub*. A mão dele entrou por debaixo de sua saia e ela ficou molhada de desejo.

O homem a levou até seu carro e continuou, possuindo-a. Eles eram como dois organismos nus, ondulando, se dobrando para dentro e para fora um do outro. Depois de se satisfazer, ele disse que a amava. Ela não acreditou. Não ousava. Eles se beijaram apaixonadamente, ele prometeu que ligaria e deixou-a no apartamento dos pais dela.

Na noite seguinte, ela encontrou outro homem, e outro na noite seguinte. Nenhum deles nunca ligou para ela e nenhum deles estava por perto quando ela se viu grávida. Então, ela começou a dormir com Phillip, marido de sua irmã, que sempre havia gostado mais dela do que da singela Molly. Ela afirmou que Phillip era o pai. Ele preferiu se matar a encarar a vergonha e Molly. Pobre Molly.

Phillip havia hipotecado a casa até o limite, tinha dívidas de jogo e caríssimas contas dos presentes à jovem e adorável Bernadette, que exigiam pagamento. Molly perdeu a casa, passava necessidades, recebia auxílio do governo, mas quando sua irmã chegou rastejando com o pirralho, pedindo ajuda, Molly engoliu seu orgulho e foi morar com Bernadette na casa de seus pais. No fim, pensou Molly, o bebê não podia ser de Phillip. A contagem não batia em quase três meses. Phillip tinha sido só mais um dos tolos de Bernadette.

E então havia a pobre tia Molly; roubando das pessoas cujas casas ela limpava, pegando um anel aqui, um relógio ali. Nada que pudessem provar que Molly havia pegado, coisas que poderiam facilmente ter perdido. No sonho, Andrew a viu de frente para seu guarda-roupa, uma caixa com seus furtos nos braços, pensando na vida que teria quando repassasse tudo aquilo e comprasse seu próprio apartamento. Suas antipatias pela irmã amarga eram evidentes em seu desejo de que tudo que pertencesse à Bernadette apodrecesse. No sentimento de que Andrew era mais filho dela do que de Bernadette e de que, um dia, ela contaria a verdade a ele. Que sua mãe era prostituta, não secretária no

Hospital Babington. Ela então riu, profundamente, ruidosamente, sem remorso.

O pesadelo terminou. A mulher se extasiava, saciada, enquanto Andrew acordava. Ele olhou para a mulher. Ela tinha uma aura luminosa ao seu redor, que cintilava e pulsava. Ela sentou-se na poltrona ao lado da cama e chorou. Andrew se sentou. Em sua cabeça, ele pensou em aproximar-se dela, confortá-la. Ela continuou a soluçar. Mas ele parecia não conseguir reunir a consideração necessária para se mover. Ele a observou até que ela se aquietasse.

— O que houve com você? Por que estou me sentindo assim?

Ela pareceu despertar de um devaneio e então fixou seus olhos claros nele.

— Ele não lhe contou?

— O Vovô? Não, ele só falou de essências e de ser valorizado. Fui eu quem fiz você chorar?

A velha se levantou e se afastou alguns passos. Pensou alguns instantes sobre o que deveria dizer, então não disse nada. Ela abriu a porta.

— Por favor — disse Andrew categoricamente.

— Ah, que mal faz? — Ela voltou para a cama. — Você ficaria sabendo assim que conversasse com as outras crianças. — Ela se sentou e recostou-se na cabeceira.

— Meu filho, você agora não pode ver algumas das verdades mais feias de sua vida? Sente o pesar dessa verdade? — Ela esperou, mas Andrew permaneceu impassível, calado. — Eu ergui o véu da ignorância do qual você se valeu em todos os seus dez anos. Não se sente diferente pelo peso de sua inocência agora ter passado para mim?

Andrew olhou para dentro de si. Estava tão escuro e úmido quanto na noite em que Vovô o havia levado, mas não havia brilho algum.

— É uma falta de sorte a sua, ser meu. Sempre vou chorar por sua perda e pela doçura de minha satisfação. É confuso. Mas com o tempo, não vai mais ser confuso. E você vai apenas *ser*. — Ela riu secamente,

igual ao Vovô. — E pensar que há quem, na tola raça humana, reverencie esse estado... *ser*. Chamam de “iluminação” e passam toda a vida procurando atingi-la. — Ela se levantou outra vez, aos risinhos, foi até a porta e sorriu um sorriso como dados sem os pontos. — Até amanhã.

Quando a porta se fechou atrás dela, Andrew olhou para suas mãos, sentiu seu rosto. Estavam como sempre estiveram. Ele não havia, de fato, mudado. Amanhã. Amanhã ele veria na biblioteca se havia algum livro sobre a Turquia. Ele não havia terminado o que deixou para trás. Em algum lugar.

[25](#). Bolinhos típicos escoceses, mas muito comuns em outros países do Reino Unido. - N. da T.

[26](#). Rede de supermercados. - N. da T.

A VÊNUS SURGINDO DAS ÁGUAS

Tanith Lee

Tanith Lee (1947-2015) só aprendeu a ler quase aos oito anos – ela era disléxica – e conseguiu apenas porque seu pai a ensinou. A partir daí, abriu-se para ela um mundo de livros, e, no ano seguinte, ela já escrevia histórias. Teve vários empregos, incluindo assistente de loja, garçoneiro, bibliotecária e balconista, antes que a DAW Books, de Donald A. Wollheim, lançasse seu romance *The Birthgrave*, em 1975.

O selo viria a publicar mais 26 de seus livros. Desde então, ela escreveu mais de 100 romances e coletâneas, incluindo *Death's Master*, *The Silver Metal Lover*, *Red as Blood* e *Dreams of Dark and Light*, este último pela Arkham House. Ela também roteirizou dois episódios de *Blakes 7*, série da BBC, e seu conto *Nunc Dimittis* foi adaptado como um episódio da série de tevê *The Hunger*.

Ela é vencedora dos prêmios World Fantasy e British Fantasy, além de ter recebido o prêmio pelo conjunto da obra pela World Horror Convention, pela World Fantasy Convention e pela Horror Writers Association.

“Eu escrevi vários romances sobre vampiros”, revelou a autora, “ou sobre tipos de vampiros e um bom número de contos, de diversas extensões. O vampirismo, ao meu ver, é um desses temas em que uma outra ideia ou detalhe está sempre se mostrando pra mim. Ele me parece ilimitado, talvez porque o

vampiro aparentemente, de algum modo, se entrelaçou à psique humana.”

“*A Vênus Surgindo das Águas* veio inicialmente de um fascínio por Veneza. É sobre o embate entre o futuro e o passado – embora o desenlace, por mais que pareça bizarro ou aparentemente fortuito, demonstre o domínio que a vida real cotidiana pode ter sobre as questões mais estranhas.”

COMO CABELOS COMPRIDOS, as ervas daninhas cresciam descendo pelas fachadas da cidade, sobre venezianas ornamentadas e portas pesadas, até a pálida seda verde da laguna. Dez centenas de mansões ancestrais em ruínas. Por vezes, uma revoada de pássaros se desprendia de sua massa apinhada, ou um fio de fumaça se erguia até o céu. Por todo o dia, a bruma brotava da água, sobre a qual torres distantes se avolumavam feito serpentes de ouro mortal. Uma vez por mês, um barco passava, entalhando a laguna que parecia ter se espessado para além de qualquer movimento. Com muito menos frequência, aqui e ali, uma veneziana se abria e os cabelos de ervas daninhas se partiam, uma torrente de gesso caía feito um raio azul. Então, algum rosto indistinto espiava para fora, provavelmente eclipsado por uma máscara. Era um lugar de véus. Os visitantes eram ocasionais. Eles examinavam os mosaicos decadentes, vagueavam pelas cavernas de arcos, caçavam fantasmas pelos túneis de mármore. E, sob as ruas, fotografavam: um lampejo deslavado areando um século das catacumbas e esgotos, dos caixões com mantos de babados, o punhado de ratos albinos neles empoleirados, flagrados num segundo como fantasmas de corações brancos, mudos, com olhos expectantes.

A estrela d'alva reluziu na lagoa em uma cauda de prata dentada. O sol se ergueu. Havia um barulho inoportuno — o barco estava chegando.

— Ali — disse a garota no convés do barco —, pare ali, por favor.

O barco deslizou de lado até o pavimento e parou na água, murmurante e tremelicante. A garota saiu com uma graciosidade desajeitada e aprumou-se na beira da cidade com sua única bolsa, animada e destemida diante das solitárias falésias de alvenaria e toda a indiferença do tempo.

Ela era pequena, por volta dos 25 anos, com belos cabelos ornamentalmente curtos, vestida com uma camiseta e jeans à moda antiga. Sua pele era viçosa, seus olhos resplandeciam com uma insensatez inteligente. Ela olhou ao redor e para cima. Seu interesse

claramente centrado em uma casa em particular, que se projetava sobre a água feito um rosto sobre um espelho, de olhos fechados.

Logo em seguida, o barco se afastou e se pôs a cruzar a laguna, permanecendo apenas a garota e o silêncio.

Ela pegou sua bolsa e caminhou ao longo da calçada até uma arcada com uma porta pesada e fechada. Bateu nela ousadamente, como se fosse idiota demais para perceber que ainda não deveria interferir naquele novo silêncio.

Suas batidas fizeram ressoar duras bolhas de som pelo espaço da câmara de cristal esverdeado que era a manhã da cidade. Elas pareceram atacar as paredes descascadas e pilastras de pedra a oito quilômetros dali. Da casa em si não veio resposta alguma, nem mesmo a vaga sensação de algo se atijando, como uma serpente adormecida.

— Bom, isso é bem ruim — disse a garota para o silêncio, reprimendo-o levemente. — Eles me disseram que um zelador estaria aqui, na hora em que o barco chegasse.

Ela deixou a bolsa junto ao portão (um reconhecimento subconsciente do vazio e da indiferença) e caminhou ao longo da fachada inclinada da casa. Dali, viu os pisos das sacadas de ferro moldado em flor e atentou a algum súbito estalo das venezianas. Mas apenas a água chapinhava sob o pavimento, inerente ao silêncio. Essa casa se chamava o Palácio do Planeta. A garota sabia tudo sobre ela e o que não sabia havia ido até ali para descobrir. Ela estava escrevendo um longo artigo, necessário para sua carreira de jornalista universitária. Ela não tinha medo.

Na fachada do Palácio do Planeta havia outra porta, banhada em bronze verde. As ervas daninhas não a tinham sufocado e sobre seu topo repousava uma mulher de mármore com os seios nus e uma pomba nas mãos. A garota esticou o braço e bateu nela com uma aldrava na forma de um punho. A casa respondeu com um som que, enfim, conseguiu sobressaltá-la. Devia ser uma casca oca, sem mobília, com metade das paredes caídas...

Essas velhas cidades agora eram museus, mantidas por sua história, disponibilizadas sob demanda a qualquer um — não muitos — que desejasse vê-las. Também tinham seus habitantes, mas eram poucos. Viviam nelas os destituídos e excêntricos, monitorados pelo Estado. A garota, cujo nome era Jonquil Hare, tinha visto o registro daquele lugar. Ao todo, havia 174 nomes, alguns não confirmados, onde antes pululavam milhares, esmagando uns aos outros na ambição de sobreviver. O uivo oco de sua batida se desvaneceu na casa. Jonquil disse:

— Eu vou entrar. Vou, sim. — E marchou de volta para sua bolsa sob o portão de chumbo. Ela examinou-o e as ervas daninhas emaranhadas que tinham descido sobre ele. Jonquil Hare testou as plantas. Elas resistiram firmemente. Jonquil pegou sua bolsa, na qual não havia nada quebrável, viajante experiente que era, e lançou-a por sobre o arco. Pegou as ervas daninhas em suas mãos, pequenas e fortes, e içou-se arco acima com seu jeito gracioso e desengonçado, e sentou-se ali, olhando para um jardim ao crepúsculo matinal, de arbustos que não eram podados há 100 anos e árvores que se transformavam umas nas outras. Uma fonte azul reluzia tenuemente. Jonquil sorriu para aquilo e girou por cima das ervas daninhas, deslizando para baixo, para as cercanias da casa.

Por volta do meio-dia, Jonquil havia percorrido diligentemente a maior parte do Palácio do Planeta. A geografia do lugar estava fixada em sua mente, mas parcialmente, confusamente, pois ela gostava do efeito de quebra-cabeças dos cômodos e corredores. No interior do térreo da casa, um imenso salão dava para um grande pátio interno e fechado, que por sua vez levava ao jardim. Acima, aposentos do primeiro andar deveriam se abrir para o pátio, mas suas portas estavam seladas pelas ervas daninhas verde-azuladas que haviam sufocado o próprio pátio, transformando-o então numa estranha gruta submarina, em que colunas se sobressaíam como corais amarelos. Para acima do térreo, duas longas escadarias levavam a anexos e cubículos

aparentemente incontáveis e a um enorme salão com espelhos baixos, também rachados feito teias de aranha. O salão tinha janelas altas, que observavam a laguna pelas venezianas cerradas.

Havia gravuras por toda parte; pela falta de luz, ela não as investigou naquela hora. E, como suspeitava, havia pouquíssima mobília — um par de escrivaninhas com gavetas ocas, cadeiras espigadas e um divã de apodrecida seda cor de marfim. Em um cômodo retangular, havia o estrado de uma cama de pilares afilados, como foguetes ociosos. Cortinas de teias de aranha cintilavam no dossel ante uma corrente de ar, enquanto sangravam retalhos de luz solar esmeralda, pairando pelo chão.

Jonquil conseguiu abrir uma veneziana no salão. Um bloco de tarde caiu janela adentro. Na porta seguinte, no cômodo adjacente, ela acomodou seu colchão inflável, sua luminária e seu aquecedor a bateria e algumas velas que trouxera ilegalmente em um tubo acolchoado. Sentada em seu colchão desenrolado, sob a luz subaquática da janela fechada que se recusava a abrir, ela comeu lanches trazidos em seu farnel e tomou refrigerante de cola. Então, em uma mesa armada, arrumou alguns livros e cadernos, canetas e lápis, uma lente de aumento, a câmera, o controle e um gravador em miniatura.

Ela falou com o quarto, como desde o princípio havia falado consecutivamente com a casa.

— Bem, aqui estamos.

Mas ela estava inquieta. O zelador devia estar prestes a chegar, e até que esse procedimento necessário se desenrolasse, a interrupção pairava sobre ela. Claro, o zelador daria a Jonquil a capacidade de apossar-se dos segredos da casa, as exposições holográficas do mobiliário e da vida anterior que devia ter sido nativa ali, as passagens e quartos escondidos que sem dúvida aguardavam dentro das paredes.

Jonquil estava cansada. Havia acordado às três da manhã para pegar o barco, após uma noite de hospiteiras despedidas. Ela se deitou em sua cama inflável com o travesseiro sob o pescoço. Através dos olhos semicerrados, viu o quarto respirar com os argueiros de sol em tom

pastel e ouviu o farfalhar das ervas daninhas na veneziana. Sonhou que subia as escadas que, no sonho, pareciam novas para ela. No pé da escada, um pilar de mármore suspendia um globo de algum material cor de água-marinha, coberto por pequenas configurações de estranhas massas de terra, isoladas por mares. O globo era uma excêntrica e imprecisa versão do planeta Vênus, ao qual a casa era misteriosamente afiliada. Conforme ela subia as escadas, salpicos aleatórios de luz iam e vinham. Jonquil sentiu que alguém estava subindo com ela, passo a passo, não de fato na escada, mas por dentro da parede descascada do seu lado esquerdo. Próximo ao topo da escada (que estava envolto pela escuridão), uma janela arqueada havia sido posta na parede, leitosa e pouco nítida, ainda mais obscurecida por algumas gotas de um vitral ceroso. Ao chegar à altura da janela, Jonquil olhou para ela de esguelha. Uma figura indistinta apareceu no lado oposto da vidraça, talvez uma mulher, mas difícil de ver.

Jonquil começou a despertar com o som dos passos pesados dos sapatos de serviço do zelador pela casa.

O zelador era uma zeladora. Ela não disse seu nome e não deu nenhuma explicação por sua chegada tardia. Havia levado o manual da casa e ensinado Jonquil a operar os acionadores em seu painel — visões cintilaram incomodamente pelos quartos e desapareceram. Uma grande caixa continha fac-símiles das coisas pertencentes à casa e de sua história. Jonquil já havia visto a maioria deles.

— Há os cômodos superiores, os sótãos. Esta é a chave mestra.

A mulher mostrou a Jonquil a escada escondida que conduzia até esses domínios superiores da casa. Não era a escada do sonho, e sim estreita e sinuosa como os degraus de um campanário. Não havia outros cômodos ocultos.

— Se houver algo mais de que tenha necessidade, você deve ir até a cabine na praça. Este é o código que deve dar à máquina.

A zeladora era de meia-idade, corpulenta e sem graça. Parecia não conhecer a casa de verdade, apenas sabia tudo a respeito dela, e passou

os olhos em volta com desaprovação. Sem dúvida, ela morava em uma das torres douradas contemporâneas do outro lado da laguna que, sob o talco permanente da bruma, se passavam por algo mais velho e mais estranho do que eram.

— Quem esteve aqui por último? — perguntou Jonquil. — Alguém veio?

— Teve um visitante na primavera do último Ano do Centenário. Ficou só um dia, acho que pra estudar os rebocos.

Jonquil sorriu, satisfeita e cheia de si pela casa ser literalmente toda sua, pois o último centenário da cidade havia sido há vinte anos, quase sua vida toda.

Ficou feliz quando a zeladora foi embora e Jonquil não deu-se conta do silêncio da casa, uma vez que começou a murmurar de cômodo em cômodo, agora capaz de operar as venezianas, deixar a luz entrar e examinar os entalhes nos cantos, nas cornijas. A maioria delas apresentava deformação prévia, como esperado. Ela também ativou cenas do manual, de figuras com roupas antigas, em jantares e conversas em meio a grandes peças de mobília e cortinas de brocado. Nenhuma ideia de fantasmas era sugerida por essas holografias. Jonquil reservou um baile de máscaras à luz de velas para uma hora posterior mais adequada.

O âmbar esverdeado da tarde deslizou pela lâmina d'água. Um rosa químico inundava o céu, como no processamento de cores de uma fotografia. Vênus, a estrela da tarde, estava visível para além do jardim.

Jonquil galgou os degraus de campanário até os sótãos.

A chave girou facilmente em uma das portas superiores. Mas o sótão foi decepcionante. Era alto e escuro — sua lanterna o penetrava como uma espada —, com uma membrana de poeira entrelaçada, densa pela umidade e com um azedo cheiro cloacal que revirava o estômago da mente. Para além disso, havia quase um vazio. Das vigas, penduravam-se farrapos não identificados. Em uma parede, uma tapeçaria emoldurada, indecifrável, presumidamente não considerada boa o

suficiente para uma reforma. Jonquil se moveu com relutância pelo espaço obscurecido, dizendo-lhe que ele estava em um estado lamentável, comiserando-se dele, até que alcançou um baú de fria madeira preta.

— Ora, o que é você? — inquiriu Jonquil ao baú.

Ele era longo e baixo, com um entalhe ao longo da tampa que já havia começado a se desfazer... frutas interessantes numa guirlanda.

O formato do baú a lembrava de algo. Ela perscrutou as frutas. Eram limões alongados, romãs? Talvez fossem supostas frutas venusianas. O astrólogo Johanus, que havia morado no Palácio do Planeta, replicara pela casa sua obsessão por e sua ignorância quanto a Vênus. Ele havia afirmado em seu tratado ter estudado a superfície do planeta por intermédio do próprio telescópio. Havia uma atmosfera de nuvens abrindo-se lentamente; sob ela, uma paisagem sublacustre, montanhosa e cheia de crateras, sobre águas ilimitadas. “O espelho de Vênus é seu mar”, escrevera Johanus. E ele a havia pintado, mas suas garatujas se perderam, como a maioria de seus escritos, supostamente queimados. Ele havia assombrado a casa em vida, um homem velho e sábio, observando os nasceres helíacos, resmungando. Morreu no hospital beneficente, louco e sem um centavo. Seus servos destruíram sua obra, assustados com ela, e vandalizaram as decorações da casa.

Jonquil tentou erguer a tampa do baú. Ela não levantava.

— Você tá trancado?

Mas não havia fechadura. A tampa estava emperrada ou era meramente difícil.

— Eu vou voltar — disse Jonquil.

Ela havia elaborado um ensaio sobre o astrólogo, porém, era mais como uma boa menininha que escrevia uma vez por ano ao seu avô senil. Ela apreciava o envolvimento dele, pois sem ele, nada daquilo existiria, mas Johanus não a interessava. A casa sim. Havia um interruptor no manual que conjuraria reconstruções encenadas da vida do astrólogo, até seus últimos dias e o tumulto dos vândalos. Mas

Jonquil não se incomodou com essa gravação. Para ela, era como se a casa tivesse adornado a si mesma, usando o homem apenas como instrumento. Suas pinturas e anotações eram suplementares e ela não deu muita bola para seu desaparecimento.

— Sim, vou voltar com uma chave-inglesa e é bom que você tenha algo aí dentro que valha a pena olhar — disse Jonquil para o baú. Sem dúvida, estava vazio.

Noite na laguna, na cidade. As torres a distância não ofereciam luz alguma, tendo sido construídas para ocultá-la. Em dois pontos distantes, um brilho pálido arrastou-se de uma janela para a água. O silêncio da noite não era como o silêncio do dia.

Jonquil cantou enquanto o fogareiro portátil preparava seu bife e, bebendo uma taça de vinho reconstituído, saindo para o salão, ela acionou o baile de máscaras.

De imediato, o cômodo tornou-se 200 anos mais novo. Estava encharcado de dourado e as chamas das velas eram como flores de diamantes áureos em seus caules de cera, enquanto o teto revelava golfinhos e pombas que escoltavam uma deusa sobre um mar, em um navio que era uma concha. As janelas estavam abertas para uma noite renovada, suspensa por lâmpadas de strass, para uma lagoa de tinta preta em que barcos brilhantes passavam ao som de bandolins. O salão ronronou e vibrou com as vozes. Era impossível decifrar uma só palavra, embora irrompessem as risadas, além de claras notas musicais. Ninguém dançava ainda. Talvez nunca fossem dançar, pois eram de fato criaturas de outro mundo, cada uma delas trajada em ouro e prata, ébano e branco glacial, usando joias como gotas d'água lançadas por uma onda. Eles não tinham rostos. Suas cabeças eram como as de garças-reais emplumadas e cervos com galhadas, gatos de veludo negro, leões do sol e linces da lua, anjos, demônios, criaturas-sereia saídas da laguna e escaravelhos das reentrâncias do tempo. Eles se moviam e desfilavam, pausando com suas taças feito gotas de lágrimas, contendo vinho que se

assemelhava a sangue, agitando seus leques de pavões e folhas de palma.

Jonquil permaneceu na beirada do salão. Ela poderia andar diretamente através deles, atravessar os corpos de seus atores holográficos e seus adornos cênicos de seda, aço e crisoprásio, mas preferiu ficar na soleira da porta, bebendo seu próprio vinho e adaptando sua singela canção ao tom dos bandolins.

Após a partida do astrólogo, outros haviam morado e falecido na casa. A senhora rica e o príncipe, com suas máscaras e bailes, jantares e recitais.

O fogareiro portátil apitou e Jonquil se desligou das 200 pessoas agindo elegantemente, mil joias e luzes falsas, e foi comer seu bife.

Com a mão livre, ela escreveu: *Lindo demais. Amanhã tenho que fotografar as gravuras em si.* E disse isso em voz alta.

Jonquil sonhou que estava no sótão. Havia uma vaga luz, talvez a lua entrando pelas rachaduras nas venezianas ou pelas paredes moribundas. Abaixo, um barulho começou, o baile de máscaras holográfico que ela havia esquecido de desligar. Jonquil olhou para o baú de madeira preta. Ela havia percebido que não precisava abri-lo por conta própria. Lá embaixo, no salão, um relógio de ouropel bateu a meia-noite, a hora da retirada das máscaras. Houve um breve clique.

Na reveladora escuridão, a tampa do baú começou a se abrir. Jonquil sabia do que aquilo a havia lembrado. Uma sombra sentou-se ereta no caixão do baú. Ela tinha uma forma esguia, mas indefinida, e ainda assim virou sua cabeça e Jonquil viu os dois olhos fitando-a, apenas os globos oculares brilhando, como duas luas crescentes na escuridão.

A tampa caiu com um estrondo.

Jonquil acordou, sentando-se em sua cama inflável, as mãos na garganta, os olhos erguidos em direção ao teto.

— Um sonho — indicou Jonquil.

Ela ligou sua luminária a bateria e o pequeno quarto apareceu. Não havia som na casa. Para além da porta fechada, o salão repousava.

— Boba — disse Jonquil.

Ela se deitou e leu um livro que não tinha nada a ver com o Palácio do Planeta, até cair no sono com a luz acesa.

A praça era uma ruína aterrorizante. Escondida pela orla da cidade, ela era quase inconcebível. Os andares mais altos haviam desabado na calçada, restando apenas os esqueletos da arquitetura, com uma estátua ocasional, alguns deles resplandecendo verdes e perfurados por vegetais (a dissolução do ouro). O calçamento estava cedendo, marcado pela descamação dos pássaros. Ali, a cabine se erguia, incapaz de se deteriorar.

— Há um baú nos sótãos. Ele não abre — Jonquil acusou no receptor. — Está listado no manual. Ele diz: “um baú do bobo da corte de madeira preta”.

A resposta veio.

— Por isso você é incapaz de abri-lo. Um baú do bobo era simplesmente isso, um objeto enganoso de brincadeira, geralmente maciço. Não há nada dentro dele.

— Não — disse Jonquil —, alguns baús do bobo abrem, sim. E esse não é maciço.

— Receio que esteja enganada. O baú foi investigado e não contém nada, tampouco há uma forma de abri-lo.

— Raio X nem sempre mostra... — começou Jonquil. Mas a máquina havia sido desconectada. — Não vou aceitar isso — disse ela.

Três pássaros dispararam sobre a praça. Lá embaixo, nos esgotos, a colônia de ratos sem vozes, brancos feito a luz da lua, corria sem ruído sob seus pés. Mas ela não estremeceu. Jonquil voltou para casa num andar empertigado, por entre becos de podridão preta em que as janelas estavam suspensas como persistentes placas de gelo. Vidro quebrado se espalhava sob seus pés. O cheiro terrível do mar estava nos becos, pois o mar avançou e avançou. Havia afogado a cidade em realidade psíquica e

já se assentava à revelia total de todos os prédios, calmo, oleoso e quieto, refletindo o sol e as estrelas.

Jonquil entrou na casa pelo portão, que o manual havia tornado acessível, cruzando o jardim onde a fonte azul era uma garota coroada com murta. Passou direto pelos andares até a escada do sótão e subiu por ela. A porta dele estava entreaberta, como ela acreditava que a havia deixado.

— Aqui estou — disse Jonquil. A luz da manhã era muito mais forte no sótão e ela não precisava de tocha. Achou o baú e se inclinou sobre ele.

— Você tem um segredo. Talvez você só tenha empenado por causa da umidade daqui de cima... pode haver um revestimento que tenha enganado o raio X.

Ela tentou a chave-inglesa, especificamente desenhada para não causar nenhum dano. Mas ela escorregou, deslizou e de nada adiantou. Jonquil se ajoelhou e começou a apalpar o baú todo, procurando por uma mola ou algum outro mecanismo. Ela acariciava o baú, percorrendo-o com bastante cautela e delicadeza. Sua semelhança com um caixão era muito evidente, mas os ossos teriam sido vistos.

— Influenciando meus sonhos — ela disse. Algo se moveu contra seu dedo. Era muito tênue. Foi como se o baú tivesse meneado com leves espasmos, como uma criança adormecida. Jonquil pôs a mão de volta — ela tinha se encolhido e censurou a si mesma. Ao seu toque, o movimento veio novamente. Ela escutou com nitidez o clique que tinha ouvido no sonho. E, antes que pudesse deter-se, levantou num salto e andou para trás, um, dois, três passos, até ser contida pela parede.

A tampa do baú estava se erguendo, deslizando para cima e escorregando para baixo sem ruído algum além de um leve estalido. Nada se sentou no baú, mas Jonquil viu a extremidade de alguma coisa deitada lá dentro, à sombra dele.

— É, sim — disse ela, e avançou. Jonquil se inclinou sobre o baú, agora familiarizada. Tudo fora explicado, até a atividade psicocinética

do sonho. — Uma pintura.

Jonquil Hare se recostou no baú e a observou. Logo em seguida, tomou nas mãos a elaborada moldura dourada, inclinando a pintura um pouco para cima, para que ela também se reclinasse no baú.

A pintura provavelmente tinha três séculos de idade. Ela podia dizer por causa dos pigmentos e da disposição dos óleos, mas não por causa do artista. Este era desconhecido. Com relação ao tamanho, ela era retangular e vertical, cerca de dois metros por um metro de largura.

A obra era um retrato de corpo inteiro, um tanto bem executado e proporcional, faltando a ele apenas qualquer vestígio de vida ou animação. Ele bem poderia ser a magistral imagem de uma bela boneca — era assim que o artista entregava sua condição de amador.

Era uma mulher que aparentava a idade de Jonquil, o que, dado o período, significava, é claro, que ela deveria ser bem mais nova, dezoito ou dezenove anos. Sua pele era pálida e tinha um matiz curioso, assim como de fato possuía toda a cena, talvez devido a alguma corrosão da pintura — mas, mesmo assim, ela não havia decaído aos tons amarronzados e barrosos de costume, mas um tanto mais para um tipo de azul amarelado. Dessa maneira, o esquema de cores das roupas e do cabelo poderia ser enganoso, pois as longas madeixas soltas eram de um loiro amarelado, e o vestido, de um cinza azulado. Como o cabelo, o vestido era solto, uma espécie de robe. E ainda assim, como seria de se esperar, tanto o cabelo quanto o robe tinham um caimento um tanto particular que os datava, tão certo como se sua proprietária tivesse sido vestida e penteada no auge da moda da época. Ela era esguia, mas parecia forte. Não havia volume em seu queixo e em seu pescoço, suas mãos eram estreitas. Uma mulher inusitadamente masculina, mais adequada ao século de Jonquil, no qual os sexos costumemente se misturavam, esbeltos e levemente musculosos — a mulher na pintura também era assim. Seu rosto era impenetrável, os olhos pretos. Ela não era bela nem atraente. Era um rosto animal e insípido, temperado por

sua própria luz suave, como a lua, e carente de visão ou de uma expressão verdadeira, porque o artista não soube como captá-la.

Por trás da mulher, havia uma vista que Jonquil primeiramente tomou como sendo a laguna. Mas, depois, viu que entre o denso nevoeiro de nuvens amarelas e a água esverdeada, ambos com um tom azulado, uma cadeia de montanhas esburacadas e fissuradas ondeava feito um aqueduto sobrenatural. Era a paisagem do Vênus de Johanus. O artista da pintura era o astrólogo louco que havia adornado a casa. Como as autoridades podiam ter perdido esse achado?

— Ora — disse Jonquil para a pintura. Ela estava empolgada. O quanto isso não valeria enquanto símbolo de fama?

Ela puxou a pintura novamente, com mais cuidado do que antes. Era leve para seu tamanho. Ela conseguia manipulá-la. Jonquil pausou por um momento, olhando de perto para a mulher na tela. Era uma tela estranha, sua textura sob a tinta... mas, naqueles dias, três séculos atrás, eles às vezes usavam materiais estranhos. Até alguns produtos químicos ou poções experimentais poderiam ter sido misturados à pintura, para dar a ela sua coloração incomum.

Um nome estava escrito num pergaminho na base da pintura. Jonquil entendeu como sendo uma assinatura. Mas não era o nome do astrólogo, embora próximo o bastante para indicar algum elo. *Johnina*.

— *Jo-nai-nah* — disse Jonquil —, vamos dar uma breve caminhada, lá embaixo, pra eu poder dar uma olhada decente em você.

Agora, com enorme cuidado, ela levou a pintura de Johnina para fora do sótão e desceu a escada estreita em direção ao salão.

Jonquil estava no baile de máscaras. Em sua mão, havia um leque de longas penas brancas, presas por uma garra de zircônias, sua fantasia era de um cetim branco listrado de veias prateadas e seu rosto estava mascarado como um gato de pelos brancos. Ela sabia que seu cabelo era curto demais para aquela época e essa inadequação a preocupou. Ninguém falou com ela, mas, por todo lado, eles conversavam uns com

os outros (incompreensivelmente) e seus cabelos encaracolados e empoados caíam das máscaras como leite transbordando na fervura. Jonquil observou tudo intensamente, o homem delicadamente cheirando rapé (um viciado), a mulher de vestido de listras pretas e marfim observando através de seu monóculo rubi. Lá fora, na laguna, os barcos reluzentes passavam, trilhando as rosas vermelhas na água.

Jonquil estava ciente de que ninguém reparava nela, ninguém tinha nada a ver com ela, e estava rabugenta, porque deviam ter sido eles quem a convidaram. Quem ela deveria ser? A filha de um duque ou sua amante? Não deveria ser casada em sua idade e ter dado à luz? Ela teria que fingir.

Havia um homem com anéis em cada dedo e, além dele, um bandolinista usando xadrez, e, além dele, uma mulher usando um vestido cinza, diferente do resto. Sua máscara cobria todo o rosto — era o semblante em prata de um globo, talvez da lua, e sobre ele, seu cabelo como pálida lã manchada, muito longo onde o de Jonquil era curto, caindo por sua pélvis sobre o corpete do vestido.

Um grupo de atores — sim, eles estavam apenas atuando, não era real — interveio. A mulher foi escondida por um instante, e quando o grupo passou, ela havia sumido.

Ela também era uma atriz, razão pela qual Jonquil havia tomado algo nela por reconhecível.

Jonquil ficou irritada por ter que estar ali, entre atores, pois atuação não tinha nada a ver com ela. Virando-se rapidamente, seguiu em direção à porta do cômodo que levava para fora do salão. Lá dentro, a área estava escura, embora tudo fosse visível, e Jonquil ficou surpresa ao ver um enorme estrado de cama de outro quarto dominando o espaço. Certamente o equipamento profissional de Jonquil e o sofá-cama inflável com o qual ela tinha viajado haviam sido postos ali? Quanto à cama, ela a tinha visto em outro lugar, e, naquele momento, esta se encontrava nua, mas agora fora vestida. Havia nela cortinas de seda penduradas nos pilares, um colchão, travesseiros, lençóis e uma colcha

bordada. Jonquil fechou a porta do quarto e todo o som do baile lá fora imediatamente cessou.

Para seu alívio, descobriu que, na verdade, estava despida, usando a fina camisa que era seu traje de noite. Ela foi para a cama, resignada, e deitou-se nela. Recostou-se contra os travesseiros. A cama era maravilhosamente confortável, exuberantemente indisciplinada.

A casa de Johanus estava tão silenciosa, muda. Jonquil se deitou e escutou a total ausência de som, que era como uma pressão, como se ela tivesse flutuado para o fundo do mar. Seus ossos eram de coral, pérolas eram seus olhos... peixes podiam nadar pelas ripas de uma veneziana, atravessando a água do ar. Mas, antes que isso acontecesse, a porta se abriria de novo.

A porta se abriu.

A soleira se iluminou com a luz da lua e o salão além dela, pois o baile de máscaras havia sumido. Só a mulher com o rosto de planeta prateado permanecera e ela atravessou o limiar. Atrás dela, no crepúsculo lunar, Jonquil viu a lagoa repousando pelo salão e as paredes tinham evaporado, deixando uma costa brumada e montanhas que haviam sido escavadas.

A própria cama estava à deriva na água e oscilava gentilmente, mas Johnina a atravessou sem dificuldade.

Sua máscara prateada era entalhada, como as gravuras dos cantos da casa, os globos que eram o planeta Vênus. A máscara refletia na água. Dois discos prateados, separados, se aproximando um do outro. Jonquil disse severamente:

— Tenho que acordar.

E arremeteu da cama, pondo-se de pé, atravessando camadas de nuvens ou água até chegar ao quarto de verdade, rolando no sofá inflável.

— Não estou assustada — afirmou Jonquil. — Por que deveria estar?

Ela ligou a luminária a bateria e direcionou a luz para que caísse sobre a pintura de Johnina, que ela havia recostado na parede.

— O que está tentando me dizer agora? De manhã, vou avisá-los a seu respeito. Você não quer ser famosa?

A pintura não tinha ressonância. Tinha uma aparência pobre sob o fulgor cru da luminária, uma figura empolada e um cenário excêntrico, as pinceladas desordenadas. A tela era tão macia.

— Vá dormir — disse Jonquil para Johnina, e apagou a luz, como se estivesse sendo sensata com uma criança cansativa.

Na verdadeira escuridão, que não tinha lua, o silêncio da casa insinuou-se para mais perto. Desapaixonadamente, Jonquil visualizou o velho Johanus andando pé ante pé pelos andares em seus sapatos rotos e amaciados. Ele achou ter visto a superfície do planeta Vênus. Havia pintado o planeta como uma alegoria que era uma mulher, assim como os jogos de palavras com Vênus, a deusa em mármore, sobre a porta e no teto do salão.

Jonquil começou a ver Johanus em seu estúdio, em meio à desordem química, o primitivo caos alquímico do qual toda a perfeita criação evoluiu. Mas ela o fitou imediatamente, a poeira, a gordura e respingos, as caveiras escurecidas e alambiques criando limo.

Johanus escreveu num pergaminho com uma pena de ganso.

Ele escreveu também em latim e, embora ela tivesse aprendido a língua, de modo a realizar sua pesquisa, aquilo era muito idiossincrático, muito daquela era, para que ela conseguisse acompanhar. Então, as palavras começaram a soar e ela as apreendeu. Entediada, Jonquil escutou. Ela não se recordava de acionar seu holograma, não conseguia se lembrar porque havia decidido pô-lo em funcionamento.

— Então, na quadragésima terceira noite, após uma hora de observação, a nuvem se abriu e lá estava, diante de mim, a face do planeta. Eu vi grandes mares, ou um mar maior, com pequenas massas de terra, escavadas como prata degradada. E as montanhas que vi. E tudo isso num brilho amarelo da nuvem...

Jonquil se perguntou por que não parou o holograma. Ela não estava interessada nisso. Mas não conseguia se lembrar onde estava o manual.

— Por sete noites, eu me dediquei ao meu telescópio, e em toda noite, as nuvens do planeta sensualmente se partiram, me permitindo uma visão de sua nudez.

Jonquil achou que teria que deixar a cama para poder desligar o manual. Mas a cama, com suas altas colunas decoradas, estava quente e confortável.

— Na oitava noite, ela veio até mim. Enquanto eu observava, era por minha vez observado. Alguma criatura estava lá, alguma inteligência oculta que, sentindo minha apreciação, estendeu-se para me cercar. Não sei como tal coisa pode ser possível. Onde vejo só uma miniatura daquele mundo, ela me vê exatamente onde estou e o que sou, cada átomo. Imediatamente me recolhi, deixei minha cuidadosa leitura e fechei o instrumento. Mas acredito que foi tarde demais. De algum modo, ela veio a mim, aqui, no mundo dos homens. Ela está comigo, embora não possa ouvi-la ou contemplá-la. É o ar invisível, é o silêncio da noite. O que devo fazer?

O holograma de Johanus não estava mais operando. Jonquil estava deitada na cama de quatro colunas no quarto que ficava logo após o salão. A porta estava fechada. Alguém estava no quarto com ela, do lado da cama. Jonquil virou a cabeça no travesseiro, sem pressa, para ver.

Uma mão estava acariciando seu cabelo curto. Era muito agradável; ela era uma gata sendo acariciada. Jonquil sorriu preguiçosamente. Era como o primeiro dia das festas de fim de ano, com sua mãe ao lado da cama, e elas conversavam. Mas não, não era sua mãe. Era a mulher maravilhosamente bela que ela havia visto — onde elas estavam agora? Talvez na cidade, uma excêntrica que ali vivia, caminhando lá fora na turquesa do crepúsculo ou na orquídea fúnebre da aurora, quando as estrelas estavam na lagoa. Muito alta, um corpo ágil e desenvolvido, graciosa, com o cachecol azul enrolado folgado e o cabelo incrível, tão espesso e louro, caindo sobre ele, sobre seus ombros e sobre

a firme linha em concha de seus seios, a barriga lisa, e o V de sereia de suas coxas.

— Olá — disse Jonquil. E a mulher deu o mais ténue dos meneios de sua cabeça de leão com sua juba. Jonquil não falaria. Elas não precisavam de palavras. Mas a mulher sorriu também. Era um sorriso tão sensacional. Tão natural, estimulante e tranquilizante. Os olhos tão, tão escuros, repousaram sobre Jonquil com uma ternura que também era cruel. Jonquil já havia visto esse olhar em outras pessoas e um *frisson* de avidez se apossou dela, que se envergonhou; era cedo demais para esperar — mas a mulher agora se inclinava sobre ela, aquela maravilha de rosto agora borrado e sua cabeleira gotejando sobre a pele de Jonquil. A boca beijou, gentil e resolutamente.

— Ah, isso — disse Jonquil sem palavra alguma.

A mulher, que se chamava Johnina, estava deitada sobre ela. Ela era pesada e seu peso esmagava e imobilizava; Jonquil estava indefesa. Era aquilo de mais desejado, estar indefesa daquela forma, incapaz até mesmo de erguer as próprias mãos, como se ela não tivesse força alguma. E as mãos de Johnina estavam nos seios dela, de alguma forma, entre seus dois corpos aderidos, descobrindo a forma de Jonquil com lentas e suaves espirais. E gentilmente, sem nada de grosseiro nem urgente, a coxa azul do mar de Johnina se esfregou contra Jonquil até ela se afligir e derreter. Ela fechou os olhos e só conseguia pensar na doce e desapressada jornada do corpo dela, das mãos que guiavam e acariciavam, na cauda de sereia que a ergueu e do som do mar nos ouvidos dela. Johnina beijava e beijava, e Jonquil Hare sentiu-se dissolvendo em Johnina, no corpo dela, e não conseguia nem mesmo gritar. E então, Jonquil estendeu os braços no maremoto do orgasmo, em que a cada onda alguma outra parte dela era varrida. E, quando não restava mais nada, ela despertou no escuro vazio do silêncio, com algo duro e frio, viscoso, mas quase sem peso, deitado sobre ela, um retângulo numa moldura dourada, a pintura que havia caído por cima dela e a coberto dos seios aos tornozelos.

Jonquil atirou a pintura para longe, que retiniu na queda. Ela se agarrou ao próprio corpo, achando que se descobriria coalhada com algum tipo de cola ou gosma, mas não havia nada assim.

Estava fraca, tonta e seu coração batia ruidosamente, de modo que ela não conseguia mais ouvir o silêncio.

— Me deixe falar com a zeladora — disparou Jonquil para a máquina obtusa. Do lado de fora da cabine, as ruínas da grande praça pareciam ondular ao vento, que estava violento, pregueando a lagoa com babados, pequenos fragmentos rodopiantes de substâncias coloridas que poderiam ser papéis, farrapos ou pele.

— A zeladora não está disponível. Porém, sua solicitação foi registrada.

— Mas essa pintura é um achado importante... e quero que ela seja removida hoje, para um local seguro.

A máquina foi desconectada.

Jonquil ficou na cabine, como se estivesse dentro de um traje espacial, e observou a atmosfera estranha da cidade espiralando em fragmentos e cores.

— Não seja idiota — disse Jonquil. Ela deixou a cabine e buscou abrigo diante do vento, que não era como uma brisa qualquer sentida em lugares civilizados. — É uma velha pintura. Uma velha pintura ruim. Então, você tá solitária e teve um sonho. Volte ao trabalho.

Jonquil trabalhou. Fotografou todas as gravuras que havia decidido que eram relevantes ou inusitadamente bizarras — a deusa Vênus cavalgando a lua crescente, uma serpente enrolada em um planeta que talvez fosse simplesmente um orbe. Ela pôs essas fotos no revelador e, mais tarde, retirou-as e arrumou-as no quarto ao lado do salão (ela já tinha levado a pintura de Johnina para o salão — sentiu-se cansada e o quadro pareceu mais pesado que antes — deixando-a com o rosto virado para a parede, apoiada debaixo dos espelhos. Ela agora estava a aproximadamente 25 metros de sua cama inflável e bem longe da porta).

Ela percorreu a casa novamente, analisando-a e gravando comentários. Abriu venezianas e fitou os penhascos da cidade, outrora semelhantes a colmeias, e as águas do outro lado. O vento se aquietou e a bruma se condensou. Por volta do meio da tarde, as torres de modernidade tinham sumido completamente.

— A luz sempre tem um matiz verde... azul e amarelo misturados. Quando o sol se roseia na aurora ou no pôr do sol, a água é verde-garrafa, uma garrafa de boticário. E cor de violeta pra esse meu floreio — completou Jonquil.

Em duas horas seria o anoitecer, então, a noite.

Aquilo era ridículo. Ela tinha que admitir para si mesma que estava nervosa e apreensiva. Mas não havia nada a temer e nem pelo que ficar ansiosa.

Ela ainda se sentia deprimida, exausta, então tomou mais algumas vitaminas. Algo que tinha comido antes de partir para a cidade havia feito mal a ela, provavelmente. E isso poderia ter até influenciado o sonho. Os sonhos. Ela não subiu para o sótão. Passou algum tempo ao ar livre, na gruta do pátio e no jardim, que o manual mostrou a ela com caminhos pavimentados e buxos esculpidos, árvores laranja e a fonte jorrando. Ela não assistiu a esse holograma muito tempo. Sua imaginação também estava trabalhando, e muito, e ela já começava a ver Johnina em um vestido cinza azulado caminhando por entre as árvores.

O que, afinal, era Johnina? Sem dúvida, o inconsciente de Jonquil havia baseado a parte do sonho com Johanus em fragmentos dos escritos do astrólogo, que ela havia lido e deliberadamente esquecido. Johanus supostamente acreditava que alguma inteligência alienígena do planeta que ele observava havia feito uso do canal de sua consciência. Para ele, era feminina (mulheres interessantes, na época, eram sempre bruxas, demônios; era provável que ele pensasse assim) e quando ela o aliciou, em sua obsessão de velho, ele a pintou assemelhando-se a uma mulher — assim como havia assemelhado sua visão do planeta a algo

identificável, a pastoral de um inferno frio. E ele deu à sua diaba um nome nascido do seu próprio, uma estranha filha.

Jonquil não se recordava, por mais que tentasse, de ler algo tão curioso sobre Johanus, mas devia ter lido.

Ele então ocultou a pintura de sua maligna namorada no ardiloso baú, para protegê-la dos medos destrutivos dos servos.

Só mais uma hora e o céu infundiria feito chá claro e pétalas de rosas. O sol iria se pôr e a estrela visitaria o jardim. Escuridão.

— Você não é tão durona quanto pensou — disse Jonquil. E censurou a si mesma. — Muito bem. Vamos ficar de vigia. Passar a noite acordada. E amanhã vou pegar essa droga de zeladora nem que tenha que nadar até lá.

Assim que o sol se pôs, Jonquil voltou para o quarto de sua escolha. Ela precisava passar pelo salão e teve uma ânsia de subir até a pintura, virá-la e escrutinizá-la. Mas isso seria idiotice. Já tinha visto tudo o que havia para ver. Ela fechou sua porta interna para o salão com um baque. Agora, estava isolada de toda a casa.

Ela acendeu a luminária e, tirando suas velas, acendeu-as também. Ligou o fogareiro portátil para uma refeição especial, frango com molho de limão e purê de batatas e, conforme as asas da noite se abriam sobre a laguna, ela fechou a veneziana e pôs uma fita musical para tocar. Sentou-se, bebendo vinho, e redigiu as anotações do dia sobre a casa. No fim das contas, havia feito quase tudo o que era necessário. Não poderia ver se era possível partir amanhã? Contratar transporte antes da vinda do barco regular no fim do mês seria caro, mas, por outro lado, talvez ela pudesse se pôr a trabalhar mais rápido longe da casa... ela tivera a intenção de explorar a cidade, é claro, mas era de fato menos romântica e mais depressiva, além de potencialmente perigosa. Ela poderia topar com um daqueles insanos habitantes, e aí?

Jonquil pensou, visualizando intensamente a massa noturna da cidade. Não havia ninguém vivo nela, certamente. As poucas luzes, as fumaças ocasionais e sussurros foram iniciados por máquinas, para

enganar. Havia os pássaros e sua contraparte subterrânea, os ratos. Só e somente ela, Jonquil Hare, estava ali naquela noite, entre a alvenaria e a água. Apenas ela e mais alguém.

— Não seja boba — disse Jonquil.

O quanto sua voz soou alta, agora que a música havia acabado. O silêncio era gigantesco, uma quinta dimensão.

Parecia errado colocar outra fita. O silêncio não deveria ser enfurecido. Deixe-o estar, mova-se sem fazer ruídos, e não fale absolutamente nada.

Johanus escreveu rapidamente, como se pudesse ser interrompido; sua pena de ganso se partiu e ele agarrou outra previamente cortada. Dizia as palavras em voz alta enquanto as escrevia, embora seus lábios estivessem fechados.

— Por dias e por noites, quando não conseguia dormir, estive ciente da presença de meu invasor. Eu disse a mim mesmo que era minha imaginação, mas não conseguia me livrar dessa sensação. Atentei aos sons de respiração, procurei por uma sombra... não havia nada disso. Não senti toque algum e, quando cochilei intermitentemente na escuridão, despertado de súbito, não havia fera alguma agachada sobre meu peito. Contudo, ela estava comigo, ela respirava, me roçava e me tocava sem mãos e me observava com seus olhos ocultos.

— Assim se passaram cinco dias e quatro noites. E, na noite do quinto dia, assim que o planeta prateado se pôs sobre o jardim, ela cresceu ousadamente, sabendo agora que tinha pouco a temer de mim em meu terror e assumiu uma forma.

— Sim, ela assumiu uma espécie de forma, mas não posso saber se esta era a sua realidade ou apenas algum simulacro, tudo que ela pode abranger aqui, ou se digna a assumir.

— Pendurou-se pela janela e tenuemente a luz do crepúsculo refluiu através dela. Uma coisa membranosa, como a vela de uma embarcação. Não se moveu, não parecia haver nela pulso de vida e, ainda assim,

vivia. Eu fechei-lhe a porta, mas depois retornei. Sob a luz da vela, vi que ela tinha caído em minha mesa, ou descido até ela. Havia mantido seu suave resplendor azul. Eu a toquei, não pude me conter, e ela tinha a textura do palato, ou seja, de pele. Jazia diante de mim, a extensão da mesa, e sob ela, pude tenuemente discernir o contorno de meus livros, minha travessa de pós e outras coisas. Não consigo descrever meu estado. Meu terror havia se afundado em uma espécie de maravilhamento cego. Não sei quão longo foi o tempo que me pus a observá-la, mas enfim ouvi a moça com minha comida, saí e tranquei a sala mais uma vez. O que ela faria em minha ausência? Será que talvez desapareceria novamente?

— Naquela noite dormi estupefato e, de manhã, abri meus olhos e lá estava a coisa pendurada, sobre mim, por dentro do dossel da própria cama. Há quanto tempo ela estava ali, me observando, com seus invisíveis órgãos de visão? É claro, seu método havia sido simples: ela havia deslizado por baixo das portas da minha casa... minha casa por tanto tempo preparada para isso, e nomeada em alusão ao seu planeta no vernáculo comum.

— O que agora preciso fazer? O que é pedido de mim? Pois claramente hei de me tornar seu escravo. Me parece que eu deveria ser capaz de dar a ela uma forma mais comum, alguma camuflagem, para que ela pudesse passar por entre os homens, mas como isso é possível? Como tornar uma coisa daquelas ordinária, mas atraente?

— Os meios vieram a mim no sono. Talvez a criatura tenha influenciado meu cérebro. Há um modo um tanto certo. Ela notou minhas telas. Agora, devo esticar a pele sobre a moldura e pôr tinta nela. O que hei de imaginar? Sem dúvida, serei guiado no que eu fizer, assim como ela me levou até a ideia.

— Devo ocultar minhas ações de meus servos. Seus nervos já estão à flor da pele e o homem foi muito ameaçador esta manhã; ele é um rufião, capaz de qualquer coisa... seria sábio destruir esses papéis quando todo o resto estiver feito.

Jonquil desviou os olhos de Johanus e viu um grupo de amigos, com o qual ela não se comunicava há três anos pairando sobre a laguna num barco branco. Eles acenaram e gritaram e Jonquil soube que havia sido resgatada, que escaparia, mas ao correr em direção ao barco, ouviu um estampido metálico e inadvertidamente pulou para fora do sonho e para dentro da sala, onde suas velas queimavam lentamente, tremulando, e o ar vibrou como uma lagoa agitada. O silêncio havia sido perturbado, afinal de contas. Algum barulho havia soado, como aquele no sonho que a despertou.

De um pulo, ela sentou-se ereta, travada pelo medo. Nunca havia sentido medo dessa forma em sua vida. Tivera a intenção de permanecer acordada, mas a comida, o vinho... e o sonho com Johanus — absurdo.

Lá fora, do salão noturno espelhado, veio um agudo arranhar estridente.

A mente de Jonquil guinchou e ela prendeu as mãos na boca. Não seja idiota. Escute! Ela escutou. Silêncio. Teria ela imaginado...

O barulho veio outra vez, mais duro e mais absoluto.

Era como a fricção de uma corrente enferrujada arrastada pelo chão de mármore.

E de novo...

Jonquil se pôs de pé. Em sua vida, em que ela nunca antes havia conhecido tal medo, a crença era de que o medo, confrontado, se provava como algo menor do que parecia. A máxima sempre se mostrara verdadeira. Foi a lavagem cerebral da experiência comprovada que a levou até a porta do quarto, escancarando-a e encarando seu exterior.

O brilho gotejante das velas, tão adequado à casa, dava uma meia presença ao salão. Mas, em grande parte, ele estava preto, espesso e heterogêneo, preto, aquoso e incerto nas faces arruinadas dos espelhos. E dessa escuridão saiu uma ínfima centelha de movimento, flagrada pela luz da vela ao longo de sua beirada. E esse movimento fez o som que ela tinha ouvido e agora ouvira novamente. Jonquil não acreditou naquilo

que viu. Ela não acreditava. Não. Isso ainda é o sonho e ela tem, tem de acordar.

O quadro de Johnina, pintado pelo astrólogo em um pedaço de pele alienígena membranosa e azulada, havia caído sobre sua moldura e agora a pele emoldurada havia se deslocado pelo chão e, pegando a luminária, Jonquil viu as pequenas excrecências sem forma da tela, com a face voltada para baixo, pequenas patas amarelo-azuladas arrastando o conjunto adiante, a grande forma alongada e equilibrada com seu aro dourado vagamente brilhoso. Feito máquina, primitivo, uma tartaruga que sofreu mutação. O quadro se impelia para frente e, conforme a moldura ia arranhando o chão, ela gritava, em direção a Jonquil, na soleira.

Jonquil bateu a porta. Ela se virou, pegou algumas coisas — a cama inflável, a mesa — e as amontoou contra a porta. A tartaruga mecânica gritou mais duas vezes... e arremeteu novamente contra a porta, que balançou.

Jonquil dava voltas e mais voltas em sua cilada, enquanto a coisa lá fora baqueava para frente e para trás, e sua frágil barricada tremeu e vacilou. Não havia outra saída além da janela. Ela a abriu e correu para a sacada, que rangeu e se inclinou. As ervas daninhas estavam ali, as ervas verde-azuladas de Vênus que enforcaram a cidade inteira. Jonquil se lançou nelas. Assim que o fez, a porta do quarto cedeu.

Ela estava meio escalando, meio quicando e caindo pela parede da casa. Todo canto era escuridão e, lá embaixo, a sucção da água no pavimento.

Enquanto lutava com as cordas de ervas daninhas, enrolando, arranhando, uma forma elevou-se na janela acima dela.

Jonquil gritou. A pintura agora estava na janela. Mas algo comicamente macabro havia acontecido. Ao se elevar, ela tinha atingido um ângulo entre os pilares das venezianas. Estava presa, não conseguia entrar nem sair.

Jonquil estava pendurada nas ervas daninhas, olhando para cima, para Johnina, em sua moldura dourada de madeira, gesso e noite. Como ela parecia desalmada, como parecia sem vida. Então, uma convulsão perpassou a pintura. Como uma ameiba azul tocada por veneno, ela se contorceu e se enrugou. E libertou-se da moldura dourada. Ela ondulou para fora, ainda presa por alguns filamentos e fios, como uma vela, um véu, a barriga de algo inchada pela fome de séculos...

E Jonquil lutou e caiu pelos últimos dois metros das plantas, pousando no pavimento duro, na caixa de escuridão que era a cidade. Ela não estava sonhando, mas era como se fosse um sonho. Parecia que estava vendo a si mesma correndo. A engrenagem do seu coração a impelia adiante. Não sabia nem para, nem por onde estava correndo. Não havia lua, não havia luzes. Um tipo de luminescência recobria a atmosfera como uma película e as construções subitamente se assomaram sobre ela, um arco, um lance de escadas, uma plataforma, uma parede rachada. Ela caiu, se levantou e continuou correndo.

E, atrás dela, veio aquilo. Aquilo que havia se arrancado de um retângulo dourado. Ela havia se alçado aos ares. Voava pela cidade, entre as colunas e sob os pórticos, ao longo das estriadas artérias que carregavam noite. Ela rolava e se desenrolava em seu avanço, com um tênu e suave estalo. Então, ela velejou, totalmente aberta, apanhando uma proveitosa corrente de vento, como um pálido e enorme morcego.

A erva daninha correu de encontro a Jonquil e ela pensou que a coisa que havia sido chamada Johnina tinha se assentado sobre ela levemente, persuasivamente, e gritou. A cidade se encheu com seu grito como a água enche uma cabaça vazia.

Não havia luzes, nada de figuras amontoadas em fogueiras fumegantes, de guardas nem vigilantes, de vilões, não havia ninguém ali para salvá-la, nem ninguém para ser testemunha do que estava por vir quando seu jovem coração, enfim, falhasse, suas pernas se dobrassem, quando aquela suavidade veleira descesse e a cobrisse, afagante e

devoradora, acariciante e voraz — suas línguas e dedos e a boca porosa inteira —, para sugá-la até o além e mais além.

Jonquil correu. Correu pelas ruas cheias de crateras como se atingidas por meteoritos, por meio de passagens abobadadas, ao lado das águas tranquilas de noite e morte. Ocorreu a ela (sua mente aturdida e agora quase tola) mergulhar na lagoa para nadar em direção às torres ocultas. Mas, na face do espelho, a suavidade flutuaria até ela, lá embaixo, e na bruma da manhã nem uma ondulação restaria...

O pavimento se inclinou. Jonquil cambaleou, correu, agora para baixo, desesperançada e maquinalmente, seu coração queimando um buraco em seu flanco. Cada vez mais para baixo, azulejos rachados girando para longe de seus pés, descendo para algum lugar subterrâneo que deve ser uma prisão para ela, talvez uma catacumba, atordoada entre caixões de filigrana, onde a água empoçava feito vidro no chão, sem escapatória, caindo em desespero, e porém, zombeteiramente, lá havia mais luz. Mais luz para ver o que ela não queria ver. Era o fósforo da morte já ali, as múmias em suas casas estreitas. Sim, ela agora via as poças d'água, enquanto chapinhava por elas, viu as peculiares prateleiras e cubículos, a estátua de pedra de um santo que era agora uma criatura de outro mundo, incrustada pelas carcaças de cracas trazidas pela água. E ela viu a parede que também se ergueu peremptória diante dela, o beco sem saída que alinharia seu fim e pelo qual ela vinha esperando, para o qual ela tinha corrido e no qual ela agora desabava, seu corpo inutilizado, esgotado.

Ela caiu contra a parede e, sob a luz mortiça, virou-se e olhou para trás. E pelo jazigo na descendente, uma sombra azul clara flutuou, inocente e real, descendo até ela como um beijo.

Não acredito nisso, Jonquil teria dito, mas agora ela acreditava. E, de todo modo, ela não tinha fôlego, nem mesmo para gritar novamente ou chorar. Só podia observar, sem conseguir tirar os olhos da glutona. Ela a havia escolhido, permitido que a tirasse do baú. Com os outros, ela fora mais reticente e se escondera. Talvez também tenha se alimentado de

Johanus, antes de ele ser forçado a protegê-la da caça às bruxas dos servos. Ou talvez Johanus não fosse do gosto dela. Como era voraz e como era controlada sua necessidade.

Pousou a cinco metros de Jonquil, enquanto ela se recostava contra a parede sem saída. Viu-a no fim de um corredor de caixões. Tocando a água no chão, ela rolava junto, se desfraldava e roçava a superfície avançando pela pedra.

Jonquil agora estava fascinada. Queria ser alcançada. Queria que acabasse. Ela enfiou as mãos na terra e um osso amarelo se esmigalhou sob seus dedos.

A pintura de Johnina estava rastejando habilmente ao longo do corredor. Não havia impedimento, nenhuma moldura pesada para atrasá-la.

O suor escorreu para os olhos de Jonquil e, por um instante, ela viu uma mulher azul com cabelos de mármore caminhando lentamente entre os caixões, mas havia algo se prendendo ao seu robe e ela hesitou, para tentar desprender o material.

Jonquil piscou. Viu um segundo movimento, por trás do límpido rolo da pele da Vênus. Uma centelha, como um lenço branco. E então outro.

Algo disparou e já estava na pintura, em cima dela, então sumiu num lampejo. A seguir, dois outros dardos brancos se costuraram ao azulado da sombra, amontoando-a numa protuberância desajeitada, e então mais dois, se juntando e se misturando.

A pintura havia desaparecido. Estava enterrada sob um empurra-empurra puro e branco. E ali, ela começou a se tornar uma tênue nota aguda no ar, como um assobio no ouvido, sem nenhuma emoção ou linguagem. Dez ratos brancos das catacumbas haviam pousado na pintura e, ocupando seus dentes e patas, eles a imobilizaram, a fizeram em pedaços e a comeram. Comeram a imagem pintada da Vênus Johnina, seu pano de fundo de montanhas e mar, comeram a membrana viva e guinchante da carne. A fome deles também há muito não era aplacada.

Jonquil assistiu a tudo encostada na parede, observando, até a última migalha e farrapo desaparecerem nas bocas fastidiosamente espicaçantes. Não levou mais do que dois ou três minutos. Então, restou só um espaço, nada nele, nem ratos nem coisa alguma.

— Levanta — disse Jonquil. Havia uma cantoria baixa em sua cabeça, mas nenhum outro barulho. Ela se levantou aos poucos e voltou atravessando o corredor dos mortos. Estava com muito frio, débil e lerda. Pensou que se sentia velha. Ela caminhou pelas poças d'água. Tinha uma pavorosa intuição de que tudo havia mudado, que ela nunca mais seria a mesma, que nada nunca mais seria, que a sobrevivência a havia jogado em um mundo desconhecido e temerário.

Um rato sentou em um caixão, vigiando sua partida, digerindo em sua barriga melancolia e sonhos alienígenas. As paredes foram desabando partícula por partícula. O silêncio floresceu pela cidade como o mar que se aproximava.

ANO ZERO

Gemma Files

Gemma Files nasceu na Inglaterra e cresceu em Toronto, no Canadá. Ela ganhou o prêmio de Melhor Conto da International Horror Guild com sua história *The Emperor's Old Bones* e viu cinco de suas histórias serem adaptadas para episódios de *The Hunger*, uma antologia de horror erótico para a televisão, produzida por Tony e Ridley Scott.

Seu primeiro romance, *A Book of Tongues* (ChiZine Publications) recebeu o prêmio Black Quill, da revista *Dark Scribe*, na categoria Melhor Calafrio por Editora Pequena, em 2010, e teve duas sequências, completando a série *Hexslinger*.

Ela também publicou duas coletâneas de contos, dois livretos de poesias e um ciclo de histórias (*We Will All Go Down Together*, editora CZP). Seu livro mais recente, *Experimental Film*, recebeu o prêmio Shirley Jackson de Melhor Romance, em 2015.

“O conceito dos vampiros, como todos os meus amigos não afeitos ao horror costumam escarnecer, é um beco sem saída”, explica Files. “Os mesmos tropos repetidos sem variação, uma vez após a outra... fantasiuzinhas sexuais sujas, fingindo ser o bom e límpido medo. Mas só é preciso algumas noites de pesquisa superficial para perceber que mesmo as velhas histórias postulam tantos tipos diferentes de vampiros quanto existem tipos diferentes de pessoas das quais eles podem se alimentar (e nem todos eles bebem sangue).”

“Sendo assim, penso nos vampiros como o equivalente, no mundo da literatura sombria, ao teste de Rorschach. Se você for limitado, sua ideia do que os vampiros são... ou do que poderiam ser... será igualmente limitada. Agora, se você não for...”

Sobre a história a seguir, a autora revela: “Quando era criança, eu me lembro de ficar maravilhosamente impressionada com a adaptação televisiva de *O Pimpinela Escarlata*, estrelando Anthony Andrews, Ian McKellen e Jane Seymour; claro, dada a minha natureza e interesses perversos, me identifiquei bem mais fortemente com o controvertido Agente Chauvelin e seus colegas Revolucionários do que com aquele almofadinho bastante cruel do Sir Percy. De qualquer modo, a história me criou um vício para toda a vida pela Revolução Francesa, que se cruzou perfeitamente com meu fetiche igualmente longo por vampiros: sangue, decapitação, uma perturbação violenta e generalizada da ordem natural... aí sim, *baby*.”

“E, uma vez que ‘cadáveres ambulantes que sugam sangue’ sempre me pareceu uma descrição muito boa de qualquer aristocrata, creio que esta história, em particular, poderia ser lida como nada mais que a minha chance de elaborar um pouco essa metáfora, sem mencionar ter um pouco de diversão da boa (embora conturbada) ao fazê-lo.”

E, quando passei por ti e te vi envolto em teu próprio sangue, disse-te: embora estejas no teu sangue, vive; sim, disse-te, embora estejas no teu sangue, vive.

Ezequiel 16:6

NO VERDADEIRO ÁPICE da Revolução Francesa, depois de terem matado o rei e bebido seu sangue, recomeçaram tudo: novo calendário, novos meses, nova história. Retrocederam o relógio nacional e fizeram pó de suas entranhas; apagaram a lousa toda e a quebraram no joelho. Um ator fracassado chamado Fabre d'Eglantine arquitetou os planos. Ele espichou cada semana de sete dias em uma década²⁷ de dez dias e reesculpiu os meses em uma verdejante ladainha de imagens rurais: frutas e flores, vento e chuva. O lampejo vermelho da guilhotina mascarado em uma névoa de um calor escaldante, de cozinhar lagostas.

O primeiro ano desse processo haveria de ser conhecido como Ano Zero. Tudo que aconteceu em seguida seria contado a partir dali. E tudo que aconteceu *antes* seria, muito simplesmente...

...apagado.

Antes: Paris, 1793. Termidor, Ano Três, logo antes do fim do Terror...

— Ah, ora, Cidadão. Como está corado.

Tenho que acordar, pensa Jean-Guy Sansterre, lenta e relaxadamente — as palavras perdendo sua forma enquanto ele as constituía, como água, pingando por uma mão mental aberta, os dedos espalhados e impotentes. *Despertar-me. Agir. Lutar...*

Mas, em vez disso, ele sente como se seu corpo inteiro estivesse fixo em uma inexorável variedade arcana de sono — os membros flácidos e pesados, a cabeça pendendo para trás em estofados de cetim vermelho escuro. Ele cai de costas no interior fechado e obscurecido do coche do Chevalier du Prendegrace, uma langorosa bruma de cortinas de veludo fechadas contra as quais Jean-Guy se encontra indefeso, como algum

micro-organismo preso entre as lentes franjadas e suavemente convexas de um olho parcialmente fechado.

Lá fora, à pouca distância, ainda é possível ouvir os constantes rosnados e engulhos da Viúva, a Lâmina Nacional, a lendária Máquina cortando o ar da Place de la Revolution — aquele excelente dispositivo patenteado pelo elegante Dr. Guillotin para curar eternamente as dores e padecimentos das cefaleias, ressacas e insônias. O repetitivo baque do corpo na tábua, cabeça no cesto. As *tricoteuses* com suas gozações e zombarias, tricotando sob os degraus da forca, seus barretes frígios acenando no ritmo dos passos do executor, perfazendo seu ritual; mantenedoras autoproclamadas da consciência pública, essas sinistras bruxas que viveram mais do que seus antigos opressores uma vez após a outra. Aquelas multidões uivantes de *sans-culottes*, os sem-calção — todos gritando em uníssono por ainda mais nociva liberdade, ainda mais, sempre mais: um grande e sanguinário rio sem fonte nem maré, deixado correr solto para inundar as ruas da cidade com uma visível vingança...

— Você sabe que complexo mecanismo corporal se encontra por trás do funcionamento de um simples rubor, Cidadão Sansterre?

Essa voz lenta, vaporosa e lânguida como um anel de fumaça audível, emerge da semiescuridão vermelha do coche. Continuando, gentilmente:

— Fiz um antigo estudo sobre tais questões; estritamente amador em sua natureza, é claro, embora tão minucioso e inquisitivo quanto meus poucos recursos poderiam me permitir.

No coche do Chevalier, Jean-Guy sente-se dobrar e turvar sob o peso de sua própria exaustão hipnotizada, como cera derretida — arreganhado em todos os sentidos, como seus braços fortes, porém inúteis, suas pernas débeis, como se não tivessem nervos...

— O rubor se espalha conforme o sangue se eleva, mostrando-se mais marcadamente nos pontos mais finos da pele, um mapa de veias, eminentemente traçáveis. Quase... legíveis.

Tão imperativa, essa ânsia de fugir, de lutar. E, ainda assim, totalmente...

...impossível.

— Veja, aqui e ali, onde marcos divisórios se evidenciam: esses nós de veias e artérias, delicadamente entrelaçados, que cingem as partes de baixo de seus punhos. Mais dois grandes vasos, escondidos na raiz da língua. Um bem longo e arqueado, delineando a haste daquele outro... órgão... sem ossos cujo nome apropriado não podemos citar em companhia mista.

Sentando. Espalhando-se, flácido. E pensando:

Eu... tenho...

— E essa comoção de agora? Nessa mesma... área... impronunciável?

...tenho que... acordar...

— Também é sangue, meu amigo. Sangue, que... como diz o velho adágio... tudo revela.

Mas: *Isso é só um sonho*, Jean-Guy recorda a si mesmo, momentaneamente surpreso com sua própria coerência. *De algum modo, adormeci em serviço, o que é ruim, embora dificilmente imperdoável... e porque o fiz enquanto pensava no ci-devant²⁸ Chevalier du Prendegrace, mestre daquele traidor do Dumouriez, teci essa estranha fantasia.*

Pois Prendegrace não podia estar aqui, afinal; ele terá fugido antes dos agentes de Jean-Guy, como qualquer outro fidalgote. E, sabendo disso...

Sabendo disso, vou despertar em breve e realizar a missão designada a mim pelo Comitê de Segurança Pública: capturar Dumouriez, desvelar esse ninho de víboras lustrosas e tudo será como eu me lembro.

Ao mesmo tempo, enquanto isso, o Chevalier (ou seu fantasma — pois poderia ele de fato *estar* ali, sonho ou não?) sorriu para Jean-Guy

pela sombra escarlate que se adensava, todo num intenso — e terno — divertimento. Uma figura delgada e ágil, igualmente vestida inteiramente de vermelho, sua elegância hereditária solapada por um angustiante fiapo plebeu de higiene mais precária que o comum; seu lúgubre casaco de veludo coberto por um cachecol amarrado imaculadamente, mas obviamente desbotado; meias de seda casualmente gastas e desbotadas, sobre sapatos de fivelas com seus elegantes saltos de cortiça. Bordas escuras em suas longas unhas — sujeira ou algo mais, ressecadas há tanto tempo que se tornaram pretas.

Sua pele branca demais tem um cheiro ruim, levemente mortuário. Acre nas narinas estreitadas e complacentes de Jean-Guy.

— Você carrega um excedente de sangue, Cidadão, pela evidência mostrada pelo mapa da pele — o Chevalier parece dizer, gentilmente. — E assim pode, nem que seja em nome da educação, considerar ceder uma pequena porção desse estoque transbordante... a mim.

— Não pode nunca falar claramente, aristô maldito? — exigiu Jean-Guy com uma voz rouca.

— Talvez não — vem a resposta murmurante. — Embora, parando para pensar a respeito... não posso dizer que já tenha tentado.

Inclinando-se para baixo, dobrando sua cabeça luzidia e empoada, um fantasma vivo de uma geração exterminada; lambendo seus finos lábios brancos com Jean-Guy deitado diante dele, mole, indefeso. Tão macio, por toda parte... em todo lugar...

...menos um.

Então: agora, 1815. Paris novamente, final de setembro — um velho calendário para um Império novo em folha — no Casario do Homem Armado, quase ao pôr do sol...

...onde o advogado da família Giradoux encontra Jean-Guy, de chave na mão, junto à porta do que um dia foi a casa de Edouard Dumouriez.

Ao longo da década, desde que Jean-Guy caminhou pela última vez por essa área de Paris, os engenheiros civis de Napoleão haviam

endireitado a maior parte do emaranhado saliente de becos, transformando-a em uma afamada roda de agradáveis bulevares, ladeados de árvores e de ruas bem pavimentadas — ainda que friamente funcionais. O Casario do Homem Armado, contudo, ainda se parece muito com o que sempre foi: uma passarela estreita de lajotas rachadas, mantida unida por cascalho e argamassa, fedendo a vísceras descartadas e urina seca, delimitada em cada lado por soleiras tortas ou placas escurecidas pela fumaça, nas quais se lia AÇOUGUEIRO, MERCADOR DE VELAS, TABELIÃO. E, no meio disso tudo, a casa de Dumouriez, assomando-se umbrosa e oblíqua sobre as outras — com três instáveis pisos cheios de cômodos vazios, em uma cidade onde espaços desocupados para viver eram disputados como um franco abandonado na lama.

— A ralé a evita mesmo — concordou o advogado, prontamente. E complementou dando de ombros, condescendente. — Os rumores dão conta do local como sendo... assombrado.

E o adendo não dito *ao* adendo dito, familiar como se o próprio Jean-Guy tivesse formulado tal afirmação...

...embora eu, é claro, não lhe atribua a mesma teoria... sendo, como sou, um homem racional vivendo neste estado racional e iluminado da Nova França, uma era sem reis, sem tiranos...

Com Jean-Guy por sua vez complementando, mentalmente: *Pois, um dia, nós fomos homens tão racionais. E a Revolução, nossa adorável filha, floresceu à maturidade pela mesma razão... uma Atena de seios nus abrindo caminho com as unhas rumo à luz do dia, pelas ruínas ensanguentadas do crânio despedaçado de Zeus.*

O advogado dos Giradoux veste um terno de veludo negro, sóbrio embora festivo, e carrega uma pequena máscara de cetim; seu cabelo foi puxado para trás e empoadado “à moda antiga” de escassos doze anos atrás. E, em sua garganta, parcialmente oculta na dobra do colarinho de sua capa, Jean-Guy podia vislumbrar a elegante ponta vermelha de uma

fita de cetim escarlate amarrada — ah, tão alinhadamente — logo abaixo de sua veia jugular.

— Vejo que veio vestido para um pouco de diversão, *m'sieu*.

O advogado ruboriza levemente, como se flagrado de surpresa às voltas com alguma atitude dúbia.

— Um mero compromisso social — ele responde. — Um *Bal des Morts*. Já ouviu a expressão?

— Não que eu me recorde.

— Aonde os mortos vão dançar, *m'sieu* Sansterre.

Ah, de fato.

Em sua Martinica natal, onde Jean-Guy se manteve cuidadosamente escondido nesses últimos anos, mais de dez, a “reação termidoriana” que trouxera as novas do fim do Terror — o archi-inimigo Jacobino Maximilien Robespierre, primeiro baleado, depois guilhotinado; seu Comitê para a Segurança Pública desmantelado; a escravidão reinstituída e todas as coisas assim restauradas aos seus lugares e hierarquias naturais — logo deu início a um breve, mas intenso período de celebração pública naquelas costas vividamente pitorescas. Houve dança em todas as horas, tanto negros livres quanto *créoles* franceses, com tudo que estava na moda temporariamente sendo *a la victime* — vestidos brancos folgados ou blusas sem plastrão, adequados ao autossacrifício no altar patriótico com estilo; o cabelo preso para cima, expondo o pescoço para máxima acessibilidade; uma fita amarrada onde se esperava que a boa Viúva, onde ainda estivesse disponível para fazê-lo, deixasse seu beijo vermelho, silencioso e horizontal...

No *Bal des Morts*, os cartões de dança dos participantes eram preenchidos de acordo com sua própria notoriedade residual; de acordo com quem, em sua família, pudesse de fato ter ido para a boa máquina do Dr. Guillotin; ou aqueles cuja família pudesse ter tido um dedo nos envios para ela. Imitando tanto executores quanto executados, eles se vestiam como cadáveres e se ataviavam como realeza ressuscitada, sacudindo-se e girando em um moroso afluxo de sangue velho — o lixo

capturado pela grade da sarjeta num movimento frenético, no fim de um duro dilúvio noturno.

A lista de chamada das carroças de execução: aristocratas, colaboradores, traidores e tiranos, mesmo os meramente argumentativos ou simplesmente ignorantes — uma pobre mulher chamando seus filhos para o jantar viu-se presa sob suspeita de sedição, porque o nome de seu filho por acaso era (como o do rei deposto) Luís. E, no campo oposto, os colegas Revolucionários de Jean-Guy: girondistas, extremistas, dantonistas, jacobinos, patriotas de todos os tipos e modelos possíveis, muitos dos quais, no fim de tudo, já haviam começado eles mesmos a cair sob suspeitas fatais.

E então estes, seus herdeiros e imitadores... resíduos envoltos em seda de festa, passando as noites a envergar um fino verniz de educação, até de diversão, sobre as feridas temporais não cicatrizadas de *la Mère France*.

Jean-Guy conheceu a garota que se tornaria sua falecida esposa em uma ocasião assim e pagou seu dote algumas poucas semanas depois. Chlœe era seu nome. Uma coisinha cor de damasco, de natureza dócil e acanhada, seus olhos quase azuis; bem menos obviamente *du sang nègre* do que ele, até mesmo sob o mais direto escrutínio.

E é só agora, com ela há tanto tempo morta, que ele pode, enfim, admitir que foi a diferença de tom... mais do que qualquer outra verdadeira afeição do coração... o motivo principal de sua união.

Ele passa os olhos por uma poça perto de sua bota, considerando brevemente o quanto seu próprio reflexo se desenha na turva pele da água: um homem escuro numa sobrecasaca escura — mais velho, agora, embora não mais pálido. Sob seu chapéu de seda, alto e rígido, o cabelo castanho claro foi cortado até quase o crânio para mascarar suas óbvias torções; sob a sombra da aba do chapéu, o nariz afilado e os olhos amendoados de seu pai francês parecem estranhamente deslocados pela inesperada tonalidade da tez cor de teca de sua mãe nascida escrava. Sua ascendência mestiça está escrita claramente por toda parte nele, para

aqueles que se deem ao trabalho de olhar — os reveladores detritos da colonização, reunidos e combinados em carne e osso. Sua pele ainda levemente marcada, por assim dizer, pelos lençóis amarrotados de seu leito conjugal.

Não que qualquer dinheiro tenha algum dia trocado de mãos para legalizar aquela relação, pensa Jean-Guy. Maman havia sido propriedade do velho Sansterre, na época. Porém, essa é uma linha de pensamento cansativa de se manter... sem mencionar familiar em excesso. E haverá muito a ser feito, antes de o sol de Paris se erguer de novo.

— Desejo-lhe a alegria de seu *Bal, m'sieu* — Jean-Guy diz ao advogado. — Então, se lhe aprover... minha chave?

Ele estende a palma e sorri, agradavelmente. Ao que o advogado responde, corando novamente...

— Certamente, *m'sieu*.

...e a entrega. Complementando, com Jean-Guy subindo os degraus atrás dele:

— Mas pode encontrar muito pouco do que se lembra daqueles dias em que *m'sieu* Dumouriez possuía o andar de cima.

Jean-Guy para à porta do prédio, agraciando o advogado com um breve olhar por sobre o ombro. E retoma...

— Quanto a isso, só podemos ter esperança... *m'sieu*.

1793:

Jean-Guy desperta ao crepúsculo, para uma rua vazia. Aquela multidão enfurecida que anteriormente se reuniu para apedrejar e aprisionar o coche fugindo do Chevalier du Prendegrace aparentemente passara para o problema seguinte, mais distante. Ele se encontra estirado sobre uma pilha de lixo detrás da porta dos fundos do açougueiro, a cabeça zonga e o estômago revolvendo; embora, se a náusea em questão resultava de sua própria fraqueza física, do cheiro da massa de ossos semiapodrecida debaixo dele ou do som das moscas que se

aglomeravam em suas superfícies parcialmente desnudadas, ele não sabia de fato dizer. Mas ele desperta também para a voz de seu melhor espião — o bem afamado La Hire — dizendo a ele que deve abrir os olhos, lançar-se de pé, despertar, enfim...

— Que a própria Deusa da Razão me fulmine se não pensamos que estava perdido para sempre, Cidadão... talvez assassinado, ou até preso. Como todos os outros membros do Comitê.

Praticamente o mesmo conselho que Jean-Guy se lembra de ter dado a si mesmo, há não muito tempo. Quando estava envolto por aquela intimidade vermelha escura entre aquelas cortinas de veludo fechadas, envolvido e sujeito ao peso do ar rançoso no abominavelmente macio e firme domínio dos estofados do Chevalier. Porém:

— Cidadão Sansterre! — Um tapa em sua mandíbula, vira sua pesada cabeça intensamente para a esquerda. — Está em transe? Eu disse que não conseguíamos *achá-lo*.

Bom... mas você agora me achou. Não foi...

...Cidadão?

A voz murmurante do Chevalier, reduzida a um eco no sangue de Jean-Guy. Seu olhar oculto, mascarado de vidro vermelho, indo e vindo por trás dos olhos doloridos de Jean-Guy, como o lampejo no horizonte de um relâmpago silencioso.

Ele balançou a cabeça, ainda cambaleando pela ferroada da mão de La Hire. E se forçou a formar palavras, repetindo:

— O Comitê.

— Acabou, Cidadão. Espalhado aos ventos.

— Cidadão... Robespierre?

— Preso, fuzilado, a mandíbula segura por uma bandagem. Vai beijar a Viúva amanhã... assim como nós, se não fugirmos correndo como o Diabo desta cidade fedorenta.

Apoiando-se fracamente no braço de La Hire, Jean-Guy usa-o para alavancar tremulamente para cima. Ele sente a boca caudalosa, os lábios

e as gengivas em carne viva; sangue novo, fresco e grudento em um canto, um bolo de sangue velho e azedo entre suas gengivas de trás, na raiz dolorida de sua língua. Mais sangue se liberta enquanto ele se levanta, desgrudando-se da barra esquerda de sua camisa semiaberta, da protuberância de um mamilo; ao que ele dá um passo adiante, ainda mais sangue é encontrado, colando-o firmemente ao seu próprio calção, rígido e marrom, naquela...

...área impronunciável...

E, em um pulso, um leve ferimento em forma de lua crescente — arroxeadado e inflamado, rosa da infecção semicicatrizada. Um testemunho dolorosamente erigido a uma memória tão obscura quanto um sonho: a pequena língua grossa do Chevalier se pressionando com força, fria feito a de um gato morto, contra a pele fina sobre a veia mais elevada.

Eu deixei minha marca em você, Cidadão.

Jean-Guy passa uma mão sobre seu cenho, tossindo, então a traz de volta úmida — e vermelha. Olha para baixo de soslaio e se vê inspecionando uma mão cheia de suor tingido de sangue.

— Dumouriez — pergunta ele a La Hire, com dificuldade. — Levado... também?

— Horas atrás.

— Leve-me... ao quarto dele.

E agora, um breve alerta ao público: que fique aqui registrado, com a maior clareza possível, que Jean-Guy nunca — até então — dera muito crédito àquelas lendas infundadas que afirmavam que os aristôs saciavam seus delicados apetites à custa da multidão, mantendo-se literalmente gordos com infusões de miséria carnal e carne de homens pobres. Pura retórica, decerto; folclore transformado em metáforas, como citado nos incendiários panfletos de Camille Desmoulin: *Igreja e nobreza — vampiros. Observem a cor de suas faces e a palidez da sua própria.*

Não que o rosto do Chevalier du Prendegrace, tão imperfeitamente lembrado, possuísse o menor dos indícios *de* cor... saudável ou qualquer outra.

Logo após seu retorno a Martinica, Jean-Guy havia tido algumas breves conversas com um médico inglês chamado Gabriel Keynes — um homem famoso por ter passado os dez anos anteriores de sua vida tentando identificar as causas (e potenciais curas) daquela brônzea praga pantaneira conhecida como febre amarela. Fortalecido por uma ou duas garrafas de um bom claret e pela promessa pessoal de Keynes da mais completa descrição, Jean-Guy desfiou a ele toda a penosa história de seu encontro com o Chevalier: mostrou a ele a marca em seu pulso, as marcas...

...em outro lugar.

Aquelas feridas persistentes que, mesmo agora, por vezes, se abriam e voltavam a sangrar, como se diante de algum sinal irreconhecível; a passagem invisível de seu perpetrador, talvez, pelas rachaduras entre as áreas conhecidas e desconhecidas do mapa inescrito de seu mundo mútuo?

Como se realmente pudéssemos partilhar o mesmo mundo, algum dia, nós dois... alguém como eu e alguém como...

...ele...

— O que tem aqui, monsenhor Sansterre — observou Keynes, tocando a superfície da bolha, mas delicadamente, embora deixando para trás uma mozza, junto a uma dor sinistra e persistente — é um bolsão contínuo de sangue isolado. É o que nós, galenos, chamamos de hematoma: do latim *haematomane*, ou “bebedor de sangue”.

Havia uma espécie de morcego nas Antípodas, até mesmo na ilha natal de Jean-Guy, explicou o médico, cujo próprio gênero era rotulado pelo termo comum para esses lendários monstros desmorts, pelos quais Desmoulins certa vez ficara obcecado. Esses morcegos possuíam uma saliva que, sendo composta principalmente de elementos anticoagulantes, ajudava-os na busca de seu vício imundo: uma mistura

de elementos químicos que, quando besuntados contra uma ferida aberta, prolongaria — até aumentaria — a força e a frequência de seu sangramento. Porém, complementou:

— Mas confesso que nunca tenha tido conhecimento de tal reação causada pela saliva de nenhum *homem*... mesmo um cuja família, como seus antigos compatriotas jacobinos poderiam colocar, seja... sem dúvida... há muito acostumada ao consumo de sangue.

O que conclui, como se segue, todo o papel da ciência nesta narrativa.

E agora, a concomitante aproximação do antigo apartamento de Dumouriez — passado e presente se fundindo elegantemente conforme Jean-Guy sobe as instáveis escadas em direção ao último andar, há muito trancado, suas dobradiças rígidas pela ferrugem...

Entrando, em 1815, em um apertado sótão a pouca altitude, apinhado de mobília antiga: belas cortinas, empoeiradas e comidas pelas traças; cadeiras Luís Catorze com as costas bambas e as pernas lascadas. Armários lascados e paredes pardas defumadas, engrinaldadas com teias de aranha e riscadas com palavras de baixo calão.

Em uma parede em particular, uma tênue mancha perdura feito umidade se espalhando. A sombra de um imenso e submerso morcego cinza, parcialmente crucificado.

Jean-Guy traça seu contorno, imerso em pensamentos. Lembrando-se de 1793...

...um catre manchado de sangue com uma pilha imensa de cadáveres de olhos pálidos, deixados para apodrecer sob essa mesma parede, essa mesma marca d'água enorme: sua escuridão vermelho claro, esparramada em sua umidade sobre o gesso branco e fresco.

Ah, como Jean-Guy a encarou — totalmente aparvalhado pelo mais puro choque — enquanto La Hire recontava os detalhes que seu longo dia de sono havia roubado dele. Contava a ele agora que, quando os espiões do Comitê, enfim, entraram, Dumouriez havia meramente

erguido os olhos de sua obra com um sorriso constrangido, interrompido bem no meio da tarefa de desovar mais um corpo em cima do anterior. Como ele segurava uma espátula, incongruentemente, em uma das mãos — que ele então ergueu, ainda sorrindo...

...e usou-a, com a ponta afiada voltada para dentro — mesmo quando gritaram para que ele parasse — para cortar sua própria garganta.

Sob a asa estirada da mancha, Jean-Guy fecha seus olhos e se lança a memórias ainda mais antigas — bem no princípio de tudo, antes do Termidor, enfim, fazer brotar a correnteza do rio Revolucionário; antes do coche do Chevalier, depois encontrado debulhado e abandonado à beira de um poço, estufado de limo e cabeças decepadas; antes do suicídio de Dumouriez, ou da frenética fuga de Jean-Guy e La Hire para o Calais e além — de volta a Martinica, onde La Hire trabalharia como feitor nas terras do Velho Sansterre até a hora e o dia de seu próprio e inteiramente natural falecimento. O começo de tudo mesmo.

Ou: a versão de Jean-Guy — necessariamente limitada —, de todo modo.

Então, 1793, uma vez mais. Cinco da tarde naquele dia de “agosto” há muito passado e o sol da tarde já começou a se inclinar sobre os tetos em ruínas do Casario do Homem Armado, pingando de suas afluentes calhas em um aturdimento de água e luz, junto ao resto da água da chuva da noite passada. Jean-Guy e La Hire sentados juntos no que passa por uma mesa, próximos à janela aberta de um café na beira da rua, suas insígnias tricolores momentaneamente ausentes de suas cintas e chapéus; eles bebem seus cafés, assim disfarçados, escutando o ranger das carroças de execução daquele dia atravessando a névoa fedorenta. Eles vigiam em conjunto cuidadosamente as janelas superiores da casa de Dumouriez — refúgio de um suspeito de traição previamente listado (antes de sua recente conversão em um “hotel de cidadãos”, com muitos quartos e semivazio) como parte das propriedades ancestrais de um certo M. le Chevalier du Prendegrace. Jean-Guy para La Hire:

— Esse Prendegrace... quem é ele?

— Um aristô *ci-devant*, o que mais? Como todo o resto.

— Sim, sem dúvida; mas além disso.

La Hire dá de ombros.

— E isso importa?

Ali, naquele prédio inadequado bem do outro lado da rua, outros conhecidos aristocratas — homens, mulheres e crianças portando documentos expedidos habilmente o bastante para permitir que caminhassem pelas ruas de Paris, ou até atravessar seus portões — têm sido observados frequentemente entrando, embora raramente vistos saindo. Talvez atraídos pela reputação de Predegrace como “um dos seus”, eles depositam sua confiança nas promessas de santuário, de refúgio, de fuga, dessa criatura Dumouriez. Posteriormente, a própria ausência deles parece provar que essa confiança não foi dada em vão.

— Os esgotos — sugere La Hire. — Eles *nos* serviram muito bem durante os velhos dias, desviando a escória monarquista pelo quarteirão Cordellier...

Jean-Guy escarneceu.

— Uma entrada secreta, talvez, no porão? Descendo para o rio com o resto do lixo, e então para a costa distante em algum barco subterrâneo?

— É possível.

— Assim a Igreja *dénoncé* costumava afirmar, com relação a ressurreição de Cristo.

Uma gargalhada grosseira.

— Ah, mas não há necessidade de ser tão amargo quanto a *isso*, Cidadão. Ou há? Uma vez que eles já pagaram tão bem, afinal... aqueles padres de rabo gordo... por espalharem mentiras tão perniciosas.

E: *Ah, sim*, Jean-Guy se lembra de pensar, enquanto assente em concordância, sorrindo. *Pagaram integralmente, no colo da Viúva... assim como o Rei e sua meretriz austríaca, antes deles.*

Do outro lado da rua, enquanto isso, uma dama bem menos elevada, de má reputação, vem abrindo caminho pelo próprio Casario, tendo aparentemente acabado de falhar em recrutar qualquer negócio significativo em meio à multidão que se estendia pelo altar da Viúva. Ao ver os dois, ela ergue a saia para mostrar a Jean-Guy primeiro a bainha de sua anágua escarlate, depois o emaranhado de pelos tingidos similarmente de vermelho em sua virilha. La Hire passa os olhos por ela, sacando um sorriso sem dentes e uma risada abafada como resposta; Jean-Guy finge ignorá-la e, por sua *politesse*, recebe um gesto rude. Determinado a evitar o constrangimento de deixar que seu próprio jorro de raiva súbito se evidencie, ele desvia o rosto, seus olhos se voltando novamente para as janelas do sótão...

...onde ele vê, emoldurado entre as cortinas carcomidas pelas traças, o rosto de outra mulher aparecer; uma máscara de garota em suave porcelana, perscrutando da escuridão por trás do vidro rachado, pálida feito uma larva nas sombras de seu supostamente desocupado apartamento. Ela paira ali, pálida e vazia, como uma cabeça de cera do museu do Cidadão Curtuis — aquele estúdio em que imagens de decapitados, tanto amigos quanto inimigos da França, eram modeladas a partir de moldes tirados por sua “sobrinha” Marie, a garota dos Grosholtz, que um dia abandonará Curtuis à turba que ele serve e se casará com outro homem para ter passagem à Inglaterra. Onde ela montará seu próprio museu, exibindo os resultados de sua habilidade sob o nome novo em folha de Madame Tussaud.

Aquele rosto branco. Aqueles olhos de matizes mortiças. As feições um dia desdenhosamente régias, agora possuidoras de nada além de uma paciência baça e resignada. O mesmo olhar arregalado que encontrará Jean-Guy, após a batida, no topo do medonho fardo do catre sobrecarregado de Dumouriez. Aquele aristô orgulhoso, os membros flácidos descuidadamente tortos, sua pele nua manchada — tal qual a de cada uma das vítimas como ela...

(Como o próprio cenho de Jean-Guy, agora, em 1815, enquanto ele estuda aquele ponto invisível na parede onde outrora esteve a mancha da fuga de Dumouriez, pingando.)

...com suor sangrento.

Sua “velha reclamação”, ele assim chamou, durante aquela breve consulta noturna com o Dr. Keynes. Um fluxo periódico, cíclico, regular como a respiração, indesejado como um pesadelo — constantemente chamando e chamando de novo um rubor, ou mais, à sua pele relutante.

E ele se pergunta, Jean-Guy, assim como se perguntou na época: por que dar qualquer olhadela? Por que se dar ao trabalho de se esconder, só para periodicamente abrir a cortina e oferecer seu rosto inconfundível à rua hostil lá fora?

Mas...

— Seus aristôs — Ele se lembra de murmurar enquanto o Chevalier escutava, cortesmente impassível. — Todos tão... arrogantes.

— Sim, Cidadão.

— Feito... aquela garota. Aquela...

— Na janela de Dumouriez? Ah, sem dúvida.

— ...mas agora... — Lutando varonilmente contra sua lassitude crescente, determinado a contextualizar a referência: — Como... você poderia saber...?

E o Chevalier deu sua versão do dar de ombros de La Hire, com seus músculos tão fluidos sob o fino veludo escarlate.

— Mas eu simplesmente *sei*, Cidadão Sansterre.

Complementando, em um sussurro... um murmúrio? Aquele mesmo murmúrio, tão próximo e tranquilo, contra a penugem da face paralisada de Jean-Guy, que parecia vibrar através de cada parte secreta dele ao mesmo tempo, aonde quer que o sangue ainda retido sob sua carne mestiça, cor de cobre, começasse a... fluir...

Pois quem você acha que disse a ela para olhar lá fora, pra começar?

Na Martinica — com dinheiro e tempo à sua disposição e a uma distância segura entre ele e aquele coche satânico revestido de vermelho — Jean-Guy, com o tempo, começou a fazer algumas discretas pesquisas sobre a longa e secreta história da família Predegrace. Assim empenhado, ele logo amealhou uma fortuna de informações previamente escondidas: fatos impossíveis de situar durante a Revolução, ou mesmo antes.

Como cutucar uma ferida semicicatrizada, dor e alívio em mesma medida. E já que — era mais do que óbvio — ele nunca *estaria* totalmente curado, que importância tinha... o que... as pesquisas de Jean-Guy foram capazes de revelar?

O Chevalier Joffroi d'Iver, o primeiro de sua linhagem, obteve sua nobreza nas cruzadas sob Ricardo Coração de Leão, pelos serviços prestados durante o massacre de Acre. Uma velha história: relutante em perder a glória de ter capturado trezentos infiéis em batalha — embora ciente de que mantê-los impediria qualquer avanço futuro em direção ao seu verdadeiro prêmio, toda a cidade de Jerusalém — o temperamental Plantageneta ordenou que todos e cada um deles fosse decapitado ali mesmo. Então, forcas foram construídas, covas coletivas foram cavadas e cabeças e corpos jogados em sua direção por três dias inteiros, enquanto as espadas de d'Iver e seus companheiros gingavam sem cessar e uma corrente de novas vítimas escorregava sucessivamente na sujeira que seus predecessores haviam deixado para trás.

E, após sua tarefa estar terminada, afirmam as testemunhas oculares, esses bons cavaleiros cristãos encheram os poços de fogo grego, deixando os corpos para queimar enquanto cavalgavam para longe.

Bem como, durante seus próprios famosos Dias de Setembro, uma voz familiar pareceu murmurar no ouvido de Jean-Guy, 378 desses prisioneiros que aguardavam julgamento na Conciergie foram violentamente atacados por uma turba raivosa de bons compatriotas, como o senhor, e retalhados membro a membro na rua.

De olhos fechados, Jean-Guy se recorda de um povaréu de mulheres correndo — de mãos vermelhas, cambaleando como que bêbadas — com penças de orelhas adornando seus corpetes abertos e sem fichu. Colegas cidadãos aplaudiam e davam vivas das bancadas suspensas, enquanto um homem torcia sobre um cálice o coração ainda pulsante da Princesa de Lamballe, então dando um longo trago no resultado, brindando à saúde da Revolução com o ralo sangue aristô. Todas aquelas luzes guias da Liberdade: o feio Georges Danton, a passional Camille Desmoulins...

...o próprio Maximilien Robespierre, em seu casaco de seda verde d'O Inocorrúptível, seus míopes olhos de gato se espremendo para o mundo através de óculos com lentes de vidros escurecidos; o tipo que alguém poderia usar, mesmo hoje, para se proteger ao observar um eclipse.

Le Famille Prend-de-grace, movendo-se para bloquear o sol; um árido novo planeta, atravessando incansável um novo céu escuro. E seu brasão, escolhido na mesma época — um machado *argent et gules*, ao longo de um campo de carniça, *gules seulement*.

Uma arma manchada de sangue, suspensa — sem nenhum meio visível de suporte — sobre um campo vermelho de cabeças decepadas.

Não podíamos ser mais feitos um pro outro, você e eu. Podíamos...

...Cidadão?

1793:

Sangue e sujeira e o distante ribombar das carroças passando — a bruma quente se transformando em chuva escaldante, conforme novas ondas de fedor formam redemoinhos e se deslocam ao redor deles. Dumouriez vira a esquina para o Casario do Homem Armado e La Hire e Jean-Guy trocam um olhar revelador: o plano de ataque, como previamente determinado. La Hire vai tomar o caminho dos fundos, para além de onde espreita a prostituta, enquanto Jean-Guy espera sob um conveniente toldo — para manter sua pólvora seca — até ouvir o sinal,

usando esse meio-tempo para preparar a pistola. Eles dão a Dumouriez a dianteira de alguns minutos, então se erguem como um só.

O suor manchado de carmesim, lembranças enxameando seu cérebro feito vermes. Mais ainda sobre o clã Predegrace, um afluxo de curiosidade sinistra, tingido de vermelho...

Seu lema: *nus souviens le tous*. “Nós nos lembramos de tudo.”

Seu posto hereditário na corte: atendentes ao quarto do rei, uma função descontinuada em algum momento durante o reino de Henri de Navarre, por razões historicamente obscuras.

O rumor: que durante o massacre da noite de São Bartolomeu, um Predegrace — geralmente não nomeado — foi visto apelando à honra do então Rei Charles IX com um punhado de carne protestante.

Predegrace. “Aqueles que receberam a graça de Deus.”

Receber.

Ou... não seria... *tomar* a graça de Deus...

...para si próprios?

Jean-Guy sente um atordoamento crescer e lança o punho contra a parede do apartamento para se apoiar. Então, o sente balançar e pulsar em resposta, sob os nós de seus dedos, como se seu próprio coração, aos pulos, estivesse enterrado sob aquele gesso amarelado.

Pistola trespassada sob a lapela de seu casaco, Jean-Guy avança rumo à porta de Dumouriez, apenas para ver seu caminho ser bloqueado por um súbito fluxo de colegas Cidadãos, armados e aos berros. Mais um protesto incitado pela insatisfação generalizada e pela demagogia de esquina, propenso a nada em particular, menos preocupado com destruição do que com um bom barulho e o exibicionismo; mágica “patriótica” de rotina, transformando espaços vazios em uma turba propensa ao caos, sem necessidade de prestidigitação ou invocação.

Do outro lado da rua, ele vê La Hire esmagado contra a porta do mercador de velas, mas se certifica de deixar seu olhar passar por ele sem nenhum indício de reconhecimento, enquanto a fedorenta maré

humana... provavelmente nenhum deles sentindo-se particularmente favorável, naquele exato momento, a nenhum representante do Comitê que — como eles continuam cantando — *roubou nosso sangue para fazer seu pão...* (uma conveniente porção de simetria simbólica, essa).

...o varre rapidamente para além da meretriz, do lixo, do café, do próprio Casario e para a rua de paralelepípedos depois dela.

Jean-Guy sente seu tornozelo virar quando encontra a sarjeta; ele cambaleia, então se endireita. Conclamando, por sobre o zunido da multidão:

— Cidadãos, eu... — Sem resposta. Mais alto: — Escutem, Cidadãos... não possuo querelas com vocês; tenho assuntos a tratar ali... — E ainda mais alto: — Cidadãos! Me... deixem... *passar!*

Mas: sem resposta, novamente, de qualquer um dos membros próximos da multidão — nem daquele homem enorme e obviamente bêbado com o pique, seguindo as flâmulas tricolores, ou daquelas duas mulheres tentando encher seus aventais com pedras soltas, enquanto ignoram os gritos dos bebês amarrados às suas costas. Nem mesmo daquele jovem atordoado que parece em algum momento ter se considerado — embora equivocadamente — o líder deles, agora arrastado para cá e para lá ante as ordens violentas de seus “seguidores”, com seus olhos claros rolando nas órbitas, seus membros atrevidos por pouco ainda atrelados ao seu corpo trêmulo...

O preço da oratória fácil, Jean-Guy pensa, amargo. Palavras baratas, ações apressadas; todo um rol desesperado de ideais muito reais... e ânsias... desfiado pela mera razão de um momento de notoriedade, de aplausos, de poder...

...um resumo da ruína de nossa Revolução.

E então...

...uma sombra cai sobre ele, suave e escura como o mais simples dos sussurros carregados pela noite; uma que, no entanto, paradoxalmente, cairá pesadamente sobre seus ombros incautos por longos anos depois disso. Seu destino se aproximando pela lama, em rodas abafadas.

Um coche adornado de vermelho cutucando-o — quase silenciosamente — por trás.

Perfeito.

Ele abre caminho por trás do homem do pique, entre as mulheres, atraindo golpes e xingamentos; devolve alguns de sua própria autoria ao subir no estribo do coche e se enganchar na porta aberta mais próxima. Ele vasculha seu bolso, atrás da insígnia tricolor, e a brande no rosto do único ocupante do veículo, rosnando...

— Eu confisco este coche em nome do Comitê de Segurança Pública!

Ele desliza rapidamente para o assento oposto enquanto a porta acolchoada se fecha subitamente, ainda que de forma inaudível, ao seu lado. E essa figura indistinta diante dele se inclina para a frente, de modo igualmente súbito — uma mera silhueta de vermelho-sobre-branco-sobre-vermelho, no brilho mortiço das janelas acortinadas — para murmurar:

— O Comitê? Ora, então, meu coche é seu...

...Cidadão.

Jean-Guy olha para cima, atordoado. E nota, finalmente, o brasão dos Predegrace pairando bem acima dele, bordado nas barras das cortinas — prata sobre vermelho, *vermelho* sobre vermelho, delineado em fogo pelo sol, amenizado ao transpor o filtro da envolvente tecedura de veludo grosso.

1815:

Jean-Guy sente uma nova umidade descer por seu braço, traçando-o e ensopando de vermelho a barra de sua manga: seu ferimento de guerra, aberto mais uma vez, em empática proximidade a... ao quê? Aos seus próprios retalhos esfarrapados de memória, escorregando e deslizando feito catarro no vidro? A essa casa conspurcada, assombrada, em que Dumouriez — como alguma aranha de alçapão dos trópicos — fez negócios com o nome aristocrático de seu mestre, de modo a aliciar para

sua teia a presa viçosa mais fácil que pudesse achar, então engordá-la (embora brevemente) antes de usá-la para satisfazer os familiares apetites depravados de M. le Chevalier?

Sangue, do pulso à palma, marcando novamente a parede; sangue em sua garganta, da base de sua língua que sangrava, pintando sua saliva de vermelho enquanto ele pigarreja e tosse — toda a civilidade perdida, num espasmo momentâneo de pura repulsa — no chão empoeirado.

Respingos de sangue na poeira, como um hieróglifo escarlate maduro: líquido, repugnante, infinitamente maleável. Totalmente... ininterpretável.

Eu deixei minha marca em você, Cidadão.

Sangue em seu colarinho, em seu mamilo. Sua...

(...virilha.)

Meu anzol em sua carne. Meu carretel se enrolando.

Jean-Guy o sente puxá-lo para baixo, para o turbilhão.

1793:

O coche. Predegrace sentado bem em frente a Jean-Guy, ao mero alcance da mão, delgado, ágil e abominavelmente lânguido, em seu rico veludo vermelho; seu cabelo está puxado para trás, com os cachos para a lateral, tão bem empoado que Jean-Guy nem consegue dizer sua cor original, muito menos usar sua decidida falta de contraste para ajudá-lo a decifrar as feições similarmente pálidas do rosto que ele emoldura. Exceto notar que, como se numa imitação zombeteira do Cidadão Robespierre, o Chevalier também adota um par de óculos com lentes escurecidas...

Embora, em vez de verde-mar, esses pequenos e inexpressivos quadrados brilhem com ténue — embora inequívoco — tom de escarlate.

Ganhe tempo, diz o cérebro de Jean-Guy a ele enquanto isso — comunicando seu habitualmente bom conselho com uma gentileza incomum, como se, caso ele falasse mais alto, o Chevalier pudesse de

algum modo ouvi-lo. *Finja que não o reconheceu. Então, libere sua pistola, lentamente; dê um tiro de aviso e convoque os bons Cidadãos lá fora...*

...aqueles mesmos que você quis evitar entrando aqui, para começar...

...para auxiliá-lo na prisão dele.

Quase bufou alto só de pensar nisso, antes de se controlar: como se um agente do invejável tamanho e constituição de Jean-Guy precisasse de fato *temer* as débeis defesas de um almofadinha *ci-devant* como esse aí, com seus punhos pregueados e seus elegantes sapatos de saltos vermelhos, com suas fivelas baças, mortijas e manchadas — do lado mais próximo, ao menos — com algo que quase parecia...

...sangue?

Com certeza não.

E ainda assim...

— O senhor seria o Cidadão Sansterre, creio eu — observou o Chevalier, abruptamente.

Em nome de Deus.

Recuperando-se, Jean-Guy deu um rígido aceno de cabeça.

— E o senhor... o traidor, Prendegrace.

— E isso que o senhor tenta alcançar sob seu colarinho seria uma pistola?

— Seria.

Um soco, um chute, um grito por ajuda, o saque de sua própria arma oculta: Jean-Guy, um estopim de prontidão, se prepara para o combate, tensionado ao ponto de quase dor contra qualquer uma das alternativas anteriores. Mas o Chevalier meramente acena também com a cabeça, indiferente em face da sincera agressão de Jean-Guy — sua própria passividade em si, uma forma de arrogância, um frio e lânguido desafio aristocrático ao mundo plebeu progressivamente destemperado ao seu redor. Então, ele se inclina apenas um pouco para a frente, quase ao

mesmo tempo: um piscar paralítico de não movimento, tão sutil que mal valia notar... que com tudo isso, Jean-Guy agora se vê começando — mal reconhecendo *o que* ele faz, muito menos o porquê — a igualar.

Inclinando-se, devagar demais para poder se conter, para deter essa queda no meio do mergulho. Inclinando-se, enquanto as lentes vermelhas do Chevalier se vergam, escorregando inexoravelmente para baixo, para revelar uma pálida beira de cenho, de cílios, de órbitas oculares. E se inclinando ainda mais para ver... abaixo disso...

...primeiro um olho, depois o outro. Puros, mas opacos, apavorantemente vazios. Olhos sem o branco (nem íris, nem pupilas), o mesmo tom de escarlate inexpressivo — da pálpebra inferior à superior — dos óculos que o mascaravam.

Palavras na escuridão vermelha, proferidas quase baixo demais para serem ouvidas; Jean-Guy tem que se esforçar para captá-las, inclinando-se ainda mais para perto. Pondo uma trêmula mão no ombro do Chevalier, para se apoiar, e sentindo-os vibrar sob sua palma, o braço dele, o peito, o coração selvagemmente pulsante: um abraço, interior e secreto, íntimo como uma praga, espremendo-o por entre as costelas, por entre as coxas. E...

...mais fundo.

Diante dele, pairam as próprias mãos do Chevalier, lisas palmas brancas viradas pacientemente para cima. Aquelas longas unhas de pontas pretas. Aquelas palavras vermelhas, traçando a miríade de caminhos de sangue. Sugerindo, delicadamente...

Então seria melhor entregá-la a mim, Cidadão... essa sua pistola. Não seria?

Porque: isso *seria* a coisa certa a se fazer, realmente. Levando tudo em consideração.

Você não acha?

Sim.

Por garantia. Para... guardá-la em segurança.

...exatamente isso, sim.

Que argumentação gentil. Que bom *sensu* insuportável.

Jean-Guy sente sua boca se abrir como se ele fosse protestar, mas ouve apenas o ténue e úmido estalo das articulações de sua mandíbula relaxando num bocejo idiota; ele se observa, impotente, pôr a pistola — coronha para a frente — nas mãos do Chevalier. Ele vê o Chevalier aparentemente piscar, só levemente, em resposta: um não olhar todo vermelho, borrado apenas pelo meneio momentâneo, leitoso e breve como a nictitante membrana de uma cobra.

E...

— Pronto, agora — observou o Chevalier em voz alta. — Isso... deve servir... *muito* melhor a nós dois.

Não deve?

Uma elevação semiformada, uma última tentativa abafada de uma investida, músculos amarrados em si mesmos como algum vira-lata perdido nos estágios finais salpicados de espuma da hidrofobia... e então, sem aviso o Chevalier está nele. Suas bocas se selam, lábios abertos para dentes feito agulhas-osso: o sangue enche a garganta de Jean-Guy, untando o caminho conforme o Chevalier prende com força sua língua tremulante. Suas gengivas queimam como úlceras. Isso é bem menos um beijo e mais uma ferida subitamente aberta, uma artéria cortada e deixada para jorrar.

A pistola cai, esquecida.

O veneno aferroa o coração de Jean-Guy. Ele se engasga com a boca cheia de um frio doloroso e entorpecente, que o leva às raias do sono e à beira do clímax simultaneamente, com a adstringente língua do Chevalier raspando os tecidos inflamados de sua boca, áspera como a de um gato. Ele se vê agarrando em seus braços essa coisa, feito um cão galgo, pelo cabelo bem-arrumado, se ancorando de modo que eles se encaixam um no outro ainda mais firmemente, e sente um banho de talco seco cair ao redor dos rostos de ambos, como a neve suja da cidade; a fita do Chevalier se desamarra, seus cachos laterais esmeradamente anelados se desfazendo feito algas na corrente gelada.

Enquanto isso, no mesmo instante, a lapela mais aparente de seu vívido casaco se abre para trás — hábil como algum truque de um charlatão — para revelar a fria carne branca sob ela: nenhum pulso visível sob seu peitoral liso, o mamilo rijo, mas totalmente sem cor...

...ah, sim, sim, sim...

Jean-Guy sente as mãos do Chevalier — agora como garras — tentear os botões de sua braguilha, libertando-o para erguer-se num estalo nesse terrível brilho vermelho. Então o vê dar um rápido movimento duplo com o polegar pelo sulco, pela dilatada e úmida protuberância de veludo, fazendo a torrente escarlate brotar ao longo da crista uretral mais rápido do que Jean-Guy poderia gritar com a dor horrorizada e surpresa.

Pela morte e o Demônio!

O Chevalier dá um leve sorriso de deleite ante essa visão. Sua boca se escancara feito o reflexo *flehmen* de um gato, saboreando o ar com aroma de abatedouro. Quase babando.

Povo, Revolução, Ser Supremo, por favor...

Lábios se retraindo. Presas se estendendo. Sua cabeça luzidia mergulhando, como se numa profana oração...

...ah, Deus, ah, Jesus, *não*...

...para beber dele.

Mais palavras abafadas de algum modo sobem em ondulações pela hérnia femoral acima da virilha de Jean-Guy, ao mesmo tempo em que ele engole a bile, todo o seu mundo virtuoso reduzindo-se a uma alfinetada de dor impossível, de êxtase inominável e sobrenatural — enquanto ele começa a se atordoar, gozar sangue, apagar:

Ah, Cidadão... não vá me deixar justo agora. Não quando...

...estamos... *tão* perto...

...de encontrar um ao outro, uma vez mais.

Em 1815, enquanto isso:

Jean-Guy ergue o olhar da mancha sanguinolenta, agora se espalhando amplamente sob seus próprios dedos espalmados, para ver... aquela mesma área familiar de umidade e brilhante escarlate ressurgir, feito um grotesco milagre, acima de seu rosto boquiaberto. A mancha da morte de Dumouriez, de alguma forma renovada, como se a parede... o próprio quarto... estivesse sangrando.

O gesso se avermelha, se amacia. Cede para dentro, paradoxalmente, enquanto a parede se salienta para fora. E Jean-Guy observa, paralisado, quando o que há por baixo começa a se projetar, finalmente, através daquela ensopada e vil ruína, igualmente de pó de gesso, cola e hemoglobina — primeiro uma mão, depois a outra, um ombro, depois seu gêmeo. Todo o resto do torso, ainda vestido no mesmo *equipage* de veludo apodrecido, enfiando-se habilmente pelo lodo encharcado e em desintegração... o pescoço branco-verme se retraindo feito cobra, posicionando-se para atacar... o perfil branco-verme virando-se para fora — sua lisa cabeleira ainda coalhada de talco calcificado, seus óculos de vidros vermelhos pendendo descuidadamente tortos — para uma vez mais lançar olhos vazios no caminho de Jean-Guy...

Essa terrível versão fantasma de M., o antigo Chevalier du Predegrace balança sua cabeça parcialmente mumificada, estudando Jean-Guy por debaixo de seus cílios empoeirados. Ele abre a boca, delicadamente, pausa, então tosse um fino cacho branco e franze o cenho para o modo como chamam seus pulmões há muito dormentes. Prendendo seu olhar vermelho pálido no de Jean-Guy. Observando:

— Como mudou terrivelmente, Cidadão. — Uma pausa. — Mas até aí... essa é a inevitável sina da impermanência.

— O Demônio — sussurra Jean-Guy, esquecendo seu ateísmo um dia alardeado.

— Ora, senhor. É um mérito exagerado que atribui a mim.

O Chevalier avança, trazendo com ele uma aba curva e irregular da parede; Jean-Guy a ouve se rasgar durante o movimento, feito uma casca de ferida. O som ressoa em seus ouvidos. Ele põe para cima ambas

as palmas, debilmente, como se um simples gesto pudesse realmente ser suficiente para afastar a culminância — viva? — de meia-vida de visões aterrorizantes.

O Chevalier nota e dá aquele arguto meio sorriso: os dentes ainda brancos, ainda intactos, porém agora se projetando levemente tortos de suas gengivas febrilmente rosadas, como os de um tubarão... mas poderia mesmo haver *mais* deles, após todos esses anos? Afloramento sobre afloramento, empilhados e esperando para serem trocados após a alimentação seguinte, aquela que nunca veio?

Eles quase parecem brilhar, translúcidos feito vidro leitoso. Esperando...

...para serem preenchidos.

— Claro, a pessoa ouve coisas, especialmente dentro das paredes — continua o Chevalier, afastando o gesso com pequenos e fastidiosos movimentos. — Por exemplo: que... salvo por certas instâncias de regicídio... sua alardeada Revolução não deu em nada, no fim das contas. E que, uma vez que um general da Córsega agora comanda um império no lugar da monarquia, velhos terroristas como o senhor devem, portanto, considerar a si mesmos em desesperada necessidade de novas... posições.

As palmas erguidas, molhadas — e vermelhas; sua “reclamação” volta com toda força, pior do que os descartes na pilha de corpos de Dumouriez, tanto tempo atrás. Jean-Guy permanece imerso nela, a cabeça girando, a pele um lustro inteiriço de suor frio e sangue quente misturados — e muito mais sangue do que suor, no cômputo geral. Tanto que ele precisa engoli-lo em grandes bocados, apenas para conseguir falar. Sua voz sai distorcida, lamacenta, *congestionada*.

— Você... — ele diz, com dificuldade. — *Você...* fez isso... comigo...

— Mas é claro, Cidadão Sansterre; mandei a garota para a janela, seduzi-o para que adentrasse meu alcance e deixei minha marca em você, como bem sabe. Como eu...

...*lhe disse*.

Ou... você não se lembra?

Ensopado e genuinamente afluindo com ele, por dentro e por fora: palato, mamilos, virilha. Aquele hematoma em seu pulso formigando em seu interior, se abrindo feito uma flor. O beijo relembrado do Chevalier, lambendo suas veias cheias de veneno frio.

(Se eu não conseguir parar esse sangramento, será meu fim.)

De língua dormente:

— Como fez com Dumouriez.

— Exatamente.

Erguendo uma das mãos de garras para tocar o rosto de Jean-Guy, apenas levemente — uma oblíqua paródia de conforto — fazendo Jean-Guy se arquear para longe, praguejando, como se a mera pressão dos dedos do Chevalier fosse o bastante para atrair primeiro uma gota, então um jorro, da torrente escarlate.

— Malditos sejam seus olhos de *ci-devant!*

— Sim, sim — e disse, mais baixo: — Mas posso fazer isso parar, você sabe.

Eu. E somente eu.

Sedução, depois infecção e então a cura... por um preço. Lealdade até a morte...

...e... depois?

Como Predegrace envolvera Dumouriez, sem dúvida, em algum momento de um passado muito, muito distante — ou será que Dumouriez simplesmente se oferecera em adoração aos pés calçados de vermelho dessa coisa, sem precisar ser aliciado ou logrado numa barganha tão desigual com o Demônio? Se dispondo ao serviço de Predegrace tão gratamente, até satisfatoriamente — tão satisfeito quanto ele seria, com o tempo, a ponto de cortar sua própria garganta para salvar a não vida dessa criatura, ou borrifar sangue fresco por uma parede de gesso molhado para ocultar a coisa que ele havia caçado,

alcovitado e pela qual havia morrido, seguramente sepultada em seu interior?

E para Jean-Guy, um escopo de escolhas igualmente limitado: sangrar tudo de uma vez na sanguinolenta torrente de um instante, e morrer agora, ou viver como um brinquedo, do modo como fez Dumouriez — e morrer *depois*.

Minimamente protegido, talvez até querido; porém, facilmente usado... e também facilmente...

...descartado.

— Pode haver benefícios em tal acordo — pontuou Predegrace, gentilmente.

— Ele se sacrificou por você.

— Como foi solicitado.

— Como você exigiu.

O Chevalier ergue uma delicada sobrancelha, desenhada em gesso descolorido.

— Eu? Eu não exijo nada, Cidadão. Apenas aceito... o que me é oferecido.

— Porque vocês, aristôs, não se dignam a fazer *nada* por vocês mesmos.

— Ah, sem dúvida. Mas até aí, foi por isso que o escolhi: por ser muito mais capaz do que eu, em todos os aspectos. Porque invejei e cobicei sua força, seu idealismo vital. Sua...

...vida.

Jean-Guy sente o olhar do monstro vaguear para cima e para baixo, avaliando-o, lendo-o, como se ele fosse, como...

Roucamente:

— Um... mapa.

O Chevalier suspira e balança a cabeça.

— Um belo passatempo, um dia. Mas seu corpo não mais convida a tais afabilidades, é mesmo uma pena; o senhor tornou-se um pouco

mais... opaco... com a idade, creio eu.

Ele dá mais um passo adiante, ao que Jean-Guy se encolhe; observando-o escorregar no próprio sangue, cair sobre um joelho, a mão tentando impotentemente atrás de um ponto de apoio naquele buraco irregular onde antes havia uma parede.

— O que é você? — ele pergunta. Estremecendo, raivoso, ao ouvir sua própria voz estalar com uma indigna mistura de ódio, medo...

(...anseio?)

O Chevalier pausa, em pleno passo. E responde, após um longo momento:

— Ah. Contudo, essa seria a única pergunta que nenhum de nós pode responder, Cidadão Sansterre... nem mesmo eu, que sei apenas que nasci dessa forma, seja lá que forma esta seja...

Inclinando-se ainda mais para perto. Sussurrando. Palavras turvando-se numa vibração de sangue, e mais baixo, conforme a sentença se aproxima de seu há muito buscado e inevitável desfecho...

— ...assim como você nasceu, como todos os outros que encontro neste terrível mundo nosso, para ostentar minha marca...

...ou ser minha presa.

Com a vista de Jean-Guy se estreitando para abarcar nada mais que aqueles olhos vazios, aquela boca, aqueles *dentes*: sua doença tornada carne, tornada terminal. Seu destino, enterrado fundo demais para tocar ou para nele pensar, até ele ter se escavado para a liberdade mais uma vez.

Mas...

...eu não sou apenas isso, seu maldito, ele pensa, como em resposta igualmente silenciosa, desesperada... não sou só sua presa, seu peão, seu brinquete. Eu era alguém, crescido e alimentado totalmente à parte de sua influência; eu tive uma história, esperança, sonhos. Eu amei meu pai e odiei sua ganância; amei minha mãe e odiei sua escravização. Amei e odiei o que vi de ambos em mim mesmo: minha liberdade inata, minha pele de escravo. Eu me aliei a uma causa que falava de liberdade, só

para acabar afogando a si mesma em sangue. Mas eu sou mais que isso, mais que qualquer coisa que tenha saído disso... mais do que apenas um evento, o pior... e mais determinante... momento de minha vida. Esse único encontro com...

...você.

Preso no mesmo momento pavoroso e sequioso durante doze anos inteiros da vida *real* — até quando ele estava trabalhando em sua terra, amando sua esposa, pranteando-a, pranteando os filhos cujas esperanças morreram com ela. Comandando a plantação de seu pai, decidindo disputas, aprovando casamentos, comparecendo a batismos; observando La Hire definhando e tombar, ficando bêbado em seu funeral, no *Bal*, em seu próprio casamento...

...apenas para ser atraído de volta para cá, finalmente, como algum vira-lata recalcitrante atendendo ao chamado de seu mestre oculto. Para ser reivindicado, por distâncias quase incalculáveis de tempo e espaço, como se ele fosse algum objeto de sua propriedade, algum instrumento, um mero e rastejante...

...escravo.

Marcado como seu. Por você. *Para* você.

Mas... essa era toda a razão de “minha” Revolução, lembra-se Jean-Guy, de repente. Que todos os homens seriam escravos, não importando sua condição, enquanto reis e suas leis governassem irrestritamente. E que devíamos todos, todos nós, independentemente de quão baixo, elevado... ou misturado... fosse nosso nascimento, ou nos erguer, tomar o que era nosso, viver livres...

...ou morrer.

Morrer rapidamente. Morrer puramente. Empreenda sua última resistência agora, Cidadão, enquanto ainda tem força para fazê-lo...

...ou nunca.

— Me ocorre — diz o Chevalier, lentamente — que... depois de tudo isso... ainda não sabemos o primeiro nome um do outro.

Seja como for, Jean-Guy promete a si mesmo, com um último pensamento coerente, *Não vou me permitir implorar*.

Uma fagulha no óleo, a última labareda de seu coração: ele se vira para a porta, cambaleando, apenas para encontrar o Chevalier sobre ele, dobrando-o para trás pelos cabelos.

Ah, não me deixe, Cidadão.

Mas:

— Deixo, *sim* — rosna Jean-Guy, líquido, em resposta. E ouve a risada do Chevalier ressoando em seus ouvidos através de uma gota fresca de sangue, distante como uma campainha de vidro debaixo d'água. Aquela voz respondendo alto, assim como... de outra forma...

— Ohhhh... acho que não.

Eu deixei minha marca em você.

Minha marca. Minha.

Aquela voz em seu ouvido, seu sangue. Aquele cheiro. Seu corpo de traidor, se escancarando ao seu sanguinolento canto da sereia. Aquele halo vermelho inesquecível de lassitude silenciosa mais uma vez assentando sobre ele como uma redoma de vidro, isolando-os juntos:

— Predador, presa, codependentes em potencial.

Esse beijo fatal da Viúva pelo qual ele esperou, em vão, ah, por tanto tempo — o veneno familiar de Predegrace, infiltrando-se pelas veias de Jean-Guy, por seu coração.

Imobilizando-o ali onde estava.

Todo esse... sangue...

Sangue, por todo aquele banho de sangue. A maré da Revolução, enfim, represada com uma oferta feita de seu próprio corpo, sua própria... maldita...

...alma.

Predegrace ergue lábios vermelhos. Ele os limpa, pausa, tosse de novo, mais molhado dessa vez. E pergunta, em voz alta:

— Por favor, Cidadão... que ano é este, exatamente?

— Ano Zero — Jean-Guy sussurra de volta.
E se deixa levar.

[27](#). Assim eram chamadas as semanas de dez dias no Calendário Revolucionário Francês. - N. da T.

[28](#). Expressão que significa “antes”. Utilizada para se referir a uma personalidade da nobreza que foi destituída de seu título ou cargo após a Revolução Francesa. – N. do E.

A BONDOSA LADY DUCAYNE

Mary Elizabeth Braddon

Mary Elizabeth Braddon (1835-1915) foi uma das autoras mais sensacionalistas e de maior vendagem da Era Vitoriana. Embora seu trabalho mais conhecido provavelmente seja *Lady Audley's Secret* (1862), um conto melodramático de loucura e assassinato que levou ao aumento da popularidade da “ficção de sensações”, ela também escreveu dezenas de romances e diversos contos, geralmente de modo anônimo ou sob vários pseudônimos, além de ter editado duas das publicações de John Maxwell, seu marido, a revista mensal *Belgravia*, para mulheres, e o anuário de Natal *The Mistletoe Bough*.

“Se eu pudesse tecer tramas como a Srta. Braddon, eu seria o maior dos escritores de língua inglesa”, escreveu William Makepeace Thackeray, autor de *A Feira das Vaidades*, enquanto Arnold Bennet descreveu-a em 1901 como “parte da Inglaterra”.

Entre os outros livros de Braddon estão *The World, the Flesh and the Devil* (também conhecido como *Gerard*, de 1891), uma variação da lenda de Fausto; e dezoito de suas melhores histórias sobrenaturais foram reunidas pelo editor Richard Dalby em *The Cold Embrace and Other Ghost Stories*, publicado no ano 2000 pela editora Ash-Tree Press.

A história a seguir apareceu originalmente na revista *The Strand Magazine*, apenas um ano antes de Bram Stoker publicar *Drácula*. Foi uma das primeiras histórias a apresentar uma encarnação incomum do morto-vivo, na qual um vampiro não

sobrenatural explora uma relação de dependência com sua vítima. Além disso, tem algumas coisas interessantes a dizer sobre o papel da mulher na sociedade britânica da época...

I

BELLA ROLLESTON HAVIA posto na cabeça que a única chance que tinha de ganhar seu pão e ajudar sua mãe em uma ocasional estabilidade era partindo rumo ao grande mundo desconhecido como acompanhante de uma dama. Ela estava disposta a se estabelecer com qualquer dama rica o bastante para lhe pagar um salário e excêntrica ao ponto de desejar uma companhia contratada. Cinco xelins deduzidos relutantemente de um daqueles soberanos²⁹ que eram tão raros para a mãe e a filha, e que tão rápido se foram, cinco xelins inteiros, entregues a uma senhora elegantemente vestida em um escritório da Rua Harbeck, W., na esperança de que essa mesma Pessoa Elevada encontrasse uma posição e um salário para a Srta. Rolleston.

A Pessoa Elevada passou os olhos pelas duas meias-coroas repousando na mesa onde Bella as havia colocado, para certificar-se de que não se tratava de nenhuma de suas variações, antes de redigir uma descrição das qualificações e requisitos de Bella em um livro-razão de aparência formidável.

— Idade? — perguntou ela sumariamente.

— Dezoito, em julho passado.

— Algum talento?

— Não; não sou de modo algum talentosa. Se o fosse, gostaria de ser governanta... uma acompanhante me parece ser o estágio mais baixo.

— Temos algumas moças altamente talentosas em nossos registros como acompanhantes ou damas de companhia.

— Ah, eu sei! — balbuciou Bella, loquaz no candor de sua juventude. — Mas isso é uma coisa bem diferente. Mamãe não pôde pagar por um piano desde os meus doze anos de idade, então receio ter esquecido como se toca. E tive que ajudá-la com a costura, então não houve muito tempo para os estudos.

— Por favor, não perca tempo com explicações sobre o que não pode fazer, mas faça a gentileza de me dizer qualquer coisa que possa fazer — disse a Pessoa Elevada, devastadoramente, com sua caneta posicionada

delicadamente entre os dedos, esperando para escrever. — Consegue ler em voz alta por duas ou três horas direto? A senhorita é vivaz e jeitosa, acorda cedo, tem disposição para caminhadas, é dócil e prestativa?

— Posso dizer sim a todas essas perguntas, exceto quanto a docilidade. Creio que eu tenha um temperamento bem animado e deveria estar ansiosa em ser prestativa a qualquer um que pague por meus serviços. Gostaria que sentissem que estou realmente fazendo por merecer meu salário.

— O tipo de dama que vem até mim não faz questão de que suas acompanhantes sejam conversadoras — disse a Pessoa severamente, tendo terminado de escrever em seu livro. — Minhas conexões se encontram prioritariamente entre a aristocracia e, nessa classe, espera-se uma deferência considerável.

— Ah, é claro — disse Bella. — Mas é bem diferente quando estou falando com a senhora. Gostaria de contar-lhe tudo a meu respeito de uma só vez.

— Ainda bem que será só uma vez! — murmurou a Pessoa, com a beirada dos lábios.

A Pessoa tinha uma idade indefinida, espremida firmemente em um vestido de seda negra. Tinha uma compleição empoadada e um belo agregado dos cabelos de outra pessoa no topo de sua cabeça. Pode ser que o viço e a vivacidade de menina de Bella tenham tido um efeito irritante sobre os nervos enfraquecidos por jornadas diárias de oito horas, naquele segundo andar excessivamente quente na Rua Harbeck. Para Bella, o apartamento funcional, com seu tapete de Bruxelas, suas cortinas e cadeiras de veludo e seu relógio francês de sonoro tique-taque sobre a cornija de mármore da lareira sugeriam o luxo de um palácio, se comparado a outro segundo andar em Walworth, onde a Sra. Rolleston e sua filha tinham conseguido sobreviver pelos últimos seis anos.

— A senhora acha que tem algo em seus livros que me seria adequado? — hesitou Bella, após uma pausa.

— Ah, querida, não; no momento, não tenho nada em vista — respondeu a Pessoa, que tinha varrido as meias-coroas de Bella para uma gaveta, distraidamente, com as pontas dos dedos. — Entenda, a senhorita é muito imatura... jovem demais para ser acompanhante de uma dama de boa posição. É uma pena que não tenha instrução suficiente para ser governanta de crianças; isso faria mais sua linha.

— E a senhora acha que vai demorar muito até poder me encontrar uma posição? — perguntou Bella, claudicante.

— Não sei mesmo dizer. A senhorita tem alguma razão em particular para estar tão impaciente... não por conta de um caso amoroso, espero eu?

— Um caso amoroso! — exclamou Bella, com as bochechas se inflamando. — Mas que completo disparate. Desejo uma posição porque minha mãe é pobre e odeio ser um fardo para ela. Quero um salário que eu possa partilhar com ela.

— Não haverá muita margem para partilhas no salário que você provavelmente viria a receber em sua idade e com suas maneiras... tão... imaturas — disse a Pessoa, que achava as bochechas, os olhos brilhantes e a vivacidade desenfreada de Bella cada vez mais opressivos.

— Talvez possa ter a gentileza de me devolver a taxa para que eu possa levá-la a uma agência na qual as conexões não sejam tão aristocráticas — ralhou Bella que, como havia dito a mãe em seu relato da entrevista, estava determinada a não se deixar ser posta de lado.

— Não encontrará agência alguma que possa fazer mais por você do que a minha — replicou a Pessoa, cujos dedos de harpia nunca abdicavam de tostões. — Terá que esperar por sua oportunidade. Seu caso é excepcional: mas mantereí você em mente e, se algo adequado for oferecido, eu lhe escreverei. Não posso dizer mais que isso.

O inclinar meio desdenhoso da cabeça altiva, com o peso do cabelo emprestado, indicou o fim da entrevista. Bella voltou para Walworth — pisando firme a cada passo do caminho na tarde de setembro — e “arremedou” a Pessoa Elevada, para a diversão de sua mãe e sua

senhoria, fazendo hora na pequena e rota sala de estar após trazerem a bandeja de chá, para aplaudir o “arremedo” da Srta. Rolleston.

— Ora, ora, mas que parodista ela é! — disse a senhoria. — Deveria deixar que ela se apresentasse nos palcos, mãe. Ela poderia fazer sua fortuna como atriz.

II

Bella esperou e torceu, atenta às batidas na porta do carteiro que havia trazido tamanho suprimento de cartas para os salões e o primeiro andar, e tão poucas para aquele humilde segundo andar, no qual mãe e filha sentavam-se a fiar com a mão, a roda e o pedal, pela maior parte do dia.

A Sra. Rolleston era uma dama de nascença e instrução; mas tivera a má fortuna de casar-se com um patife; durante a última meia dúzia de anos, tinha sido o pior tipo de viúva, uma esposa que foi abandonada pelo marido. Felizmente, ela era corajosa, diligente e uma talentosa costureira, e fora capaz de obter o sustento para ela e para sua única filha, fazendo mantos e capas para uma loja no West End. Não era uma vida de luxos. Habitação barata em uma rua decadente junto à Estrada Walworth, jantares diminutos, comida simples e trajés surrados haviam sido o quinhão de mãe e filha. Mas elas amavam uma a outra tão profundamente, e a Natureza as dotara de um coração tão leve que, de algum modo, ambas tinham logrado serem felizes.

Mas, agora, essa ideia de sair para o mundo como acompanhante de alguma fina dama havia se enraizado na mente de Bella e, embora ela idolatrasse a mãe, e a tão necessária separação de mãe e filha despedaçasse dois corações amorosos, a moça ansiava por empreitadas, por mudanças e empolgação, como os pajens de outrora ansiavam em ser cavaleiros e partir para as Terras Sagradas, para com suas lanças digladiarem-se contra os infíéis.

Ela acabou se cansando de correr escada abaixo todas as vezes em que o carteiro batia, apenas para ouvir “nada para a senhorita”, dito pelo servente de rosto borrado que recolhia as cartas do chão do corredor.

— Nada para a senhorita — sorriu o servente da pensão, até que, afinal, Bella fez das tripas coração e caminhou até a Rua Harbeck e perguntou a Pessoa Elevada como podia ser que nenhuma posição tivesse sido encontrada para ela.

— A senhorita é jovem demais — disse a Pessoa — e quer um salário.

— É claro que quero — respondeu Bella. — As outras pessoas não querem salários?

— Jovens moças de sua idade geralmente querem uma casa confortável.

— Eu, não — disparou Bella. — Quero ajudar mamãe.

— Pode me visitar novamente daqui a uma semana, a contar de hoje — disse a Pessoa. — Ou, se eu souber de algo nesse meio-tempo, escrevo para a senhorita.

Nenhuma carta da Pessoa chegou e, exatamente em uma semana, Bella pôs seu melhor chapéu, aquele que raras vezes havia tomado chuva, e marchou até a Rua Harbeck.

Era uma tarde enfadonha de outubro e havia um acinzentado no ar, que poderia se tornar uma névoa antes do anoitecer. As lojas da Estrada Walworth reluziam brilhosas pela atmosfera cinza e, embora tais vitrines pudessem ser indignas do vislumbre de uma jovem criada em Mayfair ou Belgravia, para Bella, eram um estímulo à tentação. Havia tantas coisas pelas quais ela ansiava e nunca seria capaz de comprar.

A Rua Harbeck tende a estar vazia nesta estação morta do ano, uma rua longa, muito longa, uma infinita perspectiva de casas eminentemente respeitáveis. O escritório da Pessoa era na ponta mais distante e Bella percorreu com o olhar aquela longa e cinzenta vista, quase se desesperando, mais cansada que o normal pela caminhada desde Walworth. Enquanto olhava, uma carruagem passou por ela, um coche de gala amarelo e antiquado, com molas de lâmina em forma de “c”, puxado por um par de cavalos altos e cinzentos, com o mais majestoso dos cocheiros conduzindo-os e um lacaios alto sentado ao seu lado. *Parece a carruagem da fada madrinha*, pensou Bella. *Não me admiraria se, no princípio, ela tivesse sido uma abóbora.*

Foi uma surpresa quando ela chegou à porta da Pessoa e encontrou o coche amarelo parado diante dela, com o lacaios alto esperando próximo

à soleira. Ela quase teve medo de entrar e encontrar o proprietário daquela esplêndida carruagem. Havia tido apenas um vislumbre de seu ocupante quando passou, um barrete emplumado, um fragmento de arminho.

O esperto pajem da Pessoa conduziu-a escada acima e bateu na porta do escritório.

— Srta. Rolleston — anunciou ele, apologeticamente, enquanto Bella esperava do lado de fora.

— Mande-a entrar — disse a Pessoa, rapidamente; e então Bella ouviu-a murmurando algo em voz baixa ao seu cliente.

Bella entrou como a imagem viva, viçosa e florescente da juventude e da esperança e, antes que fitasse a Pessoa, seu olhar se cravou na proprietária da carruagem.

Ela nunca tinha visto ninguém tão velho quanto a senhora sentada diante da lareira da Pessoa: uma pequena figura envelhecida, enrolada do queixo aos pés em um manto de arminho; um rosto velho e enrugado sob um barrete emplumado — um rosto tão gasto pela idade que parecia ser apenas um par de olhos e um queixo macilento. O nariz era macilento também, mas entre o queixo pontiagudo e os olhos grandes e brilhantes, o pequeno nariz aquilino mal era visível.

— Esta é a Srta. Rolleston, Lady Ducayne.

Dedos feito garras, reluzindo com suas joias, ergueram uns óculos de lentes duplas aos brilhantes olhos negros de Lady Ducayne e, através deles, Bella viu aqueles olhos atipicamente brilhantes ampliados a um tamanho gigantesco, encarando-a terrivelmente.

— A Srta. Torpinter me contou tudo a seu respeito — disse a velha voz que pertencia aos olhos. — A senhorita tem boa saúde? É forte e ativa, capaz de comer bem, dormir bem, caminhar bem, capaz de apreciar tudo que há de bom na vida?

— Nunca soube o que era estar doente ou ociosa — respondeu Bella.

— Então, creio que a senhorita há de me servir.

— No caso de as referências serem perfeitamente satisfatórias, é claro — pontuou a Pessoa.

— Não quero referências. A jovem parece franca e inocente. Vou aceitá-la com base na confiança.

— Tão de seu feitio, cara Lady Ducayne — murmurou a Srta. Torpinter.

— Quero uma jovem forte, cuja saúde não me dê problemas.

— A senhora tem sido muito infeliz nesse aspecto — rumorejou a Pessoa, cuja voz e modos foram subjugados por uma enternecedora doçura ante a presença da velha mulher.

— Sim, tenho sido um tanto azarada — grunhiu Lady Ducayne.

— Mas estou certa de que a Srta. Rolleston não vai desapontá-la, embora certamente depois de sua desagradável experiência com a Srta. Tomson, que parecia o retrato da saúde... e a Srta. Blandy, que disse nunca ter visto um médico após ter sido vacinada...

— Mentiras, sem dúvida — murmurou Lady Ducayne e então, virando-se para Bella, perguntou, sumariamente —, não se importa de passar o inverno na Itália, suponho eu?

Na Itália! Só a palavra já era mágica. O rubor tornou escarlate o jovem e formoso rosto de Bella.

— O sonho de minha vida era conhecer a Itália — ela ofegou.

De Walworth para a Itália! Quão distante, quão impossível tal jornada parecia àquela romântica sonhadora.

— Bom, seu sonho vai se realizar. Prepare-se para deixar Charing Cross no trem de luxo neste mesmo dia da semana que vem, às onze. Certifique-se de chegar à estação quinze minutos antes da hora. Meu pessoal vai procurar a senhorita e sua bagagem.

Lady Ducayne levantou-se da cadeira, auxiliada por sua muleta, e a Srta. Torpinter acompanhou-a até a porta.

— E com relação ao salário? — perguntou a Pessoa no caminho.

— Salário, ah, o mesmo de sempre... e, se a jovem quiser um adiantamento pelo primeiro trimestre, pode me escrever pedindo um cheque — respondeu Lady Ducayne despreocupadamente.

A Srta. Torpinter foi até o fim das escadas com sua cliente e esperou até que ela estivesse sentada no coche amarelo. Quando subiu novamente, estava levemente sem fôlego e tinha retomado os modos superiores que Bella havia considerado tão opressivos.

— Pode se considerar singularmente sortuda, Srta. Rolleston — ela disse. — Tenho dezenas de jovens em meus livros que poderia ter recomendado para essa posição... mas me lembrei de que havia lhe dito para voltar esta tarde... e pensei em lhe dar esta chance. A velha Lady Ducayne é uma das melhores pessoas em meus livros. Ela paga cem libras por ano a suas acompanhantes e cobre todas as despesas de viagem. A senhorita viverá cercada de luxo.

— Cem libras por ano! É adorável por demais! Devo me vestir muito suntuosamente? Lady Ducayne tem muitas companhias?

— Na idade dela! Não, ela vive reclusa... em seu próprio apartamento... com sua criada francesa, seu laçao, seu auxiliar médico e seu mensageiro.

— Por que as outras acompanhantes a deixaram? — perguntou Bella.

— Tiveram colapsos de saúde!

— Pobrezinhas, e então tiveram que partir?

— Sim, tiveram que partir. Suponho que gostaria do adiantamento do salário de um trimestre?

— Ah, sim, por favor. Há coisas que precisarei comprar.

— Muito bem, escreverei pedindo o cheque a Lady Ducayne e lhe enviarei o saldo restante... após deduzir minha comissão anual.

— É verdade, eu havia esquecido sua comissão.

— Não acha que mantenho esse escritório por prazer.

— É claro que não — murmurou Bella, lembrando-se da taxa de admissão de cinco xelins; mas quem poderia esperar cem libras por ano e um inverno na Itália por cinco xelins?

III

Da Srta. Rolleston, em Cap Ferrino, para a Sra. Rolleston, na Rua Beresford, Walworth.

Como queria que a senhora pudesse ver este lugar, queridíssima; o céu azul, as oliveiras, os pomares de laranjeiras e limoeiros entre os penhascos e o mar — abrigando-se nos vazios das grandes colinas — e com as ondas de verão dançando ao subir pelas estreitas reentrâncias de seixos e ervas daninhas, que são a ideia italiana de uma praia! Ah, como queria que a senhora pudesse ver tudo, mamãe querida, e se refestelar na luz do sol, que torna tão difícil crer na data no topo desta página. Novembro! O ar é como o de junho na Inglaterra — o sol é tão quente que não consigo andar alguns metros sem uma sombrinha. E pensar na senhora em Walworth, enquanto estou aqui! Poderia chorar ao pensar que talvez a senhora nunca veja este adorável litoral, este mar esplêndido, estas flores de verão que florescem no inverno. Há uma sebe de gerânios rosados sob minha janela, mamãe — uma sebe espessa e luxuriante, como se as flores tivessem brotado sozinhas — e há rosas gloire de dijon subindo pelos arcos e paliçadas por toda a extensão do terraço, um roseiral plenamente florido em novembro! Imagine só tudo isso! A senhora não pode nem imaginar o luxo deste hotel. É praticamente novo e foi construído e decorado sem medir despesas. Os estofados de nossos quartos são de seda azul clara, o que destaca a compleição de pergaminho de Lady Ducayne; mas, como ela passa o dia todo sentada no canto da sacada, tomando banho de sol, exceto quando está em sua carruagem, e todas as noites em sua poltrona junto à lareira, nunca vendo ninguém além de seu próprio pessoal, sua compleição importa muito pouco.

Ela tem os mais belos aposentos conjugados de todo o hotel. O meu quarto é dentro do dela, o mais adorável dos quartos — todo em cetim azul e rendas brancas — móveis brancos laqueados, espelhos em todas as paredes, ao ponto de eu conhecer meu atrevido perfil como nunca conheci antes. O quarto, na verdade, deveria ser o vestiário de Lady

Ducayne, mas ela ordenou que um dos sofás de cetim azul fosse arrumado como uma cama para mim — a mais bela das pequeninas camas, que posso empurrar para junto da janela em manhãs ensolaradas, uma vez que ela possui rodízios e é facilmente deslocada. Me sinto como se Lady Ducayne fosse uma velha avó engraçada que, de repente, apareceu em minha vida, muito, muito rica, e muito, muito gentil.

Ela não é nada exigente. Leio em voz alta para ela um bocado e ela cochila, com a cabeça pendendo. Às vezes, ouço-a gemer durante o sono, como se ela tivesse sonhos importunos. Quando ela se cansa de minha leitura, ordena que Francine, sua criada, leia um romance francês para ela e eu escuto seus risinhos e gemidos aqui e ali, como se estivesse mais interessada nesses livros do que em Dickens ou Scott. Meu francês não é bom o suficiente para acompanhar Francine, que é muito rápida. Tenho uma boa dose de liberdade, pois Lady Ducayne frequentemente me diz para dar aos calcanhares e ir me divertir; vago pelas colinas por horas. É tudo tão adorável. Eu me perco por entre as oliveiras, sempre subindo e subindo em direção aos pinheiros lá em cima — e, acima dos pinheiros, há os picos nevados que mostram apenas seus cumes brancos sobre as colinas escuras. Ah, minha pobrezinha, como posso eu fazê-la entender como é este lugar — a senhora, cujos pobres olhos cansados têm apenas o lado oposto da Rua Beresford? Às vezes, não vou mais longe do que o terraço em frente ao hotel, que é o local de relaxamento favorito de todos. Os jardins ficam logo abaixo, e as quadras de tênis onde, às vezes, jogo com uma moça muito gentil, a única pessoa no hotel com quem fiz amizade. Ela é um ano mais velha do que eu e veio a Cap Ferrino com seu irmão, um médico — ou um estudante de medicina, que vai se tornar médico. Ele foi aprovado no exame do bacharelado em medicina em Edimburgo logo antes de os dois deixarem sua casa, Lotta assim me contou. Ele veio para a Itália unicamente por conta da irmã. Ela teve um incômodo acesso no peito no último verão e ordenaram que passasse o inverno no exterior. Eles são órfãos, totalmente sós no mundo, e muito afeiçoados

um ao outro. É muito bom para mim ter uma amiga como Lotta. Ela é profundamente respeitável. Não consigo evitar usar essa palavra, pois algumas das moças neste hotel se comportam de um modo que sei que faria a senhora estremecer. Lotta foi criada por uma tia, no interior distante do país, e mal sabe das coisas da vida. Seu irmão não permite que ela leia romances, franceses ou ingleses, que ele já não tenha lido e aprovado.

“Ele me trata como uma criança”, ela me disse, “mas não me importo, porque é bom saber que alguém me ama e se importa com o que faço, até mesmo com o que penso.” Talvez seja isso que deixe algumas moças tão ávidas para se casar — o desejo por alguém forte, corajoso, honesto e sincero, que cuide delas e lhes diga o que fazer. Eu não quero ninguém, querida mamãe, pois tenho a senhora, que é meu mundo. Nenhum marido algum dia ficará entre nós duas. Se algum dia eu vier a me casar, ele teria apenas o segundo lugar em meu coração. Mas não creio que um dia eu venha a me casar, ou mesmo saber o que é receber uma proposta de casamento. Nenhum jovem tem condições de bancar um casamento com uma moça sem tostão algum, hoje em dia. A vida é cara demais.

O Sr. Stafford, irmão de Lotta, é muito inteligente e muito gentil. Ele crê que é um tanto duro eu ter que viver com uma mulher tão idosa quanto Lady Ducayne, mas até aí, ele não sabe o quanto somos pobres — a senhora e eu — e que maravilha de vida esta me parece, neste lugar adorável. Sinto-me uma egoísta miserável por desfrutar de todos os meus luxos enquanto a senhora, que os deseja tão mais que eu, não tem nenhum — mal sabe como eles são, não é, amada? — pois o biltre de meu pai começou a apostar nos cães logo depois de seu casamento e, desde então, a vida para a senhora tem sido só problemas, preocupação e luta.

Esta carta foi escrita quando Bella estava há menos de um mês em Cap Ferrino, antes de a novidade da paisagem ter se desgastado e antes de ela começar a se empanzinar do prazer de seus luxuosos arredores.

Ela escrevia toda semana para sua mãe, cartas longas como só as que moças que viveram em companhia próxima apenas da mãe podem escrever; cartas que são como um diário da mente e do coração. Ela escrevia sempre alegremente; mas, quando o novo ano começou, a Sra. Rolleston achou ter detectado uma nota de melancolia sob todos aqueles detalhes vívidos a respeito do lugar e das pessoas.

Minha pobre menina está ficando com saudades de casa, ela pensou. Seu coração está na Rua Beresford.

Poderia ser que ela sentisse falta de sua nova amiga e companheira, Lotta Stafford, que partira com seu irmão para um pequeno giro por Génova e Spezia, indo ainda mais longe, para Pisa. Deveriam estar de volta antes de fevereiro; mas, nesse meio-tempo, Bella haveria de se sentir muito solitária entre todos aqueles estranhos, cujos modos e atitudes ela havia descrito tão bem.

O instinto materno havia se mostrado acertado. Bella não estava tão feliz quanto naquele primeiro afluxo de fascínio e deleite que se seguiu à sua mudança de Walworth para a Riviera. De algum modo, ela não sabia como, uma lassitude havia sorrateiramente se achegado a ela. Não mais amava escalar as colinas, não mais brandia seu cajado laranja com o coração pleno de satisfação, enquanto seus pés leves saltavam sobre o solo escarpado e a grama áspera ao pé da montanha. O odor de alecrim e tomilho, o hálito fresco do mar, não mais a tomavam de enlevo. Ela pensava na Rua Beresford e no rosto de sua mãe, doente de saudade. Elas estavam tão... distantes! E então, ela pensava em Lady Ducayne, sentada junto às toras de oliveira empilhadas no salão excessivamente quente; pensava naquele encarquilhado perfil de quebra-nozes³⁰ e naqueles olhos brilhantes com um horror invencível.

Os visitantes do hotel haviam dito a ela que o ar de Cap Ferrino era relaxante, mais adequado aos idosos que à juventude, mais à doença que à saúde. Sem dúvida, assim o era. Ela não estava tão bem quanto havia estado em Walworth; mas disse a si mesma que estava sofrendo apenas da dor da separação da querida companhia de sua infância, a mãe que

havia sido sua ama, sua irmã, sua amiga, sua adúladora, todas as coisas neste mundo para ela. Tinha derramado muitas lágrimas por essa separação, passado um tanto de horas melancólicas no terraço de mármore, com olhos sequiosos fitando o oeste, e com aquilo que mais desejava a mil quilômetros dali.

Ela estava sentada em seu lugar favorito, um canto na ponta leste do terraço, um pequeno e tranquilo recesso abrigado pelas laranjeiras, quando ouviu um par de *habitués* da Riviera conversando no jardim logo abaixo. Estavam sentados em um banco junto a parede do terraço.

Ela não teve intenção alguma de escutar a conversa, até que o som do nome de Lady Ducayne a atraiu e então escutou sem nenhuma intenção de transgressão. Eles não estavam trocando segredos, apenas falando casualmente a respeito de uma frequentadora do hotel.

Eram duas pessoas idosas que Bella conhecia apenas de vista. Um clérigo inglês que durante metade de sua vida havia passado seus invernos no exterior; e uma solteirona robusta, tranquila e próspera, sua bronquite crônica a obrigava a imigrar anualmente.

— Eu a encontrei pela Itália nos últimos dez anos — disse a senhora —, mas nunca descobri sua verdadeira idade.

— Eu daria a ela cem anos... nem um a menos — respondeu o pároco. — Suas reminiscências todas remontam à Regência. Ela então estava, evidentemente, em seu apogeu; e já a ouvi dizer coisas que mostram que ela já era da sociedade parisiense quando o Primeiro Império estava no auge... antes de Josephine se divorciar.

— Ela não fala muito agora.

— Não... não resta muita vida nela; é sábio de sua parte se manter reclusa. Só me pergunto como aquele velho charlatão perverso, seu médico italiano, não deu cabo dela anos atrás.

— Eu pensaria que é o contrário e que ele a mantém viva.

— Minha cara Srta. Manders, acha que o charlatanismo estrangeiro algum dia manteve alguém vivo?

— Bem, aqui está ela... e ela nunca vai a lugar nenhum sem ele. Seu semblante é certamente desagradável.

— Desagradável — ecoou o pároco. — Creio que nem o abominável demônio em pessoa possa vencê-lo em feiura. Tenho pena daquela pobre jovem que tem que viver entre a velha Lady Ducayne e o Dr. Parravicini.

— Mas a velha senhora é muito boa para suas acompanhantes.

— Sem dúvida. Ela é muito generosa com seu dinheiro; os servos a chamam de a bondosa Lady Ducayne. Ela é como uma versão feminina, velha e murcha de Creso; sabe que nunca poderá esgotar seu dinheiro e não lhe agrada a ideia de outras pessoas desfrutando dele enquanto ela está no caixão. Gente que vive até ficar tão velha quanto ela se torna abjetamente apegada à vida. Ouso dizer que ela é generosa com essas pobres moças... mas é incapaz de fazê-las felizes. Elas morrem em seu serviço.

— Não diga “elas”, Sr. Carton; sei que aquela pobre moça morreu em Mentone, na primavera passada.

— Sim, e outra pobre moça morreu em Roma há três anos. Eu estava lá na época. A bondosa Lady Ducayne deixou-a lá, com uma família inglesa. A moça tinha todo conforto. A velha era bastante generosa com ela... mas ela morreu. Estou dizendo, Srta. Manders, não é bom para jovem alguma viver com dois horrores tamanhos quanto Lady Ducayne e Parravicini.

A dupla conversou sobre outras coisas, às quais Bella mal escutou. Ela se sentou imóvel e um vento frio pareceu descer sobre ela das montanhas e a avançar lentamente vindo do mar, até estremecer ali sentada sob o sol, ao abrigo das laranjeiras em meio a toda beleza e claridade.

Sim, eles eram atípicos, certamente, todos os dois — ela, tão parecida com uma bruxa aristocrática em sua velhice encarquilhada; ele, de nenhuma idade em particular, com um rosto que mais estava para uma máscara de cera do que para qualquer semblante humano que Bella

já tivesse visto. De que importava? A velhice é venerável e digna de toda reverência; e Lady Ducayne havia sido muito gentil com ela. O Dr. Parravicini era alguém estudioso, inócuo e inofensivo, que raramente erguia o olhar do livro que estava lendo. Ele tinha sua sala de estar particular, na qual havia feito experimentos de química e ciência natural — talvez em alquimia. De que isso importava a Bella? Ele sempre havia sido educado com ela, de seu modo distante. Ela não podia estar mais satisfatoriamente colocada do que estava — naquele hotel palaciano, com aquela rica senhora.

Sem dúvida, sentia falta da moça inglesa que havia sido tão amistosa, e poderia ser que sentisse falta do irmão da moça, pois o Sr. Stafford havia conversado bastante com ela; havia se interessado pelos livros que a jovem estava lendo e pela maneira como ela se divertia sozinha quando não estava em serviço.

— Precisa vir à nossa saleta quando estiver “liberada”, como dizem as enfermeiras do hospital, e podemos desfrutar de um pouco de música. Sem dúvida, a senhorita toca e canta? — Ao que Bella teve que admitir, com um rubor de vergonha, que há eras havia se esquecido de como tocar piano.

— Mamãe e eu costumávamos cantar em dueto ao poente, às vezes, sem acompanhamento — ela disse, e as lágrimas lhe vieram aos olhos ante a lembrança do quarto humilde, a meia hora de trégua do trabalho, a máquina de costura no lugar onde poderia ter estado o piano e a voz plangente de sua mãe, tão doce, tão sincera, tão querida.

Às vezes, ela se pegava pensando se algum dia veria sua amada mãe novamente. Estranhos agouros lhe vinham à mente. Ela ficava com raiva de si mesma por ter dado espaço a pensamentos melancólicos.

Um dia, perguntou à criada francesa de Lady Ducayne sobre aquelas duas acompanhantes que morreram em menos de três anos.

— Elas eram criaturas pobres e frágeis — Francine disse a ela. — Pareciam viçosas e radiantes o bastante quando vieram até Milady; mas comiam demais e eram preguiçosas. Morreram de luxo e ócio. Milady

era boa demais com elas. Não tinham nada para fazer; e então passaram a imaginar coisas; imaginavam que o ar não lhes era adequado, que não conseguiam dormir.

— Eu durmo bem o bastante, mas tive um sonho estranho várias vezes, desde que cheguei à Itália.

— Ah, é melhor a senhorita não começar a pensar em sonhos ou vai ficar como as outras moças. Elas também eram dadas a sonhos... e de tanto sonhar, acabaram no cemitério.

O sonho a incomodava um pouco, não porque fosse lúgubre ou assustador, mas devido a sensações que ela nunca havia tido antes no sono; um zumbido de rodas circulando seu cérebro, um barulho alto, feito um redemoinho, mas ritmado tal qual o tique-taque de um gigantesco relógio: e então, em meio a esse alvoroço semelhante a ventos e ondas, ela parecia afundar em um golfo de inconsciência, saindo desse sono para um ainda mais profundo — a total extinção. Depois desse intervalo vazio, vinha o som de vozes e, então, mais uma vez, o zumbido das rodas, cada vez mais alto — e mais uma vez o vazio — e ela nada mais sabia até de manhã, quando despertava, sentindo-se lânguida e aflita.

Um dia, contou seu sonho ao Dr. Parravicini, na única ocasião em que quis seus conselhos profissionais. Ela havia sofrido um tanto severamente com os mosquitos antes do Natal, e ficou quase assustada ao descobrir um ferimento em seu braço que podia atribuir unicamente à venenosa picada de um desses torturadores. Parravicini pôs seus óculos e escrutinizou a raivosa marca no braço roliço e branco, enquanto Bella se postava diante dele e de Lady Ducayne com sua manga enrolada até acima do cotovelo.

— Sim, isso é bem mais do que uma bobagem — disse. — Ele a pegou bem em cima de uma veia. Mas que vampiro! Mas não há mal algum, *signorina*, nada que um pequeno curativo meu não cure. Deve sempre me mostrar qualquer mordida desta natureza. Pode ser perigoso,

se negligenciado. Essas criaturas se alimentam de veneno e o disseminam.

— E pensar que criaturas tão pequeninas podem dar mordidas como essa — disse Bella. — Parece que meu braço foi cortado a faca.

— Se eu mostrasse à senhorita uma picada de mosquito sob meu microscópio, não ficaria surpresa com isso — respondeu Parravicini.

Bella teve que suportar as mordidas de mosquito, mesmo quando elas vinham por cima de uma veia e produziam aquele ferimento horrível. A ferida era recorrente aqui e ali em intervalos longos, e Bella encontrou no curativo do Dr. Parravicini uma cura rápida. Se ele fosse o charlatão que seus inimigos afirmavam, ao menos tinha a mão leve e um toque delicado para realizar aquela pequena operação.

Bella Rolleston para a Sra. Rolleston — 14 de abril

MINHA ETERNA QUERIDÍSSIMA,

Contemple o cheque do salário de meu segundo trimestre — vinte e cinco libras.

Não há ninguém para pinçar um só tenner³¹ relativo a um ano de comissão, como houve da última vez, então é todo seu, querida mãe. Tenho em minhas mãos dinheiro reserva o suficiente, daquele que trouxe comigo quando a senhora insistiu que eu guardasse mais do que gostaria. É impossível gastar dinheiro aqui, exceto em ocasionais gorjetas aos funcionários ou trocados aos pedintes e às crianças, a menos que a pessoa tenha muito para gastar, pois tudo que alguém gostaria de comprar — cascos de tartaruga, corais, rendas — é tão ridiculamente precioso que só um milionário poderia ter em conta. A Itália é um sonho de beleza; mas, para as compras, levem-me a Newington Causeway.

A senhora me pergunta tão sinceramente se estou mesmo bem que temo que minhas cartas tenham sido muito enfadonhas, ultimamente. Sim, amada, estou bem — mas não estou tão forte como quando costumava atravessar o West End para comprar meia libra de chá, só para dar um breve passeio, ou quando ia até Dulwich para olhar para as pinturas. A Itália é relaxante e me sinto como o que as pessoas aqui chamam de “indolente”. Mas já posso ver seu rosto amado parecendo preocupado enquanto lê isto. De fato, e efetivamente, não estou doente. Estou apenas um pouco cansada deste cenário adorável — como suponho que alguém deva se cansar de olhar para uma das pinturas de Turner se ela estiver pendurada em uma parede para a qual esse alguém estivesse sempre de frente. Penso na senhora em cada hora do dia — na senhora e em nosso simples quatinho — nossa saletinha surrada, com as poltronas caindo aos pedaços de nossa velha casa, e Dick cantando em sua gaiola sobre a máquina de costura. O querido, estridente, enlouquecedor Dick que, como nós nos gabávamos, é tão apaixonadamente afeiçoado a nós. Diga-me em sua próxima carta se ele está bem.

Minha amiga Lotta e seu irmão nem chegaram a voltar, afinal. Eles foram de Pisa a Roma. Felizes mortais! E estarão nos lagos italianos em maio; qual lago ainda não estava decidido da última vez em que Lotta me escreveu. Ela tem sido uma correspondente encantadora e me confidenciou todos os seus pequenos flertes. Na semana que vem, iremos todos a Bellagio — por Génova e Milão. Não é adorável? Lady Ducayne viaja pelos mais leves estágios — exceto quando está engarrafada no trem de luxo. Devemos parar por dois dias em Génova e um em Milão. Que tédio eu serei para a senhora com minha conversa sobre a Itália quando voltar para casa.

*Com amor, muito amor — e ainda mais amor,
de sua veneradora, BELLA.*

IV

Herbert Stafford e sua irmã conversavam com frequência sobre a bela moça inglesa de compleição viçosa, que concedia um tão agradável toque de cor rosada entre todos aqueles rostos amarelados no Grand Hotel. O jovem médico pensava nela com uma ternura compassiva — sua completa solidão no grande hotel onde havia tantas pessoas, seu elo com aquela mulher tão, tão velha, onde todo o resto estava livre para não pensar em nada além de aproveitar a vida. Era uma dura sina; e a pobre criança era evidentemente devotada a sua mãe e sentia a dor da separação — *só as duas, muito pobres, e o mundo todo uma da outra*, ele pensou.

Lotta disse a ele, certa manhã, que eles se encontrariam novamente em Bellaggio.

— A coisa velha e sua corte chegarão lá antes de nós — disse ela. — Ficarei encantada em ver Bella novamente. Ela é tão inteligente e alegre... apesar de um toque ocasional de saudades de casa. Nunca criei relações com uma moça tão rápido quanto criei com ela.

— Gosto mais dela quando está com saudades de casa — afirmou Herbert —, pois aí tenho certeza de que ela tem um coração.

— O que você tem a ver com corações, exceto sua dissecação? Não esqueça de que Bella é absolutamente paupérrima. Ela me disse em segredo que sua mãe faz mantos para uma loja no West End. É difícil estar num patamar mais baixo do que esse.

— Eu não a teria em menor conta se sua mãe fizesse caixas de fósforo.

— Não abstratamente... é claro que não. Caixas de fósforo são um trabalho honesto. Mas você não poderia se casar com uma moça cuja mãe faz mantos.

— Ainda não chegamos à consideração dessa questão — respondeu Herbert, que gostava de provocar sua irmã.

Em dois anos de prática hospitalar, ele tinha visto muito da sinistra realidade da vida para manter qualquer preconceito a respeito de posição social. O câncer, a tuberculose, a gangrena deixam em um homem pouco respeito pelas diferenças externas que variam no casco da humanidade. A polpa é sempre a mesma — temerosa e maravilhosamente constituída —, matéria para a pena e o terror.

O Sr. Stafford e sua irmã chegaram a Bellaggio em uma bela tarde de maio. O sol estava se pondo quando o vapor chegou ao píer; e toda aquela glória e radiância púrpura que cobrem cada muro nesta época do ano se ruborizaram e se aprofundaram naquela luz brilhante. Um grupo de damas estava de pé no píer, observando as chegadas, e entre elas Herbert viu um rosto pálido que o sobressaltou para além de sua habitual compostura.

— Lá está ela — murmurou Lotta, junto do cotovelo dele —, mas como está pavorosamente mudada. Ela está um caco.

Eles estavam apertando a mão dela alguns minutos depois e um rubor havia iluminado seu pobre rosto lívido diante do prazer do encontro.

— Achei que poderiam chegar esta noite — disse ela. — Estamos aqui há uma semana.

Ela não acrescentou que esteve ali todas as noites para ver o barco chegar, e um bom par de vezes durante o dia. O Grand Bretagne ficava ali perto e era fácil escapular sorrateiramente para o píer quando o apito do barco soava. Sentiu um júbilo ao reencontrar essas pessoas; uma sensação de estar entre amigos; uma confiança que Lady Ducayne nunca havia inspirado nela.

— Ah, minha pobre querida, como deve ter estado terrivelmente doente — exclamou Lotta quando as duas moças se abraçaram.

Bella tentou responder, mas sua voz se engasgou com as lágrimas.

— Qual o problema, querida? Aquela horrível gripe, suponho eu?

— Não, não, não estive doente... só tenho me sentido um pouco mais fraca do que costumava ser. Creio que não me dei muito bem com os

ares de Cap Ferrino.

— Parece ter se dado abominavelmente mal. Nunca vi tamanha mudança em alguém. Deixe Herbert examiná-la. Ele é totalmente qualificado, você sabe. Ele fez tantas prescrições para os pacientes de gripe no hospital em Londres. Eles ficaram felizes em receber conselhos de um médico inglês de maneira amigável.

— Estou certa de que ele deve ser muito inteligente! — hesitou Bella. — Mas não há mesmo nada com que se preocupar. Não estou doente e, se estivesse, o médico de Lady Ducayne...

— Aquele homem pavoroso de rosto amarelo? Eu preferiria me consultar com um dos Bórgias. Espero que não esteja tomando algum dos remédios dele.

— Não, querida, não tomei nada. Nunca reclamei de estar doente.

Isso foi dito enquanto os três caminhavam até o hotel. Os quartos dos Stafford haviam sido reservados com antecedência, belos quartos no andar térreo, abrindo-se para o jardim. Os pomposos aposentos de Lady Ducayne ficavam no andar de cima.

— Creio que esses quartos sejam logo abaixo dos nossos — disse Bella.

— Então, será ainda mais fácil vir correndo até nós — respondeu Lotta, o que não era exatamente o caso, uma vez que a grandiosa escadaria ficava no centro do hotel.

— Ah, hei de achar fácil o bastante — comentou Bella. — Receio que terão bastante de minha companhia. Lady Ducayne dorme metade do dia neste clima quente, então, tenho uma boa quantidade de tempo ocioso; e fico terrivelmente enfadada pensando em mamãe e em minha casa.

Sua voz feneceu ante a última palavra. Era impossível ela pensar com maior ternura naquela pobre pensão que atendia pelo nome de lar, ainda que fosse ela o que de mais lindo a arte e a riqueza já houvessem criado. Ela se enfadava e se consumia naquele adorável jardim, com o lago iluminado pelo sol e as românticas colinas estendendo sua beleza

diante dela. Tinha saudades de casa e sonhava: ou melhor, uma ocasional recorrência daquele pesadelo em específico com todas as suas estranhas sensações — era mais uma alucinação do que um sonho — o zumbido das rodas; o afundamento em um abismo; a luta para voltar à consciência. Ela tivera o sonho pouco antes de deixar Cap Ferrino, mas não desde que haviam chegado a Bellagio, e começou a esperar que o ar desse distrito lacustre a fizesse melhor e que aquelas estranhas sensações nunca retornassem.

O Sr. Stafford lhe fez uma prescrição e mandou que fosse preparada no químico próximo ao hotel. Era um poderoso tônico e, depois de duas garrafas e alguns passeios de barco no lago, e de algumas perambulações pelas colinas e pelos prados, onde as flores da primavera faziam a terra parecer o paraíso, a disposição e a aparência de Bella melhoraram como se por mágica.

— É um tônico maravilhoso — ela falou, mas talvez, no fundo de seu coração, soubesse que a voz gentil e a mão amistosa do médico que a ajudava a entrar e a sair do barco, e o vigilante cuidado que a acompanhava por terra e pelo lago, tivessem algo a ver com sua cura.

— Espero que não esqueça que a mãe dela faz mantos — disse Lotta, em advertência.

— Ou caixas de fósforo: são a mesma coisa, até onde me diz respeito.

— Quer dizer que em circunstância alguma pensaria em casar-se com ela?

— Digo que se um dia amar uma mulher o bastante para pensar em casar-me com ela, riquezas e posições sociais de nada contarão para mim. Mas receio... receio que sua pobre amiga possa não sobreviver para ser esposa de homem algum.

— Acha que ela está assim tão doente?

Ele suspirou e deixou essa pergunta sem resposta.

Um dia, quando estavam colhendo jacintos selvagens em um planalto no prado, Bella contou ao Sr. Stafford sobre seu pesadelo.

— É curioso somente porque dificilmente se parece com um sonho — ela disse. — Ouso dizer que o senhor não possa achar qualquer explicação para ele no senso comum. A posição da minha cabeça no travesseiro, a atmosfera ou algo assim.

E então, ela descreveu as sensações; como no meio do sono surgia um senso súbito de sufocamento; a seguir aquele zumbido das rodas tão alto, tão terrível; e depois um vazio e então a volta à consciência desperta.

— Alguém já deu clorofórmio à senhorita... um dentista, por exemplo?

— Nunca... o Dr. Parravicini me fez essa pergunta, um dia.

— Recentemente?

— Não, há muito tempo, quando estávamos no trem de luxo.

— O Dr. Parravicini prescreveu algo para a senhorita desde que começou a se sentir fraca e adoentada?

— Ah, ele me dava um tônico de tempos em tempos, mas odeio remédios e tomei bem pouco daquela coisa. Mas eu não estou doente, apenas mais fraca do que costumava ser. Eu era ridiculamente forte e bem-disposta quando morava em Walworth e costumava fazer longas caminhadas todos os dias. Mamãe me fazia dar essas pernadas até Dulwich e Norwood, por medo de que eu sofresse com o excesso da máquina de costura; às vezes... mas muito raramente... ela me acompanhava. Ela em geral estava labutando em casa enquanto eu desfrutava do ar fresco e do exercício. E ela era muito cuidadosa com nossa alimentação... que, por mais simples que fosse, devia ser sempre nutritiva e suficiente. Devo aos cuidados dela ter crescido uma criatura tão grande e forte.

— Agora não parece nem grande nem forte, minha pobre querida — disse Lotta.

— Receio que a Itália não me faça bem.

— Talvez não tenha sido a Itália, mas estar confinada com Lady Ducayne que a deixou doente.

— Mas não estou confinada nunca. Lady Ducayne é absurdamente gentil e me deixa vagar por aí ou sentar na sacada o dia todo, se eu quiser. Desde que estou com ela, já li mais romances do que em todo o resto da minha vida.

— Então, ela é muito diferente das senhoras idosas em geral, que costumam ser umas feitoras — disse Stafford. — Eu me pergunto por que ela carrega uma acompanhante consigo se tem tão pouca necessidade de socialização.

— Ah, sou apenas parte de sua condição. Ela é descomedidamente rica... e o salário que ela me paga não conta. Quanto ao Dr. Parravicini, sei que ele é um médico inteligente, pois ele cura minhas horrendas mordidas de mosquito.

— Um pouco de amônia bastaria para isso, nos estágios iniciais do dano. Mas não há mosquitos para perturbá-la agora.

— Oh, há sim, fui mordida logo antes de deixarmos Cap Ferrino. — Ela ergueu a manga de fino algodão folgado e exibiu uma cicatriz, que ele escrutinizou atentamente, com um olhar surpreso e intrigado.

— Isto não é uma picada de mosquito — afirmou ele.

— Ah, é sim... a menos que haja cobras ou víboras em Cap Ferrino.

— Não é mordida alguma. A senhorita está de banalidades comigo. Srta. Rolleston... a senhorita permitiu que aquele miserável patife italiano lhe fizesse uma sangria. O maior homem da Europa Moderna foi morto dessa forma, lembre-se. Que insensatez de sua parte.

— Eu nunca fui sangrada em toda a minha vida, Sr. Stafford.

— Absurdo! Deixe-me ver seu outro braço. Há mais alguma picada de mosquito?

— Sim. O Dr. Parravicini diz que minha pele cicatriza mal e que o veneno age mais virulentamente comigo do que com a maioria das pessoas.

Stafford examinou os dois braços dela sob a plena luz do sol, cicatrizes novas e antigas.

— A senhorita foi muito gravemente picada, Srta. Rolleston — disse ele —, e se algum dia eu encontrar o mosquito, hei de lhe dar uma boa lição. Mas agora me conte, minha cara, por sua palavra de honra, me conte como contaria a uma amiga que está sinceramente apreensiva por sua saúde e sua felicidade... como diria à sua mãe se ela estivesse aqui para perguntar... a senhorita não tem conhecimento de causa alguma para estas cicatrizes, exceto picadas de mosquito... nem mesmo alguma suspeita?

— Realmente não! Por minha honra, não! Nunca vi um mosquito picando meu braço. Ninguém nunca vê esses demoniozinhos terríveis. Mas já os ouvi zumbindo sob as cortinas e sei que com frequência tenho um desses pestilentos miseráveis zumbindo ao meu redor.

Mais tarde, naquele dia, Bella e seus amigos estavam sentados no jardim para o chá, enquanto Lady Ducayne dava seu passeio da tarde com seu médico.

— Quanto tempo pretende passar com Lady Ducayne, Srta. Rolleston? — perguntou Herbert Stafford após um ponderado silêncio, interrompendo subitamente a conversa trivial das duas moças.

— Enquanto ela continuar me pagando vinte e cinco libras por trimestre.

— Mesmo que sinta sua saúde se esvaindo enquanto está a serviço dela?

— Não foi o serviço que prejudicou minha saúde. O senhor pode ver que não tenho realmente nada para fazer... ler em voz alta por cerca de uma hora, uma ou duas vezes por semana; escrever uma carta de vez em quando para um negociante em Londres. Nunca tive um período de tanta tranquilidade com mais ninguém. E ninguém mais me pegaria cem libras por ano.

— Então, pretende continuar até que tenha um colapso; até morrer em seu posto?

— Como as outras duas acompanhantes? Não! Se em algum momento eu me sentir seriamente doente... realmente doente... me

ponho num trem e volto para Walworth sem paradas.

— E quanto às outras duas acompanhantes?

— Ambas morreram. Foi muita falta de sorte de Lady Ducayne. Foi por isso que ela me empregou; ela me escolheu porque eu era corada e robusta. Deve estar um tanto enojada por eu ter ficado pálida e fraca. A propósito, quando contei a ela sobre o bem que seu tônico me fez, ela disse que gostaria de vê-lo e ter uma breve conversa com o senhor sobre seu próprio caso.

— E eu gostaria de encontrar Lady Ducayne. Quando ela disse isso?

— Antes de ontem.

— Pode perguntar-lhe se ela me receberia esta noite?

— Com prazer. Eu me pergunto o que o senhor achará dela. Ela parece bem terrível para um estranho; mas o Dr. Parravicini diz que ela um dia foi uma notória beldade.

Eram quase dez horas quando o Sr. Stafford foi convocado por uma mensagem de Lady Ducayne, cujo mensageiro apareceu para conduzi-lo até o salão de sua senhoria. Bella estava lendo em voz alta quando o visitante foi recebido; e ele notou o langor no tom baixo e doce, o esforço evidente.

— Feche o livro — disse a velha voz rabugenta. — Está começando a arrastar a fala, igual a Srta. Blandy.

Stafford viu uma figura pequena e encurvada, inclinando-se sobre as toras de oliveira empilhadas; uma velha figura encolhida, com um belo vestuário de bordados pretos e vermelhos, uma garganta magricela emergindo de uma massa de desgastadas rendas venezianas, entrelaçadas por diamantes que reluziam como vaga-lumes conforme a velha cabeça trêmula se virava em direção a ele.

Os olhos que o fitaram naquele rosto eram quase tão brilhantes quanto os diamantes — a única característica viva naquela exígua máscara de papel pergaminho. Ele já havia visto rostos terríveis no hospital, nos quais a doença havia deixado marcas pavorosas, mas nunca tinha visto um rosto que o impressionara tão dolorosamente como esse

semblante encarquilhado, com seu indescritível horror de morte vencida, um rosto que devia ter sido escondido sob a tampa de um caixão há muitos e muitos anos.

O médico italiano estava de pé no outro lado da lareira, fumando um cigarro e olhando para a pequenina velha ensimesmada junto ao fogo, como se estivesse orgulhoso dela.

— Boa noite, Sr. Stafford; pode ir para seu quarto, Bella. Vá escrever aquela eterna carta para sua mãe em Walworth — disse Lady Ducayne. — Creio que ela escreve uma página sobre cada flor do campo que descobre nas matas e prados. Não sei o que mais encontra para poder escrever a respeito — ela acrescentou, enquanto Bella silenciosamente se retirava para o belo e pequeno quarto que se abria nos espaçosos aposentos de Lady Ducayne. Ali, assim como em Cap Ferrino, ela dormia em um quarto adjacente ao da velha senhora.

— Soube que é um homem da medicina, Sr. Stafford.

— Sou um clínico qualificado, mas ainda não comecei a clinicar.

— Pois começou com minha acompanhante, assim ela me disse.

— Eu prescrevi para ela, certamente, e fico contente em descobrir que minha prescrição lhe fez bem; mas vejo essa melhora como sendo temporária. O caso dela necessitará de tratamento mais drástico.

— Não ligue para o caso dela. Não há problema algum com a moça... absolutamente nada... exceto disparates juvenis; liberdade demais e trabalho de menos.

— Soube que duas de suas acompanhantes anteriores morreram da mesma doença — disse Stafford, olhando primeiro para Lady Ducayne, que deu um impaciente sacolejo com sua velha cabeça trêmula, e então para Parravicini, cuja tez amarela havia empalidecido um pouco sob o escrutínio de Stafford.

— Não me apoquente com relação a minhas acompanhantes, senhor — alertou Lady Ducayne. — Mandei buscá-lo para me consultar com o senhor... não para falar de um lote de meninas anêmicas. O senhor é

jovem e a medicina é uma ciência progressiva, assim me dizem os jornais. Onde o senhor estudou?

— Em Edimburgo... e em Paris.

— Duas boas universidades. E o senhor conhece todas aquelas teorias modernas, as descobertas contemporâneas... que nos fazem lembrar da bruxaria medieval, de Albertus Magnus e de George Ripley? O senhor estudou hipnose... eletricidade?

— E a transfusão de sangue — disse Stafford, muito lentamente, olhando para Parravicini.

— O senhor fez alguma descoberta que ensine a prolongar a vida humana... algum elixir... alguma forma de tratamento? Quero prolongar minha vida, meu jovem. Aquele homem ali tem sido meu médico por trinta anos. Ele faz tudo que pode para me manter viva... conforme seu conhecimento. Ele estuda todas as novas teorias de todos os cientistas... mas está velho; fica mais velho a cada dia... sua capacidade mental está se esvaindo... ele é intolerante... preconceituoso... não consegue captar novas ideias... não se apega a novos sistemas. Ele me deixará morrer se eu não ficar de olho nele.

— A senhora é de uma ingratidão inacreditável, Ecclezenza — ralhou Parravicini.

— Ah, não precisa reclamar. Já lhe paguei aos milhares para me manter viva. Cada ano de minha vida inchou mais suas reservas; sabe que nada irá para você quando eu me for. Toda a minha fortuna será deixada para manter um lar para mulheres indigentes e de distinção que tenham chegado ao seu nonagésimo ano. Vamos, Sr. Stafford, sou uma mulher rica. Dê-me mais alguns anos sob o sol, mais alguns anos sobre o chão, e darei ao senhor o valor de um moderno consultório em Londres... vou estabelecê-lo no West End.

— Quantos anos a senhora tem, Lady Ducayne?

— Eu nasci no dia em que Luís XVI foi guilhotinado.

— Então, creio que a senhora já teve seu justo quinhão de luz do sol e dos prazeres da terra, e que devia passar o restante de seus dias em

penitência por seus pecados e tentando expiar as jovens vidas que foram sacrificadas por seu amor à existência.

— O que quer dizer com isto, senhor?

— Ah, Lady Ducayne, preciso verbalizar com todas as palavras a sua perversidade e a perversidade ainda maior de seu médico? A pobre moça que está agora empregada pela senhora foi reduzida da robusta saúde à condição de perigo absoluto pela cirurgia experimental do Dr. Parravicini; e não tenho dúvidas de que aquelas outras duas jovens que entraram em colapso estando a seu serviço foram tratadas por ele da mesma maneira. Eu poderia me responsabilizar por demonstrar... pelas mais convincentes evidências, para um júri de homens da medicina... que o Dr. Parravicini tem feito sangrias na Srta. Rolleston, após sedá-la com clorofórmio, em intervalos, desde que ela foi trazida aos seus serviços. A deterioração da saúde da moça fala por si só; as marcas de bisturi nos braços da moça são inconfundíveis; e sua descrição de uma série de sensações, que ela chama de sonhos, apontam indubitavelmente para a administração de clorofórmio enquanto ela estava dormindo. Uma prática tão nefasta, tão homicida, deve, caso seja exposta, resultar em uma sentença menos severa apenas que a punição por assassinato.

— Eu rio — disse Parravicini, com um movimento no ar de seus dedos magros. — Eu rio de pronto de suas teorias e ameaças. Eu, Parravicini Leopold, não tenho medo de que a lei possa questionar algo do que fiz.

— Leve a moça embora e não me deixe nunca mais saber dela — gritou Lady Ducayne com sua voz velha e aguda, que tão insuficientemente se igualava à energia e ao fogo da velha mente perversa que guiava suas elocuições. — Deixe que ela volte para a mãe... não quero mais moças para morrerem ao meu serviço. Há moças que dão e sobram neste mundo, Deus sabe.

— Se a senhora algum dia empregar outra acompanhante... ou tomar outra moça inglesa em seu serviço, Lady Ducayne, farei toda a Inglaterra estremecer com a história de sua perversidade.

— Não quero mais moças. Não acredito nos experimentos dele. Eles têm sido tão plenos de perigo para mim quanto para a moça... uma bolha de ar e eu poderia ter ido embora. Não aceitarei mais sua charlatanice perigosa. Vou encontrar um homem melhor... um homem melhor que o senhor, um descobridor como Pasteur, ou Virchow, um gênio... para me manter viva. Leve sua moça embora, meu jovem. Case com ela, se desejar. Vou lhe fazer um cheque de mil libras e deixá-la ir para que viva de bife e cerveja, tornando-se forte e rotunda novamente. Não aceitarei mais esses experimentos. Está ouvindo, Parravicini? — ela gritou, vingativamente, o rosto amarelo e enrugado contorcido de fúria, fuzilando-o com os olhos.

Os Stafford levaram Bella Rolleston para Varese no dia seguinte, ela muito relutante por deixar Lady Ducayne, cujo salário generoso bancara tamanho auxílio para sua querida mãe. Herbert Stafford insistiu, porém, tratando Bella tão tranquilamente quanto se fosse o médico da família e ela tivesse sido entregue inteiramente aos seus cuidados.

— Acha que sua mãe deixaria que ficasse aqui para morrer? — ele perguntou. — Se a Sra. Rolleston soubesse o quanto está doente, viria rápida como um raio para buscá-la.

— Nunca estarei bem novamente até voltar para Walworth — respondeu Bella, que estava desalentada e propensa às lágrimas naquela manhã, uma recaída após o bom humor do dia anterior.

— Antes, vamos passar uma semana ou duas em Varese — disse Stafford. — Quando puder subir até a metade do Monte Generoso sem palpitações, voltará para Walworth.

— Pobre mamãe, como ficará feliz em me ver, e como ficará sentida por eu ter perdido uma posição tão boa.

Essa conversa se desenrolou no barco quando eles estavam deixando Bellaggio. Lotta havia ido ao quarto da amiga às sete horas daquela manhã, bem antes de as pálpebras murchas de Lady Ducayne se abrirem para a luz do dia, antes até mesmo de Francine, a criada francesa, estar

de pé, e ajudou-a a aprontar uma valise de couro com o essencial e apressou Bella escada abaixo e porta afora, antes que ela pudesse oferecer qualquer resistência enérgica.

— Está tudo bem — Lotta garantiu a ela. — Herbert teve uma boa conversa com Lady Ducayne na noite passada e ficou acordado que você partiria nesta manhã. Ela não gosta de inválidos, você sabe.

— Não — suspirou Bella —, ela não gosta de inválidos. Foi muito azar o dela eu entrar em colapso, como a Srta. Tomson e a Srta. Blandy.

— De todo modo, você não está morta, como elas — respondeu Lotta —, e meu irmão diz que você não vai morrer.

Parecia algo um tanto pavoroso ser dispensada daquela forma casual, sem nem uma palavra de adeus de sua empregadora.

— Me pergunto o que a Srta. Torpinter dirá quando eu a procurar em busca de outra posição — especulou Bella pesarosamente, enquanto ela e seus amigos tomavam café da manhã a bordo do vapor.

— Talvez a senhorita nunca mais queira outra posição — disse Stafford.

— Quer dizer que posso nunca mais estar bem o bastante para ser útil a alguém?

— Não, não quis dizer nada do gênero.

Foi após o jantar em Varese, quando Bella foi induzida a tomar uma taça inteira de Chianti e estava um tanto radiante por aquele estimulante infrequente, que o Sr. Stafford retirou uma carta de seu bolso.

— Esqueci de lhe entregar a carta de *adieu* de Lady Ducayne — disse ele.

— O que, ela me escreveu? Fico tão feliz... detestei deixá-la de maneira tão fria; pois, afinal de contas, ela foi muito gentil comigo e, se eu não gostava dela, era apenas por ser tão pavorosamente velha.

Ela rasgou o envelope para abri-lo. A carta era curta e direta:

Adeus, criança. Vá se casar com seu médico. Em anexo, um presente de despedida para seu enxoval.

ADELINE DUCAYNE

— Cem libras, um ano inteiro de salário... não... ora, é de... um cheque de mil! — gritou Bella. — Que velha alma generosa! Ela é mesmo uma velha muito querida.

— Ela apenas sentiu falta de agradecer você, Bella — disse Stafford.

Ele havia passado a usar o primeiro nome dela quando eles estavam a bordo do barco. Parecia natural, agora que ela estava sob sua responsabilidade até os três voltarem à Inglaterra.

— Vou me imbuir dos privilégios de um irmão mais velho até chegarmos em Dover — afirmou. — Depois disso... bom, será como desejar.

A questão de suas futuras relações deve ter sido satisfatoriamente resolvida antes de eles cruzarem o Canal, pois a carta seguinte de Bella à mãe comunicava três fatos espantosos.

Primeiro, que o cheque em anexo de mil libras deveria ser investido em ações de debêntures em nome da Sra. Rolleston e que seriam sua principal renda própria pelo resto de sua vida.

A seguir, que Bella estava indo para a casa em Walworth imediatamente.

E, por último, que ela se casaria com o Sr. Herbert Stafford no outono seguinte.

E estou certa de que vai adorá-lo, mamãe, tanto quanto eu, escreveu Bella. Foi tudo obra da bondosa Lady Ducayne. Eu nunca poderia ter me casado se não tivesse garantido esse pequeno pé-de-meia para a senhora. Herbert diz que seremos capazes de incrementá-lo com o passar dos anos e que, seja lá onde moremos, sempre haverá lugar em nossa casa para a senhora. A palavra “sogra” não causa terror a ele.

[29](#). Antiga moeda de uma libra esterlina, cunhada atualmente apenas para fins comemorativos. - N. da T.

[30](#). Costuma-se chamar vulgarmente de *nutcracker face* uma deformidade facial em que o nariz e o queixo parecem apontar um para o outro. - N. da T.

[31](#). Forma coloquial de se referir à nota de dez libras. - N. do E.

ALMOÇO NO CHARON'S

Melanie Tem

Melanie Tem (1949-2015) recebeu o prêmio Icarus, da British Fantasy Society, como Estreante Mais Promissora de 1992. Seus contos foram reunidos em *The Ice Downstream* e *Singularities*, enquanto *In Concert* e *Imagination Box*, vencedor do prêmio Bram Stoker, apresentavam colaborações de seu marido, o escritor Steve Rasnic Tem.

O casal também trabalhou junto na novela *The Man on the Ceiling*, vencedora de vários prêmios, que eles posteriormente expandiram para um romance, seguido de outro chamado *Daughters*. Entre as obras assinadas apenas por Tem, estão *Prodigal* (também vencedora do prêmio Bram Stoker) *Blood Moon*, *The Wilding*, *Revenant*, *Desmodus*, *Tides*, *Black River*, *Slain in the Spirit*, *The Deceiver*, *The Yellow Wood* e duas colaborações com Nancy Holder, *Making Love* e *Witch-Light*.

Sobre *Almoço no Charon's*, a autora explicou: “Tenho uma amiga de oitenta e três anos e as pessoas esperam que ela fique lisonjeada quando dizem que ela não aparenta sua idade. Tenho uma amiga de vinte e cinco que chora por causa do primeiro pé de galinha no canto do olho. E tenho um amigo de sessenta que diz que seu corpo o traiu, porque está desacelerando. Dificilmente alguém quer chamar a morte das sombras e fazer amizade com ela.”

“Tudo isso tem algo a ver com o mito do vampiro, creio eu, e também algo a ver com a gênese desta história.”



AMY ALGHIERI ESTÁ morta.

Já são três de quatro. Restando apenas eu.

Soube de Amy na academia, hoje pela manhã. Ela não malhava, é óbvio... mas ela e minha *personal trainer*, Vonda, eram próximas; Amy havia sido professora de física de Vonda na universidade e uma amizade havia florescido. “Um derrame fulminante”, ela me disse, do nada, mantendo um olhar crítico em meus exercícios. Ela estava na mercearia quando simplesmente desabou. A bebê estava no carrinho de compras.

Arrepios me percorreram, como sempre acontecia quando ficava sabendo de algo assim; como podemos nos proteger de raios em um céu limpo? Lembrar a mim mesma de que o que acontecera com Amy podia não ser tão aleatório como parecia só tornava meu horror ainda mais complicado.

— Meu Deus — arfei, mantendo rigorosamente o ritmo das roscas bíceps e da respiração que as sustentava —, que coisa horrível.

— Vamos lá, Madyson, foco. Empurra.

Meu nome de batismo é uma alcunha antiquada e *démodé*, comum entre as mulheres da minha geração. Eu penso em Madyson como o nome que adotei. Madyson... jovem, vivaz, mais apropriado a alguém na casa dos vinte do que se aproximando dos cinquenta, para combinar com o corpo que adotei e, presumivelmente, com a alma que adotei. Eu gosto de como ele soa, de sua aparência no papel. Gosto do y. Gosto do que ele projeta a meu respeito.

Obedeci ao comando de Vonda e consegui estender meus braços mais dez vezes com os pesos, mais pesados do que qualquer um que eu já tinha usado, firmes em minhas mãos. A queimação em meus ombros e peitorais era gratificante. Entre as inspirações e expirações controladas, eu disse:

— Que terrível.

Vonda se pronunciou, me olhando criticamente, tentando fazer seu trabalho, mas, agora vejo, trêmula e exausta. A essa altura dos exercícios, ela geralmente me dava tanto instruções quanto

encorajamento; embora eu tenha entendido, é claro, porque ela não o havia feito naquela manhã. Vi-me dedicando-me ainda mais, esforçando-me mais, indo um pouco além dos objetivos que ela tinha estabelecido pra mim, na esperança de chamar a sua atenção. Não era tanto a aprovação dela que almejava, era mais a reafirmação... de que eu era forte e saudável, que estava bonita, que estava fazendo tudo que podia.

— Ela morreu antes mesmo dos paramédicos chegarem.

— Uau — estremei e acrescentei, com toda sinceridade —, isso é realmente trágico.

— A gente nunca pensa em alguém na casa dos quarenta tendo um derrame.

— Acontece — eu disse cuidadosamente, levantando do colchonete.

Vonda me deu um rápido abraço com um braço só, o equivalente a homens batendo nas bundas uns dos outros.

— Certo, pode ir pra sauna agora.

Ela se virou pra me trocar por alguém que precisava da sua orientação, mas eu a impedi, inquirindo desavergonhadamente:

— E aí, como eu fui?

Tive que me contentar com um distraído, um pouco impaciente:

— Bem, Madyson. Você foi bem. — Ela me deu um aceno indiferente e atravessou a academia a passos largos. Fiquei fuzilando-a com os olhos, contrariada e ofendida, me apaziguando com o pensamento rancoroso de que o único interesse que eu tinha numa relação com essa jovem ágil e autossuficiente era o que poderia obter dela. No vestiário, me despi, notando com prazer a firmeza de meus novos seios e a rigidez da minha bunda, me refestelando com os avaliativos olhares de soslaio das outras mulheres e pensando na última vez em que tinha visto Amy.

Nos encontramos para almoçar no Charon's e dizer adeus a Kit. Nós meio que não reconhecemos isso. Dissemos que era porque Denise estava na cidade e nós quatro não nos encontrávamos desde que ela

havia se mudado pra Austin. Mesmo quando Amy me ligou para organizarmos tudo, ela não disse: “Esta pode ser nossa última chance de ver Kit”.

Denise e eu tínhamos pegado uma mesa na janela e vi o Beemer de Kit encostar, seu marido ao volante. Ele estacionou na vaga para deficientes junto à entrada e deu a volta pra ajudar Kit a sair; ela não tinha nem aberto a porta. Levou longos minutos para que ela manobrasse pra se pôr de pé e, apoiando-se em Jerry e visivelmente desequilibrada, mais longos minutos antes que eles conseguissem entrar no restaurante. Quando alguns dias antes passei a tarde na casa dela, eu a sentia em meus braços como se sua consistência fosse de papel, feito uma flor de origami; seus dedos nos meus ombros, porém, tinham sido enervantemente fortes, o aperto de quem já vê a morte. Seus ossos pareciam prestes a quebrar sob minha massagem bem suave, mas ela suspirou, dizendo o quanto era bom; fascinada por sua completa ausência de pelos, eu esfreguei suas pernas por um longo tempo, gentilmente, invejando sua incrível suavidade, tentada a encostar meu rosto em sua panturrilha.

Kit nunca havia sido bela, mas sua natureza exuberante a tinha tornado muito atraente para várias pessoas. Nós nos conhecemos no ano em que ambas fizemos quarenta e três. Ela tinha acabado de começar a esquiar e estava aprendendo sapateado com tamancos. Meus seios tinham começado a cair e minha lombar doía mais frequentemente do que não doía. Fazíamos ioga juntas. Começamos a praticar entre as aulas na casa dela ou na minha. Quando ajudávamos uma à outra com as poses... o braço dela contra a curva das minhas costas, minhas mãos nos tornozelos e nos joelhos dela... primeiro fiquei admirada, depois absorvida, então drenava a energia que precisava. Eu sabia que o coração dela estava falhando cerca de cinco anos antes que ela soubesse.

Denise não havia comentado minha aparência para além de um genérico, “Oi, Madyson! Que bom vê-la! Você tá ótima!”, enquanto dávamos um abraço de “oi”, o tipo de coisa que mulheres dizem uma à

outra por hábito, dificilmente com algum referencial real. A maioria das pessoas se surpreende com o quanto pareço jovem; Denise não disse nada a esse respeito. Ela não parecia jovem. Ela aparentava nossa idade. Forte e saudável, tenho que admitir, mas uns quinze quilos acima do ideal que eu havia estabelecido e com rugas e cabelos grisalhos dos quais poderia ser fácil se livrar. Quanto mais eu vivo, menos entendo mulheres como ela. Elas me dão calafrios.

— Olha a Kit ali — eu disse.

— Onde?

— De turbante vermelho.

— Meu Deus. — Fez-se uma pausa enquanto observávamos Kit flutuar pela curta distância até a porta. Ela mal parecia tocar o chão. — Ela tá bem doente mesmo, não tá? Ela tá mesmo morrendo. — A voz dela feneceu.

Por um instante, Denise escondeu os olhos. Notei as unhas atarracadas, limpas e revestidas de esmalte transparente, mas inteiramente funcionais, as unhas de uma mãe e avó de meia-idade que cozinhava, limpava, cuidava do jardim, brincava e botava suas mãos para trabalhar em várias outras coisas. Sua falta de consciência sobre as próprias mãos me enojava e procurei consolo em meus próprios dedos delgados, macios e repletos de anéis de bom gosto, sobre meu copo de chá gelado. Para meu horror, o esmalte no polegar direito tinha uma lasca minúscula, mas perfeitamente óbvia, e no anelar esquerdo a cutícula não estava feita perfeitamente. Durante o resto do almoço, fiz todo o possível para não chamar a atenção para minhas mãos, que geralmente eram um dos meus melhores atributos; eu teria que fazer uma ligação de emergência para minha manicure assim que chegasse em casa, já que obviamente não poderia esperar por meu horário semanal fixo.

— Que choque vê-la assim — disse Denise. — Você esteve com ela durante todo o processo, então já deve estar quase acostumada, mas não imaginei isso. O que vou dizer pra ela?

Amy apareceu por trás de Kit e pôs um braço grosso ao redor da fina cintura dela. Sempre no campo dos rechonchudos, Amy tinha ganhado ainda mais peso desde a última vez em que eu a tinha visto. Talvez não pudesse ser considerada obesa em qualquer sentido clínico e ela certamente não era desleixada; seu vestido turquesa era bonito e o penteado *chignon* solto acentuava sua pele impecável e seus maravilhosos olhos verdes. Mas ela estava gorda. O contraste entre elas era de tirar o fôlego: Kit translúcida, etérea, deteriorada; Amy, substancial até demais.

Sob a mesa, descansei minhas mãos sobre minha própria barriga reta, murmurando para Denise:

— Acho que eu me mataria se tivesse uma aparência dessas. — Denise olhou pra mim como se isso fosse algo bizarro de se dizer.

Quando Kit e Amy se aproximaram da mesa, Denise se pôs de pé num pulo, sorrindo e exclamando excessivamente entusiasmada:

— Oi! Amy! Kit! Que coisa boa, ver vocês! Vocês tão ótimas! — Ela abraçou Kit primeiro, muito gentilmente, e puxou uma cadeira pra ela. Depois de acomodar Kit na cadeira, Amy abraçou Denise; pelo ângulo rijo do torso de Amy, achei que ela estava fazendo um grande esforço para não comprometer seu cabelo, sua maquiagem ou suas roupas em prol de simples contato humano, e minha estima por ela se elevou alguns tons. Denise, por outro lado, abraçou-a ferozmente e passou o resto do almoço com um dos lados do cabelo desalinhado. Como alguma mulher podia ligar tão pouco para sua aparência está além da minha compreensão. Eu sorri pra Kit e toquei seu pulso esquelético. Eu realmente gostava dela. — Oi — eu disse suavemente, sob o estardalhaço que Denise estava fazendo. — Como vai você, meu bem?

As outras já tinham se sentado antes que Kit pudesse reunir forças para responder:

— Estou cansada, Madyson. Não me resta muito. Estou quase no fim.

Sem sobrancelhas ou cílios, suas expressões faciais eram quase impossíveis de interpretar, mas achei que ela olhou para mim, naquela hora, como se suspeitasse de algo, por mais improvável que fosse. A culpa irrompeu e fez meu estômago revirar, seguida pelo terror que nunca está muito distante. A mortalidade, ou seja, a morte, sentou-se conosco à mesa e eu apressadamente pedi licença e me levantei. Enquanto passava por Kit, toquei sua nuca fria em um gesto de amor e desculpas, gratidão e adeus.

O Charon's tem um banheiro feminino realmente notável. Na espaçosa antessala há espelhos triplos que começam no chão, um longo balcão com lenços, chumaços de algodão e espelhos individuais, dispensadores de loções e limpadores adstringentes, pequenas bisnagas de antiestáticos, laquê, polidor de unhas e uma máquina de vendas contendo vários frascos individuais de perfume a um preço por onça tão exorbitante quanto se fossem fragrâncias francesas. As filas do banheiro feminino do Charon's geralmente passavam da porta.

Naquele dia, apenas duas ou três outras mulheres estavam na minha frente e, enquanto esperava, fiz um balanço. Eu havia feito uma checagem em casa, é claro, como parte de minha rotina matinal, e mais uma vez na academia, mas garantir nunca é demais. Sob o disfarce de estar ajeitando minhas roupas, me certifiquei de que o trabalho na barriga, nos seios e nos glúteos estava se sustentando. As coxas sob a minissaia de couro estavam firmes e livres de varizes. Não havia tecidos flácidos na parte de trás dos meus braços, nenhum pé de galinha nos cantos dos meus olhos ou da boca. Toda a pele exposta, da qual havia uma porção considerável, estava retesada e hidratada. Meu cabelo tinha um belo movimento com suas mechas simples, joviais e com o comprimento nos ombros que meu cabeleireiro havia recomendado, suas luzes exímias criando a aura exata de iluminação e leveza ao redor do meu rosto. Embora ainda não estivesse inteiramente satisfeita com meus lábios e meu nariz, minhas sobrancelhas tinham o arco perfeito e meus seios finalmente eram do tamanho e do formato que eu queria.

Mas, enquanto eu me observava em cada espelho e combinação de espelhos possíveis, vi a morte avançando. Vi meus órgãos envelhecendo, meu cabelo embranquecendo e se afinando, a pele de meus cotovelos se enrugando feito fruta seca. Vi o passo de caranguejo da deterioração que avançava.

O esforço necessário para manter tudo isso a distância... cada dia, um procedimento, um amigo de cada vez... era descomunal. Eu mal conseguia fazer qualquer outra coisa. Quando estava voltando à mesa de minhas amigas e percebi Kit assentindo tenuemente a algo que Amy estava dizendo, me dei conta de que havia fantasiado que, durante o tempo em que estive ausente, ela pudesse ter se esvaído; ao mesmo tempo, estivera esperando que ela estivesse disponível pra mim por mais um tempinho. O amor por ela me trouxe lágrimas aos olhos; com cuidado, para não borrar meu rímel, enxuguei-as com batidinhas. Estava na cara que agora Kit estava muito além de meu alcance. Então, com pena, mas sem hesitação, voltei minha atenção para outro lugar.

Denise fez uma farta refeição, incluindo sobremesa. Amy e eu comemos saladas. A conversa foi tensa; era difícil iniciar um diálogo seguro com Kit entre nós. Falar sobre o futuro, mesmo a semana seguinte, parecia mórbido. Falar sobre o presente fazia da doença de Kit o elefante sobre a mesa que ninguém havia mencionado, mas do qual ninguém conseguia esquecer. Falar de nosso passado compartilhado nos lembrava do que não tínhamos mais. Kit não participou muito da conversa e, embora tenha pedido algo, ela não comeu, apenas deu um gole na água aqui e ali, lentamente e com muito cuidado.

Denise estava envolvida em uma lembrança um pouco desvairada de sua recente expedição, escalando os picos do Colorado.

— Nada mau para uma avó de cinquenta e um anos, hein? — ela se vangloriou, mais de uma vez. Amy parecia cada vez mais pesarosa. Acho que por isso Denise estava desesperada para preencher o silêncio, para falar sobre qualquer outra coisa além do elefante, mas eu me

permiti acreditar em partes que sua insensibilidade apenas justificava o que estava prestes a fazer.

Parei atrás dela e pus minhas mãos em seus ombros. Ela entendeu como um aviso, o que em parte era, e hesitou, então concluiu sua história de um jeito desastrado e parou de falar. A energia corria por seu corpo feito água branca. Eu me forcei fluxo adentro. Ela estremeceu. Massageei seus ombros gentilmente, empregando técnicas que aprendi com Vonda para soltar os músculos contraídos e aliviar a tensão, mas meu propósito não era curar.

— Ai — ela gemeu, contorcendo os ombros sensualmente. — Isso dói.

— Devo parar? — Mas não parei. Aumentei a pressão ao longo do trapézio dela, então encontrei um nó sob sua omoplata esquerda e enfiei-lhe os nós dos dedos. Ela arfou e inclinou-se pra trás. Eu fiquei firme. Depois de um longo momento, ela relaxou sob minhas mãos, senti as defesas subjacentes de seu corpo se abrindo pra mim e tivemos a primeira de nossas trocas. Pra mim, era como uma transfusão de sangue. Pra ela, era como um lento veneno.

Eu aliviei a pressão, passei minhas mãos levemente pelas costas dela e me afastei com suaves batidinhas de afeição e arrependimento.

— Uau, Madyson, suas mãos são bem fortes — disse Kit, e ficou apenas ali sentada, por um tempo.

Kit perguntou a Amy, com uma voz forte o suficiente pra me fazer ponderar se ela teria algo mais a me oferecer, afinal de contas, mas, de forma reveladora, sem energia para gastar e sem interrupções:

— Quando vai buscar seu bebê?

Amy hesitou e olhou pra mim, sem muita certeza de que queria tocar no assunto. Eu dei de ombros.

— Viajo na quinta — ela finalmente disse, quase como se pedisse desculpas.

Denise, que estivera olhando para o nada, despertou:

— Bebê?

— Estou adotando uma bebê da China. — Amy continuou olhando de soslaio para Kit e falou com alguma relutância, mas a empolgação que irrompeu era contagiante. — Ela foi abandonada, então eles não têm certeza de sua data de nascimento, mas ela tem cerca de oito meses.

— Um bebê? Na sua idade? Na nossa idade? — Denise balançou a cabeça, em admiração e, achei eu, desaprovação. Eu também desaprovava, mas não pelo argumento da idade; embora duvidasse que seu peso fosse um sério risco à sua saúde, parecia a mim que um dos critérios da adoção devia ser a aparência. Afinal, quem gostaria de ter uma mãe gorda? Amy começou a se defender, mas falei primeiro. — Se você pode escalar picos *na nossa idade*, por que Amy não seria capaz de adotar um bebê?

— Escalar uma montanha requer um ímpeto longo de energia. Criar uma criança requer energia 24 horas por dia, sete dias por semana, por pelo menos dezoito anos. — Denise ergueu seu copo d'água na direção de Amy. — Eu nunca conseguiria. Estou velha demais. Mais poder a você, amiga.

— Talvez — disse eu, imprudentemente —, seja isso que as pessoas querem dizer quando falam de mulheres descobrindo um novo poder e vitalidade na meia-idade. — Então, subitamente, estávamos todas sem olhar para Kit e eu tive vergonha de mim mesma, mas, ao mesmo tempo, estava arquivando em minha mente, para futura referência, as imagens do reservatório de energia maternal de Amy e... ousadamente, terrivelmente... da força vital bruta que essa bebê traria.

Amy me perguntou em voz baixa:

— Você se encontra com Vonda?

— Todo dia, na academia. Eu a vi hoje de manhã.

— Como ela está? — Havia uma melancolia em seu tom.

— Bem — disse eu. — Ótima.

Amy cutucou os restos de sua salada com o garfo.

— Ela nunca mais ligou.

Eu não sabia o que fazer com aquilo.

— Ela é muito ocupada — tentei. — Não leve pro lado pessoal. — Essa recriminação sempre me pareceu capciosa, uma vez que a impessoalidade era justamente aquilo de que o reclamante estava se queixando. Mas falar de conexões perdidas parecia cruel na presença de Kit, que estava prestes a perder todas elas, e eu não quis encorajar Amy a continuar. Ela o fez mesmo assim. — Vonda vai ser a madrinha da minha filha. Ela está no meu testamento como a pessoa que deve criá-la se algo acontecer comigo.

— Não tinha ideia de que eram assim tão íntimas.

— Achei que éramos. E, você sabe, ela é jovem. — Ela deu uma olhadela irônica na direção de Denise.

— Vou dizer a ela pra entrar em contato com você.

— Não! — Ela foi inflexível. — Não faça isso.

— Vou dizer que você mandou um oi.

— Não — insistiu ela, não menos enfática, mas baixando o tom. — Não faça isso, também. Se ela não quer me ver por algum motivo, isso é com ela. Eu ainda acho que ela seria uma boa mãe pra Phoebe caso algo acontecesse comigo. Meu advogado entraria em contato. Não que algo vá acontecer comigo. — Ela deu um risinho nervoso, daquele jeito que as pessoas fazem.

— Bem — eu disse —, nunca se sabe. — Minha atenção havia migrado de volta para Denise e Kit, fazendo esse comentário soar mais indiferente do que tive a intenção. Amy não disse mais nada sobre Vonda; de fato, ela não disse mais nada pra mim pelo resto do almoço.

Kit morreu menos de uma semana depois. O marido dela me ligou no trabalho e disse que, se eu quisesse me despedir, era melhor ir até lá naquele momento. Eu fui; como poderia não ir?

Ela se ergueu da cama em minha direção, seu rosto já esticado num riso de ricto, e gemeu como se num aviso de um terrível reconhecimento. Ela parecia estar estendendo os braços para me alcançar, mas era fácil evitar seu toque. Kit era minha amiga e eu

desejava oferecer algum conforto, mas não podia arriscar tocá-la agora. Quem sabe o que poderia fluir para dentro ou para fora de mim?

Há coisas que eu poderia ter dito a ela se Jerry não estivesse no quarto, silenciosamente consternado e furiosamente protetor.

— Adeus, Kit — sussurrei. — Obrigada por ser minha amiga. — Se ela ouviu alguma coisa, saberia o que eu quis dizer.

O funeral só foi realizado vários meses depois. Denise voltou para comparecer a ele, e Amy, eu e ela fomos juntas. Amy levou sua nova filha, Phoebe, que havia sido mal alimentada no orfanato e estivera doente desde que veio pra casa; solene, apequenada pela constituição de sua mãe, a bebê se agitou de forma quase inaudível durante o funeral. A despeito do pânico que fazia minha pele formigar e minha respiração se encurtar enquanto as elegias se prolongavam e se arrastavam, eu não pedi para segurá-la; era cedo demais, não estava assim tão desesperada, e sua força vital, embora pura e doce por ser tão nova, não era ainda forte o bastante pra me ser de grande valia.

Denise estava pálida e notavelmente mais magra do que no Charon's. Ao subir os degraus da capela, teve mais dificuldade em recuperar o fôlego do que suas lágrimas poderiam explicar.

Ela disse que não andava se sentindo bem e que tinha uma consulta médica na semana seguinte. Provavelmente não era nada, ela disse, mas como tinha uma excursão de bicicleta de seis dias, 800 quilômetros, em menos de um mês, precisava estar em forma.

Eu fui uma das pessoas que se levantou e falou sobre Kit. Tudo que eu disse foi sincero. Sentiria uma falta terrível dela. Ela teve um efeito profundo na minha vida.

Depois do funeral, houve uma espécie de socialização fortemente intensa. Eu evitei o mural de fotos de Kit em uma mesa rendada e coberta de margaridas... Kit quando era um bebê radiante, Kit em um traje de líder de torcida, no colégio, saltando e abrindo um espacate, Kit numa foto glamorosa... e tive conversas informais que considerei louváveis com pessoas que conhecia. Phoebe recebeu bastante atenção;

era bom, alguém observou, ter um bebê num funeral, para lembrar a todos nós que a vida continua. Que a força vital é eterna, infinita e disponível infinitamente.

Ao intencionar apresentar Amy a um homem que conhecia casualmente há anos, não conseguia me lembrar do nome dele. Quanto mais velha eu ficava, com mais frequência os nomes me escapavam, mas esse havia sido o exemplo mais público até então e fiquei mortificada. Ele riu com um tipo de graciosidade doída, se apresentou, apertou a mão livre de Amy e fez alguma piada sardônica sobre a perda de células cerebrais conforme envelhecemos.

Pensei, mas não disse. *Isso não vai acontecer comigo.*

— Mas você não é tão velha quanto eu, não é, Madyson? — ele emendou, me observando com admiração e, assim achei, certa perplexidade, porque ambos sabíamos que eu era.

— Não sei — menti. — De todo modo, a idade é algo que está na cabeça, não é?

As pessoas me disseram coisas gentis a tarde toda, um fenômeno estranho, mas gratificante, para um funeral. “Você está ótima, Madyson.” “Você parece mais nova cada vez que te vejo!” Eu agradeci levemente e tentei determinar exatamente a maneira adequada para pensar em Kit.

Num determinado momento, Denise disse algo sobre seus netos e a mulher com quem ela estava conversando, com um choque afetado, protestou que ela não parecia velha o bastante para ser avó, o que evidentemente era falsidade. Denise apenas sorriu e disse:

— Bem, eu sou. Sim para as duas afirmações. — Houve um silêncio constrangedor enquanto as duas outras mulheres e eu esperávamos que ela expressasse um agradecimento. Quando isso não aconteceu, a conversa perdeu ânimo e a mulher encontrou outra pessoa com quem falar.

— Não sei porque — murmurou Denise — as pessoas presumem que seja um elogio dizer que você parece mais jovem do que é. Fiquei

perplexa. — Bom, ninguém quer parecer velho.

— Por que não? Por que jovem é melhor?

Porque é mais distante da morte. Mas dizer isso teria nos levado a uma discussão que eu não podia arriscar. Pus minha mão no braço dela e inspecionei incisivamente as rugas finas, o cabelo grisalho, os seios sem reconstrução e disse a ela com apenas um leve sarcasmo:

— Eu queria poder ser como você, Denise. Deve ser libertador não se importar com coisas tão superficiais.

Ela me deu um olhar penetrante, mas não aceitou o desafio. Mantive o contato entre nós o máximo de tempo pelo qual eu poderia me safar e senti ela estremecer e se menear.

— Tenho que ir embora daqui.

— Você está bem? Precisa que eu te leve em casa? — perguntei ousadamente, esperançosamente.

Mas ela balançou a cabeça e abriu caminho para fora da sala, parando apenas para abraçar o marido de Kit. Revigorada, analisei a multidão atrás de alguém com quem não tivesse falado ainda que me diria, verbalmente ou de outro modo, o quanto eu estava bonita. Fui uma das últimas a ir embora. Quando abracei Jerry, ele estava chorando, mas também senti ele forçando o olhar para longe do meu decote.

Poucas semanas depois, liguei para Denise em Austin para saber o que o médico havia dito. Queria saber, e era improvável que me chegasse aos ouvidos, uma vez que ela morava tão longe e a única relação em comum que agora tínhamos era Amy.

— É meu coração — ela me disse numa voz desafetada. — Tem algo errado com meu coração. — Meu próprio coração estava disparado; coloquei uma mão sobre ele, numa carícia sensual.

— Ah, Denise, meu bem, sinto muito.

— É irônico, não é? — Ela deu uma risada amarga. — Lá estava eu, pensando que estava dizendo adeus a Kit e já estava doente e nem sabia.

— Pode acontecer com qualquer um de nós — disse, inepta e dissimulada, acrescentando silenciosamente, *não comigo*.

Quando liguei novamente para ela, pouco mais de um mês depois, ninguém atendeu e nunca mais ouvi falar dela. Uma vez que não conheça ninguém para quem eu possa ligar nem ninguém que me conheça para que me ligue, é improvável que eu descubra o que aconteceu com ela, embora certamente possa adivinhar. Isso me assombra. Só espero que ela tenha tido alguém com ela, filhos ou netos, um parceiro de escalada ou uma amiga melhor do que eu.

Após o funeral de Kit e da partida de Denise, eu me senti ótima por um bom tempo. Aumentei meus exercícios para três horas por dia e Vonda estava satisfeita com minha evolução. Comecei a frequentar um *spa* uma vez por mês para uma limpeza corporal completa. Contratei uma análise de cores para minhas roupas e fiquei chocada ao descobrir que os tons de azul e verde em particular que eu vinha favorecendo, na verdade, poderiam me fazer parecer mais velha; os ajustes recomendados fizeram uma enorme diferença e substituí quase todo o meu guarda-roupa. Embarquei num novo relacionamento com um homem de trinta anos que conheci na academia; ele achou que eu tinha trinta e cinco e gracejava incessantemente sobre o quanto mulheres mais velhas eram melhores na cama.

Também comecei a fazer exercícios mentais, palavras cruzadas, a ouvir fitas de línguas estrangeiras e a repetir sequências de números para frente e para trás antes de dormir. Isso foi menos bem-sucedido do que os esforços para manter a juventude do meu corpo. Eu ainda parecia estar esquecendo nomes com mais frequência do que antes, se alguém falasse comigo enquanto eu estava ao telefone, me perdia em ambas as conversas e, cerca de uma vez por semana, perdia verdadeiramente minhas chaves. Isso não podia continuar.

Amy pareceu feliz em ter notícias minhas e prontamente concordou em me encontrar para uma bebida. Fui até o escritório dela, desfrutando da chance de caminhar pelo *campus*. Observando criticamente cada

mulher jovem por quem passava, me julguei repetidamente aceitável e alguns jovens, mal saídos da adolescência, me lançaram olhares de um tipo que tomei como sendo de admiração.

Amy estava com um aluno. Pela porta entreaberta, ela me viu e ergueu uma das mãos para me saudar. Seu sorriso, tive que admitir, era radiante, mesmo com o excesso de gengivas. Porém, ela parecia exausta e me preocupei em talvez ter esperado demais; as exigências da vida dela poderiam ter esgotado suas reservas e as tornado inacessíveis pra mim. Sentei em uma cadeira no corredor em frente à sua sala, como qualquer estudante necessitando de uma transfusão intelectual, e passei os quinze minutos seguintes considerando minhas opções para um plano de contingência. Aqui e ali, captava partes do diálogo deles; o fato de ser quase completamente incompreensível pra mim era tanto assustador quanto reconfortante.

Quando o estudante saiu, eu o medi de cima a baixo, me perguntando um tanto insanamente se seria capaz de encontrá-lo novamente caso precisasse dele. Estudando anotações que devia ter feito durante sua sessão com Amy, ele mal olhou pra mim. Amy veio até a porta da sala, ainda maior do que quando eu a tinha visto no funeral, mas surpreendentemente graciosa. Ela estendeu sua mão. Sem fôlego por minha boa sorte, eu corei e a tomei. Seu aperto era forte. Ela cobriu minha mão com sua outra.

— É tão bom te ver, Madyson — Ela me disse com mais fervor do que eu esperava e passou por minha mente perguntar o que era que ela queria de mim.

Não demorou muito para entender. Depois de meses de maternidade solitária e aulas com calouros de física, ela ansiava por uma conversa adulta. Mas era mais do que isso. Amy estava solitária. Ter uma filha, em vez de menos, a deixou mais ciente do quanto ela desejava uma parceira. Ela queria que fôssemos amigas, não apenas conhecidas; ela queria que fôssemos amantes.

Eu não poderia fazer aquilo. Não poderia ser íntima de alguém com aquela aparência, de todo modo, e minhas próprias circunstâncias tornavam aquilo completamente inimaginável. O que eu precisava fazer pra sobreviver já era ruim o suficiente quando não havia amor envolvido. E era por isso que, pra mim, o amor nunca estava envolvido.

Era possível que eu já tivesse o que precisava dela naquele seu longo aperto de mão e considerei alegar um súbito mal-estar para escapar. Mas me lembrei dos alarmantes lapsos de memória, a habilidade decrescente de concentração, todos os sintomas inconfundíveis de declínio intelectual. Eu tinha que me cuidar. Tinha que aproveitar as oportunidades quando elas apareciam.

Amy tomou minha mão mais uma vez enquanto caminhávamos pelos poucos quarteirões até sua casa. Meu constrangimento em ser vista de mãos dadas com uma pessoa gorda era sobrepujado... mas por pouco... pela infusão de energia formigando pela minha palma e subindo pelo meu punho. Eu ansiava por beijá-la, minha língua como um sifão em sua boca, embora a imagem me causasse repulsa. Eu ansiava por ter sua cabeça entre minhas mãos.

Phoebe estava dormindo. Estávamos ambas insatisfeitas, Amy porque agora a criança provavelmente não dormiria durante a noite. Depois que a babá foi embora, ela me convidou a ficar à vontade na sala de estar enquanto dava uma olhada na filha, mas concordou alegremente quando perguntei se eu poderia acompanhá-la. Fomos ao quarto da menininha de mãos dadas, como mães orgulhosas que mal podiam acreditar em sua boa sorte.

Eu havia lido que o desenvolvimento cerebral de uma criança nos primeiros anos de vida é tão intenso que, se pudéssemos manter o mesmo ritmo pelo resto da vida, seríamos todos gigantes mentais. Eu olhei para a linda e pequena Phoebe em seu berço. Estiquei a mão para acariciar seus cabelos.

— Não! — O sussurro de Amy foi explosivo e ela pegou minha mão. Por um momento, achei que ela de algum modo tinha adivinhado

que sua filha estava em um perigo terrível comigo. Mas ela só apertou minha mão afetuosamente e murmurou, junto da minha orelha: — Não acorda ela. Senão, ela não prega o olho a noite toda. — Eu assenti e saímos juntas do quarto da criança, na ponta dos pés.

Apesar da intensa excitação... parte horror, parte necessidade e gratidão que seriam satisfeitas, parte um tipo perturbador de alegria... não consegui me convencer a responder ao beijo de boa noite de Amy. Eu me permiti, contudo, outra concessão moral. Sua boca se demorava suavemente sobre a minha. Quase afundei nas ondulações do seu corpo. Mantive o contato físico pelo máximo de tempo que podia suportar, absorvendo tanto dela que me senti fraca e trêmula no momento em que me afastei. Ela sorriu tremulamente pra mim e murmurou:

— Me liga. — Assim que saí, ouvi Phoebe chamando por ela.

Eu não a via desde então e agora nunca veria. Quando emergi da sala de vapor e me acomodei na mesa de massagem com o rosto na base de cobertura frisada, meu corpo nu e de poros abertos pronto para as manipulações de Vonda, eu perguntei.

— E a filha dela, onde está? — Eu tinha esperado nunca precisar fazer essa pergunta, mas provavelmente era inevitável.

— Phoebe — acrescentei, grata por não ter esquecido o nome. — Onde está a Phoebe?

— Ela tá comigo.

Seus polegares e depois seu cotovelo encontraram aquele tenro ponto profundo sob minha omoplata esquerda e ela avançou sobre ele. Através da dor intensa, esperei não ter inadvertidamente sugado nada dela por meio daquele tipo de contato; eu precisava que minha *personal trainer* e massoterapeuta estivesse forte e focada. Conforme os músculos começaram a se soltar e o calor escoou pelo ponto pressionado, eu arfei:

— Você vai criá-la?

— Sou a madrinha e guardiã dela. Tá no testamento da Amy.

A massagem não foi boa como de costume; a mente de Vonda obviamente estava em outro lugar e a minha também. Minhas várias

algias e dores... crista ilíaca, glúteos, lombar, pés... pareciam ter se multiplicado e se amplificado, tornando-se mais resistentes desde a última vez. Continuava pensando em Amy, em Kit e em Denise. Continuava pensando em Phoebe, cujo instinto primitivo de sobrevivência devia ser feroz.

— Certo — ela me disse depois de um tempo, sem, pensei eu, muito interesse. — Vire-se de costas.

Não puxei o lençol por cima dos meus belos seios. Ela não deu sinal de ter reparado. Seus dedos tremeram levemente pela pressão que ela colocava sob a extremidade traseira do meu crânio, dedos tensionados liberando a tensão em minha cabeça e meu pescoço como se fossem buracos furados no osso, mas era o peso da minha própria cabeça que gerava a resposta, mais do que qualquer intenção direta da parte dela. Ela soltou cedo demais.

— Prontinho, Madyson.

Fiquei na mesa por alguns minutos após as mãos dela me deixarem, notando com ressentimento e pânico que não sentia meu corpo nem relaxado nem flexível. Eu pagava um bom dinheiro a ela. Ela me devia mais que isso.

— Agora que sou mãe — disse Vonda, como se estivesse falando sobre o tempo —, não vou mais trabalhar aqui. Nós conseguimos viver sem o que eu ganho aqui e Phoebe precisa de mim. Ela acabou de perder a mãe.

Desolada, consegui perguntar:

— Quando você sai?

— Hoje é meu último dia. Você é minha última cliente.

Eu não podia deixar isso acontecer. Vonda era uma mulher jovem, vigorosa, com muito mais a dar. Cuidadosamente, me erguendo em um cotovelo, eu disse:

— Vou sentir sua falta.

— Obrigada. Também vou sentir falta deste lugar. Mais ou menos.

— Espero que possamos manter contato.

Fez-se uma pausa e eu esperava ou falta de reconhecimento de meu gesto de boa vontade ou uma daquelas respostas tipo “a gente tem que marcar, dia desses”, desenvolvidas para uma rejeição sem necessariamente admiti-la. Qualquer que fosse o caso, eu teria insistido. Mas, para minha agradável surpresa, não foi preciso. Vonda olhou pra mim quase envergonhada e disse:

— Espero que esteja falando sério, Madyson. Eu gostaria muito.

Com o coração aos pulos, sugeri:

— Vamos almoçar. Amanhã. Conheço um lugarzinho ótimo. Charon’s. Vamos nos encontrar lá.

— Ótimo — Vonda assentiu, feliz. — Vou ver se Phoebe pode ficar na creche por mais um período.

— Não!

Ela ergueu as sobrancelhas diante da minha veemência e eu me apressei a moderá-la. Para me controlar e ocultar o quanto eu precisava tocar aquela menininha, niná-la e beijá-la, acariciar sua pele de bebê e segurá-la junto ao meu coração e me infundir com toda aquela energia nova e bruta.

— Não — eu repeti, acalmando com grande esforço meus modos. — Eu adoraria vê-la. Por favor. Leve-a com você.

PARA SEMPRE, AMÉM

Elizabeth Massie

Elizabeth Massie publicou seu primeiro conto de horror em 1984. Desde então, suas histórias apareceram em várias revistas e antologias, com sua novela *Stephen* tendo recebido o prêmio Bram Stoker e sido indicada ao prêmio World Fantasy.

Ela publicou romances como *Sineater*, vencedor do prêmio Bram Stoker, *Welcome Back to the Night*, *Wire Mesh Mothers*, *Twisted Branch: A Novel of the Abbadon Hotel* (como “Chris Blaine”), *Homeplace*, *DD Murphry Secret Policeman* (com Alan M. Clark), *Brazen Bull*, *Desper Hollow*, *Hell Gate* e os derivados de séries de tevê *Dark Shadows: Dreams of the Dark* (com Stephen Mark Rainey) e *Buffy the Vampire Slayer: Power of Persuasion*.

Durante a década de 1990, ela criou uma série de romances históricos de horror para jovens adultos, incluindo a série *Young Founders* e a trilogia *Daughters of Liberty*, bem como a série *Ameri-Scares*, romances regionais de horror para leitores entre onze e catorze anos, incluindo *Maryland: Terror in the Harbor*, *California: From the Pit*, *New York: Rips and Wrinkles*, *Virginia: Valley of Secrets* e *Illinois: The Cemetery Club*.

Seus contos foram reunidos em *Southern Discomfort*, *Shadow Dreams*, *The Fear Report*, *Afraid*, *Sundown*, *Naked on the Edge*, *A Little Magenta Book of Mean Stories* e *It, Watching*. Os primeiros quatro capítulos de sua série *Silver Slut*, de leves aventuras de super-heróis, foram lançados em 2016.

“Ao criar *Para Sempre, Amém*, eu considerei a imortalidade... bênção ou maldição?... e suas várias manifestações”, explica Massie. “Vampirismo, reencarnação, viagem no tempo. O apelo da vida eterna é obscurecido quando se descobre que o futuro não é melhor que o presente ou o passado, quando o progresso é só técnico e não humanitário, e que pessoas civilizadas batem no peito e se gabam de sua bondade malcheirosa. Pra onde ir, então? Pra onde correr?”

Então, Pilatos voltou-se para o povo e disse a eles — Contemplem, não encontrei culpa neste homem. — Os sumos sacerdotes e oficiais gritaram — Crucifique-o!

Pilatos ergueu a mão em direção a Jesus, que ostentava uma coroa de espinhos e uma veste púrpura, e disse — Posso libertar a vós um homem neste dia de festim. Quem desejais que eu liberte, o homem Barrabás ou este homem Jesus?

E a multidão gritou — Dê-nos Barrabás! Jesus deve morrer!

Quando Pilatos viu que em nada ele triunfava para a salvação do homem Jesus e que Jesus devia, de fato, morrer para satisfazer a multidão, ele ofereceu a execução dos prisioneiros nobres, cortando seus pulsos com a espada, fazendo com que o homem sangrasse rapidamente até a morte. Mas, em meio à multidão, ergueu-se a voz do homem André, filho do pastor Finéias, que disse — Jesus deve sofrer por suas palavras! Crucifique-o! — A multidão se uniu no mordaz pedido. — Ele deve sofrer por suas palavras!

Então, Pilatos afastou-se da multidão e lavou suas mãos, entregando Jesus para os oficiais e soldados, que deram a ele uma cruz e, carregando-a, foram todos ao palácio da caveira, que é chamado Gólgota:

Lá, crucificaram a ele e outros dois, um em cada lado, com Jesus no meio.

Livro das Provações, 7:23-28

DANIELLE SE APOIOU na parede áspera, seus olhos vermelhos voltados furiosamente na direção da figura amortalhada na maca com rodas. Marie e Clarice tinham ido embora, virado e partido com melancólica exasperação, sumindo pela pequena janela alta, junto ao teto do porão. Suas palavras ainda ecoavam pelo cômodo, feito moscas de fim de estação presas numa garrafa.

Marie: — Ele não é Alexandre. Ele não é nada. É menos que nada.

Clarice: — Está feito. Venha conosco. Irmã, pegue minha mão. Aqui fede.

Marie: — Olhe, se quiser, mas acabe logo com isso e então venha.

Danielle havia pressionado suas mãos enluvadas contra os ouvidos e balançou a cabeça.

Não.

Marie deu um nítido estalar de dedos, como se Danielle fosse um cão para obedecer sua dona, e Danielle simplesmente disse:

— Deixem-me em paz. — Marie e Clarice fizeram exatamente isso. Tomaram sua companheira por louca, algo que não era bom para uma criatura da noite. A loucura poderia levar apenas à insensatez e ao descuido, e, com o descuido, à destruição. Elas haviam abandonado sua amiga louca à própria sina.

Danielle encarou o lençol manchado, as protruções salientes sob o tecido onde estavam o nariz e o queixo, os pés. Montes suaves onde eram os ombros, as mãos fechadas, a virilha. A luz das lamparinas, penduradas nessa sala subterrânea pelos homens que haviam partido dali há apenas alguns minutos, faiscava dos ganchos no teto. Canos de água pingavam formando poças no chão sujo. Aranhas e suas teias, deixadas nos cantos pelo apressado zelador no dia anterior, mantinham-se estáticas como se ponderando sobre a estranha e recente ocorrência.

— Alexandre? — disse Danielle suavemente, provando o frio de seu hálito ao senti-lo passar por seus incisivos, seus caninos salientes. — Por que esse não poderia ser você? — Ela deu vários passos adiante, seu queixo se afundando como se seu rosto tivesse pavor de olhar por baixo

do lençol. Ela havia testemunhado tanta coisa em todos esses anos, tanto terror, crueldade e morte, embora esta estivesse quase além do seu alcance.

— Por que esse não poderia ser você? — ela repetiu, então tocou o próprio rosto. — Esta não sou eu? Não estou ainda caminhando por esta terra esquelética na forma de uma jovem, embora tenha a idade de cento e dezessete anos?

O lençol se atçou levemente. Danielle arfou e estendeu a mão, apenas para descobrir que era só uma corrente de ar passando pela úmida sala de tijolos aparentes, viajando de uma porta mal colocada para outra, no lado oposto.

Esse mundo não havia sido salpicado com aqueles feito ela, existindo em conjunção com mortais que com muita frequência acreditavam que sua própria realidade era a soma e o total? E, sendo assim, que magia incrédula não poderia ocorrer, que maldição ominosa seria impossível?

A sala estava quente e rançosa; aromas humanos nauseabundos espiralando feito fumaça do chão, das paredes, das cadeiras, da maca. Os homens que ali estiveram há apenas alguns minutos fediam primeiro a empolgação, depois a nojo. Reivindicavam para si mesmos a coroa da civilidade, embora tenham estremecido e vomitado diante do resultado de sua infinita bondade.

— Esta não sou eu? — repetiu ela. — Olhe e veja aquela carne que você um dia amou. — Ela balançou a cabeça, repelindo o fedor, então arrancou as luvas de suas mãos e jogou-as no chão. Ela se agarrou ao corpete cheio de babados de seu vestido e o arrancou do pescoço até a cintura. Suas unhas afiadas feito adagas lanharam a tez branca de seus seios quando ela o fez, deixando na pele longas abas sem sangue, escancarando-se silenciosamente ao ar.

Maldito costume da mulher moderna do século dezenove! Tão puritanas, tão libertinas, amarradas, atadas e jogando com a sedução em seus vestidos afetados, sem saber o que é ser inteiramente fêmea!

Ah, mas ela havia sabido! Alexandre havia conhecido sua feminilidade e ela, a sua masculinidade, e havia se refestelado na maravilha de tudo isso.

Ela jogou o tecido rasgado para longe. Então, puxou o resto de suas vestes — as mangas pernil de carneiro, a longa saia acinturada de musseline, as anáguas, meias de algodão, as ligas, os sapatos de botão. Tudo lançado para longe. O chapéu, os grampos de cabelo, os brincos. Seu cabelo castanho-avermelhado caiu livre sobre os ombros. Danielle fechou os olhos e acariciou sua pele fria. Traçou o comprimento de seus braços e seu torço, roçando os pelos macios em sua barriga arrepiada, dedilhando as abas de pele que já cicatrizavam em seus seios.

Ela estava nua quando tiraram Alexandre dela pela primeira vez. Deitados em uma baia do celeiro de desmame eles estavam, Danielle recostada alegremente no cabelo encaracolado do peito de Alexandre e rindo com a palha piniquenta em seu cabelo e em suas costas. Ela havia pegado uma haste amarela e feito cócegas no queixo e no nariz dele. Ele havia beijado a palha e então os dedos dela. Ele envolveu a cintura dela com seus braços e aninhou seu queixo no pescoço dela, sua língua brincando desenvolta pela carne tenra dali.

— Você era terno e sincero — disse ela, o cenho franzido e os lábios trêmulos. — Somente um erro atribuído a você, como qualquer humano que passasse da infância teria. Como, então, essa maldição se abateu sobre você?

Sob o lençol, Alexandre não se moveu. Danielle deu vários outros passos mais, pelo chão frio e desnivelado, e agarrou o lençol que cobria seu amado.

O jovem belo e andrajoso havia chegado ao Bicêtre em uma congelante manhã do fim de março, em 1792, aparecendo como um espectro sob as sombras do pomar de pereiras por trás do infame hospital e prisão de Paris. O céu havia se precipitado não fazia nem uma hora e a chuva fora gelada e severa, cavando poças frias no chão e arrancando pontas de galhos das árvores nuas. Gotas arrepiantes

penduravam-se triunfantemente aos pelos dos animais nos pastos e às folhas esmeralda dos arbustos de buxo que ladeavam as estreitas passagens de terra.

A instituição do Bicêtre, feita de tijolos, era grande, escura e repleta das mais desagradáveis questões — aquelas da loucura, da solidão, da raiva, do desespero. Dos gritos. Do silêncio. Médicos curiosos e brilhantes ministravam aos doentes. Oficiais endurecidos cuidavam dos desobedientes.

À sombra daquele lugar enorme, flanqueando seu lado oeste, havia um lote de quatro acres no qual animais e vegetais eram criados para consumo da equipe, dos pacientes e dos internos do Bicêtre. Era adequadamente chamado de “Fazendinha”. Pastos cercados monitoravam as vacas, as ovelhas e os porcos: em uma pequena cabana, se aninhavam galinhas e pombos. Diversos jardins limitados por cercas de vinhas entrelaçadas ofereciam nabos e feijões nos meses mais quentes. Um pequenino arvoredo de pereiras montava guarda junto ao muro de pedra no qual, mais além, os cidadãos de Paris marchavam indo e vindo, no ritmo de sua vida individual e, agora, coletiva.

Danielle, uma das três jovens criadas admitidas para cuidar dos animais, dos jardins e auxiliar na preparação das refeições, estava em um tamborete num dos pastos, esfregando a úbere de uma vaca de produção parca, estapeando moscas de seu rosto, quando viu o homem em meio às pereiras nuas e pensou *Meu Deus, como ele é lindo! Agradeço por esta dádiva de hoje!* Ela deixou o tamborete e o bovino enlameado e foi até o pomar, parando a vários metros de distância e puxando seu xale de lã por sobre os ombros.

— Bom dia — disse Danielle. — Está perdido?

O homem ergueu a mão numa tentativa de saudação — uma mão bela e forte ela era, a mão de um homem trabalhador com calos e pelos escuros nos nós dos dedos — e disse:

— Não agora, que a vi. — Ele sorriu e Danielle pôde ver que seus dentes eram bonitos e brancos. Sua mãe, antes de morrer, havia dito a

ela que bons dentes significavam um bom coração.

Danielle não recuou nem voltou seu olhar para o chão, como teria feito a mais distinta das filhas da França na presença de um homem estranho. Ela não era uma dama no sentido que a Dama de Orleans havia sido; Danielle havia tido seus amantes, a maioria deles jovens médicos no Bicêtre e um ocasional enfermeiro, que a levavam até suas salas privativas no interior das pesadas paredes da instituição, faziam um rebuliço com seu corpo luxuriante em sofás práticos e firmes, então riam para ela e a mandavam de volta para o celeiro com um tapa nas nádegas. A Revolução afirmara que não havia mais distinção de classe e Paris ficou praticamente de cabeça para baixo com sua fervorosa atenção à *la chose publique*, a “coisa pública”, que tinha que ser monitorada contra ações e ideias contrarrevolucionárias, embora Danielle e suas criadas-irmãs na fazenda do hospital percebessem poucas mudanças em sua vida. Os mosquitos e moscas eram tão grandes quanto antes, as vacas tão sujas e as pereiras no pomar tão cheias de minhocas quanto, e os médicos ainda eram cheios de lascívia para com as moças em trajes de criadas.

O jovem sob os galhos da pereira era bastante belo, com cabelos escuros, uma barba preta e olhos gentis e enrugados. Ele obviamente havia escalado o muro de pedras e rasgado os joelhos de seus calções.

— Está com sede, senhor? — perguntou Danielle. O homem assentiu e ela acompanhou-o para além da vaca suja e o tamborete, até o poço. Lá, ele pôs no chão sua sacola de couro gasta e bebeu incontáveis conchas cheias, que ela tirou do amassado balde de latão. Seus dedos roçaram nos dele quando ela lhe passou a concha e os pelos nos nós dos dedos dela se eriçaram em posição de sentido.

— O que o traz aqui? — ela inquiriu enquanto ele bebia. — O senhor não é um paciente perdido de mente simplória, para tropeçar de volta no hospital do qual tentava escapar?

Ele viu que ela estava brincando e sorriu largamente, balançando a cabeça.

— Não — respondeu —, sou do norte e vim a Paris em busca de trabalho, uma vez que meu lar e minha oficina queimaram em um incêndio há apenas uma semana, me deixando sem posses. Sou sapateiro de ofício. Foi um acidente, o vento derrubou uma lamparina da janela para o chão. Cristo, que perda.

Ele pausou para enxugar gotas perdidas em sua barba.

— Mas não posso reconstruí-la, não posso remediar a situação. Então, trouxe algumas coisas comigo para a cidade. Da estrada, avistei peras tenras e amarronzadas, escondendo-se na grama alta do outono passado, e escalei o muro na esperança de colher algumas sem ser visto. Então, vi a senhorita e fiquei feliz por ter sido descoberto.

— Peras podres! — Danielle ergueu uma sobrancelha. — O terceiro estado não pode dizer que come tais coisas agora, pois a desesperadora pobreza é coisa do passado! Shh!

— Não pode dizer, mas certamente pode comer, não?

Danielle riu, então inclinou a cabeça.

— Isto é um hospital e uma prisão. Sempre há sapatos precisando de reparos. Creio que poderia encontrar trabalho aqui, se quiser.

— Eu gostaria por demais — disse o homem.

Galgando a passarela ladeada de buxos, saindo do cercado dos porcos, vinham as duas outras criadas. Marie e Clarice, cada uma tangendo uma bamboleante leitoa com um bastão. Mas elas apenas sorriram para Danielle, dando mais tempo à amiga, e marcharam até os degraus e à porta dos fundos que levavam à cozinha do Bicêtre. As porcas eram cutucadas e impelidas às pequenas gaiolas de vime junto à porta, nas quais aguardariam uma sina que seus cérebros empestados de larvas não podiam compreender.

Danielle ofereceu ao homem um lugar para descansar no desocupado celeiro de desmame dos bezerros e deixou-o sozinho por várias horas, até encontrar um momento vago entre seus deveres da fazenda e da cozinha. Ela levou consigo, por baixo de sua saia, um naco de presunto, um pouco de pão e uma garrafa de vinho, surrupiados do enorme porão

sob a cozinha. Os dois dividiram a comida e a bebida sobre a palha. Então, beijos e carinhos. Ela soube que ele era Alexandre Demanche, vinte e dois anos, um órfão criado nos campos depois de Beauvais. Ele fora noivo, mas nunca se casara, pois a jovem morrera de tuberculose três semanas antes da data das núpcias. Alexandre soube que ela era Danielle Boquet, nascida em Paris de uma paciente do Bicêtre que faleceu durante o parto, deixando Danielle para ser criada pelas várias matronas da instituição, que a ensinaram a cozinhar, jardinar e cuidar das criações. Em todos os seus dezenove anos, ela só havia posto os pés fora do Bicêtre para ir à missa, toda semana. Tinha, ela admitia, medo da cidade e de seu povo, mas se sentia segura por trás do muro de pedra da Fazendinha.

Pela manhã, Danielle apresentou Alexandre a Claude LeBeque, o homenzinho atarracado responsável pelas gigantescas cargas de lavanderia produzidas no interior das espessas paredes do hospital-prisão. Ela o deteve junto ao portão principal do hospital. Atrás dele, carrinhos de leite e carroças de peixe chacoalhavam indo e vindo pela rua sob o sol frio da primavera e as crianças eram rebocadas atrás de suas mães com cestas nos braços e chapéus alfinetados nos cabelos.

LeBeque repuxou seu nariz, substancial e manchado de vermelho, então olhou atravessado por ter sido retido.

— Esse homem precisa de trabalho? É bom no quê, *monsieur*?

— Sou bom com sapatos — disse Alexandre.

— Assim o senhor diz?

— Alguém deve fornecer vestuário e calçados para os internos — disse Danielle. — Quem seria essa pessoa?

LeBeque remexeu outra vez no nariz, então um sorrisinho encontrou seus lábios rachados. Ele alisou sua testa carnuda com um lenço imundo e ronronou:

— Essa pessoa seria eu.

Alexandre deu um passo adiante.

— Entendo que este lugar abrigue uma boa quantidade de pessoas e, sendo assim, suspeito eu, uma boa quantidade de sapatos. Eu remendo e faço sapatos. O senhor precisa de alguém como eu?

LeBeque deu de ombros e ergueu uma sobrancelha, de modo que parecia provocativo.

— Ah, eu posso achar um lugar para o senhor. Mando notícias em breve. Não vá muito longe, senhor.

Com permissão para permanecer no terreno e aguardando sua contratação, Alexandre fez para si um catre aseado no celeiro vazio. Ele usou um cobertor que Danielle havia trazido de seu próprio quarto no porão e fez um travesseiro de sua capa enrolada. Com o ancinho, ela ajudou a juntar e jogar fora a palha embolorada e a empilhar a palha fresca que havia trazido do barracão das ovelhas. Um bando de andorinhas, perturbadas por terem perdido seu local de descanso, piou, revooou e partiu com um redemoinho de caudas em forma de tesoura e o bater de asas afiadas.

De sua sacola, ele retirou um diário, uma caneta, um tinteiro e um saquinho de tinta em pó, postando-os na saliência de uma viga. Um pequeno livro preto, fechado por um cordão, agregou-se a esses itens na prateleira.

— Chamarei isto de lar, por ora — disse ele com um toque de satisfação resignada.

Danielle entrelaçou os dedos e disse:

— Descanse. Voltarei para vê-lo assim que conseguir.

Portando uma vela de cera de abelha, encapsulada em uma lamparina coberta de fuligem, Danielle escapuliu do hospital para juntar-se a ele naquela noite, quando os serviços haviam terminado. Madame Duban, a cozinheira-chefe, exigia que as moças sob sua supervisão se recolhessem aos seus catres no porão às nove horas e sempre ameaçava com dispensa qualquer indício de desobediência. Mas Danielle não deixaria que lhe negassem isso e, quando a velha estava ressonando profundamente em sua cama de solteirona, pegou vários pedacinhos de

pão, a luz, e se arrastou para fora, sob o brilho conspurcado da lua de Paris. Ela percorreu o caminho até o celeiro, feliz por aquela casinha não ser necessária por mais algumas semanas, quando os primeiros bezerros da primavera estivessem velhos o bastante para serem desmamados e fossem colocados ali para serem mantidos longe dos berros de suas mães.

A lamparina foi pendurada num ferrolho enferrujado na porteira da baia e então Alexandre atraiu Danielle para si com gentis carícias em seus cabelos castanho-avermelhados.

— Meu doce — disse ele, junto ao pescoço dela. Ela beijou os braços e as robustas costas das mãos dele, então deslizou-as pelo seu corpo, para o calor e os locais secretos sob sua blusa folgada e sua simplória saia de lã. Eles se amaram até altas horas, quando ela espanou sua saia e correu de volta para seu catre sob a cozinha do hospital.

Monsieur LeBeque apareceu na passagem próxima aos fundos do celeiro na manhã seguinte. Danielle estava tirando leite de uma vaca particularmente temperamental e Marie estava ao lado dela, derramando o leite num pilão para a manteiga da manhã seguinte. O homem rechonchudo estava mais alinhado em relação a manhã anterior. Tinha penteado seu escasso cabelo e posto rouge nas faces. Parecia que a camisa amarrotada que vestia tinha visto o interior de uma tina há não mais que uma semana. Ele plantou a ponta de sua bengala na terra junto de Danielle e inquiriu:

— Onde está o jovem sapateiro que a senhorita levou até mim ontem?

Daniele interrompeu suas espremidas.

— O senhor decidiu contratá-lo?

O homem bateu com a bengala e franziu o cenho.

— Está querendo me questionar?

— Não, senhor — disse Danielle, e desviou o olhar tempo suficiente para revirar os olhos na direção de Marie. Esta pôs a mão sobre a boca para não rir. — Ele está dormindo no celeiro dos bezerros, senhor.

— E onde é o celeiro dos bezerros?

Danielle apontou para o caminho.

Um aceno com a cabeça oleosa e o homem se foi a meandrar pelo caminho.

— Ele será empregado — sussurrou Danielle quando começou a espremer de novo. O afilado jorro de leite chiou balde adentro; a cauda da vaca acertou-lhe no rosto. — Ele poderá ficar aqui!

— Você agora tome cuidado — disse Marie. — Ele estará ocupado e você também. Ele não é um médico para poder dar desculpas por suas ausências. Madame Duban pode ser velha, mas consegue sentir o cheiro de sexo como um cavalo sente o cheiro do fogo.

Danielle sorriu.

— Então, vou roubar um pouco daquele perfume barato dela. E poderemos arrumar tempo. E você? Não está só com inveja?

Marie pôs o balde vazio junto à banquetta de Danielle e pôs a tampa de madeira do pilão no lugar.

— Eu tenho minhas diversões, não se preocupe comigo. — As garotas riram, com entusiasmo.

Com o início de abril, havia chegado a época de plantio. Os lotes da Fazendinha foram arados por um dos meninos imbecis do hospital, que era forte o bastante para guiar a afiada lâmina lavradora atrás do velho alazão castrado. As moças o seguiam com sacos de sementes em seus quadris, salpicando o solo e cobrindo os sulcos com seus pés descalços. Levou vários dias para formar as fileiras de beterrabas, repolhos, feijões e cebolas.

Porém, os dias dela eram mais agradáveis, a despeito do trabalho pesado e das moscas, pois à noite ela se esgueirava até o celeiro para fazer amor com Alexandre no cobertor de palha. Cada encontro era um turbilhão de calor e deleite, seguido pelo bater abafado dos corações e pelos sons da noite nas ruas de Paris. Quando eles acabavam de fazer amor e seus desejos se esgotavam, Danielle deitava em seus braços e perguntava a ele sobre seu dia. Quantos sapatos havia consertado,

quantos novos pares haviam sido solicitados? Ele tinha uma sapataria no interior da instituição ou carregava suas ferramentas de quarto em quarto? Como era dentro da prisão? Ela só tinha visto a cozinha e o porão; os homens espumavam pela boca e mascavam os próprios dedos?

Mas Alexandre dava poucos detalhes. Ele tinha uma caixa de ferramentas de madeira, comprada para ele pelo *monsieur* LeBeque, que levava consigo quando era chamado para fazer reparos. O próprio *monsieur* LeBeque havia solicitado um novo par de botas, para as quais fornecera o couro.

— É um trabalho que conheço — disse Alexandre, simplesmente. — Hei de fazê-lo até precisar achar outra coisa.

— Por que precisaria achar outra coisa? — perguntou Danielle. — Sei que seu alojamento é pobre, mas decerto não de lhe arrumar um quarto logo.

— Eu não quero um quarto, quero este celeiro e você.

Foi na quarta noite que, deitada no peito de Alexandre, com seus dedos explorando os mamilos dele, ela olhou para a prateleira improvisada e disse:

— Que livro é aquele ali, meu querido? O de couro preto?

Alexandre enxugou a boca, então seu peito, afastando os dedos de Danielle.

— É uma *Bíblia*.

— Você? — admirou-se a criada. — Um homem temente a Deus? Ainda preciso ouvi-lo pregar para mim, só para que eu grite contra meu ombro “Meu Deus, meu Deus!” no auge de suas estocadas!

Alexandre não devolveu a risada dela. Sua mandíbula se retesou, elevando os pelos de seu queixo.

— Não blasfeme.

— Não estou blasfemando, Alex — disse Danielle. Erguendo-se com um cotovelo, ela pegou o livro de cima da viga e o trouxe até a palha. —

Fui criada no catolicismo, conheço o preço da blasfêmia, ao menos sob os olhos do clero.

— Ponha de volta, por favor — disse Alexandre. Ele estendeu a palma de sua mão e a insistência em sua voz provocou Danielle, fazendo-a rir ainda mais. Ela sentou-se abruptamente e folheou as páginas. — *Livro das Tentações? Livro das Provações?* Nunca vi esses na *Bíblia*. O que é isto, realmente?

Alexandre empurrou Danielle violentamente contra a parede pustulenta da baia e apanhou o livro.

— Eu mandei pôr de volta! Não percebe aquilo em que não deve se meter?

Danielle soprou uma baforada furiosa por entre os dentes:

— Ah, e como percebo, *monsieur* Demanche! É com você que não devo me meter! — Ela pôs-se de pé atropeladamente, derrubando poeira de palha de seus seios e seus braços. — Eu nunca vali mais do que alguns dias mesmo! Pergunte aos médicos!

Mas a expressão de Alexandre se suavizou e ele agarrou-a subitamente pelo pulso, dizendo:

— Não me deixe. Sempre fui só. Por favor, querida Danielle, me desculpe. — Sua voz feneceu e silenciou. E ela então o abraçou novamente e soube que o amava.

No dia seguinte, um domingo nublado, Danielle, Marie e Clarice foram à missa sob a severa supervisão de Madame Duban na capela de São Mateus, a três quarteirões dali, então voltaram ao Bicêtre, pois, apesar da advertência do Senhor para que o Dia do Sabá fosse resguardado como sagrado, havia tarefas no domingo como em qualquer outro dia da semana. Danielle havia espiado o interior do celeiro antes da Madame conduzi-la para fora do portão do muro de pedras, esperando convencer Alexandre a se unir a elas, mas o homem não estava lá.

Ele certamente não tem sapatos para remendar no domingo, pensou ela. As tetas das vacas talvez não possam esperar, mas os pés descalços

de um homem, sim.

Elas voltaram no meio da tarde e o celeiro ainda estava vazio.

— Talvez ele tenha ido à própria igreja — disse Danielle a si mesma enquanto pegava seu tamborete, os baldes e se acomodava sob as pereiras. — Sua própria *Bíblia* peculiar, talvez sua própria religião peculiar. Não importa. — Ela escolheu a primeira das quatro vacas e levou-a para ser ordenhada. As tetas estavam repletas de fezes e ela passou uns bons cinco minutos retirando o que podia. Pouco depois disso, Marie apareceu e puxou-a pela manga. — Sabe o que eles trouxeram para o Bicêtre? Sabe o que eles armaram no pátio do outro lado do hospital?

Danielle balançou a cabeça.

— Adivinhe!

— Não, Marie.

— A Louissette! A máquina decapitadora! Foi trazida pra nós do Cour du Commerce na Rue Saint-Andre des Arts nesta manhã, mesmo. Madame Duban me disse um instante atrás que, quando estava cruzando o pátio, a carroça chegou, trazendo as vigas e a lâmina. Eles querem testar nas ovelhas, nos cadáveres de prisioneiros e de pacientes que ninguém reivindicou para ver se está pronta.

Danielle largou a teta macia e pôs uma mecha de cabelo solta atrás da orelha.

— Eu gostaria de vê-la — disse ela. — A Assembleia prometeu que agora os pobres teriam direito a uma morte rápida, assim como os ricos. Nada mais de cavalete nem garrote para aqueles cobertos pela sujeira de um dia honesto. Como podemos vê-la, Marie?

— Não sei. A menos que queira ir como um dos cadáveres. Eu poderia contar a Madame Duban de seus encontros com Alexandre e ela, com certeza, a esganaria.

— Ah! — guinchou Danielle alegremente e espirrou o leite de seus dedos na amiga. — Você é terrível!

Quando não havia mais leite a ser tirado da vaca, Danielle a levou de volta para o pasto para buscar a última das quatro que estava dando leite. Ela pendurou o balde no poste da cerca e chutou a criatura de esbugalhados olhos vesgos.

— Vamos, sua putinha — disse. — Eu deixei você em paz até ser a última. Não infle essas narinas pra mim.

— Danielle!

Danielle girou nos calcanhares. Alexandre estava lá, as mãos nos quadris, uma linha de suor em sua testa.

— Meu querido! — disse Danielle. — Eu o procurei para irmos à missa, mas você não estava. Aonde foi?

— Sapatos para o *monsieur* LeBeque — disse Alexandre. — Ele esteve atrás de mim nos últimos dias para que eu fosse tirar as medidas para um novo par para ele e, esta manhã, insistiu que eu cuidasse desta questão.

— É mesmo? Sapatos, num domingo? Deus não vai aprovar, isso eu lhe digo.

— E nem eu — disse Alexandre. — Venha comigo ao celeiro. Preciso falar com você. — Ele olhou ao seu redor ansiosamente, para as pereiras, para o muro, para a porta da cozinha no fim da passarela.

Preciso ordenhar — disse Danielle. — A cozinheira faz uma grande quantidade de pão na tarde de domingo para durar a semana toda, embora não devêssemos trabalhar no Dia do Senhor. Isso não pode esperar. Mas irei esta noite, como sempre...

— Esta noite, terei ido embora.

— Embora? Meu amado, não, não pode...

— E você irá comigo, sim? Minha querida Danielle, eu não poderia partir sem você, mas devemos ter cuidado.

— Por quê? O que houve?

— Venha até o celeiro. Não falarei disso à luz do dia. Há olhos e ouvidos que não podemos ver e que não queremos que saibam de nossos

assuntos.

O coração de Danielle disparou e seus braços se tensionaram. O que havia acontecido? Ela não queria saber, mas precisava. Danielle aferrolhou o portão do cercado das vacas e seguiu Alexandre até o celeiro.

Encolhidos na baia dos fundos, Alexandre tomou as mãos de Danielle nas suas.

— Eu fiz de *monsieur* LeBeque meu inimigo. Ele está furioso por eu ter rejeitado os avanços dele.

— Ele queria você? — Os olhos de Danielle se arregalaram. — Pensei que o homem era casado.

Alexandre emitiu um som exasperado de sua garganta.

— Casado para mostrar respeitabilidade ao mundo — ele disse. — O homem esguicha palavras que acredita serem aceitáveis àqueles cuja posição neste lugar seja superior a dele. Mas daí eu o vi tirar pacientes de suas celas e levá-los até seu próprio quarto, vi o medo nos olhos deles quando a porta se fecha. Ele me puxou de lado e tentou me enfeitiçar com suas hediondas citações dos escritos de Donatien-Alphonse-François de Sade, pensando, talvez, que eu fosse um libertino tão depravado quanto ele imagina ser. Esta tarde, enquanto estava na lavanderia martelando uma sola de volta à bota de um oficial, LeBeque entrou cambaleando e disse que era hora de eu pagar por meu emprego.

— Santo Deus!

Alexandre pôs um dedo nos lábios dela.

— Shh, minha querida, não se aflija. Eu disse que nada teria com um homem tão cruel, que se aproveita dos outros livremente. Eu o empurrei para longe e disse que iria embora esta noite, que ele podia ficar com o pagamento que me era devido e enfiar bem em seu borraço alvoroçado.

— Não me diga! Maria do Céu! Você está em apuros!

— Creio que, se eu partir rapidamente, o homem há de esquecer a coisa toda. Ele não é inteligente e tem muitas coisas ao seu redor que pode usar muito mais facilmente.

Danielle enxugou os olhos e arrastou os dedos pelos cabelos.

— Sim, partir. Tenho pouco aqui que preciso levar. Vou pegar agora mesmo e voltar antes que possa piscar três vezes.

Alexandre fechou os olhos, então os abriu e trouxe-a para junto de si.

— Ter você, meu único amor, fará de qualquer jornada um prazer, de qualquer luta, um deleite. — Ele beijou a testa dela, sua orelha, suas faces. O hálito dele nos lábios de Danielle fez seu corpo se arquear sobre o dele. Instintivamente, ela dispensou sua blusa e sua saia, aninhando-se nele e na palha. — Me ame rápido, querido, meu maior bem-querer, por um último momento antes de nós...

A porta do celeiro foi escancarada e o empoeirado local foi subitamente preenchido por um torvelinho da tênue luz da manhã. Três homens de calções e jaquetas amarrotadas irromperam, pararam de súbito e encararam o casal nas sombras.

— Ah, o amor em meio ao esterco! — murmurou um deles, seu tom sombrio e feio, seus olhos azuis congelados de contentamento. — Eu me lembro bem de quando eu era jovem.

Danielle agarrou sua blusa e segurou-a diante dela. Alexandre pôs-se de pé num pulo e agarrou o forçado que estava recostado na porta da baia.

— Deem o fora daqui! — gritou ele.

— Tamanha ordem de tamanho criminoso! — riu um segundo. Era um homem careca com um bigode ensebado e furúnculos no queixo. — Fazendo exigências a nós!

— Criminoso? — disse Alexandre.

— Quase matou LeBeque. Golpeou sua cabeça e quase lhe abre o crânio — disse Olhos Azuis.

Danielle encarou seu amado, aturdida.

— Criminoso?

— Estão cometendo um engano — disse Alexandre. — Eu empurrei o homem pra longe, mas não o feri de modo algum!

— Empurrou-o pra longe e depois contra a grelha — disse o homem com furúnculos. — Encontrei-o atordoado e ensanguentado, lamuriando-se de que o sapateiro havia tentado matá-lo. Chegou por trás dele e o atingiu com um golpe que esperava ter sido fatal! Mas não teve tanta sorte, meu amigo, e viemos atrás do senhor.

Então, os três homens o atacaram, derrubando o forçado pela baia, e, apesar de seus esforços, Alexandre foi imobilizado com os braços para trás. Olhos Azuis amarrou as mãos dele com uma corda. Alexandre tentou chutar e derrubar os homens, mas eles deram um puxão na corda para cima e seus ombros estalaram ruidosamente. Alexandre cessou seus esforços. Seus dentes estavam cravados uns nos outros e os olhos arregalados de fúria.

— *Monsieur* LeBeque agora está acamado — sibilou o homem com furúnculos —, sob os cuidados de um dos melhores cirurgiões do hospital. Mas ele exigiu que cuidassem do senhor e que o tirassem das vistas dele.

Danielle viu esperança.

— Estamos partindo — ela disse enquanto deslizava para dentro das mangas e se atrapalhava com os ganchos. — Por favor, estão me ouvindo? Estaremos longe do Bicêtre num minuto, se apenas puderem soltar Alexandre!

— Não, moça, temos outros planos. Planos do próprio *monsieur* LeBeque. Eles têm alguns corpos no necrotério do hospital, mas o sapateiro há de ser o primeiro vivo a experimentar a Louissette, o primeiro a sentir a mordida fria e gentil.

— *Dieu a la pitié!* — gritou Danielle.

Alexandre começou a se contorcer novamente. Danielle viu o mundo oscilar violentamente, mas segurou-se com firmeza na parede para não cair.

— Não, não podem fazer isso! Ele não foi julgado nem condenado!

— Condenado o bastante — disse Olhos Azuis. — E ele devia se dar por satisfeito! Ora, esse é o método de execução provido pela

Assembleia. É o modo mais humano de levar a morte àqueles que a merecem. Nada de cavalete para ele. Nada do lento e lamentável estrangulamento do garrote! Somos uma sociedade civilizada agora.

— Parem! — lamuriou Danielle. — Santa misericórdia em nome do Senhor Jesus Cristo e de todos os santos!

De repente, Alexandre olhou para trás, por cima dos ombros, para o livro preto sobre a viga. Danielle pensou que ele ia pedi-lo, para carregá-lo consigo como um amuleto contra o perigo. Mas ele disse, em vez disso:

— Eu me lembro. Ah, Deus, agora eu me lembro!

Os homens atacaram os tornozelos de Alexandre para fazê-lo se mover e o rebocaram para fora do celeiro. Danielle puxou sua saia e os seguiu, cambaleando.

— Lembra-se do quê, idiota? — perguntou o homem com furúnculos. Mas Alexandre estava se dirigindo a Danielle, como se pensasse que ela poderia entender.

— Eu me lembro da lâmina em minha garganta, do corte rápido, dos sorrisos daqueles rostos queimados de sol. Ah, civilizada, eles disseram! Somos de fato uma sociedade muito humana!

— Alexandre? — gritou Danielle.

— Enlouqueceu de medo — riu Olhos Azuis. — Está agora de miolo mole. Talvez devêssemos simplesmente trancafiá-lo no hospital? Mas não, temos nossas instruções. Devíamos amordaçá-lo, porém, para silenciar sua língua.

Alexandre olhou para o céu, um céu cinza e nublado, ameaçando uma chuva do início de abril. Seus olhos refletiram o cinza e seus dentes estavam cerrados de angústia.

— Eu agora me lembro! Por que outra vez? Por que outra vez? Me perdoe e basta disso!

— Lunático! — riu Olhos Azuis.

O terceiro homem, que nada dissera até então, murmurou simplesmente:

— Cale a boca — E lançou seu punho contra a mandíbula de Alexandre. Este se dobrou sobre si, gemendo e cuspidando. Então, o homem puxou um lenço do bolso da frente de sua jaqueta e amordaçou Alexandre com força. O homem com furúnculos apontou um dedo para Danielle.

— Fique aqui, rameira. Não temos paciência pros seus choramingos!

Eles arrastaram Alexandre da Fazendinha, contornando o lado norte do enorme prédio de tijolos. Danielle correu atrás deles, mantendo-se a distância para não ser vista.

Eles não a notaram quando ela chispou pela arcada de pedras até um dos pátios menores no interior do perímetro do hospital. Ninguém a viu se acocorar nas sombras, por trás de uma carroça de duas rodas, e encarar, horrorizada, o mecanismo alto erigido no árido centro do terreno. Os três homens que detiveram Alexandre o puseram de joelhos para assistir às decapitações preliminares. Primeiro, uma ovelha foi presa ao suporte de pescoço e, com um movimento ligeiro, a lâmina foi derrubada do topo da torre de madeira e decepou sua cabeça. Ela baqueou no cesto. Das janelas dos andares superiores do hospital, vieram brados e gritos dos prisioneiros. Alguns deles davam pancadas e berros.

— Melhor — disse o homem no comando ao pequeno agrupamento de testemunhas; homens elegantemente vestidos, de chapéus, camisas de babados e sapatos de saltos e fivelas, apumados com os pés separados e as mãos juntas por trás das costas. — O ângulo da lâmina, como podem ver, é que faz o corte ser mais limpo. — Cabeças assentiram. Rostos gentis, preocupados com a civilidade daquilo tudo, claramente satisfeitos em fazer parte daquele avanço.

Dois corpos foram então decapitados. Um pertencia a um homem gordo, com cabelos ruivos e crespos, e o outro, um cadáver musculoso com apenas um pé. As cabeças já sem vida saltaram dos pescoços

mortos, sem expelirem sangue, mas escoando algo escuro, derramado no cesto de vime.

— O que temos aqui? — O homem no comando virou-se para onde Alexandre era mantido no chão. — Quem é esse aí? Ainda não estamos usando a máquina para execuções. Não temos documentos para esse homem. O primeiro já foi selecionado, um tal Nicolas-Jacques Pelletier³². Assim que a máquina estiver aperfeiçoada, ele morrerá.

Olhos Azuis disse simplesmente:

— É só mais uma cobaia, senhor. Sob solicitação de um de nossos oficiais aqui do Bicêtre. — Ele acenou com a cabeça em direção a uma janela do segundo andar, na qual podia se ver a fisionomia de LeBeque, sua cabeça envolta em uma bandagem, seus braços cruzados furiosamente.

— Não temos os documentos — repetiu o homem no comando.

— Quem liga? — disse Olhos Azuis. — Ele é um maníaco perigoso que esteve abrigado por anos no Bicêtre. Quase matou o oficial naquela janela ali. Mataria você ou eu, se o desamarrássemos. Quem vai saber, além de você, estas testemunhas e um punhado de idiotas balbuciantes nas janelas lá em cima?

O homem olhou para Alexandre, então para a lâmina que ele havia acabado de erguer de volta à posição.

— Um vivo lhe dirá mais sobre o que precisa saber — disse Olhos Azuis. — E aí ele será meramente um terceiro cadáver.

Alexandre tentou gritar por sobre a mordaca, mas só saíram gargarejos. Danielle pôs as mãos sobre os ouvidos, mas não conseguia desviar o olhar de sua vista pavorosa.

— Bem — disse o homem, girando as mãos impacientemente e franzindo os lábios como se tivesse dúvidas, embora a tentação de uma cobaia viva fosse demais para ignorar. — Tudo bem. Rápido, então. Esse deve ser nosso último teste.

E eles rapidamente resolveram a questão de Alexandre Demanche. O homem teve os tornozelos amarrados e foi posto, com muitas bufadelas

e grunhidos, sobre a maca de madeira. Sua cabeça foi enfiada no cocho para o pescoço e então preso quando a ripa de madeira de cima foi trazida e travada. Alexandre, ainda amordaçado, se esforçou para olhar ao redor enquanto o responsável estendia a mão para liberar a pesada lâmina.

Ele viu Danielle tremendo na sombra por trás do carroção. A expressão dele gritou o que ele havia dito no celeiro, embora as palavras não tenham feito nada além de confundir a mente já apavorada de sua jovem amante.

Por que outra vez? Por que outra vez? Me perdoe e basta disso!

A lâmina deslizou suavemente, um leve jato de ar e metal. Com uma bordoadada, ela encontrou seu repouso no fundo da trilha, lançando a cabeça impecavelmente no cesto. Mas esta sangrou profusamente.

Danielle cobriu o rosto com os antebraços e lançou seu rosto ao chão.

Ela voltou para a Fazendinha quando a escuridão caiu. Mais sentiu do que enxergou o caminho, pois seus olhos estavam preenchidos pelas visões hediondas do pátio. Marie e Clarice estavam na passagem, em pânico pela perda da amiga e, quando a viram, correram em sua direção e a abraçaram com força. Mas Danielle não aceitou nada daquilo. Ela disse simplesmente:

— Eu devo morrer.

Marie sacudiu Danielle pelos ombros.

— Que está dizendo? Aonde esteve?

Porém, então, Danielle bradou:

— Mas, se eu me matar, irei para o Inferno! Se eu viver, viverei no Inferno!

— Ah, santa Mãe de Deus — disse Clarice. — O que aconteceu contigo, querida amiga?

Danielle afastou-se delas e alcançou o celeiro para conferir se havia se enganado, ver se Alexandre estava esperando por ela na baia. Mas a

palha estava toda revirada e o forçado caído no chão, onde Alexandre tentara protegê-la. O casaco dele estava junto à parede, embolado. Danielle deu um grito dolorido e juntou o casaco, agarrando-se a ele. Suas amigas permaneceram na soleira, atônitas.

— Devo morrer também! — gritou.

— Danielle! — Era Clarice. — Saia daí. Converse conosco! Você nos deixou assustadas!

O diário de Alexandre estava na viga. Mas a *Bíblia* havia sumido. Danielle cavoucou a palha, rasgando e peneirando as porções douradas e afiadas, mas a *Bíblia* não estava lá. Alexandre não a tinha levado com ele. Mas não estava mais ali. O que houve com ela? Ela a queria para si, para levá-la consigo para sua morte.

Danielle se levantou e deixou o celeiro correndo. Ela sabia a resposta, tão certo quanto sabia que LeBeque, Olhos Azuis, o homem com furúnculos e o homem na máquina de decapitação iriam para o Inferno por seu teste civilizado e humano. Ela saiu empurrando as outras criadas, dizendo:

— Irei para os lugares onde vagam as prostitutas. Me farei disponível a um assassino, é isso que farei! Irei para o Céu se for assassinada. Pois sem ele, eu não viverei!

Marie e Clarice tentaram agarrar Danielle e contê-la, mas ela era rápida demais, estava enraivecida demais pelo luto, e elas foram deixadas ali, agarrando o ar e as primeiras gotas de chuva da noite.

Elas a seguiram. Contrariando as preocupações de Clarice de serem dispensadas de seus serviços por deixar o Bicêtre sem permissão, elas se precipitaram atrás de Danielle, os xales levantados ao redor de seus rostos. Passando por uma estreita rua parisiense, uma após a outra, chamavam sua amiga, mas não tão alto a ponto de atrair a atenção indevida dos cidadãos cada vez mais amedrontados pelas ruas. A chuva se deixou cair com força total, afugentando alguns pedestres das ruas e deixando apenas os determinados, os indolentes e os loucos.

Danielle foi abrindo caminho até a Rue Leon, um pequeno e deplorável beco ladeado por prostíbulos, bares e cortiços, altos e estreitos, alguns deles postados precariamente em fundações malfeitas. A chuva borrava as luzes das lamparinas, repousando em peitoris descascados. Prostitutas se recostavam, de meias e anáguas, em soleiras caindo aos pedaços, apertando seus seios e contorcendo suas línguas. Clientes encasacados, encharcados, corriam para o calor das insalubres sedutoras e desapareciam para o interior das casas com risadinhas baixas e rosnados. Um cão esquelético atravessou o caminho de Danielle, mancando, e se arrastou para dentro de um cortiço, passando por uma janela quebrada. Nas sombras, sob degraus escurecidos pela chuva e por trás de barris cintados pela ferrugem, espreitavam olhos que pareciam não ter órbitas. Dentes que pareciam não ter bocas.

Danielle parou na metade do beco. Ela encarou o céu escuro e pesado de chuva, erguendo as mãos como se ordenasse que algum espírito divino a salvasse.

— Me matem! — ela disse acima do tamborilar da chuva sobre os paralelepípedos e telhados. — Venham agora, com certeza há alguém que se aprazeria com a chance de saciar sua sede de sangue! Aqui estou e não há ninguém para acusá-lo de minha morte, pois não há ninguém nesta cidade esquecida por Deus que se importaria com minha partida!

Ela fechou os olhos e manteve as mãos erguidas. Respirou fundo, esperando sentir uma faca mergulhando em suas costelas ou uma adaga passar por sua garganta. *Agora*, ela implorou silenciosamente. *Que isso se acabe de uma vez.*

Ela não ouviu nada, exceto os risinhos das prostitutas em suas casas e o choro dos bebês nos quartos dos cortiços. Ela disse novamente.

— Aqui estou! Um presente, de graça!

Chuva respingando e risadas abafadas.

Então: — Não, eu não quero morrer. Deus me perdoe. — E, novamente: — Sim, morrer eu devo! Me liberte!

A seguir, uma mão em seu antebraço e um sussurro.

— Irmã, você está encharcada até os ossos!

Danielle abriu os olhos para ver um par de orbes vermelhos encarando-a intensamente, a centímetros dos seus. A pele ao redor dos olhos era tão branca quanto a de um cadáver. Danielle arfou e se debateu, mas a boca em vermelho vivo sorriu e disse:

— Nada tema, querida. Eu tenho o que deseja. Você é mesmo uma coisinha jovem, não? — Dedos frios alisaram gentilmente os cabelos na nuca de Danielle e inclinaram sua cabeça para o lado muito gentilmente.

Danielle não conseguia desviar a vista dos olhos vermelhos e pensou pelo mais breve dos momentos, *É só uma rameira pintada. Uma rameira que mata nas horas vagas pra aliviar suas ansiedades. Tudo bem. Ótimo. Uma rameira deve matar mais gentilmente do que um homem o faria.*

— Vou libertá-la para uma vida que não é vida, uma morte que não é morte. Meu presente para você. O presente que muitas de nós pediram, por causa do pavoroso estado de nossa existência mortal enquanto mulheres na Terra. Prepare-se, querida, agora prepare-se.

Danielle prendeu a respiração.

— Danielle! — O grito veio de trás e Danielle tentou olhar na direção dele, mas a rameira de rosto branco e mãos frias a segurou tão forte quanto qualquer homem.

— Danielle! — Era Marie, em algum lugar na entrada do beco.

— Shh — ciciou a rameira — Shh. — O rosto mergulhou no pescoço nu de Danielle. Uma dor lancinante disparou por sua carne, pelo músculo até a medula de seus ossos. Danielle gritou, mas o grito foi ao encontro da risada abafada da rameira e do deslocamento da chuva com o vento.

Então, houve calor e uma paz entorpecida, uma tontura vertiginosa que capturou seus pensamentos e os lançou ao vento feito seixos. Ela quase riu, quase, mas então caiu para dentro de si e não havia fundo, nem luz, e ela caiu, caiu e pensou, *Isso é a morte. Eu hei de encontrá-lo, Alexandre. No bom paraíso do Senhor, eu hei de encontrá-lo!*

Elas se estabeleceram em Buffalo, Nova York, em fevereiro de 1889, quando Danielle insistiu que a população de Irmãs havia crescido demais na cidade de Nova York. Marie estava cansada de se mudar. Assim como Clarice. Mas Danielle estava sempre irrequieta. Não importava a disponibilidade, nem a quantidade de presas ou a relativa segurança de seus esconderijos, ela só ficava feliz em um lugar por alguns meses, até começar a insistir para que se mudassem. Marie e Clarice, sem querer deixar sua amiga se aventurando por conta própria, sempre a acompanhavam.

Elas ainda haviam ficado na Europa por mais de oito anos, se mudando de Paris para Lisboa, depois para Londres e incontáveis cidades e localidades menores, tomando o sangue que precisavam para sobreviver, encontrando outras *Soeurs de la Nuit* — Irmãs da Noite — e partilhando suas histórias, suas dores. Rindo com elas quando alguma lembrança era divertida, pranteando com elas quando uma lembrança era dura demais.

As Irmãs eram uma ordem de mortas-vivas, bem parecidas com os lobos solitários de sua espécie, mas diferentes em suas necessidades e sua simpatia umas pelas outras. Elas viviam do sangue alheio, muito frequentemente o sangue de ladrões e estupradores, assassinos e espancadores de esposas. Bebiam o suficiente, geralmente compartilhando o homem atordoado, passando-o adiante entre suas colegas, então matavam suas vítimas com uma torção no pescoço. As Irmãs não desejavam levar tais vilões à vida eterna junto a elas.

Ali, na Rue Leon, muitos anos atrás, uma Irmã tinha ouvido os gritos lamentáveis de Danielle e partira em seu auxílio. Marie e Clarice, que tombaram ao lado de Danielle, foram igualmente levadas ao mundo da eternidade.

Num primeiro momento, elas se mostraram incapazes de aceitar sua nova realidade e se esconderam no porão de um prostíbulo por nove dias, tentando sair pela manhã, mas incapazes disso e se percebendo nauseadas quando lhes ofereciam pratos de nabos e porco, embora

ávidas quando lhes ofereceram um bêbado que trapaceava no carteadado. Danielle chorara por Alexandre; Marie e Clarice apenas choraram. Porém, conforme eram alimentadas e encorajadas pelas Irmãs que se ocuparam delas, evoluíram às suas novas *personas*.

Elas voltaram para o Bicêtre em uma noite estrelada e, enquanto Marie e Clarice descontavam sua fúria em vários médicos que tinham trepado com elas e as descartado, Danielle foi até o escritório de *monsieur* LeBeque, iluminado à luz das lamparinas, e torturou o homem até a beira da morte, como seu campeão de Sade teria feito, embora ela, diferente do libertino, não tenha tido um prazer orgástico no ato. Quando ele foi reduzido a um resto de ser humano, sem olhos e sem língua, revestido de carne dilacerada e apalpando o ar com tocos de dedos em carne viva, ela bebeu seu sangue tóxico e torceu seu pescoço.

Mas Danielle não sentiu satisfação.

Por 117 anos, Danielle não encontrou nenhuma satisfação, nenhuma paz. Era ela quem vagava sem propósito, seguida de perto pelas duas leais amigas, cuidada por elas, com frequência protegida por elas. Elas, porém, sabiam que sua inquietude e seu anseio por aquilo que um dia tivera, brevemente, não haviam se esvaído dela, mesmo que sua própria vida o tivesse feito.

Ela ansiava por Alexandre.

Ela tinha saudades dele, o desejava. Seus sonos diurnos em porões e baias aleatórios, sótãos e armazéns, eram perturbados por sonhos. Ela gritava seu nome e despertava com os próprios gritos. Às vezes, mordida os próprios pulsos para aliviar a agonia de seu coração, ou para acabar com sua consciência de uma vez por todas, mas isso era impossível de conseguir.

Porém, não havia nada que Marie e Clarice podiam fazer além de amá-la.

Buffalo era uma cidade próspera no canto oeste do estado de Nova York. Foi sugestão de Clarice, assim que Danielle começou a bater na tecla de que a cidade de Nova York era apinhada demais para a espécie

delas. Não apenas para os solitários, mas para as Irmãs também. Marie e Clarice gostavam do companheirismo, mas Danielle se irritava com elas bem rapidamente. Assim, quando Marie sugeriu Buffalo, Danielle estava pronta para se mudar.

Elas viajaram à noite, de trem, vestidas recatadamente como se esperava que fizessem as mulheres daquela época, em formais vestidos cinza de lã e cetim que pressionavam fortemente seus colos contra seus torsos. Suas roupas íntimas que premiam suas cinturas inclementemente. Quando estavam sozinhas, elas se vestiam como bem entendiam e com frequência ficavam nuas, mas, para andar em público, encenavam a farsa.

Marie tinha em seu colo um folheto que angariava os melhores pontos da cidade.

— Ela é chamada de “A Cidade Elétrica do Futuro” — ela leu, segurando o papel à luz da lâmpada na parede ao seu lado. O trem sacolejava constantemente e ela tinha que mover a cabeça com os tremores para poder acompanhar as palavras impressas. — Há mais luzes elétricas sendo usadas aqui do que em muitos outros lugares dos Estados Unidos. O que acha disso, Danielle?

— Parece bom — disse Danielle. Ela remexia os botões cobertos de tecido de seu corpete, imaginando que suas mãos eram as de Alexandre. As mãos dele eram lindas. Ela nunca esqueceria aquelas mãos. Marie continuou a ler e Danielle não escutava nada além do tom de sua voz. Então: — Danielle? — Era Marie.

— O quê?

— Está em silêncio há horas. Já está quase amanhecendo e o trem ainda está há quilômetros de Buffalo. Precisamos encontrar um abrigo.

As Irmãs se deslocaram graciosamente do vagão de passageiros para o de carga. Era ali que eram empilhados a bagagem, estojos de ferramentas, caixas de mantimentos e sacos de material e papel. Elas se enroscaram dentro de três caixotes cheios de pregos e despertaram naquela noite em um cais de carga, junto do Canal Erie.

Silenciosamente, elas se retiraram antes dos estivadores chegarem aos seus caixotes e vagaram até a Rua Ohio, rumo aos aromas de água imunda e ozônio. Havia um trilho na metade dela e, sob o brilho amarelo das luzes da rua, uma locomotiva puxando vários vagões de carga passou estalando e chacoalhando.

Foi fácil encontrar a parte da cidade que se refestelava em álcool e sexo por dinheiro. Não era diferente das áreas decadentes de qualquer cidade, exceto que ali, os covis e prostíbulos batiam de frente com elevadores de grãos e estaleiros. O número de mortos-vivos era pequeno, Danielle estimava não mais do que cinco ou seis, pelas vibrações no ar. Elas eram as únicas Irmãs. Pararam do lado de fora de um portão que dava para um enorme elevador junto ao canal e instigaram o único vigilante no portão a deixá-las entrar.

— Somos da França — murmurou Marie. — Acabamos de chegar, *monsieur*. Nunca vimos uma estrutura assim. Ela nos impressionou bastante. Por favor? — Ela tocou seus lábios vermelhos timidamente e piscou.

O homem, perturbado com aquela atenção, disse:

— Eu não me dou com rameiras. Vão cuidar dos seus negócios.

Marie fingiu horror diante daquela sugestão.

— Rameiras? *Mon Dieu!* Senhor, somos damas no mais verdadeiro dos sentidos, irmãs vindas de outra terra para aprender o que pudermos. Mas, se o ofendemos, então haveremos de ir embora. — As três deram as costas e o homem cedeu.

— Muito bem, então — ele disse rapidamente. — Sinto muito, madames. Não quis ser desrespeitoso. Entrem e mostrarei às senhoritas como um elevador de grãos funciona aqui na velha Buffalo.

Ele desferrolhou o portão e as moças passaram por ele, convidadas. Mas a breve introdução dele à história do canal foi interrompida quando as três o atacaram e tomaram seu sangue, depois sua vida. Então, encontraram um confortável refúgio num pequeno depósito próximo ao elevador.

Os dias seguintes foram tombando uns sobre os outros. As Irmãs dormiam despercebidas no depósito durante o dia, apertadas feito sombras por trás de velhos pedaços de móveis cobertos de teias de aranha e a poeira acumulada de muitos meses. À noite, caminhavam pelas ruas Ohio e Erie, vestidas feito damas, amigáveis e recatadas, procurando criaturas humanas das quais se alimentarem e, após terminar, jogar os corpos torcidos no canal com o resto do esgoto.

As coisas eram como há um bom tempo vinham sendo. Até o início de março, quando Danielle estava fingindo tomar café em uma cafeteria logo após o anoitecer e avistou na rua, pela janela ensebada, um vendedor ambulante de frutas, empurrando seu carrinho e enxugando o cenho com uma mão grande e robusta. O rosto do homem não era familiar — era um rosto oco e afundado — e seu corpo era magro e nada espetacular. Mas as mãos, ela conhecia. As mãos eram de Alexandre. Ela arfou.

Marie e Clarice, sentadas com sua amiga à minúscula mesa redonda, estenderam as mãos a ela.

— O que foi? — sussurrou Clarice.

— Alexandre — disse Danielle.

— Está louca! — disse Marie. — Que sangue foi esse que bebeu na última vez, para crer que está vendo seu amante morto?

— É ele.

— É um vendedor de frutas, pelo amor de Cristo — disse Clarice. — Crie juízo, e já. Não vá perder a cabeça.

Danielle se soltou e correu para a rua. O vendedor havia sumido e ela passou o resto da noite refazendo o caminho dele pelo seu cheiro e o de suas peras e maçãs apodrecidas. Mas os aromas da Cidade Elétrica eram fortes e misturados, entremeados em uma tapeçaria rumorosa e pungente, e ela perdeu o rastro.

Elas se recolheram quando a escuridão começou a se dissolver no dia e, pela primeira vez desde seu renascimento em Paris, Danielle sentiu uma nova esperança. Uma nova razão para abraçar sua imortalidade.

Ela estaria com Alexandre outra vez.

Em cada noite subsequente, ela se postava na mesma cafeteria, na mesma mesa, comprando uma xícara de chá que nunca bebia, e olhava para fora buscando o vendedor de frutas. Mesmo quando a cafeteria fechava, às oito, ela ficava na esquina com suas amigas irritadiças e estudava cada um dos vendedores cobertos de poeira e os magricelas mercadores ambulantes. Ele, com certeza, morava em Buffalo. Vender frutas não era um serviço que levava a pessoa de cidade em cidade. Ela só abandonava sua vigília para saciar sua necessidade de alimentar-se, então voltava, sob a lua, as estrelas, a chuva ou a neblina, para encontrar seu amor e seu carrinho.

Várias semanas depois, quinze minutos após as três da manhã, enquanto Marie e Clarice se sentavam no banco de um vagonete, comparando costuras soltas em suas luvas, ouviu-se o grito de homens bêbados e risadas vindas do fim da rua, e então, uma pequena multidão passou cambaleando em um desfile improvisado. Um homem estava sentado num carrinho de frutas, outro empurrava, enquanto o resto dançava ao lado deles como se estivessem celebrando o Rei dos Tolos. O homem no carrinho, quase apagado pelo álcool, era Alexandre. Danielle gesticulou para suas amigas e elas seguiram a turba até um cortiço precário, perto da estação ferroviária. O homem soltou o carrinho, com frutas e tudo, então saiu cambaleando até a esquina e sumiu de vista.

Danielle correu até junto do homem bêbado, afastando as frutas amassadas que o cobriam e tomou as mãos dele nas suas.

— Meu amor — ela disse. Seu coração batia como se ainda estivesse vivo. — Meu amor, eu o encontrei! Alexandre, sou eu, Danielle!

Marie disse, com severidade:

— Deixe disso, Danielle. Este não é Alexandre.

Mas Danielle sabia que elas não podiam acreditar. Não importava que não acreditassem. Ela acreditava. Ela ajudou o homem a se pôr de pé e tocou seus lábios entreabertos com seu dedo frio.

Então, um guincho de uma janela lá em cima:

— William Kemmler, é você? Traga esse rabo desgraçado aqui pra cima antes que eu vá atrás de você com essa machadinha, e eu faço, você sabe que eu faço!

— Megera! — gritou Danielle. — A senhora não sabe com quem se casou!

Uma lamparina veio até a janela e, então, muitas lamparinas em muitas janelas, e havia rostos perscrutando lá para baixo. Alguém gritou:

— Se casou? Tillie não é casada com Kemmler, ela só finge que é pra eles poderem trepar e ir pra igreja de vez em quando! — Risadas estridentes irromperam e então alguém cuspiu, um pigarro longo e substancial, da cor de ferrugem, que pousou com um *plaf* em uma poça junto ao sapato de Danielle.

Danielle deixaria isso passar, por ora. Por esta noite. Ela voltaria quando não houvesse tanta atenção. Pois tentar reivindicá-lo agora seria displicente. E a displicência poderia trazer a destruição. Ela o havia encontrado. Ela voltaria no dia seguinte, silenciosamente, algo em que sua espécie era extremamente talentosa, e falaria com ele.

E o faria voltar a si.

E voltar à cama dela, ao coração dela. E, diferente dos outros infelizes que tombaram sob sua mordida, ela o levantaria dos mortos para si mesma.

A noite seguinte estava limpa e fria, com uma lasca de lua deslocando-se acima das luzes de Buffalo, feito um brinquedo invejoso e esquecido. Marie e Clarice advertiram Danielle para que ela esquecesse aquilo, era insanidade acreditar que seu amor havia reencarnado em um vendedor de frutas e, quando ela se recusou a escutá-las, elas se recusaram a acompanhá-la.

— Lavamos nossas mãos quanto a isso — disse Marie. — Não podemos nos colocar em perigo por sua insensatez, por mais que a amemos.

Danielle disse:

— Então, não se coloquem.

Ela foi até o cortiço e, das sombras de um bordo atrofiado, observou seus ocupantes zanzarem para dentro e para fora. Em questão de minutos, duas mulheres esfarrapadas saíram para os degraus, com chapéus e xales, seus dentes quebrados e marrons, e uma delas disse:

— Pega uns charutos deles pra mim se puder, Tillie. Se surrupiar eles, a gente pode vender e fazer um dinheirinho, não acha?

Tillie, uma coisinha magrela que poderia tanto ter vinte quanto quarenta anos, disse:

— Vou surrupiar eles e aí você pode pagar, igual ao resto deles.

— Vaca!

Tillie desceu os degraus e a outra mulher virou-se, com raiva, e rumou em outra direção.

Danielle contou até vinte. Então, foi até a entrada do cortiço e esperou. Um homem abriu a porta da frente e se encolheu quando a viu parada ali. Ela manteve as pálpebras baixas, para que o vermelho de seus olhos não fosse tão óbvio.

— Oi, meu bem — disse ele. — O que uma rapariga bonita como você tá fazendo aí parada?

— Esperando você me convidar pra entrar — disse Danielle, simplesmente. O homem o fez. Ela quebrou o pescoço dele no vestíbulo e o enfiou embaixo da escada. Ninguém estava fora dos apartamentos para ver e ela supôs que eles nem se importariam tanto assim, de qualquer forma.

Tillie havia gritado de uma janela do terceiro andar, à esquerda. Danielle galgou os degraus da escada, suave e rapidamente, até o apartamento que com certeza pertencia a William — a Alexandre. A porta estava trancada, mas com um simples tranco na maçaneta, ela se abriu totalmente. Ela adentrou o apartamento entulhado. Havia três cômodos, alinhados como vagões, um após o outro. Danielle estava na cozinha. Uma porta para a esquerda levava a uma sala. Uma porta para a direita levava a um quarto. Havia uma panela no fogão de ferro, com

uma gororoba até a metade. Havia um penico no chão, junto à mesa, cheio de urina.

— Alexandre — sussurrou Danielle. — O que o trouxe até outra vida difícil? Você sofreu em Paris e agora sofre aqui. Que maldição, meu precioso amor, se abateu tanto sobre você?

Ela se deslocou silenciosamente para a sala. Vários retratos emoldurados, cobertos de poeira, repousavam sobre uma minúscula mesa. O acolchoamento do sofá estofado de azul tinha as costuras arrebitadas e escorria pelos rasgos. Havia uma pequena prateleira na parede atrás do sofá. Nela, um tinteiro, uma caneta, vários livros e um deles, de capa de couro preto, estava amarrado com um cordão.

— Sim! — sibilou Danielle. — É o meu amor, não há dúvidas! — Ela pegou o livro da prateleira e se jogou no sofá grumoso. Ele não queria que ela visse esta *Bíblia*, mas ela não podia ignorar aquilo. Folheou as páginas finas e amareladas e chegou a uma parte que havia sido tão manuseada a ponto de estar quase ilegível.

Estava no *Livro das Provações*. Ela leu:

Quando Pilatos viu que em nada ele triunfava para a salvação do homem Jesus e que Jesus devia, de fato, morrer para satisfazer a multidão, ele ofereceu a execução para prisioneiros nobres, cortaria seus pulsos com a espada, fazendo com que o homem sangrasse rapidamente até a morte. Mas, em meio à multidão, ergueu-se a voz do homem André, filho do pastor Finéias, que disse — Jesus deve sofrer por suas palavras! Crucifique-o! — A multidão se uniu no mordaz pedido. Ele deve sofrer por suas palavras!

— O que isso tem a ver com você, Alexandre? — Danielle se perguntou em voz alta. — Eu não entendo. Jesus, me dê entendimento para que eu possa ajudar meu tão querido amor!

Ouviu-se uma batida na porta e uma mulher entrou na cozinha. Era Tillie. Ela viu Danielle da soleira e seus lábios se retraíram num rosnado.

— Vaca! — ela gritou. — Volto pra consertar meu sapato e o que eu encontro? Uma das putas de William, sem dúvida, descarada e ousada feito uma porca, sentada no meu próprio sofá, está sim! Esperando ele voltar pra casa, é? Esperando pra chupar aquele vermezinho desprezível por alguns centavos, não é?

Danielle se levantou lentamente. Essa mulher não lhe oferecia qualquer desafio, mas ela não gostaria de ter que matá-la se não fosse necessário.

— Sinto muito — ela disse. — Cometi um engano. Achei que esta era a casa de meu primo, Randolph Sykes. Peço desculpas, senhorita.

Mas a mulher não se deixaria apaziguar e tomou uma machadinha que estava recostada no fogão. Danielle ergueu a mão:

— Senhorita, apenas me deixe ir. Será melhor assim.

— O melhor é que William pare de raparigar. O melhor é você morrer bem rápido e ficar com essa boca calada. — Tillie passou seu punho pelo nariz, fungou e entrou na sala, a machadinha erguida. Danielle alertou calmamente:

— Abaixе isso.

A boca de Tillie se escancarou; ela rosnou e se aproximou.

— Vou abaixar no meio da sua cabeça, vai ficar bem bonito! Vou repartir seu cabelo bem no meio!

E a machadinha girou num arco, descendo em direção à testa de Danielle. Esta, habilmente deu um passo para o lado e o sofá recebeu a força total do golpe. Penas voaram.

— Desgraça! — gritou a mulher. Ela liberou a machadinha e se virou para Danielle de novo. Danielle recuou até a cozinha. Ela voltaria mais tarde. Tinha sido convidada para dentro do prédio, então adentrá-lo não seria problema.

De repente, havia arfadas nas escadas, no corredor, do lado de fora da porta e ela virou-se num átimo para ver Alexandre ali parado, agarrando a soleira da porta e ofegando. Ele olhou para além de Danielle, para a mulher com a machadinha.

— Sua vaca! — ele gritou. — Eu podia ouvi-la gritando lá embaixo, da rua! O que vai fazer agora, matar uma mulher que parece ter acabado de se perder?

— Alexandre — sussurrou Danielle, admirada.

Mas o homem passou por ela e correu até Tillie, tentando apanhar a machadinha enquanto agarrava o cabelo dela com a outra mão.

— Porca! Não dá pra confiar em você com nada nem ninguém! Devia enfiá-la no asilo, isso que eu devia! Me dê a maldita machadinha ou vai acabar arrumando uma acusação de assassinato!

Tillie pulou para longe, tropeçou em uma cadeira de encosto reto e caiu no chão. Alexandre — William — saltou mais uma vez e tentou agarrar a arma. Ela girou-a na direção dele e não acertou seu rosto por um fiapo de cabelo.

Danielle entrou na sala. Ela podia se cortar, não importava. Mas não deixaria Alexandre ser morto. De novo, não. Ela estendeu a mão para a machadinha sendo brandida assim que o homem a tomou da mulher no chão.

— Pra trás! — gritou ele para Danielle.

Tillie estava de pé em um segundo e prendeu-se ao braço de Alexandre com seus dentes. Ele gritou e começou a atacar o ombro dela com a lâmina. E de novo. E de novo.

E de novo.

— Estou farto de você, estou farto de você, estou farto de você! — ele gemeu.

Danielle assistiu horrorizada à mulher passar cambaleando por ela em direção à cozinha e cair pela porta, rolando pelas escadas até um patamar. Alexandre, enfurecido, seguiu-a e plantou um golpe certo em sua cabeça. A mulher no patamar parou de se mover.

As portas de cada um dos apartamentos pareceram se abrir no mesmo momento. Gritos e pragas se seguiram, com dedos apontando para Alexandre e Danielle.

— Assassino! — gritou um homem.

— Matador! — gritou uma criança.

Danielle, atônita, recolheu-se ao apartamento e escapou por uma janela para a bruma da noite.

William Kemmler confessou o assassinato da mulher com quem vivia em união estável, Matilda Ziegler, e foi condenado à morte pelo estado de Nova York. Ele foi transferido para a prisão em Auburn, onde, em agosto de 1890, aguardava sua execução.

Mas a execução haveria de ser civilizada e humana, a primeira em que a eletricidade seria usada para extinguir a vida do condenado. Uma cadeira havia sido construída com carvalho e circuitos elétricos, depois testada em animais para garantir que a morte seria humanizada. Embora tenha havido discussões entre os dois principais magnatas da energia elétrica, Thomas Edison e George Westinghouse, quanto à escolha da corrente — a “Corrente Direta” de Edison ou a “Corrente Alternada” de Westinghouse — veio a ser que, através de uma dissimulada manipulação, Edison garantiu que a corrente alternada, CA, fosse usada na cadeira elétrica. Embora Westinghouse tenha se recusado a vender seu equipamento para a prisão e para a máquina da morte, Edison providenciou que alguns equipamentos usados fossem adquiridos sem o conhecimento de seu concorrente e transformados na cadeira. Isto, Edison sabia, cristalizaria na mente dos americanos que a CA era mortal e, assim, a corrente direta, CD, é que deveria ser usada nas casas. Os homens na prisão de Auburn, bem como repórteres em seus jornais diários e semanais, começaram a gracejar sobre virem a dizer que um homem posto para morrer na cadeira elétrica teria sido “Westinghouseado”, um termo que horrorizou o desenvolvedor da corrente alternada.

Nada disso importava para William Kemmler, porém, nem para Danielle Boquet. Com seu charme e graciosidade, ela havia sido capaz de obter boas-vindas no prédio da prisão masculina, mas ainda precisava ser convidada a entrar na fria parte da casa da morte onde seu Alexandre

aguardava a execução. Ela tinha o poder para matar os guardas, mas não para forçá-los a oferecer entrada a ela.

E assim, ela aguardou. Ela se afligiu. E Marie e Clarice tentaram consolá-la. Ela voltou diversas vezes ao apartamento no cortiço, na esperança de poder encontrar um meio de ajudar seu amado a escapar de mais uma morte pela grande sociedade humanizada, mas não havia nada. Ela pegou a *Bíblia* preta e a manteve junto de si, no bolso de sua saia, mas lê-la de nada adiantou. Nada explicou.

Danielle se agarrava à parede exterior da câmara da morte, à noite, e durante o dia dormia em um armário do gasômetro da prisão. Marie e Clarice ficaram com ela, garantindo-lhe que aquele não era Alexandre e que, quando ele estivesse morto, ela cairia em si.

Testemunhas chegaram à prisão na noite de 6 de agosto, vinte e cinco homens; catorze deles, médicos, ansiosos e empolgados por ver essa nova morte que não causaria sofrimento indevido. A câmara da morte em si ficava no porão e Danielle se deitara na grama vaporosa e infestada de insetos sob uma das janelas, olhando através do vidro e das barras de ferro para a horrível cena se desenrolando lá embaixo. As testemunhas entraram, agarradas a cartolas e luvas, a maioria delas se acomodando em assentos dispostos de frente para a cadeira elétrica. Outros homens ficaram de pé. A seguir, o diretor e vários guardas entraram, com Alexandre entre eles. Um sacerdote, parecendo entediado e desinteressado, seguiu atrás deles com sua batina, segurando suas Escrituras contra o peito.

Alexandre passou os olhos pela sala úmida e austera. Seus olhos estavam avermelhados pela falta de sono e pelo terror iminente. Os guardas indicaram a cadeira com a cabeça. Ele andou até ela, mas não conseguia se convencer a sentar. Um guarda disse:

— Você vai gostar muito mais disso do que da forca, rapaz.

— Preciso entrar — sussurrou Danielle a suas Irmãs atrás dela. Marie e Clarice, a alguns metros de distância, disseram:

— Não há como.

Alexandre se virou e se abaixou até a cadeira. Então, ergueu-se de novo.

— Eu me lembro! — gritou ele.

— Cale a boca e sente-se — disse o diretor. — Vamos quebrar seus braços pra isso, se for necessário.

— Não, não, me ouça, eu me lembro! — O rosto de Alexandre se contorceu com o pavor do conhecimento. — Ah, Deus, eu me lembro!

O diretor empurrou Alexandre para a cadeira. Guardas começaram a amarrar suas pernas e braços com as tiras de couro. Mas Alexandre continuou.

— Eu me lembro da lâmina em minha garganta, do golpe rápido dos misericordiosos africanos que disseram que eu era o primeiro a morrer uma morte civilizada! Eu me lembro da lâmina da guilhotina e da garantia de que a execução seria indolor. Eu me lembro, agora! Por que outra vez?

— Endoidou de medo — disse um médico, nervoso. — Vamos acabar logo com isso!

— Eu sei o porquê! Eu sou Sula! Eu sou Alexandre! Eu sou William! — disse Alexandre. — Mas eu era André, me condenando com minhas próprias palavras, uma vez após a outra, àquilo que eu não permiti ao nosso Senhor! Uma morte justa e gentil. Um fim cortês e brando!

Uma tira foi rapidamente afivelada em sua cintura e um arreio de couro com eletrodos foi encaixado em sua cabeça.

— Chega de tagarelar! — disse o diretor. — Cale sua boca, criminoso!

Danielle pressionou sua testa contra a mínima fenda de janela e gritou:

— Alexandre, então você se lembra de mim?

Todos os rostos se viraram em direção à janela. Alexandre encarou-a, a boca aberta.

— Alexandre, me deixe entrar!

Atrás de Danielle, Marie e Clarice arfaram:

— Não, Danielle, deixe disso!

Danielle bateu nas barras de aço:

— Alexandre, por favor, me deixe entrar!

— Você é um anjo, enviada por Cristo para encerrar esse ciclo? — perguntou Alexandre.

Os guardas se atrapalhavam com a tira do queixo e passaram o couro pela fivela. Antes que eles pudessem cerrar suas mandíbulas com a tira, ele conseguiu dizer:

— Entre, Anjo!

Marie agarrou o pulso de Danielle por trás e rosnou para ela:

— Não ouse! Eles verão quem realmente é. O sacerdote tem um crucifixo. Será o nosso fim, Irmã!

Danielle se contorceu violentamente, mas Clarice tomou seu outro pulso e segurou-o com firmeza.

— Não seremos destruídas pela sua displicência!

Danielle mordeu suas Irmãs, arranhou-as. Ela chutou e rodou, os ossos de seus pulsos se despedaçaram, mas elas não a soltaram.

Dentro do porão, ela viu o sacerdote erguer sua mão para o sinal da cruz. Ele recuou. Um guarda acenou para um homem atrás da cadeira.

— *Não!* — Danielle gritou e as testemunhas passaram as mãos por seus cabelos e se remexeram nos assentos, desconfortáveis com o espetáculo que aquilo havia se tornado.

— Agora — disse o guarda.

— Não! — gritou Danielle. Ela chutou as barras e a vidraça da janela. O vidro se partiu e salpicou o chão do porão com estilhaços.

Ouviram-se o som de um bonde acelerando, um zunido agudo e lamuriante que fez a sala inteira vibrar. O corpo de Alexandre convulsionou e se retesou nas tiras de couro. Fumaça se ergueu de seu

cabelo, que então pegou fogo, crepitando e estalando numa língua de laranja e azul.

— Jesus — disse uma testemunha.

— Oro para que ele já esteja morto — disse outra.

O corpo dançou pela extensão da cadeira, um fantoche de cordas elétricas, até que o diretor acenou e a corrente foi desligada.

Danielle não conseguia se mover. Ficou deitada na grama, suas unhas enterradas na testa, seus olhos encarando, encarando, absorvendo e rejeitando ao mesmo tempo. Alexandre, morto novamente.

E então, Alexandre gemeu. As testemunhas arfaram e cobriram suas bocas com as mãos. O diretor apontou apressadamente na direção do homem junto à alavanca na parede, que a acionou de novo e, de novo, Alexandre dançou.

Estava tudo terminado em seis minutos. Finalmente, Alexandre estava morto. Guardas o desamarraram cautelosamente, reclamando que ele estava escaldante ao toque e, com os casacos sobre as mãos para protegê-las, rolaram o corpo para uma maca que aguardava ao lado da sala. Eles o cobriram com um lençol. Mas, quando um médico tentou examinar o corpo, não conseguiu retirar as roupas por causa do calor. O diretor escoltou os homens de rostos cinzentos para fora da câmara da morte até que o corpo esfriasse.

— Meia hora — disse o diretor. — Deixem que esfrie e deixem o ar se renovar um pouco. E tragam um guarda para prender aquelas mulheres no pátio!

— Eu odeio vocês — Danielle disse a Marie e a Clarice.

— Não, não odeia — disse Marie.

— Ah, odeio sim — disse Danielle. As mãos sobre seus punhos se afrouxaram e ela, enfim, foi capaz de se transformar em névoa para atravessar a janela até o porão. Suas amigas a seguiram.

Lá estavam elas, em meio ao fedor e à morte. Danielle ficou em silêncio por um momento, então disse:

— Sou tão amaldiçoada quanto ele.

— Não somos amaldiçoadas, Danielle — disse Clarice —, somos abençoadas.

— E o que seria uma maldição? Aquilo que não se quer, pelo qual nunca se pediu, aquilo que, no entanto, nunca lhe abandonará!

— Não é Alexandre — Marie falou mais uma vez. — Venha conosco. Venha conosco.

— Vocês não sabem de nada — disse Danielle. E não foi embora com elas.

Ela subiu na maca e retirou o lençol. Seu amor estava ali deitado, seu rosto doce queimado pela metade, seu cabelo enegrecido e tostado. Suas lindas mãos, cozidas até virarem garras. Ela segurou uma das mãos, beijou-a e derramou nela suas lágrimas.

— Eu removeria sua maldição se pudesse — ela sussurrou. Inclinou-se sobre o pescoço chamuscado e o mordeu ali. O sangue tinha gosto de carvão e a fez vomitar.

Ela ouviu as vozes dos homens vindo em direção à câmara. Passos golpeando o cimento do chão do corredor. Ela iria embora. Mas o encontraria novamente. Estaria diligente e atenta, teria seus sentidos sempre aguçados e estaria pronta. Ela o seguiria e, talvez, o salvaria. Salvá-lo para o que, ela não tinha certeza. Salvá-lo rumo a que, ela não podia saber. Mas ela o encontraria.

Ela tocou o bolso de sua saia. A *Bíblia* havia sumido. Havia se lançado adiante, para encontrar seu amor uma vez mais.

— Até depois — disse. Nas gavinhas de fumaça que ainda perduravam, ela deixou o porão. Lá fora, Marie e Clarice não estavam em lugar algum. Ela sabia que nunca mais as veria. Tudo bem. Não queria ser um peso para elas. Faria isso sozinha.

Ela comprou uma passagem em um voo noturno de Virgínia para Illinois. Tinha ouvido rumores de que o Departamento Correccional havia

decidido permitir a condenados no Corredor da Morte que escolhessem entre a cadeira elétrica e o método mais recente, menos violento e certamente mais civilizado, a morte por injeção letal.

Não sabia qual dos homens condenados era seu Alexandre. Havia buscado durante cem anos por pistas de sua nova vida e não havia achado nada. Agora, porém, ela estava perto. Ele estava ali, envolto na pele de outro homem. Ela o reconheceria por suas mãos.

Ela ergueu a cortina de plástico na janela e olhou para a lua. A lua era a mesma, ano após ano, século após século. Seria ela amaldiçoada?

— Estou indo, Alexandre — ela disse para a noite.

E, se falhasse, ela só teria que esperar novamente. E tinha todo o tempo do mundo. Todo o tempo que o mundo haveria de ter.

[32](#). Também conhecido como “Salteador de estradas”, Nicolas-Jacques Pelletier (1756-1792) foi o primeiro indivíduo a ser executado com o uso de guilhotina na França. – N. do E.

RISADA DA NOITE

Ellen Kushner

Ellen Kushner equilibra simultaneamente várias carreiras como escritora, apresentadora de rádio, professora, artista performática e palestrante. Ela começou a trabalhar no mercado editorial na cidade de Nova York como editora de ficção, mas deixou a função para escrever seu primeiro romance, *Swordspoint: A Melodrama of Manners*. A ele, seguiram-se *Thomas the Rhymer* (vencedor dos prêmios World Fantasy e Mythopoeic), *The Fall of Kings* (com Delia Sherman) e *The Privilege of the Sword*. Ela editou a antologia *Basilisk* e coeditou *The Horns of Elfland* (com Delia Sherman e Donald G. Keller) e *Welcome to Bordertown* (com Holly Black). Seu projeto mais recente foi a série colaborativa *Tremontaine* (SerialBox.com e editora Saga Press).

Ao se mudar para Boston, ela se tornou apresentadora na emissora de rádio WGBH-FM. Em 1996, criou *Sound & Spirit*, série para a rádio pública nacional vencedora do prêmio PRI. Seu trabalho recente nessa área inclui a narração de três de seus próprios romances para a Neil Gaiman Presents/Audible.com.

Ela atualmente mora na cidade de Nova York. Neste século XXI, ela não precisa mais conferir a caixa de correio no térreo do seu prédio atrás de cartas de recusa, mas é difícil abandonar velhos hábitos.

“Algumas histórias simplesmente vêm inteiras até você e esta foi uma delas”, explica a autora. “Eu estava morando em Nova York, no quinto andar de um prédio adornado com gárgulas. Desci as escadas até a caixa de correio para ver se havia recebido

alguma carta de recusa naquele dia e, na hora em que voltei ao apartamento, já tinha a maior parte dessa história na minha cabeça.”

“Eu me lembro de estar pensando, por alguma razão, em como vampiros sempre são retratados usando roupas para a noite e sobre a possibilidade de isso não ter sido atribuído somente por Hollywood; e se fosse por que eles realmente gostavam...?”

A QUESTÃO É que você simplesmente começa a odiar o dia. Todas as coisas ruins acontecem durante o dia; a hora do *rush*, filas de banco, ligações indesejadas, cartas de propaganda, gente que trabalhou demais sendo podres umas com as outras. A noite é a hora dos amantes, de ler sozinho à luz da luminária, de dançar, das brisas frescas. Não importa se seu sangue é frio ou quente; é uma hora pra você.

— Vem — digo eu, repuxando o punho dele. — Vem, vamos nos divertir! — Ele se contém, relutante. — Vem, vamos dançar!

Por toda a cidade, as luzes piscam, ligando e desligando, o tempo todo. A risada da noite.

— Vamos sair pela noite!

— Louca — ele diz —, é isso que você é. — A profunda risada da hora noturna borbulha em mim. Deixo um pouco dela se mostrar nos cantos de minha boca para assustá-lo. E ele está assustado. E diz:

— Quer sair pra dançar?

Eu me viro e dou de ombros, indiferente:

— Nhé, não muito.

— Você quer... dar um passeio?

— Nhé — Eu lambo meus lábios, inconfundivelmente. — Vamos dar uma caminhada. No parque.

— Não tem ninguém no parque a essa hora.

— Vai ter a gente. Só nós dois, sozinhos. Com as longas trilhas só pra nós.

Ele se levanta, segue. É assim que a noite é.

Ele está vestindo um bom terno, o melhor que tem. A noite é a hora de se vestir bem, se vestir com luxo, se vestir com requinte. Suas verdadeiras roupas de noite, que são aquelas pretas prensadas e as brancas engomadas que um cavalheiro vestiria, com talvez um toque de dourado ou uma brilhante faixa de fita acetinada realçando todo o conjunto. E uma mulher era sempre elegante e reluzente, esguia e harmoniosa feito uma máquina nova, alinhada feito uma rainha de filme.

Meu vestido é assim; ele cinge e rodopia tão suavemente, bem longo. Eu caminho ao lado dele em meus saltos pontudos, como um cavalo puro-sangue com minúsculos cascos de bode. Muito tempo atrás, em Acaia, Deus usou cascos de bode e tocou flauta a noite inteira. Flauta de cana, como a boca de um saxofone, soprando longa e solitariamente pelo vento entre as árvores perenes.

As árvores do parque são esparsas, pairando sobre nós em fileiras ordenadas, escuras e altas como os postes entre elas, mas, sob as árvores, faz-se sombra. Os círculos de luz, ao nos aproximarmos deles, são luminosos o bastante até para ler. Pequenos insetos zumbem e rodopiam junto a seus halos.

Mendigos dormem sobre os bancos. Pobres homens, nem sabem se é noite ou dia. Eu sempre os evito. A única coisa que eles querem é dinheiro; eles nunca souberam se divertir, ou então se esqueceram como é. Eu um dia conheci alguém que não suportava a luz do dia, com toda razão. Ele tirava sua jaqueta branca e vestia um robe de veludo, colocava seus óculos escuros e se afastava do nascer do sol como se fosse veneno, enquanto assistíamos às luzes se apagarem às fileiras pelo parque e ele fazia suas piadas sobre o que fazer com os pássaros que despertavam e seu barulho. Coruja, assim eu o chamava, e ele me chamava de Ratinha. Mas ele, enfim, não pôde mais aguentar, passou a sugar a vida vermelha de uma garrafa de vinho de vidro espesso, verde feito um guarda-sol, e perdeu completamente o gosto pela vida real; agora, até onde sei, ele é um dos mendigos nos bancos. Eles sabem que estão a salvo: não tocamos neles a menos que seja necessário.

Este homem com quem estou, ele não para de dardejear seus olhos para a esquerda e para a direita, como se estivesse procurando por um policial, um viciado ou um ladrão. Eu tomo seu braço, me aperto contra ele.

— Está com frio — ele diz.

Dou duas voltas de minha echarpe ao redor de meu pescoço.

— Não estou, não.

As luzes dos carros que passam listram nosso caminho. Inclino minha cabeça para trás, olhos encobertos contra o brilho do céu, a luz ricocheteando nas nuvens. Ele comenta:

— Acho que estou vendo meu escritório. Bem ali, acima das árvores. Eu o afundo ainda mais na escuridão, em direção à lagoa.

— Você sabe que aqui é bem perigoso — diz ele, avançando junto comigo o tempo todo.

Chuto meus sapatos para longe, eles disparam feito foguetes sobre o velho lago. Meus pés pressionam a terra úmida, macia e fria, a perfeita sensação noturna. Não é só terra sob eles; há bitucas de cigarro velhas se transformando em argila, os duros contornos de vidro e um pequeno osso de passarinho.

Ponderadamente, reclino minhas costas contra uma árvore, desenrolo minha echarpe e sorrio um de meus sorrisos de sonho.

— Cigarro? — peço roucamente. Ele remexe seu bolso, estende o bastão branco para mim; eu apenas fico recostada ali, mantendo a pose, e ele, enfim, coloca sua ponta entre meus lábios lustrosos. Ergo um olhar tórrido por entre meus cílios e ele exhibe um isqueiro.

Ah, a beleza daquela pequenina chama, laranja e forte na escuridão! Não se consegue um laranja como aquele sob a luz do dia. Eu a sugo em um perfeito círculo escarlata na ponta de meu cigarro e o devolvo a ele, seguindo sua fantasmagórica mecha de fumaça. Automaticamente, ele dá um trago.

Automático, ainda nervoso demais. Ele não sabe como se divertir! Ele foi um erro, um erro lindo. Mas até aí, nem toda noite é perfeita. Suspiro tão silenciosamente que apenas o vento me ouve. Sapos coaxam na lagoa, competindo com os grilos pelo espaço no ar acima do ronco distante do tráfego. Mais uma ótima noite se abrindo para mim. Tudo que você precisa fazer é querer.

— Vem cá — digo em minha voz de cigarro, rouca e obscura. O nó de sua gravata foi dado tão perfeitamente, seus sapatos tão limpos que refletem a pouca luz em sua superfície arredondada... ele anda em minha

direção. A expressão em seu rosto está mais firme, mais esperançosa: aqui, enfim, está algo que ele pensa que vai entender. Ele afunda seu rosto em meu pescoço. Meus braços brancos reluzem ao redor de seus ombros.

Ele agora está todo pressionado contra mim. Sou como o recheio de um sanduíche entre ele e a árvore. Uma risada está borbulhando em minha garganta; estou pensando: *O que aconteceria se eu rapidamente desse um passo pro lado e toda a sua maciez firme se pressionasse contra a casca da árvore?* Mas apenas desloco meu peso, desfrutando do modo como ele reage a isso, deslocando seu corpo para se conformar ao meu. Agora, ele gosta da noite. Agora, há um pouco de vida em suas mãos, percorrendo o labirinto entre meu vestido e minha pele. Com as pontas de meus dedos, eu toco suas orelhas, sua mandíbula, o rebordo de seu colarinho, enquanto ele pressiona, pressiona, seu fôlego tocando como uma sincopada banda de metais, sua vida pulsando, rígida, tentando irromper para fora de suas roupas. Coruja sempre dizia, *deixe que eles façam isso.*

Ele está se ocupando em levantar meu vestido até minha cintura. Suas mãos são quentes. Ah, ele está feliz. Está remexendo sua fivela. Eu expiro em cima dele e o faço rir.

— Divertido? — pergunto.

— Hm-hum.

— Agora, você tá achando bom.

Faço cócegas na base da garganta dele e ele joga a cabeça para trás, o rosto jubiloso nas luzes cor de mercúrio das nuvens. A risada da noite se eleva em mim, forte demais para continuar sendo contida. Ela aflora pela minha boca e se fixa em sua garganta, uma risada dura e pontiaguda como a beira de uma taça de champanhe, molhada e clara como uma poça em neon.

É divertido, é selvagem, é uma orquídea florescendo na noite, é como fontes jorrando e o carro mais rápido em que você já esteve acelerando ao longo da costa... é *vida*.

Ele agora mal pesa alguma coisa. Eu o deixo sob a árvore; os mendigos podem ficar com o que tiver sobrado dele. Tiro um par de chinelos da minha bolsa; já passa da meia-noite, mas não vou correr para casa descalça, não feito alguma garota desafortunada dos contos de fada. Meia-noite é só o começo pra mim.

Na distância, uma sirene passa uivando. Caminhões sem suspensão aceleram, atravessando a cidade, suas carretas balançando como se estivessem açoitando o asfalto até a morte. As luzes da lua e da rua se misturam na superfície da água.

Passo sob a grande estátua do herói no cavalo e caminho desenvolta e com passos silenciosos em meio a suas muitas sombras das lâmpadas acesas. Alguns passos adiante, vejo um brilho branco, brando e intenso demais para ser qualquer coisa além de um paletó de noite prensado. Por um momento, penso que é o Coruja novamente. Mas seu rosto, quando ele se vira pra olhar pra mim, é diferente.

Seu paletó está um pouco amarrotado, mas não sujo, e sua gravata borboleta preta está perfeitamente no lugar. Ele está sorrindo. Eu o alcanço.

— Cigarro? — pergunta ele.

— Não, obrigada, acabei de fumar.

Ele pega um de uma cigarreira banhada a ouro, acende e traga lenta e satisfatoriamente. Onde seus lábios o tocaram, vejo uma mancha escura.

— Faminto?

— Nem um pouco.

— Noite maravilhosa — digo.

Ele assente, ainda sorrindo.

— Vamos dançar — diz.

Nós vamos nos divertir.

VERSÃO PIRATA

Christa Faust

Christa Faust cresceu na cidade de Nova York, no Bronx e em Hell's Kitchen. Ela passou a vida inteira inventando coisas e a maior parte da adolescência em infundáveis passeios de metrô, matando aula e rascunhando histórias.

Após o colégio finalmente ficar farto dela, Christa trabalhou em cabines de *striptease* na Times Square e, mais tarde, como modelo fetichista e dominatrix profissional.

Leitora ávida e colecionadora de livros antigos, entusiasta de filmes *noir* e uma dama tatuada, ela vendeu seu primeiro conto quando se mudou para Los Angeles, no início dos anos 1990. Desde então, seus livros incluíram dois romances pela editora Hard Case Crime, *Money Shot* e *Choke Hold*, junto de *Control Freak*, *Hoodtown*, *Triads* e *Butch Fatale: Dyke Dick: Double D Double Cross*.

Entre as adaptações literárias de filmes e tevê de autoria de Faust, estão *Twilight Zone 5: Burned/One Night at Mercy* (da franquia *Além da Imaginação*), *A Nightmare on Elm Street 2: Dreamspawn* (de *A Hora do Pesadelo*), *Friday the 13th: The Jason Strain* (de *Sexta-feira 13*), *Final Destination III: The Movie* (da franquia *Premonição*), *Snakes on a Plane* (*Serpentes a Bordo*), *Supernatural: Coyote's Kiss*, *Fringe: The Zodiac Paradox*, *Fringe: The Burning Man* e *Fringe: Sins of the Fathers*.

“É engraçado”, revela a autora, “embora *Versão Pirata* lide com um fetiche por sangue e os acessórios cosméticos do

vampirismo, sempre pensei nela mais como uma história de fantasmas, ou até mesmo uma história de zumbis (se você pudesse fazer um amor que morreu se levantar e andar novamente), mais do que uma história tradicional de vampiros.”

“Embora eu goste de brincadeiras com sangue por satisfação sexual, enquanto escritora vejo muito pouco sangue para sugar desse velho arquétipo. Como em *Cherry*, minha outra história de ‘vampiro’ em *Love in Vein*, aqui tentei voltar a ideia para uma direção ligeiramente diferente. Quis me afastar de toda a coisa do imortal condenado, da realização romântica da fantasia de ser pálido, magro e belo para todo o sempre, e tentei fazer algo que fosse um pouco mais humano.”

MONA CORTOU primeiro a mão direita dele. Era mais importante para ele do que seu pênis, era a fonte de todo o seu brilhantismo, sua ARTE (ela sempre conseguia ouvir as letras maiúsculas em sua voz lenta e fatigada), e ela teve um grande prazer em removê-la. Depois, a mão esquerda, decepada logo abaixo do bracelete de cobre torcido que deu a ele no último Natal. Os braços tatuados foram os próximos, primeiro os antebraços, depois os braços. Os padrões vertiginosos pareciam muito mais belos sem estarem acoplados a ele. Ela cortou seus pés calçados com botas, primeiro o esquerdo, depois o direito, e os adicionou à pilha crescente. Fatiou suas pernas em finos cortes de brim até alcançar seus quadris estreitos. Antes de destacar a pélvis do resto de seu torso, cortou seu pênis traiçoeiro (nunca mais vai enfiá-lo em alguma vadia anoréxica estudante de arte pelas minhas costas, moço). Ela fatiou sua barriga e suas costelas de cão perdido até que não sobrasse nada além da cabeça.

O rosto dele estava sereno, alheio ao próprio desmembramento, assim como estava alheio a tudo que não preenchesse suas necessidades imediatas. Seus olhos eram azuis como o dia. Mona se apaixonou por eles, um tom duro e puro de turquesa que ela para sempre associaria a mentiras. Ela os cortou separadamente, o esquerdo primeiro, então o direito. Ela cortou sua boca doce e mentirosa, depois seu nariz anguloso e aristocrático, e jogou o que sobrou de sua cabeça na pilha.

— Canalha — ela disse suavemente para si mesma e despejou todas as partes decepadas no fogo.

Ela o assistiu queimar por um longo momento, chamas serpenteantes a devorá-lo, tão azuis quanto eram os olhos dele. Então, se pôs a trabalhar nas outras fotografias.

Não havia tantas. A maioria, instantâneos tirados por amigos. Mona e Daniel em várias festas abafadas, ela desconfortável em um vestido preto de alcinhas, comprado num brechó, e ele em seu eterno uniforme de arte: camiseta manchada de tinta e jeans rasgado, cigarros enrolados à mão, descolado demais para se arrumar. Mona e Daniel na Jackson Square, posando encostados no ferro forjado e cercados pelo caos

radiante das pinturas de Daniel. Mona e Daniel apaixonados, os braços de um ao redor do outro, sorrindo e sem ter a menor ideia de nada. Ela estremeceu e adicionou-as ao fogo.

Então, o resto era de Daniel sozinho, fotos que ela havia tirado quando os ângulos do rosto dele e os músculos macios de seus braços significavam algo para ela. Daniel com listras celestes e azul-esverdeadas cruzando seu peito e seu rosto, um pincel grosso preso entre os dentes. Daniel dormindo como uma criança com os punhos enrolados sob seu queixo. Ela as atacou com sua tesoura e atirou os fragmentos no fogo. As cartas já tinham todas ido embora, exceto por uma, a mais recente:

11/8/2001

Mona,

Sinto muito mesmo pelas coisas terem sido como foram. Eu sei que fui um cuzão e faria qualquer coisa pra me redimir com você, se você deixasse. Sei que está magoada, mas não pode simplesmente me expulsar da sua vida depois de tudo que passamos juntos. Me dê uma chance de explicar. Se eu pudesse te ver, conversar com você, tenho certeza de que poderíamos resolver as coisas. Essa última semana foi um inferno sem você. Não consigo dormir. Não consigo comer. Não consigo pintar. Só penso em você. Odeio dormir nesse estúdio solitário, te procurando todas as manhãs ao acordar só pra perceber que não tem ninguém ali. Olha, eu sei que o que fiz foi errado, mas não acha que já fui castigado o bastante? Sinto tanto a sua falta.

As coisas vão ser diferentes daqui pra frente, eu juro. Me liga, por favor, Mona. Preciso ouvir sua voz.

Eu ainda te amo.

Daniel

Mona balançou a cabeça e adicionou ao fogo a folha única do caro papel de rascunho. Era mesmo uma fogueirinha patética, nada além de carvão escuro e fulgurante e línguas pálidas de chamas relutantes no

centro da ampla lareira de tijolos. Ela se empertigou um pouco com sua última adição, refulgindo reluzente e então se amortecendo novamente. Não havia muita sustância a tirar dos restos do relacionamento morto de Mona.

Tudo que havia sobrado fora um punhado de cartões-postais da viagem dele a Paris. Ela alimentou o fogo com eles, um por um, passando os olhos apenas rapidamente por suas breves mensagens encantadoras, cheias de *Eu te amo* e *Estou com saudades* e espalhando rabiscos de corações e espirais. Ela depois descobriu que ele estava trepando com pelo menos três mulheres diferentes durante essa viagem. Queimar esses últimos farrapos de seu relacionamento foi particularmente satisfatório.

Conforme os cartões-postais se recurvavam e enegreciam, suas doces mentiras devoradas pelas chamas famintas, Mona se sentiu exultante e leve, empolgada com sua nova liberdade. É claro que houve lágrimas, raiva e pratos quebrados, mas isso agora parecia ter sido há mil anos. Agora, ela se sentia purificada e enxuta, reduzida ao seu peso de combate. Não restara nada no apartamento da Rua Magazine que não fosse unicamente dela. Ela vagava lentamente pelos longos cômodos, tocando as coisas com uma estranha reverência. Seu processador de textos ranhetamente velho, seu estéreo mais parecido com um painel de espaçonave, comprado com o volumoso bolo de dinheiro que acompanhou a venda de seu primeiro romance. Uma tigela de vidro com fragmentos calcários de ossos acinzentados, coletados em sepulturas malcuidadas nos vários cemitérios da cidade. Um colar de contas colorido e brega de seu primeiro Mardi Gras. Suas coisas, sua história. As prateleiras desniveladas, mas resistentes, que ela fez com sucatas canibalizadas de madeira e vidro. Um par de cadeiras araneiformes que ela resgatou do lixo e pintou de prateado. Figuras de monstros clássicos, a criação de Frankenstein e sua noiva, o torturado Homem-Lobo e a trágica Múmia, o Fantasma da Ópera e a Criatura da Lagoa Negra, todas montadas e pintadas quando Mona não aguentava mais olhar para o cursor piscando por mais nenhum segundo. Era um hábito que havia

horrorizado Daniel. Ele as considerava o tipo mais cafona e receita de bolo de não arte. Mas ainda estavam aqui e Daniel e sua ARTE tinham ido embora e isso fez Mona sorrir. Era como se nunca tivesse havido Mona-e-Daniel. Havia apenas Mona, agora e para sempre. Um pouco mais sábia e bem mais forte, pronta pra sair dali e chutar o mundo no rabo.

Ela se despiu e tomou banho, regalando-se sob o borrifo frio por quase uma hora. Cantou *I'm Gonna Wash That Man Right Out of My Hair* enquanto raspava os pelos longos e sedosos de suas axilas. Ela só parou de depilá-las porque Daniel achava isso *sexy*, então ela agora ria enquanto mais um fragmento do passado ia espiralando ralo abaixo.

Limpa e cheirosa, sua pele ainda rosada do banho, ela se espalhou sobre seus novos lençóis pós-Daniel, à venda na Woolworth's por dezenove dólares e noventa e nove centavos. Eles eram escuros, um roxo escuro, e cheiravam a inocência e amaciante. Rindo consigo mesma, ela se masturbou. Não fantasiou com ninguém. Em vez disso, sonhou com seda, água e com o cheiro da própria pele. A cada novo orgasmo, ela se sentia empoderada, propelida rumo ao futuro.

17/8/2001

Oi Mona,

E aí, sua vadia gostosa? Como você tá, cacete? Como tá a vida na mormacenta Nova Orleans? Li seu novo livro, sabe. Ele arrasa, é claro. As coisas tão muito bem por aqui, trabalhando duro e conseguindo umas sessões bem decentes, mas você sabe que isso é um clube do Bolinha e que a maioria dos caras não confia numa mina baterista (mesmo numa brilhante deusa do ritmo, como eu). Mas tô vivendo bem e tenho um loft em Willy-B, onde ninguém reclama se eu toco a noite toda. A vida é bela.

Mas, enfim, o motivo real de eu estar te escrevendo (além do indisfarçado desejo pelo seu corpo) é que Lulu e eu estamos gravando uma demo com essa baixista insana chamada Nocturna e a gente quer

gravar “Rubor”. Era a sua melhor música e a gente ia adorar se você viesse cantá-la. Volte pra NYC e seja a Diva Demona de novo só por um dia, pelos velhos tempos. A gente até te manda a passagem. Por favorzinho diz que sim! A gente precisa se encontrar e botar a conversa em dia. Talvez nos esfregar peladas. Já faz tanto tempo, moça. Tô com saudades.

Muito amor e um beijo de língua bem molhado.

Minerva

Sentada em um café ao ar livre no Quarter, com sua bicicleta encostada nos tijolos cobertos pela vinha ao seu lado, Mona tomou um gole quente de seu café preto e franziu o cenho para a carta em sua mão. Já fazia quase dez anos desde que ela havia dado um beijo de adeus em Minerva no aeroporto JFK. Elas nunca estiveram apaixonadas, eram apenas melhores amigas e ocasionais amantes recreativas. Na noite em que Mona fugiu do pavoroso término de seu relacionamento com Victorine, com quem morava, Minerva a recebeu em sua casa, ficando acordada com ela até de manhã, escutando velhos discos arranhados do Kiss e sua longa e sórdida história de infortúnio. Três dias depois, Minerva a levou ao aeroporto com uma única maleta e os quinhentos dólares que emprestara a ela. Mona escolheu Nova Orleans aleatoriamente porque parecia exótico e romântico e deixou sua vida antiga para trás, com visões de blues abrasadores, café de chicória e rapazes *creole* de olhos negros. Ela deixou tudo para trás, porém, mais do que tudo, deixou Diva Demona.

Diva Demona, seu *alter ego* há muito perdido. Uma aparição de rendas esfarrapadas e veludo rasgado. De couro e prata, carne mortalmente pálida, de maquiagem *kabuki*, presas e unhas longas. Ela tinha um extravagante cabelo preto-sarça, com pálidas mechas roxas e uma presença de palco que era inteiramente sangue e poder, luxúria envolvida em arame farpado. Às vezes, ela vestia látex, liso e lustroso como um sonho molhado futurista, sensualmente insetoide e, de algum modo, mais que humana. Às vezes, ela usava seda, túnicas esfarrapadas

e corpetes depravados, como um fantasma de uma era perdida. Os homens pagavam para vê-la posar e cantar, pagavam para sentir a mordida de seu chicote e a ferroada humilhante de sua língua cruel. Ela era uma deusa e sabia disso, jovem, arrogante e desgraçada. Ela era um construto incendiário com a meia-vida do plutônio, volátil demais para passar dos vinte e um anos. Então, quando Mona fez vinte e dois, deixou Diva Demona para trás. Os limites daquela versão de si mesma haviam se tornado restritivos e ela descobriu que não conseguiria manter aquele nível de angústia e rebeldia teatral sem se perder no papel. Sua vida tinha sido reduzida a um número e ela precisava de algo novo, algo totalmente inesperado, que a fizesse se sentir viva novamente.

Então, a ideia de ressuscitar aquela velha *persona* era estranha e até um pouco desagradável, como deitar no seu antigo berço. Mas, mesmo que Mona viesse devotando todo o seu tempo à escrita nos últimos dez anos, ela não tinha perdido a voz e não havia razão para não voltar para casa, encontrar algumas velhas amigas e cantar algumas de suas antigas canções. Diva Demona estava morta e enterrada, mas a escritora moderadamente bem-sucedida Mona Merino estava viva, bem e procurando por aventuras. Umas férias poderiam lhe fazer bem, limpar os últimos traços de Daniel de sua cabeça. Assim como um lance simples, agradável e sem nenhum compromisso com uma mulher forte e bela como Minerva. Ela lembrou de seu corpo longo e esbelto e da sensação dos *dreadlocks* descoloridos dela sobre seus olhos borrados de *kohl*. Lembrou das noites de longas conversas, vinho tinto barato, banhos com Mr. Bubble³³, pirulitos de cristal e cigarros roubados. Ela se perguntou se sua amiga havia mudado tanto quanto ela, se ainda usava aquele perfume de sândalo defumado. Sorvendo o resto do café, Mona decidiu que iria.

13/6/1990

Victorine, minha mais primorosa escrava,

Estou no calabouço, aguardando por mais um yuppie reprimido com um fetiche por fraldas. Por que devo suportar esses palhaços, com seus

pauzinhos desesperados e seu masoquismo prosaico? Bom, todos temos que pagar nossas contas e eu prefiro ser uma senhora/mãe para meus clientes sem graça do que uma escrava/secretária pra algum pulha misógino no assim chamado “mundo real”.

Mas você, meu amor...

Sua deliciosa submissão é a única coisa que me faz seguir adiante em dias como este. Sinto saudades terríveis, da curva pálida e voluptuosa de seu rabo empinado sob meu açoite, o ímpeto em seus olhos brilhantes quando deslizo meu último dedo para dentro de você e fecho minha mão em um punho. Eu conto as longas horas até poder saboreá-la de novo, o gosto forte e quente de seu sangue em minha língua.

Sua na Eterna Escuridão, Senhora Diva Demona

Victorine pressionou a carta amarelada em seus lábios, os dedos traçando as pálidas cicatrizes que se cruzavam em seu peito nu. Se ela fechasse os olhos, ainda podia sentir a picada da navalha de sua mestra, o calor daquela boca faminta em seus seios ardentes. Se os abrisse, podia ver sua senhora replicada milhares de vezes ao seu redor. As contrastantes fotos em preto e branco que eram seu ganha-pão e sua arte apinhavam as paredes com imagens de Diva Demona. Diva Demona no palco, o suor feito diamantes em seu cabelo lustroso, os lábios negros repuxados pelas presas de acrílico. Diva Demona posando em couro, toda salto agulha e atitude. Diva Demona nua e esnobe, seus pelos pubianos pretos reluzindo entre as coxas pálidas. Victorine ainda trabalhava fotografando bandas esperançosas em clubes mal iluminados, mas seu melhor trabalho era aquele com sua senhora.

Ao lado dela, na cama que havia dividido com uma deusa há tantos anos (ontem), estava um arranjo fetichista de cartas de amor e lembranças. Chaves dos quartos de hotel e retalhos de renda preta. Guardanapos de bar beijados por lábios negros e feixes de rosas secas. Anéis de prata e ônix, rosários com contas de filigrana. Grampos para mamilos e giletes. Sob a parca iluminação, os objetos cuidadosamente

espalhados poderiam ser confundidos com uma figura comprida e magricela, reclinando-se com um joelho erguido, como uma dançarina. No travesseiro, onde a cabeça da figura repousaria, Victorine havia organizado uma elipse esfarrapada de veludo negro ensopado no perfume de sua senhora, uma inebriante infusão de cravo e rosas chamada Hálito da Noite. Ela o renovava todos os dias. Seu aroma marcante era a linha que costurava a ilusão, que dava forma a ela. Quando Victorine era capturada em sua teia olfativa, as cartas e os sonhos se tornavam carne e sua deusa era real, a ferroadada de seu beijo e a deliciosa agonia de seu toque tão verdadeiros quanto da primeira vez. É como se nunca tivesse havido uma traição e ela nunca tivesse estado sozinha.

Victorine inspirou profunda e gananciosamente, deixando a fragrância transportá-la. A sensação das argolas de aço que sua senhora havia penetrado na carne tenra dos pálidos mamilos de Victorine era fria, quase elétrica. Diva Demona viria outra vez esta noite. Victorine podia sentir.

Mona agarrou a pia imunda do banheiro de uma cafeteria no East Village, o suor do pânico umedecendo suas axilas e sua nuca. Ela encarou seu reflexo de olhos arregalados no espelho rachado. Até então, sempre achara que os numerosos e prematuros cachos de prata que haviam surgido em seu cabelo escuro eram atraentes e elegantes, um aceno genético a sua herança italiana. Agora, ela se perguntava em um frenesi desesperado se não deveria ter usado algum tipo de tintura. Minerva ia pensar que ela era alguma velha acabada. Ela se sentia uma velha acabada em seu jeans preto simples e botas de motoqueiro. Apesar disso, tentar espremer sua nova figura no velho couro e veludo amassado teria sido uma piada, um exercício de infantilidade.

— Você parece uma mulher independente e bem-sucedida de trinta e um anos — ela disse ao seu reflexo. — Você sabe quem você é.

Se atrapalhou com a fivela de seu cinto e lustrou sua boca com uma desnecessária camada extra de batom escuro. Respirando fundo, agarrou

sua maleta e escancarou a porta.

Minerva havia chegado enquanto ela estava tendo seu breve acesso no sanitário. Seu coração congelou e então acelerou feito uma Harley. Ela considerou se recolher ao banheiro, mas Minerva avistou-a e não havia nada a fazer além de acenar e sorrir acanhadamente.

Minerva saiu correndo e envolveu Mona em um cálido abraço de sândalo. Os *dreadlocks* loiros haviam sumido, raspados quase até o escalpo, e as tatuagens de Minerva pareciam ter se multiplicado, colonizando seus ombros e nuca. Havia linhas pequeninas ao redor de seus olhos escuros e uma argola no lábio inferior, mas o rico aroma de sua pele e a maliciosa curvatura no canto de sua boca larga estavam exatamente do jeito que Mona se lembrava.

— Sua vadia safada — gritou Minerva, segurando o rosto de Mona entre suas mãos calosas. — Você tá absolutamente comestível. — Ela enrolou um cacho prateado do cabelo de Mona em seu dedo. — Amei esse lance Elsa Lanchester. Faz você parecer uma escritora de verdade.

Mona se afastou, rindo.

— Tá tentando dizer que eu pareço velha?

Minerva a puxou para perto.

— Tô tentando dizer que tava com saudades, sua racha besta!

O choro acariciou o fundo da garganta de Mona enquanto ela devolveia o abraço de Minerva.

— Também tava com saudades — ela disse.

Elas ficaram nos braços uma da outra por um bom tempo, contentes em se recostar naquele abraço, e deixaram as lembranças silenciosas se derramarem sobre elas. Então, sentindo-se um pouco trêmula, Mona deixou Minerva guiá-la até uma mesa e pedir um expresso duplo para ela.

Enquanto a maré de conversas postas em dia fluía entre elas, a história de Daniel, a história da última caminhoneira querida de Minerva e sua subsequente partida, escoltada pela polícia, Mona se deu conta de algo que aguardava para ser dito. Algo importante e delicado sobre o

qual Minerva não tinha certeza se devia manter a boca fechada. Ela conhecia bem sua amiga, a despeito da separação de dez anos e, como esperado, houve uma estranha quebra na conversa. Mona bebericou seu segundo expresso, a cafeína cintilando em suas veias.

— Sabe — Minerva disse finalmente —, não que seja da minha conta, mas vi uma coisa muito estranha um dia desses e achei que você gostaria de saber.

— Ah, é? O que foi? — Mona perguntou por sobre a borda de sua pequenina xícara.

— Bom... — Minerva brincou com seu guardanapo, dobrando-o em um caótico *origami* — Lembra da nossa nova baixista, aquela de quem eu te falei? Então, ela mora no prédio da Nove Leste onde você morava. Na verdade, ela mora no apartamento que fica exatamente embaixo do que você morava. Com Victorine.

O expresso no estômago de Mona gorgolejou, queimando os restos do almoço do avião. Só o nome de Victorine era o suficiente para fazê-la precisar tomar um vidro de sal de frutas.

— Enfim — continuou Minerva, claramente desconfortável, mas agora incapaz de parar —, lá estou eu, de bobeira com Nocturna e fazendo umas merdas numa música nova quando a luz no apartamento dela simplesmente acaba. Dava pra ver as luzes ligadas nos outros prédios lá fora, então pensamos que um fusível pudesse ter estourado ou coisa do tipo. O corredor também tava sem luz, daí a gente pegou uma lanterna e começou a bater nas portas, pra ver se algum dos vizinhos tinha luz. Não tinha ninguém em casa no andar dela, então a gente foi pro andar de cima. No corredor de lá, tinha uma luz acesa e a outra apagada. Antes que eu desse por mim, ela foi bater na porta do seu antigo apartamento.

Minerva terminou seu café, só para ter algo o que fazer.

— Todos os adesivos velhos que você botou na porta, Siouxsie e Sisters of Mercy, aqueles desenhinhos estranhos, ainda estavam lá. Dava pra ouvir música do lado de dentro, então a gente soube que tinha

energia. Tinha que ter alguém em casa, mas levou um tempo enorme até atenderem.

Ela pausou de novo e Mona fechou os olhos, uma tênue serpentina de náusea se enrolando em seu estômago. Ela não queria ouvir, mas, de alguma forma, precisava.

— Era Victorine. Tava toda suada e parecia bem nervosa. Ela não mudou nada, sabe. Ainda usa aquela maquiagem de Cleópatra, batom preto e penteia aquele cabelo ensebado de graxa num grande ninho de rato, mas ela parece... não sei. Suja. Como se nunca tirasse aquela maquiagem branca, só botasse mais. E o apartamento, digo, o que consegui ver dele, era tipo um museu, um santuário de Diva Demona.

Mona desviou o olhar.

— Por que tá me contando isso? — Ela podia sentir o nó espesso da dor de cabeça comprimindo seu crânio. — Não posso fazer nada se uma psicopata rejeitada quer manter uma versão de Museu do Elvis de beira de estrada, sobre o meu passado, no quarto dela. Aquela parte de mim tá morta e enterrada. Por que eu devia me importar com o que Victorine faz com esse arremedo de vida miserável dela?

— Não é isso — Minerva disse suavemente.

— E é o quê, então? — Mona estava começando a se arrepender de ter ido.

— Quando Victorine atendeu a porta, ela... — Minerva mordeu o lábio. — Tinha outra pessoa com ela.

— Ótimo, a sanguessugazinha achou uma nova hospedeira.

— Não — Minerva disse. — Era você.

Mona franziu o cenho.

— Quê?

— Bom, não você. — Os olhos de Minerva se escureceram, lembrando. — Era a Diva Demona.

A náusea que vinha se formando nas entranhas de Mona se flexionou como um fisiculturista e ela trincou os dentes, recusando-se a passar

mal. Isso era loucura. Mesmo a ideia de alguém a imitando, imitando quem ela costumava ser, a fez sentir-se profundamente violada, como se alguém tivesse desenterrado o cadáver de seu filho favorito.

— Tá me dizendo que aquela vaca maluca convenceu alguém a fazer o papel de Diva Demona pra ela poder fingir que eu nunca fui embora?

— Deve ser, apesar de que a fantasia não era nenhuma merda. Digo, a gente se conhece desde o colégio e tô aqui pra te dizer, essa mina tinha até o seu cheiro. Ou pelo menos o cheiro que você tinha. Se eu não soubesse das coisas...

A náusea de Mona começou a coalhar em uma raiva lenta no casulo ácido de seu estômago.

— Eu acredito — ela disse. — Acredito mesmo.

Ela pausou, mastigando o lábio. Lembrou-se da primeira vez em que viu Victorine. Na época, ela era a simplória Vicky, só uma garota introvertida com uma câmera, em um de seus shows, com cara de quem tinha reunido toda a sua coragem para entrar pela porta. Ela era como um quadro em branco, um recipiente vazio em busca de uma identidade. Ela conheceu Diva Demona e acreditou ter encontrado.

No começo, era muito lisonjeiro a forma com que ela devotava uma atenção tão cuidadosa às coisas que Mona gostava e às coisas que odiava. Ela foi tão sutil no modo como se transformou para se adequar aos ideais de Mona.

Ela balançou a cabeça.

— Ela não sabia quem era antes de me conhecer — disse Mona, meio com raiva, meio com nojo. — Ela se esforçou tanto pra se tornar tudo que eu achava que queria, a escrava perfeita, sem desejar nada além de me fazer feliz. Ela cozinhava, limpava e me deixava torturá-la de todas as formas que pudesse imaginar. Ela era uma linda vampirinha dona de casa e eu era a rainha de seu mundo. Contanto que eu nunca mudasse.

Minerva assentiu, empaticamente.

— Cristo, nem precisa falar — ela disse. — Ela era como sua própria versão do Monstro de Frankenstein. Você a criou do nada, pegou uma mina loira, suburbana e insípida e transformou numa fã-vampira gótica do Inferno. E, quando se cansou do jogo, era tarde demais pra ela, porque o jogo era tudo que ela tinha. É como se ela tivesse usado toda a energia que tinha tentando ser tudo que você sempre quis e não havia sobrado nada pra mais ninguém.

Mona apoiou a cabeça nas mãos, a culpa e a raiva em guerra dentro dela.

— Não é culpa minha — afirmou, odiando o som fraco de sua voz.

— Ei, é claro que não.

Minerva deslizou sua cabeça ao redor da mesa e pôs um braço ao redor de sua amiga.

— Escuta, eu não queria mesmo te chatear com essa merda toda. Só achei que poderia querer saber que tem alguém por aí te imitando, só isso. Ei, veja pelo lado bom. Talvez você possa processá-la por violação de marca registrada.

Mona sorriu no ombro de Minerva.

— Pois é, ou enfiar uma estaca no coração dela! — Mona se endireitou, os dedos passando nervosamente por seu cabelo listrado de prata. — Cara, achei que tinha matado Diva Demona, mas aquela vaca psicótica foi lá e a exumou. Agora, meu passado morto tá andando por aí e eu sinto que devia ir lá atirar na cabeça dele, ou coisa assim.

— Nem esquentar, guria. Desculpa ter tocado no assunto. — Minerva pôs a mão sobre o coração, como um escoteiro. — Juro que nunca mais vai acontecer.

Ela se inclinou e apertou a coxa de Mona.

— Então, meu bem — disse ela, balançando as sobrancelhas numa imitação acanalhada de algum garanhão conquistador de fala mansa. — Quer ir pra minha casa, se divertir um pouco?

Mona riu.

— Nossa, achei que não ia perguntar nunca!

Minerva tinha uma sessão naquela noite e, assim, Mona partiu numa incursão solitária, precisando circular, caminhar, sorver a essência da cidade, seu amor há muito perdido. Alguma gravidade primitiva a atraiu de volta à área em que costumava bater ponto e ela se viu caminhando pelas avenidas de sua juventude perdida com um estranho e duradouro senso de irrealidade. Parecia que a vizinhança tinha mudado tanto quanto ela. Muitos dos velhos bares e boates familiares que haviam nutrido Diva Demona tinham desaparecido, cobertos de crostas com portas corrediças enferrujadas ou misteriosamente substituídos por cafés da moda, cheios de imaculados acólitos da contracultura. As ruas pareciam todas falsas, como o cenário de um filme de baixo orçamento sobre elas mesmas.

Ela parou na esquina da Primeira Avenida com a Rua Nove, deixando a dor quente da nostalgia se espalhar. Lá estava a banca de frutas coreana em que ela sempre comprava laranjas, biscoitos e frias rosas brancas. Lá estava a banca de jornais em que um velho indiano costumava fazer uma carranca para sua escolha de revistas voltadas para fetiches.

Num súbito afluxo, ela foi assolada por fantasmas; lembranças cintilantes de todas aquelas velhas noites infindáveis, reluzindo com seu esplendor onírico e ébrio, com paixão arrogante, enquanto ela galgava as ruas feito um predador de salto alto, marcando território, imortal naquele momento como só os jovens e os idiotas podem realmente ser. Ela se lembrou de cambalhotar feito um gatinho pelas fantasias mais extremas com a total convicção de que nunca haveria um amanhã.

Ela respirou fundo. O rico aroma de massa quente, salgada e tomates temperados, bafejando do interior vaporoso da pizzaria da esquina, competia com a escura nuvem negra de patchouli e jasmim rodeando um vendedor de óleos essenciais e com os escapamentos toxicamente adocicados dos ônibus que passavam. Tantas lembranças.

Mona balançou a cabeça. Era fácil ser seduzida pelo passado, pelos bons tempos. Era fácil esquecer o modo como aquele estilo de vida quase a engoliu com seu abraço implacável e sua mordida narcótica. A imagem blindada da Deusa Vampira, a senhora dos medos e dos desejos dos homens, a Rainha da Dor, a *persona* exótica que ela dera tão duro para forjar havia se tornado uma prisão, uma máscara fundida à sua alma, sem escapatória, sem saída. Com Victorine, ela tinha que estar no palco vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, sempre interpretando, até que ela começou a esquecer quem realmente era. Victorine nunca conseguiu aceitar seu anseio por simplicidade, por humanidade. Tudo tinha que ser como aquelas malditas fotografias que ela sempre tirava. Belas, exóticas e congeladas no tempo, imune à entropia e à futilidade da vida cotidiana.

Foi Mona quem criara Diva Demona, mas era Victorine quem não a deixava morrer.

Mona mordeu o tecido macio dentro de sua bochecha. Não importava o que Victorine havia decidido fazer com suas sobras irrecuperáveis. Mona já havia escapado, anos atrás. Aquela vida louca estava para sempre no passado e ela havia amadurecido, tornando-se uma mulher forte e contumaz. Uma escritora passional que havia adubado o subsolo de pesadelos e êxtases de seu passado para criar um terreno fértil para ficções intrépidas. Ela sabia quem era.

Ela havia perdido três sinais abertos, imersa em devaneios. Queria rir de si mesma, mas seu antigo apartamento ficava a menos de um quarteirão. Correu para atravessar a rua, determinada a passar na frente daquele poço de lembranças cheio de traças sem olhar para trás. A dois prédios dali, e então mais um. O ar se prendeu em seu peito e ela praguejou consigo mesma por ser uma criancinha supersticiosa. Ela contou suas passadas enquanto caminhava ao lado do serpenteante corrimão que cercava o aglomerado de latas de lixo tristes e amassadas do prédio, passando pelos degraus de cimento para o porão e pelo cheiro quente de amaciante da lavanderia. Então, a porta surrada de metal com

o número “3” ainda faltando, visível apenas como uma linha de buracos e um traçado de tinta mais velha e mais tênue. Sua velha caixa de correspondência ainda tinha a palavra “Caixa” escrita nela por Victorine como parte de alguma piada obscura. Ela se afastou da porta e recostou-se em algum carro, subitamente sentindo-se aturdida. Seu olhar escalou a pele de tijolos do prédio onde ela tinha morado mil vidas atrás. As cortinas de veludo e renda pretas estavam gastas e empoeiradas. Mona não sabia o que esperava ver: talvez seu próprio eu mais jovem espiando-a lá de cima. Em vez disso, não viu nada além do imóvel e amarrotado forro daquelas velhas cortinas feitas em casa, que pareceram tão deliciosamente lustrosas e perfeitas naquela época, quando Victorine as costurou com veludo careca e lenços esfarrapados tirados do barril de um dólar na loja de roupas usadas Dizzy Dot.

Mona se afastou do carro e passou a mão sobre os olhos. Quando ergueu o olhar novamente, uma jovem garota asiática, magricela e de patins estava abrindo a porta com um chaveiro que ostentava mais brinquedos e berloques do que chaves. Ela olhou por sobre o ombro, sua boca reluzente de brilho labial torcida num sorriso afetadamente sardônico.

— Vai entrar ou o quê? — perguntou ela.

Mona quis dizer não, mas em vez disso encostou uma das palmas na porta aberta. O metal estava frio e arenoso, marcado por finos arranhões e rabiscado com nomes quase totalmente apagados. A garota foi deslizando pelo corredor sem mais nenhuma palavra. Mona engoliu em seco e entrou no prédio.

21/1/1991

Minha Amada Piranha,

Há um ano estamos juntas. Faz um ano desde que segurei pela primeira vez o delicado caule de seu vulnerável pescoço entre meus dedos. Da primeira vez que senti a dança do sangue sob sua pele branca. Da primeira vez que provei o succulento néctar de sua

submissão. Você ainda é tão preciosa para mim como era naquela primeira noite beijada pelo sangue. Eu sempre vou te amar, minha primorosa escrava, companheira sombria de minha alma.

***Sua na Eterna Escuridão,
Senhora Demona***

Os lábios de Victorine tinham gosto de lágrimas e açúcar com cravo. Ela os lambeu repetidamente enquanto lia a carta pela terceira vez, antes de colocá-la de volta na colcha esfarrapada. Ela se esticou até o antigo toca-fitas em sua mesinha de cabeceira e ejetou The Cure, jogando a fita na desordem.

Da cuidadosa formação ao seu lado na cama, escolheu uma fita preta e prateada, deslizando-a reverentemente na máquina. Era uma cópia bastante tocada da única demo que Diva Demona chegou a gravar. Seu título, escrito com marcador prata na caligrafia dramática de sua própria senhora, era *Lambendo Sombras*.

A música se desfraldou na aromática semiescuridão, rodopiando feito incenso ao redor do corpo nu de Victorine. Seus ritmos belos e hipnóticos pintavam o interior de suas pálpebras fechadas com imagens de Diva Demona. Quando a voz de sua mestra serpenteou das caixas de som, a carne de Victorine formigou de antecipação. Cada visita era mais forte e mais duradoura do que a anterior e Victorine tinha certeza de que, dessa vez, Diva Demona viria para ficar.

Ela primeiro sentiu seu cheiro. O exótico aroma do Hálito da Noite, misturado com a sutil fragrância de suor apaixonado e do secreto almíscar de seus pelos pubianos espessos e sem apara. Ela tinha medo de abrir os olhos cedo demais, medo de estragar tudo. Cada pelo minúsculo, cada milímetro de sua pele era excruciantemente sensível e ela podia sentir o calor da presença de sua senhora poucos segundos antes de sentir o toque.

Victorine arfou, músculos secretos e pequeninos se contraindo bem no fundo de seu ser, e seus olhos se abriram subitamente.

Diva Demona estava sobre ela, os olhos queimando e os famintos lábios negros erguidos em um sorriso sardônico. Ela estava vestida com seda preta rasgada e um corpete de couro, luvas de couro e botas de cano alto, cujos cadarços subiam até suas longas coxas. Suas bordas mal estavam borradas, embora as feições ainda tivessem uma certa suavidade desfocada que sangrava para o ar ao seu redor.

— Minha mais primorosa escrava — disse ela. Sua voz soou levemente turva, como uma gravação copiada vezes demais.

O coração de Victorine derreteu.

Ela deslizou para o chão e pressionou seus lábios contra o couro macio das botas de sua senhora. Quase podia sentir o aroma rico, mas vagamente desagradável, do polidor de botas.

— Minha vida é sua, senhora — sussurrou. — Qualquer coisa para a senhora.

Dedos de unhas negras se entrelaçaram pelos nós grudentos do cabelo de Victorine, puxando-a para pô-la de pé equilibrada na ponta dos dedos, dando um puxão para trás em sua cabeça, expondo a carne marcada de sua garganta. Seu escalpo queimava e os nós das cicatrizes por baixo de seu queixo doíam em curiosa antecipação, como os sulcos das faixas esperando pela agulha. Ela queria abrir os olhos, beber a imagem viva de sua bela senhora, mas estava paralisada por um desejo desesperado. Não importava. Cada ângulo, cada curva do corpo feroz e do rosto orgulhoso de Diva Demona estavam marcados em sua memória. Ela podia ver os exuberantes lábios pretos se entreabrindo, revelando os caninos brilhantes feito bisturis gêmeos, segundos antes de ela sentir a carícia do couro frio e a cruel dor esmagadora da mordida de sua senhora. Então, como um estilete no coração de sua fantasia, a dura voz da campainha.

Lutando para se controlar em frente à porta de seu antigo apartamento, a passagem para o passado, para a tumba de Diva Demona, a nova Mona parou, mãos abrindo e se crispando sem propósito. Que porra ela achava que estava fazendo, afinal? Ela não desejava ver

Victorine nem sua nova Diva falsificada. Ela disse a si mesma milhares de vezes para sair, para não chutar cachorro morto, mas, ainda assim, ali estava ela. Uma camada de suor frio cobria seu corpo. Seu coração dava piruetas, enlouquecido. Tinha vontade de mijar. Podia ouvir a própria voz abafada, cantando. Tocou a campainha novamente, sucedendo desta vez com seu punho contra o metal pintado.

A porta se abriu e, na fina fatia de escuridão, o rosto branco e estreito de Victorine, primeiro desconfiado, depois pálido de choque.

Os últimos dez anos tinham sido cruéis com sua antiga escrava. Seu cabelo e maquiagem estavam idênticos, mas o rosto por baixo deles estava desgastado e cadavérico. Seu corpo sob o quimono preto surrado era pouco mais do que um esqueleto, ossos pontudos pressionando a pele cinza e adoentada. Até o cheiro dela era equivocado. Sob a pesada máscara de seu perfume, espreitava o tênue fedor acre de um metabolismo enviesado, da insanidade. Seu pescoço imundo estava borrado de sangue.

— Victorine — Mona se forçou a dizer. — Temos que conversar.

Então, vinda por cima da espádua anavahada de Victorine, uma voz, a dela própria. Tão jovem e arrogante, pretensiosa, real feito carne.

— Quem ousa interromper nosso prazer?

Mona não permitiria que o mal-estar em sua barriga aflorasse e a afogasse. A raiva era sua única força quando ela empurrou a porta encardida para abri-la toda.

O apartamento estava intocado, um santuário meticuloso, exatamente do jeito que ela se lembrava.

E, de pé, no meio da desordem, com os punhos encouraçados nos quadris e os olhos negros faiscando, estava Diva Demona.

O ar entre elas pareceu tornar-se um gel de hedionda espessura, enviesando-se numa perspectiva monstruosamente distorcida. Seus próprios olhos ardentes, manchados de *kohl*, a encararam no fim de um túnel barulhento. Ávidas patas animais se agarraram aos seus intestinos,

puxando e retorcendo. Ela caiu de joelhos em uma pilha de renda preta suja.

O fedor de suor rançoso parecia a única coisa normal naquele novo mundo insano e o cérebro claudicante de Mona se apegou a essa verdade simples feito uma tábua de salvação quando as pontas de seus dedos começaram a se abrir e sangrar, um estigma espontâneo se abrindo feito orquídeas carmim; gotas de sangue serpenteavam pelo ar estranho em direção a uma boca imensa e escancarada (a boca dela), uma língua rosa que as degustava, os brilhantes lábios pretos se retraindo sobre presas e havia sangue em sua boca, assim como costumava haver; doce e nauseante, verdadeiro como as lembranças. Ela se sentiu tão fraca, cada batida de seu coração era como erguer um tremendo peso, enquanto Diva Demona se assomava sobre ela, subitamente pura de contornos, como uma fotografia viva sobreposta à tela azul do mundo real.

As mãos ensanguentadas de Mona pareciam estar a milhares de quilômetros, frias como pedras lunares. Sua carne parecia insubstancial, se desvanecendo lentamente, se dissipando como algum elemento gasoso teórico. Ela sentiu-se tão cansada, mas em seu âmago havia uma fúria incandescente, queimando lentamente pelas camadas de sua letargia narcótica. Aquela coisa perambulando na pele descartada de Mona não era ela. Não era nada além de um fruto da imaginação perversa de Victorine, vestida com fragmentos de um amor morto. Mona era real, de carne e ossos, e estava furiosa.

— Não — ela disse, forçando seus lábios dormentes a se mover. O calor pulsava por seu corpo, fazendo membros distantes voltarem a se focar. — Isso não pode ser seu. Quem eu sou pertence a mim.

Mona fechou os dedos frios em um punho e socou o peito pálido da aparição.

A pele fina se partiu feito seda podre e uma dor baça agarrou o coração sobrecarregado de Mona, mas ela não recuaria. Sob a carne dessa sócia esbelta não havia o calor de órgãos vivos, mas um estranho caos de texturas que se desmanchou por entre seus dedos. Ouviu-se um

uivo guinchante que foi retorcidamente aumentando em oitavas, até perder qualquer semelhança com a voz de Mona e, quando ela retirou sua mão, estava segurando um punhado de cartas amassadas.

A aparição diante dela agarrou o buraco escancarado em seu peito, pétalas de rosa secas caindo por entre seus dedos. O rosto da coisa começou a perder seus detalhes, sua imitação dos olhos escuros de Mona derretendo em dois buracos gêmeos, a boca pintada de batom se dividindo em uma fenda reptiliana.

Agarrando um candelabro de ferro moldado que estava em uma mesa baixa (Mona se lembrava de comprá-lo em uma loja de segunda mão, um presente pelo décimo nono aniversário de Victorine), ela enfiou as cinco velas acesas no rosto do monstro que estava amolecendo.

Um grito que era como duas vozes entremeadas e, enquanto uma desvanecia, a outra se dilatou até Mona achar que seus tímpanos iam estourar. Ela fechou os olhos bem apertados, a vertigem preenchendo a cavidade de seu crânio e correndo por sua barriga. Ela se sentiu como se estivesse sufocando, se engasgando no fedor de algo queimando. Quando conseguiu abrir os olhos, viu chamas alaranjadas foscas envoltas em fumaça preta. A velha cama flácida estava queimando, meticulosas pilhas de cartas engolidas pelas ávidas chamas, e Victorine gritava, atacando o fogo com as mãos nuas. Seu cabelo com enchimento foi capturado por uma explosão de cores carnavalescas e seus gritos se tornaram mais frenéticos enquanto ela rodopiava e rodopiava, como um anjo em chamas. Naquele momento, estava linda outra vez e Mona se lembrou de como havia sido amá-la.

Deve ter sido Mona quem então estava gritando, quando num pulo ela arrancou as cortinas de veludo da janela. Jogando o pesado tecido sobre Victorine, ela saltou sobre o anjo guinchante, derrubando-a no chão. As chamas haviam começado a se arrastar lentamente pelas paredes, saboreando as fotos e achando que eram boas. À volta delas, os restos de Diva Demona estavam sendo devorados um por um.

Victorine resistiu ferozmente enquanto Mona lutava para arrastá-la para o corredor, o tempo todo ignorando a voz suave e racional em sua cabeça, que sussurrava, deixe-a aí. Deixe-a morrer, se ela quiser. Deixe-a morrer e Diva Demona morrerá com ela.

Era tudo absurdamente decalcado de um filme B, monstro e criadora louca morrendo juntos nas ruínas flamejantes de um laboratório que desaba enquanto os créditos rolam serenamente sobre a destruição. Mas Mona sabia que nunca poderia ser tão simples. Diva Demona era uma parte dela e sempre seria. A versão de colagem de Victorine havia ido embora, sua obsessão purulenta cauterizada, depurada e limpa até o último cisco. Deixá-la morrer agora seria egoísta e desnecessário, como atirar em ex-amantes para evitar a experiência desconfortável de encontrá-los em festas. Com a garganta áspera de cinzas e determinação, Mona meio carregou, meio arrastou a garota que costumava amar para fora do passado e rumo a um futuro incerto.

Já havia caminhões dos bombeiros do lado de fora do prédio quando ela saiu cambaleando para a rua. Algum oficial tirou de seus braços o fardo esperneante de Victorine e, embora ela ainda estivesse em grande parte coberta pelo veludo chamuscado, Mona podia ver que a pele que aparecia estava brilhante e vermelha feito lagosta, aberta sem sangue em alguns lugares e carbonizada em outros. Mona sentou-se no meio-fio, zozna e atordoada, o sangue pulsando e revolvendo em sua garganta. Ela esperava ter feito a coisa certa.

— Mais uma vez, Mona — sugeriu a voz grave do produtor, no espaço íntimo dentro de seus fones de ouvido. Ela se virou levemente e viu Minerva mostrando a ela os polegares erguidos na mesa de som. Então, a música preencheu sua cabeça e ela escutou atentamente, esperando sua deixa.

Esta nova versão de sua antiga canção era um pouco mais lenta, mais encorpada. Nocturna e a nova guitarrista haviam trazido seus próprios toques desconhecidos às notas familiares, dando a ela vida própria.

Mona respirou fundo e entrou suavemente sobre a condução do baixo, seu coração batendo forte no peito.

Enquanto cantava, ela se viu brincando ao redor dos sons mais do que algum dia já havia feito, costurando por dentro e para fora dos espaços por entre as notas.

— Será que o tempo em que fomos uma só — cantou ela —, ainda está na sua lembrança? Volte pra mim, ó minha irmã perdida. Todo estrago feito é herança.

E, em algum lugar entre suas lembranças e sua boca, as antigas palavras ganharam um tipo de rica melancolia que parecia transformar a letra simples em uma canção de amor a uma era perdida. A sensação era tão boa, tão purificante. Quando ela terminou, havia um lustre de lágrimas em seus olhos.

Minerva irrompeu na cabine e deu um beijo molhado na testa de Mona.

— Isso tem inspiração pra caralho! — ela disse, puxando um dos lados do fone pra longe da cabeça de Mona e então soltando-os de volta.

— Ai, ei! — Ela tirou os fones e sorriu. — Qual é?

Minerva tomou sua mão fria.

— Não quer ouvir o quanto você é fabulosa?

Sentada em uma cadeira dobrável atrás do brilho de ficção científica da mesa de mixagem, Mona escutou a si mesma. Em seus próprios ouvidos, sua voz soava quase alienígena, como uma coisa viva. Havia uma contundência sob as palavras, uma ternura dura que ela nunca tinha ouvido.

— Tem bastante vivacidade nessa voz — disse o produtor, afastando o cabelo frágil dos olhos. — A versão antiga era pura demais, sabe. Eu não curto essas merdas etéreas. Quer ouvir uma parada etérea, vá pra porra de uma igreja. Mas esta nova versão é mais carnuda, mais honesta. Eu gosto.

Minerva se inclinou e entregou a Mona um par de fitas cassetes. Uma era nova e sem selo e a outra era preta e prateada, marcada com

sua própria caligrafia.

— Por que escolher quando se pode ter as duas? — ela disse.

Mona revirou a velha demo em suas mãos, os dedos traçando as pequenas rosas prateadas que ela havia desenhado anos atrás.

— De onde diabos você desenterrou isso? — perguntou.

Minerva sorriu.

— Não dá pra desenterrar o que não foi enterrado, meu bem.

Mona pôs as fitas no bolso, pensando no passado, em cartas, em amores perdidos e nas imagens indeléveis que eles deixam para trás, queimadas na pele da história.

— Vou me lembrar disso — ela disse.

[33](#). Marca de sabão em espuma para crianças. - N. da T.

ENFEITIÇADO

Edith Wharton

Edith Wharton (1862-1937) foi romancista, vencedora do Prêmio Pulitzer, contista e *designer*. Indicada ao Prêmio Nobel de Literatura em três ocasiões, era bastante próxima de muitas outras figuras públicas e literárias da época, incluindo Henry James, seu amigo mais próximo e autor do clássico romance sobrenatural *A Volta do Parafuso* (1898).

Embora Wharton tenha começado a criar histórias aos seis anos, ela só publicou seu primeiro romance aos quarenta. Era uma escritora prolífica, tendo escrito quinze romances, sete novelas e trinta e cinco contos, além de poemas, livros sobre *design* e viagens, crítica literária e um livro de memórias.

Entre seus trabalhos mais famosos estão a noveleta *Etham Frome* (1911) e o romance *A Época da Inocência* (1920). Ela também escreveu uma série de histórias sobrenaturais, que foram reunidas em *Ghosts* (1937), *The Ghost Stories of Edith Wharton* (1973), *The Ghost-Feeler: Stories of Terror and the Supernatural* (1996) e *The Triumph of Night* (2008).

“Um clássico é um clássico não porque ele se alinha a certas regras estruturais ou se encaixa em certas definições (das quais o autor provavelmente nunca ouviu falar)”, explicou a autora. “É um clássico por causa de um certo vigor eterno e irrepreensível.” O que provavelmente torna a história a seguir um clássico da ficção de vampiros...

I

A NEVE CAÍA pesadamente quando Orrin Bosworth, que cultivava a terra ao sul de Lonetop, conduziu seu trenó até o portão de Saul Rutledge. Ele ficou surpreso em ver dois outros trenós à sua frente. Deles, desceram duas figuras agasalhadas. Bosworth, com surpresa crescente, reconheceu o diácono Hibben, de Ashmore do Norte, e Sylvester Brand, o viúvo, da velha fazenda Bearcliff no caminho para Lonetop.

Não era com frequência que alguém no Condado de Hemlock entrava pelo portão de Saul Rutledge; muito menos em pleno inverno e convocado (como ao menos Bosworth havia sido) pela Sra. Rutledge, que era tida, mesmo naquela região pouco sociável, como uma mulher de modos frios e caráter solitário. A situação era suficiente para aguçar a curiosidade até de um homem menos imaginativo do que Orrin Bosworth.

Conforme ele atravessava as colunas avariadas do portão, coroadas por urnas estriadas, os dois homens à frente dele levavam seus cavalos para o galpão adjacente. Bosworth os seguiu e amarrou seu cavalo a uma coluna. Então, os três espanaram a neve dos ombros, bateram suas palmas dormentes e cumprimentaram uns aos outros.

— Olá, diácono.

— Ora, ora, Orrin... — Eles apertaram as mãos.

— Dia, Bosworth — disse Sylvester Brand, com um leve aceno de cabeça. Ele raramente embutia alguma cordialidade em seus modos e, nesta ocasião, ainda estava ocupado com as rédeas e o cobertor de seu cavalo.

Orrin Bosworth, o mais jovem e mais comunicativo dos três, voltou-se para o diácono Hibben, cujo rosto longo estranhamente nodado e de aparência bolorenta, com olhos piscantes e perscrutadores, ainda era menos proibitivo do que o semblante pesadamente talhado de Brand.

— Estranho, nós todos nos encontrarmos aqui assim. A Sra. Rutledge me enviou uma mensagem pedindo para que viesse —

voluntariou-se Bosworth. O diácono assentiu.

— Também recebi notícias dela... Andy Pond as levou ao meio-dia de ontem. Espero que não haja problemas aqui...

Ele passou os olhos pela neve que caía cada vez mais grossa na desolada fachada da casa dos Rutledge, ainda mais melancólica em seu atual estado de negligência, pois, como as colunas dos portões, ela mantinha traços de uma antiga elegância. Bosworth frequentemente havia se perguntado como tal casa tinha vindo a ser construída naquele trecho solitário entre Ashmore do Norte e Cold Corners. O povo dizia que, um dia, houvera outras casas como aquela, formando um pequeno povoado chamado Ashmore, uma espécie de colônia montanhosa criada pelo capricho de um oficial da Coroa Inglesa, um tal coronel Ashmore, que havia sido assassinado pelos índios com toda a sua família, muito antes da Revolução. Essa história era confirmada pelo fato de que as ruínas dos porões de várias casas menores ainda estavam por ser descobertas sob a vegetação selvagem das escarpas adjacentes e pela patena da moribunda igreja episcopal de Cold Corners, gravada com o nome do coronel Ashmore, que presenteou a igreja no ano de 1723. Da igreja em si, traço algum restara. Sem dúvida havia sido uma modesta construção de madeira, erigida sobre estacas, a conflagração que havia incendiado as outras casas e as colocado por terra a reduzi-la totalmente a cinzas. O local todo, mesmo no verão, ostentava um ar solitário e pesaroso, e as pessoas se perguntavam porque o pai de Saul Rutledge havia se estabelecido ali.

— Nunca conheci um lugar — disse o diácono Hibben — que parecesse tão isolado da humanidade. E, ainda assim, não é em relação aos quilômetros.

— Há outras distâncias além dos quilômetros — respondeu Orrin Bosworth; e os dois homens, seguidos por Sylvester Brand, caminharam pela passagem até a porta da frente. O povo no Condado de Hemlock não costumava entrar e sair pelas portas da frente, mas todos os três homens pareceram sentir que, em uma ocasião que parecia ser tão

excepcional, a abordagem de costume e mais familiar pela cozinha não seria adequada.

Eles haviam julgado certo; o diácono mal tinha erguido a aldrava quando a porta se abriu e a Sra. Rutledge apareceu diante deles.

— Vão entrando — disse ela em seu tom aplainado de costume; e Bosworth, enquanto seguia os outros, pensou consigo mesmo: *Seja lá o que aconteceu, ela não vai deixar que transpareça em sua expressão.*

Havia dúvida, de fato, se algo de incomum poderia se mostrar no rosto de Prudence Rutledge, tão limitado era seu escopo, tão invariáveis eram suas feições. Ela estava vestida para aquela ocasião em um calicô preto com poás brancos, um colarinho de rendas de crochê atado por um broche dourado e um xale de lã cinza cruzado sob seus braços e amarrado às suas costas. Em sua pequena cabeça estreita, a única proeminência marcada era a do cenho, projetando-se rotundamente sobre seus olhos claros por trás dos óculos. Seu cabelo escuro, partido acima dessa proeminência, passava teso e liso por sobre as pontas de suas orelhas até formar um pequeno coque de trança na nuca; e sua cabeça contraída parecia ainda mais estreita por estar empoleirada em um pescoço longo e côncavo, com os músculos da garganta feito cordas finas. Os olhos eram de um cinza-claro frio, a tez era uniformemente branca. Sua idade poderia estar em qualquer ponto entre os trinta e cinco e os sessenta anos.

A sala a qual ela levou os três homens provavelmente havia sido a de jantar da casa dos Ashmore. Ela agora era usada como sala de estar, uma fornalha preta plantada em uma folha de zinco se projetava dos painéis delicadamente estriados de uma cornija de madeira da lareira. Um fogo recém-aceso ardia relutantemente e o cômodo era, ao mesmo tempo, ocluso e implacavelmente frio.

— Andy Pond — clamou a Sra. Rutledge a alguém, nos fundos da casa —, vá lá fora chamar o Sr. Rutledge. Provavelmente vai achá-lo no galpão ou em algum lugar pelo celeiro. — Ela se juntou outra vez aos seus visitantes. — Por favor, fiquem à vontade para se sentar — disse.

Os três homens, com um crescente ar de constrangimento, sentaram-se nas cadeiras que ela apontou e a Sra. Rutledge sentou-se rigidamente em uma quarta, por trás de uma mesa bamba com tampo adornado de contas. Ela passou os olhos pelos visitantes um a um.

— Presumo que os senhores estejam se perguntando porque foi que os convidei a virem aqui — ela disse em seu tom mortiço. Orrin Bosworth e o diácono Hibben murmuraram, assentindo; Sylvester Brand ficou em silêncio, seus olhos, sob o grande matagal de suas sobrancelhas, fixos na enorme ponta de bota se balançando diante dele.

— Bem, julgo que não esperavam que fosse para uma festa — continuou a Sra. Rutledge.

Ninguém se aventurou a responder a esse gélido gracejo e ela continuou:

— Estamos em dificuldades aqui, este é o fato. E precisamos de conselhos... o Sr. Rutledge e eu precisamos. — Ela pigarreou e acrescentou em tom mais baixo, seus olhos impiedosamente claros mirando diretamente diante dela: — Um feitiço foi lançado sobre o Sr. Rutledge.

O diácono ergueu o olhar bruscamente, um sorriso incrédulo beliscando seus lábios finos.

— Um feitiço?

— Foi isso o que eu disse: ele está enfeitado.

Novamente os três visitantes se calaram; então Bosworth, mais à vontade ou com a língua menos presa do que os outros, perguntou com uma tentativa de humor:

— A senhora usa o termo no estrito senso das Escrituras, Sra. Rutledge?

Ela passou os olhos por ele antes de responder.

— É como *ele* usa.

O diácono tossiu e pigarreou em sua comprida e ruidosa garganta.

— A senhora se importa em nos dar mais detalhes antes de seu marido se unir a nós?

A Sra. Rutledge baixou os olhos para suas mãos entrelaçadas, como se considerasse a questão. Bosworth notou que a dobra interior de suas pálpebras era do mesmo branco uniforme que o resto de sua pele, então, quando ela as baixava, seus olhos um tanto proeminentes pareciam os orbes sem vistas de uma estátua de mármore. A impressão era desagradável e ele desviou o olhar para o texto sobre a cornija da lareira, no qual se lia:

A ALMA QUE PECAR, ESSA MORRERÁ.

— Não — ela disse, enfim. — Vou esperar.

Neste momento, Sylvester Brand se levantou subitamente e afastou sua cadeira.

— Eu não sei — falou ele em sua voz grave, de tom baixo — já que não possuo qualquer conhecimento em particular sobre os mistérios da *Bíblia*; e acontece de hoje ser o dia em que viajo até Starkfield para fechar um negócio com um homem.

A Sra. Rutledge ergueu uma de suas longas mãos magras. Murcha e enrugada pelo frio e pelo trabalho duro, apesar disso, ela era do mesmo branco inerte de seu rosto.

— Não vou deter o senhor por muito tempo — afirmou ela. — Não gostaria de sentar-se?

O fazendeiro Brand mostrou-se irresoluto, seu arroxeadado lábio inferior se crispando.

— O diácono aqui... tal coisa está mais para o campo dele...

— Eu gostaria que o senhor ficasse — disse a Sra. Rutledge calmamente; e Brand sentou-se outra vez.

Um silêncio se abateu, durante o qual as quatro pessoas presentes pareceram estar todas atentas ao som de algum passo; mas nenhum se fez ouvir e, depois de alguns minutos, a Sra. Rutledge começou a falar novamente.

— É lá naquela velha cabana na lagoa Lamer; é lá que eles se encontram — ela disse subitamente.

Bosworth, cujos olhos miravam o rosto de Sylvester Brand, imaginou ter visto uma espécie de afluxo interno escurecer a pele pesadamente coriácea do fazendeiro. O diácono Hibben se inclinou para a frente, um brilho de curiosidade em seus olhos.

— Eles... *quem*, Sra. Rutledge?

— Meu marido, Saul Rutledge... e ela...

Sylvester Brand mais uma vez se remexeu em seu assento.

— O que a senhora quer dizer com *ela*? — perguntou ele abruptamente, como se instado a abandonar alguma distante divagação.

O corpo da Sra. Rutledge não se moveu; ela simplesmente girou a cabeça em seu longo pescoço e olhou para ele.

— A sua filha, Sylvester Brand.

O homem pôs-se de pé atordoado com uma explosão de sons inarticulados.

— Minha... minha filha? De que diabos a senhora está falando? Minha filha? Isso é uma mentira dos infernos... é... é...

— Sua filha *Ora*, Sr. Brand — disse a Sra. Rutledge lentamente.

Bosworth sentiu um gélido calafrio percorrer sua espinha. Instintivamente, ele desviou seus olhos de Brand e eles vieram a repousar sobre o semblante bolorento do diácono Hibben. Por entre as pústulas, ele havia se tornado tão branco quanto o da Sra. Rutledge e os olhos do diácono queimavam na brancura como brasas vivas em meio às cinzas.

Brand deu uma risada: um riso com o rangido enferrujado daquele cujas molas da hilaridade nunca são movidas pela boa disposição.

— Minha filha *Ora*? — repetiu.

— Sim.

— Minha filha *morta*?

— É isso o que ele diz.

— Seu marido?

— É isso o que o Sr. Rutledge diz.

Orrin Bosworth ouvia com uma sensação de sufocamento; sentia como se estivesse lutando com horrores de longos braços em um sonho. Não podia mais resistir a deixar seus olhos retornarem ao rosto de Sylvester Brand. Para sua surpresa, ele havia retomado sua expressão imperturbável natural. Brand se levantou.

— Isso é tudo? — indagou ele com desdém.

— Tudo? Não é o suficiente? Quanto tempo faz desde que os senhores viram Saul Rutledge, qualquer um de vocês? — a Sra. Rutledge disparou a eles.

Bosworth, ao que parecia, não o via há quase um ano; o diácono só havia cruzado com ele uma vez, por um minuto, nos correios de Ashmore do Norte, no outono anterior, e reconheceu que ele não estava com uma aparência muito boa, na ocasião. Brand nada disse, mas mostrou-se irresoluto.

— Bem, se esperarem um instante, os senhores verão com seus próprios olhos; e ele vai lhes contar com suas próprias palavras. Foi pra isso que trouxe os senhores aqui... pra verem por vocês mesmos o que se abateu sobre ele. Daí, terão outra opinião — ela complementou, virando sua cabeça abruptamente na direção de Sylvester Brand.

O Diácono ergueu uma mão magra em interrogação.

— Seu marido sabe que fomos chamados pra cá por esta questão, Sra. Rutledge?

A Sra. Rutledge sinalizou aquiescência.

— Então foi com o consentimento dele...?

Ela olhou friamente para seu questionador.

— Creio que tinha que ser — disse.

Novamente, Bosworth sentiu o calafrio descer por sua espinha. Ele tentou dissipar a sensação falando com uma dissimulação de energia.

— Pode nos contar, Sra. Rutledge, como se mostra essa dificuldade da qual a senhora fala... por que a senhora acha...?

Ela olhou para ele por um instante; então, inclinou-se para a frente, no outro lado da mesa bamba com tampo de contas. Um fino sorriso de desdém estreitou seus lábios sem cor.

— Eu não acho... eu sei.

— Bem... mas como?

Ela se inclinou para a frente, os dois cotovelos sobre a mesa, sua voz minguando.

— Eu os vi.

Sob a luz cinzenta do véu de neve por detrás das janelas, os pequenos olhos perturbados do diácono pareceram liberar faíscas vermelhas.

— Ele e a morta?

— Ele e a morta.

— Saul Rutledge e... e Ora Brand?

— Isso mesmo.

A cadeira de Sylvester Brand caiu para trás com um estrondo. Ele estava de pé novamente, cor de carmim e praguejando.

— Isso é uma mentira lazarenta, é obra do cão dos...

— Amigo Brand... amigo Brand... — protestou o diácono.

— Vejam, deixem eu me livrar logo disso. Quero ver o próprio Saul Rutledge e dizer a ele...

— Bem, aqui está ele — disse a Sra. Rutledge.

A porta de fora se abriu; eles ouviram o familiar pisoteio e chacoalhar de um homem que livra suas vestes dos últimos flocos de neve antes de penetrar na área sagrada de sua melhor sala. Então, Saul Rutledge entrou.

Ao entrar, ele se defrontou com a luz da janela para o norte e o primeiro pensamento de Bosworth foi que ele parecia um homem que havia se afogado, pescado do gelo... e que quis se afogar, ele acrescentou. Mas a luz da neve faz truques cruéis com a cor de um homem e até mesmo com a forma de suas feições; em parte, deve ter sido isso, Bosworth refletiu, que transformou Saul Rutledge do sujeito manifestamente robusto que havia sido um ano antes no infeliz emaciado agora diante deles.

O Diácono buscou pelas palavras para aliviar o horror.

— Ora veja, Saul... o senhor parece alguém que devia ir direto para a lareira. Teve um pouco de sezão, talvez?

A débil tentativa foi em vão. Rutledge nem se moveu nem respondeu. Ficou ali de pé entre eles, em silêncio, incomunicável, como alguém erguido dos mortos. Brand o agarrou rudemente pelo ombro.

— Olhe aqui, Saul Rutledge, que mentira suja é essa que sua esposa está a nos dizer que o senhor andou espalhando?

Rutledge não se moveu.

— Não é mentira — ele disse.

A mão de Brand despencou de seu ombro. A despeito da bruta capacidade de intimidação do homem, ele pareceu indefinidamente assombrado pela aparência e pelo tom de Rutledge.

— Não é mentira? O senhor enlouqueceu totalmente, então, é isso?

A Sra. Rutledge falou.

— Meu marido não está mentindo nem ficou louco. Eu não disse que os vi?

Brand riu novamente.

— Ele e a morta?

— Sim.

— Junto da lagoa Lamer, a senhora diz?

— Sim.

— E quando foi isso, se me permite perguntar?

— Anteontem.

Um silêncio caiu sobre o grupo inusitadamente reunido. O diácono, enfim, o rompeu para dizer ao Sr. Brand:

— Brand, em minha opinião, temos que ir até o fim dessa história.

Brand ficou por um momento em uma contemplação atônita: havia algo de animalesco e primitivo a respeito dele, pensou Bosworth, com ele se pondo assim, sombrio e estupidificado, um pouco de espuma decorando os cantos daquele lábio inferior pesadamente arroxeadado. Ele se permitiu sentar lentamente em sua cadeira.

— Pois vou até o fim.

Os outros dois homens e a Sra. Rutledge permaneceram sentados. Saul Rutledge ficou de pé diante deles, como um prisioneiro no tribunal, ou melhor, como um homem doente diante dos médicos enviados para curá-lo. Enquanto Bosworth escrutinizava aquele rosto vazio, tão pálido sob a pele bronzeada, tão afundado e consumido por alguma sezaõ oculta, ali assomou-se gradualmente sobre aquele homem de boa saúde a ideia de que talvez, no fim das contas, marido e esposa dissessem a verdade e que de fato eles estavam todos naquele momento à beira de algum mistério proibido. Coisas que a mente racional rejeitaria sem pensar não pareciam mais tão fáceis de descartar ao se olhar para o atual Saul Rutledge e lembrar do homem que ele havia sido um ano antes. Sim; como o diácono disse, eles teriam que ir até o fim da história...

— Então sente-se, Saul; aproxime-se de nós, pode ser? — sugeriu o diácono, buscando outra vez um tom natural.

A Sra. Rutledge puxou uma cadeira para a frente e seu marido sentou-se nela. Ele esticou seus braços e agarrou os joelhos com seus dedos ossudos e amarronzados; nessa postura ele permaneceu, sem virar nem a cabeça nem os olhos.

— Bem, Saul — continuou o diácono —, sua esposa diz que o senhor acha que talvez possamos fazer algo para ajudá-lo nesta dificuldade, seja lá qual for ela.

Os olhos cinzentos de Rutledge se arregalaram levemente.

— Não; eu não acho isso. Foi ideia dela tentar tudo que pudesse ser feito.

— Presumo, porém, uma vez que o senhor concordou com nossa vinda, que não se oponha a fazermos algumas perguntas?

Rutledge fez um leve movimento de aquiescência.

— E... o que o senhor tem a responder? Como o senhor explica...?

A Sra. Rutledge interviu.

— Como ele explica? Eu os vi.

Fez-se o silêncio; então Bosworth, tentando falar em um tom calmo e reconfortante, indagou:

— É isso mesmo, Saul?

— Isso mesmo.

Brand ergueu sua cabeça ensimesmada.

— O senhor quer dizer que... o senhor se senta aqui, diante de todos nós e diz...

A mão do diácono mais uma vez o refreou.

— Espere, amigo Brand. Estamos todos buscando os fatos, não estamos? — Ele se virou para Rutledge. — Ouvimos o que diz a Sra. Rutledge. Qual a sua resposta?

— Eu não sei se há alguma resposta. Ela nos encontrou.

— E quer dizer que a pessoa com o senhor era... ou o senhor tomou por ser... — A voz do diácono se afinou: — Ora Brand?

Saul Rutledge assentiu.

— O senhor sabia... ou pensou saber... que estava se encontrando com uma morta?

Rutledge curvou a cabeça novamente. A neve continuava a cair em um lençol uniforme e inabalável contra a janela e Bosworth sentia como se uma mortalha estivesse descendo dos céus para envolvê-los a todos em uma vala comum.

— Pense no que está dizendo! É contra a nossa religião! Ora... a pobre criança...! Morreu há mais de um ano. Eu vi o senhor no funeral,

Saul. Como pode fazer tal afirmação?

— O que mais ele pode fazer? — remeteu a Sra. Rutledge.

Fez-se mais uma pausa. Os recursos de Bosworth lhe falhavam e Brand mais uma vez mergulhou em uma sombria meditação. O diácono pousou as pontas ajuntadas de seus dedos trêmulos e umedeceu os lábios.

— O dia antes de ontem foi a primeira vez? — ele perguntou.

O movimento da cabeça de Rutledge foi negativo.

— Não foi? Então, quando...?

— Há quase um ano, se me recordo.

— Deus! E quer nos dizer que, desde então...?

— Bem... olhe pra ele — disse sua esposa. Os três homens baixaram seus olhos. Após um momento, Bosworth, tentando se recompor, olhou de relance para o diácono.

— Por que não pedir a Saul que faça sua própria declaração, se é pra isso que estamos aqui?

— Isso mesmo — assentiu o diácono. Ele virou-se para Rutledge. — Pode tentar nos dar sua ideia... de... de como isso começou?

Fez-se mais silêncio. Então, Rutledge apertou mais suas mãos contra os joelhos esqueléticos e, ainda olhando diretamente para a frente, com seu olhar vago curiosamente límpido, disse:

— Bem, creio que começou bem antes, antes mesmo até de eu me casar com a Sra. Rutledge...

Ele falou em um tom baixo e automático, como se algum agente invisível estivesse ditando suas palavras ou até mesmo pronunciando-as para ele.

— Os senhores sabem — ele complementou — Ora e eu deveríamos ter nos casado.

Sylvester Brand ergueu a cabeça.

— Esclareça essa afirmação primeiro, por favor — ele interpôs.

— O que quis dizer foi que fazíamos companhia um ao outro. Mas Ora era jovem demais. O Sr. Brand aqui... ele a mandou para longe. Ela esteve fora por quase três anos, creio eu. Quando voltou, eu estava casado.

— Isso mesmo — Brand disse, recaindo uma vez mais em sua postura submersa.

— E, depois que ela voltou, o senhor encontrou-se com ela novamente? — continuou o diácono.

— Viva? — perguntou Rutledge.

Um perceptível estremeção percorreu a sala.

— Bem... é claro — disse o diácono nervosamente.

Rutledge pareceu considerar.

— Encontrei-a uma vez... apenas uma. Havia muitas outras pessoas em volta. Foi na feira de Cold Corners.

— O senhor falou com ela?

— Apenas por um minuto.

— O que ela disse?

A voz dele feneceu.

— Ela disse que estava doente e que sabia que ia morrer; e que, quando morresse, ela voltaria para mim.

— E o que o senhor respondeu?

— Nada.

— O senhor pensou sobre isso naquela época?

— Bem, não. Não até saber que ela havia morrido. Depois é que vim pensar nisso... e acho que ela me atraiu. — Ele umedeceu os lábios.

— Atraiu o senhor para aquela casa abandonada junto à lagoa?

Rutledge fez um ténue movimento de aquiescência e o diácono complementou:

— Como o senhor sabia que era para lá que ela queria que o senhor fosse?

— Ela... só me atraiu...

Fez-se uma longa pausa. Bosworth sentiu, nele mesmo e nos outros dois homens, o peso opressivo da pergunta seguinte a ser feita. A Sra. Rutledge abriu e fechou seus lábios estreitos algumas vezes, como algum marisco encalhado na praia arfando pela maré. Rutledge aguardou.

— Bem, então, Saul, não vai continuar a nos contar o que estava contando? — o diácono enfim sugeriu.

— Isso é tudo. Não há nada mais.

O diácono baixou a voz.

— Ela simplesmente o atrai?

— Sim.

— Com frequência?

— Isso depende...

— Mas se é sempre para lá que ela o atrai, homem, o senhor não tem forças para ficar longe do lugar?

Pela primeira vez, Rutledge voltou a cabeça fatigadamente na direção de seu questionador. Um sorriso espectral estreitou seus lábios sem cor.

— De nada adianta. Ela vem atrás de mim...

Fez-se mais silêncio. O que mais eles poderiam perguntar, ali e naquele momento? A presença da Sra. Rutledge refreou a pergunta seguinte. O diácono parecia dar voltas inutilmente em torno do assunto. Enfim, falou em um tom mais autoritário.

— Há coisas que são proibidas. O senhor sabe disso, Saul. Já tentou orar?

Rutledge balançou a cabeça.

— Pode orar conosco agora?

Rutledge lançou um olhar de enregelante indiferença ao seu conselheiro espiritual.

— Se os senhores querem orar, posso consentir — disse.

Mas a Sra. Rutledge interviu.

— Orar não adianta. Nesse tipo de coisa, não tem utilidade alguma; o senhor sabe que não. Eu o chamei aqui, diácono porque o senhor se lembra do último caso em nossa paróquia. Foi há trinta anos, creio eu; mas o senhor se lembra... Lefferts Nash e Hannah Cory. Enfiaram uma estaca no seio dela. Foi isso que o curou.

— Oh... — exclamou Orrin Bosworth.

Sylvester Brand ergueu a cabeça.

— Está falando daquela velha história como se este fosse o mesmo tipo de coisa?

— E não é? Meu marido não está definhando do mesmo modo que Lefferts Nash? O diácono aqui sabe...

O diácono se remexeu ansiosamente em sua cadeira.

— Essas coisas são proibidas — repetiu. — Supondo que seu marido esteja sendo um tanto sincero em se considerar assombrado, como os senhores diriam. Bem, até mesmo neste caso, que provas nós temos de que a... a morta... é o espectro daquela pobre moça?

— Provas? Ele já não disse que é? Ela não disse a ele? Eu não os vi? — a Sra. Rutledge quase gritou.

Os três homens permaneceram sentados e em silêncio e, subitamente, a esposa inflamou-se:

— Uma estaca atravessando o seio. Este é o modo antigo; é o único modo. O diácono sabe!

— É contra a nossa religião perturbar os mortos.

— Não é contra a sua religião permitir que os vivos pereçam como meu marido está perecendo? — Ela ergueu-se em um de seus abruptos movimentos e apanhou a *Bíblia* da família na estante em um canto da sala de estar. Pondo o livro sobre a mesa e umedecendo a ponta de um dedo lívido, virou as páginas rapidamente, até chegar a uma sobre a qual ela pôs a mão como um peso de papel feito de pedra.

— Veja aqui — disse e leu em voz alta, em sua voz de declamação uniforme:

— *A feiticeira não deixará viver. Está no Êxodo, é lá onde está* — complementou ela, deixando o livro aberto como se confirmando sua afirmação.

Bosworth continuou a passar os olhos ansiosamente de uma para outra das quatro pessoas à mesa. Era o mais jovem entre todos eles e o que mais contato havia tido com o mundo moderno; em Starkfield, no bar da Casa Fielding, ele podia se ouvir rindo com outros homens de todos esses contos da carochinha. Mas não havia sido à toa que ele tinha nascido sob a gélida sombra de Lonetop, tendo passado frio e fome quando rapaz, durante os amargos invernos do Condado de Hemlock. Após a morte de seus pais e de ele mesmo ter assumido o controle da fazenda, havia conseguido tirar mais dela usando métodos aprimorados e provendo leite e vegetais ao crescente tropel de veranistas a caminho de Stotesbury. Tinha sido apontado como membro do conselho municipal de Ashmore do Norte; para um homem tão jovem, possuía prestígio no condado. Mas ainda tinha raízes em sua antiga vida. Podia se lembrar, de quando era um garotinho, de ir com sua mãe duas vezes por ano para aquela lúgubre fazenda na colina bem mais além da de Sylvester Brand, onde a tia da Sra. Bosworth, Cressidora Cheney, havia sido isolada há anos em um quarto frio e vazio, com barras de ferro nas janelas. Quando o pequeno Orrin viu Tia Cressidora pela primeira vez, ela era uma mulher idosa, pequena e branca, cujas irmãs costumavam “deixar decente” para os visitantes no dia em que Orrin e sua mãe eram aguardados. A criança se perguntou por que havia barras na janela.

— Como um canário — ele disse à sua mãe. A frase fez a Sra. Bosworth refletir. — Creio que deixam Tia Cressidora muito sozinha — respondeu ela; e, na vez seguinte em que ela subiu a montanha com o garotinho, ele levava para sua tia-avó um canário em uma gaiolinha de madeira. Foi uma grande animação; ele sabia que aquilo a deixaria feliz.

O rosto imóvel da velha mulher se iluminou quando ela viu o pássaro e seus olhos começaram a brilhar.

— Ele me pertence — afirmou ela instantaneamente, estendendo sua delicada mão ossuda por sobre a gaiola.

— É claro que sim, Tia Cressy — disse a Sra. Bosworth, seus olhos marejando. Mas o pássaro, alarmado pela sombra da mão da velha mulher, começou a rodopiar e bater as asas distraidamente. Ao ver isso, o rosto calmo de Tia Cressidora de repente se tornou uma espiral de feições contorcidas.

— Ora, sua mulher-demônio! — gritou ela com a voz em um guincho alto; enfiando a mão na gaiola, agarrou a apavorada ave e torceu seu pescoço. Ela arrancava as penas do corpo quente, guinchando “Mulher-demônio, mulher-demônio!” enquanto arrastavam o pequeno Orrin para fora da sala. No caminho de volta, descendo a montanha, sua mãe chorou copiosamente e afirmou:

— Não pode nunca contar a ninguém que a pobre Titia é louca, ou os homens virão para levá-la a um asilo em Starkfield, a vergonha disso mataria todos nós. Agora prometa. — A criança prometeu. Ele agora se recordava da cena, com sua profunda orla de mistério, sigilo e rumor. Parecia relacionada a uma série de outras coisas sob a superfície de seus pensamentos, coisas que ressurgiram sorrateiramente, fazendo ele sentir que todas as pessoas velhas que já havia conhecido, e que “acreditavam nessas coisas”, podiam afinal de contas estar certas. Uma bruxa não havia sido queimada em Ashmore do Norte? Os visitantes no verão não chegavam em alegres tropéis nas carruagens abertas para ver o templo em que o julgamento havia ocorrido, a lagoa na qual a mergulharam e ela flutuou...? O diácono Hibben acreditava; Bosworth tinha certeza disso. Se não acreditava, por que pessoas de todos os lugares iam até ele quando seus animais tinham doenças estranhas, ou quando havia uma criança na família que precisava ser mantida confinada porque caía dura e espumando? Sim, a despeito de sua religião, o diácono Hibben *sabia...*

E Brand? Bom, isto ocorreu a Bosworth em um lampejo: aquela mulher de Ashmore do Norte que foi queimada tinha o nome de Brand. A mesma linhagem, sem dúvida; havia uma porção de Brand no Condado de Hemlock desde que os homens brancos tinham chegado ali. E Orrin, quando era uma criança, lembrava-se de ouvir seus pais dizerem que Sylvester Brand nunca deveria ter se casado com a própria prima, por causa do sangue. Porém, o casal teve duas meninas saudáveis e, quando a Sra. Brand definhou e morreu, ninguém sugeriu que poderia haver algo de errado com sua mente. E Vanessa e Ora eram as meninas mais belas de todas as redondezas. Brand sabia disso, então amealhou e economizou tudo o que podia para mandar Ora, a mais velha, para aprender contabilidade em Starkfield.

— Quando ela se casar, mandarei você — ela costumava dizer para a pequena Venny, que era sua favorita. Mas Ora nunca se casou. Ela ficou longe por três anos, durante os quais Venny correu solta pelas escarpas de Lonetop; e, quando Ora voltou para casa, adoeceu e morreu... pobre moça! Desde então, Brand tornou-se ainda mais selvagem e soturno. Ele era um fazendeiro trabalhador, mas não havia muito a ser tirado daqueles áridos acres de Bearcliff. Diziam que ele tinha começado a beber desde a morte da esposa; vez por outra os homens se deparavam com ele nas “espeluncas” de Stotesbury. Mas não frequentemente. E, entre essas ocasiões, ele trabalhava duro em seus acres rochosos e fazia o melhor que podia por suas filhas. No túmulo negligenciado de Cold Corners, havia uma lápide enviesada marcada com o nome de sua esposa; junto a ela, já há um ano, ele havia deitado sua filha mais velha. E, às vezes, ao poente, no outono, o povo do vilarejo o via caminhar lentamente por lá, virar por entre as duas sepulturas e se pôr a olhar para as duas lápides. Mas nunca levou uma única flor para lá, ou plantou um arbusto; Venny também não. Ela era muito extravagante e ignorante...

A Sra. Rutledge repetiu:

— Está no *Êxodo*.

Os três visitantes permaneceram em silêncio, girando seus chapéus nas mãos relutantes. Rutledge os encarou, ainda com aquele olhar diáfano vazio que havia assustado Bosworth. O que estaria ele vendo?

— Nenhum dos senhores tem a fibra...? — inflamou-se sua esposa de novo, meio histericamente.

O diácono Hibben ergueu sua mão.

— Esse não é o caminho, Sra. Rutledge. Não é questão de ter fibra. O que queremos, antes de tudo, são... provas...

— Isso mesmo — disse Bosworth com uma explosão de alívio, como se as palavras tivessem erguido algo escuro acororado sobre seu peito. Involuntariamente, os olhos de ambos os homens se voltaram para Brand. Ele ficou ali, sorrindo sinistramente, mas não falou.

— Não é mesmo, Brand? — impeliu o diácono.

— Provas de que assombração anda? — o outro escarneceu.

— Bem... presumo que também queira ver essa questão resolvida?

O velho fazendeiro endireitou os ombros.

— Sim... eu quero. Mas não sou um espiritualista. Como diabos os senhores vão resolver isso?

O diácono Hibben hesitou; então, ele disse, em um tom baixo e incisivo:

— Só vejo um modo... o da Sra. Rutledge.

Fez-se silêncio.

— Qual? — Brand escarneceu novamente. — Espionagem?

A voz do diácono baixou ainda mais.

— Se a pobre moça anda *mesmo*, ela, que é sua filha... o senhor não seria o primeiro a desejar que ela sossegasse? Todos sabemos que houve casos assim... visitas misteriosas... algum de nós aqui pode negar?

— Eu os vi — interpôs a Sra. Rutledge.

Fez-se mais uma pesada pausa. De repente, Brand fixou o olhar em Rutledge.

— Veja bem, Saul Rutledge, o senhor precisa esclarecer essa maldita calúnia ou eu vou. O senhor diz que minha menina morta vem até o senhor. — Ele lutou com sua respiração e então tartamudeou — Quando? Me diga isso e estarei lá.

A cabeça de Rutledge pendeu um pouco e seus olhos vagaram para a janela.

— Perto do pôr do sol, quase sempre.

— O senhor sabe de antemão?

Rutledge fez um sinal de consentimento.

— Bem, então... amanhã, vai acontecer?

Rutledge fez o mesmo sinal.

Brand virou-se para a porta.

— Estarei lá. — Foi tudo o que ele disse. Saiu por entre eles sem nenhum outro olhar ou palavra.

O diácono Hibben olhou para a Sra. Rutledge.

— Estaremos lá também — ele disse, como se ela tivesse perguntado a ele; mas ela não havia falado e Bosworth viu que o corpo dela tremia todo. Ele ficou feliz quando ele e Hibben estavam novamente lá fora, sob a neve.

III

Eles acharam que Brand queria ser deixado só e, para dar a ele o tempo de desamarrar seu cavalo, criaram a desculpa de parar na soleira enquanto Bosworth buscava em seus bolsos um cachimbo que não tinha intenção de acender.

Mas Brand virou-se para eles enquanto protelavam.

— Nós nos encontraremos na lagoa Lamer amanhã? — sugeriu. — Quero testemunhas. Próximo ao pôr do sol.

Eles sinalizaram sua concordância e ele subiu em seu trenó, deu um golpe nos flancos do cavalo e conduziu-o sob os pinheiros afogados em neve. Os outros dois homens foram para o galpão.

— O que conclui dessa questão, diácono? — perguntou Bosworth para quebrar o silêncio.

O diácono balançou a cabeça.

— O homem está doente... isso é certo. Algo está lhe sugando a vida completamente.

Mas, no frio cortante do lado de fora, Bosworth já estava conseguindo se controlar melhor.

— Me parece um grave caso de sezão, como o senhor disse.

— Bem... uma sezão da mente, então. É o cérebro dele que está doente.

Bosworth deu de ombros.

— Ele não é o primeiro no Condado de Hemlock.

— Isso é — concordou o diácono — É um verme da mente, a solidão.

— Bem, amanhã saberemos, talvez a essa hora — disse Bosworth. Ele trepou em seu trenó e estava tomando seu caminho, quando ouviu seu companheiro chamando por ele. O diácono explicou que uma ferradura de seu cavalo havia se soltado; será que Bosworth poderia levá-lo até a forja próxima a Ashmore do Norte, se não fosse muito fora de seu caminho? Ele não queria que a égua escorregasse na neve congelante e ele provavelmente conseguiria que o ferreiro o trouxesse de volta e recolocasse a ferradura no galpão de Rutledge. Bosworth abriu espaço para ele sob sua pele de urso e os dois partiram, perseguidos por um intrigado choramingo da velha égua do diácono.

A estrada pela qual seguiram não era aquela que Bosworth utilizaria para chegar à sua própria casa. Mas ele não se importava com aquilo. O caminho mais curto para a forja passava perto da lagoa Lamer e Bosworth, uma vez que havia se envolvido no assunto, não estava pesaroso por poder conferir o local. Eles seguiram em silêncio.

A neve havia cessado e um pôr do sol verde estava se espalhando pelo cristalino céu acima. Um vento penetrante, farpado com flocos de gelo, acertou-os no rosto sobre os cumes abertos, mas, quando eles

desceram para a depressão junto a lagoa Lamer, o ar estava tão silencioso e vazio quanto uma campainha não tocada. Eles foram avançando lentamente, cada um com seus próprios pensamentos.

— Essa é a casa... aquela cabana ali, caindo aos pedaços, suponho eu? — disse o diácono enquanto a estrada levava às proximidades da beira da lagoa congelada.

— Sim. Aquela é a casa. Foi construída há anos por um estranho sujeito ermitão, meu pai costumava me dizer. Desde então, não creio que tenha sido usada por alguém além dos ciganos.

Bosworth havia parado seu cavalo e ficou ali sentado, olhando através dos troncos de pinheiro arroxeados pelo pôr do sol na estrutura decadente. O crepúsculo já se assentara sob as árvores, embora o dia perdurasse nas clareiras. Por entre dois galhos de pinheiro de desenho pontiagudo, ele viu a estrela d'alva, como um barco branco em um mar de verde.

Seu olhar desceu daquele céu abismal e seguiu as ondulações branco-azuladas da neve. Ele teve uma curiosa sensação agitada ao pensar que ali, naquela gelada solidão, na casa caindo aos pedaços pela qual ele com frequência passava sem se atentar, um sombrio mistério, profundo demais para a compreensão, estava se desenrolando. Descendo aquela mesma escarpa, vinda da sepultura em Cold Corners, o ser chamado "Ora" deve passar em direção à lagoa. Seu coração começou a bater sufocadamente. De súbito, ele exclamou:

— Veja!

Ele desceu do trenó e seguiu cambaleando margem acima, em direção à escarpa de neve. Nela, viradas na direção da casa junto da lagoa, ele havia detectado pegadas de mulher; duas; então três; então mais. O diácono o seguiu e os dois pararam, observando.

— Meu Deus... descalça! — Hibben arfou. — Então é... a morta...

Bosworth nada disse. Mas sabia que nenhuma mulher viva atravessaria aquele descampado gelado com os pés descalços. Ali, então,

estava a prova que o diácono havia pedido... eles a tinham. O que deviam fazer com ela?

— Supondo que fôssemos pra mais perto com o trenó... contornando a lagoa até nos aproximarmos da casa — propôs o diácono em uma voz insípida — talvez então...

A postergação foi um alívio. Eles subiram no trenó e seguiram em frente. Duzentos ou trezentos metros adiante, a estrada, uma mera faixa sob íngremes barreiras cerradas, virava acentuadamente para a direita, seguindo a curva da lagoa. Enquanto eles a contornavam, viram o trenó de Brand a frente deles. Estava vazio, o cavalo amarrado a um tronco de árvore. Os dois homens olharam novamente um para o outro. Esse não era o caminho mais curto para a casa de Brand.

Ele evidentemente fora incitado pelo mesmo impulso que os havia feito refrear seu cavalo perto do lago e então precipitarem-se à choça deserta. Havia ele também descoberto aquelas espectrais pegadas? Talvez tenha sido por essa mesma razão que ele havia deixado seu trenó e desaparecido na direção da casa. Bosworth percebeu-se tremendo inteiro sob sua pele de urso.

— Peço a Deus que a escuridão não esteja chegando — murmurou. Ele amarrou seu cavalo junto ao de Brand e, sem nenhuma palavra, ele e o diácono se arrastaram pela neve, no rastro dos pés enormes de Brand. Precisaram de apenas alguns metros de caminhada para alcançá-lo. Ele não os escutara seguindo-o e, quando Bosworth disse seu nome e ele parou no ato e se virou, seu rosto pesado estava indistinto e confuso, como um borrão mais escuro no crepúsculo. Ele olhou para eles obtusamente, mas sem surpresa.

— Eu quis ver o lugar — disse meramente.

O diácono pigarreou.

— Só dar uma olhada... sim... assim achamos... mas creio que não haverá nada para *ver*... — ele tentou gracejar. O outro não pareceu escutá-lo, mas esforçou-se a prosseguir atravessando os pinheiros. Os três homens saíram juntos na clareira diante da casa. Ao emergirem de

baixo das árvores, parecia que haviam deixado a noite para trás. A estrela d'alva lançava um lustre sobre a neve imaculada e Brand, naquele círculo luminoso, parou em um solavanco e apontou para as mesmas pegadas leves viradas na direção da casa... o rastro de uma mulher na neve. Ele parou imóvel, seu rosto trabalhando.

— Pés descalços... — disse.

O diácono se interpôs em uma voz trêmula:

— Os pés dos mortos.

Brand permaneceu imóvel.

— Os pés dos mortos — ecoou.

O diácono Hibben pousou uma mão assustada em seu braço.

— Agora venha, Brand. Pelo amor de Deus, vamos embora.

O pai se demorou ali, encarando aqueles leves rastros na neve... leves como os de uma raposa ou de um esquilo naquela imensidão branca. Bosworth pensou consigo mesmo, *Os vivos não poderiam andar com tanta leveza... nem mesmo Ora Brand poderia, quando era viva...* O frio pareceu ter adentrado sua própria medula. Ele batia os dentes.

Brand virou-se para eles abruptamente.

— *Agora!* — disse ele, seguindo adiante como se para o ataque, a cabeça curvada para a frente em seu pescoço de touro.

— Agora... agora? Não lá dentro? — arfou o diácono. — De que adianta? Ele disse que era amanhã... — Ele tremia feito vara verde.

— É agora — disse Brand. Ele seguiu até a porta daquele hospício, empurrou-a para dentro e, encontrando uma inesperada resistência, investiu com seu pesado ombro contra sua folha. A porta desabou feito uma carta de baralho e Brand, tropeçando nela, adentrou a escuridão da cabana. Os outros, após um momento de hesitação, o seguiram.

Bosworth nunca teve muita certeza em que ordem ocorreram os eventos que se seguiram. Deixando o ofuscamento da neve, ele pareceu mergulhar na total escuridão. Atravessou o limiar tateando seu caminho, tocou com a palma uma farpa pontiaguda da porta derrubada, pareceu

ver algo branco e fantasmagórico surgir do canto mais escuro da cabana e então ouviu um revólver ser disparado junto a ele e um grito...

Brand havia dado meia-volta e passou cambaleando por ele em direção à luz do dia que ainda perdurava. O pôr do sol, de repente jorrando pelas árvores, avermelhou seu rosto como se fosse sangue. Ele tinha um revólver na mão e olhou ao redor com seu jeito estúpido.

— Elas então andam *mesmo* — disse, e começou a rir. Ele curvou a cabeça para examinar sua arma. — Melhor aqui do que no adro. *Agora*, eles não vão desenterrá-la — ele gritou. Os dois homens o pegaram pelos braços e Bosworth levou o revólver para longe dele.

IV

No dia seguinte, Loretta, irmã de Bosworth que cuidava da casa para ele, perguntou, quando ele voltou para o almoço, se ele sabia das novidades. Bosworth estivera serrando madeira a manhã inteira e, a despeito do frio e da neve torrencial que havia recomeçado durante a noite, ele estava coberto por um suor gelado, como um homem superando uma febre.

— Quais novidades?

— Venny Brand caiu doente com pneumonia. O diácono esteve lá. Acho que ela está morrendo.

Bosworth olhou para ela com olhos indiferentes. Ela parecia muito distante dele, a quilômetros.

— Venny Brand? — ele ecoou.

— Você nunca gostou dela, Orrin.

— Ela é uma criança. Nunca soube muito a seu respeito.

— Bem — repetiu sua irmã, com a inocente satisfação dos prosaicos para as más notícias. — Acho que ela está morrendo. — Depois de uma pausa, ela acrescentou. — Sylvester Brand vai acabar morrendo, completamente só, lá em cima.

Bosworth levantou-se e disse:

— Tenho que cataplasmar a junta do cavalo cinzento. — Ele rumou para a neve que caía continuamente.

Venny Brand foi enterrada três dias depois. O diácono fez sua liturgia; Bosworth foi um dos que carregaram o caixão. Toda a região compareceu, pois a neve havia parado de cair e, em qualquer estação, um funeral oferecia uma oportunidade para uma excursão que não devia ser desperdiçada. Além disso, Venny Brand era jovem e bela — pelo menos, algumas pessoas a consideravam bela, embora ela fosse tão trigueira — e morrer assim, muito de repente, exercia uma fascinação trágica.

— Dizem que os pulmões dela se encheram de imediato... parece que ela tinha problema nos brônquios... eu sempre disse que as duas meninas eram frágeis... vejam só Ora, como foi se consumindo. E, lá em cima, na terra do Brand, é mais frio e tudo aberto... a mãe delas também, *ela* definhou do mesmo jeito. A família dela por parte de mãe nunca chega a ficar com os ossos velhos... vejam só, o tal jovem Bedlow bem ali; dizem que Venny estava noiva dele... ah, Sra. Rutledge, *me* perdoe... pode ir direto para o banco; há um lugar para a senhora bem ao lado da vovó...

A Sra. Rutledge avançava com passos deliberados pelo estreito corredor da desoladora igreja de madeira. Estava usando seu melhor barrete, uma estrutura monumental que ninguém havia visto fora de seu baú desde o funeral da velha Sra. Silsee, três anos antes. Todas as mulheres se lembravam dele. Sob a disposição perpendicular dele, seu rosto estreito, ondulando no pescoço longo e fino, parecia mais branco do que nunca; mas seu ar agastado havia sido composto em uma expressão adequada de imobilidade pesarosa.

Parece até que o canteiro a esculpiu para pôr sobre o túmulo de Venny, pensou Bosworth quando ela pairou por ele; e então estremeceu com seu próprio devaneio sepulcral. Quando ela se inclinou sobre o livro de hinos, suas pálpebras abaixadas o lembraram novamente das órbitas de mármore; as mãos ossudas agarrando o livro eram exangues.

Bosworth não via mãos como aquelas desde que tinha visto a velha tia Cressidora Cheney estrangular o canário porque ele tinha batido as asas.

O funeral terminou, o caixão de Venny Brand foi colocado na sepultura de sua irmã e os vizinhos foram lentamente se dispersando. Bosworth, como carregador do caixão, se sentiu obrigado a se demorar e dar uma palavra ao pai arrasado. Ele esperou até Brand se afastar da sepultura com o diácono ao seu lado. Os três homens ficaram ali juntos por um momento; mas nenhum deles falou. O rosto de Brand era a porta fechada de um cofre-forte, marcado pelas rugas como se fossem tiras de ferro.

Enfim, o diácono tomou a mão dele e disse:

— O Senhor dá...

Brand assentiu e foi em direção ao galpão onde os cavalos haviam sido amarrados. Bosworth o seguiu.

— Deixe-me acompanhá-lo até em casa — sugeriu.

Brand nem mesmo virou a cabeça.

— Casa? Que casa? — perguntou ele, e o outro se retirou.

Loretta Bosworth estava conversando com as outras mulheres enquanto os homens descobriam seus cavalos e devolviam os trenós à neve pesada. Enquanto Bosworth esperava por ela, a alguns metros dali, ele viu o barrete alto da Sra. Rutledge reinando acima do grupo. Andy Pond, o ajudante da fazenda dos Rutledge, estava recuando o trenó.

— Saul não veio hoje, veio, Sra. Rutledge? — pipilou uma das anciãs do vilarejo, virando sua benevolente cabeça de tartaruga velha em um pescoço frouxo, piscando para o rosto de mármore da Sra. Rutledge.

Bosworth ouviu-a medir sua resposta em palavras lentas e incisivas.

— Não. O Sr. Rutledge não veio hoje. Ele viria com certeza, mas sua tia Minorca Cummins está sendo enterrada em Stotesbury neste mesmo dia e ele teve que ir até lá. Não parece, às vezes, como se estivéssemos todos andando bem à Sombra da Morte?

Quando ela se dirigiu ao seu trenó, no qual Andy Pond já estava sentado, o diácono foi até ela com visível hesitação. Involuntariamente, Bosworth também se moveu para mais perto. Ele ouviu o diácono dizer: — Fico feliz de saber que Saul já está plenamente recuperado.

Ela virou a cabeça pequena em seu pescoço rígido e ergueu suas pálpebras de mármore.

— Sim, acho que ele vai dormir mais tranquilo agora... e talvez ela também, já que não está mais deitada ali sozinha — acrescentou, em uma voz baixa, com uma súbita torção de seu queixo em direção à mancha negra recente na neve do cemitério. Ela subiu no trenó e disse em um tom claro para Andy Pond: — Já que estamos aqui embaixo, só o que eu sei é que vou logo até a loja de Hiram Pringle comprar uma caixa de sabão.

A GUARDIÃ DO MEU IRMÃO

Pat Cadigan

Pat Cadigan é uma autora norte-americana de ficção científica, moradora de Londres desde a metade dos anos 1990. Frequentemente relacionada ao movimento *cyberpunk*, ela ganhou vários prêmios, incluindo o Hugo, o World Fantasy e o Arthur C. Clarke – este último, duas vezes, por seus romances *Synners* e *Fools*. Seus outros romances incluem *Mindplayers*, *Tea From an Empty Cup* e *Dervish is Digital*; seus contos foram reunidos em *Patterns: Stories*, *Home by the Sea* e *Dirty Work: Stories*.

“O vício realmente me amedronta”, a autora revela. “Há muitos tipos diferentes de drogas, mas vício é vício e pronto. É mais difícil de matar do que um vampiro e é bem mais faminto, além de não ter limitações como luz do sol, alho ou símbolos religiosos.”

A Guardiã do Meu Irmão é uma história que fui escrevendo em intervalos, durante vários anos, antes de finalmente terminá-la. Ela cresceu a partir de uma experiência um tanto desagradável que tive na época de minha adolescência radical e perdida, em uma época anterior a AIDS. *Heroin Chic*³⁴ é o cacete.”

TUDO ISSO ACONTECEU há muito tempo. Exatamente quando não importa, não em uma época em que você pode fumar sua pedra e Mamãe e Papai trancam sua erva no armário de bebidas, para que o Júnior não vá fumar um baseado à custa deles. Eu costumava pensar nisso como um episódio relevante, de uma época em que várias coisas eram relevantes. Não demorou muito para que todos se cansassem de tanta relevância. Ei, não se sinta tão culpado, tão mal, tão convencido, tão perplexo. Tem de haver alguma outra coisa, você sabe que tem. Já está chegando, juntinho da sua nave.

Naqueles dias, eu ainda estava no meio de minha triunfante ascensão para fora do gueto (nem todas as minas brancas são encontradas num subúrbio). Eu ainda me sentia energizada, deleitada, ante a visão dos rostos arrebitados e radiantes dizendo para mim, “Boa sorte, Porcelana, você ainda vai ser alguém!”, enquanto eu flutuava para os céus, me segurando em uma bolsa universitária. O orgulho da minha família se exauriu em algum momento após minha segunda visita à nossa casa. Educação superior era uma coisa, arrogância era outra. Eu estava inflada pelas ilusões de grandeza e meus pais ficavam me alfinetando, tentando fazer o inchaço diminuir para que eles pudessem me ver melhor. Parei de voltar para casa por um tempo. Também parei de escrever. Mas as cartas da minha mãe vinham com a mesma frequência de sempre: *Sua irmã Rose está grávida de novo, ore a Deus pra que ela não perca esse, isso acabaria com ela; sua irmã Aurelia anda matando aula, zanzando por aí, queria que você viesse nos visitar pra conversar com ela; e seu irmão Joe... seu irmão Joe... seu irmão Joe.*

Meu irmão Joe. Como se ela tivesse que identificá-lo. Eu só tinha um irmão, e esse era Joe. Meu irmão Joe, o primeiro dos garotos perdidos. Segundo mais velho da família, dois anos mais velho que eu, o primeiro a botar um pico no braço. Às vezes, podíamos ser próximos, Joe e eu, espremidos entre os colchetes que eram Rose e Aurelia. Ele era um vacilo, o único homem entre as filhas. O filho de peixe. A natureza mostrando o dedo do meio ao meu pai.

Meu irmão Joe, o homem descartável. Ele não tinha talentos naturais, não havia adquirido muitas habilidades além de achar uma veia. Ele não era bonito e nórias não são conhecidos por suas personalidades luminosas ou suas proezas sexuais, nem seus corações atenciosos e gentis. A família não morria de amores por ele; Rose não o deixava chegar perto das crianças, Aurelia o evitava. Às vezes, eu não tinha certeza do quão profundo era meu amor por ele. Nórias precisam de amor, mas precisam mais ainda de uma calibrada. Entre as calibradas, ele pôde encontrar um momento embaraçoso para se despedir de mim em sua antiga vida.

Ei, Joe, eu disse. Que merda é essa, hein?

Se você tem que perguntar, meu bem, não quer realmente saber. Já procurando por outra veia. Sorrindo com a ponta de um cinto por entre seus dentes.

Meu irmão Joe foi a razão para mim, enfim, ceder e voltar para casa no fim do semestre, em vez de ir para a suburbana Connecticut com minha colega de quarto. Marlene havia pintado um belo quadro de caminhadas pitorescas pela neve imaculada, passeios de compras recreativas em butikues que vendiam reproduções de Mucha e colares de contas de vidro, e depois, chocolate quente junto à lareira, cada uma enrolada em um cobertor feito de crochê por uma avó com cabelo prematuramente vermelho e que nadava em dinheiro. Marlene admitiu que a família dela tinha bem menos relevância do que a minha, mas não era para isso que serviam as férias? Eu concordei e estava fazendo minha mala quando o cartão-postal de Joe chegou.

Querida Porcelana, eles me expulsaram pela última vez. Isso era tudo, no verso de um mapa de Cape Cod. As palavras eram mais uma coisa distante de seu domínio. Mas ele se deu ao trabalho de comprar um selo e enviá-lo ao endereço certo.

Nossos pais o haviam expulsado no último ano em que morei com eles. Não houve nada que eu pudesse ter feito a respeito na época e não sabia o que Joe achava que eu poderia fazer agora, mas desmarquei com

Marlene de todo modo. Ela disse que as portas estavam abertas, caso eu conseguisse escapar antes das aulas começaram novamente. Só liga antes, para Mamãe poder arrumar a roupa de cama extra. Marlene era uma criatura boa. Sobreviveu admiravelmente à relevância. No fim, foi o hedonismo que a pegou.

Entrei num ônibus para casa, pus minha mala em um armário da rodoviária e fui dar uma volta. Eu nunca ia direto para o apartamento dos meus pais quando voltava. Tinha que fazer uma descompressão antes de ir para casa e ser a filha deles, a fedelha universitária metida.

Já estava escuro e a temperatura estava bem abaixo do congelante. Neve velha ladeava as ruas vazias. Era preciso saber onde procurar pela ação durante o inverno. Nóias só usavam casacos durante o tempo que levasse até vendê-los. Dane-se, os nóias tão sempre com frio mesmo. Dei um giro; sem sorte. Era tarde o bastante para qualquer um que quisesse descolar algo já ter descolado e estar apagando em algum lugar. A Cantina do Streep era um dos lugares aos quais eles iam depois de chapar, então, fui até lá.

A Cantina não estava nem meio cheia, segregada do modo de costume — os caretas perto da janela, os nóias perto do *jukebox* e dos banheiros, canas e estranhos no balcão em forma de “u”, no meio. Jake Streep não gostava dos nóias, mas não os incomodava, a menos que ficassem apagando nas mesas. Os nóias tentavam manter o *jukebox* funcionando pra poderem ficar acordados, mas aparentemente ninguém mais tinha moedas. A máquina preta e púrpura (uma Muzik Master) estava calada, suas luzes acendendo e apagando inutilmente.

Joe não estava lá, mas alguns de seus amigos se encontravam apinhados em uma mesa, todos doidões. Eles não notaram quando entrei e muito menos que Jake Streep estava prestes a enxotá-los. Só um deles parecia estar agasalhado o bastante; não conseguia reconhecê-lo. Só reconheci vagamente o cara sobre o qual ele estava meio recostado. Sentei à mesa ao lado das duas pessoas de frente a eles, um cara magricela chamado Farmer e Stacey, que servia mais como sua sombra

do que sua namorada. Dei um cutucão forte entre as costelas de Farmer e chutei um dos caras à minha frente. Farmer voltou à vida com um resmungo, se afastando de mim num reflexo e acordando Stacey.

— Tô acordado, caramba. — A cabeça de Farmer balançava enquanto ele tentava me focar. Um sorriso de percepção se espalhou por seu rosto mortiço. — Ah. Porcelana. Oi, uau. — Ele cutucou Stacey. — É a Porcelana.

— Onde? — Stacey se inclinou para a frente pesadamente. Ela piscou para mim várias vezes, começou a apagar de novo e reviveu. — Ah. Uau. Você voltou. O que houve? — Com uma mão, ela espalhou seu cabelo escuro para longe do rosto.

— Alguém me chutou — disse o cara que eu conhecia vagamente. Eu agora o reconhecia. George Sei-lá-o-quê. Fiz o Ensino Médio com ele.

— Acabaram as aulas — eu disse a Stacey.

Perplexa, ela começou a se dispersar.

— Férias — esclareci.

— Ah. Certo. — Ela se pendurava no braço de Farmer como se eles estivessem em águas profundas e ela não soubesse nadar. — Você não largou?

— Não larguei.

Ela deu uma risadinha.

— Que ótimo. Férias. A gente nunca tem férias. A gente tem que ser a gente mesmo o tempo todo.

— Cala a boca. — Farmer fez uma tentativa desanimada de empurrá-la para longe.

— Ei. Você me chutou? — perguntou George Sei-lá, coçando o rosto.

— Desculpe, foi sem querer. Alguém viu Joe esses tempos?

Farmer esfregou o rosto com a palma da mão.

— Ele não tá aqui? — Tentou olhar em volta. — Achei... — Seu olhar injetado se voltou para mim, vazio. No ato de virar a cabeça, ele se esqueceu do que estávamos falando.

— Joe não tá aqui. Já conferi.

— Tem certeza? — A cabeça de Farmer pendeu. — É tão mal iluminado, aqui, mal dá pra ver alguma coisa.

Empurrei-o contra o encosto do assento.

— Tenho certeza, Farmer. Você se lembra de ter visto ele alguma vez nos últimos tempos?

Sua boca abriu um pouco. Um pensamento estava lutando para atravessar a gosma quente que era seu cérebro.

— Ah. Sim, *sim*. Joe foi embora faz uns dias. — Ele rolou a cabeça até Stacey. — Hoje é quinta?

Stacey fez uma careta.

— Ei, e eu lá tenho cara de calendário, porra?

O cara ao lado de George acordou e sorriu para o nada.

— Vâmo embora todo mundo? — ele perguntou. Não podia ter mais do que quinze anos e ainda parecia muito bem, relativamente limpo e saudável. O único de casaco. Um bebê na Terra da Diversão.

— Quando viu Joe pela última vez, Farmer? — perguntei.

— Quem? — Farmer fez uma careta com uma desconfiança desnorteada.

— Joe. Meu irmão *Joe*.

— Joe é seu irmão? — disse o garoto, sorrindo feito um anjo sonolento. — Eu conheço o Joe. Ele é meu amigo.

— Não é, não — eu disse a ele. — Você sabe onde ele tá?

— Não. — Ele despencou no encosto do assento e fechou os olhos.

— Ei — disse Stacey —, quer fumar um beque? Isso é droga de universitário, né não? Tommy Barrow tem beque. Vâmo lá no Tommy Barrow fumar um, igual a galera da universidade.

— Cala a *boca* — disse Farmer, irritado. Ele agora parecia um pouco mais alerta. — O Tommy não tá na cidade, tô tentando pensar, aqui. — Ele pôs uma mão pesada em meu ombro. — O Joe tava por aqui, dia desses. Com uma mulher mais velha. Mais velha, saca?

— Onde?

— Cê sabe, por aqui. Só por aqui. Nenhum lugar em especial. Aqui. Dando um rolê de carro. Por aqui, só.

Eu bocejei. A letargia deles era contagiosa, mas eu ainda não havia começado a coçar o rosto por empatia como se tivesse alergia a quinino.

— Quem é ela? Alguém a conhece?

— É o contato dele. O contato *novo* dele — disse Stacey num súbito surto de lucidez. — Eu me lembro. Ele disse que ela ia arrumar umas paradas firmeza pra ele. Disse que ela tinha umas fontes boas.

— Foi. *Foi* — disse Farmer. — Isso mesmo. Ela é chegada de algum distribuidor, ou coisa assim.

— Qual é o nome dela?

Farmer e Stacey olharam para mim. Nomes, claro.

— Loira — disse Farmer. — Cheia da grana.

— E tem carro — George completou, sentando-se e limpando o nariz na manga. — Tipo um Cadillac ou coisa assim.

— Cadillac, puta merda. Tu acha que qualquer coisa que não seja um Volkswagen é um Cadillac — disse Farmer.

— É um Cadillac branco enorme — insistiu George. — Eu vi.

— Eu também vi e não é um Cadillac.

— Você viu onde? — perguntei a George.

— Rua Dezesete — Ele sorriu, sonhadoramente. — Ele tem tocafitas.

— *Onde* na Dezesete?

— Tipo perto da Rotatória Foster, por ali. Joe disse que ela tem dois autofalantes na traseira. Maneiro demais.

— Tá, obrigada. Acho que vou dar uma olhada por lá.

— Opa — Farmer agarrou meu braço. — Ele não tá lá *agora*. Tá zoando? Eu não sei onde eles tão. Ninguém sabe.

— Farmer, eu tenho que achar o Joe. Ele escreveu pra mim, na faculdade. Nossos pais o expulsaram e eu tenho que achá-lo.

— Ei, ele tá bem. Já disse, ele tá com essa mulher. Tá na casa dela, provavelmente.

Comecei a me levantar.

— Tá bom, *tá bom* — disse Farmer. — Olha, a gente vai encontrar a Priscilla amanhã. Ela sabe como encontrar ele. Amanhã.

Suspirei. Com nóias, tudo sempre vai acontecer amanhã.

— Quando vocês vão encontrá-la?

— Meio-dia. Encontra a gente aqui, tá bom?

— Tá bom.

Streep me fuzilou com os olhos quando saí. Os nóias pelo menos compravam café.

Pensei em ir até a Rotatória Foster mesmo assim. Era uma ilha de tráfego que algum prefeito idealista tinha decidido embelezar com um gramado, flores e bancos de parque. Agora, era só mais um ponto de encontro dos nóias que os caretas evitavam até durante o dia. Não é como se fosse haver alguém marcando por lá, certamente não alguém que quisesse me ver. Caminhei de volta até a rodoviária, peguei minha mala e fui para a casa dos meus pais.

Eu não disse a meus pais que estava chegando, mas eles não pareceram terrivelmente surpresos quando fui entrando. Meu pai estava assistindo TV na sala enquanto minha mãe se ocupava na cozinha. O sal da terra basilar tipicamente americano. Meu pai não olhou para mim enquanto eu tirava meu casaco e desabava flácida na poltrona.

— Decidiu vir pra casa no fim das contas, foi? — disse ele, depois de um tempo.

Não havia sinal de Joe em seu rosto comprido e quadrado, que havia emperrado em uma expressão de indignação desde que minha irmã Rose

teve seu primeiro filho, três meses depois do casamento. Na televisão, uma mulher em um restaurante elegante jogava um drinque no rosto de um homem.

— Achei que você ia pra Connecticut com sua amiguinha metida a besta.

Dei de ombros.

— Voltou pra ver ele, não foi? — Ele esticou a mão para uma das latas de cerveja na mesinha de apoio, dando uma leve chacoalhada para se certificar de que havia algo nela. — Que foi que ele fez, ligou pra você?

— Recebi um cartão-postal. — Na TV, a mulher que havia jogado o drinque agora era um cadáver. De pé, um detetive franzia o cenho em direção a ela. Mulheres que jogavam drinques sempre acabavam como cadáveres; se ela tivesse visto TV o suficiente, saberia disso.

— Um postal. Grande coisa. Um cartão-postal de um drogado lascado. Nós somos os seus pais e temos praticamente que implorar de joelhos pra você vir pra casa.

Respirei fundo.

— Bom te ver também. Lar doce lar.

— Olha a boca, espertinha. Podia ter ligado. Eu teria buscado você na rodoviária. As coisas por aqui não são mais como eram. — Meu pai terminou a lata e colocou-a com as outras vazias. — Tem uns maus elementos chegando aí. Você não conhece eles e eles não te conhecem, nem querem saber de quem você é irmã. Uma garota ali do outro quarteirão, morou por aqui a vida toda... estuprada. No meio da rua e mal tinha escurecido.

— Quem foi?

— Como diabos eu vou saber, cacete, e eu lá trabalho no Censo? Eu não fico de olho em cada pivete da área.

— Então, como sabe que ela morou aqui a vida toda?

Meu pai estava prestes a me dar um berro quando minha mãe apareceu na soleira da cozinha.

— Porcelana. Venha aqui. Vou fazer algo pra você comer.

— Não tô com fome.

Seu rosto não mudou de expressão.

— Tem salame e queijo suíço. Vou fazer um sanduíche.

Por que não? Ela podia me fazer um sanduíche, eu não comeria e poderíamos manter o nível de hostilidade alto, onde era seu lugar. Eu me levantei da cadeira e fui para a cozinha.

— Você *veio* pra casa por causa dele? — minha mãe perguntou enquanto eu me sentava à mesa da cozinha.

— Recebi um postal dele.

— Veio. — Ela continuou de costas para mim enquanto trabalhava no balcão. Mulher mansa e frouxa, minha mãe parecia ainda mais mansa e frouxa do que nunca, como se alguma mola de engate tivesse arrebentado dentro dela, deixando tudo solto. Depois de um tempo, ela se virou, segurando um prato com um sanduíche. A magia da maternidade, prestidigitação culinária com prosaicos salame, queijo suíço e pão branco. Contemplem a vida familiar. Reprises demais de *Fim Sem Querer*. Ela colocou o prato na minha frente.

— Fui eu — disse ela. — Eu o expulsei.

— Imaginei.

Ela me serviu uma xícara de café.

— Primeiro, quebrei todas as seringas dele e joguei tudo no lixo.

— Que ótimo, Mãe. Sabia que de vez em quando a polícia vasculha o lixo de locais onde sabem que viciados moram?

— E eles vão fazer o quê, prender eu e o seu pai? Joe não vive mais aqui. Eu não ia admitir que ele usasse esta casa como galeria de pico. Ele roubou. Tirou dinheiro da minha bolsa, pegou coisas e vendeu. Como se a gente não se matasse de trabalhar e pudéssemos simplesmente deixar um drogado nos roubar.

Eu não disse nada. Teria acontecido o mesmo se ele estivesse morando comigo.

— Eu sei, Mãe.

— E então? — Ela estava agarrando a parte de trás da cadeira como se não soubesse se queria jogá-la ou puxá-la para se sentar.

— Então, o quê? — perguntei.

— Então, o que você quer com ele?

— Ele me pediu pra vir, Mãe.

— Ah, ele pediu pra você vir. Ótimo. E você vai fazer o que, levá-lo pra morar com você em seu dormitório? Que aconchegante, hein?

Compus uma absurda imagem mental daquilo. Daria pra gente fazer a festa só com os pertences menores de Marlene.

— Cadê a Aurelia?

— E como eu vou saber? Estamos aqui de sobreaviso... ela faz o que quer. Eu pedi pra você vir pra casa conversar com ela. Você nem respondeu minhas cartas.

— O que você acha que posso fazer? Eu não sou a mãe dela.

Ela me dirigiu um olhar hostil.

— Coma seu sanduíche.

Me forcei a dar uma mordida e empurrei o prato.

— Não tô com fome mesmo.

— À vontade. Devia ter me dito, se queria outra coisa.

— Eu não queria outra coisa. Não queria nada. — Peguei um cigarro pra mim. Minha mãe ergueu as sobrancelhas, mas não disse nada. — Quando Aurelia chegar em casa, eu converso com ela, tá bom?

— *Se* ela chegar em casa. Às vezes, não chega. Não sei onde ela dorme. Às vezes, nem sei se ela se dá ao trabalho de ir à escola.

Bati as cinzas no cinzeiro.

— *Eu* nunca consegui me safar de nada do tipo.

O olhar que ela me deu era indistinguível. Suas pálpebras baixaram, um dos cantos da boca repuxado para baixo. Por alguns instantes, eu a vi como uma estranha, alguma mulher que nunca tinha visto e que estava esperando que eu compreendesse alguma coisa, mas que tinha certeza absoluta de que eu era idiota demais pra isso.

— Tá, *se* ela chegar em casa, eu converso com ela.

— Não precisa me fazer favores. Enfim, você provavelmente vai estar fora, procurando por *ele*.

— Eu sempre fui mais próxima dele do que qualquer um nesta família já foi.

Minha mãe fez um ruído desgostoso.

— Que gracinha, né?

— Ele ainda é um ser humano, Mãe. E ainda é meu irmão.

— Você não venha dar sermões a *mim* sobre família. Quem você acha que eu sou, alguma tutora? Talvez quando voltar pra faculdade, você queira levar Joe e Aurelia com você. Talvez se saia melhor em fazer ela voltar pra casa à noite e manter ele longe da heroína. Vai lá. Fique à vontade pra fazer seu melhor.

— Não sou nem mãe nem pai deles.

— Tá, tá, tá. — Minha mãe pegou um cigarro do maço sobre a mesa e o acendeu. — Eles ainda são seres humanos, ainda são seus irmãos. E isso me torna o quê?

Apaguei meu cigarro, peguei minha mala na sala e fui para o quarto que dividia com Aurelia. Ela já tinha começado a se espalhar um pouco, embora a divisão entre o lado dela e o meu ainda fosse razoavelmente evidente. Principalmente porque ela obviamente não vinha passando muito tempo ali.

Fiquei sentada em minha cama por um bom tempo, totalmente vestida, só olhando pela janela. A rua lá embaixo estava vazia e escura e não havia nada para o que olhar. Continuei olhando até que ouvi meus pais irem para a cama. Pouco depois, quando achei que já estavam dormindo, abri uma fresta da janela e bolei um baseado com a parada no

fundo da gaveta da minha escrivaninha. A maioria do bagulho ainda estava lá, o que queria dizer que Aurelia não o tinha encontrado. Nunca gostei muito de maconha, depois de esgotada a novidade, mas queria algo pra embotar o gosto ruim que aquela noite havia deixado em minha mente.

Um baseado inteiro só para mim era bem mais do que eu estava acostumada e a lombra foi pesada e debilitante. A fumaça espiralou-se em símbolos e padrões ilegíveis antes de ser sugada para fora da janela, para o frio e a escuridão. Me fez pensar em fantasmas esfarrapados fugindo de uma casa, como ratos pulando de um navio afundando. É o tipo de estupidez que ocupa sua mente por horas quando se está chapado, o que, por mim, tudo bem. Eu não queria ter que pensar em nada que importava.

Com o tempo, acabei percebendo que estava com frio. Quando consegui me mexer, estendi a mão para fechar a janela e algo lá embaixo, na rua, me chamou a atenção. Estava muito nas sombras próximas ao prédio para que eu visse direito até mesmo se estava de fato lá. Delírio de Hasher³⁵, ou Delírio de Erva, nesse caso. Tentei enxergar mesmo assim. Havia certa força de definição e uma independência da imprecisão de minha visão chapada, algo que sugeria que aquilo era algo mais do que a droga em minha mente. Fosse lá o que fosse — a chapação exagerando um gato, um cão, ou um rato grande — eu não gostei. Como intrusas, as palavras de meu pai sobre novos maus elementos chegando deslizaram para dentro da minha cabeça. Algo naquela coisa me fez pensar num réptil, evolução atrofiada ou evolução reversa, um tipo de mal que poderia ter se assentado, espesso, em poças de podridão, milhões de anos atrás, pré-existente à vida de sangue quente. O que era ridículo, pensei eu, porque foram os seres humanos que trouxeram a distinção entre bem e mal para o mundo. Bem e mal, chapado e careta. Eu estava chapada. Fui para a cama.

Mas lembre-se, disse minha mente ainda sussurrando enquanto eu flutuava para o estupor do sono: para poder fazer distinções entre duas

coisas quaisquer, como o bem e o mal, primeiro elas têm que existir, não têm?

É isso que acontece quando pretensos intelectuais ficam chapados, pensei, e desmaiei.

O som do meu pai saindo para o trabalho me acordou. Fiquei deitada, escutando minha mãe na cozinha, esperando pelo som de bacon e ovos fritando e seus apelos para eu me levantar e tomar um bom café da manhã. Em vez disso, ouvi água correndo brevemente na pia e então passos voltando para o quarto e a porta se fechando. Isso era novidade — minha mãe voltar para a cama depois do meu pai sair para o trabalho, a despeito de a filha universitária estar em casa. De todo modo, eu particularmente não queria falar com ela, especialmente se fosse apenas para continuar a conversa da noite anterior; mas, ainda assim, me deu uma sensação esquisita.

Tomei um banho e me vesti, sem pressa, mas minha mãe nunca reemergiu. Ao que parecia, ela simplesmente não seria parte do meu dia. Saí de casa bem mais cedo do que planejava, imaginando que arrumaria algo para fazer até que fosse a hora de encontrar Farmer e os outros.

No salão de entrada do prédio, quase dei de cara com minha irmã Rose, que parecia prestes a ter seu bebê a qualquer momento. Ela havia tingido seu cabelo de loiro mais uma vez, um amarelo seda de milho, as pontas já com cor de latão e as raízes pretas aparecendo.

— O que tá fazendo em casa? — ela perguntou, pondo as mãos protetoramente na barriga, tão saliente que ela não conseguia abotoar o casaco.

— Férias — disse. — Como você tá?

— Como eu sempre estou? Grávida.

— *Existe* uma coisa chamada anticoncepcional.

— Pois é, e existe uma coisa chamada ele não funcionar. E aí?

— Bom. Esse é o número cinco, não é?

— Não sabia que *você* tava contando. — Ela tentou puxar o casaco para frente de si, mas não adiantava. — Tá frio aqui embaixo. Vou subir

lá pra Mãe.

— Ela voltou pra cama.

— Ela levanta pra me ver.

— Você devia tá subindo essas escadas todas, na sua condição?

Rose ergueu suas sobrancelhas, pinçadas quase à inexistência.

— Quer me carregar?

Ela me empurrou para o lado e lentamente começou a subir o primeiro lance de escadas.

— Qual é, Rose — eu chamei por trás dela. — O que vai acontecer se sua bolsa estourar enquanto você tiver na escada, ou coisa assim?

Ela se virou para olhar para mim a sete degraus de altura.

— Eu vou gritar, o que acha que eu vou fazer? — E retomou a subida.

— Bom, você quer que eu suba com você? — perguntei, começando a subir atrás dela. Ela apenas acenou com a mão e continuou. Aborrecida e entretida, esperei ela chegar ao primeiro patamar e começar o lance seguinte, me perguntando se devia correr atrás dela mesmo assim ou ao menos ficar ali até que ouvisse minha mãe abrindo a porta para ela. Então, decidi que Rose provavelmente sabia o que estava fazendo, ao seu modo desmazelado. Minha teoria era de que ela havia nascido grávida e esperou dezesseis anos até encontrar alguém para fingir ser o pai. Ela não estava muito menor do que aquilo quando casou-se com Roger, para grande desalento dos meus pais. Rose não tinha se incomodado nem um pouco.

O sol brilhava fortemente, mas não havia calor nele. A neve ladeando o meio-fio estava mais suja do que nunca, esburacada e quebradiça. Na calçada, velhos remendos de gelo se agarravam por todo lado ao pavimento, como águas-vivas congeladas que ficaram ali depois da baixa da maré. Não eram nem 10h30, mas fui até a Cantina do Streep, caso alguém resolvesse aparecer mais cedo. Não era muito provável, mas não tinha muito mais o que fazer.

Streep tinha a casa toda só pra ele, tirando um casal de idosos sentado próximo à janela. Me sentei ao balcão e pedi o café da manhã para compensar a noite anterior. Minha expiação não o deixou exatamente impressionado, mas fui eu quem na verdade ficou surpresa quando ele falou comigo, enquanto servia meu café.

— Veio passar as férias?

— Isso mesmo — eu disse, me sentindo um pouco temerosa enquanto me servia do creme de uma jarra de alumínio.

— Tá gostando da faculdade?

— Taria achando o paraíso, se não fossem as aulas.

A boca borrachuda de Streep se crispou, sacudindo seu queixo.

— Achei que era pra isso que iam pra lá, pra assistir às aulas e ficarem inteligentes.

Dei de ombros.

— Talvez você já se ache inteligente.

— Algumas pessoas diriam que sim. — Eu sorri, pensando que ele devia ter perguntado ao meu pai.

— Você acha que é inteligente ficar vindo aqui pra ficar de papo com esses nóias?

Eu pisquei para ele.

— Não sabia que você se importava.

— Tô só fazendo uma pergunta.

— Não viu meu irmão Joe esses tempos, viu?

Streep fez um barulhinho rápido que era menos que uma risada e se afastou. Alguém havia deixado um jornal em uma das banquetas à minha direita. Peguei-o e li enquanto tomava o café da manhã, só para ter o que fazer. Uma hora se passou, com Streep voltando vez ou outra para encher a minha xícara sem mais nenhuma conversa. Comprei um maço de cigarros da máquina só para ter mais alguma coisa para fazer e notei que um dos idosos havia adormecido antes de terminar o café. Era uma senhora muito velha, com cabelos grisalhos arrepiados e um

arqueado nariz aquilino. A boca dela havia se escancarado e mostrava uns poucos dentes longos e manchados. Tive uma ideia boba de acordá-la quando ela desse um enorme ronco. Streep nem olhava para ela. Que se dane, o bolinho de batata ralada dela já devia estar gelado, mesmo. Voltei ao meu jornal. Quando o relógio sobre a chapa marcou 12h10, deixei um dinheiro no balcão e fui para o lado de fora. Eu devia saber que eles se atrasariam, pensei. Eu provavelmente teria que ficar por ali até quase escurecer, quando eles finalmente se lembrariam que tinham que me encontrar ali e não viriam, pensando que eu já teria ido embora.

Uma buzina soou várias vezes. George esticou a cabeça para fora da janela do motorista de um carro estacionado do outro lado da rua. Corri até eles e a porta de trás se abriu.

— Meu Deus, a gente tava te esperando aqui — disse Farmer irritado quando entrei. — Você tava lá dentro o tempo todo?

— Achei que vocês iam encontrar a Priscilla aqui.

— Mudança de local, me perdoe pelo linguajar — disse Farmer. — O Streep não dá nem um copo d'água pra gente levar. — Ele estava na frente, com George. Stacey e o moleque estavam atrás, comigo. O moleque não parecia tão bem. Tinha manchas escuras debaixo dos olhos e, seja lá onde havia passado a noite, não tinha lavabo.

— Por que você não tá na escola? — perguntei a ele.

— Dane-se, o que você tem a ver com isso? — falou ele, petulante.

— Ainda não voltou pra casa, né?

— Pelo amor de Deus, você por acaso é a oficial de condicional dele? — perguntou Farmer. — Vâmo logo, ela tá esperando.

O carro se afastou do meio-fio com um solavanco. George praguejou enquanto adentrava o trânsito leve do meio-dia.

— Não tô acostumado com carro automático — reclamou ele com ninguém.

Farmer estava revirando o porta-luvas.

— Ei, não tem material nenhum aqui. Tu tem alguma coisa?

— Tá comigo, relaxa. Só espera até a gente pegar a Priscilla, tá certo?

— Só me diz onde tá.

— Não esquentá, já disse que tá comigo.

— Só quero saber onde.

— No meu rabo, tá certo? Agora me deixa dirigir.

— Eu te mostro o que tá no teu rabo — disse Farmer, sombrio.

Stacey deu um tapa na parte de trás da cabeça dele.

— Qual é, Farmer, pega leve. Todo mundo vai ter o que precisa com a Priscilla.

— A Priscilla sabe onde tá o Joe? — perguntei.

— Priscilla sabe tudo — disse Stacey, acreditando nisso.

Priscilla estava de pé na calçada em frente ao salão de beleza, segurando um grande copo de isopor. Ela mal esperou o carro parar antes de escancarar a porta e se sentar no banco da frente, ao lado de Farmer.

— Cê tem material? — ele perguntou quando ela lhe estendeu o copo. — Esse cuzão aqui não quer falar se tem.

— Só um minuto, Farmer. Tenho que dizer oi pra Porcelana. — Ela se ajoelhou no banco da frente e estendeu os braços para mim. Obedientemente, me inclinei por cima do moleque para que ela pudesse me abraçar. Ela estava com uma aparência mais bizarra do que nunca, com sua maquiagem pálida de *pancake*, batom rosa cintilante, os olhos pesadamente realçados e o cabelo preto liso. A versão nóia de Elizabeth Taylor. Ela era uma menininha estranha no corpo de uma mulher pomposa e era oito ou oitenta comigo, às vezes bancando minha irmã mais velha, daí me desprezando completamente, dependendo de Joe. Eles terminam e voltam desde que ele começou a se picar, sendo ela quem ia atrás dele, a menos que Joe soubesse com certeza que ela tinha um bom canal.

Nesse dia, ela me surpreendeu me beijando levemente nos lábios. Foi como ser beijada por um giz de cera.

— Como vai nossa universitária? — ela perguntou ternamente.

— Eu tô bem, Priscilla. Você viu o...

— Não te vejo desde o outono — continuou ela, agarrando o encosto do banco enquanto George manobrava para a rua mais uma vez. — Tá gostando da faculdade? Tá indo super bem?

Farmer a puxou de volta.

— Isso tudo é uma gracinha, semana do velho lar³⁶ e tal, mas você tem material?

— Não, Farmer, eu sempre fico de pé pela rua com um copo d'água. Não derrama.

— Eu tenho uma colher — disse o moleque, erguendo uma. Stacey tomou-a dele.

— Eu primeiro? — perguntou ela, esperançosa.

Priscilla se virou para trás e olhou para ela com o nariz empinado, a aristocracia dos viciados analisando a ralé.

— Acredito que eu não seja a única neste carro que tem material.

George revistava a si mesmo de um modo estranho enquanto dirigia, murmurando:

— Merda, merda, merda.

— Cuzão — disse Farmer. — Sabia que você não tinha nada.

— Eu *tinha*, mas agora não sei onde tá.

— Tenta procurar no teu rabo. Priscilla?

Priscilla deixou escapar um ruidoso suspiro.

— Não vou mais fazer isso. Algum dia desses vamos todos pegar hepatite e morrer.

— Bom, *eu* tô limpo — anunciou o moleque, com orgulho.

— Se continuar pegando material emprestado, vai arrumar uma baita de uma hepatite — alertei. — Joe uma vez pegou gonorreia, usando o material de alguém.

— Besteira.

— Diz pra ele de quem era o pico, Stacey — falei, sentindo-me maldosa. Stacey corou.

— E você quer ir primeiro? — disse Priscilla. — Nem a pau.

— Isso foi ano passado. Eu já tô curada, sério. Não tô nem resfriada. — Ela me fuzilou com os olhos. — Por favor, Priscilla. Por favor.

Priscilla suspirou de novo e passou para ela um pequeno quadrado de papel-alumínio e uma seringa de plástico.

— Se me passar qualquer merda, eu juro que te mato.

— Toma, segura aqui. — Stacey jogou tudo no colo do moleque e pegou a água com Farmer. — Quem tem um cinto?

De algum modo, todos olharam uns para os outros e acabaram olhando para mim.

— Merda — eu disse e o tirei. Stacey estendeu a mão para pegá-lo e eu o segurei. — Alguém me diz onde tá o Joe ou eu jogo isto pela janela agora mesmo.

— Porcelana, não faz assim. Você tá atrasando as coisas — disse Priscilla repreensivamente, como se eu fosse uma irmã mais nova malcriada.

— Só quero saber onde tá o Joe.

— Deixa só a gente calibrar primeiro, tá? Agora, dá o cinto pra Stacey.

Stacey apanhou o cinto de mim antes que eu pudesse dizer qualquer outra coisa e arregaçou as mangas de sua camiseta e seu suéter.

— Aperta em mim — ela disse para o moleque. Sua voz estava ficando trêmula. O moleque apertou o cinto em volta de seu braço e aconchegou-o bem. Ele também teve que derramar para ela um pouco de água na concha da colher e tirar a heroína do papel-alumínio. Alguém tinha um farrapo de alguma coisa que podia fazer as vezes de gaze. Stacey bulia impaciente nas coisas, enquanto o moleque segurava um fósforo embaixo da colher. Quando a mistura na colher começou a

borbulhar, Stacey pôs o farrapo sobre a superfície e sugou um pouco da solução com a seringa. Suas mãos estavam agora muito firmes. Ela ergueu a seringa e deu-lhe alguns petelecos.

— Dá pra andar logo? — Farmer vociferou. — Tem mais gente além de você.

— Segura a onda aí, tô tentando tirar umas bolhas. Me ajuda — disse Stacey. — Aperta o cinto.

O moleque apertou mais o cinto, enquanto ela esticava o braço. Ela bateu a dobra do cotovelo com o mindinho.

— Olha ela aí. A Velha Confiável. Devia ter se desfeito há uma era, mas continua mandando ver. Eu soube de um cara, tá ligado? Que injetou uma bolha de ar e viu ela na veia quando já tava apagando, tá ligado? — Ela sondou com a agulha, recolheu o êmbolo e encontrou sangue. — Esse pobre coitado ficou só esfregando e esfregando e vocês acreditam... — As pálpebras dela tremularam. Me estiquei por cima do moleque para afrouxar o cinto no braço dela. — Ele acabou se livrando dela. Ainda tá se picando. — Ela começou a dizer outra coisa e desmaiou.

— Jesus, Priscilla — Eu tirei a agulha do braço de Stacey. — Que parada é essa que você tem aí?

— Parada da boa. O canal novo do Joe. Você é o próximo? — perguntou ela ao moleque.

— Ele ainda não tá viciado — disse. — Ele pode pular essa rodada.

— Quem te perguntou? — disse o moleque. — Tu não é minha mãe, caralho.

— Você precisa injetar por duas semanas seguidas pra ficar dependente — falei. — Tira um dia de folga.

Mas ele já estava com o cinto ao redor do braço.

— Não. Me dá a agulha.

Mergulhei a seringa no copo que ele estava segurando.

— Tem que limpar ela primeiro, babaca. — Baixei o vidro da janela e expeli um fino jato d'água no ar. — Se vai fazer de qualquer jeito, é melhor fazer certo.

De repente, ele pareceu em dúvida.

— Eu nunca me injetei. Stacey sempre fazia pra mim.

Olhei para ela, esparramada do outro lado dele.

— Bela ajuda, essa garota. Parece que você tá por sua conta. Eu não dou injeções.

Mas tirei as bolhas da seringa pra ele. Era melhor do que ver ele injetar uma bolha de ar. As veias dele pareciam cabos elétricos.

Priscilla foi a próxima. Mal tive tempo de limpar a seringa e a colher pra ela. Farmer se calibrou na sequência. A colher estava com péssima aparência. Comecei a esfregá-la com uma ponta da camisa para limpar aquela imundície, quando notei que era de prata verdadeira. A colher do moleque. Provavelmente roubada do faqueiro para oito pessoas de sua mãe. Ou talvez tenha sido aquela que encontraram alojada na boca dele quando ele nasceu. Olhei para ele, desabado ao lado de Stacey, os olhos semifechados, estático demais para sorrir. Será que aquilo fazia parte dos maus elementos que haviam chegado, mencionados pelo meu pai, um moleque colegial mimado?

— Priscilla, você tá acordada? — perguntei, espirrando a água da seringa pela janela enquanto Farmer cozinhava sua parte.

— Mmm — ela disse, preguiçosamente.

— Você sabe mesmo onde tá o Joe?

Ela não respondeu. Mergulhei a seringa na água uma última vez e expeli um jato pela janela de novo. Ele arqueou graciosamente no ar e se espatifou na janela do lado do passageiro de uma viatura que havia emparelhado com a gente. Congelei, ainda segurando a agulha à vista de todos. Farmer estava me dizendo para entregar a porra do pico para ele, mas sua voz parecia vir de debaixo de quilômetros de mantas de algodão cru. Eu estava de volta à lombra da noite anterior, o mundo dançando um macabro balé subaquático em câmera lenta, enquanto via meu futuro

pingar pela janela, junto da água. O policial ao volante levou um ano virando a cabeça, até seus olhos encontrarem os meus. Fazendo ronda sozinho, deve ser época de corte de verbas, minha mente balbuciou. Seu rosto era achatado e eu podia ver através do vidro sujo que sua pele era grossa e coriácea. Sua língua disparou para fora e percorreu seus lábios enquanto nos encarávamos. Ele piscou uma vez, de um jeito engraçado, como se as pálpebras inferiores de seus olhos sem cor tivessem se erguido para encontrar as superiores. Uma espécie de reconhecimento correu entre nós. Então, ele desviou o olhar e a viatura acelerou, nos ultrapassando.

— Você viu isso? — passei a agulha para Farmer, que estava me chamando de escrota de nove formas diferentes.

— Não — disse George sombriamente. — E ele também não nos viu.

Tentei rir, como se eu fizesse parte da piada.

— Ai, cara. Achei muito que ia todo mundo rodar.

— Os tempos tão mudando.

— Não vai me dizer que os nóias tão fazendo vaquinha pra subornar os canas?

Priscilla voltou a si e suspirou, feliz.

— Alguém está. Temos todas as conveniências. Bagulho bom, canas ruins. As coisas não andam tão ruins por aqui esses dias.

O moleque estava caindo por cima de mim. Sentei-o sem nem pensar a respeito.

— Priscilla? Você sabe onde tá o Joe? Priscilla?

— Joe? Ah, sim. Tá na minha casa.

— Achei que ele tava por aí com o canal dele.

— Ele tá na minha casa. Ou tava.

George encostou o carro de novo enquanto Farmer, grogue, cozinhava a dose dele.

— Deixa só eu calibrar que te levo lá, tá? — disse ele, me dando um sorriso ralo por cima do ombro.

O moleque se jogou por cima do meu colo e foi tateando até abrir a porta do carro.

— Quero dar uma volta — ele murmurou, engatinhando por cima das minhas pernas e se levantando aos trancos junto à porta. Ele parou, ondulando, e tentou dar alguns passos hesitantes. — Não consigo. Chapado demais. — Eu o agarrei e o puxei de volta, enfiando-o ao lado de Stacey. Ele sorriu para mim. — Você é muito legal, sabia? Você é muito legal.

— Merda! — George bateu com a mão no volante. — Quebrou, a porra da agulha quebrou!

— Você se calibrou? — perguntou Farmer.

— Sim, bem na hora. Foi mal, Priscilla. — George se virou para olhar para ela e quase caiu por cima de Farmer. — Vou achar a minha e te dou. Nunca foi usada, juro.

Priscilla fez um ruído de nojo.

— Então, se todo mundo tá feliz, vamos lá na casa da Priscilla, agora — afirmei.

George balançou a cabeça.

— Ainda não. Não consigo ir longe, a parada é forte demais. Tem que deixar passar um pouco. Onde a gente tá? — Ele abriu a porta e quase caiu. — Ei, a gente voltou pra perto do Streep. Vâmo dar um tempo lá? — Ninguém respondeu. — Vâmo? Chegar no Streep, tomar um café, ouvir um pouco de música. Vâmo? — Ele cutucou Farmer. — Vâmo?

— Merda. — Eu saí, reboquei o moleque comigo e o deixei encostado na porta, enquanto arrastava Stacey para fora. Ela despertou o suficiente para rir para mim. Farmer e Priscilla deram seu jeito de sair do carro, tropeçando um no outro. Alguns carros passaram, ninguém prestando a menor atenção. Cá estamos nós, na pitoresca Cidade dos

Nóias, na Terra da Apagada, onde cinco zé-droguinhas chapados não atraem interesse algum. Cadê o erro nessa cena?

George passou cambaleando por mim e eu o agarrei, apalpando os bolsos de sua calça.

— Que foi? — disse ele, num devaneio.

— Me empresta seu carro.

— O carro não é meu. É... — A voz dele se extinguiu enquanto sua cabeça caía.

— Tudo bem — eu disse, sacudindo-o. — Só me dá as chaves. — Desencavei-as do bolso direito da sua calça, dando a ele um barato que ele estava longe demais para desfrutar. George não estava usando roupa de baixo. — Priscilla!

Ela tinha conseguido percorrer quase meio quarteirão sem ajuda. Ao som de seu nome, ela se virou e abraçou a si mesma contra um frio que não devia estar realmente sentindo.

— O Joe tá mesmo na sua casa?

Ela demonstrou uma indiferença elaborada.

— Corre, de repente ainda pega ele lá. — Farmer se aproximou e puxou-a para junto dele. Fiquei olhando todos eles ziguezaguearem e titubear para longe de mim, um grupinho esfrangalhado, menos um, que ainda estava recostado no carro.

— Meu nome é Gi — ele disse. Deve ser apelido para girino, pensei. — Me leva com você.

Fui avisar o Farmer e os outros, mas já tinham virado a esquina. Estava presa com o novo amigo deles, a menos que resolvesse largá-lo em alguma porta. Ele sorria para mim enquanto se balançava de um lado para o outro. O casaco agora estava sujo, mas ainda muito bom. Suas luvas pareciam de pelica e as botas eram novas em folha. Se eu o deixasse ali, quando voltasse ia encontrá-lo depenado, nu. Enfiei ele no banco de trás.

— Deita, desmaia e não me cria problema.

— Você é muito legal — ele murmurou.

— Pois é, a gente podia ir juntos pro baile de formatura, daqui a alguns anos.

O banco da frente era muito afastado para mim e não era móvel. Me empoleirei na beirada do estofamento gasto e dei um jeito de alcançar os pedais. Consegui ligar o carro, mas fazê-lo sair foi a parte difícil. Eu nunca havia aprendido a dirigir. O carro em si não estava nas melhores condições de rodagem — ficava querendo ou parar, ou disparar. Consegui entrar na rua em meia dúzia de solavancos que me jogaram contra o volante e derrubaram o moleque do banco para o chão. Ele não reclamou.

Priscilla tinha um apartamento em um dos conjuntos habitacionais perto do pátio ferroviário. À primeira vista, os prédios pareciam abandonados. À segunda vista, eles ainda pareciam abandonados. Saí da estrada para uma área sem pavimentação que servia como estacionamento e encostei em frente ao prédio junto dos trilhos. Na traseira, meu companheiro se levantou para o banco, esfregando os olhos.

— Onde a gente tá?

— Espera aqui — disse, saindo do carro.

Ele balançou a cabeça enfaticamente.

— Não, eu tive aqui noite passada. É a casa da Priscilla. Não é seguro. Melhor eu ir com você. — Ele saiu cambaleando do carro e se recostou nele, tentando parecer sóbrio. — Eu já tô bem. Só tô chapado.

— Eu não vou te esperar. — Segui em direção ao prédio com ele titubeando atrás de mim. A heroína em seu organismo havia de algum modo se estabilizado e ele caiu apenas três vezes. Continuei avançando.

Ele desistiu no primeiro lance de escadas. Deixei-o pendurado no corrimão resmungando consigo mesmo enquanto subia trotando até o apartamento da Priscilla, no segundo andar.

Eu sabia que a porta estava destrancada — a fechadura estava quebrada há eras e Priscilla não ia gastar uma boa grana de bagulho para

consertá-la — mas a porta de tela caindo aos pedaços estava aferrolhada. Achei um lugar rasgado na tela e alcancei o ferrolho para puxá-lo.

— Joe? — eu chamei, entrando na cozinha imunda. Um odor de algo morto há muito tempo me atingiu em cheio na cara, me dando ânsia de vômito. — Joe? — Atravessei o cômodo na ponta dos pés. Na pia havia um pacote de hambúrgueres que Priscilla provavelmente havia tirado da geladeira para descongelar e então esquecera, três semanas atrás, ao que parecia. Eu me perguntei como ela aguentava aquilo e então lembrei do quanto ela gostava de se gabar de como a cocaína havia destruído o nariz dela. O resto deles não ligava, contanto que conseguissem se calibrar. Meu estômago revirou e vomitei no chão. Foi só um pouco de bile, apesar do café da manhã que tomei, mas não conseguia mais aguentar e fui para a entrada.

— O q'cê quer?

Eu me virei, com a mão sobre a boca e o nariz, com o reflexo da ânsia se pondo em ação mais uma vez. Um homem negro, grande, usando apenas calças de pijama, estava de pé no vão da porta que levava ao quarto. Nos encaramos com curiosidade.

— O q'cê quer? — ele perguntou novamente.

— Tô procurando o Joe — disse por trás da minha mão.

— Eu sou o Joe. — Ele coçou o rosto e vi uma fina linha de sangue gotejando no canto da sua boca.

— Joe errado — falei, praguejando contra Priscilla. Ela sabia muito bem, aquela vigarista. Ela tava pensando o que, que eu ia desistir de encontrar o Joe e ia me agarrar com esse cara, em vez disso? Pois é, tinha o dedo da Priscilla na coisa toda. Um Joe por um Joe, um negócio justo. — O Joe que estou procurando é meu irmão.

— Eu sou um irmão.

— Sei. Você tá sangrando.

Ele tocou sua boca e olhou obtusamente para os dedos.

— Eu sou de sangue.

Assenti com a cabeça.

— Bom, se você vir um cara branco chamado Joe, ele é *meu* irmão. Diz pra ele que a Porcelana tá procurando por ele.

— Porcelana.

— Isso. Porcelana.

— Porcelana é uma coisa bem frágil. Pode quebrar. — A expressão dele se alterou levemente e aquele mesmo tipo de reconhecimento que havia se dado entre mim e o policial na viatura pareceu se dar entre nós agora, na cozinha fedorenta da Priscilla.

Olhei para o hambúrguer estragado no balcão e de repente aquilo não parecia ser carne podre, assim como aquele homem de pé na soleira do quarto da Priscilla não parecia outro nóia, ou mesmo um ser humano. Ele inclinou a cabeça e me estudou, seus olhos se estreitando, e tudo pareceu estar acontecendo em câmera lenta, aquela sensação subaquática mais uma vez.

— Se não tiver com muita pressa, por que não faz um tempo aqui? — ele disse. — Eu tô sozinho. Não é muito interessante, não tem ninguém pra trocar umas ideias. Aposto que você tem uma porrada de ideia pra trocar.

Pois é, ele provavelmente estava louco para saber se eu tinha lido algum livro bom nos últimos tempos. Abri minha boca para dizer algo e o fedor me atingiu novamente no fundo da garganta.

— E aí, o que tu acha, dá um tempo. Eu não mordo. Só se pedirem.

Eu queria ter perguntado o que ele tinha mordido recentemente. Ele tocou seu lábio como se estivesse lendo minha mente e deu de ombros. Dei um passo para trás. Ele não parecia mais tão terrivelmente chapado e me ocorreu que era estranho que ele não estivesse com a Priscilla em vez de estar ali, completamente sozinho.

Talvez, pensei de repente, ele estivesse esperando por alguém. Talvez fosse pro Joe estar ali, no fim das contas, talvez ele tivesse que ir para lá por algum motivo e eu simplesmente tivesse chegado antes dele. Engoli ignorando o fedor, quase engasguei de novo, e falei:

— Ei, a Priscilla disse alguma coisa sobre algum amigo dela vir pra cá, um cara chamado Joe, ou só um cara, de repente? Tipo, você tava esperando alguém?

— Só você, gata.

Já ouvi essa fala uma ou duas vezes, mas ela nunca pareceu tão verdadeira quanto naquela ocasião. As palavras do moleque de repente voltaram a mim. *É a casa da Priscilla. Eu tive aqui, noite passada.* Farmer deve ter corrido para cá depois que eu encontrei com ele, para dizer a ela que eu estava procurando o Joe. Então, ela decidiu me mandar para cá numa viagem perdida, com Farmer e o resto deles metidos nisso, fazendo esse teatrinho de encontrar com ela hoje para eu poder perguntar a ela sobre o Joe e ela armar essa pataquada para cima de mim. Mas por quê? Qual era o sentido?

— Não, cara — disse, dando outro passo para trás. — Eu, não.

— Tem certeza disso? — Sua voz era tão untuosa que poderia fazer a pessoa escorregar, feito uma superfície de gelo. Gelo. Fazia frio no apartamento, mas ele não parecia sentir.

— Talvez eu possa te... ajudar com alguma coisa.

De lá de fora, vinha o som de um trem se aproximando a distância. Em alguns momentos, seria impossível ouvir qualquer coisa por causa do estrondo de sua passagem.

Eu me virei e saí correndo para a entrada. O cheiro de carne morta pareceu me seguir enquanto eu galopava escada abaixo e acordava o moleque, ainda pendurado no balaústre.

— Vem, vamos nos mandar daqui.

O trem passava trovejando enquanto eu o enfiava de volta no carro e dava a partida.

— Achou o Joe? — gritou ele enquanto quicávamos pelo estacionamento.

— Ah, achei, sim. Achei a porra do Joe errado.

O moleque deu uma risadinha.

— Tem um monte de caras chamados Joe.

— Valeu pela informação. Vou me lembrar disso.

— Levei o carro de volta para a rua, sem ter certeza do que faria em seguida. Talvez só rodar por aí, parando nórias aleatórios e perguntando se tinham visto o Joe, ou procurar pelo Cadillac branco ou seja lá o que fosse. Um carro de luxo branco se destacaria, especialmente se fosse dirigido por uma bela mulher loira.

Os nórias estavam começando a sair às pencas, agora, aparecendo nas calçadas e nas esquinas. Alguns poucos acenavam para o carro e então pareciam confusos quando me viam ao volante. Parecia haver mais rostos novos entre os já familiares, pessoas que eu não conhecia nem de vista. Mas fazia sentido, pensei — eu esperava mesmo que a população de nórias passasse por algum tipo de estase enquanto eu estava na faculdade? Cada nória tinha um amigo e, com o tempo, o amigo se viciava. Como o chave de cadeia no banco de trás. Olhei para ele pelo retrovisor. Ele estava sentado com a cabeça jogada para trás, quase consciente. Se eu queria achar o Joe, ou ao menos a amiga dele, teria que dispensar o moleque.

— Acorda — disse, fazendo uma curva para a direita na rua que passaria pela Rotatória Foster e daria no Streep. — Vou te deixar no restaurante com o resto do pessoal. Você dá conta?

Com esforço, ele se inclinou para a frente e apoiou-se no banco.

— Mas a gente ainda não achou o Joe.

— Não achamos o Joe ainda. Qual é o teu problema, não entende inglês, simplesmente apaga na aula?

Ele riu.

— Claro. Não é o que todo mundo faz?

— Talvez. Não posso arrastar teu rabo por aí comigo. Aqui não tem sinal de fim da aula. Você tá por sua conta. — Dei outra olhada nele enquanto ele se pendurava no banco, sorrindo para mim feito um perfeito santo louco. — Você nem sabe disso, né?

— Sei do quê? — Ele bagunçou meu cabelo, desengonçadamente.

— Para com isso. Você nem sabe que tá por conta própria.

— Eu tenho amigo pra *caralho*.

— Você tem é uns nóias, isso sim. Não confunda eles com amigos.

— Ah, é? — Ele bagunçou meu cabelo de novo e dei um tapa na mão dele para afastá-la. — Então, por que você tá tão a fim de achar o Joe?

— Joe não é meu amigo, ele é meu irmão.

— Vixe, é sério? Achei que você era tipo a patroa dele ou coisa assim.

Como eles esquecem rápido, os nóias. Eu tava prestes a respondê-lo quando vi, brilhando feito neve fresca no sol da tarde, impossivelmente limpo, estacionado em local proibido bem no meio-fio da Rotatória Foster. George tinha razão — era mesmo um Cadillac, afinal. Procurei um lugar para estacionar e encontrei um na frente de um hidrante.

— Espera aqui — eu disse, desligando o motor. — Se eu não voltar em dez minutos, tá liberado pra ir embora.

— ã-hã — disse o moleque, caindo para trás e procurando a maçaneta. — Eu vou com você.

— Vai se foder — Eu pulei para fora do carro e disparei por entre as duas pistas do tráfego contínuo, esperando que o moleque desmaiasse de novo antes de resolver o mistério da maçaneta da porta. O Cadillac estava vazio; passei por cima dos arbustos baixos e espinhentos que o ex-prefeito havia escolhido por causa das flores vermelhas que brotavam no verão e olhei ao redor loucamente.

Naquele momento, não pareceu estranho eu quase não tê-la visto. Ela estava sentada em um banco a quinze metros, parecendo tão imaculada quanto seu carro, em um casaco marrom grosso e botas de salto agulha. Seu cabelo loiro pálido se curvava sobre sua echarpe em um estilo pajem, simples e elegante, como o de uma modelo. Mais como uma ex-modelo, dado o modo cuidadoso e composto como ela estava sentada, com os tornozelos cruzados e sua bolsa incrível repousando sobre seus joelhos; tirando o cara no banco ao lado do dela, que não era

bem do tipo que poderia estar numa propaganda de perfume. Era o Farmer. Ele ainda parecia bem modorrento, mas ergueu um braço e apontou para mim. Ela se virou para olhar e seu rosto elegantemente maquiado se abriu naquele tipo de sorriso prestativo que as comissárias de bordo reservam aos homens que bebem excessivamente na Primeira Classe.

Ela acenou com uma mão enluvada e eu fui até eles.

— Olá — disse ela em um cordial tom contralto. — Estávamos esperando você.

— Ah, é? — falei, casualmente. — Parece que sempre tem alguém me esperando esses dias. Né, Farmer? — Ele estava ocupado demais encarando a mulher para responder. — Achei que você não soubesse como encontrá-la.

— E não sei — Farmer disse e sorriu amalucadamente para a mulher, o que me irritou. — Ela me encontrou. Mais ou menos.

— No *Streep*? — Não olhei diretamente para ela, mas podia ver que ela estava acompanhando o diálogo com o mesmo sorriso prestativo, sem se sentir nem um pouco ofendida por estarmos falando dela na terceira pessoa.

— Nem. Depois que você levou a gente, deixei todo mundo no Streep e vim pra cá, achando que talvez encontrasse alguém que pudesse entrar em contato com o Joe pra você.

— Claro. Tirando que a Priscilla me disse que o Joe tava na casa dela. Só que não tava. E quanto a isso, Farmer? Quer falar um pouco sobre isso? Tipo, sobre como você tava lá na noite passada?

Farmer podia ter dado ainda menos bola para isso, embora fosse difícil pensar em como.

— Pois é, nós tava lá. Ela não deixou a gente entrar, disse que se encontrava com a gente hoje, como tava combinado. — ele respondeu com indiferença. — Enfim, eu vim aqui e lá vinha o carro dela descendo a rua, aí fiz sinal pra ela e disse que você tava procurando o Joe. Aí a gente veio pra cá. Imaginei que você ia procurar aqui, mais cedo ou mais

tarde, porque eu disse que tinha visto ela e o Joe aqui. E, porra, você sabe, o Streep não é um lugar legal.

Com certeza não era, especialmente se pensasse que poderia arrumar seu próprio canal e fazer com que o resto dos seus amigos nórias não tivesse acesso direto a ele.

— Aí, em vez disso, você decidiu ficar sentado no frio. — Exalei o ar rapidamente, indignada. — Eu teria voltado pro Streep em algum momento.

— Bom, se ficasse muito frio, íamos pro carro. — Farmer pareceu incomodado. — Ah, por que cê tá me enchendo o saco? Eu a achei, não achei?

Eu me virei para a mulher.

— Cadê o Joe?

Seus olhos eram de um azul profundo, quase marinho.

— Está na minha casa. Soube que é a irmã dele, Porcelana? — Ela inclinou a cabeça como fazem as mulheres nas competições dos programas de TV, mostrando o suprimento anual de cera de carro por trás da porta número três. — Não fazia ideia de que Joe tinha uma irmã na faculdade. Mas vejo a semelhança, vocês têm os mesmos olhos, a mesma boca. Você é muito próxima de Joe?

— Eu gostaria de vê-lo.

Ela espalmou as mãos.

— Então, vamos vê-lo. Todos nós. — Ela sorriu para algo às minhas costas e eu me virei. O moleque estava a alguns metros de mim, ainda dopado e um pouco instável, mas parecendo ávido e interessado, daquele jeito que os nórias ficam quando farejam a possibilidade de mais heroína. Fodam-se as duas semanas; ele tinha sido um nória a vida toda, assim como Joe.

Eu me virei de volta para a mulher, na intenção de dizer a ela que o moleque só tinha quinze anos e ela com certeza não queria esse tipo de encrenca, mas ela já estava de pé, ajudando Farmer a se levantar, suas

luvas caras brilhando incongruentemente em contraste com a jaqueta de brim dele, surrada e imunda.

Mas, por outro lado, daí ela não precisava tocar nele com as mãos nuas.

Ela não fez nenhuma objeção quando sentei no banco da frente com ela e joguei meu polegar sobre o ombro em vez de dar espaço para que Farmer entrasse ao meu lado. Ele se amontoou atrás com o moleque e nós saímos na mesma hora em que uma fiscal de trânsito encostava junto ao carro de George. Olhei por sobre o ombro para seu Cushman.

— Parece que estamos saindo bem na hora — disse.

— Meu carro nunca é multado. — Ela enfiou a fita do Grateful Dead no toca-fitas e ajustou o volume nos autofalantes traseiros.

— Engraçado — observei. — Você não me parece do tipo que ouve Grateful Dead. Eu acharia que você tava mais pra uma fã do Sinatra. Ou talvez do Tony Bennett.

— Na verdade, meu gosto pessoal tende mais à música de câmara — disse ela suavemente. — Mas ela tem um apelo muito limitado com a maioria de nossos clientes. O Grateful Dead tem um charme bruto, especialmente em suas baladas, embora eu nunca vá ter por eles o apreço que tantos jovens têm. Acredito que sejam um tanto populares entre estudantes universitários.

— Pois é, *St. Stephen with a rose* — falei. — *Have another hit* e tudo o mais. Tirando que essa é do Quicksilver Messenger Service.

— Tenho uma fita deles também, se preferir ouvir.

— Não, o Dead tá tranquilo.

Ela quase olhou para mim. Então, Farmer exclamou:

— Esse carro é *muito bom!* — E ela aumentou o volume levemente.

— Eles não estão nos ouvindo — comentou ela.

— Com certeza, não.

Seu rosto devia estar cansado de tanto sorrir, mas ela era uma verdadeira profissional. Não tentem isso em casa. De repente, desejei

não ter tentado. Meu pai tinha razão; a arrogante moleca universitária sabe-tudo. Eu não fazia a mais remota ideia do que havia me metido ali, naquele Cadillac branco e com aquela ex-modelo que se referia aos nórias como clientes, mas estava começando a fazer. Estávamos nos dirigindo à ponte pedagiada sobre o rio. O que eu devia fazer era pular assim que ela parasse, pular e correr para cacete, esperando ser rápida o suficiente.

Ouviu-se um clique metálico suave. Travas elétricas.

— Esta é uma péssima região — ela disse. — É recomendável sempre manter as portas trancadas quando passar por ela.

E então, é claro, ela piscou. Mesmo com ela de perfil, pude ver a pálpebra inferior se erguendo para tocar a superior.

Ela usou a pista de pagamento sem troco, mal mostrando a cara quando abaixou a janela e esticou a mão para a cesta. Só por minha causa, eu pensei; a mão dela estava vazia.

Ela nos levou até um armazém junto à outra margem do rio, um de vários em um aglomerado industrial. Alguns pareciam abandonados, outros não. A noite ainda não havia caído realmente, mas o lugar estava envolto em sombras. Mesmo assim, eu estava disposta a sair correndo assim que parássemos e foda-se o que estivesse nas sombras, eu ia me arriscar em minha capacidade de fuga, talvez voltar com a polícia. Depois que eu checasse como eles piscam. Mas ela tinha todo um esquema; sem paradas. Enquanto o Dead continuava mandando ver, ela nos levou direto até a rampa do portão de uma garagem, que subiu automaticamente. Subimos em uma plataforma que era cercada por tela de arame para galinheiro em ambos os lados. Duas lâmpadas fortes penduradas na tela se acenderam. Após um momento, houve um solavanco e a plataforma começou a se erguer lentamente. Era um esquema e tanto.

— Esta é mesmo uma péssima região — afirmou ela. — Sair do carro é estar com a vida por um fio.

Claro, pensei, aposto que esteve, mesmo.

Após um longo instante, o elevador fez o baque da parada e as portas à nossa frente deslizaram para se abrir. Estávamos olhando para uma sala de estar enorme e elegantemente mobiliada. A *Casa e Jardim* conquista o universo.

— Chegamos — disse ela alegremente, desligando o motor e o Dead. — Todos para fora. Cuidado ao abrirem a porta, não vão arranhá-la. É uma luta para poder retocá-la.

Esperei que ela liberasse a trava e então bati minha porta ruidosamente contra a tela de galinheiro. Que se dane, pensei; ia acabar batendo mesmo. Só uma moleca universitária metida a sabe-tudo pensaria assim.

Mas ela não me disse nada a esse respeito, nem mesmo olhou para mim. Ela indicou o caminho até a sala de estar e gesticulou em direção a um longo sofá bege, de frente para as portas do elevador, que se fecharam assim que Farmer e o moleque passaram cambaleando por seu limiar.

— Fiquem à vontade — ela disse. — Há bastante petiscos na mesa.

— Pô, cara — disse Farmer, desabando no sofá. — A gente pode botar mais música, talvez mais Dead?

— Paciência, Farmer — disse ela enquanto tirava o casaco e o colocava em uma das banquetas em frente a um grande bar de mogno. Havia um espelho atrás dele e, mais acima, um quadro à moda antiga de uma mulher robusta de *bloomer*³⁷ e espartilho, deitada de lado, comendo chocolates de uma caixa. Era como um cenário de filme. Ela me viu encarando o quadro.

— Bebe algo? — perguntou ela.— Não achei que pessoas da sua idade fossem muito dadas a isso, hoje em dia, mas temos um estoque completo para aqueles que sabem apreciar barris, vindimas e tudo mais.

— Eu aceito uma dose de uísque escocês vinte anos, logo depois de você me mostrar onde tá o Joe.

A mulher deu uma risadinha indulgente.

— Não prefere um belo conhaque?

— O que você achar melhor.

— Volto logo. — Ela não movia muito os quadris quando caminhava, mas naquele vestido de casimira cor de creme, ela nem precisava. Aquilo era refinamento legítimo, bom gosto e classe de verdade. Sorrindo para mim por sobre o ombro mais uma vez, ela sumiu por uma pesada porta de madeira no outro lado da sala, próxima a uma enorme escrivaninha antiga.

Olhei para Farmer e para o moleque, que haviam desmoronado no sofá como versões noiadas de bonecos de pano.

— Ah, *cara* — disse Farmer —, esse lugar *é muito da hora!* Nunca tive num lugar *tão da hora!*

— Pois é — disse o moleque —, muito massa.

Havia três caixas de prata na mesinha de centro em frente a eles. Eu me aproximei e abri uma delas; havia várias seringas dentro, todas limpas e novas. A caixa seguinte tinha colheres de chá e, naquela logo ao lado, pó branco. Essa estava próxima a um isqueiro de mesa. Peguei-o de lá. Era um dragão de prata cuidadosamente entalhado, enroscado ao redor de uma rocha, um monólito ou coisa assim, com suas asas próximas ao corpo escamoso. Ao girar a roda dentada, no meio de suas costas, a chama saía de sua boca. Tudo que eu precisava era uma lata de desodorante aerossol e teria um lança-chamas. Talvez eu conseguisse escapar com um lança-chamas. Eu duvidava.

— Vixe, olha só isso! — disse o moleque, endireitando-se em uma reação atrasada às caixas. — Saca esse conjunto!

— Esse lugar *é muito da hora!* — disse Farmer, pegando a caixa de heroína.

— É, um verdadeiro palácio da nóia — afirmei. — Foi ótimo conhecer vocês.

Farmer apertou os olhos em minha direção.

— Cê já vai?

— Vamos todos.

Ele se sentou, ainda segurando a caixa, enquanto o moleque olhava para ele nervosamente.

— Pode ir. Digo, esse nem é teu rolê mesmo. Mas eu vou ficar.

— Você não tá entendendo, né? Você acha que a Loirinha vai simplesmente deixar você atravessar o rio de volta, com toda a parada que puder carregar?

Farmer sorriu.

— Porra, talvez ela queira que eu venha morar aqui. Acho que ela me curtiu. Tenho essa forte sensação.

— Claro, aí vocês dois poderiam adotar o Girino aqui e Stacey, Priscilla e George poderiam vir pros almoços de domingo.

O moleque me dirigiu um olhar hostil. Farmer deu de ombros.

— Ei, alguém precisa tá lá fora, cuidando da distribuição.

— E ela vai dispensar o Joe pra abrir lugar pra você, né? — eu disse.

— Ah, é, o Joe. — Farmer tentou pensar. — Bom, esse lugar é grande pra cacete. Tem lugar pra três. Até mais — Ele riu novamente.

— *Farmer*. Não creio que muitas pessoas vejam este lugar e sobrevivam.

Ele bocejou largamente, mostrando a língua branca.

— Pô, então que sorte a gente tem, hein.

— Não. Não temos sorte.

Farmer me encarou por um longo momento. Então, ele riu.

— Caralho. Você é maluca.

A porta no outro lado da sala se abriu novamente e a mulher saiu.

— Aqui está ele! — anunciou ela alegremente e puxou Joe para a sala.

Meu irmão Joe, o primeiro dos garotos perdidos, o homem descartável em um roupão de banho que ia até os tornozelos, amarrado frouxamente na cintura, mostrando seu peito esquelético.

O cabelo castanho encaracolado estava mais limpo do que estivera da última vez que eu o tinha visto, porém, mais fino e mais baço também. Seus olhos pareciam ainda mais afundados nas órbitas e sua pele parecia ressecada e escamosa. Mas ele estava firme em seus pés descalços quando veio até mim.

— Joe — eu disse. — Sou eu, Por...

— Eu sei, meu bem, eu sei. — A expressão dele nem se alterou. — Que porra é essa?

— Recebi seu postal.

— Merda. Eu disse, essa foi a última vez.

Eu pisquei para ele.

— Eu vim pra casa porque achei... — Eu parei, olhando para a mulher que ainda estava sorrindo enquanto se encaminhava para trás do bar e servia um pouco de conhaque em uma taça.

— Ora, continue — falou ela. — Diga a ele o que achou. E tome seu conhaque. Tem que esquentar a copa da taça entre as mãos.

Balancei a cabeça levemente, olhando para baixo, para o tapete felpudo. Também era bege. Não havia muito trânsito de passos por aqui.

— Achei que precisava que eu fizesse algo. Te ajudar ou coisa assim.

— Eu estava dizendo adeus, meu bem. Só isso. Achei que deveria, sabe, depois de tudo pelo que você me viu passar. Pensei, dane-se, uma pessoa neste mundo que sempre se importou com o que acontecia comigo, eu devia dizer adeus. A porra dos nossos pais não tão nem aí se nunca mais me virem. Rose, Aurelia... tipo, esquece.

Ergui os olhos para ele. Sua expressão ainda não havia se alterado. Ele bem poderia estar me dizendo que nevaria novamente naquele inverno.

— Tome seu conhaque — a mulher disse para mim novamente. — Esquente a copa da taça entre as mãos, assim. — Ela demonstrou e então me estendeu a taça. Quando não me mexi para pegá-la, ela colocou-a

sobre o balcão do bar. — Talvez se sinta mais inclinada depois. — Ela correu para o sofá, no qual Farmer e o moleque estavam afanando as seringas e as colheres. Joe respirou fundo e deixou escapar um quase suspiro.

— Posso dizer pra ela te deixar ir embora — ele disse. — Ela provavelmente vai aceitar.

— *Provavelmente?* — inquiri.

Ele gesticulou, inútil e impotentemente, com uma mão.

— Que porra você veio fazer aqui?

— Ver você, seu cuzão. Que porra *você* veio fazer aqui?

Inclinando-se sobre a mesinha de centro, a mulher olhou para nós.

— Você vai responder isso, Joe? Ou eu respondo?

Joe virou-se um pouco na direção dela e encolheu os ombros ligeiramente.

— Vai deixar ela ir embora?

Aquele sorriso.

— Provavelmente.

Farmer segurava uma seringa para o alto.

— Ei, preciso de um pouco d'água. E de fogo. Tem uma colher? E um pano.

— Tá meio cedo pra calibrar de novo, não tá, não? — observei.

— Pra que esperar? — Ele deu tapinhas na caixa do bagulho aninhada em seu colo.

A mulher pegou a seringa dele e colocou-a na mesa.

— Não vai precisar de nada disso. Nós mantemos isso por perto para aqueles que precisam ir a outro lugar... se você precisasse comparecer a um compromisso ou se Joe estivesse realizando uma incumbência, digamos... mas, aqui, fazemos diferente.

— Cês cheiram? — Farmer estava enojado. — Moça, eu já passei da fase de cheirar faz tempo.

Ela deu uma risadinha refinada e deu a volta na mesa de centro para sentar-se ao lado dele.

— Cheirar. Que revoltante. Não há nada que se cheire aqui. Tire sua jaqueta.

Farmer obedeceu, jogando a jaqueta por cima do sofá. Ela ergueu a manga da camisa dele e estudou seu braço.

— Ei, Porcelana — disse Farmer, observando a mulher com a avidez dos nórias —, me dá teu cinto.

— Nada de cinto — disse a mulher. — Recoste-se, relaxe. Eu cuido de tudo.

Ela tocou a parte interna do cotovelo dele com dois dedos e então correu a mão até o pescoço dele.

— Aqui, na verdade, é muito melhor.

Farmer pareceu nervoso.

— No pescoço? Tem certeza que sabe o que tá fazendo? Ninguém faz no pescoço.

— Não é uma técnica fácil de dominar, mas é muito superior aos seus métodos atuais. Sem mencionar que é mais rápido e bem mais potente.

— Pô, mais potente — Farmer riu, ainda nervoso. — Com certeza, então. Tô dentro.

— *Relaxe* — disse a mulher, empurrando a cabeça dele no sofá. — Joe já fez dessa forma várias vezes, não foi, Joe?

Olhei para o pescoço dele e não vi nada, nem mesmo sujeira.

A mulher afrouxou o colarinho de Farmer e puxou o cabelo dele para trás, ignorando o fato de que ele precisava muito ser lavado. Ela acariciou a pele dele com a ponta de seus dedos, cantarolando baixinho, o tipo de som que alguém faria para acalmar um filhotinho assustado.

— Agora, pronto — murmurou, junto ao pescoço de Farmer. — Aí está ela, a nossa criança. Tão linda e forte. Essa é uma das boas.

Farmer gemeu prazerosamente e esticou a mão para ela, mas ela a tomou e segurou-a firmemente na coxa dele.

— Agora, não vá ficar se remexendo — recomendou ela. — Não vai demorar nada. Não muito.

Ela lambeu o pescoço dele.

Eu não conseguia acreditar. O pescoço velho e sujo do Farmer. Eu teria preferido lambe a calçada. E *essa* mulher... eu olhei para Joe, mas ele estava observando a mulher correr a língua pelo pescoço de Farmer ainda sem nenhuma expressão no rosto, como se estivesse assistindo a um programa de TV chato que já tinha visto.

As pálpebras de Farmer estavam semicerradas. Ele deu um risinho.

— Faz um pouco de cócegas.

A mulher se afastou e então soprou o local gentilmente.

— Agora, pronto. Estamos quase lá. — Ela tirou a caixa de heroína do colo dele.

Eu não queria ver aquilo. Olhei para Joe mais uma vez. Ele balançou a cabeça levemente, mantendo o olhar sobre a mulher. Ela sorriu para mim, apanhou uma pequena quantidade da heroína e pôs na boca.

— Depravada do caralho — falei, mas minha voz soou distante. A mulher assentiu com a cabeça, como se para me dizer que eu tinha entendido certo; e então, rapidamente, feito uma cobra atacando, ela engatou sua boca no pescoço de Farmer.

Farmer deu um pulo de leve, seus olhos se arregalando. Então, ficou completamente flácido, seguro apenas pela boca da mulher.

Abri minha boca para gritar, mas nada saiu. Como se houvesse um campo ao meu redor e de Joe, que nos mantinha calados.

Ela pareceu ficar daquele jeito no pescoço de Farmer durante uma eternidade. Continuei ali, incapaz de desviar o olhar. Eu vi Farmer, Joe e o resto deles se calibrarem inúmeras vezes. A cena passava por minha mente, a agulha deslizando para dentro da pele, procurando, encontrando a veia, a gavinha de sangue subindo pela seringa quando

ela a acertava. Injetando de uma vez, porque a lombra era melhor. Talvez aquilo deixasse a lombra melhor para ambos.

O tempo passou e deixou todos nós para trás. Achei que era cedo demais para se calibrarem de novo, mas sim, fazia sentido que ela precisasse pegá-los enquanto ainda estavam muito fodidos, pra que apenas sentassem ali e aceitassem. Ei, aquela última calibrada não foi meio estranha? Estranha...? Estranha por quê? Apaga.

Então, a mulher afastou um pouco a cabeça e eu vi. Uma agulha viva, como um ferrão. Eu desejei ser do tipo que desmaia para poder apagar, cancelar aquela imagem, mas ela sustentou meu olhar com intensidade semelhante à força com que segurava Farmer. Eu tinha ido ver o Joe e aquilo fazia parte disso, estava incluído no pacote. Em outro lugar da minha mente, eu estava gritando, berrando e implorando para Joe nos tirar dali, mas esse lugar estava muito distante, em algum outro mundo no qual nada disso era possível.

Ela desceu a boca até o pescoço de Farmer mais uma vez, pausou e ergueu a cabeça. Havia uma pequena marca vermelha na pele de Farmer, feito as de vacina. Ela engoliu e me deu aquele sorriso profissional.

— Foi isso que ele veio fazer aqui — ela disse. — Agora, faço o próximo, Joe, ou você gostaria de fazer?

— Ah, meu Deus, Joe — supliquei. — Ah, meu *Deus*.

— Eu não gosto de meninos — ele disse. E piscou.

— Ah, meu *Deus*...

— Bom, só tem uma garota aqui pra você. — Ela efetivamente franziu o nariz.

— Não. *Não*, ah meu Deus, *Joe*... — Agarrei seu roupão com os dois punhos e o sacudi. Ele ondulou entre minhas mãos e tive a sensação de estar sacudindo um manequim de loja. Mesmo em seu estupor chapado mais profundo, ele estaria um milhão de vezes mais vivo do que estava naquele momento. Meu falecido irmão Joe, o primeiro dos garotos perdidos, agora perdido para todo o sempre, o homem descartável, enfim, descartado.

Ele esperou até eu parar de sacudi-lo e olhou para mim. Dei um passo para trás. Um programa de televisão chato que ele já tinha visto.

— Deixa ela ir, tá?

— Ora vamos, Joe — disse ela, reprovadora.

Disparei para o elevador, mas as portas não se abriram. Ela tinha poder sobre elas, sobre tudo, sobre os nórias, sobre mim, até sobre as cabines de pedágio. Apenas fiquei ali parada, até sentir as mãos do Joe sobre meus ombros.

— Porcelana...

Pulei para longe dele e dei as costas para as portas do elevador. Meus ouvidos zumbiam. Hiperventilando. Em um instante, eu desmaiaria e eles poderiam fazer o que quisessem. De pé entre Farmer comatoso no sofá e o moleque, sentado feito uma pelota drogada, a mulher parecia entediada.

— Porcelana — repetiu meu irmão, mas não esticou a mão para mim novamente.

Eu me forcei a respirar mais lentamente. O zumbido em meus ouvidos diminuiu e eu estava quase estável outra vez.

— Ah, meu Deus, Joe, onde você *achou* esses... esses seja lá o que eles forem. Eles não são gente.

— Eu não os achei, na verdade — ele disse. — Um dia, olhei ao redor e eles tavam lá. Onde sempre tiveram.

— Eu nunca os vi.

— Você não precisava. É de gente feito eu, o Farmer e o sei-lá-quem ali, o moleque, que eles vêm atrás. Não de você.

— Então, por que *eu* achei eles?

— Não gosto de pensar nisso. É... — Ele se atrapalhou por um momento. — Não sei. Contagioso. Acho. Talvez um dia eles vão atrás de todo mundo.

— Bom, esse *é* o plano — disse a mulher. — Há uma quantidade limitada de Joes e Farmers no mundo. Então, teremos que diversificar.

Felizmente, não é tão difícil encontrar novas formas de alcançar novos receptores. — Ela correu um dedo pelo colarinho de seu vestido. — As coisas mais desgraçadas se tornam moda e você sabe como funciona. Algo pode simplesmente varrer o país.

— Deixe ela ir, agora — disse Joe.

— Mas está chegando perto da sua hora, meu querido.

— Leve ela de volta pro Streep. Stacey e George vão estar lá, talvez Priscilla. Pode trazer eles pra cá e deixar ela lá.

— Mas *Joe* — ela disse, insistente. — Ela nos viu.

— Então, você pode pegá-la depois.

Comecei a tremer.

— *Joe*. — O sorriso de comissária de bordo havia sumido. — Existem *regras*. E elas não são apenas instruções arbitrárias instituídas para manterem a multidão imunda se deslocando com fluidez pelos cruzamentos nos horários de pico do trânsito. — Ela deu a volta na mesinha de centro e pôs a mão no braço dele. Vi o polegar dela se afundar no tecido do roupão dele. — Você *escolheu* isso, Joe. *Pediu* por isso, e quando lhe demos, você concordou. E isso é parte do acordo. Ele arrancou a mão dela de seu braço e afastou-a.

— Não é, não. Minha irmã não é uma nóia. Não daria certo, não agora. Você sabe que não. Só acabaria com um corpo problemático de desovar e os rastros levariam diretamente até mim. Até aqui. Porque provavelmente todo mundo sabe que ela tá me procurando. Ela provavelmente perguntou pra metade da cidade se alguém me viu. Não foi, Porcelana?

Eu assenti, incapaz de falar.

— Você sabe que temos policiais.

— Não todos eles. Nem mesmo o suficiente deles.

A mulher refletiu. Então balançou a cabeça para ele, como se ele fosse uma mascote protegida e mimada.

— Eu não faria isso por mais ninguém, espero que saiba disso.

— Eu sei — disse Joe.

— Digo, a despeito de tudo que disse. Eu poderia me decidir por simplesmente lidar com as dificuldades. Mas é que gosto tanto de você. Você se encaixa tão bem. Você é simplesmente tão... *adequado*. — Ela olhou novamente para o moleque no sofá. — Bem, espero que isso possa esperar até eu cuidar de nossa outra questão.

— Como quiser — disse Joe.

Ela voltou seu sorriso para mim mais uma vez, mas havia uma boa parcela de escárnio nele.

— Volto a falar com você num instante.

Dei as costas enquanto ela voltava para o sofá, para não precisar ver o que faria com o moleque. Joe ficou ali parado o tempo todo, sem fazer nenhum movimento para se aproximar ou para se afastar de mim. Eu ainda tremia um pouco; podia ver minha franja arrepiada balançando na frente dos meus olhos. As coisas absurdas que você notou, pensei, e me concentrei nelas, desfocadas no pano de fundo do fabuloso bar antigo, tentando estabilizá-las. Se elas parassem de tremer, eu teria parado de tremer. O moleque no sofá fez um ruído baixo, prazer, dor ou ambos, e eu olhei para Joe, querendo gritar com ele para que ele a fizesse parar, mas não havia nada ali para ouvir esse tipo de grito. O moleque estava por conta própria; *eu* era a única que realmente não sabia daquilo. Estávamos todos por contra própria agora.

Os olhos mortos me encararam, um olhar tão fixo quanto o de um animal. Tentei desejar que uma última fagulha de vida aparecesse, mesmo aquele olhar ávido tenho-que-chapar que ele costumava ter, mas ela não vinha. Seja lá o que tivesse sobrado, tinha se esgotado quando ele disse a ela para me deixar ir embora. Talvez mesmo então já não houvesse nada; talvez ele tivesse ficado genuinamente preocupado com o problema de se livrar do meu cadáver. Nóias precisam de amor, mas precisam mais ainda de uma calibrada.

Em certo momento, ouvi o moleque desabar no sofá.

— Bem, vamos — disse a mulher, indo até o bar para buscar seu casaco. A porta do elevador se abriu.

— Espere — disse Joe.

Eu parei no meio da ação de ir em direção ao carro e me virei de novo para ele.

— Vai deixá-la de volta no Streep — afirmou Joe. — Exatamente como eu disse a você. Daí, traz Stacey, George, Priscilla e quem mais tiver por lá, se quiser. Mas deixa ela fora dessa merda. Porque vou saber se não deixar.

Eu quis dizer o nome dele, mas ainda não conseguia emitir som algum.

Ei, Joe. Que merda é essa?

Se tem que perguntar, meu bem, não quer mesmo saber.

— Tudo bem, Joe — concordou a mulher, amigavelmente. — Já disse que faria do seu jeito.

As pálpebras inferiores dele se ergueram e permaneceram fechadas.
Adeus, Joe.

— Uma pena que não tenha chegado a tomar seu conhaque — a mulher disse para mim enquanto vestia o casaco. Ela apontou com a cabeça para a taça que ainda estava no balcão. — É um VSOP³⁸, sabe?

A noite já caía quando ela me levou de volta ao outro lado do rio. Ela colocou a fita da Quicksilver Messenger Service para mim. *Have another hit.* Nenhuma de nós disse coisa alguma até ela encostar na frente do Streep.

— Pode ir lá dentro dizer a eles que estou esperando, por favor? — perguntou ela animadamente.

Eu olhei para ela.

— E digo o quê?

— Diga que Joe e eu estamos dando uma festa. Eles vão gostar disso.

— Você e Joe, hein? Acha que dão conta dessa fartura toda, só vocês dois?

— Ah, haverá mais alguns no momento em que eu voltar. Não acha que precisamos de todo aquele espaço só para nós dois, acha?

Dei de ombros.

— E eu lá sei de alguma coisa?

— Sabe o suficiente. — Nos encaramos sob a luz tênue do painel. — Tem certeza que não quer voltar? O amigo de Priscila, sem dúvida, já estará lá no momento em que chegarmos.

Respirei fundo.

— Não sei o que ela disse a ele sobre mim, mas não passou nem perto.

— Tem certeza disso?

— Absoluta.

Ela me encarou por um instante mais longo, como se estivesse me avaliando para alguma coisa.

— Então, até outra hora, Porcelana.

Eu saí do carro e entrei no Strep.

Depois disso, passei em casa apenas pelo tempo suficiente para refazer minha mala, enquanto meu pai berrava comigo e minha mãe assistia. Liguei para Marlene da rodoviária. Ela tinha saído, mas sua avó parecia muito feliz em ter notícias minhas e me disse que eu podia ir, ela mandaria Marlene de carro para me esperar.

Então, foi isso. Voltei ainda menos para casa depois disso, então nunca mais vi Joe. Mas vi eles. Não ela, não a loira de Joe, o policial ou o cara no apartamento de Priscilla, mas outros. Aparentemente, uma vez que você consegue vê-los, não tem como deixar de ver. Continuei mandando ver, me formei, consegui um emprego, fiz minha vida e os vi um pouco mais.

Não os vejo com mais frequência, mas também não com menos. Eles estão por aí. Quando não os vejo, vejo onde estiveram. Vários dos

lugares em que eu estive. Às vezes, nem penso neles e é como um breve intervalo de liberdade, mas não dura muito, é claro. Eu os vejo, eles me veem e algum dia vão arrumar um tempo para virem atrás de mim. Até agora, sobrevivi à relevância, ao hedonismo e não virei uma *yuppie*. Nem a guardiã do meu irmão. Mas sou alguém. Sempre estive destinada a ser alguém, algum dia. E, em algum momento, eles vão descobrir quem.

[34.](#) O termo designa uma estética popularizada nos anos 1990, que tem a fotógrafa de moda Corinne Day e a modelo Kate Moss como nomes mais lembrados, baseada em características físicas e de vestuário que aludiam à decadência de dependentes químicos. - N. da T.

[35.](#) *Hasher's Delirium*, título em inglês de *Le songe d'un garçon de café*, curta-metragem animado de 1910, dirigido por Émile Cohl. - N. da T.

[36.](#) Prática originada no início do século 00, nos EUA, em que administrações municipais celebram eventos para os quais é estimulada a visita de antigos residentes, principalmente os que passaram a infância nessas cidades e se mudaram na vida adulta. - N. da T.

[37.](#) Modelo de calça feminina larga usada por baixo de saias que iam até o joelho, popularizada em meados do século XIX. - N. da T.

[38.](#) *Very Special Old Pale*, uma das classificações de envelhecimento do conhaque. - N. da T.

ASSIM VAI-SE O MUNDO

Caitlín R. Kiernan

Caitlín R. Kiernan é autora dos romances *Silk*, *Threshold*, *Low Red Moon*, *Murder of Angels*, *Daughter of Hounds*, *The Red Tree* e *A Menina Submersa: Memórias*. Ela também escreveu a adaptação literária do filme *Beowulf* e, mais recentemente, publicou uma série de fantasia urbana protagonizada por Siobhan Quinn (*Blood Oranges*, *Red Delicious* e *Cherry Bomb*), sob o pseudônimo “Kathleen Tierney”.

Suas histórias mais curtas sobre o estranho, o fantástico e o macabro foram reunidas em uma série de volumes, incluindo *Tales of Pain and Wonder*; *From Weird and Distant Shores*; *To Charles Fort, with Love*; *Alabaster*; *A is for Alien*; *The Ammonite Violin & Others*; *Two Worlds and In Between: The Best of Caitlín R. Kiernan (Volume One)*; *Confessions of a Five-Chambered Heart*; *The Ape’s Wife and Other Tales*; *Beneath an Oil-Dark Sea: The Best of Caitlín R. Kiernan (Volume Two)*; e *Dear Sweet Filthy World*.

Kiernan já foi agraciada diversas vezes com os prêmios World Fantasy, Bram Stoker, International Horror Guild e Shirley Jackson, bem como também já recebeu os prêmios Nebula, British Fantasy e Mythopoeic.

“Em algum momento, em 1995”, revela a autora, “eu prometi publicamente parar de escrever histórias de vampiros por pelo menos seis anos e também encorajei outros autores a fazerem o mesmo. Embora eu seja uma grande admiradora da boa ficção de

vampiros, um produto primário quase tão escasso quanto dentes numa galinha, e embora eu mesma tenha escrito e publicado um romance de vampiros (*The Five of Cups*), vejo muito pouco sentido em escritores de fantasia continuarem a moer histórias medíocres de demônios sanguessugas quando as prateleiras já têm uma hemorragia dessas coisas.”

“Então, eu parei. Não escrevi nenhuma história nova de vampiros por cinco anos (digo a mim mesma que já são quase seis). E aí, tive uma ideia, que, na verdade, tinha muito mais a ver com carniçais, originalmente; mas, de algum modo, os vampiros acabaram se embrenhando e tomando conta dela. Acho que é isso que vampiros fazem. Enfim, foi assim que acabei escrevendo *Assim Vai-se o Mundo*.”

“Agora, se eu apenas puder esperar mais cinco anos...”

— UMA ESTRELA CADENTE por seus pensamentos — diz ela, e Gable, a garota com olhos de papel-alumínio e dentes como os últimos dias do inverno, aponta para o céu noturno drapejado lá no alto, sobre Providence e o vasto Rio Seekonk. O céu da Nova Inglaterra em segredo noturno e, a alguns quilômetros mais ao norte, você tem que chamá-lo Rio Pawtucket, mas aqui, onde ele imbrica em Swan Point, repleto de peixes, e nas íngremes encostas do cemitério, aqui ele ainda é o Seekonk e, bem pra lá, tem as luzes laranja e industriais de Philipsdale. A Garota Morta pisca algumas vezes para tirar o gosto da boca e então segue o dedo encardido de Gable até lá em cima, no Céu, e lá está a mais breve das listras de luz branca, desenhada rapidamente no firmamento ocidental.

— Muito legal, mas elas não são realmente isso, sabe — comenta ela, e Gable faz uma careta, o rosto pálido franzido como o de uma velha, um rosto de maçã seca para expressar que não entendeu. — Não são realmente isso *o quê?* — ela pergunta.

— Estrelas — diz a Garota Morta. — São só meteoritos. Só pedaços de pedra e metal voando por aí, pelo espaço, e queimando se chegam perto demais. Mas não são estrelas. Não as que caem desse jeito.

— Ou anjos — sussurra Bobby e então volta a comer de sua mão cheia de amoras silvestres que ele colheu dos arbustos crescendo à beira d'água.

— Eu nunca disse nada sobre anjos — grunhe Gable para o menino e ele joga uma amora nela.

— Existe *um monte* de palavras diferentes pra anjos.

— E pra estrelas cadentes — diz a Garota Morta, com uma resolução pétrea para que eles saibam que ela quer dar o assunto por encerrado; meteoritos que deixam de ser meteoros, Seekonk mudando para Pawtucket e, no fim, não é nada mais do que a distância entre este ponto e aquele. Tão arbitrário quanto qualquer mudança, então ela pressiona os lábios contra o punho esquerdo da moça corredora mais uma vez. Não restava ali nem mesmo um pulso daqueles mais finos, feito lençol de

fantasma; a carne esfriava contra seus dentes, carne que poderia muito bem ser argila, tirando o fato de ainda lhe restarem uns poucos bocados de vermelho e o som dos lábios ocupados dela não ser tão diferente do som das ondas contra a costa.

— Eu conheço sete palavras pra cinza — diz Bobby com a boca cheia de sementes, polpa e o sumo escuro pingando de seu queixo manchado de sangue. — Aprendi num dicionário.

— Você é um viadinho — rosna Gable para o menino, aqueles olhos mercuriais apertados e seu lábio inferior projetado pra fora, como se alguém andasse batendo nela outra vez; e a Garota Morta sabe que não devia ter discutido com Gable sobre estrelas cadentes e anjos. Na próxima vez, ela pensa, vou me lembrar disso. Na próxima, vou sorrir e dizer qualquer coisa que ela queira que eu diga. E, quando enfim terminar com a moça corredora, a Garota Morta é a primeira a se esgueirar, silenciosa feito um ratinho, com suas pantufas de seda, pela lama e pelos pedregulhos, com o rio frio feito as estrelas que não caem salpicando a noite de agosto.

Uma hora e quatro minutos após a meia-noite na enorme casa da Rua Benefit e os carnicais ainda estão cutucando os cadáveres no porão. A Garota Morta está sentada com Bobby nas escadas que levam de volta à música e às conversas lá no alto, às luzes elétricas e às nuvens agrídoces da fumaça de ópio; aqui embaixo, há apenas velas e o ar cheira a sujas paredes nuas, mofo e carne embalsamada espalhada pela longa mesa de destrinchar dos carnicais. Quando trabalham assim, eles se erguem em suas pernas traseiras tortas e pressionam suas faces caninas umas contra as outras. Aquele bem magro, chamado Barnaby (seus ouvidos nervosos alertas a cada passo lá no alto, cada porta rangendo, como se alguém lá em cima desse a mínima para o que eles fazem ali embaixo) apanha uma faca de desossar enferrujada e a usa para erguer uma tira de carne seca da cor de chiclete velho.

— Esse é o gastrocnêmio — diz ele, e a íris laranja-amarelada de seu olho esquerdo flui nervosamente na direção dos outros, especialmente

na direção de Madame Terpsícore, que balança a cabeça e ri do jeito que riem todos os carniçais. Do jeito que ririam os cães famintos, pensa a Garota Morta, se algum dia ousassem fazê-lo, e ela começa a desejar ter ido com Bobby para Warwick ao lado de Gable e o Bailio, no fim das contas.

— Não, esse é o sóleo, querido — diz Madame Terpsícore e então dá um sorriso de escárnio a Barnaby; uma experimentada curvatura dos lábios negros para revelar aqueles dentes biliosos, feito teclas de piano afiadas, um leve açoitado rosa avermelhado de sua longa língua pelo focinho, e diz: — *Aquele* ali é o gastrocnêmio. Você não prestou atenção.

Barnaby faz uma careta e coça a cabeça.

— Bom, se algum dia a gente arrumasse algo fresco, talvez eu conseguisse decorar — se queixa ele, dando desculpas mais uma vez, e a Garota Morta sabe que a dissecação está começando a entediar Bobby. Ele está olhando por cima do ombro para a porta do porão, a cálida lasca de luz adentrando pelas beiradas.

— Agora, me mostrem o *terminus* inferior do fibular longo — diz Madame Terpsícore, sua ladainha professoral e o impaciente retinir de Barnaby revirando seu *kit*, atrás de um par de tesouras para aves ou um garfo de ostra, um ou outro, ou algo completamente diferente.

— Quer ir um pouco lá pra cima? — pergunta a Garota Morta para o menino e ele dá de ombros, mas não tira os olhos da porta do porão, não se vira de volta para observar os carniçais.

— Bom, então vamos — Ela se levanta, toma a mão dele e é aí que Madame Terpsícore finalmente os nota.

— Por favor, não vá, querida — ela diz. — Com plateia é sempre melhor, e se o Mestre Barnaby algum dia encontrar o instrumento apropriado, ainda pode haver um esfolamento — E os outros carniçais riem abafada e abertamente.

— Acho que não gosto muito deles — sussurra Bobby bem baixinho e a Garota Morta assente, levando-o escada acima de volta para a festa.

Bobby diz que deseja algo para beber, então eles vão primeiro para a cozinha, até o antigo e barulhento refrigerador; ele pega uma Coca e a Garota Morta pega uma Heineken. Uma garrafa fria, cor de maçã-verde, e ela torce a tampa para tirá-la, bebericando a amarga cerveja holandesa; ela nunca tinha gostado do sabor de cerveja, mas, às vezes, parecia haver uma quantidade tremenda de coisas das quais ela não gostava até então. A cerveja está muito, muito gelada e lava os últimos farrapos do ar do porão, perdurando rançosos em sua boca feito uma porção de cogumelos empoeirados, terra seca de porão e um bilhão de esporos microscópicos procurando por um lugar para crescer.

— Acho que não gosto nem um pouco deles — Bobby diz, ainda sussurrando, mesmo ambos estando no andar de cima. A Garota Morta começa a dizer que ele não precisa mais sussurrar, mas então se lembra de Barnaby, de suas orelhas inquisitivas erguidas feito as de um cão, e não diz absolutamente nada.

Quase todos os outros estão sentados na sala de estar, reunidos no cômodo espaçoso e ladeado de livros, com abajures de vitrais de todas as cores, doces e azedas, das balas sortidas; luz de filtro açucarado que machuca os olhos dela. Na primeira vez que permitiram sua presença na casa da Rua Benefit, Gable mostrou a ela todos os abajures, todos os livros, todos os cômodos, como se fossem dela. Como se aquele fosse o seu lugar, em vez do fundo lamacento do Rio Seekonk, uma outra coisa bela e deteriorada em uma casa repleta de coisas belas, deterioradas ou ambos. Repleta de antiguidades, algumas das quais respiram, enquanto outras, não. Algumas, como a Srta. Josephine, haviam se esquecido de como ou porque respirar, mas não de falar.

Eles se sentam ao redor dela em suas roupas pretas de funeral e nas cadeiras entalhadas em 1754 ou 1773, um círculo rudimentar de homens e mulheres que sempre fazem a Garota Morta pensar em corvos reunidos ao redor da carniça, melros ao redor do cadáver de um guaxinim, empurrando uns aos outros em busca dos melhores pedaços; bicos afiados atrás de seus olhos claros de safira, das pontas de porcelana de

seus dedos, ou daquele coração silencioso e estático. A imperatriz feito animal morto numa estrada, pensa a Garota Morta e não ri em voz alta, embora tenha vontade; ela quer rir desses seres formais e obsoletos, dessas trágicas sombras de estátuas de cera, bebericando absinto e se pendurando em cada palavra da Srta. Josephine como se fosse um evangelho, como se fosse a salvação. É melhor escapulir silenciosamente, despercebida, e encontrar outro lugar para ela e para Bobby se sentarem onde não fiquem no meio do caminho.

— O senhor já viu uma tempestade ígnea, *signior* Garzarek? — pergunta a Srta. Josephine e olha para o livro aberto em seu colo, um livro verde como é verde a garrafa de cerveja da Garota Morta.

— Não, nunca vi — diz uma das estátuas de cera, um homem alto com cabelos lúbricos e orelhas grandes demais para sua cabeça, que chegam a ser quase pontudas. — Tais coisas me desagradam.

— Mas foi lindo — diz a Srta. Josephine e então faz uma pausa, ainda olhando para o livro verde em seu colo, e a Garota Morta consegue dizer, pelo modo como seus olhos se movem para frente e para trás, que ela está lendo seja lá o que houver naquelas páginas. — Não, essa não é a palavra certa — ela diz. — Essa definitivamente não é a palavra certa.

— Eu estava em Dresden — presta-se uma das mulheres e Josephine ergue o olhar e pisca para a mulher, como se não conseguisse se lembrar bem como se chama aquela estátua de cera em particular.

— Não, não, Addie, não foi nada parecido com isso. Ah, tenho certeza de que Dresden também foi um primor, sim. Mas isso não foi algo feito pelo homem. Foi algo feito aos homens. E é isso que a torna verdadeiramente transcendental, aquilo que a torna... — E ela perde o fio da meada, volta a baixar os olhos para o livro como se a palavra da qual não se lembra estivesse ali, em algum lugar.

— Bom, então leia um pouco dele para nós — diz o *signior* Garzarek, apontando uma mão enluvada para o livro verde e a Srta.

Josephine a fita com seus olhos azuis brilhantes, olhos que parecem gratos e maliciosos ao mesmo tempo.

— Tem certeza? — ela pergunta a todos eles. — Não quero entediar nenhum de vocês.

— Por favor — diz o homem que não havia tirado seu chapéu-coco, e a Garota Morta acha que o nome dele é Nathaniel. — Sempre gostamos de ouvir a senhora ler.

— Bom, já que têm tanta certeza — diz a Srta. Josephine e se endireita um pouco em seu divã, pigarreia e bole com as brilhantes pregas de sua saia de cetim preta, o vestido que parece apenas tão velho quanto as cadeiras, antes de começar a ler.

— *Isso* foi o que veio em seguida... o fogo — diz ela, e agora usa sua voz de leitura e a Garota Morta fecha os olhos e escuta. — Desembestado por toda parte. A feroz onda de destruição carregava com ela uma tocha incandescente... agonia, morte e uma tocha incandescente. Foi como se algum demônio de fogo corresse de porta em porta com tal tocha. As chamas correram pelos prédios semidestruídos por toda a Rua Marker.

— Eu me sentei na calçada, catei o vidro quebrado da sola dos meus pés e vesti minhas roupas.

— As linhas de transmissão caíram, as linhas de transmissão caíram!

E assim transcorrem os vinte minutos seguintes, mais ou menos, a gentil semiescuridão por trás dos olhos da Garota Morta e a Srta. Josephine lendo seu livro verde, enquanto Bobby beberica sua Coca e os corvos de cera não fazem absolutamente som algum. Ela ama o ritmo da voz de leitura da Srta. Josephine, a cadência feito chuva em um dia quente, ou feito sorvete, esse tipo de voz. Mas seria melhor se ela estivesse lendo outra coisa, talvez *A Balada do Velho Marinheiro*, ou Keats, ou Tennyson. Mas aquilo é melhor do que coisa alguma, então a Garota Morta escuta, satisfeita o suficiente, sem se importar se são apenas terremotos e conflagrações, fumaça e gritos dos homens e cavalos moribundos. É o *som* da voz que importa, não as palavras ou

qualquer coisa que elas signifiquem, e, se isso é verdade para ela, é tão verdade quanto para as estátuas de cera silenciosas em suas duras cadeiras coloniais.

Quando termina, a Srta. Josephine fecha o livro e sorri, mostrando a todos eles o mais avaro dos vislumbres de seus dentes afiados e brancos.

— Soberbo — diz Nathaniel.

— Ah, sim, soberbo — diz Assie Goodwine.

— A senhorita é, de fato, uma criatura perversa, Josephine — diz o *signior* e acende um gordo charuto, exalando um fantasma ondulado de sua boca. — Tal deliciosa perversidade embrulhada em um pacote tão gracioso.

— Eu na época escrevia como James Russell Williams — revela a Srta. Josephine, orgulhosa. — Eles até me pagaram.

A Garota Morta abre os olhos e Bobby já terminou sua Coca, rolando a garrafa vazia para frente e para trás pelo carpete, feito um rolo de cozinha em uma massa de biscoitos.

— Gostou? — ela pergunta a ele, que desconversa.

— Nem um pouco?

— Bom, não foi tão ruim quanto os carniçais — ele diz, mas sem olhar para ela; ele dificilmente olha diretamente para ela ou para qualquer outra pessoa esses dias.

Mais alguns minutos e a Srta. Josephine de repente se lembra de algo em outro cômodo que ela gostaria que as estátuas de cera vissem, algo que eles *têm* de ver, uma urna ou um relógio solar de bronze, a última das quinquilharias escondidas em algum lugar nas entranhas da casa enorme e desordenada. Eles a seguem para fora da sala até o corredor, tagarelando e deixando um rastro de fumaça de cigarro, e se alguém chega a notar Bobby e a Garota Morta sentados no chão, finge que não. E pela Garota Morta, tudo bem; ela não gosta deles, de seu cheiro sem vida, do desespero guardado em seus olhos.

A Srta. Josephine deixa seu livro no divã cor de uva-do-monte e, depois que o último dos vampiros vai embora, a Garota Morta se

levanta, adentra o círculo de cadeiras e ali, de pé, observa a capa.

— O que diz aí? — pergunta Bobby, então ela lê o título para ele.

— *O Horror do Sismo, do Fogo e da Fome em São Francisco*³⁹ — Ela lê, e então pega o livro e mostra a capa a ele, as letras estampadas no tecido verde em tinta dourada desgastada. E, sob elas, uma mulher em trajes de cores escuras, seus pés no fogo e na água, o caos lhe envolvendo pelos tornozelos, e ela parece fazer uma medida a uma fileira despedaçada de colunas de mármore e a um pilar com os dizeres EM MEMÓRIA AOS MORTOS DA CALIFÓRNIA — 18 DE ABRIL DE 1906.

— Isso já faz muito tempo, não faz? — Bobby pergunta e a Garota Morta coloca o livro novamente no divã.

— Não se você for a Srta. Josephine — ela diz. Se você for a Srta. Josephine, isso foi simplesmente ontem, antes de ontem. Se você for ela... mas esse é o tipo de pensamento que é melhor não concluir, que seria melhor ela nem ter chegado a pensar.

— A gente não tem que voltar pro porão, né? — pergunta Bobby e a Garota Morta balança a cabeça.

— Se você não quiser, não — responde. E então ela vai até a janela e olha para a Rua Benefit, para os carros passando e para as pessoas vivas com suas razões pequenas e mesquinhas para odiar o tempo. Num instante, Bobby se aproxima e se põe ao lado dela, segurando sua mão.

A Garota Morta guarda seus segredos em uma velha caixa de charutos Hay-A-Tampa, os poucos que ela não consegue simplesmente manter dentro de sua cabeça, e a caixa de charutos fica guardada em uma prateleira dentro de um mausoléu em Swan Point. Essa encosta bem cuidada que se eleva tão acentuadamente à beira do rio, uma colina íngreme e adornada pela morte, a grama verde no verão e os galhos das árvores que farfalham ao vento; e só Bobby sabe da caixa e ela acredita que ele vai guardar isso para si. Ele raramente diz algo a alguém, especialmente a Gable; a Garota Morta sabe o que Gable faria se

soubesse da caixa, *acha* que sabe e por isso é melhor, por isso é pior, que ela a guarde escondida no mausoléu.

Os zeladores fecharam a frente do jazigo com tijolos anos atrás, mas deixaram uma pequena grade de ferro moldado encaixada na alvenaria, logo abaixo da pedra fundamental de mármore e da placa raiada de verdete com o nome Stanton grafado nela, embora a Garota Morta não consiga imaginar o porquê. Talvez esteja lá para os insetos poderem entrar e sair, ou para que todos aqueles Stanton mortos possam respirar um pouco de ar fresco, vez por outra, mas não havia espaço suficiente nem mesmo para morcegos se espremerem ali, ou os andorinhões, ou os ratos. Mas havia bastante espaço entre as barras para ela e Bobby se esgueirarem para dentro sempre que ela queria olhar para as coisas que conserva na velha caixa de charutos.

Em noites como esta, após longas festas, após a Srta. Josephine finalmente perder o interesse em seus corvos de cera e enxotá-los todos (todo mundo, menos os carnicais, é claro, que vão e vem ao seu bel-prazer pelos túneis no porão), ainda faltava uma hora cinza escura até a alvorada e ela sabe que Gable já deve estar esperando por eles no rio, mas ela pode esperar mais alguns minutos.

— Ela pode vir procurar a gente — diz Bobby quando eles estão dentro do mausoléu e ele está na ponta dos pés para enxergar o lado de fora, mas a grade ainda se eleva mais trinta centímetros acima da sua cabeça.

— Não vem, não — afirma a Garota Morta, dizendo a si mesma que é verdade, que Gable está muito feliz por estar de volta à escuridão lá embaixo para se incomodar. — Ela provavelmente já deve ter ido dormir.

— Pode ser — diz Bobby, não parecendo nem um pouco convencido e então ele se senta no chão de concreto e observa a Garota Morta com seus olhos mercuriais, olhos espelhados tão cheios de luz que ainda estarão enxergando quando a última estrela em todo esse universo desgraçado se esgotar em uma brasa rodopiante.

— Deixe que eu me preocupo com Gable — ela diz e abre a caixa e tudo ainda está lá dentro, do mesmo jeito que havia deixado. Os recortes de jornal e um punhado de moedas, uma medalha de São Cristóvão, feita de estanho, e o braço direito de plástico de uma boneca. Três chaves e uma amostra esfarrapada de veludo índigo com manchas castanho-avermelhadas ao redor das bordas. Coisas que não significavam nada para ninguém além da Garota Morta; é o quebra-cabeças dela e ninguém mais sabe como as peças se encaixam. Ou mesmo *se* elas todas se encaixam; às vezes, nem ela consegue se lembrar, mas, de todo modo, ela se sente melhor ao vê-las, ao pôr suas mãos brancas nas quinquilharias e fragmentos, ao segurá-las.

Bobby tamborila os dedos no chão, inquieto, e quando ela o olha, ele faz uma careta e passa a fitar o teto.

— Lê pra mim aquela da Mercy — ele diz e ela olha outra vez para a caixa de Hay-A-Tampa.

— Tá ficando tarde, Bobby. Alguém pode me ouvir.

E ele não pede outra vez, mantém os olhos no teto bem acima da cabeça dela e tamborila os dedos no chão.

— Nem mesmo é uma história — comenta ela, e pesca um dos recortes de jornal da caixa. O papel cor de castanha ficou quase tão quebradiço quanto ela se sente por dentro, com as palavras impressas nele há mais de um século.

— Quase se parece com uma história, quando você lê — responde Bobby.

Por um momento, a Garota Morta fica muito quieta, ouvindo o último dos sons noturnos desvanecer lentamente e os estranhos sons que vêm logo antes do nascer do sol; pássaros e o progresso cego da escavação das minhocas, insetos e o sino de um navio em algum lugar no porto de Providence, os dedos de Bobby tamborilando no concreto. Ela pensa na Srta. Josephine e no conforto em sua voz, sua voz de sorvete diante de cada momento vazio de eternidade. E, num instante, começa a ler.

Carta do *Compilador do Vale de Pawtuxet*, data de março de 1892:

“Colina de Exeter”

Sr. Editor,

Uma vez que considerável notoriedade resultou da exumação de três corpos no cemitério de Exeter no dia 17 deste mês, relatarei os fatos principais, conforme me foram repassados, em prol daqueles entre seus leitores que “não deram credibilidade aos jornais”, que informaram os mesmos. Para começar, diremos que nosso vizinho, um bom e respeitável cidadão, George T. Brown, foi destituído de sua esposa e de duas filhas adultas pela tuberculose; a esposa e mãe há cerca de oito anos e a mais velha das filhas, Olive, há não mais do que dois anos, enquanto a outra filha, Mercy Lena, morreu há cerca de dois meses, após quase um ano doente pela mesma pavorosa enfermidade. Há cerca de dois anos, Edwin A., o único filho do Sr. Brown, um jovem casado e de bons hábitos, principiou a dar evidências de problemas nos pulmões, que foram se agravando até que, na esperança de verificá-los e curá-los, ele foi induzido a visitar a famosa Colorado Springs, para onde sua esposa seguiu posteriormente; embora durante certo período ele tenha apresentado melhoras, logo tornou-se evidente que daquilo não se derivara nenhum benefício real e isso, aliado a um forte desejo por parte tanto do marido quanto da esposa de visitarem seus amigos em Rhode Island, fez com que se decidissem por retornar ao leste, após uma ausência de cerca de dezoito meses, hospedando-se com os pais da Sra. Brown, o senhor e a senhora Willet Himes. É com pesar que informamos que a saúde de Eddie não é encorajadora no presente momento. E agora vem a parte estranha, a saber: o reavivamento de uma superstição, pagã ou de outro tipo, relacionada a um morto servir de alimento a um parente vivo, tendo sido a tuberculose a causa da morte daquele e que agora estivesse prestes a levar a pessoa viva a condição similar etc. e, para evitar tal resultado, de acordo com a mesma suma autoridade, o “vampiro” em questão, que dizem habitar o coração de um tuberculoso morto enquanto restar algum sangue naquele órgão, deve ser cremado e

as cinzas cuidadosamente preservadas e administradas de algum modo à vítima viva, assim podendo-se esperar uma cura (ir)razoavelmente célere. Direi aqui que tanto o marido quanto o pai das falecidas, primeiramente, rejeitaram qualquer crença em toda a teoria do vampiro mas, ao ser instado, ele deixou que prevalecesse um conselho diferente, se não mais sábio, e no dia 17 deste mês, como anteriormente mencionado, os três referidos corpos foram exumados e examinados pelo Doutor Metcalt de Wickford (sob protestos por ser, digamos, um descrente). Os dois corpos enterrados há mais tempo foram encontrados decompostos e sem sangue, enquanto o último, que havia sido enterrado há apenas dois meses, apresentava um pouco de sangue como era de se supor, e como o doutor esperava levar a cabo senão aquilo que já era uma conclusão inevitável, o coração e os pulmões da última mencionada (M. Lena) foram naquele momento e local devidamente cremados, mas o depoente não declarou como as cinzas foram descartadas. Embora não culpemos ninguém por tais procedimentos, uma vez que a intenção, sem dúvida, era aliviar a ansiedade dos vivos, parece incrível, porém, que alguém possa dar a mínima importância ao assunto, sendo tão inteiramente incompatível com a razão e sendo também conflitante com as escrituras, que nos exigem “dar uma razão para a esperança que está em nós”, ou o porquê e o portanto, o que certamente não pode ser feito se aplicado ao anteriormente exposto.

Com o lodo e a merda de peixe se assentando gentilmente em suas pálpebras e seus pulmões preenchidos pela água fria do rio, a Garota Morta dorme, o lodo preto-fuligem como seu cobertor, seu casulo, e Bobby a salvo em seus braços. Gable também está lá, deitada em algum lugar ali perto, enrolada feito uma enguia nas raízes de um salgueiro submerso.

E, em seus sonhos, a Garota Morta conta os barcos passando lá no alto, suas proas a romper o céu encharcado de dia, seus rastros como a turvação e o turbilhão das nuvens de tempestade. Caranguejos e caracóis pequeninos se aninham em seu cabelo e seus pensamentos molhados vão

deslizando, tão suaves e volúveis quanto o Seekonk, um instante ou uma memória fluindo desatadamente para a seguinte. E *esse* momento, esse bem aqui, é a última noite em que ela era uma garota viva. A última noite congelante antes do Dia das Bruxas e ela está chapada, se esgueirando pelo Cemitério de Swan Point com um garoto chamado Adrian que havia conhecido há apenas algumas horas na confusão barulhenta e enfumaçada de um show da Throwing Muses, Adrian Mobley e seu longo cabelo amarelo feito mechas de sol ou o mais puro ouro moldado.

Adrian não quer ou não consegue parar de rir, uma piada ou apenas toda a maconha que eles estiveram fumando, e ela o leva até o fim da Avenida Holly, pela longa pista pavimentada na qual cruzam a Estrada Velha e então adentram o vasto labirinto dos intestinos de granito e ardósia do cemitério. Lápides e monumentos mais ambiciosos enfileirados alinhadamente ou espalhados desordenadamente em meio às árvores, refletindo poças para capturar e manter a lua branca lá no alto, e ela tem apenas uma ligeira dificuldade para achar o caminho no escuro.

— Cala a boca — ela sibila, invocando ansiosos sons de serpente de seus lábios rachados por entre os dentes batendo. — Vão ouvir a gente, porra — diz. Ela consegue ver sua respiração, sua alma escapando bocado por bocado.

Então, Adrian põe o braço ao redor dela, suéter de lã e pele quente ao redor de pele quente, e sussurra algo em seu ouvido, algo de que ela sempre devia ter lembrado, mas não lembra. Algo esquecido do mesmo modo que ela esqueceu o cheiro de um fim de tarde de verão, ou a luz do sol na areia, e ele a beija.

E, por um beijo, ela mostra a ele o lugar em que Lovecraft está enterrado, o local tranquilo ao qual ela vem quando quer apenas ficar sozinha, sem companhia além de seus pensamentos e os corpos discretos e adormecidos embaixo da terra.

O obelisco da família Phillips e então sua própria pequena lápide; ela pega um isqueiro de plástico do bolso da frente de sua calça jeans e

mantém a chama próxima ao chão para que Adrian possa ler a inscrição: 20 de agosto de 1890 — 15 de março de 1937. “EU SOU PROVIDENCE”, e ela mostra a ele todas as oferendas que estranhos peregrinos deixam para trás. Um punhado de lápis e uma chave de fenda enferrujada, dois níqueis, um pequeno polvo de borracha e uma carta escrita à mão dobrada cuidadosamente e colocada sob o peso de uma pedra para que o vento não a sopre para longe. A carta começa com *Querido Howard*, mas ela não lê mais do que isso, não há nada ali escrito para ela e então Adrian tenta beijá-la outra vez.

— Não, peraí. Você não viu a árvore — diz ela, contorcendo-se para livrar-se dos braços magrelos de Adrian Mobley, arrastando-o bruscamente para longe do obelisco; dois passos, três, e ambos são engolidos pela sombra de uma enorme bétula ancestral, uma árvore que já devia ser velha quando seu bisavô era um menino. Seus galhos abrangentes ainda estão felpudos com as folhas pintadas de outono, suas raízes como os nós dos dedos cheios de cascas de algum gigante com destino ao céu, agarrando-se à terra por medo de cair e cambalhotar para sempre rumo às estrelas.

— Tá, é uma árvore — murmura Adrian, sem entender, sem nem mesmo tentar entender, e agora ela sabe que foi um erro levá-lo ali.

— As pessoas entalharam coisas — explica ela, e acende o isqueiro novamente, erguendo a chama laranja e tremulante para que Adrian possa ver todas as inscrições de canivete feitas na casca macia e pálida da árvore. Os nomes impronunciáveis de deuses fictícios e sombrios e passagens inteiras de Lovecraft, lâminas no lugar de tinta para tatuar essas feridas ocultas, mensagens solitárias para um homem morto, e ela corre o indicador pela cicatriz na forma de um peixe com cabeça de tentáculos.

— Não é lindo? — sussurra e é aí que a Garota Morta vê os olhos observando-os dos galhos mais baixos da árvore, os olhos tremulantes e prateados *deles*, como moedas rancorosas penduradas na noite, estranhos frutos.

— Essa merda não tem nada a ver com o que realmente aconteceu — diz Gable. — Essas nem são as *suas* memórias. É só alguma vadia que a gente matou.

— Ah, acho que ela sabe disso — ri o Bailio e é pior que os risos abafados dos carnicais para Madame Terpsícore.

— Eu só queria que ele visse a árvore — diz a Garota Morta. — Queria mostrar algo pra ele entalhado na árvore de Lovecraft.

— Mentira — zomba Gable e isso faz o Bailio rir novamente. Ele se agacha na terra e nas folhas caídas e começa a catar algo fibroso em seus dentes.

E ela correria, mas o rio já tinha levado quase o mundo todo, agora não restava nada além da árvore e da lua e da coisa que desce por seu tronco com longas pernas araneiformes e braços com cor de pó de giz. *Isso é uma Morte? E há duas delas?*

— A gente sabe que você se esqueceria de nós — diz Gable —, se um dia a gente te deixasse. Ia fingir que era uma inocente, que foi uma vítima. — A língua seca dela parece tão áspera quanto lixa no pulso da Garota Morta, uma língua de gato morto, e acima deles, as constelações rodopiam em uma insana dança caleidoscópica sobre a lua; a árvore geme e ergue seus galhos ondulantes para o Céu, rezando pela aurora, pela luz e pela misericórdia de tudo que é visto e que um dia será visto novamente.

A Morte é o par daquela mulher?

E, no leito enlameado do Rio Seekonk, na enseada da Ponte Henderson, as pálpebras da Garota Morta tremelicam enquanto ela se agita irrequieta, assustando os peixes, lutando contra o sono e contra seus sonhos. Mas a noite ainda está a horas de distância, esperando no outro lado do dia escaldante, então, ela abraça Bobby com mais força e ele suspira, fazendo um ruído baixo e perdido que o rio apanha e arrasta para longe em direção ao mar.

A Garota Morta se senta sozinha no chão da sala de estar da casa na Rua Benefit, sozinha porque esta noite Gable levou Bobby com ela; a Garota Morta bebe sua Heineken e observa os círculos amarelos e laranjas que sua voz traça no ar estagnado e enfumaçado, tentando se recordar de como era antes de ela conhecer as cores do som.

A Srta. Josephine ergue a jarra e cuidadosamente despeja água natural sobre o cubo de açúcar em sua escumadeira; a água e o açúcar dissolvido correm para o fundo de seu copo e imediatamente a bebida começa a se enevoar, a brilhante mistura límpida e esmeralda de álcool e ervas anuviando-se rapidamente em um verde opaco e leitoso.

— Ah, é claro — diz ela ao atento círculo de corvos de cera. — Eu me lembro de Mercy Brown e de Nellie Vaughn também, e daquele homem em Connecticut. Como era o nome dele?

— William Rose — sugere o *signior* Garzarek, mas a Srta. Josephine franze o cenho e balança a cabeça. — Não, não. Não era Rose. Ele era aquele sujeito peculiar em Peace Dale, lembra-se? Não, o homem em Connecticut tinha um nome diferente.

— Eram maníacos, cada um deles — diz Addie Goodwine nervosamente, e dá um golinho em sua própria taça de absinto. — Extirpar os corações e os fígados de cadáveres e queimá-los, comendo as cinzas. É ridículo. É ainda pior do que o que *eles* fazem — E ela aponta confidencialmente para o chão.

— Claro que é, querida — diz a Srta. Josephine.

— Mas a pequena moça Vaughn, Nellie, entendo que ela ainda cause certa sensação entre a multidão de colegas locais — diz o *signior* Garzarek e sorri, enxugando com batidinhas de um lenço rendado seus lábios molhados e vermelhos. — Eles adoram essas histórias de fantasmas, vocês sabem. Devem achar o epitáfio na lápide dela uma fonte infinita de deleite.

— O que ele diz? — pergunta Addie e, quando a Srta. Josephine se vira e a encara, Addie Goodwine se encolhe e quase derruba sua taça.

— Você realmente devia sair mais, querida — diz a Srta. Josephine.

— Sim — balbucia Addie — Sim, eu sei. Eu devia.

A estátua de cera chamada Nathaniel remexe o brim de seu chapéu-coco preto.

— Eu me lembro — afirma ele. — “Estou a vigiar-te e a esperar-te.” É isso que diz, não é?

— Encantador, eu lhes digo — *signior* Garzarek dá uma risada e então esvazia sua taça e estica a mão para a garrafa de absinto em sua bandeja de prata.

— Tá olhando o que, lá fora?

O menino que a Garota Morta chama de Bobby está de pé junto à janela na sala de estar da Srta. Josephine, ali de pé com a vidraça levantada e a neve soprando para dentro, uma pequena corrente de neve aos seus pés descalços e ele se vira quando ela diz seu nome.

— Tinha um urso na rua — ele diz e põe o peso de papel nas mãos dela; um domo de vidro preenchido com água e, quando ela o balança, todos os minúsculos flocos brancos lá dentro rodopiam e rodopiam, uma nevasca em miniatura presa na palma de sua mão, neve de plástico para se assentar lentamente ao longo do campo congelado, o celeiro, as árvores alinhadas escuras e desfolhadas pelo inverno na distância.

— Eu vi um urso — ele repete, mais insistente do que antes, e aponta para a janela aberta.

— Você *não* viu um urso — diz a Garota Morta, mas ela não olha para ver por si mesma, não tira seus olhos prateados do peso de papel; ela quase havia se esquecido do celeiro, daquele dia na tempestade, janeiro ou fevereiro ou março, há mais anos do que ela um dia poderia imaginar e o vento uivando feito lobos famintos.

— Eu *vi* — diz Bobby. — Vi um urso preto enorme, dançando na rua. Eu reconheço um urso quando vejo um.

E a Garota Morta fecha seus olhos e deixa o globo cair de seus dedos, o deixa rolar de sua mão e ela sabe que, quando ele atingir o chão, vai se estilhaçar em milhares de cacos. Mundo por estilhaçar,

firmamento aquoso por estilhaçar para sangrar o Céu pelo chão, então ela não tem muito tempo se quiser cruzar todo o caminho até o celeiro.

— Acho que ele sabia nossos nomes — diz o menino e ele soa amedrontado, mas, quando ela olha de volta, não consegue mais vê-lo. Não há nada atrás dela agora além do pequeno muro de pedra dividindo estas terras das seguintes, a ardósia e os penedos de arenito já parcialmente sepultados pela tempestade e o vento pinica sua pele com seus perfurantes dentes de gelo. A neve cai das nuvens pesadas em espirais e o vento a faz girar e dançar em turbilhonantes cortinas de cristal.

— Há uma razão para nós esquecermos, criança — diz o Bailio, sua voz carmim-ferrugem entremeada fortemente ao ar e a cada floco de neve. — O tempo é pesado demais para carregar tanto dele pendurado em nosso pescoço.

— Não estou ouvindo você — ela mente, e não importa mais, tanto faz o que ele diz, porque a Garota Morta já está na porta do celeiro; as duas portas deixadas abertas e seu pai ficará bravo, ficará furioso se descobrir.

Os cavalos podiam ficar resfriados, ele dirá a ela. As vacas, ele dirá, as vacas já estão dando leite azedo do jeito que está.

Feche as portas e não olhe pra dentro. Feche as portas e corra o caminho todo até em casa.

— Isso caiu do céu — disse ele, na noite anterior. — Caiu gritando de um céu limpo e azul. Não apareceu ninguém procurando. E nem acho que alguém vá aparecer.

— Era só um pássaro — disse sua mãe.

— Não — afirmou seu pai. — Não era um pássaro.

Feche as portas e corra...

Mas ela não fez nada disso, porque não foi assim que as coisas aconteceram e nem que as coisas acontecem, a coisa nua agachada ali na palha e no sangue ergue os olhos para ela com o belo rosto de Gable.

Afasta sua boca da garganta destroçada da água e o sangue se derrama entre os dentes trincados, correndo queixo abaixo.

— O urso tava cantando nossos nomes.

E então, o peso de papel cai no chão e irrompe em um súbito e misericordioso borrifo de vidro e água que despedaça o dia de inverno ao redor dela.

— Acorde — diz a Srta. Josephine, cuspiendo palavras impacientes que cheiram a anis e poeira, e ela sacode a Garota Morta novamente.

— Madame Terpsícore já deve estar prestes a encerrar lá embaixo. E o Bailio logo estará de volta. Não pode dormir aqui.

A Garota Morta pisca e aperta os olhos para algo às costas da Srta. Josephine e de todos os coloridos abajures de matizes de doce. E a noite de verão do lado de fora da janela da sala de estar, a noite que carrega sua alma apodrecida debaixo da língua, encara de volta com olhos tão negros e secretos quanto o leito de um rio.

No porão, a Madame Terpsícore, dama dos afastadores de tórax e das facas de trinchar, já havia ido embora, rastejado para longe pela garganta de tijolos de um dos túneis úmidos, com sua comitiva fungando a reboque. Com suas barrigas cheias e todas as suas curiosidades sobre as entranhas saciadas por mais uma noite, apenas Barnaby fora deixado para trás para arrumar tudo; parte de sua modesta punição por ter fatiado fundo demais uma esclera e arruinado um olho violeta que deveria ser dado a algum potentado ou outro do cemitério; o precioso humor vítreo derramara-se por sua mão e há um entalhe fresco em sua orelha esquerda, na qual Madame Terpsícore mordeu-o por ter arruinado tamanha iguaria. A Garota Morta está sentada em um velho engradado, observando enquanto ele esfrega a mesa para limpar a bile do tampo de aço inoxidável.

— Não sou muito bom com sonhos, receio eu — ele diz e franze seu nariz preto e úmido.

— Ou com olhos — comenta a Garota Morta e Barnaby assente com a cabeça.

— Ou com olhos — ele concorda.

— Só achei que poderia escutar, só isso. Bem, não é o tipo de coisa que eu possa contar a Gable e ao Bobby...

— Ele é um doce de criança, porém — diz Barnaby, então franze o cenho e esfrega com ainda mais força uma mancha teimosa da cor de castanhas calcinadas.

— Mas eu não posso contar a mais ninguém — diz a Garota Morta; ela suspira e Barnaby mergulha sua escova de pelos de porco em uma pálida água com sabão e volta a trabalhar na mancha.

— Não creio que eu possa causar *muito* dano, se tudo que eu fizer for escutar — O carniçal dá a ela um sorriso tortuoso e toca com uma garra o local em que Madame Terpsícore mordiscou a base de sua orelha direita com seus incisivos afiados.

— Obrigada, Barnaby — ela diz, e desenha um descuidado semicírculo no chão sujo com a ponta arranhada de um sapato. — Não foi um sonho muito longo. Não vai levar mais que um minuto — E o que ela então conta a ele não é o sonho com Adrian Mobley e a árvore de Lovecraft, não é o celeiro e a nevasca, a coisa branca esperando por ela dentro do celeiro. Esse é outro sonho, uma noite sem lua em Swan Point em que alguém fez uma enorme e crepitante fogueira perto da beira do rio. A Garota Morta está observando as chamas refletidas na água, o ar pesado com a fumaça da madeira e o som faminto do fogo; e Bobby e Gable estão deitados na praia rochosa, deitados ordeiramente como se pelo trabalho de um agente funerário, seus braços repousando em seus flancos, moedas colocadas em seus olhos. E estão os dois abertos das clavículas até as virilhas, grosseiras incisões em forma de “Y” de uma ponta a outra e suas entranhas cintilando úmidas à luz da fogueira.

— Não, não acho que era eu — diz a Garota Morta, mesmo não sendo verdade, e desenha outro semicírculo no chão para fazer

companhia ao primeiro. Barnaby para de esfregar a mesa e a observa inquieto com seus olhos desconfiados de saprófago.

— Os corações deles estão juntos sobre um rochedo — E ela agora está falando muito baixo, quase sussurrando, como se estivesse com medo que alguém lá em cima pudesse estar escutando também, e Barnaby levanta suas orelhas e se inclina na direção dela. Os corações deles em uma pedra, e os fígados, e ela queima os órgãos em uma tigela de bronze até não sobrar nada além de um punhado de cinzas engorduradas.

— Acho que eu os como — diz a Garota Morta. — Mas então aparecem melros, uma revoada inteira de melros, e tudo que consigo ouvir são as asas deles. As asas deles machucam o céu.

E Barnaby balança a cabeça, fazendo um som ribombante e ansioso no fundo de sua garganta, e começa a esfregar a mesa de novo.

— Eu devia aprender a parar enquanto ainda é tempo — ele bufa. — Eu devia aprender a não me meter no que não é da minha conta.

— Por quê, Barnaby? O que isso significa? — E primeiro ele não responde, apenas resmunga consigo mesmo e a escova de pelos de porco vai e volta pela mesa cirúrgica, embora não tenha sobrado manchas para esfregar, nada além de um pouco de espuma do sabão e a luz das velas refletidas na prateada superfície arranhada e amassada.

— O Bailio cortaria minhas bolas e as colocaria numa garrafa de salmoura se eu contasse isso a você — ele diz. — Vá embora. Volte lá pra cima, onde é seu lugar, e me deixe em paz. Estou ocupado.

— Mas você sabe, não sabe? Eu ouvi uma história, Barnaby, sobre outra garota morta chamada Mercy Brown. Eles queimaram o coração *dela...*

E o carniçal escancara suas mandíbulas e ruge feito um leão enjaulado, atirando sua escova na Garota Morta, mas ela cruza o espaço acima de sua cabeça e se choca contra uma prateleira de jarros de vidro

atrás dela. O vidro espatifado, o fedor súbito de vinagre e pickles de rins e ela corre para as escadas.

— Vá pentelhar outra pessoa, *cadáver* — Barnaby rosna para as costas dela. — Conte seus sonhos blasfemos praqueles cadáveres caducos lá em cima. Peça a um *daqueles* putos arrogantes pra bater de frente com ele — E então joga alguma outra coisa, algo brilhante e afiado que zune ao passar pelo rosto dela e se finca na parede.

A Garota Morta sobe as escadas dois degraus de cada vez, bate a porta do porão atrás de si e a tranca. E, se alguém escutou, se a Srta. Josephine, o *signior* Garzarek ou qualquer outro chegou até mesmo a notar sua imprudente disparada pela porta da frente e pelos degraus da grande e antiga casa da Rua Benefit, eles serão mais espertos do que Barnaby e guardarão isso para si.

No leste, há a mais fina lasca de branco-azulado de alvorada a marcar o horizonte, a luz que uma pérola produziria, e Bobby entrega outra pedra à Garota Morta.

— Isso deve bastar — ela diz, e assim ele se senta na grama, à beira da praia estreita para observar enquanto ela enfia essa última pedra no buraco no qual ficava o coração de Gable. Agora eram doze grandes pedras enfiadas nela, vísceras de granito de calçamento para carregar o corpo da vampira direto para o fundo do Seekonk e, desta vez, era lá que ele ficaria. A Garota Morta tem um grosso rolo de fita adesiva prateada para fechar a ferida.

— Eles vão vir atrás de nós? — Bobby pergunta e a pergunta a pega de surpresa, não é o tipo de coisa que ela algum dia esperaria dele. Ela para de tapar o abdômen de Gable e o encara em silêncio por um instante, mas ele não olha de volta para ela naquela crosta distante e irregular de luz do dia.

— Talvez venham — ela diz a ele. — Não tenho certeza. Você tá com medo, Bobby?

— Vou sentir saudades da Srta. Josephine — fala ele. — Vou sentir saudades do jeito que ela lê histórias — E a Garota Morta assente com a cabeça e afirma:

— Sim, eu também. Mas sempre vou ler histórias pra você — E ele sorri quando ela diz isso.

Quando, enfim, a Garota Morta termina, eles empurram o corpo de Gable para a água e o acompanham durante toda a sua descida, permanentemente fincado entre as raízes do salgueiro submerso sob a Ponte Henderson. Então, Bobby se aninha junto à Garota Morta e, em instantes, ele está adormecido, perdido em seus próprios sonhos, ela fecha os olhos e espera o mundo dar a volta mais uma vez.

[39.](#) *San Francisco's Horror of Earthquake, Fire, and Famine*, livro que descrevia a catástrofe do grande terremoto na cidade norte-americana de São Francisco, em 1906. - N. da T.

A ESCADARIA NOTURNA

Angela Slatter

Angela Slatter foi vencedora de um prêmio World Fantasy, seis prêmios Aurealis e a primeira australiana a receber um prêmio British Fantasy. Ela publicou várias coletâneas de contos (incluindo *Sourdough and Other Stories* e *The Bitterwood Bible and Other Recountings*, pela editora Tartarus Press). Ela é PhD e, ocasionalmente, dá aulas de escrita criativa.

Seu primeiro romance, *Vigil*, foi publicado em 2016 pela editora Jo Fletcher Books e a ele se seguiram *Corpselight* e *Restoration*.

“Como muitos de minha formação e minha época, eu cresci assistindo aos filmes de horror da Hammer”, lembra a autora, “e vários desses eram de vampiros, então, o imaginário do sugador de sangue como uma estranha dicotomia entre a sensibilidade das classes superiores e o perverso instinto assassino permaneceu em mim... embora, em considerações posteriores, talvez essas duas coisas não sejam naturalmente opostas.”

“*Drácula; Carmilla, a Vampira de Karnstein; As Filhas de Drácula; Condessa Drácula*; eu amei... amo... a estética desses filmes, a assombrosa mistura de figurinos exagerados, vestidos e sobrecasacas fantásticas, e toda a sanguinolência que alguém poderia desejar! O vampiro é o melhor aviso a nós de que os mortos invejam os vivos.”

“Pode então parecer estranho que eu, na verdade, não tenha lido o *Drácula* de Stoker até meus catorze anos nem *Carmilla* antes de ter cerca de vinte. Eu me lembro de os dois me causarem pesadelos, mas de isso não ser suficiente para abandoná-los. Ao longo dos anos, li vários livros de vampiros e meus favoritos incluem a magnífica série *Anno Drácula*, de Kim Newman, e a série de James Asher, por Barbara Hambly; acredito que o que eu mais ame nesses dois conjuntos de obras é que os vampiros não são simplesmente criaturas insensíveis. Eles vivem mais tempo do que qualquer um; alguns sofrem por isso, alguns se refestelam em sua imortalidade, mas nenhum deles permanece intocado pelas inconveniências de se existir por tanto tempo e está aberto ao debate se tipos como Geneviève Dieudonné ou Don Simon Ysidro têm alma ou não.”

“*A Escadaria Noturna* é uma dessas histórias que começaram como não mais do que um título em busca de uma história. Em 2012, visitei a Abadia de Battle, onde se desenrolou a Batalha de Hastings, e uma das placas que nos guia pelas ruínas aponta para a escadaria noturna que os monges usavam quando seguiam para as cerimônias da madrugada. Simplesmente amei aquele nome e pensei que soava decididamente sinistro. Aonde ela realmente daria?”

“Fiquei com aquilo em mente como um título durante a maior parte do ano, até que comecei a pensar em uma história de vampiros para a coletânea *The Bitterwood Bible and Other Recountings*. Eu conseguia ver Adlisa na fileira de seleção, esperando, torcendo pra ser escolhida, não pra ter uma vida perceptivelmente melhor, mas pra que pudesse agir, encontrar a verdade e, com alguma sorte, poder se vingar. Mas, como sempre, há uma surpresa no final. Ela é outra personagem que eu gostaria de visitar daqui a um tempo: Adlisa, a Exangue – ela já foi mencionada em uma nova coletânea, *The Tallow-Wife and*

Other Tales e espero desenvolver essa questão em algum momento no futuro.”

“Durante muito tempo, eu escolhi não escrever ficção com vampiros porque sentia que tudo já havia sido feito, mas então Adlisa entrou em minha imaginação. Espero que ela adicione algo a esse impressionante conjunto de obras.”

O INTENDENTE É um homem alto, totalmente careca, de rosto emaciado, apesar do abdômen rotundo. Suas pernas, em sua calça folgada de linho castanho-amarelado, pareciam com as de um espantalho, se projetando para fora sob o toldo de sua pança... perpetuamente nas sombras, talvez não recebam luz o suficiente para crescerem. Sua túnica de seda verde acolchoada e seu casaco de zibelina com a grossa gola de pelos são quentes demais até mesmo para o fim do verão, mas como marcas de seu cargo, precisam ser *vistos*, assim como o cristal amarelo pendurado em seu pescoço.

Chamado de “O Olhar do Intendente”, ele tem o tamanho da articulação superior do polegar de um homem e foi passado de titular a titular até onde a memória de qualquer um ali pode alcançar. Ele o coloca na boca e o suga com força quando acha que não há ninguém olhando. Vale rios de dinheiro e garanto que a *châtelaine*⁴⁰ de ouro que ele usa ao redor da cintura poderia alimentar uma cidade durante meio ano.

Seus ornamentos me tornam consciente do estado de meu vestido preto... não que ele seja ordinário ou tenha ficado lustroso com o tempo, mas pertenceu a outras antes de mim. Minhas duas irmãs... as únicas de pai e mãe... o usaram em suas próprias seleções. Tenho certeza de que consigo sentir o cheiro delas, seus odores impregnados nas urdiduras e tramas do tecido, a despeito das lavagens. Sua cor deixa minha pele mais pálida, meus olhos mais azuis, oferece o pano de fundo perfeito para as tranças, que se derramam por minhas costas como ouro fresco saindo da fundição.

Fui cuidadosa, bastante cuidadosa, com minha toalete: escovei meu cabelo, com escovadas; esfreguei na pele o creme que era de minha mãe (confrei e rosas para suavizar e hidratar, um pouquinho de unguento de limão para iluminar); gotas de eufrásia para garantir que meu olhar esteja límpido. Eu evitei beliscar minhas bochechas... o pálido é melhor... mas o fiz gentilmente em meus lábios, para avermelhá-los um

pouco, de modo a parecer que toda a vida está concentrada ali. Eu não vou ser considerada insatisfatória.

Formo a fileira com sete outras garotas que foram apresentadas neste dia. Somos da mesma geração, não mais do que dezesseis primaveras, e há só uma delas, talvez duas, que *talvez* sejam mais velhas. À minha direita está Essa, com sua pele leitosa e seus olhos feito o céu refletido no gelo, o cabelo de platina brilhante; até suas unhas parecem ter um lustre prateado. Ela me observa de canto de olho, assim como eu a observo.

À minha esquerda, está Dimity, cujos olhos são de um verde resplandecente, suas faces com um mínimo indício de róseo. Ela mantém o olhar firmemente fixo nos próprios pés. Nossa Senhora prefere as moças que a lembram dela mesma; essa não há de ser Dimity, apesar de sua brancura de neve lavada... os olhos são um tanto inadequados... e os olhos contam. Então, Essa é aquela a ser vencida... o Intendente com certeza escolherá uma de nós duas.

Lotando esse grande salão na prefeitura estão pais e mães, incluindo meu pai, que deixou o comando da fundição na mina com seus substitutos para ter condições de ver quais negócios poderiam ser firmados. Atrás dele, estão três de minhas meias-irmãs mais jovens, aquelas que ainda não são velhas o suficiente para serem exibidas, mas consideradas maduras o bastante para observar os procedimentos, de modo a aprender como se comportar quando... se... a hora delas chegar. Outras dez aguardam em casa; nem todas serão oferecidas, apenas aquelas cuja aparência seja a *correta*, aquelas cujo comportamento não mostre que nem vale a pena se dar ao trabalho com elas.

Por duas vezes, meu pai fez uma pequena fortuna nesse processo e eu imagino que ele espere fazê-la novamente... sua tendência em tomar novas esposas, às vezes antes mesmo de a anterior estar farta, e sua produtividade para a procriação, sua fecundidade pessoal, constantemente requerem mais fundos do que sua bem paga colocação proporciona.

O Intendente Oswain caminha lentamente para cima e para baixo de nossa fileira, como se estivesse inspecionando tropas. Seus olhos castanhos são ponderadores, pacientes, embora um pouco incertos, como se lhe oferecessem vários pratos em um banquete e dissessem que ele só poderia escolher um. Ele para em frente à moça dos Toop e balança a cabeça (todos podem ver que ela é gorda demais), depois das gêmeas dos Ansible (o cabelo é escuro demais) e então da garota da Senhora Garran (cujo pescoço é manchado por uma marca de nascença vermelha); uma recusa para cada. No fundo da multidão, ouço uma mulher chorando; ela é silenciada e colocada para fora... não sei dizer se seu pranto é de alívio ou desespero. O zumbido desesperado de meus próprios pensamentos é demasiado alto.

Endireito meus ombros, levanto a cabeça um pouco mais, pisco rapidamente para que as lágrimas de medo não se principiem e façam escorrer o rímel cor de carvão em meus cílios. O Intendente dá mais um passo; outro. Ele para em frente a Dimity... Dimity!... põe um dedo sob o queixo dela e a faz olhar para ele. Seus lábios tremem; ele sorri gentilmente e assente. Ela emite um ruído e eu sei que é de alívio. O Intendente recua e dá as costas. Todo e qualquer escrutínio havia nos abandonado.

Pais circulam junto à cegonha alta em forma de homem para fazer barganhas; a mãe de Dimity para conseguir um preço mais alto, os outros para descobrir quando pode haver outra seleção... como se o Intendente fosse capaz de prever os humores de Nossa Senhora, para dar um dia e uma hora! Apenas minhas irmãs ainda observam, seus olhos fixos em mim como se presos por ganchos.

Dimity dá seu primeiro passo adiante como escolhida e eu passo o pé na frente dela. Essa inspira acentuadamente. A dama de olhos verdes cai tão rápido, está tão surpresa, que não coloca as mãos à frente para se salvar. Seu rosto encontra o chão com um satisfatório ruído de ossos e cartilagens se esmigalhando. Há um brevíssimo momento fragmentado em que nada acontece, ninguém se move, que divide o tempo em *antes* e

depois; então, como se os ponteiros de um relógio se movessem, tudo recomeça e a moça no chão uiva. Eu não me movo.

Dimity se senta, o sangue vertendo de seu nariz arruinado. Ela olha para mim sem nada entender, as mãos se contorcendo como se quisesse apontar para mim, mas percebe meu olhar e vejo-a desmoronar por dentro. Ela soluça um pouco mais silenciosamente e, quando um adulto pergunta o que aconteceu, ela responde com um “Eu caí”.

Ela vai me agradecer; ou melhor, me agradeceria, se parasse para pensar.

O Intendente está insatisfeito... ela não é mais *aceitável*. Ele se vira para Essa e eu a fuzilo com os olhos por alguns instantes até sua calma ceder e ela dar um passo para trás, retirando-se imediatamente do campo. Fico grata, pois meus truques se esgotaram.

— A senhorita, então — diz o Intendente, me dando um olhar avaliativo. Ele olha para meu pai, que assente em aprovação (que tipo de tolo pensaria que eu faço isso por ele?). — Talvez a senhorita se saia melhor. O sangue de seu pai corre forte.

Não é o tipo de elogio que eu estava esperando, mas abaixo a cabeça em assentimento, então noto que minhas meias-irmãs ainda estão observando, boquiabertas. Que nunca digam que não ensinei nada a elas.

Nunca fale primeiro.

O Intendente continua sua ladainha de regras conforme avançávamos pelo caminho da prefeitura de Caulder até a estalagem na qual ele havia deixado seu cavalo, alto e cinzento. Ele monta e então me puxa para sentar em frente a ele, empoleirada desconfortavelmente na sela. *Não faça perguntas que não sejam encorajadas.*

Vista apenas as roupas que lhe forem designadas.

Coma e beba apenas o que lhe for oferecido.

Sempre responda quando Nossa Senhora a chamar de “filha”.

Não entre na catacumba.

Não entre nos aposentos de Nosso Senhor e de Nossa Senhora sem ser convidada.

Não corrija Nosso Senhor ou Nossa Senhora.

Não corra pelos corredores.

Não pegue nada que não lhe tenha sido dado.

Não examine as portas trancadas.

Não deseje mais do que for dado.

Não peça para que lhe tornem o que eles são.

Não.

Não.

Não.

Minha cabeça já zumbia na hora em que deixamos para trás as ruas de paralelepípedos e começamos a atravessar campos amarelos de trigo, pastos apinhados de gado e ovelhas, enormes canteiros de jardim semeados com todas as coisas que podem ser armazenadas em porções para que a cidade resista durante o inverno.

Na hora em que chegamos ao outro extremo do vale em forma de ferradura, ao agradável local em que repousava a mansão senhorial com seu grande salão e sua única torre imponente, na curva do “u”... na hora em que deixamos o cavalo com o rapaz nos estábulos e adentramos a casa... na hora em que fui trazida a este mesmo quarto... bom, foi então que me doeu a cabeça.

Estes aposentos têm janelas que não se abrem, as venezianas são pregadas para manter a luz lá fora. Caso eu necessite de sol, assim me disseram, posso caminhar pelos jardins, mas, para meu próprio bem, deveria usar um dos xales de musseline e um par de luvas para proteger minha tez, pois mesmo o mais leve bronzeado arruinaria tudo.

— Esse foi o pecado de sua irmã — diz o Intendente.

— Qual delas?

— A primeira.

Sophie sempre gostou de brincar ao ar livre. Ela deve ter escurecido tão rápido.

A cama é enorme, com um colchão denso e alto, um dossel de cetim do mais profundo carmim, uma colcha combinando e tantos travesseiros que eu podia muito bem sufocar se não os removesse antes de dormir. Recordo da cama que dividi com minhas irmãs quando nossa mãe lia para nós durante as noites... antes de tudo mudar. Ela mal era grande o bastante para todas nós, dormindo feito filhotinhas de cachorro, nos apertando umas contra as outras, nossas respirações se misturando, nossos corações batendo compassados; nesta aqui, nós nos perderíamos umas das outras. Nós dividíamos um guarda-roupas, um lavatório, um espelho, nossas roupas; brigávamos pelas escovas e pelos laços de fita. Com menos de um ano de diferença, estávamos mais para trigêmeas, unidas o bastante para terminar as frases umas da outras, para saber o que as outras estavam pensando antes que fosse dito.

Aqui, há uma escrivaninha com um tampo de cobertura retrátil, um sofá comprido com longas almofadas de veludo escarlate, uma mesinha redonda com um mosaico de madrepérola na forma de um pássaro e uma moça, e duas cadeiras laterais colocadas em cada lado dela; toda a mobília é de mogno escuro. Atrás de uma porta, oculta por um ensolarado pátio de arenito no estilo *trompe l'oeil*, repleto de árvores frutíferas e vinhas subindo por elas, há um banheiro com piso de mármore, quase tão grande quanto o quarto. Há uma banheira submersa, lavatórios dourados e um canto em que a água jorra em um fluxo contínuo e então corre por um escoadouro habilmente decorado que parece um ramallete de rosas.

Fico encantado quando o vejo. Todo esse espaço só pra mim, mas não há nem estantes nem livros. Dizem que todo tipo de tomo é mantido na torre. Eu me pergunto se terei permissão para ir até lá... eu não peço, então não podem me negar.

— E April? — pergunto e ele me dirige um olhar tão inexpressivo que faz meu coração doer. Quando o corpo dela nos foi devolvido, ela

havia passado um período longo em comparação às outras, como Sophie, que persistiu por apenas um mês. — Minha outra irmã; ela ficou aqui por dezoito meses.

Ele balança a cabeça, um tanto tristemente.

— Não consigo me lembrar de todas. Algumas cometem infrações, outras incomodam Nossa Senhora. Que lhe sirva de lição, Adlisa, que todos os seus passos sejam os mais cuidadosos.

Ele brinca com o cristal, quase colocando-o na boca... mas se dá conta disso e o lapso o torna brusco.

— Agora, sugiro que se banhe... vou mandar uma das mulheres vir fazer seu cabelo. Há uma seleção de vestidos, então, decerto encontrará um que lhe sirva; dobre o vestido velho e deixe-o ao pé da cama. Ele será devolvido à sua família. E durma um pouco, caso consiga... deste dia em diante, metade de sua vida será sob a luz e a outra metade sob as sombras. E estou certo de que está com a mente acelerada depois do infortúnio da outra candidata.

Eu encaro seu olhar firmemente, sem recuar. O Intendente agarra meu braço e sussurra.

— Estou aqui há trinta anos, garota. Já vi sua laia ir e vir, as ambiciosas e as despreziosas. Nenhuma delas sobreviveu.

Minha expressão não muda, pois não sou uma coisa nem outra, embora eu tenha certeza de que ele consegue ouvir o alarido de meu coração em minha caixa torácica, como uma das máquinas na fundição que quebra nacos de pedra e minério em pedaços menores. Levanto meu queixo, só uma fração, e ele me solta, ajeitando seu casaco antes de deixar o quarto, que é meu, embora efemeramente.

— Me chame de “Mãe”, criança — diz a mulher de alabastro.

Sua voz é suave, mas o tom não admite recusa. Estamos na câmara circular que serve como seu solário, a claraboia aberta apenas durante a noite. Em seu colo está uma peça de bordadura, com um belo ponto de rosas de seda pretas em cambráia nevada.

Aquela palavra não passa por meus lábios há alguns anos, desde que minha própria mãe desapareceu em uma noite de gritos e fúria, após a qual meu pai deixou de falar dela. Era um título que eu me recusava a conferir a qualquer uma das esposas ou concubinas subsequentes de meu pai, apesar de todos os tapas e machucados trazidos por essa desobediência. O termo conjura lembranças vagas, fugidias e preciosas... uma dor... mas não é por isso que não cedo facilmente. Eu o mantenho isolado, imaculado e sem uso porque ele tem poder; poder tanto para aquela que o dá quanto para aquela que o recebe, e preciso tomar cuidado quanto a conferir tamanho potencial. É complicado e perigoso, pode fazer uma das partes pensar que é mais forte do que realmente é, quando de fato a palavra é uma chave para seu próprio coração. Nossa Senhora gostaria de pensar que isso dá a ela o controle, mas nesta outorga, apenas *eu* obtenho a vantagem.

— Mãe — eu digo. Ela desliza pelos meus lábios, quase um soluço. E eu sorrio, encontrando seu olhar azul glacial pela primeira vez; eu mantive meus olhos baixos, como uma criança polida e recatada deveria, me dirigindo a Nossa Senhora respeitosa e timidamente.

— Aproxime-se, Adlisa — ela diz, e eu avanço para onde ela se reclina em um *chaise longue*; sua aquosa túnica de seda em tons de rosa-ostrea e cinza-pombo envolve belamente sua forma esguia, mas ela precisa deitar-se em um determinado ângulo para acomodar as anquinhas adornadas de fitas. Seu cabelo é do mesmo tom que o meu, um bom sinal, dourado como as estátuas que nos encaram do alto no pórtico da prefeitura. Sua pele é tão pálida que é quase transparente... eu me pergunto se conseguiria, caso forçasse bastante o olhar, enxergar o crânio por baixo dessa tela branqueada... e sua testa é alta e abobadada, as sobrancelhas tão finas quanto douradas penas incipientes, as bochechas acentuadas; os lábios, um beicinho petulante, mesmo em repouso. Seu queixo é um pouco fraco e parece que ela tem consciência disso, pois a inclinação de sua cabeça parece um consciente combate contra tal. Uma mão delgada com longos dedos se estende e vira minha cabeça de um jeito e de outro, não cruel nem dolorosamente, mas

segurando-a de um determinado modo que eu não possa me soltar. Se ela quisesse, poderia despedaçar minha mandíbula com um estalar de seus dedos.

— Ora, você é adorável. Você me lembra alguém, mas não consigo saber quem. — Seus lábios se erguem nos cantos. Seus dedos brincam com os cachos delicados que a velha mulher, Rikke, deixou pendendo junto às minhas bochechas quando puxou o resto deles para um grande coque frouxo no alto de minha cabeça.

Penso em minhas irmãs, me pergunto se ela genuinamente se lembra delas, mas não digo *Minha Senhora, a senhora as devorou*. April e Sophie devem ter tido medo dela. Devem ter tido medo e, no fim, devem ter sido dominadas por ele. Em determinado momento, ela deve tê-las convocado e elas devem ter mostrado relutância; ela, com seu instinto de predador, deve ter farejado seu terror e isso teria significado a morte. Nossa insana Senhora, que por tantos anos buscou, nos rostos de tantas outras, uma substituta para sua filha perdida e as considerou todas insatisfatórias.

O bronzeado de Sophie nem de longe a teria ofendido tanto quanto seus nervos se despedaçando. Os tremores e o despedaçar das felizes ilusões de Nossa Senhora devem ter partido seu coração de mãe mais uma vez. Como a maioria das pessoas, ela despreza e destrói as coisas que a fazem ver a verdade; vem fazendo isso há três séculos ou mais. Praticamente não há família em Caulder que tenha permanecido intocada; praticamente não há família a qual não tenha sido devolvido um corpo inerte e vazio.

— Mãe, a senhora vai me ensinar? — aponto timidamente para o bordado em suas mãos exangues e ela fica radiante, dando tapinhas no assento junto a ela. Seu encantamento por meu interesse é infantil, puro. Sei que minha sobrevivência depende da ilusão que eu criar ser impecável. Tomo cuidado para não me espetar com a afiada agulha dourada... não me serviria de nada arruinar essa peça de bordado ou

tentá-la com o sangue. Ficamos ali por tempo suficiente para que eu consiga terminar uma pétala negra sob suas instruções.

— Devo começar outra, Mãe? — eu pergunto.

Ela olha para o elaborado relógio na cornija da lareira... um objeto de porcelana e bronze, que expelle três criadas dançarinas a cada hora... e balança a cabeça.

— Não, não, deixei que nosso tempo voasse. Onde está meu bom senso? Venha, temos que jantar.

Caminho um passo atrás dela, mas deslizo meus dedos pelo casulo frio da palma de sua mão. Ela sorri para mim e me leva ao longo dos corredores até chegarmos a uma estreita sala de jantar formal com uma lareira extravagante, dois magníficos lustres de cristal e dourado, e uma mesa terrivelmente longa de ébano polido, com assentos acolchoados para cinquenta pessoas... embora fique a dúvida de como eles conseguiriam cinquenta convidados vindos por vontade própria. No outro extremo, há três lugares postos e um homem sentado à cabeceira. Ele olha para cima e sorri para nós, mas seu olhar é frio... estamos atrasadas. Atrás dele, há duas moças roliças de aspecto rubicundo e túnicas de melhor qualidade do que as das criadas: elas eram lagares, servidas em uma noite, então descansam por outras seis enquanto bebem vinho tinto forte e comem carnes malpassadas, para reconstituir seu sangue uma vez mais. Elas me olham com um tédio cauteloso. Quantas filhas-do-dia elas já viram ir e vir? Quantas moças cujos privilégios mal parecem valer o preço que, no fim das contas, todas elas pagam? O quanto é melhor ser uma dessas, esse *gado* valioso... mantido e preservado, não sugado e descartado por capricho, feito um Jeroboão vazio?

Posso ver que elas se consideram melhores do que eu, mais permanentes; há uma arrogância, mas também uma prudência, pois as filhas-do-dia ainda são as favoritas, mesmo que por um período de tempo menor. As filhas-do-dia são *família* e nenhuma insolência será tolerada de ninguém, nem mesmo desses preciosos tonéis.

Então, quando nos aproximamos, as duas moças rubicundas se balançam em medidas, de olhos cobertos.

— Edward, meu amor. Esta é Adlisa.

Nossa Senhora me impele adiante enquanto o Lorde recua sua cadeira, mas não se levanta. Ele me inspeciona e eu me lanço em uma profunda medida, espelhando aquelas dos vasos de beber. Não ergo meu olhar até que ele diga, após uma pausa apropriada.

— Boa noite, Adlisa.

Em seu olhar verde vejo a mesma fadiga das lagares; quantas filhas-do-dia *ele* já viu? Quantas vezes ele alimentou a loucura da esposa? Ele deve amá-la muito para repetir esta cena uma vez após a outra.

Ele é muito belo, com feições bem-definidas, lábios finos e cabelos vermelho-escuros. Qualquer sarda que pudesse ter deteriorado sua tez em vida há muito tempo se desvaneceu durante seus anos de morte.

Ele indica com a cabeça o único lugar no qual há comida servida; carnes assadas, pilhas de vegetais no vapor, uma travessa de pão branco com delicadas bolinhas de manteiga em um pequeno prato ao seu lado.

— Sente-se, há muito já passou da hora de comer.

Nossa Senhora ignora o sarcasmo e ela mesma se senta, tagarelando alegremente sobre como me ensinou a bordar e que pupila apta sou eu, aprendendo tão terrivelmente depressa — não parece ocorrer a ela que talvez eu já tivesse aprendido muito bem antes de ser escolhida. Mas até aí, isso é parte de sua fantasia — recusando-se a acreditar que eu tive qualquer outra vida antes de me tornar uma filha-do-dia. Eu faço meu papel.

— Obrigada por me ensinar, Mãe. — Ela fica nitidamente radiante. Nosso Senhor me dá um olhar de lado, que respondo com um sorriso ingênuo e um olhar inocente. Após uma pausa, ele acena com a cabeça em direção a minha refeição e eu cuidadosamente sirvo porções dignas de uma moça, embora anseie por devorar quanta substância puder. Estou faminta, mas comer feito uma roceira não causará boa impressão. Não há servo para me atender — a menor quantidade possível de

testemunhas para vê-los se alimentando, suponho. Uma estranha delicadeza.

As moças se colocam em posição, uma ao lado do Senhor, a outra ao lado da Senhora, os dois cuidadosamente estirando guardanapos em seus colos antes de tomarem os rotundos pulsos oferecidos a eles e fastidiosamente mordiscarem as peles delas, como alguém comeria um pêssego. Vislumbro respingos de sangue que são velozmente lambidos e me concentro em meu próprio jantar, me forçando a comer apesar da súbita perda de apetite. Não há mais conversas até que o repasto esteja terminado e as lagares estejam desfalecendo, devaneantes. Então, nosso Senhor diz:

— Adlisa, por ser esta a sua primeira noite, há de estar cansada. Pode se retirar.

Sua inflexão me diz que isso não é uma sugestão e, apesar da careta desapontada da Senhora, eu assinto, me levanto com uma mesura e deixo a sala. O Intendente está aguardando do outro lado da porta e aprova com a cabeça, mas nada diz. Isso faz com que eu me pergunte quantas outras primeiras noites acabaram mal, para ele considerar esta refeição um triunfo.

Lá fora, no jardim, o pequeno na parte de trás da mansão, entre a porta da cozinha, os estábulos e a encosta ascendente ao pé da montanha, estou rabiscando filipêndulas no pequeno herbário encadernado em couro que era de minha mãe — a única coisa que trouxe comigo, enfiado no fundo do bolso de meu vestido preto. Corro meus dedos por sua lombada, sentindo o contorno daquilo que permaneceu escondido ali por décadas. Reproduzo cuidadosamente a aparência da planta e rotulo suas partes; anoto o que sei sobre suas propriedades, se ela pode curar ou ferir (alivia vômitos, diarreias ou as dores das regras das mulheres). Deixo espaço suficiente para fazer novas anotações que reflitam o que eu possa vir a aprender ao longo da vida (seja ela curta ou longa), assim como fizeram minha mãe e a dela. Eu me pergunto quem ficará com ele quando eu me for, quem preencherá as

páginas vazias no final? Ajusto meu xale de musseline, usando-o disfarçadamente para enxugar o suor de meu rosto.

Este é o tempo que tenho para mim, antes que o Senhor e a Senhora se levantem ao cair da noite e após eu ter passado algumas horas ajudando o Intendente com as tarefas necessárias para manter a mansão e a cidade — toda a região — funcionando harmoniosamente. Eu acordo tarde, após o meio-dia, de modo a abarcar dia e noite, e então me apresento no gabinete de Oswain, que é uma câmara de tamanho mediano. Fui colocada para fazer cópias, impecável e ordenadamente, de faturas e avisos de pagamento no enorme livro contábil acorrentado à larga mesa, o registro de todos os recebimentos e despesas do Senhor e da Senhora durante a gestão de Oswain.

Na parede oposta, há estantes ladeadas por outros livros como este — aqueles à esquerda estão cheios de rabiscos dos antigos Intendentes; aqueles à direita estão em branco, aguardando o dia em que este estiver totalmente preenchido e o traço da caneta iniciará o processo de registro mais uma vez.

Há duas portas nesta sala; a que uso diariamente para entrar e sair e a outra, de carvalho escuro, que passo a maior parte do tempo ignorando zelosamente. Ela é, me disseram severamente, a entrada da catacumba; para além dela, se encontra a escadaria noturna levando à cripta de Nosso Senhor e Nossa Senhora, onde eles dormem durante o dia. Eu nunca a verei, assim me disseram.

Às vezes, quando termino minhas tarefas cedo, vou até o outro lado da mansão senhorial, onde situa-se a torre de pedra da biblioteca. Leio os livros de História, os relatos de como a propriedade cresceu e tornou-se uma aldeia, que cresceu e tornou-se uma vila e, enfim, uma cidade. Leio as histórias sobre como o Senhor e a Senhora *se transformaram*, sobre o homem sombrio que passou por Caulder e deixou sua marca no sangue deles, tomando sua única filha e deixando-os para sempre sem rumo. Leio os diários dos Intendentes há muito mortos, a lista das primeiríssimas ordens dadas para garantir a segurança dos recém-

renascidos Senhor e Senhora — como a vistoria buscando espinheiros e pés de alho, a queima da pequenina igreja de madeira e como o sacerdote foi jogado na pira como combustível extra. O estabelecimento do sistema de precificação, para que as pessoas fossem devidamente compensadas pelos serviços que prestavam aos seus suseranos. Nosso Senhor e Nossa Senhora há muito entenderam que uma mão gentil e corrupção lenta mantêm alguém em sua posição por muito mais tempo do que repressão e tirania; que garantir que a população esteja contente, complacente — bovina — é o modo de se reter o poder.

Isso torna as vidas, em grande parte, apazíveis; custa apenas um pouco de sangue. E, se alguém questionar, se alguém reclamar alto demais, ou disser, “Eu não desejo fazer esta barganha pela vida de minha filha”, então sua voz será silenciada. Mas, de maneira astuta, a um indivíduo franco pode-se imputar a pecha de ladrão, de transgressor da lei, de perturbador da paz, de modo que, quando ele for levado, o seja em plena luz do dia e todos possam ver que não se trata de alguma retaliação secreta, mas de uma operação franca e honesta da lei das terras. A punição é dada não pelo Senhor ou pela Senhora, nada disso, mas pelo conselho de nossa bela cidade, para que assim nos consideremos autodeterminados, vivendo e prosperando sob um sistema justo e equitativo.

Em outros momentos, toda essa leitura faz minha cabeça doer; todo o conhecimento que obtenho sobre consequências e injustiças, sobre perda e luto disfarçados de justiça, sobre minhas irmãs entregues para saciarem uma fome anormal, se assenta em meu peito e ali se intumesce, dificultando minha respiração. Essas são as vezes em que vou para o herbário e me permito não pensar em nada além das plantas, em manter minha mão firme e meus desenhos precisos. Enquanto adiciono mais alguns veios a uma folha, meus dedos, dobrados por tempo demais, começam a ter espasmos e eu solto o lápis. Ele rola para baixo da filipêndula e me ajoelho para localizá-lo por baixo da viçosa folhagem.

Na base do arbusto, um tanto bem escondido, encontro uma pequenina flor branca, que reconheço, mas que nunca vi, ao menos não em sua verdadeira forma. Folheio o herbário até uma certa página, uma que está dobrada em si mesma e enfiada por trás da contracapa, de modo que apenas um olho de águia a veria. As gravuras de minha avó para a planta de alho. Suas anotações me dizem que haverá bulbos sob a terra. A flor está amortalhada pela filipêndula; ninguém há de esperar, ninguém há de saber. As possibilidades disso me deixam zozna. Tanto tempo gasto com o planejamento para conquistar um lugar na mansão senhorial, todas as últimas semanas buscando por fraquezas, por alguma ideia de como eu poderia conseguir me vingar e cá está essa dádiva que não foi procurada, algo pelo qual nunca pensei em esperar.

— Pode ajudar? — Uma voz suave quase me mata de susto e eu olho para cima, atônita. O gentil sorriso de Rikke se desvanece. Ela se ajoelha ao meu lado antes que eu possa me levantar e distraí-la, voltar sua atenção para outro lugar. — O que foi, Adlisa?

Ela vislumbra as pequeninas flores brancas e as pupilas de seus olhos cinzentos se dilatam como se ela tivesse ingerido uma dose de beladona. E vejo que ela *sabe* o que é, como ninguém nessa cidade deveria saber. Meu coração dispara, então ela se põe de pé lentamente, os joelhos estalando e rangendo, seu cabelo branco erguido pela brisa que parece ter começado apenas para nós. Ela se certifica de que os pedúnculos da filipêndula cubram as flores incipientes, então, me oferece a mão e repete:

— Pode ajudar?

Aceno com a cabeça e me ergo alvoroçada.

— Outro par de mãos no novo vestido de Nossa Senhora fará o trabalho andar mais rápido. A seguir, pode ajudar com o jantar, se quiser — ela diz. Enquanto seguimos em direção à porta da cozinha, ela baixa a voz e acrescenta: — Tome cuidado, Adlisa.

E fico a pensar nela. Não pode ter nascido aqui, reconhecendo uma planta que não é vista nesta área há centenas de anos. Talvez eu me

lembre de ela ter chegado aqui há alguns anos e o Intendente afirmar que ela era sua prima? Nossos visitantes são poucos e bastante ocasionais, ninguém chega sem ser convidado. Será que ela dirá a Oswain o que viu?

Na biblioteca, no terceiro andar, há muitos livros de estratégia e filosofia, bastante gastos, as páginas marcadas, anotações feitas nas margens, todas pela mão do Senhor. Após as primeiras semanas como filha-do-dia, me instalei na mesa oposta à da janela arqueada, aquela que tem vista para o outro lado do vale, e empilhei tomos à minha frente, onde o Senhor poderia me achar. Ele ergueu as sobrancelhas e perguntou se eu entendi o que estava lendo; foi a primeira vez que ele mostrou qualquer interesse em mim além de um polido “Boa tarde, Adlisa” e “Boa noite, Adlisa”, além de querer agradar Sua Senhora.

— Alguns deles, os de estratégia, em sua maioria. Até agora, gostei de *A Arte da Guerra*, de Deor. Os de filosofia, porém, estão além de minha capacidade. — Dei de ombros, com os dedos descansando sobre a capa de *Filosofias e Costumes*, de Angelic Bergevilde. Ele me perguntou sobre Deor, tentando me fazer vacilar, mas eu havia estudado o livro mais de uma vez. Meu pai tinha uma cópia velha e esfarrapada, herdada de um avô que nunca conheci; eu o li da primeira até a última página e então mais uma vez. Gostei particularmente do modo como ele fala sobre infiltrar-se no campo inimigo, semeando confiança de modo a colher vingança; como fazer seu adversário esperar uma mão amiga no escuro, mas encontrar apenas o aço frio. Ah, eu conheço Deor muito bem.

Esta noite, discutimos *Táticas Militares*, de Leofgod, e o Senhor entrega a idade — o livro tem no mínimo trezentos anos e já era antigo antes do próprio Senhor se tornar o que é. Ele é de uma geração que acredita que as batalhas se ganham em campos regados com sangue e repletos de homens prestes a se tornar cadáveres, com armas que refletem o sol, enquanto música monumental é providenciada por tocadores de tambor e os corneteiros espessam o ar. Que a terra deve ser

ganha e perdida várias vezes antes de um vencedor ser declarado. Que toda guerra deve se dar a céu aberto, franca e honesta. Os conselhos de Deor haviam lhe passado em branco; ele os leu, mas os considera... não cavalheirescos e, sendo assim, deixou que eles lhe escapassem como pensamentos fugidios.

Debatemos os relativos méritos dos táticos e não o deixo vencer. Discutimos até um empate e ele se recosta em sua poltrona com um ar satisfeito. Ele me vê, enfim, como algo além de uma efêmera filha-dodia, uma criatura cuja expectativa de vida é determinada inteiramente por quanto tempo Nossa Senhora permanece obcecada por mim. Eu sorrio reluzentemente, pensando apenas que ele é um daqueles homens que nunca tiveram que ir à guerra e não tem como saber que a estratégia sobrevive apenas enquanto não há contato com o inimigo.

Ele me oferece o braço ao irmos jantar e penso, tolamente, o quanto Minha Senhora ficará satisfeita quando vir que, enfim, somos amigos, pois ela passou tanto tempo tentando encorajá-lo a prestar atenção em mim.

— Estão atrasados — ela ralha quando adentramos a sala de jantar. As lagares, as mesmas que testemunharam minha primeira refeição triunfante aqui, cobrem seus sorrisos afetados com as mãos erguidas. Posso ver as pequenas cicatrizes ao redor de seus pulsos, estigmas como braceletes.

— Minhas desculpas, meu amor — diz o Senhor suavemente —, nossa filha e eu nos perdemos no calor de nosso intercurso intelectual.

Os cabelos em minha nuca se eriçam em posição de sentido enquanto ele me leva até meu assento, antes de tomar seu próprio lugar na cabeceira da mesa. Minha Senhora me lança um olhar perfurante do outro lado do candelabro de prata filigranada; ela parece mais magra, mais branca, não muito bem. Seus olhos refletem as pontas das chamas e reluzem vermelhos. Meu Senhor estende o braço e toca minha mão; eu a retiro sem pensar. Temo que seja tarde demais para apaziguar Minha Senhora, pois algo se iniciou aqui sem que eu tivesse previsto. Tão

presunçosa eu vinha sendo que me esqueci de que *uma estratégia sobrevive apenas enquanto não há contato com o inimigo*. Eu agora vejo que fui meramente um rato balançado por ela em frente ao gato para atormentá-lo — e não para fazer amizade com ele.

— Seu cabelo — começa ela — está medonho, Adlisa. Todo adereçado e empomado como o de uma meretriz.

Não interessa que o penteado seja um que ela mesma me pediu para usar.

— E sua pele parece... dourada — diz ela com aversão. — Esteve lá fora sem o seu xale.

Não estive. Minha palidez anêmica é a mesma de sempre.

— E esse vestido é feio. A cor não lhe cai bem, faz você parecer biliosa. — Que o vestido tenha sido um presente especial dado por ela parece não ter importância, visto que ela vai se entusiasmando com o tema. Eu sou preguiçosa e morosa, egoísta e desleixada com minha pessoa, ignorante e ingrata e não a amo de verdade.

Meu Senhor não diz nada, meramente sorrindo astuciosamente e se afixando ao pulso de sua garota gorda desta noite — eles têm favoritas, ele e a Senhora. Notei que não dividem, não trocam; sempre as mesmas sete garotas de cada um, na mesma ordem, toda semana. Ele nos observa por sobre a barreira da rósea carne porcina e eu repenso minha opinião sobre ele. Talvez ele não tenha descartado peremptoriamente todas as lições de Deor.

Respondê-la, tentar me defender, de nada vai adiantar. Minha única escolha é irromper em lágrimas, que eu invoco ao pensar em minhas irmãs perdidas. Meu Senhor, derrotado pelo choro de uma mulher — nossa arma mais certa contra a qual homem algum tem defesa — asseadamente termina sua refeição e deixa a sala. Longe de sua presença e chocada por meu pranto, Nossa Senhora está contrita, terna, maternal.

— Ah, Adlisa, venha cá — ela exclama, recuando sua cadeira para que eu possa me sentar aos seus pés, com minha cabeça em seu colo. Ela acaricia meu cabelo. — Sinto muito, minha querida... sou uma mãe

terrível. Uma pessoa terrível. Como posso dizer tais coisas, coisas tão cruéis?

— Não, não, Mãe, a senhora é a mais gentil e mais amável das mulheres. Dou graças todos os dias por a senhora ter me escolhido — afirmo, as palavras apunhalando minha garganta. — Não foi minha intenção desagradá-la, apenas achei que ficaria feliz, vendo o Pai e eu como amigos.

Ela desliza para o chão, suas saias de seda cor de damasco se espalhando ao redor dela, e ela segura meu rosto junto ao seu. Enquanto fala, capto o ranço de sangue velho vazando de seu estômago. Ela ainda não se alimentou, está mais pálida do que de costume e teria um cheiro diferente caso já tivesse, mais carnosos, mais úmido.

— Não deve confiar nele, Adlisa. Não deve. Esse foi o erro que as outras cometeram, pensando que ele era inofensivo, um pai gentil. Mas, se confiar nele, ele vai... então, eu vou... — Ela não conclui o raciocínio, mas me balança para frente e para trás como se eu fosse uma criança e não quase uma mulher-feita. Ela emite gemidos baixinhos que fazem a pele da minha coluna se arrepiar e se contrair. No fim, eu gentilmente me afasto e chamo a lagar que não foi sugada.

— Nossa Senhora tem sede. Nossa Senhora tem fome. Minha Mãe deve ser alimentada — digo e há uma admiração rancorosa nos olhos da moça, ao ver que me salvei pelo menos por esta noite. Ela se aproxima e o cheiro exalado por sua pele é tênue, mas consigo detectá-lo porque estou procurando por ele. Ela oferece seu pulso e Nossa Senhora o morde como se estivesse famélica.

Eu fico até ela estar saciada e o vaso de beber ter quase desmaiado. Nossa Senhora, a despeito da saciedade, não parece mais forte. Eu a ajudo a se levantar e a levo para se deitar no *chaise* em seu solário, no qual ela recai em um sono inquieto, até um determinado momento em que Rikke ou uma das criadas inferiores virá acordá-la e escoltá-la pela escadaria noturna antes de o dia alvorecer.

— Há um visitante para vê-lo esta tarde, Meu Senhor. Acredito que ele tenha se correspondido com vossa gentil pessoa. — O tom do Intendente diz precisamente o que ele pensa do visitante, um homem louro, por volta de seus quarenta e tantos anos, vaidoso, posso dizer, pois usa maquiagem, como fazem as mulheres, para tentar preencher os sulcos que o tempo deixou em seu rosto. Eu o observei da cozinha, clandestinamente, enquanto ajudava Rikke a preparar a refeição da tarde.

Algumas das filhas-do-dia, ela me disse, haviam se recusado terminantemente a assumir tais tarefas, agindo como se fossem damas de porcelana de nascença e não louças de barro promovidas temporariamente, mas eu sempre mostrei disposição em auxiliar nas refeições de toda a casa, me propondo a temperar eu mesma os gordurosos e carnudos cozidos e assados para as lagares.

O som de algo se quebrando desviou minha atenção do visitante — Rikke, parada atrás de mim, os olhos arregalados, a expressão de descrença. Quando perguntei o que havia de errado, ela se vergou para catar os cacos da jarra de terracota e balançou a cabeça.

— Achei... — começou ela e balançou a cabeça outra vez, invocando um sorriso — Achei que o conhecia, de muito tempo atrás. Mas não seria possível, não é, ele estando inalterado?

Demos uma à outra um sorriso trêmulo. Não vivemos nós à sombra do inalterado?

O homem era muito belo, seus olhos terrivelmente azuis enquanto observava o lento giro do Olhar do Intendente sobre o peito de Oswain, mas faltando-lhe calor, frio como são frias as profundezas da safira, seus lábios eram muito cheios, passados do ponto, e eu não confiei em sua boca. Tudo que ele é reside ali, em sua petulância, sua ganância, sua constituição de necessidade. Não creio que seja amigo do Senhor, mas sim alguém que deseja algo... e que se ressentir por ter que pedi-lo. Ele não enverga bem o manto de suplicante. Oswain concede a ele um quarto de hóspedes, pois estamos agora no inverno e o Senhor tem se

levantado tarde — a Senhora ainda mais — e o deixa ali até que alguém vá levá-lo até a biblioteca para uma audiência.

Não ouvi Meu Senhor entrar no escritório do Intendente, mas, até aí, é raro que alguém ouça qualquer um deles caso assim não o desejem — embora a Senhora tenha se tornado mais lenta, de passos mais pesados ultimamente, ainda era capaz de lançar vasos e armaduras ao chão com estardalhaço sem o menor dos esforços. Lorde Edward está defronte à grande mesa à qual senta-se Oswain, curvado sobre um de seus livros contábeis, enquanto eu coloco uma pilha de faturas em sua devida ordem em uma mesa menor, num dos cantos. Eu o tenho evitado, esta estranha figura paterna, desde aquela noite em que meu intrincado planejamento pareceu ter se desencaminhado, quando meus passos pareceram ter deixado o caminho certo no qual eu vinha tão cuidadosamente me mantendo, e eu não conseguia adivinhar o *porquê* disso.

A biblioteca, à noite, vinha sendo área proibida por meus próprios desígnios e a cada fim de tarde eu aguardo no solário da Senhora até que ela surja, então, a amparo até a sala de jantar. Ela está mais fraca e mais desorientada logo após acordar, por isso, quando a acomodo em segurança em seu lugar, pego uma pequena faca afiada e punciono as veias de sua lagar, deixando a espessa iguaria vermelha gotejar em uma taça de cristal. Ainda está morno e com um eco de vida vibrando por ele, o bastante para dar a ela alguma força, mas é preciso ser ligeira, pois as batidas do coração cessam rapidamente. Seu misterioso padecimento deixou-a impotente demais para se alimentar direto da fonte antes de ter provado um pequeno bocado para energizá-la, para lembrá-la de que é pelo clarete que ela anseia. E, enquanto eu presto este serviço, Nosso Senhor me fita com descontentamento, mas nada diz; seu humor se deteriorou com a saúde de Nossa Senhora. Ele não se dirige mais a mim diretamente, mas me segue com um olhar que se ensimesma e promete punição.

Por enquanto, contudo, não sou de interesse algum para ele e Nosso Senhor fita o Intendente com um olhar perfurante, ignorando a menção ao convidado, e lança um polegar às suas costas como se para indicar as fileiras de cestas cobertas na sala.

— E o que é tudo *isso*, Oswain?

— Meu Senhor, houve um desmoronamento na mina; três famílias perderam filhos e pais. Tomei a liberdade de reunir estes suprimentos para ajudar na sobrevivência das proles até que os planos para novos maridos possam ser arrançados. Mais de uma mulher teve seu marido levado pela rocha negra da montanha, casando-se novamente poucos dias depois para garantir que nenhuma viúva empobrecida deteriore nossas ruas.

— O senhor as mima, Oswain! Não acha que elas são capazes de cuidar de si mesmas sem sua atenção constante? — A insinuação é maldosa, mesquinha e consigo ver o Intendente se retesar. Seus lábios se crispam, empalidecem.

— Meu Senhor, eu e os meus mantivemos seu *gado* vivo, saudável e contente no intento de manter o Senhor e Vossa Senhora contentes, saudáveis e... vivos. — Ele gagueja, só um pouco, em cada palavra. — Poucas coisas perturbariam mais sua agradável existência do que uma população malcuidada, mas se deseja realmente que eu mude o cumprimento de meu dever, então, a escolha é do Senhor.

O tom do Intendente é acerado e eu prendo a respiração, temerosa — me afeiçãoi a ele nesses últimos meses. Ele é severo, mas gentil, e nunca o vi cometer um ato de crueldade. O momento se expande, raspando meus nervos como a lâmina de uma faca sobre ligamentos. Então, o Senhor sorri deploravelmente.

— Oswain, velho amigo, o senhor está correto. Mas tome cuidado para não se exceder.

— Tenho sempre o seu bem-estar em mente, Meu Senhor. — Oswain inclina sua cabeça, com alívio palpável. Percebo que o Senhor, também,

não desejava um confronto. Não queria forçar-se contra um limite, uma barreira que poderia rachar e romper muito facilmente.

— Adicione às cestas algumas garrafas de tokay da adega, quantas pudermos dispor. E mande o visitante para a biblioteca. Não haverá jantar formal esta noite, então, certifique-se de que ele seja alimentado em seu quarto.

Oswain ergue uma sobrancelha.

— Meu Senhor?

— Esta noite, Minha Senhora e eu vamos caçar — diz ele, sorrindo e erguendo sua mão para obstar os protestos do Intendente. — Nada tema, Oswain, tomaremos a carruagem e iremos para além dos limites de nossas terras. Nenhum de seus protegidos será ferido.

Oswain assente lentamente.

— Certifique-se de escolher uma fazenda isolada, para que ninguém possa soar um alarme. Não deixe traços do senhor, nem de sua... refeição.

— Eu me recordo de como caçar, Oswain, embora já faça eras — ele baixa o tom de voz. — Temo por Minha Senhora, Marcella. Espero que esta... excursão... ajude a curá-la. Talvez estejamos sedentários há tempo demais, satisfeitos há tempo demais em sermos alimentados; nós nos esquecemos de como é importante tomar uma presa. — Seus olhos brilham e, por um momento ele parece algo feral, perigoso, lutando contra as restrições que impôs a si mesmo. Então, seu rosto relaxa e o momento passa.

Mas não consigo esquecer aquela expressão, mesmo quando ele sorri para mim, aparentemente uma vez mais o pai amoroso que havia se permitido um debate de mentira comigo, testando-me e vendo-se satisfeito. Ele dá as costas e sai. Após intermináveis segundos, Oswain se levanta e fecha a porta. Consigo ver uma fina camada de suor em sua careca.

— Por que o senhor os serve? — pergunto, as palavras saindo antes que eu possa pensar melhor nelas. Por um instante, duvido que ele vá

responder.

— Porque sem eles haverá um vácuo e um vácuo precisa ser preenchido. E nunca se sabe se o que há de vir pode ser pior do que este par. — Ele esconde o rosto nas mãos. — Eu faço o que posso, assim como fez meu pai e o pai dele. Isto é um *negócio* do qual depende uma cidade inteira e, enquanto eu permanecer astuto e cuidadoso, nós sobreviveremos.

— Por que Dimity? — indago eu. Isso já vem me incomodando há muito tempo e ele parece disposto a conversar. — Ela não se parece com Nossa Senhora.

Ele balança a cabeça.

— Não. Porém, ela parece um pouco com Nosso Senhor. Mas foi por... achei que isso poderia preservar uma vida. Ela não seria de muito interesse a Nossa Senhora e, conseqüentemente, nem a Nosso Senhor. Ela teria simplesmente deslizado para a criadagem doméstica ou se tornado uma lagar... qualquer coisa é melhor do que eu ter que entregar outro corpo vazio a pais que tinham esperanças maiores para sua filha.

Eu não havia pensado nisso dessa forma, não pensei que a escolha por Dimity pudesse ter sido calculada. O Intendente Oswain é um bom homem fazendo o melhor que pode sob um fardo pesadíssimo. Eu o respeito e lhe tenho compaixão. Houve o dia em que pensei em me vingar dele, por ter sido quem escolheu minhas irmãs. Mas agora, vendo o quanto ele se condói... não posso erguer minha mão contra ele.

— O que há de errado com Nossa Senhora? — pergunto.

Ele dá de ombros.

— Eles são *velhos*, Adlisa. Nada deveria viver tanto tempo assim. Talvez seja simplesmente a morte os alcançando.

— E há outros da espécie deles?

Novamente, ele dá de ombros.

— Em algum lugar, creio eu, mas não soube de nenhum durante toda a minha vida. Meu avô disse que o homem que os gerou não era como eles, não era a mesma coisa na qual ele os transformou. Ele... aquilo... os

amaldiçoou e roubou a filha deles. Eles têm sido imutáveis há tantos séculos, mas quem sabe a maldição esteja chegando ao fim e, assim sendo, também suas vidas? — Novamente, ele esfrega o rosto com as mãos, o som da pele contra a barba rala é alto.

— Eles nunca foram maus regentes, Adlisa. Se despender sabiamente seu tempo na biblioteca, saberá disso. E, como são agora, não são nem de longe tão maus quanto poderiam. O tempo os tornou estranhos.

O silêncio cai e reina, rompido apenas pelo tique-taque do relógio na mesa, um objeto com um pássaro que pia as horas. Já penso que, se eu nada disser, ficaremos ali para sempre.

— Devo ir entregar as cestas?

— Não, eu organizo isso. A senhorita pode ir buscar o hóspede e levá-lo até a biblioteca. Depois disso, creio que pode ser melhor que se recolha ao seu quarto, esta noite.

Passo pela cozinha e, da pequena caixa de madeira que ocultei por trás dos sacos de batata, tiro três dentes de alho. Eu os esmago rapidamente contra os tijolos da lareira enquanto ninguém está olhando e jogo os fragmentos de alho no espesso e carnoso caldo borbulhando sobre o fogo. O sabor será disfarçado pelo do alho-porró, da cebolinha e das cebolas já misturados a ele. Esfrego as mãos cuidadosamente na pia de pedra com sabão de lixívia, então, derramo um pouco do sumo de limão para limpeza que Rikke mantém ali, para quando precisa preparar peixe e tem que se livrar do cheiro.

O hóspede foi instalado em um quarto a três portas do meu, com uma elaborada decoração em verde, dourado e bronze. Quando bato, ele demora a responder, então me faz esperar após eu dizer a ele porque estou ali — embora ele com certeza deva saber —, mas não se apressa ao vestir sua sobrecasaca aparentemente nova em folha, com seus intrincados botões esmaltados, mostrando as rendas dos punhos de sua camisa para que elas possam ser vistas e admiradas. Ele joga o cabelo para lá e para cá, em frente ao grande e espalhafatoso espelho de

cloisonné sobre a lareira, vaidoso como uma mulher, como se tamanho rebuliço fosse ajudar em sua causa.

Ele não incita conversa alguma comigo, mas posso sentir seus olhos cravados nas minhas costas enquanto o guio pelos corredores, pelas escadas abaixo, por cômodos menores, até que, enfim, chegamos à biblioteca.

— Obrigado, Adlisa — diz Meu Senhor quando apresento seu convidado. Ele agarra meu braço sem parecer me ameaçar de qualquer violência, acaricia meu rosto e meus cachos. Não é uma atitude de pai e me causa medo, como se eu estivesse sendo atraída para algo do qual não posso escapar, um redemoinho, uma onda que vai me afogar. Na medida em que sua esposa definha, ele se torna mais predatório. Enquanto ela cede, ele luta contra seja lá o que esteja acontecendo. Ele me solta como se estivesse me largando do alto de algum lugar.

— Pode ir.

— Bela moça — ouço o homem louro dizer enquanto fecho a porta.
— Ela me lembra muito minha irmã...

Esperei até ouvir a carruagem chacoalhar na distância; o Senhor e a Senhora estariam fora por horas. Esperei até que a casa se aquietasse, com a criadagem aproveitando a rara oportunidade de ir descansar mais cedo do que era seu costume. Quando tudo está silencioso, me esgueiro para fora de meu quarto e percorro o corredor na ponta dos pés, passando cuidadosamente pelo quarto de hóspedes, então descendo um lance de escadas e depois outro. Percorro um longo patamar; a porta que busco está no outro lado dele e experimento a maçaneta. Encontro-a destrancada, pressiono meu ouvido contra a madeira grossa e escuto atentamente, então a empurro para abri-la, tão silenciosamente quanto posso.

Ouve-se uma fungada, então um bufo, um satisfeito ruído dos adormecidos, vindo da grande cama debaixo da janela. Sob a luz da lua de inverno, a figura afilada do Intendente está enroscada junto à

redondeza nua de Rikke. Então, não são primos. No baú de gavetas ao lado da porta, junto a mim, está o reluzente olho do Olhar do Intendente e, ao lado dele, a grande pilha dourada de *châtelaine* e as chaves, largadas tão descuidadamente durante a noite, enquanto ele as guarda com tanto cuidado durante as horas do dia. O frio irradia delas quando as agarro firmemente.

Oswain dá uma bufada tremenda, que bem poderia acordar a casa toda. Eu congelo, desejando estar invisível, e espero para ver se ele desperta. Ele se aquieta em fôlegos e suspiros superficiais e eu escapulo dali. Quicando com os nervos nas pontas de meus pés descalços, segurando a *châtelaine* com as duas mãos para que ele não chacoalhe e não me denuncie, chispo pelos finos tapetes que cobrem o corredor de ponta a ponta; eles abafam os sons de minha passagem. Estou tão exaltada, atentando tão intensamente a casa silenciosa, que quase passo de meu destino.

Destranco o escritório e entro. O cômodo está escuro, com exceção do fraco borralho das brasas aterradas, mas essas semanas como filha em uma casa que se aviva durante a noite tornaram meus olhos sensíveis à escuridão, como se eu houvesse me transformado em um gato. Lá está: a porta negra, a porta trancada, a porta que leva para *baixo*.

Não tenho razão alguma para ir lá; é meramente uma curiosidade, tão quente e intensa quanto uma chama. Um desejo de ver o lugar onde minhas irmãs podem ter encontrado seu fim, onde eu posso encontrar o meu. Apanho um círio da gaveta superior na mesa maior, seguro-o junto do carvão brilhante e deixo o pavio acender. Ele reluz fracamente.

Cinco passos e a chave está deslizando para dentro da fechadura facilmente, então, a madeira estigiana é empurrada para revelar a escadaria noturna. Não há iluminação aqui. Os frios degraus de pedra sob meus pés descalços respondem com um *shhh* baixinho enquanto desço terra adentro. As paredes são escavadas com nichos mortuários, alguns contendo ossos mofados amontoados tristemente pelos cantos, outros com esqueletos intactos deitados de bruços e totalmente relaxados

em sua morte. Quando chego ao fundo, pisco e encaro a escuridão mais profunda.

Há dois esquifes de mármore vazios. Eu avanço na ponta dos pés, embora saiba que não há ninguém ali; meu pé pousa em algo frágil e quebradiço. Ouve-se um ténue estalido. Olho para baixo e vejo que pisei em uma boneca, envolta em tecido sépia e usando um barrete de rendas em estilo antigo. Eu me abaixo e a apanho, seguro-a perto de meu frágil círio e, ao olhar para seu rosto, descubro que na verdade é um bebê mumificado, de olhos vazios e faces afundadas, a boca voraz. Por debaixo do pano, consigo sentir o local em que quebrei uma de suas costelas. Olho em volta à procura de um lugar para escondê-lo e, enfim, noto a pilha — o monte — de outros iguais, todos vestidos tão delicadamente, em estilos de diferentes eras, todos tão mortos quanto o pó, todos com a mesma expressão.

Enterro com cuidado aquele que quebrei por entre seus companheiros e espero que Minha Senhora não procure por ele. Uma rápida inspeção do espaço não revela nada e estou prestes a voltar ao escritório do Intendente quando se faz um som de raspagem, de sapatos fazendo contato rápido com pedra. Estou congelada, incapaz de soprar o círio, de me esconder. De que isso adiantaria?

— Adlisa? — É a voz de Rikke, tesa de medo. Rikke, que tem sido tão gentil. Rikke, que guardou meu segredo. Rikke, que me perguntou se poderia reproduzir meu herbário, para que houvesse mais de uma cópia no mundo. A gentil Rikke, que me seguiu até este inferno. — Adlisa, o que está fazendo? Venha, precisa sair agora. Eles voltaram, eu ouvi a carruagem.

Subimos as escadas correndo. Minhas mãos tremem demais e ela tem que tomar a *châtelaine* de mim e trancar a porta escura, depois também o escritório. Ela desliza o pesado objeto dourado para dentro do bolso de seu roupão de lã marrom. Estamos esperando no vestíbulo quando as portas da frente se escancaram e o Senhor, com Nossa Senhora em seus braços, corre para dentro, os dois pálidos como a lua

do inverno, mas raiados de sangue. O olhar do Senhor é selvagem, os olhos da Senhora estão firmemente fechados.

— Beba isso. Nossa Senhora precisa de você — eu digo para a roliça lagar. Ela ainda está atordoada pela sonolência e não me questiona, apenas ergue o cálice que ponho em sua mão, engolindo o vinho tinto, sem comentar o gosto. Ah, abençoadas sejam essas moças gluttonas.

Não deixo que ela se vista, sob a pena de o Senhor achar que eu não a busquei com presteza suficiente, e a guio até os aposentos de Nossa Senhora. Enquanto caminho, posso sentir em meu bolso o peso do item que mantive escondido dentro do gordo colchão de minha cama desde que emprestei meu herbário a Rikke. Ele se choca contra minha coxa a cada passo, nada pesado, mas ainda assim, sólido. *Tap-tap-tap. Tap-tap-tap.*

No solário, Nossa Senhora está caída sobre o *chaise* aparentemente desfalecida, mas suas pálpebras tremulam quando ela ouve minha voz.

— Meu Senhor, aqui está a garota.

Ele, em toda a sua glória rajada de sangue, agarra o antebraço da lagar e a arrasta até sua esposa. Ele a força a se ajoelhar e pressiona o pulso dela contra a boca de Nossa Senhora. A moça do vinho dá um grito agudo de surpresa; essa foi a vez em que mais foi tratada com rudeza. A primeira vez que ela viu a verdadeira natureza do Senhor, que ele dominou por tantos, tantos anos. Nossa Senhora faz uma careta e vira o rosto, rebatendo o ar debilmente com suas mãos que se tornaram esqueléticas. O Senhor, ao ver isso, ergue o pulso da moça até sua própria boca e seus dentes — aqueles caninos os quais eles se deram tamanho trabalho para cuidadosamente esconder, falando com os lábios juntos, de modo que se pudesse ver apenas as mais sutis das pontas — aqueles dentes parecem se alongar, afiar, e ele rasga a carne da moça com eles. Novamente, ele oferece o membro à sua esposa e, dessa vez, ela abre a boca, atijada pelo forte aroma, aferrolhando-se a ele como uma sanguessuga.

Suas pálpebras se abrem, tremulando, os olhos arregalados quando ela me fita. Sua garganta convulsiona a cada gole, a cada engolida a carne de mármore ondulando dolorosamente. Me pergunto se ela sabe o que está acontecendo.

O Senhor, agora certo de que ela está bebendo, dá largas passadas pela sala.

— A caçada não foi bem? — pergunto baixinho e ele sibila para mim.

— Não, criança tola! Não foi. Encontramos uma fazenda, mas havia muita gente... nós não sabíamos. Houve o dia em que eu podia contar as pulsações desta cidade inteira, mas agora... eles saíram do nada e nós... nos tornamos vagarosos e preguiçosos, nos alimentando dessas vacas de veias finas e rabos gordos. — Seus movimentos são bruscos, desgraciosos; seu controle está se esvaindo. Ele anda para trás da lagar sonolenta e oferta um chute às suas nádegas largas, então muda de direção. Ele foi menos afetado que sua esposa; talvez os vasos dele não tenham bebido tão abundantemente ou não tenham comido tão avidamente daquilo que preparei para eles, ou talvez ele seja simplesmente mais forte. Mas agora seu rosto está mais fino e seu olhar, vazio, os olhos ligeiramente projetados, a pele ao redor do pescoço está mais flácida, talvez. — Vamos nos alimentar de vocês todas... isso fará bem a ela. Estão vendo? Estão vendo como ela está após se alimentar de um deles? Antes de eles despertarem e se voltarem contra nós, antes de um deles lançar um golpe sobre sua pobre cabeça. Estão vendo?

Ouvindo isso, nós duas nos viramos e olhamos para Nossa Senhora.

A lagar está deitada no chão, inconsciente; seu pulso, adornado de fitas vermelhas, pingando lentamente sobre o carpete enquanto nosso captor se desespera. Marcella, sua boca um buraco voraz, tentou muito, tentou terrivelmente obter toda a sustância de que precisa, mas o sangue das lagares agora já está maculado há semanas por alho e beladona, apenas pequenas quantidades em sua própria comida e seu vinho. Isso as torna terrivelmente sonolentas — embora as proteja de resfriados — e

foi se acumulando lentamente nelas e em Meu Senhor e Minha Senhora, cujas funções biológicas não mais funcionam, não tendo nem excretado, nem suado, nem vomitado o veneno. A dose extra que pus no vinho da moça antes de levá-la ali, enfim, teve o efeito desejado.

Fiquei a observar enquanto Minha Senhora enfraquecia, mais cansada. Acaricieei seu adorável cabelo enquanto ela se agarrava a mim como uma criança a uma boneca. Sussurrei promessas de que ela logo voltaria a ficar bem e que fosse forte. Disse que ela encontraria paz. Um ligeiro calafrio de culpa corre por mim até eu pensar em todos aqueles bebezinhos lá embaixo, na catacumba, todas aquelas pequenas criaturas secas privadas de vida e de todas as suas chances.

E agora... e agora, Minha Senhora Mãe está ali deitada, saciada, acabada. Diante de seus próprios olhos, sua pele se enrugou feito renda deixada perto demais do fogo. Seus cachos embranquecem mais rápido do que consigo pensar, então caem do crânio que vai encolhendo, conforme a verdadeira idade o alcança. O corpo sob seu glorioso vestido de noite cor de borgonha vai mirrando, tornando a roupa grande demais, uma concha volumosa para uma criatura murcha. Os olhos pálidos fitam seus arredores, se encolhem em pequeninas bolas de gude, a seguir desaparecem completamente e então... e então ela não é nada além de ossos quebradiços, poeira em um sofá de veludo, um vestido vazio e madeixas descartadas brilhando como ouro esquecido sob a luz cintilante das velas.

O Senhor corre em direção aos restos de sua esposa, para, estende bem as mãos, mas não a toca — não há nada, na verdade, para tocar. Seu uivo é como o de um lobo, só que pior, mais sombrio, mais profundo, mais escuro.

Eu recuo, embora saiba que deveria aproveitar este momento em que sua atenção está desviada de mim. Mas estou com tanto medo, tanto medo, que meu coração é uma coisa pesada em meu peito, com tanto medo que ele parece ter parado de bater; com tanto medo que eu me

atrapalho ao tirar a adaga de madeira do meu bolso e a derrubo no carpete entre nós.

Ela é tão fina e simples, nada que desperte interesse, nada de especial, de belo ou de elegante em seu feitio, mas é compacta o bastante para se esconder na lombada de meu herbário, sua lâmina amolada em um gume bem afiado; ela foi esculpida em espinheiro, um dos últimos de sua espécie e, agora, parece tão pequena e inadequada. Mas não posso hesitar, não posso falhar. Se eu não extinguir essa criatura, então nossa cidade inteira sofrerá; todas as vidas mudarão e não para melhor.

Caio sobre mim mesma para pegá-la, me arrastando com as mãos e os joelhos, meus dedos tocando, agarrando a haste, no exato momento em que o Senhor se vira e me vê. No mais breve dos momentos, ele sabe, ele entende que de alguma forma tudo isso é obra minha, a víbora no ninho de víboras. Sua expressão é um vórtice espiralante de choque, amargo divertimento, fúria e ódio. Ele se move, rápido, tão rápido, sua mão direita se estreitando em si mesma, todas as unhas se tornando garras e se juntando como a ponta de uma lança. Ele recua o braço e então atravessa meu peito com sua ponta, até meu coração. Só tenho tempo de pegar minha adaga, minha minúscula adaga, erguendo-a e atravessando a pele e a carne de seu pescoço. O corte em si não pode ser mortal, mas a substância da faca... ah, nela reside a *cessação*.

Não consigo olhar para ele, pois há sangue se derramando sobre mim, em meus olhos, em minha boca, em meu peito ferido, então há uma chuva de pó de sepultura. O tapete sob mim é felpudo e macio enquanto dou meus últimos suspiros. Há o som de passos correndo e portas se abrindo e fechando, mas tudo está emudecido para mim. Não estou fria e sim quente quando a morte me estende a mão.

Mas não me importo. Não me importo de morrer com todo o meu dever cumprido.

Penso ver faróis à minha frente, minhas irmãs queimando diante de mim, April e Sophie, sorrindo. Penso ver todas as outras garotas, as

filhas-do-dia que vieram e se foram, na grande somatória total dos anos. Eu as vejo todas, embora não saiba seus nomes.

Então, a escuridão cai, elas somem de minhas vistas e não vejo mais nada.

Eu não esperava acordar e quando percebo *porque* acordei, quero chorar. A escuridão me cobre feito um cobertor, mas consigo ver através dela como se aqui embaixo se fizesse a mais pura luz do dia. Minha garganta está dolorida e minha boca, seca. Meu peito dói onde foi perfurado, mas quando ponho minha mão no local dilacerado, apalpando por baixo dos rasgos esfarrapados do tecido de meu vestido, não acho perfurações, nenhuma fenda em meu torso, apenas a pele suave e fria.

Um tênue brilho chama minha atenção, oscilando enquanto desce lentamente a escadaria noturna. Estou na catacumba. Estou deitada em um leito de mármore.

O rosto gentil de Oswain se assoma sobre mim; ao lado dele está Rikke, seus olhos tristes e prateados sob a estranha luz. Eles parecem relutantes em falar. Oswain me oferece a mão e me ajuda a sentar. Consigo farejar os dois; eles estão *quentes* e cheios de vida. Eu afasto esse pensamento, com a fome zumbindo detestavelmente em minha cabeça.

— O sangue — digo — O sangue dele?

Oswain assente.

— Entrou em seus ferimentos. Curou-a de dentro para fora. A transformou.

Olho ao redor da cripta para não precisar ver a pena nos olhos deles. Meu olhar vem a repousar sobre o monte de crianças mumificadas.

— Os bebês? — pergunto. O Intendente desvia o olhar, piscando. Rikke o perscruta, talvez pensando que seja ele quem deve contar a própria história, mas quando ele abre e fecha a boca uma, duas vezes, e nenhuma palavra sai, ela explica.

— O Senhor e a Senhora faziam jogos um com o outro... sendo como eram, por todo esse tempo, qualquer um começaria a odiar o outro. O Senhor tolerava a obsessão de sua esposa até um certo limite. Quanto mais Nossa Senhora se afeiçoava às filhas-do-dia, mais perverso ficava o Senhor. Ele começava a cortejar as moças até finalmente se deitar com elas. As que ficavam grávidas acreditavam estar a salvo... ele dizia que as amava, que queria apenas elas, que Sua Senhora estava velha e ressequida. — Ela respira fundo, olha para Oswain, que agora soluça baixinho, seus ombros tremendo.

— Mas, conforme iam crescendo, conforme ficava clara a evidência do que havia sido feito, a Senhora se via traída e via seu amor diminuindo; suas filhas haviam falhado com ela. Quando elas davam à luz, ela lhes tirava os filhos e o Senhor... o Senhor lidava com as filhas-do-dia. A Senhora achava os bebês adoráveis por um tempo, mas eles choravam, como todo bebê, então ela os considerava incômodos demais. Com o tempo, ela cessava o choro deles do único modo que sabia, mas ainda não queria separar-se deles, então os mantinha aqui.

Ficamos em silêncio durante um tempo. Me pergunto qual das pequeninas bonecas pertencia a April. Sophie não esteve aqui por tempo suficiente. Eu tenho um pequenino sobrinho ou sobrinha, jogado ali entre os mortos.

— Devia me matar, Oswain — eu digo gentilmente. — Não quero viver desse modo. Mesmo agora consigo farejá-los, farejar seu sangue. Me matem e não vou resistir. Há dentes de alho o suficiente debaixo da filipêndula. E minha faca... onde está minha faca?

— Adlisa, nós somos uma cidade de muitas almas. Lembra-se de quando falei com a senhorita sobre vácuos? Quem acha que iria preencher o que a senhorita criou? Hmmm? — Noto que ele não me respondeu sobre a adaga de espinheiro.

— O senhor poderia preenchê-lo. O senhor é sábio e gentil — digo, estendendo meus braços por sobre minha cabeça, esperando estar rígida e dolorida, mas percebendo que meus membros frios estão

estranhamente flexíveis, maleáveis, embora minha carne seja de mármore. Ele balança a cabeça. — Meu poder deriva apenas de ser o representante da mansão senhorial. Sem um Senhor e uma Senhora, não há figura de proa, nenhum senso de autoridade superior. A senhorita criou esta situação. Adlisa, a senhorita precisa consertá-la.

Pisco com força, pensando que, se fechar meus olhos por tempo suficiente, tudo vai desaparecer. Então, uma ideia.

— O visitante? O suplicante de Nosso Senhor?

A mão de Oswain se posta onde geralmente pende o Olhar do Intendente e eu, enfim, noto a ausência da joia. Seus dedos se contraem, feito uma aranha, procurando um membro fantasma. Ele não precisa me dizer que, no caos que provoquei, o convidado esgueirou-se até o quarto do Intendente, assim como eu havia feito mais cedo, e que a pedra agora está muito distante de Caulder. Rikke olha para seus pés, então em meus olhos. — Tem que se alimentar, Adlisa. Uma das lagares?

— Terá que achar uma nova. Dei a todas elas alho e beladona.

Oswain assente.

— Estava me perguntando o que a senhorita havia feito. Sua menina astuta e terrível.

— Eu não quero viver assim — repito, minha voz fenece e me pergunto se agora que sou *assim* ainda consigo chorar. Ou são meramente os ecos da pena que uma coisa morta sente por si mesma? Eu poderia andar até o sol ou o sono que chega com a luz do dia é muito profundo? Ou será que estou simplesmente começando a sentir o que o Senhor e a Senhora sentiram por tanto tempo: um desespero de se agarrar à vida? Uma recusa, uma negação da verdadeira morte, um apego determinado a algum tipo de existência.

— Adlisa, nós vamos achar uma cura — diz Rikke, e Oswain dá a ela um olhar de advertência. Eu sei o que ele está pensando: *A moça está morta, não faça promessas falsas a ela*. Rikke o ignora. — Há uma grande biblioteca longe daqui, em Cwen's Reach, um repositório como poucos podem imaginar. As mulheres de São Floriano reúnem livros

raros e arcanos, os copiam para assegurar que o conhecimento nunca desapareça deste mundo. Vou escrever para minhas irmãs, algumas se lembrarão de quando estive lá. Você ainda tem esperanças.

Sua voz é tão sincera, tão cheia de fé, que me faz querer acreditar nela. Me faz querer acreditar nela do mesmo jeito que crianças acreditam nos contos de fadas que ouvem junto aos joelhos de suas mães. E vejo como as coisas serão para mim por alguns anos, ouvindo as histórias que ela me conta desse lugar, de sua época lá, de como chegou e porque foi embora, de como a resposta para minha *desventurada condição* está ali, e como, um dia, nós a encontraremos.

Até lá, minha vida será escuridão e sangue.

[40](#). Corrente adornada, usada ao redor da cintura, na qual se prendiam um ou vários objetos, incluindo chaves. - N. da T.

UMA LUZ QUE VEM DO NORTE

Gwyneth Jones

Gwyneth Jones é autora e crítica de ficção científica e fantasia, além de escritora de ficção para adolescentes sob o pseudônimo “Ann Halam”. Entre suas obras recentes estão *The Grasshopper’s Child*, sexto livro da série *Bold as Love*, e os romances para jovens adultos *Siberia* e *Snakehead*.

Seus contos foram reunidos em *Seven Tales and a Fable*, *Grazing the Long Acre*, *The Buonarotti Quartet* e *The Universe of Things*. Ela é vencedora de dois prêmios World Fantasy e também recebeu os prêmios James Tiptree Jr., Arthur C. Clarke, Philip K. Dick e o SFRA Pilgrim pelo Conjunto da Obra de suas críticas de ficção científica.

“Talvez todo escritor de fantasia tenha uma história de vampiro na cabeça”, diz Jones. “Essa é minha segunda incursão. Meu romance de vampiros para adolescentes (*The Fear Man*) recebeu o prêmio Children of the Night, da Dracula Society, em 1995; mas essa era uma versão pró-vampiro, na qual os filhos da noite eram estranhos entre nós e alguns deles eram ao menos capazes de virtudes.”

“*Uma Luz que vem do Norte* adota uma visão mais dura. É uma espécie de versão moderna de *Carmilla*, a história de J. Sheridan Le Fanu (note a coincidência nos nomes) e trata do vampiro como turista e o turista como vampiro. Creio que haja muito a ser dito em favor dessa analogia. Mas, por experiência própria, estou convencida de que há senhorias de pousadas (na

ilha verde de Erin e em outros lugares!) que seriam páreo para qualquer um desses sofisticados mortos-vivos sanguessugas.”

“Pobre Camilla! A redenção é um destino tão humilhante.”

A VIDA DE UM VIAJANTE DESPREOCUPADO é cheia de noites como essa. Você tem o dinheiro, você tem a beleza, você tem o estilo; você tem até aquilo que se costumava chamar de *cartas de apresentação*, nos velhos tempos. Porém, você ainda se vê serpenteando pelas pistas perturbadoramente estreitas, o pálido pasto verde de ambos os lados, um voluptuoso pôr do sol acima de sua cabeça e nenhum lugar para passar a noite. A grama, crescendo em uma rija tira moicana ao longo do centro do asfalto, confessa que esta é uma rota usada apenas por aqueles tratores encolerizantes, arrotando fuligem de seus altos chassis. A equipe de recepção da pequena pousada, singular e artificialmente antiquada (mas surpreendentemente cara) que havia acabado de recusá-lo — com a ofensiva soberba de um alojamento lotado na alta estação — obviamente enviou você em uma busca inútil.

Nunca mais!, você diz a si mesmo.

Mas a sedução da estrada desimpedida vai prevalecer. A sede pela jornada.

— Meu Deus, é aqui — murmurou Camilla.

A casa se encontrava quadrangular e um tanto sinistra em sua vultuosidade de pedras amarelas, na porção superior de um daqueles infundáveis pastos abundantes. Não havia sinal de um jardim, exceto pelo mata-cães bizarramente suburbano da cerca viva de ciprestes. O portão na estrada anunciava os serviços de JONAS O'DRISCOLL, EMPREITEIRO. E também, TEMOS VAGAS. Mas TEMOS VAGAS não é algo confiável.

— *Deve* ser tranquilo — disse Sheridan, analisando as redondezas e se agradando do isolamento. — É grande pra caralho pra uma pensão. Surreal!

— Não mesmo — ela o corrigiu. Camilla era sempre sábia quanto aos costumes locais. — A tradicional indústria rural irlandesa necessita de dormitórios. A única colheita que prospera neste país é a de bebês.

Gerá-los pra imigração, enviá-los pra fora e aguardar ansiosamente por uma aposentadoria confortável com os rendimentos deles.

— Quanta frieza a sua, hein?

Ela riu.

— Eu gosto. Demonstra uma sutil brutalidade. Crianças como empreendimento comercial, por que não? — Ela mesma não tinha filhos.

— Traga-me camponesas descalças de juba crespa — resmungou Sheridan. — Tragam-me um chalé fedorento com um porco olhando pela...

A distinta anfitriã estava na porta, uma jovem de opacos cabelos castanho-claros, curtos feito os de um menino, seu traseiro largo envolvido por um jeans masculino azul escuro; faces róseas, olhos castanhos, redondos e inocentes, e um gracioso nariz porcino arrebitado. Os turistas abafaram seus risinhos quando ela lhes deu as boas-vindas em um austero corredor ladrilhado, com uma enorme cômoda de pinho envernizada e um cesto de pinho envernizado para guarda-chuvas. Nas paredes, placas com as regras da pousada inscritas em pirografia (ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES; QUARTOS TÊM QUE SER DESOCUPADOS etc.). Aquecedores de cama em miniatura, panos de prato decorativos, burros de porcelana em uma prateleira de quinquilharias, tudo excruciantemente novo. Os viajantes olharam um para o outro e suspiraram. Sua anfitriã era Noreen O’Driscoll. Ela havia recebido uma ligação da pousada e poderia mostrar a eles um quarto com banheiro privativo. Ela se iluminou inocentemente quando eles aceitaram o assombroso preço por noite do alojamento; demonstrou uma perplexidade ruborizada quando eles insistiram em apertar sua mão.

Camilla e Sheridan gostavam de apertar as mãos dos nativos. Eles seguiram seu redondo traseiro de brim subindo as escadas de pinho envernizado, saboreando o toque daquela pele camponesa puída — já desgastada (ela não devia ter mais que uns vinte e cinco anos, pobrezinha) a uma textura de lixa esponjosa.

Quarto número quatro, *banheiro privativo*. Quantos quartos havia ali? Talvez seis, talvez oito. Talvez eles se prolongassem infinitamente até as antessalas do Inferno. Pinho envernizado amarelado e grosso, placas numéricas de latão. O papel de parede no número quatro é o mesmo da escada; morangos e flores de morangos, em tons de marrom e damasco pastéis. A cama ocupa a maior parte do espaço. As roupas de cama são... damasco pastel, de poli-alguma coisa, com os mesmos morangos e flores de morangos, degradantes e enfadonhos. Há um guarda-roupa sob medida, um elemento de vaidade. Uma janela com cortinas exíguas e finas oferecia uma magnífica vista para o mar. Enquanto eles observavam o quarto, Noreen observava abertamente a *eles*, esses dois exóticos pássaros migratórios, altos e esguios, loiros e sofisticados (ele é alto, ela é loira). Seus olhos redondos e brilhantes estão cheios da ingênua fome por sensações de uma roceira.

— Está ótimo — diz Sheridan rapidamente. — Vamos ficar.

Noreen olha para Cam, um pouco intrigada (Camilla precisa lembrar a Sher de que ele está em um país no qual os homens não tomam as decisões domésticas. A função dele é ficar calado!). Mas ela também parece muito feliz. Eles são bem-vindos, eles são aceitos, eles são fascinantes: tudo como deveria ser.

Quando ficaram a sós, Camilla cheirou as toalhas e lamentou-se delicadamente. Os lençóis de poliéster, que para começar já eram bem vagabundos, estão gastos ao ponto de terem um brilho fúngico; e por que diabos, em uma casa tão grande, esse “quarto duplo” tem que ser tão tacanho e apertado? É uma gaiola para turistas.

— Não aguento estes lugares — murmurou Camilla. — Eu não os *suporto*. É muito descaramento! A Irlanda supostamente era um lugar romântico.

— Essa fala é *minha* — disse Sheridan. Ele teve que se inclinar um pouco para observar a vista pela janela. Para além do pasto, uma ampla costa marítima sob uma fabulosa vastidão de céu, mas os fundos da casa são como o quintal de um empreiteiro. Uma montanha de areia sob uma

lona encerada, uma pilha de telhas. As crianças estão brincando: dois garotos naquela idade comovente entre a infância e a adolescência tentando humilhar um ao outro com manobras de suas bicicletas BMX. Uma garota um pouco mais velha importunando um filhote de *terrier*. Um casal de bebês. Oculto, lá em cima, ele sorriu benignamente na direção deles.

— A luz é maravilhosa.

Ela conseguia ouvir as vozes das crianças.

— Como você sabe? Tá quase escurecendo.

— Exatamente — Ele se virou com um sorriso astuto. — Tenho certeza de que vai encontrar algo pra fazer.

Camilla continuou resmungando enquanto eles carregavam suas malas para cima, as desfaziam e se esforçavam futilmente para tornar a gaiola habitável. Mas, quando eles se aventuraram pelas terras baixas, em busca de conselhos para a refeição noturna, foi ela quem aceitou a oferta de uma xícara de chá — condenando-os a um *tête-à-tête* com Noreen na sala de estar e TV dos hóspedes. A distinta anfitriã levou para eles chá e bolinhos (um para cada hóspede). Depois, ela trouxe a bebê, Roisin, de oito meses, sofrendo com cólicas; disse a Camilla os nomes de seus outros filhos; confidenciou a situação dos negócios de seu marido. Camilla saboreou a admiração nos olhos de Noreen e atraiu mais disso para si mesma inconscientemente, por puro hábito, como um pianista correndo os dedos por suas escalas: ela não conseguia evitar. Ela realmente não fazia por mal. *Por que você está vestida de garoto?*, ela se perguntava. *Não estaria mais confortável de vestido estampado e avental?* Assim gira a roda da moda e fica cada vez mais difícil encontrar a verdadeira experiência selvagem. Camponeses pelo mundo todo têm Coca-Cola e acesso à Internet. Mas suas vidas (lamentavelmente, agradavelmente) não são menos vazias. Uma estranha atraente ainda é fascinante, assim como ela sempre foi.

Noreen embalava a bebê lamurienta com uma indiferença metódica. Camilla admirou as fotografias da família (Noreen em um vestido

branco enorme que teria ficado melhor em uma caminhonete, agarrando seu empreiteiro de rosto vermelho, ao seu lado). Sheridan sentou-se ali com sua jaqueta de motoqueiro e seu jeans preto, uma perna longa cruzada sobre a outra, falando pouco, sorrindo em segredo.

— Jezúiz — comentou Noreen, admirada. — Parece que somos melhores amigas desde sempre! E olha só a hora. Jonas já vai chegar em casa e não tem jantar pronto!

Eles saíram para comer em um pretensioso restaurante de beira de estrada (Noreen os advertiu da soleira para terem cuidado com “dirigir depois de beber”). De manhã, Camilla recusou-se a levantar para o Café da Manhã Irlandês Completo. Dobrada sob as pálidas superfícies de poliéster, o cheiro da lavagem malfeita em suas narinas, ela escutou estadunidenses de meia-idade descenderem as escadas com passos carregados. Ela conseguia dizer, pelo som de suas vozes, que não havia nada na sala de jantar pelo qual valesse a pena levantar. *Não vou ficar mais uma noite*, ela pensou. *Não vou*. Um quarto de hora depois, uma batida na porta: Noreen, com uma bandeja de chá e pão de soda.

— Cê tá indisposta? — perguntou a jovem dona de casa, gravemente preocupada. — Ele disse pra eu avisar que ele saiu pra dar uma olhada nas possibilidades. Disse que você ia saber o que significa.

— Sheridan é fotógrafo — disse Camilla. — Ele ama a luz daqui. Quanta gentileza a sua me trazer chá. Não precisava. Me desculpe mesmo pelo incômodo.

Então, Noreen ficou, e falou, e ficou, e contou histórias terríveis sobre turistas grosseiros e insensatos (Camilla habilmente garantindo que ela e Sheridan não eram nem ingleses nem estadunidenses). Lá embaixo, a lamúria da bebê Roisin evoluiu para um rugido. Camilla a ouviu, mas Noreen não. Quando, enfim, ela saiu, seus olhos redondos brilhando como estrelas, ela se virou na porta com um olhar demorado: voltou e, com uma ternura desajeitada e acanhada, deu tapinhas no antebraço tonificado e esguio de Camilla.

— Fique aí deitadinha, Camilla. Vai ficar novinha em folha.

É tão simples, tão inofensivo, de uma facilidade tamanha, despertar a gentileza de estranhos.

O pão, venenosamente maculado por uma overdose de bicarbonato de sódio, foi esmigalhado sem ser comido. Camilla sentou-se na cama, lambendo os lábios e sorrindo. Ela transpôs a gaiola para chegar ao minúsculo banheiro e se agachou junto à borda da banheira que fazia as vezes de cabine de banho, a única forma de dar uma boa olhada no espelho sobre a pia.

— Eu não sou uma pessoa *ruim* — murmurou ela.

O que é que dá em uma pessoa para construir um banheiro com uma luz que vem do norte? Uma luz indelicada, clara e sem sombras, que capta cada minúsculo poro. Mas isso não é um hotel de luxo. Uma pensão irlandesa não é projetada para acarinhar o sensível *amour propre* de um hóspede. Clientela de passagem, que nunca mais passaria por ali... dar muita atenção aos detalhes não teria um bom custo-benefício. *Uma sutil brutalidade*, pensou Camilla, indulgentemente, enquanto se maquiava. Ela poderia se dar ao luxo de ser indulgente. Estava se sentindo muito melhor, todas as experiências extenuantes do dia anterior, mitigadas.

Ao ar livre, sob a luz intensa que havia formado uma inquietante imagem no espelho de Camilla, Sheridan caminha pela beirada do braço de mar. Ele para em um afloramento rochoso sobre a água e senta-se de pernas cruzadas, tirando lentes de câmera de sua bolsa. Um garoto de doze ou treze anos passa deslizando em sua bicicleta. O homem alto tinha visto o garoto se aproximando já a uma boa distância. Sem parecer estar fazendo isso, ele exhibe seus artigos. A bicicleta para com uma guinada, deixando uma impressionante marca da freada na pista de cascalho. O som faz Sheridan sorrir e ele continua posicionando cuidadosamente os grandes bastões pretos que são suas lentes, seus fotômetros eletrônicos, seu tripé. Lá vinha o garoto, sua derradeira e tardia beleza de infância destrocada pelo cabelo com corte militar, magneticamente atraído pelo estranho: uma altiva carranca em seu rosto.

— O que cê tá fazendo?

— Vou tirar umas fotos.

O garoto se aproxima. Sheridan é um adulto e, sendo assim, é de pouca importância, mas está vestido feito um adolescente grande, e adolescentes grandes são deuses.

— Tem focas no braço de mar. Mas não vai conseguir ver.

Sheridan dá de ombros, indiferente ao tipo de vida selvagem que a maioria dos turistas procura.

— Tem focas num zoológico. Eu vou tirar fotos da luz e da água — ele sorri, conforme o garoto se aproxima ainda mais. — Talvez eu tire umas fotos suas.

O carro de Sheridan era um velho Bentley, modelo antigo de 1940, verde inglês de corrida⁴¹, um monstro fabuloso. O carro sofreu algum tipo de falha mecânica. Teria que ser levado de ambulância até a cidade além do pretensioso restaurante de beira de estrada e deixado lá para ser diagnosticado e tratado. Camilla não estava exatamente doente, mas esgotada pelas semanas de viagem. Ela foi para sua cama no Número Quatro e logo Noreen estava lá para fazer mundos e fundos por ela. A clientela de passagem dos pesados estadunidenses teria ficado espantada com esses modos desconhecidos, mas eles nunca souberam de nada disso. Atenção parca, entrar e sair, era o comportamento padrão de Noreen. Suas conversas eram sempre reservadas à bela estranha. Ela entrava e saía do Número Quatro o dia todo, às vezes sacudindo a bebê Roisin em seu braço, muito preocupada com o apetite de passarinho de Camilla.

— Claro, o que cê come num alimentaria nem um pardal — Ela suspirou, alisando para trás o adorável cabelo loiro de Camilla. Uma certa intimidade física havia se tornado natural: um toque aqui, um braço ao redor dos ombros ali, nada chocante, como fazem irmãs.

— Eu estou comendo muito bem — protestou Camilla, com um sorriso gentil. — Você cuida maravilhosamente de mim. — O espelho

naquele arremedo de banheiro mostrava obstinadamente um rosto mais desgastado e abatido do que Camilla gostaria de ver, mas aquilo era enganoso. Ela estivera em uma maré baixa, rodando de tanque vazio; estava se sentindo mais forte a cada dia.

— A fotografia é um sustento, então? — perguntou Noreen, curiosa, erguendo uma bandeja com uma tigela de sopa que mal havia sido provada, olhando admirada para a comida recusada, a marca da verdadeira sofisticação. Roisin em seus braços, num macacão-pijama manchado de vômito.

— Ah, sim. Um sustento muito bom.

— E você?

Camilla disse que não tinha emprego. Não precisava.

— Então, você é tipo... uma mulher bancada? — disse Noreen, de olhos arregalados. — Jezúiz, eu não conseguiria. Ia ter medo de fazer isso.

Ligeiramente alfinetada, Camilla deu uma risada.

— Ah, não. Não, não. O que quis dizer é que trabalhamos juntos. Ele tira as fotos, eu escrevo os textos, nós fazemos livros lindos. — Nenhum dos dois precisa de um emprego. Eles são financeiramente independentes, mas é melhor não dizer isso. E é bem verdade que Sheridan tira seu sustento da fotografia. Bem verdade.

Baques e gritos no andar de baixo. As crianças estão lá dentro. Tem “um micróbio circulando” que roubou os colegas do garoto mais velho, então ele está em casa, vendo televisão. A garota também ficou, por alguma razão, e assim sendo, também os fedelhos menores.

— Peço a Deus que eles não adoeçam — murmura Noreen, amargamente. — Ia ser que nem o abatimento deles, em agosto, quando tô cheia de coisa pra fazer com a praga dos turistas.

Camilla murmura algo, se desculpando. Mas não! Noreen não ouviria uma única palavra. Não! Ela está *amando* hospedar Camilla. Cuidar de Camilla é como um grande mimo, como ir ao cinema. Como

ir ao cabeleireiro, ela acrescenta, deslumbrante; e sentar ali, lendo uma revista... o píncaro da noção de Noreen do ócio esplendoroso.

Sheridan caminha pela mata de carvalhos rugosos de líquens, junto à costa, na companhia de uma garota de dez anos. Não a filha do albergue, outra garotinha. Ele mostra a ela coisas que ela nunca tinha visto e diz a ela os nomes das flores e das árvores que haviam sido meramente *flores*, *árvores*, para a pequena mente árida do camponês moderno. Ali está um formigueiro de formigas vermelhas, um monte de terra peneirada marrom-melaço que lembra um pequeno túmulo: mas quando você olha outra vez, a terra está fervilhando.

— Você sabia — diz Sheridan —, que as formigas são fazendeiras? — Eles se deitam juntos na serapilheira, o homem alto e a garotinha, e observam uma formiga pastora atizando uma gota de néctar da ponta da barriga de um de seus pulgões subordinados.

— Cristo Rei — diz a menininha. — É como um filme de ficção científica.

— Os fracos estão aqui para justificar os fortes — fala Sheridan, alisando outro inseto com uma folha pontuda de grama por mais uma gota, para mostrar o quanto é fácil ordenhar esse papo.

— Jesus — diz a garotinha, perscrutando intensamente. — Se elas fossem maiores, seria como um filme de terror — Ela suspira. — Cê sabe muita coisa. É tipo falar com a Internet.

— Agora, vamos tirar sua foto?

A garotinha pensa que talvez devesse correr. Mas não corre.

Camilla e Noreen caminham pela costa, Noreen empurrando à sua frente um robusto carrinho de bebê estofado em xadrez. Fazia aquilo que era considerado um belo dia de verão na costa oeste da Irlanda. Há carros enfileirados no estacionamento, batalhões de quebra-ventos; poucos turistas estrangeiros. Camilla está pensando em seus vislumbres da vida nativa antes dessa pausa providencial. Jovens mulheres de rostos mal-apanhados marchando pelas pistas onde transitam apenas tratores e

turistas, com a bebê no carrinho: e você se pergunta, para onde ela está indo? Você se pergunta que tipo de vida é essa que ela leva. Você quer tocá-la. Agora, Camilla está *envolvida na situação*. Ela penetrou o coração do mundo estranho. É sempre uma excitação, embora repetida constantemente.

Ela havia visto o marido de Noreen brevemente. Um monstro da cozinha, sentado à mesa, garfo e faca em cada punho, uma impassível laje vermelha como rosto. Meu Deus, deitar-se embaixo daquilo, enquanto ele silenciosamente cutuca filhos para dentro de você...! Mas ela mantém tais pensamentos para si, põe seu braço por baixo do de Noreen e reconta suas aventuras de viajante do mundo, uma viajante d'além-mar. As pirâmides de Gizé, os restaurantes de Nova York. Constatações sábias.

— Sabia que, na África Ocidental, no mercado de Foumban, ao lado do palácio de taipa dos sultões, só se acha algodão estampado da Holanda?

— Não me diga. Não tem artesanato local por lá?

— Noreen, é uma grande mentira que as potências coloniais foram para a África e Ásia para saquear os recursos naturais. Isso foi uma ideia posterior. Elas foram para forçar seus produtos a novos mercados. Pra vender, não pra comprar. É o mesmo com turistas, já pensou nisso? Eles não vêm pra ver, eles vêm pra serem vistos. Já pensou nisso?

— Não pensei! — disse Noreen, piscando com perplexidade. — Ah, mas eu nunca poderia chamá-la de *turista*, Cam. Você é muito mais que isso pra mim. — De maneira acanhada, ela apertou o braço de Camilla em seu flanco bem nutrido (o prazer reside em saber que isso *não vai adiante*. Não haverá consequências, porque Camilla não vai ficar. Sabores e cheiros, momentos de intensidade, sem que jamais a conta seja cobrada). Elas seguiram caminhando, Noreen silenciada um instante por seu próprio arroubo.

— Sabe — comentou ela após alguns momentos —, tô preocupada com esse micróbio que tá por aí. Tem gente que não tá deixando as

crianças saírem. Cê acha que eu devia deixá-las em casa?

— Elas?

— As crianças?

— Ah — Camilla franziu o cenho e desviou o olhar. — Não se preocupe. Os *seus* garotos estão a salvo.

Ela não explicou a ênfase.

As ondas azul-metálicas iam e vinham de roldão, as mães sentadas atrás dos quebra-ventos, um grupo um tanto esvaziado de garotos e garotas das redondezas pulando e chapinhando na água.

— Imagino que seus filhos sejam todos crescidos e já saíram de casa... — suspirou Noreen empurrando o carrinho sobre os despojos recalcitrantes da maré... e compondo esse *faux-pas*, acrescentou, apressadamente — Err... quero dizer, você deve ter se casado muito jovem!

— Casado? — Camilla afastou a ideia com uma risada, levemente irritada por sua insinuação sombria ter sido ignorada. — Sheridan e eu estamos juntos há tanto tempo que somos quase como irmãos, mas nunca fomos, hã, oficialmente *casados*.

— Não são casados? — Noreen engoliu em seco.

— Nunca me casei. Gosto da minha independência.

— Mas cê não disse que era tipo uma... uma mulher bancada?

— Essa foi minha piada.

Nunca se casou! O carrinho deu um solavanco que fez Roisin gemer. Entre os retratos de família tão facilmente à vista de todos na sala de estar e de TV dos hóspedes, há várias mulheres que nunca se casaram, segurando bebês feios em seus peitos de almofadão. O olhar espantado de Noreen está comparando Camilla com aquelas tias-avós bordadeiras, tentando encontrar para ela um lugar em meio àquelas caçadoras fracassadas, às velhas senhoras...

— Você parece tão jovem! — ela arfou, como se o êxtase da solteirice estivesse inextrincavelmente ligado em sua mente às

encalhadas de meia-idade. — Você parece uma modelo!

Camilla apertou com mais força o braço da dona de casa e se aproximou para roçar sua fria face pálida na de Noreen, quente e rosada.

— Eu sou jovem há tanto tempo — murmurou —, que nem me lembro mais de ser qualquer outra coisa.

— Ah! — suspirou Noreen. — Por muito pouco, eu iria...

Iria o quê? Levar Camilla para longe de tudo isso? O caipira afogueado, a sofisticada mulher mais velha, as configurações são infinitas; e a dó poderia exercer um papel. É tudo grão para o moinho de Camilla. É como uma transfusão de sangue fresco, sem nenhum desses detalhes feios e deprimentes das salas de emergência.

O amor é a fome da qual nos alimentamos.

Sheridan perambulou pela mata e pela costa. Camilla, não mais indisposta, assombrou a cozinha da pousada, onde Noreen esteve encurralada na maior parte de sua vida, cozinhando incessantemente, enchendo a máquina de lavar, passando os lençóis úmidos. Noreen retransmitiu histórias da desastrosa epidemia. O garoto que tem pesadelos e ninguém naquela casa consegue pregar os olhos. A garota que levaram correndo para o hospital: mas daí os médicos não conseguiram achar nada de errado. Então, foi um dia inteiro perdido entre levá-la, aguardá-la na sala de espera e trazê-la de volta. Em agosto também. Cristo Rei. *Schadenfreude*. Noreen é miraculosamente preservada.

Camilla muda de assunto. Somos todas *mulheres bancadas*, ela diz (Noreen confidenciou que o romance há muito foi pelo ralo, com seu Jonas). Não dá para nos virarmos sem eles, dá? Podemos parecer o casal perfeito, mas a verdade é que... há coisas que eu... ela para no ato e não diz mais nada.

Um dia, Sheridan voltou de sua aventura com um ânimo pensativo, dispôs cópias digitais na desgastada colcha bordada em nó colonial e ponderou sobre elas com um sorriso feliz.

— Hora de dar o fora deste inferno — disse ele. — Terminei.

— Acertou quanto ao inferno — afirmou Camilla, olhando para ele de relance e evitando seus olhos.

— Por que esse melindre? Eu tenho que sobreviver, não tenho?

— Dá pra ver por que você quer ir embora!

Ele pôs os óculos de sol e sorriu para ela.

— Ninguém nunca vai saber. Eu sou cuidadoso.

— Ótimo, porque eu não acabei. Não terminei. Não ainda.

As lentes escuras devolveram uma imagem dupla de seu rosto, tão abundantemente obscurecido... que pena ela precisar de outro parceiro. Mas dois predadores não podem se alimentar um do outro. É esse erotismo deles, esses sabores e cheiros, esse contato ante o afastamento: e isso ainda a excita. Sheridan vem sempre em primeiro, é verdade. Mas Camilla gosta que seja assim.

— Vá, irmã — diz Sheridan, o adolescente grande. — Você parece estar precisando de uma calibrada.

O carro havia sido consertado. Fora devolvido na pousada naquele fim de tarde. Eles anunciaram sua partida para a manhã seguinte e acertaram a conta. Noreen ficou muito sentida por eles irem embora, mas não fez nenhuma despedida afetuosa na frente do marido de mentira de Camilla. Esta deu a entender, com um ou dois olhares tristes, que a súbita decisão não havia sido dela; e que desejava que elas pudessem se despedir mais amigavelmente. Ela se levantou cerca de uma hora depois da meia-noite, Sheridan pacificamente inconsciente. Os lençóis, embora recém-trocados, ainda tinham aquele cheiro de mal lavados. *Como ela consegue?*, perguntou-se Camilla, enrolando-se em um elegante quimono azul e branco. A coitada da Noreen é um gênio da manutenção doméstica precária, das porções escassas... ela foi até o banheiro e checkou seu rosto. Bom Deus, mesmo a eletricidade no maldoso tubo fluorescente parecia vir direto do Polo Norte. Pequenos pés de galinha ao redor de seus olhos, linhas entre suas sobrancelhas, aquilo é um

vasinho? Não pode ser! Tanto faz. Logo, logo essa bruxa desbotada vai sumir. Os espelhos da civilização vão restaurar a beleza de Camilla, infundidos de magia fresca. Para uma última sensação, ela percorreu os corredores imensuravelmente feios de pinho envernizado da grande casa popularesca, possuindo-a como um fantasma. Casais estadunidenses roncam pacificamente por trás de suas plaquetas numéricas de latão, sonhando com o Castelo Blarney e a Pedra de Cashel. Noreen divide um quarto e uma cama com Jonas, com a bebê Roisin em seu berço. A bebê, por milagre, não está se lamuriando. Mas a casa está inquieta.

Camilla seguiu uma trilha de sons — zumbidos e cliques e trovoadas abafadas. Silenciosamente, ela abriu uma porta e viu o garoto da BMX ali nas sombras, de costas para ela, perdido em contemplação dos grafismos na sua tela de TV. Suas pequenas mãos se moviam incessantemente, *clique, clique, clique*. Camilla sabia os nomes de todas as crianças. Este era Declan, o de dez anos, felizmente imune ao vírus que andava circulando. Ele na verdade é um pouco jovem para esse vírus: o botão ainda sem brotar propriamente, a seiva ainda sem aflorar, mas ele seria imune de todo modo. Há regras. Ela se esgueirou para a sala e ficou ali, atrás dele, pensando sobre paixões que ela não compartilhava. Ela estava tão perto que era incrível que a criança não tivesse se virado. Por cima do ombro dele, podia ver seu próprio rosto refletido na tela, claramente visível no interior da imagem da pista de corrida.

Declan se virou e nada viu (uma mulher adulta, uma mãe, um conduíte indistinto). Sem mudar de expressão, ele se virou de volta e retomou seu jogo.

Estremecendo de horror, Camilla se retirou: e essa é a dieta de Noreen. Esse é todo o alimento que sua pobre alma faminta recebe.

Ela desceu até a sala de TV, sentindo-se moralmente justificada. Eu não sou uma pessoa ruim. Não de todo gananciosa. Eu dou tanto quanto tiro! Um quarto de hora e Noreen apareceu, o rosto vermelho de sono, seu cabelo curto desgrenhado, empacotada em um roupão pavoroso.

— Achei que tinha ouvido... arre, Camilla, *o que foi?*

Camilla chorava, abafando seus soluços com o punho fechado entre os dentes.

Ela estava transtornada. Demorou algum tempo até ser persuadida a falar. Em frases engasgadas, pela metade, cobrindo o rosto, ela contou a história. Suas suspeitas. Sua certeza. O terrível fardo.

— Eu não posso provar — ela explicou. — Mas eu sei, com mais certeza a cada vez que acontece. *Ele rouba algo delas...* Como posso explicar? Elas dão isso a ele.

— Cristo Rei. Tá me dizendo que ele abusa delas.

— Não! — uivou Camilla. — Isso é *nada*. Estou dizendo que ele suga a vida delas.

— Mas, Camilla, ninguém morreu!

— Não! Ele não as mata, ele é esperto demais pra isso. Elas morrem depois, de alguma outra coisa, um acidente, uma gripe; eu fiquei acompanhando. Sei que acontece. Mas ele nunca leva a culpa. O que é pior é que elas vivem, mas seria melhor se não vivessem, *porque elas são como ele*. Já vi isso acontecer também.

O cômodo rudemente mobiliado escutava em choque. A grande tela da TV encarava sombriamente.

Camilla mostrou as fotografias a Noreen. A jovem dona de casa tremeu. Ela balbuciou sobre “a polícia”. Camilla disse, *aí ele me mataria*. Ah, Deus, eu não quero morrer!

— Eu tinha que te contar — choramingou ela. — Simplesmente tinha. Ah, Noreen, *as coisas que eu sei...*

E então, os sussurros interrompidos, a respiração acelerada. Os últimos protestos, a rendição. Noreen concorda abjetamente em não soar o alarme. Trêmula, enojada, ela foi deflorada, degradada, tornada cúmplice de algo monstruoso... e ela adora.

Para Camilla, também, a experiência foi profundamente satisfatória.

Ela deixa a sala e se esgueira de volta para o Número Quatro.

Um lampejo a captura quando ela abre a porta, seus lábios ainda úmidos, as feições suavizadas e os olhos cegos pela pós-luminescência.

— Peguei! — exclama Sheridan, brandindo a câmera, sorrindo; e ela riu. Foi quase como se ele a beijasse. Ele se vira e checa a tela de pré-visualização. — Hmm. — Ele pareceu desapontado; ou talvez, intrigado.

— O que foi?

— Ah, nada.

Eles deixaram a casa amarela, grande e austera pela manhã. Camilla considerou o momento da partida estranhamente decepcionante. Ela teria gostado de ver Noreen outra vez. Teria gostado de ver alguma consciência, um toque de palidez; alguma inquietação envergonhada nos olhos da jovem dona de casa. Mas é hora de escapar incólumes. Noreen vai acordar em dúvida se algo daquilo realmente aconteceu durante a noite (ela provavelmente nunca vai sentir falta daquilo que Camilla tomou dela): e é assim que as coisas devem ser. Entrar e sair sem deixar rastros, amá-los e abandoná-los.

Ela foi até a cozinha por um instante e se pôs a olhar em volta. O cheiro de arenque, morcilha e roupa lavada que secou dentro de casa misturava-se nauseantemente. Camilla sentiu-se súbita e profundamente desorientada. O *sabor* da vida de Noreen estava em sua garganta, ela teve uma horrível visão momentânea de permanecer ali, de algum modo, *de estar presa ali*, com aquela laje em forma de marido, as crianças indiferentes, os estadunidenses barulhentos mastigando bacon bem-passado, naquela sala de jantar monótona e precária. Ela sentiu como se tivesse se tornado transparente, sufocada...

Sheridan buzinou do Bentley.

— Shhh! — murmurou Camilla e correu para se juntar a ele.

O carro enorme se afastou.

Noreen levantou-se em tempo de ouvi-los partir. Ela tivera uma noite sem sono, mas nada de ficar na cama para Noreen. Ninguém que lhe levasse uma bandeja. Ela tinha o café da manhã dos hóspedes para fazer,

Jonas de péssimo humor, as crianças fazendo um inferno e a bebê rabugenta. Mas ela sorria. Ficou no alpendre ouvindo o profundo ronco do motor do carro. Lá vão eles, os belos privilegiados. Ela passava os dedos pelo retângulo de recatada cor creme do cartão de visitas, com a simples inscrição CAMILLA SHIBU. Nada mais, sem endereço, sem telefone: isso é arrogância, não é? Mas não importa. Você nunca os vê novamente, a clientela de passagem. Ela enfiou o cartão na gaveta, onde guardava uma seleta coleção de tais troféus.

— Eu, às vezes, tenho hóspedes *adoráveis* — murmurou. — É *adorável* tê-los aqui.

E ela voltou à sua servidão doméstica, com um brilho intenso de triunfo secreto naquele sorriso radiante e voraz; seus ingênuos olhos castanhos não mais famintos, e sim repletos.

Eles fizeram reservas antecipadas de um quarto em um lugar tão distante daquela pensão quanto o dinheiro pudesse comprar. O hotel fazenda se localizava em seu próprio terreno luxurioso, agora sim, isso é que é vida. Sheridan entregou as chaves do Bentley. Camilla deu um sorriso automaticamente deslumbrante para o garoto que pegou as bagagens deles e ficou ligeiramente surpresa ao não receber em troca nenhum barato de admiração nos olhos dele.

Eles entraram no hotel e como o saguão parecia amplo. Não estava lotado, mas estava cheio. Ninguém olhou em sua direção. Ou se acabaram olhando, por acaso, na direção de Camilla, pareceram não ter visto nada. No momento em que eles chegaram à recepção, ela estava se sentindo inquieta e estranhamente esgotada, como se esse curto trajeto tivesse sido uma longa caminhada por uma tundra deserta. O progresso de Camilla pelo mundo humano tem sido, por tanto tempo, um contínuo bebericar aos golinhos o néctar da atenção. A sedução plena é uma indulgência ocasional (ela não é uma viciada, como Sheridan!). Sua beleza eterna, sua juventude infundável, é nutrida por meios mais sutis. Ela nem mesmo tem que pensar a respeito, está tão acostumada a incitar essa resposta. A admiração que é devolvida a ela, de quase qualquer ser

humano, homem ou mulher, jovem ou velho, é seu pão diário, o ar que ela respira. Os belos privilegiados se alimentam assim. O resto está aí para servir de alimento. Essa é a lei da natureza.

Por todo o caminho até seu quarto, Sheridan ao seu lado placidamente silencioso e indiferente, ela não conseguia evitar de perscrutar as paredes de vidro do elevador, uma camareira que passava, o mensageiro esperando sua gorjeta. Nada. Ela bem poderia ser invisível. *O que houve comigo?*

— O que há com você, Cam?

— Nada — diz ela, sentando-se no meio dos vastos acres de seu quarto, na cama de casal extra grande, suntuosa com seus travesseiros; os lençóis brancos impecáveis e fragrantes. Mas onde está Noreen, com seus olhos humildes e famintos? — Acho que vou tomar um banho.

Ela foi até o banheiro.

Se você ainda consegue se olhar no espelho, então ainda não foi longe demais. É isso que Sheridan diz. Um dia, todos os espelhos estarão vazios e, certas vezes, cansada do repetitivo afã interminável de seu delicado alimentar-se, ela ansiou pelo dia em que não haverá mais sutileza, quando eles não terão escolha além de serem monstros. De fato, nenhum deles quer cruzar essa linha divisória. Será uma espécie de morte. É uma sina que eles preferem postergar o quanto for possível. Mas isso é outra coisa.

O rosto de uma mulher de cabelos claros olha de volta para ela, nua e exausta: um pouco pálida, poucas linhas sutis, alguns tênues vasinhos nas bochechas. Não há nada de incomum em seu reflexo. Não é nem velho nem muito jovem, nem belo nem feio: certamente não há marcas de um mal imortal. “Oh, Deus”, ela sussurra — a redimida, a recém-mortal. O que houve comigo? Ela vira o rosto, ela vira o rosto. Não adianta. Para onde quer que olhe, cada uma das luzes, pura e límpida, vem direto do norte.

[41](#). Até meados da década de 1960, cada país tinha uma cor padrão usada por seus representantes em competições automobilísticas. - N. da T.

JACK

Connie Willis

Connie Willis fez sua estreia na ficção em 1971 na revista *Worlds of Fantasy*, mas só se tornou um nome recorrente no gênero no início da década de 1980. Autora de obras recentes como *Blackout* e *Interferências*, alguns de seus melhores contos podem ser encontrados em *The Best of Connie Willis: Award-Winning Stories*.

Ela recebeu mais notáveis prêmios do que qualquer outro escritor, incluindo vários prêmios Hugo e Nebula, além de ter sido incluída no Hall da Fama da Ficção Científica, em 2009, e nomeada como Grande Mestre pela Science Fiction & Fantasy Writers of America, dois anos depois.

Sobre a noveleta a seguir, ela revela: “Eu me tornei fascinada pela Blitz na primeira vez em que fui à Igreja de São Paulo, em Londres. Me parecia impossível que aquela catedral não tivesse se incendiado até virar cinzas naquela noite de dezembro (ainda me parece impossível) e comecei a pesquisar para a história que mais a frente se tornou *Fire Watch* (1982).”

“Ao longo da minha leitura, via sempre referências aos ‘farejadores de corpos’, gente que trabalhava em equipes de resgate e que tinha uma aptidão incomum para encontrar pessoas. Em nível racional, eu sabia que isso provavelmente se devia a sua audição excepcional (todos estavam praticamente surdos por causa dos estrondos contínuos), ou eram bons de palpite; talvez fossem excepcionalmente sortudos. Porém, me ocorreu que poderia haver outra razão mais sinistra...”

NA NOITE EM QUE JACK se uniu ao nosso posto, Vi se atrasou. Assim como a Luftwaffe. As sirenes ainda não haviam soado às oito da noite.

— Talvez nossa Violet tenha cansado da RAF⁴² e se voltado aos olheiros de aviões — disse Morris. — E eles ficaram tão encantados com seu charme que esqueceram de acionar as sirenes.

— Então é bom ter cuidado — disse Swales, tirando seu fino capacete de sentinela. Ele havia acabado de voltar da ronda. Abrimos espaço para ele na mesa revestida de linóleo, deslocando nossas xícaras de chá e a bagunça das máscaras de gás e lanternas. Twickenham juntou seus papéis em uma pilha junto de sua máquina de escrever e continuou a datilografar. Swales sentou-se e serviu-se de uma xícara de chá. — Ela agora vai tentar arrastar a asa pra ARP⁴³ — disse ele, tentando alcançar o leite. Morris o empurrou na direção dele. — E nenhum de nós vai estar a salvo — Ele riu para mim. — Especialmente os jovens, Jack.

— Eu tô seguro — afirmi. — Logo vão me convocar. Quem devia tá preocupado é o Twickenham.

Twickenham ergueu o olhar do que estava datilografando à menção de seu nome.

— Preocupado com o quê? — ele perguntou, suas mãos pousadas sobre as teclas.

— Nossa Violeta arrastando a asa pra você — disse Swales. — As garotas sempre vão atrás dos poetas.

— Eu sou jornalista, não poeta. E quanto ao Renfrew? — Ele acenou com sua cabeça na direção dos catres no outro quarto.

— Renfrew! — bradou Swales, empurrando sua cadeira para trás e se metendo quarto adentro.

— Shh — eu disse. — Não o acorde. Ele não dormiu a semana toda.

— Tem razão. Não seria justo, em sua condição enfraquecida — Ele sentou-se novamente. — E Morris é casado. E quanto ao seu filho, Morris? Ele é piloto, não é? Lotado em Londres?

Morris balançou a cabeça.

— Quincy tá lá em North Weald.

— Sorte a dele — disse Swales. — Parece que só sobrou você, Twickenham.

— Desculpe — respondeu Twickenham, datilografando. — Ela não faz meu tipo.

— Ela não faz o tipo de ninguém, né? — disse Swales.

— Faz o da RAF — disse Morris e todos nos calamos, pensando em Vi e sua atordoante popularidade com os pilotos da RAF em Londres e seus arredores. Ela tinha cílios pálidos e cabelos castanhos sem vida, nos quais fazia pequenos cachos uniformes com grampos durante o serviço, o que era contra o regulamento, embora a Sra. Lucy não tivesse dito nada a respeito. Vi era atarracada e um tanto obtusa, mas ainda assim estava constantemente com um piloto depois do outro, indo a bailes e festas.

— Eu ainda digo que ela inventa isso tudo — disse Swales. — Ela mesma compra todas aquelas coisas que diz que ganha, todas aquelas laranjas e chocolates. Ela compra aquilo no mercado clandestino.

— Com um salário de tempo integral? — questionei. Nós só recebíamos duas libras por semana e as coisas que ela levava de casa pro posto — doces, xerez e cigarros — não poderiam ser compradas com isso. Vi os compartilhava à vontade, embora álcool e cigarros também fossem contra o regulamento. A Sra. Lucy também não dizia nada a respeito deles.

Ela nunca repreendia suas sentinelas por nada, exceto por serem maledicentes com Vi e nós nunca fofocávamos na presença dela. Eu me perguntava onde ela estaria. Não a tinha visto desde minha chegada.

— Onde está a Sra. Lucy? — perguntei. — Ela não está atrasada também, está?

Morris acenou com a cabeça em direção à porta da despensa.

— Está no escritório dela. O substituto de Olmwood chegou. Ela o está inteirando.

Olmwood havia sido nosso melhor meio período, um enorme mineiro desempregado que poderia erguer a viga mestra de uma casa sozinho, razão pela qual Nelson, usando sua autoridade como sentinela distrital, havia feito ele ser transferido para seu próprio posto.

— Espero que o rapaz novo não seja nada bom — disse Swales — ou Nelson vai roubá-lo *também*.

— Eu vi Olmwood ontem — Morris falou. — Estava parecendo o Renfrew, só que pior. Ele me disse que Nelson os faz passar a noite toda fora, em patrulha, procurando incendiárias.

Não havia sentido naquilo. Da rua, não era possível ver aonde as incendiárias iam cair e, se houvesse um incidente, não haveria ninguém por perto. A Sra. Lucy estabeleceu patrulhas no início da Blitz, mas, após uma semana, passou a interrompê-las à meia-noite para que pudéssemos dormir um pouco. A Sra. Lucy disse que não via sentido em acabarmos mortos quando todos já estavam na cama, mesmo.

— Olmwood diz que Nelson os obriga a usar suas máscaras de gás o tempo inteiro em que estão de serviço e faz treinos com bomba manual duas vezes por turno — relatou Morris.

— Treinos com bomba manual! — explodiu Swales. — Quanto ele acha difícil aprender a usar uma? Nelson não vai me levar pro posto dele, nem que o Churchill em pessoa assine os papéis de transferência.

A porta da despensa se abriu. A Sra. Lucy esticou a cabeça pra fora.

— Já são oito e meia. É bom o olheiro ir lá para cima, mesmo que as sirenes não tenham soado — disse ela. — De quem é o turno desta noite?

— Vi — eu falei —, mas ela ainda não chegou.

— Ah, nossa — comentou ela. — Talvez seja melhor alguém ir procurá-la.

— Eu vou — disse e comecei a puxar minhas botas.

— Obrigada, Jack — agradeceu ela. E fechou a porta.

Me levantei e preendi a lanterna em meu cinto. Peguei minha máscara de gás e pendurei-a em meu braço, para o caso de encontrar com Nelson. O regulamento dizia que elas deviam ser usadas durante a patrulha, mas a Sra. Lucy tinha percebido logo no princípio que era impossível ver qualquer coisa com elas. E é por isso que, pensei eu, ela tem o melhor posto no distrito, contando com o do almirante Nelson. A Sra. Lucy abriu a porta novamente, se inclinou pra fora por um instante e falou:

— Ela geralmente vem de metrô. Sloane Square. Tome cuidado.

— Pois é — disse Swales. — Vi pode estar à espreita na escuridão, esperando pra dar o bote! — Ele agarrou Twickenham pelo pescoço e o abraçou contra seu peito.

— Vou tomar cuidado — alertei, subindo as escadas do porão e então saindo para a rua.

Segui pelo caminho que Vi geralmente tomava na estação de Sloane Square, mas não havia ninguém nas ruas escurecidas, exceto uma garota correndo para a estação de metrô, carregando um cobertor, um travesseiro e um vestido em um cabide.

Acompanhei-a pelo restante do percurso até a estação para garantir que ela acharia o caminho, embora não estivesse tão escuro. A lua quase cheia estava alta e ainda havia um incêndio junto às docas, causado pela incursão da noite anterior.

— MUITÍSSIMO obrigada — disse a garota, mudando o cabide de mão para poder me cumprimentar. Ela era muito mais agradável às vistas do que Vi, com cabelo loiro bem cacheado. — Eu trabalho pra uma bruaca velha na John Lewis⁴⁴ e ela não me deixa sair nem um minuto antes de fechar, mesmo que as sirenes tenham soado.

Esperei do lado de fora da estação por alguns minutos e então caminhei até a Estrada Brompton, pensando que Vi poderia, em vez disso, ter ido para a South Kensington, mas não a encontrei e ela ainda não estava no posto quando voltei.

— Temos uma nova teoria do porquê as sirenes não soaram — disse Swales.

— Chegamos à conclusão de que nossa Vi foi arrastar a asa para a Luftwaffe e eles se renderam.

— Cadê a Sra. Lucy? — perguntei.

— Ainda lá dentro com o rapaz novo — disse Twickenham.

— É melhor eu dizer à Sra. Lucy que não a encontrei — falei, e fui até a despensa.

A meio caminho de lá, a porta se abriu e a Sra. Lucy e o novo rapaz saíram. Ele dificilmente seria um substituto para o corpulento Olmwood. Não era muito mais velho do que eu, de compleição magrela, nem de longe o tipo que ergueria vigas mestras de casas. Seu rosto era magro e um tanto pálido e me perguntei se ele era um estudante.

— Este é nosso novo meio período, o Sr. Settle — disse a Sra. Lucy. Ela apontou para nós, um de cada vez. — Sr. Morris, Sr. Twickenham, Sr. Swales, Sr. Harker — Ela sorriu para o meio período e então para mim. — O nome do Sr. Harker também é Jack — revelou ela. — Vou ter que dar um jeito de diferenciá-los.

— Um par de *Jacks*⁴⁵ — disse Swales. — Não é uma mão ruim.

O meio período sorriu.

— Os catres estão ali dentro, se quiser deitar-se um pouco — explicou a Sra. Lucy —, e se as incursões estiverem próximas, o depósito de carvão é reforçado. Receio que o resto do porão não o seja, mas estou tentando retificar isso. — Ela acenou com os papéis em sua mão. — Fiz o pedido à sentinela distrital para vigas de reforço. As máscaras de gás estão ali — Ela apontou para um baú de madeira —, as pilhas para as lanternas estão aqui — Ela abriu uma gaveta —, e a escala de serviço está afixada nesta parede — Ela apontou para as colunas ordenadas. — Patrulhas aqui e vigílias aqui. Como pode ver, a Srta. Westen tem a primeira vigília desta noite.

— Ela ainda não chegou — alertou Twickenham, sem nem mesmo parar de datilografar.

— Não consegui encontrá-la — eu disse.

— Ah, nossa — disse a Sra. Lucy. — Espero mesmo que ela esteja bem. Sr. Twickenham, o senhor se importaria muito em assumir a vigília da Vi?

— Eu assumo — propôs Jack. — Vou pra onde?

— Eu mostro a ele — falei, me dirigindo às escadas.

— Não, espere — disse a Sra. Lucy. — Sr. Settle, odiaria colocá-lo para trabalhar antes mesmo de ter tido a chance de conhecer a todos e, de fato, não há necessidade de subir até que as sirenes tenham soado. Venham e sentem-se, vocês dois. — Ela tirou o abafador florido do bule de chá. — Gostaria de uma xícara de chá, Sr. Settle?

— Não, obrigado — ele disse.

Ela pôs o abafador de volta e sorriu para ele.

— O senhor é de Yorkshire, Sr. Settle — perguntou ela, como se estivéssemos todos tomando o chá das cinco. — De onde, exatamente?

— Scarborough — disse ele, educadamente.

— E o que o traz a Londres? — perguntou Morris.

— A guerra — respondeu ele, ainda polidamente.

— Queria fazer sua parte, hein?

— Sim.

— Foi isso o que o meu filho Quincy disse: “Pai, eu quero fazer minha parte pela Inglaterra. Vou ser piloto.” Abateu vinte e um aviões, foi sim, o meu Quincy — contou Morris a Jack. — E ele mesmo já foi derrubado duas vezes. Ah, ele passou por uns apuros, eu até contaria, mas é tudo confidencial.

Jack assentiu.

Havia vezes em que eu me perguntava se Morris, assim como Violet com seus pilotos da RAF, havia inventado as proezas de seu filho. Às vezes, eu me perguntava até se ele havia inventado o filho, embora que, se esse fosse o caso, ele com certeza poderia ter inventado um nome melhor do que Quincy.

— “Pai”, ele me diz do nada, “eu tenho que fazer minha parte”, e me mostra os papéis do alistamento. Fiquei completamente sem chão. Não que ele não seja patriota, você entende, mas ele teve suas dificuldadezinhas na escola, fez das suas presepadas, por assim dizer, e lá estava ele, dizendo “Pai, eu quero fazer minha parte”. — As sirenes soaram, uma após a outra.

— Ah, bem, aí estão elas, agora — disse a Sra. Lucy, como se, enfim, o último convidado para o chá tivesse chegado, e Jack se levantou.

— Se puder apenas me mostrar onde é o ponto de observação, Sr. Harker — disse ele.

— Jack — falei. — É um nome que deve ser fácil pra você lembrar.

Levei-o para cima, um sótão que tinha sido o quarto do cozinheiro da Sra. Lucy; diferente das ruas, um lugar perfeito para observar as incendiárias. Era no quarto andar, mais alto do que a maioria das edificações da área, então, era possível ver qualquer coisa que caísse nos telhados da redondeza. Era possível ver o Tâmis também, entre as chaminés, e na outra direção, os holofotes do Parque Hyde.

A Sra. Lucy havia colocado uma poltrona com apoios para os braços junto à janela, da qual a vidraça tinha sido retirada, e o estreito pavimento no fim da escada fora reforçado com pesadas vigas de carvalho que nem mesmo Olmwood poderia ter erguido.

— A pessoa se abaixa aqui quando as bombas chegam perto — expliquei, iluminando as vigas com a lanterna. — Vai ouvir um silvo e aí uma espécie de chiado crescente. — Levei-o até o quarto. — Se você vir as incendiárias, dê o aviso e tente marcar exatamente onde elas caíram nos telhados — Mostrei a ele como usar a mira montada em uma base de madeira que usávamos como sextante e entreguei o binóculo. — Precisa de mais alguma coisa? — perguntei.

— Não — respondeu ele sobriamente. — Obrigado.

Deixei-o e desci as escadas. Eles ainda estavam falando sobre Violet.

— Estou realmente ficando preocupada com ela — disse a Sra. Lucy. Uma das armas antiaéreas disparou, ouviu-se o estouro abafado das bombas na distância e todos paramos para escutar.

— São de ME 109 — disse Morris. — Estão vindo do sul outra vez.

— Espero que ela tenha o bom senso de ir para um abrigo — disse a Sra. Lucy e Vi irrompeu pela porta.

— Desculpem o atraso — ela disse, pondo na mesa uma caixa amarrada com um barbante, junto à máquina de escrever de Twickenham. Ela estava sem fôlego e seu rosto, afogueado. — Eu sei que devia estar em vigília, mas Harry me levou para ver seu avião esta tarde, e foi um horror voltar para cá. — Ela se lançou para fora de seu casaco e pendurou-o no encosto da cadeira de Jack. — Não vão acreditar com que nome ele o batizou! Doce Violet! — Ela desamarrou o barbante da caixa. — Nos atrasamos tanto que não tivemos tempo de tomar chá, e ele disse: “Leve isso para seu posto e tome um belo chá, eu mantenho os chucrutes ocupados até você terminar”. — Ela pôs as mãos dentro da caixa e ergueu uma torta com cobertura de açúcar. — Ele pintou o nome no nariz do avião e colocou pequenas violetas roxas ao redor dele todo — disse ela, colocando-a na mesa. — Uma para cada chucrute que ele abateu.

Nós encaramos o bolo. Ovos e açúcar vinham sendo racionados desde o início do ano e mesmo antes disso havia pouco deles. Eu não via uma bela torta como aquela há mais de um ano.

— O recheio é de framboesa — Violet disse, cortando o bolo com uma faca. — Não tinha nenhuma de chocolate. — Ela ergueu a faca, pingando geleia. — E então, quem quer um pedaço?

— Quero — falei. Andava faminto desde o início da guerra e esfomeado desde que entrei para a ARP, especialmente por doces, e acabei meu pedaço antes de ela terminar de colocar as fatias nos pratos Wedgwood da Sra. Lucy e passá-los adiante. Ainda restava um quarto do bolo.

— Quem está lá em cima fazendo minha vigília? — ela perguntou, chupando um pouco de geleia de framboesa do dedo.

— O novo meio período — respondi. — Eu levo pra ele.

Ela cortou uma fatia e soltou-a da faca para o prato, perguntando:

— Como ele é?

— Ele é de Yorkshire — Twickenham disse, olhando para a Sra. Lucy.

— O que ele fazia por lá antes da guerra?

A Sra. Lucy olhou para o seu bolo, como se estivesse surpresa por já ter quase terminado.

— Ele não contou — ela disse.

— Quis dizer, ele é bonito? — inquiriu Vi, pondo um garfo no prato com a fatia de bolo. — Talvez eu mesma deva levar pra ele, lá em cima.

— Ele é miúdo. Pálido — disse Swales, a boca cheia de bolo. — Parece um tuberculoso.

— Nelson não vai roubá-lo tão cedo, isso é certo — disse Morris.

— Ah, então muito bem — Vi falou e me entregou o prato.

Peguei-o e subi as escadas, parando no patamar do segundo andar para passá-lo para minha mão esquerda e ligar minha lanterna.

Jack estava de pé junto à janela, o binóculo pendurado em seu pescoço, olhando por sobre os telhados em direção ao rio. A lua estava alta, refletida palidamente na água feito um dos sinalizadores alemães, iluminando o caminho dos bombardeiros.

— Nada em nosso setor, ainda? — perguntei.

— Não — ele respondeu sem se virar. — Ainda estão no leste.

— Trouxe um pedaço de bolo de framboesa.

Ele virou-se e olhou para mim. Estendi o bolo. — O amigo de Violet na RAF que mandou.

— Não, obrigado — disse ele. — Não sou chegado em bolo.

Olhei para ele com a mesma descrença que havia sentido pelo nome de Violet estampado em um Spitfire.

- Tem bastante — expliquei. — Ela trouxe um inteiro.
— Não estou com fome, obrigado. Pode comer.
— Tem certeza? É difícil arrumar essas coisas, hoje em dia.
— Tenho certeza — Ele virou-se para a janela.

Olhei hesitante para a fatia de bolo, culpado por meu olho grande, mas odiando vê-lo desperdiçado e ainda com fome. Devia pelo menos ficar ali e fazer companhia a ele.

— Violet é a sentinela cujo turno você pegou, aquela que se atrasou — eu disse. Sentei-me no chão, com minhas costas no rodapé pintado, e comecei a comer. — Ela é tempo integral. Temos cinco em tempo integral. Violet, eu, Renfrew, você ainda não o conheceu, ele tava dormindo. Passou maus bocados. Não consegue dormir durante o dia. Morris e Twickenham. E aí tem o Petersby. Ele é meio período, como você.

Ele não se virou enquanto eu estava falando nem disse nada, apenas continuou a olhar pela janela. Uma dispersão de sinalizadores foi caindo, iluminando o quarto.

— É um belo grupo — resumi, cortando um bocado de bolo com o garfo. Sob a luz singular dos sinalizadores, o recheio de geleia parecia preto. — Swales pode ser bem inconveniente com suas provocações, às vezes, e Twickenham vai te fazer todo tipo de perguntas, mas são bons de serviço em um incidente. Ele se virou. — Perguntas?

— Para o jornal do posto. Um informativo, na verdade, informações sobre novos tipos de bombas, regulamentos da ARP, esse tipo de coisa. Tudo que Twickenham precisa fazer é datilografar e mandar para os outros postos, mas acho que ele sempre se viu como um escritor e agora tem sua chance. Ele batizou o informativo de *Tabloide do Twickenham* e adiciona todo tipo de coisa... desenhos, notícias, fofocas, entrevistas.

Enquanto eu falava, o zumbido dos motores acima da nossa cabeça foi ficando gradualmente mais alto. Ele passou, ouviu-se um silvo suspirante e então um assovio que se tornou um gemido.

— Escada — falei, largando meu prato. Agarrei o braço dele e o puxei para o abrigo do patamar. Nos agachamos para nos proteger da explosão, minhas mãos sobre minha cabeça, mas nada aconteceu. O gemido se tornou um grito e então pareceu de repente bem afastado. Espiei a janela aberta por trás da viga de reforço. Fez-se um clarão e, a seguir, veio o estrondo, pelo menos a três setores dali. — Lees — eu disse, indo até a janela para ver se conseguia dizer exatamente onde havia sido. — Bomba de Alta Intensidade. — Jack focou o binóculo onde eu estava apontando.

Fui até o patamar, pus as mãos em concha e gritei lá para baixo:

— AI. Lees. — Os aviões ainda estavam perto demais para eu me dar ao trabalho de sentar de novo. — Twickenham fez entrevistas com todas as sentinelas — afirmei, me encostando na parede. — Ele vai querer saber o que você fazia antes da guerra, porque se tornou sentinela, esse tipo de coisa. Ele escreveu uma matéria sobre a Vi, na semana passada.

Jack havia baixado o binóculo e estava observando o local que eu havia apontado. Os incêndios não começavam imediatamente com uma Bomba de Alta Intensidade. Levava um tempo até os dutos de gás rompidos e o carvão espalhado se incendiarem.

— O que ela fazia antes da guerra? — perguntou ele.

— Vi? Era estenógrafa — respondi. — E meio que uma rejeitada, creio eu. A guerra foi uma bênção e tanto para nossa Vi.

— Uma bênção — disse Jack, olhando para a Alta Explosão em Lees. De onde eu estava sentado, não era possível ver seu rosto, exceto pela silhueta, e eu não sabia dizer se ele desaprovava o que foi dito ou se estava apenas perplexo com isso.

— Não quis dizer exatamente uma bênção. Dificilmente alguém poderia chamar algo tão pavoroso de bênção. Mas a guerra deu a Vi uma chance que, de outra forma, ela não teria. Morris diz que, sem isso, ela teria morrido uma solteirona e agora ela tem toda sorte de admiradores.

— Um sinalizador veio caindo, branco e então vermelho. — Morris diz que a guerra foi a melhor coisa que já aconteceu a ela.

— Morris — murmurou ele, como se não soubesse de quem se tratava.

— Cabelo ruivo, bigode de escova de dentes — eu disse. — O filho dele é piloto.

— Fazendo a parte dele — disse ele, e eu pude ver seu rosto claramente sob a luz avermelhada, mas ainda não conseguia discernir sua expressão.

Uma bateria de incendiárias desceu sobre o rio, brilhando feito chuva de prata e os incêndios se espalharam por toda parte.

Na noite seguinte, houve um incidente grave na Rua Old Church, duas AIs. A Sra. Lucy mandou Jack e eu para ver se podíamos ajudar. Estava completamente nublado, o que supostamente deveria ter detido a Luftwaffe, mas não deteve, e estava muito escuro. Na hora em que chegamos à King's Road, eu já tinha perdido meu rumo.

Porém, eu sabia que o incidente tinha que ser ali perto, porque conseguia sentir o cheiro. Não era bem um cheiro; era uma pungência dolorosa no nariz, do pó de gesso, da fumaça e de fosse lá qual explosivo os alemães usavam em suas bombas. Sempre fazia Vi espirrar.

Eu tentei divisar pontos de referência, mas tudo que podia ver era o contorno levemente mais escuro de uma colina a minha esquerda. Inexpressivamente, pensei *Acho que nos perdemos. Não tem nenhuma colina em Chelsea*, e então me dei conta de que devia ser o incidente.

— A primeira coisa a fazer é encontrar o oficial do incidente — disse a Jack. Olhei em volta, em busca da luz azul do oficial, mas não pude vê-la. Devia estar atrás da colina.

Subi de gatinhas com Jack atrás de mim, tentando não escorregar na encosta instável. A luz estava no lado mais distante de outra colina mais baixa, um fantasmagórico borrão azulado indo para o lado esquerdo.

— Está bem ali — eu disse. — Temos que nos reportar. É provável que Nelson seja o oficial de incidente e ele é bem caxias com os procedimentos.

Fui descendo, deslizando nos tijolos e no gesso quebrados.

— Tenha cuidado — gritei para trás, a Jack. — Tem todo tipo de pedaços de madeira e vidro pontudos.

— Jack — ele disse.

Me virei. Ele havia parado no meio da descida da colina e estava olhando para cima, como se tivesse ouvido algo. Ergui meu olhar, com medo de os bombardeiros estarem voltando, mas não consegui ouvir nada além da artilharia antiaérea. Jack continuou imóvel, agora com a cabeça abaixada, olhando para os destroços.

— O que foi? — perguntei.

Ele não respondeu. Apanhou a lanterna em seu bolso e moveu-a freneticamente ao seu redor.

— Não pode fazer isso! — eu gritei. — Estamos em blecaute! Ele voltou a si. — Vá achar alguma coisa com que possa cavar — ele disse e caiu de joelhos. — Tem alguém vivo aqui embaixo.

Ele soltou um corrimão e começou a perfurar os destroços com sua ponta quebrada.

Olhei estupidamente para ele.

— Como você sabe?

Ele golpeava violentamente a barafunda.

— Pegue uma picareta. Essa coisa é dura feito pedra. — Ele ergueu o olhar para mim, impaciente. — Rápido!

O oficial de incidente era alguém que eu não conhecia. Fiquei feliz. Nelson teria se recusado a me dar uma picareta sem a autorização necessária e em vez disso me daria um sermão sobre a departamentalização dos deveres. Esse oficial, que era mais novo do que eu e cheio de espinhas por baixo da cobertura de pó de tijolo, não tinha uma picareta, mas me deu duas pás sem discussão alguma.

A poeira e a fumaça estavam se dispersando um pouco no momento em que comecei a atravessar os montes de volta e uma chuva de sinalizadores caiu por sobre o rio, iluminando tudo com uma luz indistinta e excessivamente clara, como faróis na neblina. Conseguia ver Jack apoiado nas mãos e nos joelhos, no meio da descida pelo monte, golpeando com o corrimão. Era como se estivesse matando alguém com uma faca, mergulhando-a uma vez após a outra.

Mais uma chuva de sinalizadores foi caindo, muito mais perto. Eu me abaixei e corri até Jack, oferecendo a ele uma das pás.

— Isso não serve — ele disse, afastando-a.

— O que foi? Não está mais ouvindo a voz?

Ele continuou a bater com o corrimão.

— Quê? — indagou ele e olhou para a atordoante luz do sinalizador como se não tivesse ideia do que eu estava falando.

— A voz que você ouviu. Ela parou de chamar?

— É essa coisa — disse ele. — Não tem jeito de enfiar uma pá nela. Você trouxe algum cesto?

Não havia levado nenhum, mas tinha visto uma grande caçarola lá embaixo no monte. Fui buscá-la para ele e comecei a cavar. Ele tinha razão, é claro. Peguei uma pá bem cheia, então atingi a ponta da viga de um andar e entortei a lâmina da pá. Tentei enfiá-la por baixo da viga para alavancá-la para cima, mas ela estava entalada debaixo de uma porção maior da viga mestra mais à frente. Desisti, quebrei outro dos corrimãos e me abaixei ao lado de Jack. A viga mestra não era a única coisa prendendo a viga. Os destroços pareciam soltos — tijolos, nacos de gesso e pedaços de madeira —, mas estavam tão sólidos quanto cimento. Swales, que apareceu ali do nada quando já tínhamos escavado um metro, disse:

— É a argila. Londres foi toda construída com ela. Duro feito estátuas. — Ele havia trazido dois baldes consigo e a notícia de que Nelson havia aparecido e brigado com o oficial sarapintado pela posse daquele incidente.

— “O incidente é *meu*”, diz Nelson e tira o mapa para mostrar a ele como o lado da King’s Road fica em seu distrito — narrou Swales alegremente —, e o oficial de incidente diz “*Seu* incidente? Pois eu digo, quem quer essa desgraça?”

Mesmo com a ajuda de Swales, o andamento era tão lento que, fosse lá quem estivesse lá embaixo, provavelmente já teria sufocado ou sangrado até a morte antes que pudéssemos alcançá-lo. Jack não parou por nada, mesmo quando as bombas estavam diretamente sobre nossa cabeça. Ele parecia saber exatamente para onde estava indo, embora nenhum de nós tivesse ouvido nada naqueles breves intervalos de silêncio e Jack parecesse mal escutar.

O corrimão que ele estava usando se quebrou na argila dura feito aço e ele pegou o meu para continuar cavando. Um relógio quebrado apareceu, um copo para ovo. Morris chegou. Ele estava retirando pessoas a duas ruas dali, onde uma bomba havia se enterrado no meio da rua, sem explodir. Swales contou a ele a história de Nelson e do jovem oficial sarapintado e então partiu para ver o que conseguia descobrir sobre os moradores da casa. Jack saiu do buraco.

— Preciso de escoras — ele disse. — As laterais estão desmoronando.

Achei algumas ripas de cama inteiras na base do monte. Uma das ripas era longa demais para o fosso. Jack serrou-a até a metade e depois a partiu.

— Ninguém na casa — Swales gritou lá para baixo do buraco. — O coronel e a Sra. Godalming foram para Surrey esta manhã. — O sinal de fim de perigo soou, afogando suas palavras.

— *Jack*⁴⁶ — disse Jack do buraco, e eu me virei para ver se o esquadrão de resgate havia trazido algum macaco.

— *Jack* — Ele repetiu, com mais urgência.

Me inclinei por sobre o túnel.

— Que horas são? — perguntou ele.

— Umas cinco — respondi. — O sinal de fim de perigo acabou de soar.

— Está clareando?

— Ainda não — falei. — Achou alguma coisa?

— Sim — ele respondeu. — Dá uma mão, aqui.

Desci com cuidado pelo buraco. Dava para entender aquela pergunta; estava um verdadeiro breu ali embaixo. Liguei minha lanterna. Ela iluminou nossos rostos de baixo para cima, como espectros.

— Lá dentro — disse ele e pegou em um corrimão igual àquele com o qual estivera cavando.

— Ele tá debaixo de uma escadaria? — perguntei e o corrimão se agarrou à mão dele. Levou só alguns minutos para tirá-lo. Jack puxou-o pelo braço que eu havia confundido com um corrimão e eu escavei os últimos poucos centímetros de gesso e argila até a pequena caverna em que ele estava, formada por uma geladeira e uma porta, inclinando-se uma contra a outra.

— Coronel Godalming? — eu disse, estendendo-lhe a mão.

Ele apertou-a e resmungou:

— Onde diabos vocês estavam? No intervalo do chá?

Ele vestia traje de noite completo e seu grande bigode estava coberto de pó de gesso.

— Que tipo de país é esse que deixa um homem cavar uma saída sozinho? — ele gritou, brandindo uma colher de servir cheia de gesso no rosto de Jack. — Eu poderia ter cavado até a China no tempo que demorou pra me tirarem de lá, seus miseráveis!

Mãos desceram pelo buraco e o içaram.

— Malditos incompetentes! — gritou ele. Nós empurramos os fundilhos de suas elegantes calças. — Vagabundos, vocês todos! Não conseguiriam achar algo a um palmo do seu nariz!

O coronel Godalming havia, de fato, partido para Surrey no dia anterior, mas decidira voltar para buscar seu rifle de caça, para o caso de

uma invasão.

— Não se pode confiar na maldita Defesa Civil pra deter os chucrutes — disse ele enquanto eu o levava para a ambulância.

Estava começando a clarear. O incidente havia sido menor do que eu pensara, não muito mais do que dois quarteirões. O que eu pensara ser um monte ao sul era na verdade um atarracado prédio de escritórios e, para além dele, as janelas das casas conjugadas nem mesmo tinham estourado. A ambulância tinha chegado tão perto quanto possível do monte. Eu o ajudei a entrar nela.

— Qual é o seu nome? — ele perguntou, ignorando as portas que eu havia aberto. — Eu pretendo reportá-lo aos seus superiores. E o outro. Praticamente arrancou meu braço fora. Pra onde ele foi?

— Ele teve que ir para seu emprego diurno — respondi. Assim que tiramos Godalming, Jack ligou sua lanterna outra vez, olhou seu relógio e disse:

— Preciso ir embora.

Eu disse que reportaria a saída ao oficial de incidente e comecei a ajudar Godalming a descer o monte. Agora, eu lamentava não ter ido com ele.

— Emprego diurno! — bufou Godalming. — Foi é tirar uma soneca, isso sim. Vagabundo preguiçoso. Quase me quebra o braço, daí vai embora e me deixa pra morrer. Eu vou mostrar o emprego diurno!

— Sem ele, nunca teríamos nem achado o senhor — eu disse com raiva. — Foi ele quem ouviu o senhor gritar por ajuda.

— Gritar por ajuda! — rosou o coronel, ficando com as bochechas avermelhadas. — Gritar por ajuda! Por que eu gritaria por um bando de malditos vagabundos?

A motorista da ambulância saiu do carro e deu a volta para saber o porquê da demora.

— Me acusando de gritar feito a porcária de um covarde! — ele vociferou para ela. — Eu não fiz um ruído sequer. Sabia que não adiantaria nada. Sabia que se eu não cavasse sozinho, ficaria ali até a

hora do Juízo Final! Quase saí sozinho, também, agora vem esse aí e me acusa de berrar feito um bebê! É monstruoso, isso é o que é! Monstruoso!

Ela segurou o braço dele.

— O que pensa que está fazendo, minha jovem? Devia estar em casa, em vez de zanzando de short por aí! Isso é indecente, isso é o que é!

Ela o empurrou para um banco, ainda sob protestos, e o envolveu com um cobertor. Eu fechei as portas, observei ela se afastar e circulei pelo incidente, procurando por Swales e Morris. O sol nascente apareceu por entre duas faixas de nuvens, avermelhando os montes e cintilando em um espelho quebrado.

Não consegui achar nenhum dos dois, então me reportei a Nelson, que estava falando raivosamente em um telefone de campo, assentindo e acenando para eu ir embora quando tentei contar a ele sobre Jack, então voltei ao posto.

Swales já estava regalando Morris e Vi, que tomavam café da manhã, com uma imitação do coronel Godalming. A Sra. Lucy ainda estava preenchendo documentos, aparentemente o mesmo formulário de quando saímos.

— Bigodes enormes — Swales dizia, suas mãos separadas quase um metro para ilustrar o tamanho —, feito o de um leão marinho, e de fraque, por incrível que pareça. “Ei, você, isso é uma desgraça!” — ele falou cuspindo, a mão direita meio fechada como se segurasse um monóculo imaginário. — “O que há de ser do Império quando um homem nem ser resgatado pode?” — Ele retomou sua voz natural. — Achei que ele ia levar nossos dois Jacks à Corte Marcial ali mesmo. — Swales espiou em minha direção.

— Cadê o Settle?

— Teve que ir para seu emprego diurno — falei.

— Pois muito bem — disse ele, recolocando o monóculo. — O coronel parecia que estava voltando com os Lanceiros Reais. — Ele

ergueu o braço, agarrando uma espada imaginária. — À carga!

Vi riu silenciosamente. A Sra. Lucy olhou para cima e disse:

— Violet, faça uma torrada para Jack. Sente-se, Jack. Você parece acabado.

Tirei meu capacete e fui me sentar à mesa. Ele estava endurecido de pó de gesso, tão grosso que era impossível ver o S vermelho por baixo dele. Pendurei-o em minha cadeira e me sentei. Morris empurrou um prato de arenque para mim.

— Nunca se sabe o que eles vão fazer quando são resgatados — ele disse. — Alguns caem por cima de você, soluçando, e outros agem como se estivessem lhe fazendo um favor. Uma senhora bancou a ofendida comigo, dizendo que eu havia tido um comportamento impróprio quando estava soltando a perna dela.

Renfrew entrou vindo do outro quarto, enrolado em um cobertor. Ele parecia tão mal quanto imaginei que eu estava, seu rosto sem energia e cinzento pela fadiga.

— Onde foi o incidente? — ele perguntou, ansiosamente.

— Logo ali na Rua Old Church. No setor do Nelson — acrescentei para reconfortá-lo. Mas ele disse, nervosamente: — Estão chegando mais perto a cada noite. Já notou isso?

— Não estão, não — disse Vi. — Não tivemos nada em nosso setor a semana toda.

Renfrew a ignorou.

— Primeiro a Estrada Gloucester e aí a Ixworth Place, agora a Rua Old Church. É como se estivessem nos cercando, procurando por alguma coisa.

— Londres — disse a Sra. Lucy bruscamente. — E se não reforçarmos o blecaute, é capaz que eles encontrem. — Ela entregou a Morris uma lista datilografada. — Infrações reportadas na noite passada. Faça uma ronda e os repreenda. — Ela pôs a mão no ombro de Renfrew. — Por que não vai dar uma boa descansada, Sr. Renfrew, enquanto faço seu café da manhã?

— Não estou com fome — alertou ele, mas deixou que ela, agarrando o cobertor dele, o levasse de volta para o catre.

Ficamos olhando a Sra. Lucy esticar o cobertor por cima dele, se inclinar e afofá-lo ao redor de seus ombros; então Swales disse, bocejando:

— Sabe quem esse camarada Godalming me lembra? Uma moça que resgatamos na Rua Gower. Eu a puxei e perguntei se o marido estava lá com ela. “Não”, ela disse, “o covarde desgraçado está lá na frente”.

Todos rimos.

— Gente como esse tal coronel não merecia ser resgatado — disse Vi, espalhando margarina em uma torrada. — Você devia ter deixado ele lá por um tempo pra ver o que é bom pra tosse.

— Ele teve sorte de não ter sido simplesmente largado lá — disse Morris. — Pelos registros, ele estava em Surrey com a esposa.

— Sorte que ele tinha uma voz alta — Swales comentou. Ele torceu a ponta de um enorme bigode. — “Ei você” — ele berrou. — “Me tirem daqui ‘imedjatamênte’, seus vagabundos!”

Mas ele disse que não gritou, pensei, e conseguia ouvir Jack berrando acima do zunido da artilharia antiaérea, o zumbido dos aviões: “Tem alguém aqui embaixo”. A Sra. Lucy voltou para a mesa.

— Fiz a solicitação dos reforços para o posto — disse ela, pondo seus papéis em pé e firmando-os com batidinhas em uma pilha uniforme. — Alguém da Prefeitura virá fazer a inspeção nos próximos dias. — Ela pegou duas garrafas de cerveja, um cinzeiro e levou-os para o cesto de lixo.

— Solicitou reforços? — perguntou Swales.

— Por quê? Tem medo de que o coronel Godalming volte com a artilharia pesada?

Ouviu-se uma forte batida na porta.

— Ei, você — disse Swales. — Aí está ele e trouxe seus cães.

A Sra. Lucy abriu a porta.

— Pior — suspirou Vi, mergulhando atrás da última garrafa de cerveja. — É o Nelson. — Ela passou a garrafa para mim por sob a mesa e eu a passei para Renfield, que a enfiou embaixo do cobertor.

— Sr. Nelson — disse a Sra. Lucy como se estivesse encantada em vê-lo. — Entre, por favor. E como andam as coisas para o senhor?

— Levamos uma surra na noite passada — relatou ele, olhando para nós como se fôssemos os responsáveis.

— Ele recebeu uma reclamação do coronel — Swales sussurrou para mim. — Você já era, meu chapa.

— Ah, sinto muito por ouvir isso — disse a Sra. Lucy. — Agora, como posso ajudá-lo?

Ele puxou um papel dobrado do bolso de seu uniforme, abriu-o cuidadosamente e disse:

— Isto me foi encaminhado pelo Engenheiro Municipal. Todas as requisições para melhorias materiais devem ser enviadas para a sentinela distrital, *não* passando por cima dele direto para a Prefeitura.

— Ah, fico tão *feliz* — disse a Sra. Lucy, levando-o para a despensa. — É um conforto tamanho lidar com alguém que se conhece, em vez de uma burocracia sem rosto. Se eu tivesse me dado conta de que o senhor era a pessoa apropriada a quem apelar, eu o teria contatado *imediatamente*. — Ela fechou a porta.

Renfield tirou a garrafa de cerveja de debaixo de seu cobertor e a enterrou no cesto de lixo. Violet começou a tirar seus grampos de cabelo.

— Agora, nunca vamos conseguir nossos reforços — disse Swales. — Não com Adolf von Nelson a cargo disso.

— Shh — disse Vi, repuxando seus cachos em forma de lesma. — Não vai querer que ele ouça você.

— Olmwood me disse que ele os faz continuar trabalhando em um incidente, mesmo quando as bombas estão bem acima deles. Ele acha que todos os postos deviam fazer isso.

— Shh! — repetiu Vi.

— Ele é um maldito nazista! — disse Swales, mas baixou a voz. — Fez duas sentinelas dele serem mortas desse jeito. É bom não deixar ele descobrir que você e Jack são bons em achar corpos ou vão ficar lá fora desviando dos estilhaços, também.

Bons em achar corpos. Pensei em Jack, de pé e imóvel, olhando para os destroços e dizendo: “Tem alguém vivo aqui embaixo. Rápido”.

— É por isso que Nelson rouba gente dos outros postos — disse Vi, puxando seus grampos da mesa para um embornal. — Porque ele acaba com os seus próprios homens. — Ela puxou um pente e começou a repuxar seus cachos emaranhados.

A porta da despensa se abriu e Nelson e a Sra. Lucy saíram, Nelson continuando a segurar o papel desdobrado. Ela ainda estava dando seu sorriso de chá das cinco, mas um pouco mais desgastado. Ela disse:

— Estou certa de que pode ver o quanto não é realista esperar que nove pessoas se amontoem em um depósito de carvão durante horas a cada vez.

— Há pessoas por toda Londres “se amontoando em depósitos de carvão durante horas a cada vez”, como a senhora diz — afirmou Nelson friamente —, que não esperam que seus fundos da Defesa Civil sejam gastos com frivolidades.

— Não considero a segurança das minhas sentinelas uma frivolidade — rebateu ela —, embora esteja claro para mim que o senhor sim, como servem de testemunha seus próprios números infelizes.

Nelson encarou a Sra. Lucy por um minuto inteiro, tentando pensar em uma réplica, então virou-se para mim.

— Seu uniforme está uma lástima, sentinela — ele disse e saiu pisando duro.

Seja lá o que Jack havia usado para encontrar o coronel Godalming, não funcionou com incendiárias. Ele procurava por elas tão

aleatoriamente quanto o resto de nós e Vi, que estava como olheira, gritava direções:

— Não, bem no fim da Estrada Fulham. Na mercearia.

Ela aparentemente vinha sonhando acordada com seus pilotos, em vez de fazer a vigília. A incendiária não estava na mercearia, mas no açougueiro, a três portas de lá, e na hora que Jack e eu chegamos, a câmara refrigerada estava em chamas. Não foi difícil apagá-las, não havia nem móveis nem cortinas para se incendiarem e o frio impediu as prateleiras de madeira de pegarem fogo, mas o açougueiro ficou extremamente grato. Ele insistiu em embalar para nós cerca de dois quilos de costelas de carneiro em papel branco e enfiou-as nos braços de Jack.

— Você precisa mesmo estar no seu emprego diurno tão cedo ou estava só tentando escapar do coronel? — perguntei a Jack no caminho de volta para o posto.

— Ele foi tão desagradável assim? — questionou ele, me entregando o pacote de costelas de carneiro.

— Ele quase arrancou minha cabeça quando falei que você tinha escutado ele gritando. Disse que não tinha chamado ajuda. Que estava cavando uma saída sozinho. — O papel branco do açougueiro era tão claro que a Luftwaffe poderia pensar que era um holofote. Enfiei o pacote por dentro do meu macacão para que não ficasse à mostra. — Que tipo de trabalho é esse, seu emprego diurno?

— Serviço bélico.

— Eles transferiram você? Foi por isso que veio pra Londres?

— Não — ele disse. — Eu quis vir. — Viramos na rua da Sra. Lucy.
— Por que você entrou para a ARP?

— Estou esperando ser convocado — expliquei —, então ninguém me contratava.

— E você queria fazer sua parte.

— Sim — eu disse, desejando poder ver seu rosto.

— E quanto à Sra. Lucy? Por que ela se tornou sentinela?

— A Sra. Lucy? — inquiri vagamente. A pergunta nunca havia me ocorrido. Ela era a melhor sentinela de Londres. Era sua vocação natural e eu pensava nela como sempre tendo sido uma. — Não faço ideia. — A casa é dela, ela é viúva. Talvez a Defesa Civil a tenha desapropriado e ela tenha precisado se tornar sentinela. É a mais alta da rua. — Tentei me lembrar do que Twickenham havia escrito sobre ela em sua entrevista. — Antes da guerra, ela tinha algo a ver com uma igreja.

— Uma igreja — ele disse e mais uma vez desejei poder ver seu rosto. No escuro, não sabia dizer se ele havia dito isso por desprezo ou saudade.

— Ela era uma diaconisa ou coisa assim — comentei. — Que tipo de serviço bélico é o seu? Munições?

— Não — ele disse e saiu caminhando na frente.

A Sra. Lucy nos encontrou na porta do posto. Dei a ela os pacotes de costelas de carneiro e Jack subiu pelas escadas para render Vi como olheiro. A Sra. Lucy preparou as costelas imediatamente, correndo para a cozinha no andar de cima durante uma calmaria nas incursões, atrás de sal e molho de hortelã, atenta ao fogareiro a gás na ponta da mesa e virando-as pelo que pareceu uma eternidade. O cheiro era maravilhoso. Twickenham distribuiu cópias recém-rodadas do *Tabloide do Twickenham*.

— Algo para lerem enquanto esperam seu jantar — disse ele, orgulhoso.

A matéria principal era sobre a mudança de endereço do Subposto D, que havia sido parcialmente atingido e cujos encanamentos tinham se partido.

— Nelson recusou reforços a eles também? — perguntou Swales.

— Escuta isso — disse Petersby. Ele leu em voz alta o boletim. — “A taxa de crimes em Londres aumentou em vinte e oito por cento desde o início do blecaute.”

— Não é de se admirar — disse Vi, descendo as escadas. — Não dá pra ver um palmo adiante do nariz à noite, quanto mais alguém à espreita num beco. Eu sempre tenho medo de que alguém vá pular em mim enquanto estou em patrulha.

— As casas estão todas ficando vazias e metade de Londres dorme nos abrigos — disse Swales. — São roubos fáceis. Se eu fosse um meliante, viria direto pra Londres.

— É nojento — disse Morris, indignado. — A ideia de que alguém possa tirar vantagem de estar havendo uma guerra para cometer crimes.

— Ah, Sr. Morris, isso me fez lembrar. Seu filho telefonou — falou a Sra. Lucy, cortando uma costela para saber se estava pronta. O sangue aflorou. — Ele disse que tinha uma surpresa pra você e que devia ir para... — Ela mudou o garfo para a mão esquerda e remexeu o bolso de seu macacão até encontrar um pedaço de papel — North Weald na segunda, acho. O comandante dele fez os preparativos de viagem necessários para você. Eu anotei tudo.

Ela entregou o papel a ele e voltou a virar as costeletas.

— Uma surpresa? — disse Morris, parecendo preocupado. — Ele não está encrocado, está? O comandante dele quer me ver?

— Eu não sei. Ele não me contou nada a respeito. Apenas que gostaria que você fosse.

Vi se aproximou da Sra. Lucy e espiou dentro da frigideira.

— Que bom que foi no açougue e não na mercearia — ela disse. — Nabos nem de longe ficariam tão apetitosos.

A Sra. Lucy espetou uma costela, pôs num prato e entregou a Vi.

— Leve lá em cima para o Jack — disse ela.

— Ele não vai querer — disse Vi. Ela pegou o prato e sentou-se à mesa.

— Ele disse por que não queria? — perguntei. Ela me olhou com curiosidade. — Acho que não deve estar com fome — ela disse. — Ou talvez ele não goste de costeletas de carneiro.

— Espero mesmo que ele não esteja encrencado — comentou Morris e levei um minuto para me dar conta de que ele estava falando do filho. — Ele não é um mau menino, mas faz as coisas sem pensar. É a exaltação da juventude, só isso.

— Ele também não comeu o bolo — contei. — Falou por que não queria a costeleta de carneiro?

— Se o Sr. Settle não quer, então leve para o Sr. Renfrew — disse a Sra. Lucy ríspidamente. Ela apanhou o prato para afastá-lo de Vi. — E não o deixe dizer que não está com fome. Ele precisa comer. Está ficando muito esgotado.

Vi suspirou e se levantou. A Sra. Lucy devolveu o prato a ela e ela foi até o outro quarto.

— Todos nós precisamos comer muito bem e dormir bastante — disse a Sra. Lucy repreensivamente. — Para manter nossas forças.

— Eu escrevi uma matéria sobre isso no *Tabloide* — afirmou Twickenham, radiante. — É conhecida como “morte ambulante”. É causada pela falta de sono e má nutrição, com a ansiedade das incursões. Os sintomas da morte ambulante são tempo de reação desacelerado e discernimento comprometido, o que resulta no aumento de acidentes de trabalho.

— Bom, eu não vou aceitar nenhum morto ambulante entre as *minhas* sentinelas — disse a Sra. Lucy, servindo o resto das costeletas. — Assim que vocês comerem isso, quero que vão todos para a cama.

O gosto das costeletas estava ainda melhor do que o cheiro. Comi a minha, lendo a matéria de Twickenham sobre os mortos ambulantes. Dizia que a perda de apetite era uma reação comum às incursões. Também dizia que a falta de sono poderia causar comportamento compulsivo e estranhas fixações. “Os mortos ambulantes podem se convencer de que estão sendo envenenados ou que um parente ou amigo é um agente alemão. Eles podem alucinar, ouvir vozes, ter visões ou acreditar em coisas fantásticas.”

— Ele estava encrocado na escola antes da guerra, mas endireitou desde que se alistou — disse Morris. — O que será que ele fez?

Às três horas da manhã seguinte, uma mina terrestre explodiu quase no mesmo lugar da Rua Old Church que a AI. Nelson mandou Olmwood para pedir ajuda e a Sra. Lucy ordenou que Swales, Jack e eu fôssemos com ele.

— A mina não caiu a mais de duas casas de distância da primeira cratera — disse Olmwood enquanto estávamos pegando nosso equipamento. — Nem se os chucrutes estivessem mirando, teriam chegado tão perto.

— Eu sei no que eles estão mirando — disse Renfrew da soleira. Ele parecia terrível, pálido e exausto feito um fantasma. — E eu sei porque vocês solicitaram reforços pro posto. Por minha causa, não é? Eles estão atrás de mim.

— Eles não estão atrás de nenhum de nós — ralhou a Sra. Lucy, firmemente.

— Eles estão a três quilômetros daqui. Não estão mirando no nada.

— Por que Hitler ia querer bombardear você mais do que o resto de nós? — perguntou Swales.

— Eu não sei. — Ele afundou em uma das cadeiras e pôs a cabeça nas mãos. — Eu não *sei*. Mas eles estão atrás de mim. Eu sinto.

A Sra. Lucy havia mandado Swales, Jack e eu para o incidente porque “já estiveram lá. Vão conhecer o terreno.” Mas essa era uma esperança vã. Uma vez que explodem acima do solo, minas terrestres causam danos consideravelmente maiores do que as AIs. Agora, havia uma colina onde ficava a tenda do oficial de incidente e mais três além dela, uma cadeia de montanhas no meio de Londres. Swales começou a subir o pico mais próximo para procurar pela luz do oficial de incidente.

— *Jack*, desse lado! — gritou alguém da colina atrás de nós e subimos de gatinhas a encosta em direção à voz.

Um grupo de cinco homens estava a meio caminho do topo da colina, olhando para baixo em um buraco.

— *Jack!* — gritou o homem outra vez. Ele usava uma braçadeira azul de supervisor e estava olhando direto para alguém atrás de nós, se arrastando colina acima com o que parecia ser uma bomba manual. Pensei eu, com certeza não está tentando apagar um incêndio lá embaixo desse fosso, então vi que não era uma bomba. Era, na verdade, um macaco e o homem com a braçadeira azul esticou o braço por entre nós para pegá-lo, baixou-o para o buraco e foi se arrastando atrás dele.

O resto do esquadrão de resgate ficou olhando para baixo na escuridão, como se de fato pudessem ver alguma coisa. Depois de algum tempo, eles começaram a passar baldes vazios para dentro do buraco e a puxá-los de volta cheios de tijolos quebrados e pedaços de madeira lascada. Nenhum deles pareceu nos notar, mesmo quando Jack estendeu as mãos para pegar um dos baldes.

— Somos de Chelsea — gritei para o supervisor por sobre o zunido dos aviões e das bombas. — O que podemos fazer para ajudar?

Eles continuaram em sua brigada do balde. Um bule de chá de porcelana apareceu no topo de uma das cargas, coberto de poeira, mas nem sequer com uma rachadura. Tentei novamente.

— Quem está aí embaixo?

— São dois — disse o homem mais perto de mim. Ele catou o bule da pilha e entregou-o a um homem usando uma balaclava por baixo do capacete. — Um homem e uma mulher.

— Somos de Chelsea — gritei acima do estouro dos tiros antiaéreos. — O que querem que a gente faça?

Ele tomou o bule do homem com a balaclava e o entregou a nós.

— Leve isto para a calçada junto dos outros itens de valor.

Levei um bom tempo para descer pela encosta, segurando o bule em uma mão e a tampa em cima dele com a outra, tentando manter o equilíbrio em meio aos tijolos quebrados, e levei ainda mais tempo para

achar alguma calçada. A mina terrestre havia erguido a maior parte dela e a rua junto.

Eu finalmente a encontrei, um quadrado de calçada intacto em frente a uma padaria destruída, com os “itens de valor” impecavelmente enfileirados nela: um rádio, uma bota, duas colheres de servir como aquela com a qual o coronel Godalming havia me ameaçado, uma bolsa feminina para o dia, enfeitada de contas. Um membro do resgate estava montando guarda junto deles.

— Alto! — ele disse, postando-se na frente deles quando me aproximei, segurando uma lanterna ou uma arma. — É proibida a entrada neste perímetro.

— Sou da ARP — disse apressadamente. — Jack Harker. Chelsea. — Ergui o bule de chá. — Eles me mandaram para cá com isto.

Era uma lanterna. Ele a ligou e desligou, um piscar de olhos.

— Desculpe — ele disse. — Tivemos um bom número de saques, recentemente. — Ele pegou o bule de chá e o colocou no fim da fileira, próximo à bolsa. — Peguei um homem na semana passada vasculhando os bolsos dos corpos colocados na rua esperando o rabeção. É terrível que algumas pessoas resolvam tirar vantagem de algo assim.

Voltei para onde os funcionários do resgate estavam cavando. Jack estava na boca do fosso, erguendo baldes e os devolvendo. Entrei na fila atrás dele.

— Já os encontraram? — perguntei assim que houve uma calmaria no bombardeio.

— Quietos! — gritou uma voz vinda do buraco e o homem com a balaclava repetiu: — Quietos todo mundo! Precisamos de silêncio absoluto!

Todos pararam de trabalhar e escutaram. Jack havia me entregado um balde cheio de tijolos e a alça cortou minhas mãos. Por um segundo, fez-se o mais completo silêncio e então o zumbido de um avião e o silvo distante e o estrondo de uma AI.

— Não se preocupem — gritou a voz de dentro do buraco —, estamos quase lá.

Os baldes começaram a subir do buraco novamente.

Eu não tinha ouvido nada, mas aparentemente eles sim, lá embaixo, no fosso, uma voz ou um som de leves batidas; e me senti aliviado, tanto por pelo menos um deles ainda estar vivo quanto pelos escavadores ainda estarem no caminho certo. Eu havia socorrido um incidente em outubro no qual tivemos que parar no meio do caminho e cavar um novo fosso porque os escombros continuavam a distorcer e a deslocar o som. Mesmo que o fosso estivesse diretamente acima da vítima, a tendência era que ele se desviasse no trabalho de passar pelos obstáculos e o único modo de manter sua direção era com auscultações frequentes. Pensei em Jack cavando atrás do coronel Godalming com o corrimão. Ele não havia feito nenhuma auscultação. Ele parecia saber exatamente onde estava indo.

Os homens no fosso pediram o macaco outra vez e Jack e eu o baixamos para eles. Quando o homem lá embaixo estendeu as mãos para pegá-lo, Jack parou. Ele levantou a cabeça, como se estivesse escutando.

— O que foi? — perguntei. Não conseguia ouvir nada além da artilharia antiaérea no Parque Hyde. — Você ouviu alguém chamando?

— Cadê a droga do macaco? — berrou o supervisor.

— É tarde demais — Jack disse para mim. — Eles morreram.

— Anda logo, desce ele aqui — gritou o supervisor. — Não temos o dia todo.

Ele entregou o macaco.

— Silêncio — o supervisor alertou e, acima de nós, como um eco fantasmagórico, podíamos ouvir o chamado do homem que usava balaclava:

— Silêncio, todo mundo, por favor.

O relógio de uma igreja bateu as quatro horas, parou e ouviu-se um som deslizante de terra caindo no metal. Então, silêncio outra vez e um som tênue.

— Silêncio! — repetiu o supervisor, fez-se mais silêncio e o som novamente. Um choramingo. Ou um gemido. — Estamos ouvindo você — ele gritou. — Não tenha medo.

— Um deles ainda está vivo — eu disse.

Jack não falou nada.

— Nós *acabamos* de ouvi-los — falei, com raiva.

Jack balançou a cabeça.

— Vamos precisar de madeira serrada para as escoras — disse o homem com a balaclava a Jack e eu esperava que ele dissesse ao outro que não adiantava, mas ele saiu imediatamente e voltou arrastando uma estante pintada de branco.

Ela ainda tinha três livros. Ajudei Jack e o homem com a balaclava a tirar as prateleiras da estante e levei os livros lá para baixo, no depósito de “itens valiosos”. O guarda estava sentado na calçada, remexendo a bolsa de contas.

— Fazendo o inventário — ele disse, levantando-se apressadamente. Ele enfiou um batom e um lenço na bolsa. — Pra garantir que nada seja roubado.

— Trouxe algo para você ler — afirmei e coloquei o livro junto ao bule. *Crime e Castigo*.

Labutei colina acima de volta, ajudei Jack a baixar as prateleiras pelo fosso e, após alguns minutos, os baldes começaram a subir outra vez. Formamos novamente nossa esparsa brigada do balde, o homem usando balaclava na ponta dela e então eu e depois Jack.

O sinal de fim de perigo soou. Assim que ele perdeu força, o supervisor fez uma nova auscultação. Dessa vez, não ouvimos nada e, quando os baldes recomeçaram, eu os entreguei a Jack sem olhar para ele.

A luz começou a surgir ao leste, um lento acinzentar das colinas sobre nós. Duas delas, de vários andares de altura, estavam onde eram as casas conjugadas que haviam escapado na noite anterior, e nós ainda estávamos sob suas sombras, embora eu agora pudesse ver o fosso, com

a ponta de uma das prateleiras brancas se estendendo para fora dele, como uma lápide.

Os baldes começaram a vir mais lentamente.

— Apaguem seus cigarros! — gritou o supervisor e todos paramos, tentando captar o cheiro do gás. Se eles estavam mortos, como Jack havia dito, era mais provável que o gás vazando dos encanamentos quebrados os tivesse matado, não lesões internas. Na semana anterior, havíamos achado um garoto e seu cachorro, sem nenhum arranhão. O cão havia latido e choramingado por quase todo o tempo até os encontrarmos e o motorista da ambulância disse que achava que eles só estavam mortos há alguns minutos.

Não senti nenhum cheiro de gás e, depois de um minuto, o supervisor disse, empolgado:

— Estou vendo eles!

O homem com a balaclava se inclinou por sobre o fosso, suas mãos nos joelhos.

— Eles estão vivos?

— Sim! Chame uma ambulância!

Balaclava saiu pulando colina abaixo, escorregando sobre tijolos quebrados que deslizavam em uma pequena avalanche. Me ajoelhei por sobre o fosso. — Eles vão precisar de maca? — Gritei para baixo.

— Não — disse o supervisor e eu soube pelo tom de sua voz que eles estavam mortos.

— Os dois? — Perguntei.

— Sim.

Me levantei.

— Como sabia que eles estavam mortos? — perguntei, virando-me para olhar para Jack. — Como você?...

Ele não estava lá. Olhei para a base da colina. O homem com a balaclava estava quase lá embaixo — agarrando-se a um caixilho de

janela quebrado para frear sua descida de cabeça, seu rastro uma nuvem fumacenta de poeira dos tijolos — mas não se via Jack em lugar algum.

Já havia quase amanhecido. Eu podia ver as colinas cinzentas e, em seu extremo oposto, a sentinela e seus “itens de valor”. Havia outro grupo de resgate na terceira colina a partir dali, ainda cavando. Eu podia ver Swales descendo um balde.

— Me dê uma mão aqui — disse o supervisor impacientemente e ergueu o macaco para mim. Eu o icei para a lateral e voltei para ajudá-lo a sair do fosso. Suas mãos estavam imundas, cobertas de lama marrom avermelhada.

— Foi o gás que os matou? — perguntei, embora ele já estivesse puxando um maço de cigarros.

— Não — ele disse, balançando-o para pôr um cigarro para fora e pegando-o com os dentes. Ele espanou a parte da frente de seu macacão, deixando marcas vermelhas.

— Há quanto tempo eles estavam mortos? — perguntei. Ele encontrou seus fósforos, riscou um e acendeu o cigarro. — Eu diria que desde um pouco depois da última vez que os ouvimos — disse ele, e eu pensei, *mas eles já estavam mortos a essa altura*. E Jack sabia. — Estavam mortos há pelo menos duas horas.

Olhei para meu relógio. Vi que passava um pouco das seis.

— Mas a mina não os matou?

Ele pegou o cigarro entre seus dedos e deu uma longa baforada de fumaça. Quando pôs o cigarro novamente na boca, havia uma mancha vermelha nele.

— Perda de sangue.

Na noite seguinte, a Luftwaffe chegou cedo. Eu não consegui dormir muito depois do incidente. Morris havia se queixado sobre o filho o dia todo e Swales havia provocado Renfrew implacavelmente.

— Goering descobriu que você é espião — disse ele. — E agora mandou os Stukas dele atrás de você.

Eu, enfim, subi ao terceiro andar e tentei dormir na cadeira de olheiro, mas estava claro demais. A tarde estava nublada e os incêndios acontecendo no East End davam ao céu um desagradável matiz avermelhado.

Alguém havia deixado uma cópia do *Tabloide do Twickenham* no chão. Li a matéria sobre os mortos ambulantes mais uma vez e então, ainda incapaz de dormir, li o resto do boletim. Havia uma descrição da invasão de Hitler a Transilvânia, uma receita de torta de morango sem manteiga e o relato da taxa de criminalidade. “Londres atualmente é o local perfeito para um elemento criminoso”, dizia uma citação de Nelson. “Devemos estar constantemente vigilantes às transgressões.”

Abaixo da receita, tinha uma matéria sobre um *terrier* escocês chamado Bonny Charlie que ficava latindo sem parar, enquanto escavava freneticamente as ruínas de uma casa que tinha desabado, até as sentinelas ouvirem seus latidos, cavarem e descobrirem duas crianças ilesas.

Eu devo ter adormecido lendo isso, porque quando dei por mim, Morris estava me sacudindo e me dizendo que as sirenes haviam soado. Eram apenas cinco da tarde.

Meia hora depois, tivemos uma AI em nosso setor. Tinha sido a apenas três quarteirões do posto e as paredes balançaram, o gesso choveu na máquina de escrever de Twickenham e em Renfrew, que estava deitado, desperto, em seu catre.

— Frivolidades uma pinoia — murmurou a Sra. Lucy enquanto mergulhávamos atrás de nossos capacetes. — Precisamos dessas vigas de reforço.

Os meios períodos ainda não haviam chegado ao serviço. A Sra. Lucy deixou Renfrew para despachá-los. Nós sabíamos exatamente onde tinha sido o incidente — Morris estava olhando na direção dele quando ele ocorreu — mas mesmo assim tivemos dificuldade de encontrá-lo. Ainda era início da noite, porém, quando atravessamos metade da rua. Já estava um breu.

Da primeira vez que aquilo tinha acontecido, pensei que era algum tipo de cegueira posterior à explosão, mas eram só os tijolos e o pó de gesso dos prédios que desabaram. Eles se elevam em uma bruma que é mais escura que qualquer cortina de blecaute, obscurecendo tudo. Quando a Sra. Lucy se estabeleceu em um pedaço de calçada e ligou a luz azul de incidentes, ela brilhou espectralmente na neblina artificial.

— Apenas duas famílias ainda na rua — ela disse, erguendo o registro junto à luz. — A família Kirkcuddy e os Hodgsons.

— É um casal de idosos? — perguntou Morris, aparecendo de repente na neblina. Ela espiou o registro. — Sim. Aposentados.

— Eu os encontrei — ele disse com aquela voz desanimada que significava que eles estavam mortos. — Droga.

— Ah, nossa — falou ela. — Os Kirkcuddy são uma mãe e duas crianças. Eles têm um abrigo antiaéreo. — Ela aproximou o registro da luz azul. — Todos os outros têm usado o abrigo do metrô. — Ela desdobrou o mapa e nos mostrou onde era o quintal dos Kirkcuddy, mas de nada ajudou. Passamos a hora seguinte vagando às cegas pelos montes, atentando a sons que eram impossíveis de escutar por sobre os comentários da Luftwaffe e as respostas das armas antiaéreas.

Petersby apareceu um pouco depois das oito, Jack alguns minutos depois e a Sra. Lucy também os despachou para vagarem pela neblina.

— Aqui — gritou Jack quase imediatamente e meu coração deu um solavanco esquisito.

— Ah, ótimo, ele os ouviu — disse a Sra. Lucy. — Jack, vá encontrá-lo.

— Aqui — chamou ele novamente e eu parti na direção de sua voz, quase receoso do que viria a encontrar, mas não dei nem dez passos antes de também conseguir ouvir. Um bebê chorando e um som cavernoso e ecoante, como um punho socando latão.

— Não pare — Vi gritou. Ela estava ajoelhada junto de Jack em uma cratera superficial. — Continue fazendo barulho. Estamos chegando. —

Ela ergueu o olhar para mim. — Diga à Sra. Lucy para chamar o esquadrão de resgate.

Voltei às cegas pela escuridão até a Sra. Lucy. Ela já havia chamado o esquadrão de resgate. Então, me mandou para a Sloane Square para nos certificarmos de que os demais moradores do quarteirão estavam a salvo lá.

A poeira havia levantado um pouco, mas não o bastante para que eu visse para onde estava indo. Pisei em falso da calçada para a rua e tropecei em uma pilha de destroços, depois em um corpo. Quando os iluminei com minha lanterna, vi que era a garota que eu havia levado para o abrigo duas noites atrás.

Ela estava sentada na entrada ladrilhada da estação, ainda segurando um vestido em um cabide em sua mão flácida. A bruaca velha na John Lewis nunca a deixava sair nem um minuto antes de fechar e a Luftwaffe havia chegado mais cedo. Tinha sido morta pela onda de choque ou por estilhaços de vidro. Seu rosto, seu pescoço e suas mãos estavam cobertos por pequenos cortes e o vidro se esmagou sob meus pés quando pus suas pernas juntas uma da outra.

Voltei até o incidente, esperei pelo rabeção e fui com eles até o abrigo. Levei três horas até achar os familiares em minha lista. Na hora em que voltei para o incidente, o esquadrão de resgate já tinha descido um metro e meio.

— Estão quase lá — disse Vi, esvaziando um cesto do lado oposto da cratera. — Só o que está subindo agora é terra e ocasionalmente uma roseira.

— Cadê o Jack? — perguntei.

— Foi procurar uma serra. — Ela pegou a cesta de volta e a entregou para uma das pessoas do resgate, que havia posto o cigarro na boca para liberar suas mãos antes de tomá-la. — Tinha uma tábua, mas eles conseguiram ultrapassar.

Me inclinei por sobre o buraco. Podia ouvir o som das batidas, mas não o do bebê.

— Eles ainda estão vivos?

Ela balançou a cabeça.

— Não ouvimos o bebê há mais ou menos uma hora. Continuamos chamando, mas não tivemos resposta. Estamos receosos de que as batidas sejam algo mecânico.

Eu me perguntei se eles não estariam mortos e se Jack, sabendo disso, havia ido não atrás de uma serra, mas para aquele seu emprego diurno. Swales apareceu. — Adivinha quem está no hospital? — disse ele.

— Quem? — perguntou Vi.

— Olmwood. Nelson pôs as sentinelas dele pra fazerem rondas a pé durante uma incursão e um estilhaço de alguma artilharia antiaérea acertou a perna dele. Quase a arrancou.

O membro do resgate com o cigarro entregou o cesto cheio para Vi. Ela o pegou, vacilando um pouco com o peso, e saiu carregando-o.

— É bom que não deixe Nelson ver você trabalhando assim — disse Swales atrás dela —, ou ele vai transferi-la para o setor dele. Onde está o Morris? — ele disse e saiu, presumivelmente para contar a ele e a quem quer que pudesse encontrar sobre Olmwood.

Jack apareceu, trazendo a serra.

— Não precisa — alertou o membro do resgate, o cigarro pendurado no canto de sua boca. — A cantina móvel chegou — ele disse e foi atrás de uma xícara de chá.

Jack se ajoelhou e entregou a serra dentro do buraco.

— Eles ainda estão vivos? — perguntei.

Jack se inclinou por sobre o buraco, suas mãos agarrando as bordas. As batidas eram incrivelmente altas. Devia ser ensurdecedor dentro do abrigo. Jack olhou para dentro do buraco como se não ouvisse nem as batidas nem minha voz. Ele se levantou, ainda olhando para o buraco e falou: — Eles estão mais distantes, à esquerda.

Como podem estar mais distantes à esquerda?, pensei. *Estamos ouvindo eles. Estão diretamente abaixo de nós.*

— Estão vivos? — perguntei.

— Sim.

Swales voltou.

— Ele é um espião, é isso que ele é — disse. — Hitler o mandou para cá para matar nossos melhores homens, um por um. Eu disse que o nome dele era Adolf von Nelson.

Os Kirkcuddy estavam mais distantes, à esquerda. O esquadrão de resgate teve que alargar o túnel, cortar o teto do abrigo e arrancá-lo, como se abrissem uma lata de tomates. Demorou até as nove da manhã, mas estavam todos vivos.

Jack foi embora pouco antes de clarear. Eu não o vi partir. Swales estava me contando sobre o ferimento de Olmwood e, quando me virei, Jack já tinha ido.

— Jack contou a você onde é esse emprego dele, para ter que sair tão cedo? — perguntei a Vi quando voltei ao posto.

Ela havia apoiado um espelho em uma das máscaras de gás e estava pondo o cabelo para cima para fazer os cachos com grampos.

— Não — respondeu ela, mergulhando um pente em um copo d'água e umedecendo uma mecha de cabelo. — Jack, pode me passar meus grampos? Tenho um encontro esta tarde e quero estar o mais bonita possível.

Empurrei-os para ela.

— Que tipo de trabalho é? Jack comentou?

— Não. Algum tipo de serviço bélico, creio eu. — Ela enrolou uma mecha de cabelo no dedo. — Ele tem dez abates. Quatro Stukas e seis 109.

Me sentei junto a Twickenham, que estava datilografando o relatório do incidente.

— Você já entrevistou o Jack?

— Quando eu teria tido tempo? — questionou Twickenham. — Não tivemos uma noite tranquila desde que ele chegou.

Renfrew veio do outro quarto, arrastando os pés. Ele estava enrolado em um cobertor, feito um índio, tinha uma colcha por cima dos ombros. Estava com uma aparência terrível, esgotado e pálido feito um fantasma.

— Quer tomar café da manhã? — perguntou Vi, abrindo um grampo com os dentes.

Ele balançou a cabeça.

— Nelson aprovou os reforços?

— Não — disse Twickenham, a despeito de Vi ter sinalizado a ele para não o fazer.

— Vocês têm que dizer a Nelson que é uma emergência — disse ele, fechando o cobertor ao seu redor como se estivesse com frio. — Eu sei porque estão atrás de mim. Foi antes da guerra. Quando Hitler invadiu a Checoslováquia. Eu escrevi uma carta para o *The Times*.

Fiquei grato por Swales não estar lá. Uma carta para o *The Times*.

— Aqui, venha, por que não se deita mais um pouco? — disse Vi, fixando um cacho com um grampo enquanto se levantava. — Você está cansado, é só, e é por isso que está se preocupando tanto. Eles nem recebem o *The Times* por lá.

Ela segurou o braço dele, que foi docilmente com ela para o outro quarto. Ouvi ele dizer: — Eu o chamei de tirano das terras baixas. Na carta.

A pessoa sofrendo de severa falta de sono, ouvindo vozes e tendo visões, ou acreditando em coisas fantásticas.

— Ele mencionou que tipo de emprego diurno tem? — perguntei a Twickenham.

— Quem? — retorquiu ele, ainda datilografando.

— Jack.

— Não, mas seja qual for, vamos torcer para que seja tão bom nele quanto é achando corpos. — Ele parou e perscrutou o que havia acabado

de escrever. — Com esses, já foram cinco, não é?

Vi entrou de volta.

— E é bom não deixarmos que Von Nelson saiba disso — ela falou. Então, sentou-se e mergulhou o pente no copo d'água. — Ele o levaria com ele assim como levou Olmwood e nós já estamos desfalcados, com Renfrew como está.

A Sra. Lucy entrou carregando a luz de incidente, desapareceu na despensa com ela e saiu novamente trazendo um formulário de solicitação.

— Posso usar a máquina, Sr. Twickenham? — perguntou ela.

Ele puxou sua folha de papel da máquina e se levantou. A Sra. Lucy sentou-se, inseriu o formulário e começou a datilografar.

— Decidi apelar diretamente à Defesa Civil pelos reforços — disse ela.

— Que tipo de emprego diurno Jack tem? — perguntei a ela.

— Serviço bélico — respondeu ela. Retirou o formulário, virou-o e inseriu-o novamente. — Jack, você se importa de levar isto à sede?

— Trabalhando de dia — disse Vi, fazendo um cacho de grampo na parte de trás de sua cabeça. — Incursões todas as noites. Quando ele dorme?

— Eu não sei — disse.

— É melhor ele ter cuidado — ela continuou. — Ou vai virar um desses mortos ambulantes, igual ao Renfrew.

A Sra. Lucy assinou o formulário de requisição, dobrou-o ao meio e entregou-o a mim. Parti para a sede da Defesa Civil e passei metade do dia tentando encontrar o departamento certo para entregá-lo.

— Esse não é o formulário correto — disse a sexta garota. — Ela tem que dar entrada em um A-114, Melhorias Externas.

— Não é externa — falei. — O posto está solicitando reforços para as vigas no porão.

— Reforços são classificados como melhorias externas — ela disse. A seguir, me entregou o formulário, que parecia idêntico àquele que a Sra. Lucy já havia preenchido, e fui embora.

Na saída, Nelson me parou. Pensei que ele ia me dizer outra vez que meu uniforme estava uma lástima, mas em vez disso apontou para o meu capacete e indagou:

— Por que não está usando um capacete regulamentado, sentinela? “Todas as sentinelas da ARP devem usar capacetes com a letra S em vermelho na parte frontal” — ele citou.

Tirei meu capacete e olhei para ele. O S vermelho havia se descascado parcialmente, parecendo quase um C.

— Qual é o seu posto? — ele vociferou.

— Quarenta e oito. Chelsea — respondi e me perguntei se ele esperava que batesse continência.

— A Sra. Lucy é sua diretora — disse ele indignado e eu esperava que sua pergunta seguinte fosse o que eu estava fazendo na Defesa Civil, mas, em vez disso, ele falou: — Fiquei sabendo sobre o coronel Godalming. Seu posto tem tido sorte na localização de vítimas nessas últimas incursões.

“Sim, senhor” era obviamente a resposta errada e “não, senhor” o deixaria desconfiado.

— Encontramos três pessoas em um abrigo, na noite passada — contei. — Uma das crianças teve a sagacidade de bater no teto com um par de alicates.

— Ouvi dizer que a pessoa que as têm encontrado é um novo membro, Settle. — Ele parecia amigável, quase jovial. Como Hitler em Munique.

— Settle? — inquiri, inexpressivamente. — Quem achou o abrigo foi a Sra. Lucy.

A surpresa do filho de Morris era a Cruz Vitória.

— Uma medalha — dizia ele, sem parar. — Quem poderia imaginar, meu Quincy, com uma medalha? Quinze aviões, ele abateu.

Ela havia sido entregue em uma cerimônia especial no quartel-general do comandante de Quincy e a própria Duquesa de York esteve presente. O próprio Morris colocou a medalha.

— Eu estava de terno — ele nos disse pela centésima vez —, para o caso de ele estar encrencado e eu precisar dar uma boa impressão, mas foi bom também. O que teria pensado a Duquesa de York se eu tivesse ido desse jeito?

Ele estava com uma péssima aparência. Todos estávamos. Havíamos tido duas baterias de incendiárias, uma após a outra, e Vi era quem estava fazendo as vigílias. Tivemos que salvar o açougueiro de novo, um padeiro a dois quarteirões dali e um crucifixo do século XIII.

— Eu *disse* a ele que tinha atravessado o teto do altar — resmungou Vi indignada quando ela e eu finalmente o tiramos de lá. — Seu amigo Jack não conseguiria achar uma incendiária nem se caísse no colo dele.

— Você disse ao Jack que a incendiária caiu na igreja? — falei, olhando para a figura entalhada em madeira. A base da cruz e o pé pregado de Cristo estavam escurecidos, como se ele tivesse sido queimado em uma estaca, em vez de crucificado.

— Sim — respondeu ela. — Disse a ele até que tinha sido no altar. — Ela olhou para trás, para a nave. — E ele teria visto assim que entrasse na igreja.

— O que ele disse? Que não estava lá?

Vi estava olhando especulativamente para o teto.

— O fogo pode ter pregado nas vigas e então descido depois. Pouco importa, não é? Nós apagamos. Venha, vamos voltar para o posto — disse ela, trêmula. — Estou congelando.

Eu também estava. Estávamos ambos ensopados. A AFS⁴⁷ havia aparecido turbulentamente quando já tínhamos o incêndio sob controle e esguicharam água gelada em tudo que estava à vista.

— Eu mesmo a coloquei, foi sim — disse Morris. — A Duquesa de York o beijou nas duas bochechas e disse que ele era o orgulho da Inglaterra. — Ele havia comprado uma garrafa de vinho para comemorar a Cruz. Ele fez Renfrew levantar e o trouxe para a mesa, enrolado nos cobertores, e mandou que Twickenham afastasse a máquina de escrever.

Petersby trouxe cadeiras extras e a Sra. Lucy foi até o andar de cima pegar suas taças de cristal.

— Apenas oito, receio eu — disse ela segurando os cálices pelos pés em suas mãos enegrecidas, enquanto descia. — Os alemães quebraram o resto. Quem está disposto a usar os copos das escovas de dentes?

— Não preciso de nenhum, obrigado — disse Jack. — Eu não bebo.

— Como assim? — inquiriu Morris jovialmente. Ele havia tirado seu capacete e, sob a linha branca que deixou, parecia que estava usando pintura *blackface* em um espetáculo de Vaudeville. — Tem que pelo menos fazer um brinde ao meu menino. Imagine só. Meu Quincy com uma medalha.

A Sra. Lucy enxaguou o copo das escovas de dentes, de porcelana, e entregou-o a Vi, que estava servindo o vinho. Os cálices foram sendo passados. Jack ficou com o copo de porcelana.

— Ao meu filho Quincy, o melhor piloto da RAF! — disse Morris, erguendo sua taça.

— Que ele possa abater a Luftwaffe inteira — gritou Swales —, e ponha fim a essa guerra desgraçada!

— Pra que assim um homem possa ter uma noite decente de sono! — disse Renfrew e todos riram.

Bebemos. Jack ergueu seu copo com os outros, mas, quando Vi serviu uma nova rodada, ele pôs a mão sobre a boca do dele.

— Imaginem só — disse Morris. — Meu filho Quincy com uma medalha. Ele teve suas encrencas na escola, andava com más companhias, problemas com a polícia. Eu me preocupava com ele, verdade, pensava o que seria dele e então veio essa guerra e, nela, ele é um herói.

— Aos heróis! — brindou Petersby.

Bebemos novamente e Vi gotejou o resto do vinho na taça de Morris.

— Isso é tudo, receio eu. — Ela se iluminou. — Tenho uma garrafa de licor de cereja, Charlie me deu.

— A Sra. Lucy fez uma careta.

— Só um minuto — disse ela, desaparecendo pela despensa e voltando com duas garrafas de vinho do porto cheias de teias de aranha, que serviu generosa e um pouco desastradamente.

— A presença de bebidas alcoólicas nos postos é estritamente proibida. Uma multa de cinco xelins será aplicada para o primeiro delito, uma libra para os delitos subsequentes. — Ela tirou uma nota de uma libra e colocou-a na mesa. — O que será que Nelson era antes da guerra?

— Um monstro — disse Vi.

Olhei para Jack, do outro lado. Ele ainda tinha sua mão sobre o copo.

— Diretor de escola — arriscou Swales. — Não, já sei. Fiscal do Imposto de Renda!

Todos riram.

— Eu era uma pessoa terrível antes da guerra — disse a Sra. Lucy.

Vi deu um risinho.

— Eu era uma diaconisa, uma dessas mulheres pavorosas que arrumam flores em santuários, organizam bazares e atormentam o reitor. “O terror dos sacristãos”, era isso que eu costumava ser. Estava decidida que eles deviam botar os hinários com a parte da frente à mostra nos encostos dos bancos. Morris sabe. Ele cantava no coral.

— É verdade — disse Morris. — Ela costumava instruir o coro sobre como se enfileirar do modo apropriado.

Eu tentei imaginá-la como alguém caxias, uma tirana mesquinha como Nelson, e falhei.

— Às vezes, é preciso que aconteça algo pavoroso como uma guerra para uma pessoa encontrar o trabalho que lhe é apropriado — ela disse,

encarando sua taça.

— À guerra! — disse Swales alegremente.

— Não tenho certeza de que devíamos brindar a algo tão terrível quanto isso — falou Twickenham, em dúvida.

— Não é tudo assim tão terrível — disse Vi. — Digo, sem ela, não estaríamos todos aqui juntos, estaríamos?

— E você não teria conhecido todos aqueles seus pilotos, teria, Vi? — perguntou Swales.

— Não há nada de errado em tirar o maior proveito possível de um trabalho ruim — disse Vi, zangada.

— Tem gente que faz mais que isso — sugeriu Swales. — Tem gente que literalmente tira vantagem da guerra. Como o coronel Godalming. Eu dei uma palavrinha com um dos voluntários da AFS. Parece que o coronel não voltou para buscar seu rifle de caça, no fim das contas. — Ele se inclinou para frente, em confiança. — Parece que ele estava de namorico com uma loira, dançarina do Windmill. *Ao que parece*, a esposa achava que ele estava atirando em tetrazes em Surrey e agora ela está fazendo todo tipo de pergunta desagradável.

— Não é só ele quem está tirando vantagem — disse Morris. — Naquela noite em que vocês acharam os Kirkcuddy, Jack, eu achei um casal morto pela explosão. Coloquei eles junto à pista para o rabeção e, mais tarde, vi alguém lá, curvado sobre os corpos, fazendo alguma coisa com eles. Pensei que devia estar esticando-os antes de começar o rigor, mas aí atinei. Ele estava roubando. Cadáveres.

— E quem pode dizer que eles foram mortos pela explosão? — perguntou Swales. — Quem pode dizer que não foram assassinados? Tem um monte de corpos, não tem? E ninguém olha pra eles com atenção. Quem pode dizer que foram todos mortos pelos alemães?

— Como foi que chegamos neste assunto? — questionou Petersby. — Era para estarmos comemorando a medalha de Quincy Morris, não falando sobre assassinos. — Ele ergueu sua taça. — A Quincy Morris!

— E à RAF! — emendou Vi.

— A tirar o máximo proveito de um trabalho ruim — disse a Sra. Lucy.

— Apoiado — disse Jack suavemente e ergueu seu copo, mas ainda não tinha bebido.

Jack encontrou quatro pessoas nos três dias seguintes. Não ouvi nenhuma delas até bem depois de termos começado a cavar e a última, uma mulher obesa de pijama listrado e redinha de cabelo rosa, nem cheguei a ouvir, embora ela tenha dito, quando a levamos para cima, que ela tinha “gritado e gritado por entre as orações”.

Twickenham escreveu tudo no *Tabloide*, descartando a matéria sobre a medalha de Quincy Morris e datilografando um novo original. Quando a Sra. Lucy tomou emprestada a máquina para preencher o A-114, perguntou:

— O que é isso?

— Minha matéria principal — respondeu ele. — Settle encontra quatro nos destroços. — Ele entregou a ela o original.

— “Jack Settle, a nova adição ao Posto Quarenta e Oito” — leu ela —, “localizou quatro vítimas das incursões aéreas na noite passada”.

— “Eu quis ser útil, disse o modesto Sr. Settle quando perguntado por que veio de Yorkshire para Londres. E ele tem sido útil desde sua primeira noite em serviço, quando...” — Ela devolveu a folha. — Desculpe. Não pode imprimir isso. Nelson anda metendo o bedelho, fazendo perguntas. Ele já me tirou uma sentinela e ela quase acabou morta. Não vou permitir que ele leve outra.

— Isso é censura! — ralhou Twickenham, ultrajado.

— Estamos em guerra — disse a Sra. Lucy —, e estamos desfalcados. Eu dei uma licença ao Sr. Renfrew. Ele vai ficar com a irmã em Birmingham. E eu não deixaria Nelson levar outra sentinela minha nem que tivéssemos excesso de pessoal. Ele já fez Olmwood quase acabar morto.

Ela me entregou o A-114 e me pediu para levá-lo até a Defesa Civil. Eu o fiz. A garota com quem havia falado não estava lá e a garota que estava disse:

— Isto é para melhorias *internas*. Você precisa dar entrada com um D-268.

— Eu dei — expliquei —, e me falaram que reforços se qualificavam como melhorias externas.

— Apenas se elas forem feitas do lado de fora. — Ela me entregou um D-268. — Me desculpe — disse ela apologeticamente. — Eu ajudaria, se pudesse, mas a chefia é muito caxias com a correção dos formulários.

— Tem outra coisa que você pode fazer por mim — falei. — Deveria levar uma mensagem a um dos nossos meio períodos no emprego diurno dele, mas perdi o endereço. Será que podia ver pra mim? Jack Settle? Senão, terei que voltar até Chelsea pra pegá-lo.

Ela olhou por cima do ombro e então disse:

— Um minutinho — E disparou corredor abaixo. Ela voltou com uma folha de papel.

— Settle? — confirmou ela. — Posto Quarenta e Oito, Chelsea?

— Esse mesmo — eu falei. — Preciso do endereço do serviço dele.

— Ele não tem um serviço.

Ele havia deixado o incidente enquanto ainda estávamos retirando a mulher obesa. Estava começando a clarear. Tínhamos uma corda por baixo dela, um guincho improvisado e ele abruptamente entregou sua ponta para Swales, dizendo, “Tenho que ir pro meu emprego diurno”.

— Tem certeza? — perguntei.

— Tenho certeza. — Ela me entregou a folha de papel. Era a aprovação de Jack para sua admissão como sentinela de meio período, assinada pela Sra. Lucy. Os espaços para ocupação e endereço residencial haviam sido deixados em branco. — É só isso o que tem no arquivo — completou ela. — Nada de permissão de trabalho, nada de

carteira de identidade, nem mesmo um cartão de racionamento. Nós guardamos cópias de tudo isso, então, ele não deve ter emprego.

Levei o D-268 de volta para o posto, mas a Sra. Lucy não estava.

— Uma das sentinelas de Nelson passou aqui com um regulamento novo — disse Twickenham, fazendo cópias na duplicadora. — Todas as sentinelas devem sair em patrulha, a menos que estejam em serviço ao telefone ou como olheiros. *Todas* as sentinelas. Ela foi lá tirar satisfações com ele — Twickenham parecia satisfeito. Aparentemente, ele havia superado a raiva pela censura de sua matéria sobre Jack.

Apanhei uma das cópias ainda úmidas do informativo. A matéria principal era sobre a invasão de Hitler a Grécia. Ele havia posto a matéria sobre a medalha de Quincy Morris no canto inferior direito, abaixo de uma lista de “O Que a Guerra Fez Por Nós”. O número um era “Ela nos fez descobrir capacidades que não sabíamos ter”.

— Ela o chamou de assassino — disse Twickenham.

Um assassino.

— O que você queria dizer a ela? — perguntou Twickenham.

Que Jack não tem um emprego, pensei. Nem cartão de racionamento. Que ele não apagou a incendiária da igreja, mesmo com Vi tendo dito que ela tinha atravessado o teto do altar. Que ele sabia que o abrigo estava mais distante, à esquerda.

— Ainda é o formulário errado — falei, mostrando o D-268.

— Isso é facilmente remediado — ele disse. Inseriu o formulário na máquina de escrever, datilografou por alguns minutos e o devolveu a mim.

— A Sra. Lucy tem que assinar — alertei, e ele o apanhou de volta, pegou uma caneta-tinteiro e assinou o nome dela.

— O que você era antes da guerra? — perguntei. — Um falsificador?

— Você ficaria surpreso. — Ele me devolveu o formulário. — Você está horrível, Jack. Dormiu um pouco nessa última semana?

— E quando foi que tive chance?

— Por que não vai deitar agora, enquanto não tem ninguém aqui? — disse ele, pegando meu braço do mesmo modo que Vi tinha feito com Renfrew. — Eu levo o formulário de novo na Defesa Civil pra você.

Afastei o braço dele.

— Eu estou bem.

Voltei caminhando à Defesa Civil. A garota que havia tentado encontrar o arquivo de Jack não estava lá, mas a primeira garota sim. Eu lamentei por não ter levado também o A-114 junto, mas ela escrutinizou o formulário sem comentários e carimbou o verso.

— Vai levar aproximadamente seis semanas para processar — ela disse.

— Seis semanas! — bradei. — Hitler pode já ter invadido o Império inteiro a essa altura.

— Nesse caso, é muito provável que vá precisar preencher outro formulário.

Não retornei ao posto. A Sra. Lucy sem dúvida estaria de volta na hora em que eu chegasse, mas o que poderia dizer a ela? Eu achava Jack suspeito. Por quê? Por não gostar de costeletas de carneiro nem de bolo? Por ter que sair cedo para o trabalho? Por resgatar crianças de escombros?

Ele disse que tinha um emprego e a garota não conseguiu encontrar sua permissão de trabalho, mas a Defesa Civil precisava de seis semanas para processar uma requisição para algumas vigas. Provavelmente, eles demorariam até o fim da guerra para arquivar as permissões de trabalho. Ou talvez a dele estivesse no arquivo e a garota tenha perdido. Falta de sono pode resultar em equívocos no trabalho. E em estranhas fixações.

Fui caminhando até a estação da Sloane Square. Não havia sinal de onde a jovem mulher havia estado. Até o vidro fora varrido. A bruaca da sua chefe na John Lewis nunca a deixava sair antes da hora de fechar, mesmo que as sirenes soassem, mesmo quando estava escuro. Ela tinha que correr pelas ruas em meio ao blecaute, completamente só,

carregando em um cabide seu vestido para o dia seguinte, escutando as armas e tentando discernir quão distantes estavam os aviões. Se alguém a seguisse, ela nunca escutaria, nunca o veria na escuridão. Quem quer que a encontrasse, pensaria que ela foi morta pelos fragmentos de vidro da explosão.

Ele não come, eu diria à Sra. Lucy. Ele não apagou uma incendiária em uma igreja. Ele sempre deixa os incidentes antes de amanhecer, mesmo quando ainda não retiramos as vítimas. A Luftwaffe está tentando me matar. Por causa de uma carta que escrevi para o The Times. Os mortos ambulantes podem alucinar, escutar vozes, ter visões ou acreditar em coisas fantásticas.

As sirenes soaram. Eu devia estar ali há horas, encarando a calçada. Voltei para o posto. A Sra. Lucy estava lá.

— Você está horrível, Jack. Quanto tempo faz desde que dormiu pela última vez?

— Não sei. Onde está o Jack?

— Em vigília — disse a Sra. Lucy.

— É bom ter cuidado — disse Vi, colocando chocolates em um prato. —, ou vai virar um dos mortos ambulantes. Quer um doce? Eddie que me deu.

O telefone tocou. A Sra. Lucy atendeu, falou por um minuto e desligou.

— Slaney precisa de ajuda em um incidente — disse ela. — Pediram que Jack fosse.

Ela mandou nós dois. Encontramos o incidente sem nenhuma dificuldade. Não havia nuvem de poeira, nenhum cheiro, exceto um incêndio em um dos lados.

— Isso não aconteceu agora — afirmei. — Está aí há pelo menos um dia.

Eu estava errado. Estava ali há dois dias. Os esquadrões de resgate estavam trabalhando direto desde então e ainda havia pelo menos trinta

pessoas não contabilizadas. Parte do esquadrão de resgate cavava desanimada na metade da altura de um monte, mas a maioria estava de lado, fumando, eles mesmos parecendo vítimas. Jack subiu até onde os homens estavam cavando, balançou a cabeça e saiu atravessando o monte.

— Ouvi dizer que vocês têm um farejador de corpos — disse um dos fumantes a mim. — Tem um em Whitechapel também. Engatinha pelo incidente com as mãos e os joelhos, fuçando feito um cão de caça. O seu faz isso?

— Não — respondi.

— Por aqui — disse Jack.

— Ele fala que consegue ler as mentes deles, esse de Whitechapel — o homem falou, apagando o cigarro e pegando uma picareta. Ele escalou a encosta até onde Jack já estava cavando.

Era fácil de ver por causa do fogo e razoavelmente fácil de cavar, mas a meio caminho atingimos a enorme cabeceira de uma cama.

— Vamos ter que entrar pela lateral — disse Jack.

— Pro diabo com isso — disse o homem que havia me falado sobre o farejador de corpos. — Como sabe que tem alguém aí embaixo? Eu não estou ouvindo nada.

Jack não o respondeu. Ele desceu a encosta e começou a escavar pela lateral.

— Estão aí há dois dias — disse o homem. — Já estão mortos e eu não vou receber hora extra. — Ele jogou a picareta no chão e saiu altivamente para a cantina móvel. Jack nem notou que ele havia ido embora. Ele me entregava os cestos, eu os esvaziava e ocasionalmente Jack dizia, “serra”, ou “tesoura de metal”, e eu entregava a ele. Eu tinha saído para buscar a maca quando ele a tirou. Devia ter uns treze anos. Estava usando uma camisola branca, ou talvez apenas parecesse branca por causa do pó de gesso. O rosto de Jack ficou lívido. Ele a havia pegado nos braços e ela se abraçou ao pescoço dele, escondendo o rosto em seu ombro. Ambos estavam delineados pelo fogo.

Levei a maca até lá em cima, Jack se ajoelhou e tentou deitá-la, mas ela não largava o pescoço dele.

— Está tudo bem — ele disse gentilmente. — Você está a salvo agora.

Ela abriu as mãos e as dobrou sobre o próprio peito. Sua camisola estava raiada de sangue seco, mas não parecia ser dela. Me perguntei quem haveria estado lá embaixo com ela.

— Qual é o seu nome? — perguntou Jack.

— Mina — respondeu ela. Não foi mais do que um sussurro.

— Meu nome é Jack — ele disse. E apontou com a cabeça para mim. — O dele também. Agora, nós vamos carregá-la até a ambulância. Não tenha medo. Você está a salvo agora.

A ambulância ainda não havia chegado. Colocamos a maca na calçada e eu fui até o oficial do incidente para ver se ela estava a caminho. Antes que eu pudesse voltar, alguém gritou, “Tem outro aqui!”. Fui até lá e ajudei a desenterrar uma mão que o supervisor tinha encontrado, então o corpo de onde havia saído todo o sangue. Quando olhei para baixo, da colina, a garota ainda estava deitada na maca e Jack estava curvado sobre ela.

Fui até Whitechapel, para ver o farejador de corpos no dia seguinte. Ele não estava lá.

— Ele é meio período — disse-me o diretor do posto, liberando uma cadeira para que eu pudesse me sentar. O posto estava uma bagunça, roupas e pratos sujos por toda parte. Uma senhora de roupão estampado estava preparando rins em uma frigideira.

— Durante o dia, ele trabalha com munições em Dorking — ela disse.

— Como exatamente ele é capaz de localizar os corpos? — perguntei. — Ouvi dizer...

— Que ele lê mentes? — disse a mulher. Ela raspou os rins para um prato e o entregou ao diretor do posto. — Ele também ouviu,

infelizmente, e isso lhe subiu à cabeça. “Estou sentindo-os aqui embaixo”, ele diz pros esquadrões de resgate, como se fosse o Houdini ou coisa assim, e aponta pra onde eles devem começar a cavar.

— Então, como ele os encontra?

— Sorte — afirmou o diretor.

— *Eu* acho que ele sente o cheiro deles — arriscou a mulher. — É por isso que os chamam de farejadores de corpos.

O diretor bufou.

— Com todo o fedor que os chucrutes botam nas bombas, o gás e todo o resto?

— Se ele fosse um... — eu disse e não terminei. — Se ele tivesse um olfato aguçado, talvez sentisse o cheiro do sangue.

— Não dá pra sentir o cheiro dos corpos nem quando eles tão mortos há uma semana — afirmou o diretor, a boca cheia de rins. — Ele escuta os gritos deles, igual a gente.

— Ele tem uma audição melhor que a nossa — comentou a mulher, trocando alegremente de teoria. — A maioria de nós já está meio surda com essas armas e ele não.

Eu não tinha sido capaz de escutar a mulher obesa com a rede de cabelo rosa, embora ela tenha dito que gritou por ajuda. Mas Jack, recém-chegado de Yorkshire, onde eles não haviam sido ensurdecidos ao longo de semanas pela artilharia antiaérea, tinha. Não havia nada de sinistro nisso. Algumas pessoas escutavam melhor do que outras.

— Nós resgatamos um coronel do exército na semana passada que disse que não gritou — falei.

— Ele está mentindo — afirmou o diretor, cortando um rim. — Nós achamos uma babá, há dois dias, toda cheia de cerimônias, que xingou o tempo todo em que estávamos tirando ela, coisas que fariam um marinheiro corar, e depois disse que não fez isso. “Palavras chulas *nunca* saíram de meus lábios e nunca sairão”, ela me disse. — Ele brandiu seu garfo para mim. — Seu coronel gritou, sim. Ele só não vai admitir.

“Eu não fiz um som sequer”. Dissera o coronel Godalming, brandindo sua colher de servir. “Sabia que não adiantaria nada”, e talvez o diretor tivesse razão e tivesse sido apenas bravata. Mas ele não queria que sua esposa soubesse que ele estava em Londres e descobrisse sobre a dançarina do Windmill. Ele tinha uma boa razão para fazer silêncio, para tentar se livrar sozinho.

Fui pra casa e telefonei para uma garota que eu conhecia no serviço de ambulâncias, pedindo a ela que descobrisse para onde tinham levado Mina. Ela me ligou de volta com a resposta em alguns minutos e eu peguei o metrô até o Hospital St. George. Todos os outros tinham gritado ou batido no teto do abrigo, exceto Mina. Ela estava tão assustada quando Jack a tirou que não conseguia emitir mais que um sussurro, mas isso não significava que ela não tivesse gritado ou choramingado.

“Quando você foi soterrada, noite passada, você pediu por ajuda?”, eu lhe perguntaria e ela me responderia em sua voz de ratinho: “Eu gritei e gritei por entre minhas orações. Por quê?”, e eu diria: “Não foi nada, uma estranha fixação causada pela falta de sono. Jack passa seus dias em Dorking, em uma fábrica de munições e tem uma audição excepcionalmente boa.” E minha teoria é tão verdadeira quanto a crença de Renfrew de que as incursões foram causadas por uma carta ao *The Times*.

O Hospital St. George tinha uma entrada com a indicação POSTO DE TRIAGEM DE VÍTIMAS. Perguntei a uma freira, a enfermeira da recepção, se poderia ver Mina.

— Ela foi trazida noite passada. O incidente da Rua James.

Ela olhou para uma lista escrita e riscada a lápis.

— Não tenho nenhuma admissão com esse nome.

— Tenho certeza de que ela foi trazida para cá — eu disse, virando minha cabeça para poder ler a lista. — Não existe outro St. George, existe?

Ela balançou a cabeça e ergueu a lista para olhar uma segunda folha.

— Aqui está — ela disse e eu ouvi os esquadrões de resgate usarem aquele tom de voz vezes o suficiente para saber o que ele significava, mas aquilo era impossível. Ela estava debaixo daquela cabeceira. O sangue na camisola nem mesmo era dela.

— Eu sinto muito — disse a freira.

— Quando ela morreu? — perguntei.

— Esta manhã — Ela respondeu, checando a segunda lista, que era muito mais longa do que a primeira.

— Mais alguém veio visitá-la?

— Eu não sei. Cheguei às onze horas.

— Do que ela morreu?

Ela olhou para mim como se eu fosse insano.

— Qual foi a causa da morte registrada? — perguntei.

Ela teve que achar o nome de Mina na lista outra vez.

— Choque devido a perda de sangue — ela disse, eu agradei e parti para encontrar Jack.

Ele me encontrou. Eu tinha voltado ao posto e esperei até todos estarem dormindo e a Sra. Lucy ter ido para o andar de cima, então, me esgueirei até a despensa para verificar o endereço de Jack nos arquivos dela. Não estava lá, como eu sabia que não estaria. E, se houvesse um endereço, o que ele se revelaria ser quando eu o encontrasse? Uma casa destruída? Um monte de escombros?

Fui até a Estação da Sloane Square, sabendo que ele não estaria lá, mas eu não tinha nenhum outro local onde procurar. Ele podia estar em qualquer lugar. Londres estava cheia de casas vazias, porões bombardeados, locais secretos para se esconder até o escurecer. Por isso ele tinha vindo para cá.

“Se eu fosse um meliante, viria direto para Londres”, Swales havia dito. Mas os elementos criminosos não eram os únicos que tinham vindo, atraídos pelo blecaute e pelos furtos fáceis dos cadáveres. Atraídos pelo sangue.

Fiquei ali até começar a escurecer, observando dois meninos se arrastarem pela sarjeta atrás de doces que tinham caído pela janela da frente quebrada de uma banca de jornais, então andei até uma soleira no fim da rua do posto, de onde conseguia ver a porta dele, e esperei. As sirenes dispararam. Swales saiu em patrulha. Petersby entrou. Morris saiu, parando para olhar para o céu como se procurasse por seu filho, Quincy. A Sra. Lucy não devia ter conseguido demover Nelson das rondas.

Escureceu. Os holofotes começaram a riscar o céu, captando o prateado dos balões de barragem. Os aviões vinham do leste, um zumbido baixo. Vi entrou correndo, usando saltos altos e carregando uma caixa amarrada com um barbante. Petersby e Twickenham saíram em patrulha. Vi saiu, afivelando a tira de seu capacete debaixo do queixo e comendo alguma coisa.

— Procurei você por toda parte — disse Jack.

Me virei. Ele havia chegado dirigindo um caminhão com a marca da ATS⁴⁸. Tinha deixado a porta aberta e o motor ligado.

— Consegui as vigas — ele disse. — Para reforçar o posto. O incidente onde estivemos noite passada, essas vigas estavam todas lá no topo e pedi ao dono da casa pra comprá-las dele.

Ele gesticulou para a traseira do caminhão, de onde se projetavam pontas lascadas de madeira.

— Então vamos, podemos colocá-las esta noite, se nos apressarmos. — Ele foi andando em direção ao caminhão. — Onde você estava? Procurei você por toda parte.

— Fui ao Hospital St. George — respondi.

Ele parou, sua mão na porta aberta do caminhão.

— Mina está morta — contei —, mas você sabia disso, não sabia?

Ele não disse nada.

— A enfermeira disse que ela morreu por perda de sangue — Um sinalizador foi caindo, iluminando o rosto dele com uma palidez mortal.

— Eu sei o que você é.

— Se nos apressarmos, podemos colocar os reforços antes de a incursão começar — afirmou ele. E começou a puxar a porta.

Pus minha mão nela para impedir que ele a fechasse.

— Trabalho de guerra — eu disse amargamente. — O que você faz, se certifica de estar sozinho em um túnel com eles ou vai vê-los no hospital, depois?

Ele soltou a porta.

— Golpe brilhante, se voluntariar para a ARP. Ninguém vai suspeitar da nobre sentinela de incursões aéreas, especialmente quando ele é tão bom em localizar vítimas. E, se algumas dessas vítimas morrerem depois, se alguém for encontrado morto na rua após uma incursão, bom, era de se esperar. Estamos em guerra.

O zumbido acima de nossas cabeças aumentou subitamente e uma chuva de sinalizadores caiu sobre nós. Os holofotes giraram, tentando achar os aviões. Jack segurou meu braço.

— Se abaixe — ele disse e tentou me arrastar para fora da soleira.

Eu afastei o braço dele.

— Eu o mataria, se pudesse — falei. — Mas não posso, não é? — Acenei em direção ao céu. — E nem eles. Seu tipo não morre, certo?

Ouviu-se um longo silvo e o grito crescente.

— Porém, eu *vou* matar você — gritei acima deles. — Se você tocar em Vi ou na Sra. Lucy.

— A Sra. Lucy — murmurou ele e eu não sabia dizer se era espanto ou desprezo.

— Ou Vi, ou qualquer um dos outros. Vou enfiar uma estaca no seu coração ou fazer seja lá o que for preciso — bradei, e o ar se desintegrou.

Ouviu-se um longo som, como o rugido de um monstro enorme. Parecia continuar indefinidamente. Tentei pôr as mãos sobre os ouvidos,

mas tive que me apoiar para não cair. O rugido se tornou um grito, a calçada balançou intensamente e eu caí.

— Você está bem? — perguntou Jack.

Eu estava sentado junto ao caminhão, que havia tombado de lado. As vigas tinham caído da caçamba.

— Fomos atingidos? — perguntei.

— Não — ele disse, mas eu já sabia disso, antes de ele terminar de me pôr de pé, eu já estava correndo em direção ao posto, que não conseguíamos ver por causa da poeira.

A Sra. Lucy havia dito a Nelson que colocar todos em patrulha significaria que ninguém poderia ser encontrado no caso de uma emergência, mas isso não era verdade. Em questão de minutos, estavam todos ali, Swales, Morris e Violet, com o tropel de seus saltos altos, e Petersby. Eles chegaram correndo, uns após os outros, e então pararam e olharam estupidamente para o espaço que havia sido a casa da Sra. Lucy, como se não conseguissem discernir o que era aquilo.

— Onde está Renfrew? — perguntou Jack.

— Em Birmingham — respondeu Vi.

— Ele não estava aqui — expliquei. — Está de licença. — Perscrutei pela fumaça e pela poeira, tentando ver seus rostos.

— Onde está Twickenham?

— Aqui — respondeu ele.

— Onde está a Sra. Lucy? — perguntei.

— Está ali — disse Jack e apontou para os escombros. Cavamos a noite toda. Dois esquadrões de resgate diferentes foram ajudar. Eles chamavam a cada meia hora, mas não havia resposta. Vi pegou uma luz emprestada com alguém, enrolou nela uma echarpe azul e se designou como oficial de incidente. Uma ambulância chegou, esperou por um tempo, partiu para ir a outro incidente, voltou. Nelson assumiu como o oficial e Vi voltou para ajudar.

— Ela está viva? — perguntou ela.

— É bom que esteja — eu disse, olhando para Jack.

Névoa começou a se formar. Os aviões vieram uma vez mais, soltando sinalizadores e incendiárias, mas ninguém parou de trabalhar. A máquina de escrever de Twickenham e uma das taças de vinho da Sra. Lucy saíram nos cestos. Começou a clarear. Jack olhou vagamente para o céu.

— Nem mesmo pense nisso — falei. — Você não vai a lugar algum.

Por volta das três horas, Morris pensou ter ouvido algo e nós paramos, gritando para baixo, mas não houve resposta. A névoa virou uma garoa. Meia hora depois das quatro, eu chamei pela Sra. Lucy e ela gritou de volta, lá de longe no subsolo:

— Estou aqui.

— A senhora está bem? — gritei.

— Minha perna dói. Acho que está quebrada — ela gritou, com voz calma. — Parece que estou embaixo da mesa.

— Não se preocupe. Estamos quase chegando.

A garoa transformou o pó de gesso em uma sujeira escorregadia e repugnante. Tivemos que escorar o túnel repetidamente e cobri-lo com lona encerada, então ficou escuro demais para cavar. Swales estava acima de nós, segurando uma lanterna por sobre nossas cabeças para podermos enxergar. O sinal de fim de perigo soou.

— Jack! — chamou a Sra. Lucy.

— Sim! — eu gritei.

— Isso foi o sinal de fim de perigo?

— Foi. Não se preocupe. Nós já vamos tirar a senhora.

— Que horas são?

Estava escuro demais no túnel para que eu pudesse ver meu relógio. Dei um chute.

— Um pouco depois das cinco.

— Jack está aí?

— Sim.

— Não é para ele ficar — ela disse. — Diga a ele que vá pra casa.

A chuva parou. Chegamos até uma das vigas de carvalho que reforçavam o telhado do quarto andar, depois a outra, e tivemos que serrá-las. Swales informou que Morris havia chamado Nelson de “assassino desgraçado”. Vi nos trouxe chá em copos de papel. Chamamos a Sra. Lucy, mas não houve nenhuma resposta.

— Ela provavelmente cochilou — Twickenham disse e os outros assentiram como se acreditassem nele.

Podíamos sentir o cheiro de gás muito antes de chegarmos até ela, mas Jack continuou cavando e, como os outros, eu disse a mim mesmo que ela estava bem, que nós a alcançaríamos em tempo.

No fim das contas, ela não estava debaixo da mesa, mas sob uma parte da porta da despensa. Tivemos que pedir um macaco para tirá-la de cima dela. Levou um bom tempo até Morris voltar com ele, mas não importava. Ela estava deitada perfeitamente reta, os braços dobrados sobre o peito e os olhos fechados como se estivesse dormindo. Sua perna havia sido decepada na altura do joelho. Jack se ajoelhou ao lado dela e aninhou sua cabeça.

— Tire as mãos dela — rosnei.

Fiz Swales descer e ajudar a tirá-la. Vi e Twickenham a colocaram na maca. Petersby foi chamar uma ambulância.

— Ela nunca foi uma pessoa terrível, sabe — disse Morris. — Nunca.

Começou a chover novamente, o céu tão escuro que era impossível dizer se o sol já havia nascido ou não. Swales trouxe uma lona para cobrir a Sra. Lucy. Petersby voltou.

— A ambulância foi embora de novo — ele disse. — Eu pedi o rabeção, mas eles disseram que duvidam que consigam chegar antes das oito e meia.

Olhei para Jack. Ele estava de pé junto à lona, suas mãos flácidas junto ao corpo. Ele parecia pior do que Renfrew um dia havia estado, impossivelmente cansado, o rosto cinzento de pó de gesso molhado.

— Vamos esperar — eu disse.

— Não faz sentido ficarmos todos nós aqui na chuva por duas horas — afirmou Morris. — Eu espero aqui com o... eu espero aqui. Jack — disse, virando-se para ele —, vá fazer o relatório a Nelson.

— Eu vou — disse Vi. — Jack precisa ir para o emprego diurno dele.

— Ela já saiu? — Foi a voz de Nelson. Ele escalou por cima das vigas do quarto andar até onde estávamos. — Ela está morta? — Ele fuzilou Morris com os olhos, então a mim, o meu capacete e pensei se ele iria me repreender pelo estado do meu uniforme.

— Quem de vocês a encontrou? — ele indagou.

Olhei para Jack.

— Foi o Settle — eu disse. — Ele é um verdadeiro prodígio. Encontrou seis esta semana, sozinho.

Dois dias após o funeral da Sra. Lucy, um memorando chegou da Defesa Civil, transferindo Jack para o posto de Nelson, e eu recebi minha convocação oficial para me apresentar em serviço. Fui enviado para o treinamento básico e depois para Portsmouth.

Vi me mandou pacotes de comida e Twickenham me enviou cópias de seu *Tabloide*. O posto havia sido realocado para a rua do açougueiro, bem em frente a ele, numa casa que pertencia a uma tal Srta. Arthur, que logo na sequência se juntou ao posto. “A Srta. Arthur ama tricotar, fazer arranjos de flores e será uma valiosa adição a nosso pequeno e corajoso bando”, Twickenham havia escrito. Vi tinha ficado noiva de um piloto na RAF. Hitler havia bombardeado Birmingham. Jack, agora no posto de Nelson, havia salvado dezesseis pessoas em uma semana, um recorde para a ARP.

Após duas semanas, fui enviado para o norte da África, fora do alcance dos correios. Quando, enfim, recebi a carta de Morris, ela já tinha três meses. Jack tinha morrido enquanto resgatava uma criança em um incidente. Uma bomba de ação retardada tinha caído nas

proximidades, mas o “assassino desgraçado do Nelson” se recusou a permitir a evacuação da equipe de resgate. A bomba explodiu e o túnel no qual Jack estava trabalhando desabou, matando-o. Mas eles conseguiram tirar a criança e ela estava ilesa, exceto por uns poucos ferimentos.

Mas ele não está morto, pensei. É impossível matá-lo. Eu tentei, mas mesmo entregá-lo para Von Nelson não havia funcionado e ele ainda estava em algum lugar de Londres, escondido pelo blecaute, pelo barulho das bombas e pelo número de cadáveres; quem notaria mais alguns?

Em janeiro, ajudei a vencer um batalhão de tanques em Tobruk. Abati nove alemães antes de ser atingido pelo estilhaço de uma bomba. Fui enviado para um hospital em Gibraltar, onde o resto da minha correspondência chegou até mim. Jack havia recebido a Cruz George postumamente.

Em março, fui enviado para um hospital na Inglaterra para ser operado. Ficava próximo a North Weald, onde Quincy, o filho de Morris, estava lotado. Ele veio me visitar após a cirurgia. Era a própria imagem de um piloto da RAF, linha do queixo firme, olhar de aço, sorriso arrojado, nada parecido com um delinquente juvenil. Vinha sobrevoando a Alemanha em missões de bombardeio noturno, ele me contou, “dando a Hitler algumas das nossas, de troco.”

— Vejo que ganhou uma medalha — ele disse, olhando para a parede sobre minha cabeça como se esperasse ter visto violetas pintadas ali, nove delas, uma para cada morte.

Perguntei-lhe sobre seu pai. Estava bem, ele me contou. Havia sido designado como sentinela sênior.

— Admiro vocês da ARP — disse ele —, salvando vidas e tudo mais.

Ele era sincero. Estava sobrevoando a Alemanha em missões de bombardeio noturno, reduzindo as cidades deles a escombros, criando incidentes para que suas sentinelas se arrastassem, procurando crianças

mortas. Eu me perguntei se eles também tinham farejadores de corpos por lá e se eram monstros como Jack.

— Papai me escreveu para contar sobre o amigo de vocês, Jack — disse Quincy. — Deve ter sido duro ficar sabendo disso estando tão longe de casa e tudo o mais.

Ele parecia genuinamente empático, suponho que estava sendo. Ele havia abatido vinte e oito aviões e matado sabe-se lá quantas mulheres obesas com redinhas nos cabelos e meninas de treze anos, mas ninguém nunca havia nem cogitado chamá-lo de monstro. A Duquesa de York o havia chamado de orgulho da Inglaterra e o beijado nas duas bochechas.

— Fui com meu pai ao casamento de Vi Westen — contou. — Tava linda feito uma pintura, ela.

Pensei em Vi, com seus cachos de grampo e seu rosto sem graça. Era como se a guerra a tivesse transformado em alguém completamente diferente, alguém bela e desejada.

— Teve morangos e dois tipos de bolo — ele disse. — Uma das sentinelas... Tottenham? Leu um poema em homenagem ao feliz casal. Ele mesmo escreveu.

Era como se a guerra também tivesse transformado Twickenham e a Sra. Lucy, que havia sido o terror dos sacristãos. O Que a Guerra Fez Por Nós. Mas ela não os havia transformado. Tudo que era necessário era que alguém desse a Vi um pouco de atenção para que sua graça latente florescesse. Toda garota é bela quando se sabe desejada.

Twickenham sempre quisera ser um escritor. Nelson sempre fora intimidador e caxias; e a Sra. Lucy, apesar do que havia dito, nunca tinha sido nenhum dos dois. “Às vezes, é preciso que aconteça algo pavoroso como uma guerra para uma pessoa encontrar o trabalho que lhe é apropriado”, ela disse.

Como Quincy que, apesar do que Morris dizia, era um menino mau, rumo a uma vida de pequenos delitos ou pior, quando a guerra chegou. E, de repente, sua impetuosidade, sua ousadia e sua “exaltação” se

tornaram virtudes. Essas eram justamente as qualidades que se faziam necessárias.

O Que a Guerra Fez Por Nós. Número Dois. Ela criou empregos que não existiam. Como piloto da RAF. Como sentinelas de posto. Como farejadores de corpos.

— Encontraram o corpo de Jack? — perguntei, embora soubesse a resposta. *Não*, Quincy diria, *não conseguimos encontrar*, ou *não sobrou nada*.

— Meu pai não te contou? — disse Quincy com um olhar ansioso para a bolsa de transfusão acima da cama. — Tiveram que passar por ele na escavação para alcançar a menininha. Foi bem feio, o meu pai disse. A onda de choque da bomba fez uma perna de cadeira atravessar o peito dele.

Então, eu o matei, no fim das contas. Nelson, Hitler e eu.

— Eu não devia ter lhe contado isso — disse Quincy, observando o sangue pingar da bolsa em minhas veias como se fosse um mau sinal. — Sei que ele era seu amigo. Não teria contado, mas meu pai disse pra te avisar que seu nome foi a última coisa que ele falou antes de morrer. Logo antes da bomba detonar. “Jack”, ele disse, como se soubesse o que ia acontecer, o meu pai falou, e aí chamou seu nome.

Mas não sabia, pensei. E o “assassino desgraçado do Nelson” não havia se recusado a evacuá-lo. Jack apenas havia continuado a trabalhar, ignorando Nelson e a bomba, golpeando os escombros como se estivesse tentando matá-los, pedindo a “serra”, o “alicate de fio”, as “escoras”. Pedindo um “*jack*” — um macaco. Ignorando tudo, exceto tirá-los antes que o gás os matasse, antes de sangrar até a morte. Ignorando tudo, exceto seu trabalho.

Eu estava errado sobre a razão de ele ter se juntado à ARP, sobre a razão de ele ter ido para Londres. Ele deve ter levado uma vida terrível em Yorkshire, cheia de escuridão, autodepreciação e mortes. Quando a guerra chegou, quando ele começou a ler sobre as pessoas soterradas nos

escombros, sobre sentinelas de resgate procurando por elas às cegas, deve ter parecido um sinal dos céus. Uma bênção.

Não era, eu pensei, por ele estar tentando compensar o que tinha feito, o que ele era. É impossível, em qualquer medida. Eu só havia matado dez pessoas, contando Jack, e havia ajudado a resgatar quase vinte, mas elas não se cancelavam mutuamente. E não acho que era isso o que ele queria. O que ele queria era ser útil.

“Um brinde a tirar o máximo proveito de um trabalho ruim”, a Sra. Lucy havia dito, e aquilo era tudo o que todos vinham fazendo: Swales com suas piadas e suas fofocas, Twickenham, Jack; e se eles encontraram amizade, amor ou também expiação, não era menos do que eles mereciam. E o trabalho ainda era ruim.

— Acho que vou indo — disse Quincy, olhando preocupado para mim. — Você precisa descansar e eu preciso voltar ao trabalho. O exército alemão está a meio caminho do Cairo e a Iugoslávia se juntou ao Eixo. — Ele parecia empolgado, feliz. — Você precisa descansar e melhorar. Precisamos de você de volta nessa guerra.

— Que bom que você veio — eu disse.

— Ora, bem, meu pai queria que eu contasse isso do Jack ter chamado por você. — Ele se levantou. — Que azar, aguentar uma barra dessas. — Ele bateu em sua perna com o quepe de voo. — Odeio essa guerra — ele disse, mas estava mentindo.

— Eu também — falei.

— Vão te botar de volta pra matar chucrutes em dois tempos.

— Sim.

Ele pôs o quepe em um ângulo arrojado e partiu para bombardear lascivos coronéis aposentados, crianças e viúvas que ainda não haviam conseguido suas vigas de reforço junto à Defesa Civil de Hamburgo; para pintar violetas em seu avião. Fazendo sua parte.

Uma freira trouxe uma bandeja. Tinha uma enorme cruz vermelha costurada no peitilho de seu avental.

— Não, obrigado, não estou com fome — eu disse.

— Precisa manter suas forças lá em cima — Ela colocou a bandeja ao lado da cama e saiu.

“A guerra foi uma bênção e tanto para nossa Vi”, eu tinha dito a Jack, e talvez tenha sido. Mas não para a maioria das pessoas. Não para garotas que trabalhavam na John Lewis para brucacas velhas que nunca as deixavam sair cedo, mesmo quando as sirenes soavam. Não para aquelas pessoas que descobriram habilidades ocultas para a insanidade, ou para a traição, ou para sangrar até a morte. Ou, para o assassinato.

As sirenes soaram. A enfermeira entrou para checar minha transfusão e levar a bandeja de volta. Fiquei ali deitado por um longo tempo, vendo o sangue descer para o meu braço.

“Jack”, eu disse, e não sei quem eu estava chamando ou mesmo se havia feito algum som.

[42.](#) Sigla em inglês para Força Aérea Real Britânica. - N. da T.

[43.](#) Sigla em inglês para Precauções contra Incursões Aéreas, conjunto de organizações e protocolos de defesa e resgate de civis durante os bombardeios a Londres na Segunda Guerra Mundial. - N. da T.

[44.](#) Famosa loja de departamentos londrina, ainda em atividade. - N. da T.

[45.](#) Em inglês, é também o nome dos valetes das cartas de baralho. - N. da T.

[46.](#) Em inglês, *jack* também designa a ferramenta chamada em português de macaco. - N. da T.

[47.](#) Sigla em inglês para Corpo de Bombeiros Auxiliar. - N. da T.

[48.](#) Sigla em inglês para Serviço Territorial Auxiliar - N. da T.

VAMPYR

Jane Yolen

Jane Yolen já foi chamada de “A Hans Christian Andersen norte-americana” (revista *Newsweek*) e “a Esopo do século 00” (jornal *New York Times*). Com seu nome creditado em mais de 360 livros, ela recebeu por duas vezes o prêmio Nebula e também a Medalha Caldecott, a Medalha de Regina da Associação de Bibliotecas Católicas (por sua contribuição para a literatura infantil), o prêmio World Fantasy pelo conjunto da obra e o Science Fiction Grand Master de poesia, bem como o Damon Knight Grand Master da SFWA.

Em 1991, ela coeditou a antologia *Vampires*, com Martin H. Greenberg e contribuiu com contos sobre os mortos-vivos para outras antologias, como *Blood Muse* e *Sisters of the Night*, e com uma história de vampiro para a revista *Asimov's Science Fiction* (em colaboração com Robert J. Harris). Entre suas obras mais recentes, estão o romance para jovens adultos *The Seelie King's War* e a história em quadrinhos *Stone Cold*, ambos escritos em colaboração com seu filho músico, Adam Stemple.

“Minha única perspectiva a respeito dos vampiros é que eles sugam você”, explica a autora. “Esse poema foi escrito com uma melodia em minha cabeça (eu estava escrevendo letras para a *Boiled in Lead* na hora, assim como para a *Flash Girls* e *Lui Collins*), mas a melodia me fugiu.”

À espreita nas trevas,
Da sangria vivemos.
Das veias, a loucura
Tomamos.

Pungir num instante,
Um minuto de dor.
É a vida que segue;
Com ela, o amor.

A noite sorver.
O dia chorar.
A ouvir o latejo
Por baixo do seio.
A beber do vinho.
Que enche o peito.

Pungir num instante,
Um minuto de dor.
Em nada tal vida
Causa rubor.

A noite sorver,
O dia chorar.
Não nos esquivamos,
A seiva é sombria festa.
Tomamos o homem,
Mas nunca a besta.

Pungir num instante,
Um minuto de dor.
Pra poder reviver,

Vivemos o amor.

A noite sorver,
O dia chorar.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos especiais pela ajuda e pelo apoio na compilação deste volume a Alexandre Callari, Dandara Palankof, Tina Rath, Stefan Dziemianowicz, Sara Broecker, Kim Newman, Ellen Datlow, The Author's Guild, Mandy Slater, Ellen Datlow, Jo Fletcher, Roger MacBride Allen, John Clute, Robert L. Fleck, Krystyna Green, Nick Robinson e, é claro, a incomparável Ingrid Pitt.

“Prefácio: Minha Vida em Meio aos Mortos-Vivos” (*“My Life Among the Undead”*), © Ingrid Pitt 2001.

“O Mestre do Portal de Rampling” (*“The Master of Rampling Gate”*), © Anne O'Brien Rice 1984. Originalmente publicado em *Redbook*, fevereiro de 1984. Republicado com permissão da autora.

“A Destruidora de Lares”, (*“Homewrecker”*), © Poppy Z. Brite 1998. Originalmente publicado em versão ligeiramente diferente em GettingIt.com, 1998. Republicado com permissão da autora.

“Quando Gretchen Era Humana” (*“When Gretchen Was Human”*), © Mary A. Turzillo 2001.

“O Vingativo Espírito do Lago Nepeakea” (*“The Vengeful Spirit of Lake Nepeakea”*), © Tanya Huff 1999. Originalmente publicado em *What Ho, Magic!*. Republicado com permissão da autora.

“La Diente”, © Nancy Kilpatrick 2001.

“A Senhorita Massingberd e o Vampiro” (“*Miss Massingberd and the Vampire*”), © Tina Rath 1986. Originalmente publicado em *Woman’s Realm*, 25 de janeiro de 1986. Republicado com permissão da autora.

“O Corvo Cativo” (“*The Raven Bound*”), © Freda Warrington 1999. Originalmente publicado em *de Sang et d’Encre*. Republicado com permissão da autora.

“O Rei Vampiro das Minas Góticas” (“*Vampire King of the Goth Chicks*”), © Nancy A. Collins 1998. Originalmente publicado em *Cemetery Dance* 28, outono de 1998. Republicado com permissão da autora.

“Bem o Tipo Dele” (“*Just His Type*”), © Storm Constantine 2001.

“Príncipe das Flores” (“*Prince of Flowers*”), © Elizabeth Hand 1988. Originalmente publicado em *Rod Serling’s The Twilight Zone Magazine*, Vol.7, n.6, fevereiro de 1988. Republicado com permissão da autora.

“Serviços Prestados” (“*Services Rendered*”), © Louise Cooper 2001.

“A Consequência” (“*Aftermath*”), © Janet Berliner 1999. Originalmente publicado em *Jerusalem at Night*. Republicado com permissão da autora.

“Uma Entre Milhões” (“*One Among Millions*”), © Yvonne Navarro 1996. Originalmente publicado em *The Many Faces of Fantasy: The 22nd World Fantasy Convention Souvenir Book*. Republicado com permissão da autora.

“Luella Miller”, de Mary E. Wilkins-Freeman. Originalmente publicado em *Everybody’s Magazine*, dezembro de 1902, e na coletânea *The Wind in the Rose-Bush and Other Stories of the Supernatural* (1903).

“Sangre”, © Lisa Tuttle 1977. Originalmente publicado em *Fantastic*, julho de 1977. Republicado com permissão da autora.

“Uma Questão de Patrocínio” (“*A Question of Patronage*”), © Chelsea Quinn Yarbro 1994. Originalmente publicado em *The Vampire Stories of Chelsea Quinn Yarbro*. Republicado com permissão da autora.

“Hisako-san”, © Ingrid Pitt 2001.

“Cor de Abóbora e Sangue” (“*Butternut and Blood*”), © Kathryn Ptacek. Originalmente publicado em *Confederacy of the Dead*. Republicado com permissão da autora.

“Cidades Adormecidas” (“*Sleeping Cities*”), © Wendy Webb 2001.

“A Casa Assombrada” (“*The Haunted House*”), de E. Nesbit. Originalmente publicado em *The Strand Magazine*, dezembro de 1913.

“Manjar Turco” (“*Turkish Delight*”), © Roberta Lannes 2001.

“A Vênus Surgindo das Águas” (“*Venus Rising on Water*”), © Tanith Lee 1991. Originalmente publicado em *Isaac Asimov's Science Fiction Magazine*, outubro de 1991. Republicado com permissão da autora.

“Ano Zero” (“*Year Zero*”), © Gemma Files 2001.

“A Bondosa Lady Ducayne” (“*Good Lady Ducayne*”), de Mary Elizabeth Braddon. Originalmente publicado em *The Strand Magazine*, fevereiro de 1896.

“Almoço no Charon's” (“*Lunch at Charon's*”), © Melanie Tem 2001.

“Para Sempre, Amém” (“*Forever, Amen*”), © Elizabeth Massie 2001.

“Risada da Noite” (“*Night Laughter*”), © Ellen Kushner 1986. Originalmente publicado em *After Midnight*. Republicado com permissão da autora.

“Versão Pirata” (“*Bootleg*”), © Christa Faust 2001.

“Enfeitiçado” (“*Bewitched*”), de Edith Wharton. Originalmente publicado em *Pictorial Review Vol.26, n.6*, março de 1925, e na coletânea *Ghosts* (1937).

“A Guardiã do Meu Irmão” (“*My Brother’s Keeper*”), © Pat Cadigan 1988. Originalmente publicado em *Isaac Asimov’s Science Fiction Magazine*, janeiro de 1988. Republicado com permissão da autora.

“Assim Vai-se o Mundo” (“*So Runs the World Away*”), © Caitlín R. Kiernan 2001.

“A Escadaria Noturna” (“*The Night Stair*”), © Angela Slatter 2014. Originalmente publicado em *The Bitterwood Bible and Other Recountings*. Republicado com permissão da autora.

“Uma Luz Que Vem do Norte” (“*A North Light*”), © Gwyneth Jones 2001.

“Jack”, © Connie Willis 1991. Originalmente publicado em *Isaac Asimov’s Science Fiction Magazine*, outubro de 1991. Republicado com permissão da autora.

“Vampyr”, © Jane Yolen 2001.

SOBRE O EDITOR DA OBRA ORIGINAL

Stephen Jones mora em Londres, na Inglaterra. Ele já foi indicado ao prêmio Hugo e recebeu quatro prêmios World Fantasy, três International Horror Guild, cinco Bram Stoker, vinte e um British Fantasy, além de um prêmio pelo conjunto da obra da Horror Writers Association. Um dos escritores e editores de horror e fantasia sombria mais aclamados da Grã-Bretanha, sua carreira conta com mais de 160 obras, incluindo *The Art of Pulp Horror: An Illustrated History*; os guias dos filmes *Coraline* e *Stardust* (baseados na obra de Neil Gaiman); *The Illustrated Monster Movie Guide* e *The Hellraiser Chronicles*; os estudos de não ficção *Horror: 100 Best Books* e *Horror: Another 100 Best Books* (ambos com Kim Newman); as coletâneas de um único autor *Necronomicon* e *Eldritch Tales*, de H.P. Lovecraft; *The Complete Chronicles of Conan* e *Conan's Brethren*, de Robert E. Howard; e *Curious Warnings: The Great Ghost Stories of M.R. James*; além de antologias como *Horrorology: The Lexicon of Fear*, *Fearie Tales: Stories of the Grimm and Gruesome*; *A Book of Horrors*; *O Grande Livro dos Vampiros*; *The Lovecraft Squad*; e a série *Zombie Apocalypse!*; e mais 30 volumes de *Best New Horror*. Conheça mais sobre o autor e sua obra em sua página www.stephenjoneseditor.com e siga-o no Facebook em “Stephen Jones-Editor”.

PIPOCA &
NANQUIM